



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Antonio Vicente Marafioti Garnica (orientador)

Volume

Instruções de Uso

Bauru

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências

Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

Tese de Doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação para a Ciência.

Bauru (SP)

2013

Pinto, Thiago Pedro.
Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica /
Thiago Pedro Pinto, 2013
9 v. : il.

Orientador: Antonio Vicente Marafioti Garnica

Tese (Doutorado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2013

1. Projeto Minerva. 2. Educação Matemática. 3.
História Oral. I. Universidade Estadual Paulista.
Faculdade de Ciências. II. Título.

THIAGO PEDRO PINTO

PROJETOS MINERVA: CAIXA DE JOGOS CALEIDOSCÓPICA

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica (UNESP - orientador)

Prof. Dr. Antonio Miguel (UNICAMP)

Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna (UFPR)

Prof. Dr. Maria Ednéia Martins-Salandim (UNESP)

Prof. Dr. Fernando Guedes Cury (UFRN)

Thiago Pedro Pinto (aluno)

Resultado: APROVADO

Bauru, 14 de Outubro de 2013.

*Dedico este trabalho a todos aqueles que me
ajudaram a ficar em pé, quando isso me parecia
impossível.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, o cosmos, Oxalá, ou como ele prefira ser chamado.

Aos meus pais, Ana e Aníbal (*in memoriam*), que tanto lutaram para que eu pudesse estudar e tanto carinho e incentivo me deram e dos quais a saudade nunca cessa.

À Carla, sempre companheira, com quem fico feliz em dividir minha vida.

À Luzia e o Viola, por todo apoio e amizade nas mais diversas horas.

Aos Meninos (em especial ao Pedro, Lucas, Paulo, Felipe e Júlio) que se tornaram uma verdadeira família para mim.

Ao Valdir que sempre me apoiou como um pai.

Ao Vicente, pela orientação nesta longa (e tortuosa) caminhada, por sua paciência com as minhas falhas e limitações, pela acolhida, sempre muito boa, e pelas correções sempre precisas (nos dois sentidos).

Aos membros da Banca de qualificação e defesa, pela disponibilidade e por suas importantes contribuições e direcionamentos a este trabalho.

Aos membros dos Grupos GHOEM e HEMEP, os quais foram decisivos nas discussões que subsidiaram este trabalho.

Aos colegas de trabalho que por vezes fizeram trocas e reajustes para que fosse possível escrever esta tese.

Aos meus alunos, em especial à Ana Rúbia, que teve participação direta neste trabalho.

E a todos que nos auxiliaram na elaboração deste, em especial: Marlene, Paulo, Edvaldo, Cleuza, Maurílio, Leandro, Luciano, funcionários da Rádio MEC e SOARMEC e tantos outros que, agora, a memória me impõe não lembrar...

A todos estes, meu muito obrigado!

PINTO, THIAGO PEDRO. Projetos Minerva: uma caixa de jogos caleidoscópica. Tese (doutorado). 2013. 386 f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência, Área de Concentração: Ensino de Ciências e Matemática) – Curso de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, Universidade Estadual Paulista.

RESUMO

A apresentação desta tese de doutorado tem como referência – ou como metáfora – uma *caixa de jogos caleidoscópica*. Cada um dos jogos dessa caixa tematiza o Projeto Minerva (PMi), ou, como preferimos, os Projetos Minerva, dada a multiplicidade de significados atribuídos a essa proposta de educação por radiodifusão. Esta tese é composta por nove volumes, cada um deles discutindo temas específicos sobre os Projetos ou sobre os nossos modos de apreendê-los. Tentamos produzir tantos Minerva quanto nos fosse possível, considerando a multiplicidade de fontes que criamos a partir de fontes escritas (jornais, relatórios, fascículos, *scripts* etc), fontes em suporte sonoro (programas de rádio) e depoimentos orais (entrevistas). Os jogos de linguagem de Wittgenstein foram uma inspiração que nos acompanhou durante toda a elaboração do trabalho, assim como a História Oral foi nosso principal guia metodológico. A intenção é que cada um dos volumes (ou jogos) permita que o leitor crie ao menos *um* Projeto Minerva, que poderá convergir ou divergir dos demais Projetos produzidos a partir dos outros jogos.

Palavras-chave: Projeto Minerva. Educação Matemática. História Oral. Educação a Distância. Educação via Rádio.

ABSTRACT

The elaboration of this doctoral thesis was guided by the idea – or by the metaphor – of a kaleidoscopic game box. Each of the games in this box focuses the Minerva Project (PMi) – an educational proposal of mass education created in Brazil in the 70's, in which school disciplines and cultural topics were transmitted by radio. We prefer use Minerva Projects, plural, due the multiple meanings given to it by different people in a lot of distinct contexts. So, this thesis has nine volumes, each one of them trying to deal with different themes such as our methodological approach, our theoretical framework, the interpretation of written and oral data collected and so on, all of them related to our main theme and our research practices to understand it. Our intention was to produce a large number of Minerva Projects according to our understanding of the meaning of this Project to a large number of deponents, also taking into account written sources (as journals, books, textbooks, scripts of radio presentations) and radio broadcasting performances related to PMi. This work has its theoretical framework founded in Wittgenstein's language games, and the Oral History as its main methodological approach. Besides, the games are kaleidoscopic due to our hope that our reader can build, using each game, his/her own Minerva Project.

Keywords: Projeto Minerva. Mathematics Education. Oral History. Education by Radio Broadcasting. History of Mathematics Education.

SUMÁRIO

Volume: Instruções de Uso

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica	9
Apêndice A: Sobre Jogos e Caleidoscópios	11
Apêndice B: Notas sobre o trabalho com entrevistas nesta pesquisa	22

Volume: O acervo da SOARMEC

O acervo da SOARMEC, a disponibilização pública de um Catálogo e a constituição de um Mapa para o acervo	4
Referências	13
Apêndice A: Catálogo de Etiquetas do Acervo da SOARMEC	15
Apêndice B: Mapa do Acervo	61

Volume: Da revisão de literatura: uma terapia filosófica da expressão “Projeto Minerva” como possibilidade de vasculhar um terreno

Introdução	4
Sobre as linguagens nos textos de Wittgenstein	6
Os trabalhos selecionados	9
Trabalhos Acadêmicos	10
Livros	16
Entrevistas	17
Demais documentos	28
Algumas Considerações	31
Referências	32

Volume: Produção de Radioaulas no Projeto Minerva

Da Matemática falada, do resgate de fontes, da potencialidade de compreender a partir de múltiplos focos: um ensaio sobre a produção de radioaulas no Projeto Minerva	4
1. Material para o Rádio	9
1.1. O “Material Bruto”	9
1.2. Comunicação Com o Aluno	12
1.3. Arquivo de áudio do programa	14
1.4. A transcrição do programa	15
2. Material para o Fascículo	18
2.1. Texto Bruto	18
2.2. Fascículo	22
3. Movimentos de Produção dos Materiais	26
3.1. Material Bruto, Comunicação Com o Aluno (CCA) e Arquivo de Áudio	26
3.2. Texto Bruto e Fascículo	31
3.3. Fascículo e Arquivo de Áudio	32
4. Alguns apontamentos sobre a produção das aulas	35
Referências	38

Volume: Entrevista com Marlene Montezi Blois

Entrevista com Marlene Montezi Blois nas dependências da SOARMEC - Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC (2º andar da Rádio MEC), Rio de Janeiro, 05/10/2011	4
Apêndice A: Carta de Cessão	36

Volume: Entrevista com Edvaldo Dias

Entrevista com Professor Edvaldo Dias, ex-monitor do Projeto Minerva, ocorrida na residência do depoente, em Coxim-MS, no dia 14/07/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Paulo Roberto Motejunas

Entrevista com Professor Paulo Roberto Motejunas, ocorrida na residência do depoente, em Caçapava-SP, no dia 28/08/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e Maurílio Costa Filho

Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e seu marido, Maurílio Costa Filho, ex-alunos do Projeto Minerva, ocorrida na residência dos depoentes, em Paraíba do Sul - RJ, no dia 15/06/2013	4
Apêndice A: Cartas de Cessão	31

Volume: Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva

Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva	4
Fita 01 - A Voz do Povo - 19/03/90 - Projeto Minerva - P1	11
Fita 02 - A Voz do Povo - 20/03/90 - Projeto Minerva - P2	34
Considerações sobre o debate	57
Referências	59
Apêndice A: Fotografias Compósitas	61
Referências	67

INSTRUÇÕES DE USO

Projetos Minerva

caixa de jogos caleidoscópica

APRESENTAÇÃO

Esta é uma caixa de muitos jogos organizados ao longo do desenvolvimento de um projeto de pesquisa de doutorado. Cada jogo consiste de um sistema de símbolos linguísticos e imagens que visam a propiciar ao jogador a construção de significados para a expressão PROJETO MINERVA. Todos os jogos desta caixa foram elaborados para se jogar em grupo. Caso esteja sozinho, o jogador poderá criar outros jogadores a partir dos jogos aqui apresentados.

COMPONENTES

Esta caixa de jogos é composta de 9 jogos apresentados separadamente em seus suportes físicos. No entanto, é importante alertar aos jogadores que alguns dos jogos podem ser jogados juntos, enquanto outros podem ser separados para formar outros tantos jogos. A própria caixa *como um todo* pode ser entendida, também, como um jogo. Sugere-se aos jogadores que, a partir destes jogos, criem outros e inventem, para eles, novas regras.

PREPARAÇÃO

- a) Acomode-se confortavelmente para a leitura (sugere-se uma mesa para apoiar os textos ou uma poltrona com braços).
- b) Pegue material para fazer anotações. Elas podem ser necessárias.

INÍCIO DO JOGO

Este jogo não tem início. Ele já começou, assim que o jogador teve conhecimento desta caixa de jogos suas produções já começaram. Especificamente para os jogos aqui apresentados, sugerimos que você leia atentamente estas instruções, os apêndices e notas de rodapé que compõem os textos e esta caixa de jogos. Todo esse material pode tanto ser respeitado como subvertido.

COMO JOGAR

- a) Distribua os jogos na mesa ou folheie-os para escolher um deles.
- b) A partir deles, construa seus Projetos Minerva. Em cada um deles há notas de rodapé para auxiliá-los nesta construção.
- c) Crie e recrie personagens, acredite no que julgar plausível - crie plausibilidades -, questione o que não acreditar. Compare as regras de cada jogo. Às vezes pode ser necessário abandonar algumas para jogar um outro jogo, às vezes será necessário retomá-las.

COMO CONTAR OS PONTOS

Os pontos que cada jogador ganha são contados de forma subjetiva: não há ganhador ou perdedor. Quanto mais diferenças ou semelhanças encontrar entre os jogos mais pontos terá. O jogador estabelece o que é “diferença” e o que é “semelhança”, por mais que as regras e o jogo queiram pré-definir esses termos.

TÉRMINO DO JOGO

Quando quiser poderá fechar os jogos e abandoná-los. No entanto, ainda assim, o jogo não terminará. Ele poderá ser retomado sempre que o jogador desejar com ou sem o auxílio dos jogos desta caixa.

Apendice A: Sobre Jogos e Caleidoscópios

Por Thiago Pedro Pinto

Uma caixa de jogos caleidoscópica

Na elaboração desta tese tentamos articular o formato do trabalho de tal modo que ele também contribuísse, intencionalmente, nas compreensões a respeito de nosso tema de pesquisa: o Projeto Minerva. Harmonizar a forma do trabalho de tal modo que esta, ao mesmo tempo, proponha, mobilize e efetive as concepções adotadas tem sido uma dificuldade no meio acadêmico e um desafio àqueles que tentam romper com a formatação padrão. Concordamos com Oliveira (2010, p.490) ao afirmar que formas criativas de organização dos trabalhos acadêmicos poderiam contribuir para um melhor engendramento entre teoria e prática. Algumas vezes, a rigidez dos moldes acadêmicos pode ocultar aspectos que julgamos significativos no desenvolvimento de uma pesquisa, como, por exemplo, a força do grupo de pesquisa e de seus outros membros na constituição (e autoria) dos trabalhos, não raramente feitos a mais de quatro mãos, ou devido à linearidade com que se usualmente se apresentam os textos, ocultar as “cicatrices” da pesquisa em seu percurso, muitas vezes caótico (C.f. SOUZA, 2011).

Da mesma forma, nos inquietamos ao pensar como o formato de nosso trabalho poderia contribuir na construção de uma história do Projeto Minerva que não fosse determinista, que não se colocasse como um “resgate” de histórias mortas, que não se pautasse em causas e consequências, que não pregasse uma linearidade de fatos ou uma mera projeção (cronológica) de tempos e em progresso/retrocesso de fazeres e interesses. Como “transferir” para o formato do texto essa história que entendemos ser fragmentária, sempre facetaria, construída pelas mãos do historiador, sempre a partir das intenções do presente?

Alguns integrantes do grupo no qual esta pesquisa se insere, o GHOEM¹, ao longo dos anos, têm buscado alternativas neste sentido: textos constituídos de capítulos independentes², teses escritas na forma epistolar³, publicações em mais de um volume⁴,

¹ Grupo História Oral e Educação Matemática. Criado em 2002, vem desenvolvendo pesquisas em Educação Matemática sob diversas perspectivas, dentre elas, a historiográfica. Os trabalhos produzidos e demais informações sobre este grupo estão disponíveis em: <www.ghoem.com>.

² Oliveira (2008) apresenta sua dissertação de mestrado em três estudos que, embora relacionados, podem ser lidos de forma independente. Na apresentação do texto o autor opta pela ordem cronológica dos

teatralização de uma situação⁵, diálogos com interlocutores fictícios⁶, ou já falecidos⁷, criação de narrativas⁸ etc. Entretanto, é necessário destacar que nem todos os trabalhos produzidos no grupo mobilizam estas formas alternativas de “apresentar” o texto, tão pouco há algum tipo de norma ou diretriz que determine ou imponha o que deve ser feito. Entendemos, no entanto, que o grupo permite e propicia a reflexão sobre como “conteúdo” e “forma” não são disjuntos mas, sim, amalgamados, e podem, um, contribuir para a compreensão do outro. Contudo, esta discussão quanto à “estética” do trabalho tem limites fortemente estabelecidos pelas normas acadêmicas, sejam as explícitas, como as da ABNT⁹ e das bibliotecas que recebem e registram estes exemplares¹⁰, ou aquelas mais frequentemente implícitas, reguladas pela própria

estudos, mas adverte que “outros arranjos são possíveis” (OLIVEIRA, 2008, p. 18). Souza (2011), ao produzir versões históricas sobre um Grupo Escolar, compõe sua tese com dezoito capítulos, num formato chamado pela autora principal de *multipaper*: diversos textos produzidos em parceria com diversos outros autores que guardam certa independência entre si.

³ Fernandes (2011) troca cartas com um historiador (*fictício*) na constituição do seu estudo sobre formação de professores de matemática no Maranhão.

⁴ A tese de Baraldi (2003) foi publicada em três volumes: A, α , \aleph , cada um deles abordando um “recorte” da pesquisa: os depoimentos; um estudo sobre a região; e suas apropriações da História Oral. Ela utiliza as letras iniciais de três diferentes alfabetos para evitar uma ordenação prévia dos volumes. Na versão digital ela se utiliza de *hiperlinks* para levar o leitor de uma parte do texto a outra, construindo uma linearidade diferente para cada leitor que opta por sua próxima leitura, abrindo ou não o *hiperlink*.

⁵ Vianna (2000) em sua tese de doutorado evoca e cria personagens com os quais argumenta e contra-argumenta ao longo do trabalho para discutir as resistências enfrentadas por professores universitários de matemática que optam por trabalhar prioritariamente com Educação Matemática. Este trabalho, embora prévio à constituição do GHOEM é constantemente trazido à tona nas discussões do Grupo sobre estilo de produção textual.

⁶ Silva (2006) inspirada no filme *Quero ser John Malkovich* (Being John Malkovich, 1999) assume outras mascaras (*identidades*) em personagens fictícios que a auxiliam na compreensão e discussão do seu referencial teórico, visando a produzir *fragmentos de identidade* para o Centro de Educação Matemática (CEM).

⁷ Macena (2013) recria uma entrevista com uma depoente já falecida a partir de outros documentos e depoimentos desta personagem que a autora julga ser marcante para seu tema, a formação e atuação de professores de Matemática em João Pessoa (PB).

⁸ Galetti (2004) organiza sua dissertação de mestrado como uma sessão de orientação: perguntas e respostas de orientador e orientando constituem integralmente seu texto. Cury (2007) constrói uma narrativa sobre a constituição dos cursos de formação de professores em Goiás. O mesmo autor, em trabalho posterior (CURY, 2011) – sua tese de doutorado – vale-se mais uma vez dessa construção de narrativa sobre narrativas.

⁹ Associação Brasileira de Normas Técnicas. Rege, entre outras coisas, a formatação dos trabalhos acadêmicos: forma de fazer citação, referências, espaçamentos, parágrafos, numeração das páginas etc.

¹⁰ Comumente, as bibliotecas das instituições – nisso incluídos os Programas de Pós-Graduação – impõem normatizações visando ao depósito e consequente avaliação de sua produção de pesquisa. A UNESP (Universidade Estadual Paulista) possui grupo de trabalho específico para este fim, cujas determinações podem ser acessadas no portal da universidade. Grupo de Trabalho Normalização Documentária da UNESP: <<http://www.biblioteca.unesp.br/pages/normalizacao.pdf>>.

comunidade acadêmica que avalia os trabalhos, legitimando-os ou não como teses, dissertações e artigos.

Dentre as possibilidades aceitas e as subversões que julgamos possíveis, optamos por trazer textos independentes, fragmentos, recortes separados que constituem *um todo do trabalho*, mas que não esperamos ser *um todo do que pode ser chamado “Projeto Minerva”*. A esta nossa forma denominamos “Caixa de Jogos Caleidoscópica”. Recortemos essa expressão em duas partes, para que façamos algumas considerações sobre elas, separadamente.

A caixa de jogos

Esta expressão empregada, aqui, como metáfora, foi criada a partir dos conjuntos de materiais lúdicos reunidos e vendidos em caixas (*kits*), popularmente chamadas de “Caixas de Jogos”. Algumas delas contém jogos de tabuleiro, dados e cartas. Os jogadores, segundo seus desejos e necessidades, a cada sessão, encontram ali certa variedade de possibilidades (por exemplo, de entretenimento ou apoio pedagógico) e optam por um jogo ou outro.

Cada jogo tem suas regras e modos específicos de se jogar: coletivamente, individualmente, agrupando cartas e peças, trapaceando, somando números das faces de dados, imitando situações várias etc. Algumas vezes, é necessário que se deixe de lado, ao menos temporariamente, as regras de outros jogos para dominar um jogo novo e suas novas regras. Outras vezes é necessário retomar jogos já aprendidos, ou mesmo misturar regras de vários jogos. Para além das necessidades de cada jogo ou caixa de jogos, há aqueles jogos que permitem a criação de outras regras e, portanto, outros jogos sejam criados a partir de um mesmo material.

Entendemos cada um dos textos aqui apresentados como um dos jogos de uma caixa possível. Você, leitor, pode, a cada sessão de leitura, optar por jogar um deles, tentar “compreender” os usos nele “disponíveis”¹¹ ou criar outros usos e jogos evidenciando, mais claramente, a autoria que é inerente a qualquer leitura. Optamos por acrescentar uma grande quantidade de notas de rodapé que podem servir – lê-las ou não fica a critério do leitor – para criar um certo contexto a cada um dos textos lidos, a cada

¹¹ Usamos esta palavra aqui com ressalvas, visto que, segundo entendemos, cada leitor identificará, no ato de leitura, regras que acredita estarem ali “explícitas”, “disponíveis” ao leitor, num movimento de constituição de *UM* autor para o texto que diz o que o leitor efetivamente compreende do texto.

um dos jogos jogados. As notas de rodapé, em especial, tentam complementar informações quando os textos foram mais objetivamente produzidos em conjunto com personagens destes Projetos Minerva, como é o caso das entrevistas.

A palavra “jogo”, tanto quanto a metáfora aqui mobilizada, não tem a pretensão de originalidade. Talvez tenha sido o modo mais direto e simples para evocar, a partir dos textos a noção de “jogos de linguagem”, uma expressão empregada pelo filósofo Ludwig Wittgenstein, no seu *Investigações Filosóficas*¹², para tratar do funcionamento “das linguagens”:

Podemos também imaginar que todo o processo do uso das palavras em (2)¹³ é um daqueles jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna. Chamarei esses jogos de “*jogos de linguagem*”, e falarei muitas vezes de uma linguagem primitiva como de um jogo de linguagem. E poder-se-iam chamar também de jogos de linguagem os processos de denominação das pedras e da repetição da palavra pronunciada. Pense os vários usos das palavras ao se brincar de roda. Chamarei também de “jogos de linguagem” o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada. (Wittgenstein, 1999, §7)

Entendemos que Wittgenstein utiliza o termo “jogo” para mostrar o modo como as linguagens funcionam: podemos *perceber* regras de uso das palavras em cada um dos jogos de que participamos, assim como podemos *percebê-las* ao agir e reagir frente a cada uma das situações com as quais nos defrontamos. Um dos exemplos mais marcantes ou, talvez, um dos mais frequentemente citados, é o dos pedreiros que, ao enunciar em “palavras soltas” em um determinado jogo de linguagem, “se entendem” e agem como o esperado naquela situação: um pedreiro diz “tijolo” para o outro que, prontamente, traz mais tijolos para aquele que fez a enunciação, sem que sejam necessárias outras palavras ou comandos.

Wittgenstein também se vale dos jogos como uma metáfora para afirmar a não existência de uma essência no funcionamento da linguagem, assim como não há uma essência para os jogos: há, tão somente, alguns grupos de semelhanças entre uns e outros.

Considere, por exemplo, os processos que chamamos de “jogos”. Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bola, torneios esportivos etc. O que é comum a todos eles? Não diga: “Algo deve ser comum a eles, senão não se

¹² Obra publicada originalmente em 1953, dois anos após a morte de Wittgenstein e que, segundo os especialistas, marca sua fase *madura*.

¹³ No aforismo (2) Wittgenstein discute o funcionamento da linguagem segundo Santo Agostinho.

chamariam 'jogos', - mas veja se algo é comum a eles todos. - **Pois, se vocês os contempla, não verá na verdade algo que fosse comum a todos, mas verá semelhanças, parentescos, e até toda uma série deles.** Como disse: **não pense, mas veja!** - Considere, por exemplo, os jogos de tabuleiro, com seus múltiplos parentescos. Agora passe para os jogos de cartas: aqui você encontra muitas correspondências com aqueles da primeira classe, mas muitos traços comuns desaparecem e outros surgem. Se passarmos agora aos jogos de bola, muita coisa comum se conserva, mas muitas se perdem. – São todos 'recreativos'? Compare o xadrez com o jogo da amarelinha. Ou há em todos um ganhar e um perder, ou uma concorrência entre os jogadores? Pense nas paciências. Nos jogos de bola há um ganhar e um perder; mas se uma criança atira a bola na parede e a apanha outra vez, este traço desapareceu. Veja que papéis desempenham a habilidade e a sorte. E como é diferente a habilidade no xadrez e no tênis. Pense agora nos brinquedos de roda: o elemento de divertimento está presente, mas quantos dos outros traços característicos desapareceram! **E assim podemos percorrer muitos, muitos outros grupos de jogos e ver semelhanças surgirem e desaparecerem.** E tal é o resultado desta consideração: vemos uma rede complicada de semelhanças, que se envolvem e se cruzam mutuamente. Semelhanças de conjunto e de pormenor. (Wittgenstein, 1999, §66, negrito nosso)

A essas “semelhanças”, posteriormente, ele chamará de *semelhanças de família*¹⁴. Assim também entendemos o nosso conjunto de textos: não há algo que os una “essencialmente” (outros autores fariam outros textos, mobilizariam outros recursos, outras fontes, falariam outras coisas, assim como talvez nossos leitores façam). A reunião desses textos para formar um relatório de pesquisa que pretende ser apresentado como tese de doutoramento – mesmo considerando o tom grave da expressão “tese de doutoramento” usado por alguns naquele senso comum segundo o qual um trabalho dessa natureza parece ser o registro da verdade última sobre algo – não deve ser vista, portanto, como A caracterização dO Projeto Minerva (nosso tema central), talvez nem mesmo como *UM* Projeto Minerva¹⁵. Pretendemos, sim, *produzir Minervas, criar Minervas*, permitir que multiplicidades de *Projetos Minerva* sejam registradas, cada depoente, cada fonte, nos fornece “uma visão diferente” do Projeto,

¹⁴ No texto “Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva” há um apêndice em que tentamos relacionar a ideia “semelhanças de família” com as “fotografias compósitas”.

¹⁵ Chamamos aqui a atenção para a utilização dos artigos definido e indefinido em maiúsculas para reforçar a perspectiva segundo a qual há uma multiplicidade de interpretações, histórias, perspectivas... sobre o que se pode chamar Projeto Minerva. Essa multiplicidade, segundo a entendemos, é, na verdade, uma *multiplicidade* de *projetos minerva*. O artigo definido aponta para uma possível “unanimidade” de perspectivas, um algo “estável”, quase como um *objeto* concreto ou um conceito ideal que fosse *O* Projeto Minerva, o que não acreditamos ser possível de se estabelecer. Já o artigo indefinido ‘um’ ressalta a constituição de *um* significado à expressão Projeto Minerva em meio a tantos significados possíveis. Esse modo de articular os artigos é inspirado no Modelo dos Campos Semânticos de Lins (1999) que distingue O autor de UM autor, referindo-se ao autor biológico do texto (materialidade) e ao autor cognitivo (aquele que imaginamos ter escrito o texto), respectivamente. Sempre que possível tentamos utilizar a expressão Projeto Minerva no plural (Projetos Minerva) para destacar esta nossa concepção, no entanto há, em algumas ocasiões no texto, a grafia no singular, visando hora concordar com uma visão específica do projeto ali apresentado, hora pela impossibilidade da escrita frente às formas de grafia e conjugação.

neste sentido, “um outro projeto” surge a cada novo depoimento/fonte, a cada nova leitura. E com esta multiplicidade de textos (jogos) pretendemos deixar que surjam aos olhos do leitor, como surgiram, aos nossos próprios olhos, novos jogos de linguagem nos quais *outros* Projetos Minerva aparecem, em variedades e multiplicidades tão grandes quanto o são as imagens de um caleidoscópio, cujas cores e formas entrecruzadas permitem uma configuração dinâmica, fugidia, variada como o são os jogos que podemos jogar e as compreensões que criamos a partir desses jogos. Assim, o leitor que optar por ler determinados textos desta tese, e não outros, produzirá, para si, *um* Projeto Minerva diferente. Esse olhar evidencia a intencionalidade e a potencialidade da forma proposta para o trabalho.

Outro aspecto que achamos necessário destacar nesta nossa produção é quanto à ordem de apresentação dos textos. E aqui, também, cabe mobilizar mais uma vez a imagem do caleidoscópio.

O caleidoscópio

Caleidoscópio é o nome comumente associado ao instrumento ótico que gera imagens a partir de espelhos, e cacos de vidro, contas ou miçangas de cores variadas depositadas em seu interior. O termo “caleidoscópio” teria suas raízes em três palavras que, livremente, poderiam ser traduzidas como “observo belas formas”. Como entretenimento, um caleidoscópio produz, a cada movimento, novos cenários, novas composições: os pedaços de materiais, móveis e coloridos, com a passagem da luz e o movimento, interagem e formam imagens únicas, momentâneas, dinâmicas.

A cada jogo experienciado nesta tese o leitor poderá, ao seu modo, agregar compreensões, criando *UM* Projeto Minerva ou desconstruindo imagens formadas para construção de outras. Neste sentido, acreditamos que a escolha na ordem dos textos contribuirá decisivamente na compreensão dos demais jogos de linguagem. Sugerimos ao leitor escolher seu próprio início e sequência a ser seguida na leitura dos textos. Nenhuma forma – ou seriação - garante uma ou outra determinada compreensão¹⁶, mas

¹⁶ Não acreditamos que tal condução seja possível, no entanto todo texto tenta, de alguma forma, guiar seu interlocutor para determinadas compreensões. É como se houvesse um pacto entre o UM autor e o leitor atento: o leitor diz ao UM autor “– eu permito que você me guie, mas mesmo me deixando ser levado, desconfiarei de suas intenções e as questionarei a todo momento”, enquanto o UM autor diz “eu quero convencê-lo, quero co-movê-lo, fazê-lo movimentar-se junto comigo para compreender o que compreendo e tento comunicar”.

nos utilizamos da *forma* do trabalho para tematizar multiplicidades e interferências da seriação - ou não seriação, como é nosso caso - na construção destes cenários, destas composições.

Cada um dos textos inicia-se com uma imagem gerada por um caleidoscópio (no caso, a de um caleidoscópio virtual que, com os movimentos do *mouse*, simula os movimentos das contas coloridas nos espelhos). Se compararmos as imagens, podemos notar a grande diversidade entre as figuras formadas pelas “mesmas” contas coloridas. A seriação de nossa tese seria como fotografar um caleidoscópio: por mais que a foto permita o registro, e por mais bela que seja a foto, algo se perde, como a possibilidade de “brincar” com o caleidoscópio, de movimentá-lo e, dinamicamente, construir novas imagens. Neste sentido, optamos por manter os textos “soltos” (em vários volumes) propiciando ao leitor o manuseio deles, o (re)encadeamento da ordem, potencializando a leitura “fragmentária” do trabalho, a comparação de ideias (e Projetos) presentes em um texto ou outro e em um *após* o outro.

Cacos de vidro e miçangas

Cada um dos textos aqui apresentados, criados por nós ou em interação com personagens destes Projetos Minerva¹⁷, foi previamente discutido e selecionado para compor a tese. Se, por um lado, não pretendemos, com isso, nos afastar da intenção de “promover/possibilitar compreensões” sobre os referidos Projetos Minerva (este o nosso horizonte), essa multiplicidade é também uma aposta nossa que parece responder a uma perspectiva “terapêutica”, inspirada nas ideias de Wittgenstein. Este autor critica a prática filosófica que se “afasta” do uso ordinário dos termos e expressões estudadas:

126. A filosofia simplesmente coloca as coisas, não elucida nada e não conclui nada. - Como tudo fica em aberto, não há nada a elucidar.

Pois o que está oculto não nos interessa.

Pode-se chamar também de "filosofia" o que é possível *antes* de todas as novas descobertas e invenções.

127. O trabalho do filósofo é um acumular recordações para uma finalidade determinada.

128. Se se quisesse expor teses em filosofia, nunca se chegaria a uma discussão sobre elas, porque todos estariam de acordo. (Wittgenstein, 1999, §126-128, negrito nosso)

¹⁷ Diferenciar entre um texto criado por nós e um texto criado em interlocução com outros agentes é uma diferenciação artificial – posto que todo texto é criado a partir de interlocuções – mas ainda assim permite diferenciar o texto que elaboramos a partir de outras leituras e encontros, daquele texto produzido a partir de uma situação específica de entrevista.

Ainda quanto às questões colocadas pela filosofia, Wittgenstein afirma:

Não queremos refinar ou completar de um modo inaudito o sistema de regras para o emprego de nossas palavras.

Pois a clareza (*Klarheit*) à qual aspiramos é na verdade uma clareza completa. Mas isto significa apenas que os problemas filosóficos devem desaparecer *completamente*.

A verdadeira descoberta é a que me torna capaz de romper com o filosofar, quando quiser. - A que acalma a filosofia, de tal modo que esta não mais fustigada por questões que colocam ela própria em questão. - **Mostra-se agora, isto sim, um método por exemplos, e a série desses exemplos pode ser interrompida.** - Resolvem-se problemas (afastam-se dificuldades), não *um* problema.

Não há *um* método da filosofia, mas sim métodos, como que diferentes terapias. (Wittgenstein, 1999, §133, negrito nosso)

A “terapia”, neste sentido, é eco daquela relação entre a doença, seu tratamento, e o médico: não há um protocolo universal para se descobrir doenças: cada paciente exigirá do seu médico uma abordagem que se define tendo como ponto de partida enunciações. Assim, também os jogos de linguagem que aqui apresentamos foram escolhidos frente às nossas demandas e às lacunas nas respostas às nossas questões. Não há um jogo de linguagem mais adequado do que outro: cada um é adequado ao fim que se propõe (MORENO, 2000, p.74).

Sem a ilusão de esgotar possibilidades, sem pretender estabelecer *uma* visão do Projeto Minerva em detrimento de outras, apresentamos, fora este, oito textos: quatro textualizações advindas de entrevistas com pessoas vinculadas aos Projetos Minerva e quatro ensaios focando: o trabalho realizado no Acervo da SOARMEC¹⁸, a produção de aulas de Matemática para o Curso Supletivo de Segundo Grau, uma “terapia” da expressão “Projeto Minerva” e a problematização de Projetos Minerva em um debate Radiofônico.

Faremos aqui uma breve apresentação dos textos que, neste caleidoscópio, são nossas contas coloridas. Como o intuito é que o leitor escolha a ordem de leitura, a ordenação apresentada aqui (e no sumário da tese) não é uma sugestão de trajeto, mas tão somente uma necessidade da elaboração textual.

As textualizações foram realizadas a partir de cinco entrevistas: Marlene Blois, ex-produtora do Projeto; Edvaldo Dias, ex-monitor de um dos radiopostos de Coxim-MS, Paulo Motejunas, um dos autores do material utilizado no Telecurso de Segundo

¹⁸ Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC. Disponível em <<http://www.soarmec.com.br/>>.

Grau e, ao mesmo tempo, no Curso de Segundo Grau do Projeto Minerva; Cleuza Inês Pecoraro Costa e Maurílio Costa Filho, ex-alunos do Projeto na cidade de Paraíba do Sul (RJ), que concluíram seus estudos de Primeiro Grau através do Projeto Minerva.

Também nos utilizamos de textos “previamente” escritos, registrados em meios gráficos, jornais, fascículos, teses e dissertações, livros, atas, e até mesmo entrevistas previamente publicadas, em especial as do “Amigo Ouvinte”, publicação da SOARMEC. Estes textos nos serviram de subsídios para as textualizações, em especial para a elaboração de notas de rodapé, e também nos possibilitaram produzir outro texto, específico, intitulado **“Da revisão de literatura: uma terapia filosófica da expressão “Projeto Minerva” como possibilidade de vasculhar um terreno”**, no qual pudemos evidenciar diversos usos da expressão “Projeto Minerva” na diversidade de referências encontradas.

Outro texto que nos foi possível elaborar com os materiais disponibilizados na SOARMEC e Rádio MEC é o **“Da Matemática falada, do resgate de fontes, da potencialidade de compreender a partir de múltiplos focos: um ensaio sobre a produção de radioaulas no Projeto Minerva”**, que discorre sobre as etapas e cuidados que pudemos observar nas várias fases da elaboração de uma radioaula vinculada ao Projeto. As principais fontes para esta produção foram os materiais escritos encontrados no acervo da SOARMEC, um arquivo em áudio disponibilizado pela Rádio MEC e as entrevistas produzidas por nós.

O acervo da SOARMEC nos propiciou ainda outro estudo, **“O acervo da SOARMEC, a disponibilização pública de um Catálogo e a constituição de um Mapa para o acervo”**, no qual produzimos um registro gráfico, chamado por nós de mapa, que pudesse auxiliar futuros pesquisadores na localização de itens naquele acervo constituído de quase quatrocentas caixas. Junto a este mapa disponibilizamos, também, a digitalização completa das etiquetas das caixas, facilitando a possíveis interessados, localizar, com maior detalhamento que o do mapa, os itens armazenados em cada caixa.

Produzimos aqui, ainda, um outro texto, um programa de rádio da década de 1990, que discute a situação do Projeto à época: **“Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva”** e cuja intenção é registrar outros diversos pontos de vista (constituições) sobre os Projetos Minerva, sem necessariamente, adotar um linha única de explanação e defesa, haja vista que no debate se colocam uma diversidade de

personagens com falas entrecruzadas, problematizando e pontuando questões advindas das falas dos outros personagens, cada um defendendo seu posicionamento.

Referências

- BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção**. Tese (doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2003.
- CURY, F. G. **Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 290 f. Rio Claro, 2011.
- CURY, F. G. **Uma Narrativa sobre a Formação de Professores de Matemática em Goiás**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 201 f. Rio Claro, 2007.
- FERNANDES, D. N. **Sobre a formação do professor de matemática no Maranhão: cartas para uma cartografia possível**. Tese (doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. 389 f. Rio Claro, 2011.
- GALETTI, I. P. **Educação Matemática e Nova Alta Paulista: orientação para tecer paisagens**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP. Rio Claro, 2004.
- LINS, R. C. **Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática**. In BICUDO, M.A.V. (1999). Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- MACENA, M. M. M. **Sobre formação e prática de professores de Matemática: estudo a partir de relatos de professores, década de 1960, João Pessoa (PB)**. Tese (doutorado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP. 369 f. Rio Claro, 2013.
- MORENO, A. R. **Wittgenstein: os labirintos da linguagem**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2000.
- OLIVEIRA, F. D. de. **Análise de textos didáticos de Matemática: um mapeamento e uma proposta metodológica fundada numa perspectiva hermenêutica**. Bolema, Rio Claro (SP), v. 23, n. 35B, p.477 a 496, abril de 2010.
- OLIVEIRA, F. D. de. **Análise de textos didáticos: três estudos**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 222 f. Rio Claro: 2008.
- SILVA, H. da. **Centro de educação matemática (CEM): fragmentos de identidade**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 448 f. Rio Claro, 2006.
- SOUZA, L. A. de. **Trilhas na construção de versões históricas sobre um Grupo Escolar**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 420 f. Rio Claro, 2011.
- VIANNA, C. R. **Vidas e Circunstâncias na Educação Matemática**. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. 573 f. São Paulo, 2000.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Trad. BRUNI, J. C. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

Apêndice B: Notas sobre o trabalho com entrevistas nesta pesquisa.

Optamos por criar este apêndice para registrar algumas considerações metodológicas sobre o trabalho com entrevistas nesta tese. Fizemos isso, diferentemente do que fazem outros textos, para evitar a necessidade de incluir essas considerações em outros momentos, tentando, assim, dar mais fluência às leituras.

Abordaremos aqui algumas questões relativas ao aspecto procedimental no que diz respeito à *produção* dos nossos “dados”, com especial atenção às entrevistas. Trazemos aqui o termo “produção” como o primeiro ponto a tratar. Entendemos o trabalho historiográfico como um trabalho de “produzir” histórias, “produzir” relatos, a partir de elementos que o historiador julga significativos no estudo de um determinado tema.

Neste sentido, não entendemos o trabalho do historiador como um “resgate histórico”, que traz à tona histórias previamente existentes. Ao buscarmos, ao inquerirmos, ao juntarmos e escolhermos documentos, **produzimos** histórias como as aqui apresentadas. Não existe história sem o seu narrador, ou sem seu leitor. Aquele que conta é quem enreda, quem seleciona elementos, objetos, casos, informações para contar a história que produziu para, pretensamente, conhecer algo, ou conhecê-lo mais, mais profundamente ou conhecê-lo de outro modo. A própria seleção de elementos *significativos* é um processo subjetivo no qual o historiador se faz presente, interferindo diretamente na *constituição* do seu “fato”, passando pelos seus filtros, nada objetivos, mas talvez consensuais dentro de determinado grupo ou comunidade. Desta forma, só faz sentido falarmos em **construção/criação** da história pelo historiador, em oposição à concepção de um historiador que “desvela”, que “resgata” que, numa ação em que sua subjetividade se omite, mostra “aquilo que foi”.

Nossa escolha de elementos *significativos*, no contar de nossas histórias, esteve diretamente atrelada à nossa concepção de história e de pesquisa acadêmica: optamos por uma diversidade de fontes que fosse a mais ampla possível, trabalhamos com jornais, depoimentos orais, fotografias, apostilas, documentos impressos etc.

Realizamos ao longo da pesquisa cinco entrevistas com: Marlene Blois, Edvaldo Dias, Paulo Motejunas, Cleuza Inês Pecoraro Costa e Maurílio Costa Filho. Estes

personagens desempenharam papéis diversos nos Projetos Minerva (PMi): alunos, monitores, produtores e escritores de material. Esta opção pela diversidade de papéis não visou a esgotar as possibilidades de discurso sobre os Projetos Minerva. Não se trata, portanto, de, ao entrevistarmos um indivíduo de cada “categoria profissional” diretamente ligada ao Projeto pensarmos que, todos os demais indivíduos dessas categorias já estivessem nele representados. Cabe mesmo ressaltar que cada um dos nossos colaboradores conheceu o que poderíamos chamar de *uma parte* do projeto (ou *um* projeto): os alunos aqui entrevistados fizeram o curso de Primeiro Grau no interior do Rio de Janeiro (RJ), o monitor atuou no interior do Mato Grosso do Sul, a produtora lidava diretamente com uma parte do processo de produção, dividindo as atribuições com outros membros da equipe central, e o escritor, que elaborou o material de Segundo Grau utilizado em um dos Projetos Minerva, pouco sabia sobre essa sua função, posto, ter direcionado sua produção para o Telecurso de Segundo Grau, veiculado na televisão (acreditava, portanto, ter produzido materiais para outra finalidade, para outro projeto).

O que visamos com esta diversidade foi a ampliação de possibilidades de se falar de PMi. Certamente outros alunos, monitores, produtores e escritores nos trariam outras compreensões e narrativas, outros Projetos, e não hesitaríamos em entrevistá-los também. Entrevistamos, porém, aqueles que conseguimos encontrar, num horizonte em que foi bastante complicado encontrar atores vinculados ao Projeto e mesmo entrevistar os que encontramos. Foram diversas as ações empreendidas para buscar colaboradores. Fizemos contato com professores e pesquisadores de diversas regiões e criamos uma página de internet (www.projetominerva.com), por meio da qual tivemos contato, sobretudo, com outros pesquisadores que estudavam outros projetos de educação via rádio. Sem a intenção de que cada um dos colaboradores *representasse* uma “categoria”, tentamos ouvir ao menos um de cada uma dessas “categorias”. Esta opção foi ressaltada pelos avaliadores deste trabalho (na ocasião do Exame Geral de Qualificação), quando ainda não havíamos conseguido entrevistar nenhum ex-aluno do Projeto. Acreditávamos que a entrevista com ex-alunos pudesse nos propiciar pontos de vista diferentes, talvez elementos ainda não destacados nas demais entrevistas, talvez elementos distintos, dada as diferentes relações de poder entre estes personagens, ou mesmo do experienciado por aqueles que, *possivelmente* desempenhavam uma função diferente no Projeto. Neste sentido, reforçamos as ações de busca, evidenciadas acima, até conseguirmos encontrar

ex-alunos dispostos a participar. Encontramos dois ex-alunos já em data muito próxima à da defesa deste doutorado.

Poderíamos indicar como ponto inicial de cada uma destas entrevistas o modo como encontramos os entrevistados. O primeiro nome que nos surgiu como possível entrevistado, foi o de Marlene Blois. Em visita ao acervo da SOARMEC, dentre as quase quatrocentas caixas do acervo, quase uma dezena delas possuía seu nome na etiqueta e em alguns dos textos relativos a “Projeto Minerva” (nos quais, por exemplo, havia a proposta de implantação do Projeto nos estados) eram assinados por ela. Além disso, a secretária da SOARMEC nos sugeriu especificamente conversar com Marlene, afirmando ser ela uma das principais personagens no desenvolvimento do Projeto e uma pessoa bastante acessível e comunicativa.

O segundo entrevistado foi Edvaldo Dias, ex-monitor do Projeto na cidade de Coxim(MS). Encontramos Edvaldo numa ação que vínhamos desenvolvendo desde o início da pesquisa, que era a de divulgar nosso trabalho e perguntar para as mais diversas pessoas, sobre a existência de radiopostos nos mais variados locais por onde passávamos. Entre estes, a mãe de uma aluna da graduação¹⁹, a pedido nosso, buscou saber, em sua escola, sobre a existência do Projeto no município. Após alguns dias, tivemos a grata notícia, já acompanhada do nome e telefone do ex-monitor, nosso depoente.

Os fascículos de Matemática para o Segundo Grau²⁰ eram assinados por Paulo Motejunas. Inserimos seu nome em páginas de busca pela internet, e chegamos a uma empresa de consultoria educacional. Essa empresa nos forneceu, após explicitarmos do que se tratava, o endereço de e-mail pessoal do Professor Paulo. Trocamos algumas mensagens eletrônicas até que ele me fornecesse seu número de telefone para que pudéssemos conversar mais facilmente. A entrevista ocorreu em sua casa, em Caçapava (SP).

Passado algum tempo destas entrevistas, e sem ter conseguido ainda o contato com algum ex-aluno do projeto, resolvemos investir de forma mais agressiva na

¹⁹ Ana Rúbia Ferreira de Souza, estudante de graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, cujo projeto de Iniciação Científica se desenvolve sob a orientação do Prof. Thiago Pedro Pinto.

²⁰ Referente ao estudo **Da Matemática falada, do resgate de fontes, da potencialidade de compreender a partir de múltiplos focos: um ensaio sobre a produção de radioaulas no Projeto Minerva**, integrante deste trabalho.

divulgação de nosso projeto e de nossa busca a colaboradores em diversas listas de e-mail de grande alcance, e mantendo ainda a página de internet (www.projetominerva.com) com um formulário para cadastro de possíveis depoentes. Muitos interessados entraram em contato e mandaram mensagens de apoio e replicaram as mensagens de divulgação. Um e-mail nos chamou particular atenção: Luciano Pecoraro da Costa, professor de Matemática e Mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora, disse que seus pais se formaram no Primeiro Grau pelo Projeto Minerva e colocou-se à disposição. Trocamos alguns e-mails até irmos a Miguel Pereira (RJ), município onde mora Luciano, que nos levou até o sítio da família, onde residem seus pais. Inicialmente almejávamos, e nos preparamos para, realizar uma entrevista conjunta com o casal, mas Seu Maurílio não estava quando lá chegamos. Optamos então por entrevistar sua esposa, Dona Cleuza, sem a certeza de que seu esposo chegaria a tempo. Após o almoço, com a chegada de Seu Maurílio, também o entrevistamos. Optamos por manter a entrevista dos dois no mesmo volume desta tese, por entendê-las distintas, mas complementares.

O roteiro das entrevistas foi previamente discutido com os grupos de pesquisa dos quais participamos²¹, privilegiando questões abertas, que potencializassem relatos próximos aos temas de interesse desta pesquisa, sem, no entanto, conduzir de maneira rígida este momento, possibilitando ao entrevistado elencar aquilo que julgava relevante. No entanto, estamos conscientes de que o próprio ato de entrevistar, as perguntas feitas e até mesmo nossa presença (ou das câmeras e gravadores) são fatores preponderantes na condução narrativa realizada: o depoente fala em nossa direção, fala para nós, naquela dada circunstância e perguntado sobre tais e tais coisas. Não há algo como um “relato puro” que simplesmente coletamos junto ao entrevistado, como alguns poderiam pensar. Interagimos com ele nessa “produção conjunta” e sob circunstâncias muito determinadas.

Estas entrevistas foram então gravadas em áudio e vídeo para, posteriormente, serem transcritas. O processo de transcrição consiste em produzir um texto a partir do registrado no ato da entrevista. É um texto que tenta se aproximar, *tanto quanto possível*, daquele momento, mantendo falas, lapsos, divagações, vícios de linguagem, uso coloquial da língua, gírias e expressões regionais. Neste primeiro momento não há,

²¹ GHOEM – Grupo História Oral e Educação Matemática, e HEMEP – História da Educação Matemática em Pesquisa.

diretamente, uma preocupação “estética” com o texto. A transcrição é um “material bruto”, que servirá de base para a produção da textualização.

A próxima etapa de trabalho com as entrevistas é o que chamamos de textualização. Este tem sido um procedimento caro às pesquisas do grupo. O GHOEM, por mais que o nome sugira, não trabalha somente com História Oral, ou com pesquisas de cunho historiográfico. No entanto, várias são as pesquisas historiográficas desenvolvidas no grupo. Destas, sua grande maioria optou pela realização da textualização, ou melhor, das textualizações. Não há um padrão fixo e rígido para esta etapa, no entanto, parece ser consensual nestes trabalhos: a busca de compreensão do outro, o tratar do texto deixando-o mais próximo de uma produção com características da escrita e a preocupação metodológica e ética de identificação e autorização do depoente quanto a este novo texto, gerado a partir da entrevista e da transcrição. Alguns excertos de trabalhos recentes de membros do grupo pontuam diretrizes para as textualizações. Em Garnica, Fernandes e Silva (2011) temos:

Não há regras para textualizar e essa operação depende fundamentalmente da sensibilidade e do estilo de redação do pesquisador. Uma das disposições exigidas para essa dinâmica de elaborações textuais, por exemplo, é tentar manter, tanto quanto possível, o “tom vital” do depoente, isto é, a construção de **frases nas quais se reconheça** (e o próprio depoente se reconheça em) seus modos de falar (GARNICA, FERNANDES, SILVA, 2011, p. 22, negrito nosso).

Luzia Aparecida de Souza (2011) aponta para a questão da fluidez do texto, que justificaria, dentre outras coisas, a supressão de termos regionais e vícios de linguagem (próprios do suporte sonoro), da negociação de significados e do cuidado ético com o entrevistado:

As textualizações são edições das gravações ou das transcrições. Nestas, está-se preocupado com a **construção de uma narrativa mais fluente**: é a ação (do pesquisador) de contar o momento da entrevista, a narrativa ouvida. É, já, a continuidade da narração, como indica Walter Benjamin. **Vícios de linguagem são filtrados, idéias são reorganizadas** e, em alguns casos, reordenadas para comunicar o entendido pelo pesquisador.

A clara visão deste processo leva os pesquisadores que trabalham com essa metodologia a um cuidado, também, intencional. A **negociação entre os significados do entrevistado e do entrevistador**, de forma a tornar a produção deste último aceita como uma leitura possível do que o primeiro diria. Essa negociação gira em torno de um **cuidado ético** com o entrevistado, no sentido de que este reconheça a narrativa construída pelo pesquisador (que já é um primeiro exercício de análise) como uma leitura plausível de seus dizeres e, de forma alguma, como uma tentativa (assumidamente impossível) de reprodução do que este realmente disse. (SOUZA, 2011, p. 75-76, negrito nosso)

No trabalho de Fernando Guedes Cury (2011), além dos aspectos citados anteriormente, ressalta-se o aspecto da coautoria deste relato:

Em um segundo momento, o depoimento transcrito passou pelo processo chamado por nós de “textualização”. Pode haver, então, uma mudança mais radical no texto da transcrição, omitindo-se algumas falas, vícios de linguagem e construindo um texto em que as informações são colocadas de forma corrente e integradas ao contexto da pesquisa. A textualização, de forma geral, **deve ser considerada um texto em coautoria pesquisador/entrevistado**, embora muitas vezes – como pode ser confirmado pelas pesquisas já desenvolvidas por outros investigadores do Grupo de Pesquisa – “História Oral e Educação Matemática” – seja um texto de autoria do pesquisador que o depoente autoriza (ou não) como algo que ele diria ou escreveria. (CURY, 2011, p. 34)

Outro ponto destacado pelo autor é o modo como são realizadas estas textualizações, mantendo ou não as questões feitas pelo entrevistador, ou transformando-o em um texto corrido, próximo a um monólogo (2011, p. 35). Mais à frente, Cury (2011) defende entender a textualização como uma “criação”, e advoga em favor da apresentação na íntegra desta produção no corpo do texto acadêmico, como vem sendo feito nas pesquisas desenvolvidas no GH OEM:

... a intenção de **apresentar estas textualizações no corpo do trabalho** é possibilitar que o próprio leitor, caso deseje, elabore suas interpretações a partir das histórias contadas. A **disponibilização da íntegra das textualizações** permite ao leitor concordar com nossas compreensões, mas também permite a ele discordar, acrescentar novas interpretações, ver aquilo que podemos ter deixado escapar. (CURY, 2011, p. 36, negrito nosso)

Déa Nunes Fernandes (2011) afirma ter optado pela manutenção de algumas marcas da oralidade, como faz também Marta M. M. Macena (2013, p.52):

...os textos que estou colocando à sua disposição não são as entrevistas transcritas mas, sim, textos editados, textos constituídos a partir da nossa leitura de cada entrevista transcrita. Mesmo tendo, de certo modo, por exemplo, interferido na escrita, condensado passagens e reordenado frases, na organização dessas textualizações **esteve sempre presente nossa preocupação de não comprometer o entendimento das ideias, e os traços da oralidade** – as hesitações, imprecisões, as mudanças rápidas de assunto e as respostas às vezes vacilantes e incompletas – foram conservados sem alteração. Todos esses textos – que no jargão da História Oral que praticamos têm sido chamados de textualizações – foram enviados aos nossos colaboradores com o propósito de receber de cada um deles sua opinião e, por fim, sua autorização para utilizá-los no corpo de nossa tese. Na realidade é como se nós, ao solicitar-lhe essa carta de cessão de direitos, estivéssemos perguntando ao entrevistado: **você se reconhece nessa escrita? Você diria o que está escrito nesse texto?** (FERNANDES, 2011, p. 57)

Nosso processo de textualização foi bastante semelhante ao descrito nos trabalhos acima: buscamos sempre compreender o outro, em suas falas; elaborar notas

de rodapé que auxiliassem nossos leitores a contextualizar o encontro que gerou a entrevista, seu “clima” e as relações e situações declaradas; retiramos trechos; modificamos a ordem das falas etc.

Estas ações não foram estanques ou sequenciadas, citamos aqui apenas alguns pontos deste processo para uma melhor compreensão de nossas ações. O primeiro deles não tem um início ou fim delimitável, pode ocorrer a qualquer momento que nos remetemos à entrevista ou a coisas que relacionamos a ela. O que podemos dizer é que, para textualizar, ouvimos diversas vezes a entrevista, acompanhando-a a partir da transcrição na tentativa de melhor registrar as falas e os modos de falar ali presentes e, em especial, encontrar pontos que nos pareciam ter relevância para o depoente, tentando produzir significados para frases muitas vezes incompletas ou expressões locais. Neste ponto, poderíamos chamar à discussão o Modelo dos Campos Semânticos (LINS, 1999), segundo o qual cada leitor, na tentativa de compreender um texto, cria, cognitivamente, um autor para este texto que diz aquilo que efetivamente compreende. Neste sentido, a cada leitura criamos uma Marlene, um Edvaldo, um Paulo, uma Cleuza e um Maurílio que nos dizem aquilo que efetivamente compreendemos de suas falas registradas na entrevista. Podemos ainda, entender essa “busca de compreensão” do outro como uma tentativa de compreensão das regras do jogo linguístico do outro, do jogo de linguagem jogado no ato da entrevista. Em cada interação que visa à comunicação, algumas regras agem regulando os diálogos e os modos de articular palavras e expressões. Como o entrevistado articula a expressão “Projeto Minerva”? Como a adjetiva? Quais verbos associa a ela? Que importância as coisas que ele nomeia assim parecem ter em seu relato? Se pensarmos o significado das palavras e expressões como o modo como ele as usa, nos interessa compreender como nosso entrevistado, no ato da entrevista, *usa* a expressão aqui estudada e não o que “supostamente” está escondido nela ou em seu uso. Essa compreensão do outro não está aqui colocada em termos absolutos, ela ocorre em um movimento que pode ser sempre retomado. No entanto podemos ter, como afirma Lins (1999), a sensação “psicológica” de compreensão do outro, de que está entendendo e está se tentando fazer entender. Cotidianamente interagimos com outros seres e prosseguimos em nossas atividades com a sensação de que fomos (ou não) compreendidos, que as demandas cotidianas foram (ou não) cumpridas: pedimos coisas que nos são dadas, utilizamos símbolos visuais para evitar acidentes de trânsito, nos queixamos ao médico que nos diagnostica, sugerimos

correções em um texto, pagamos um determinado valor em dinheiro por algum produto ou serviço. Isso não quer dizer que, para todos os atores dessas ações, as imagens, os pensamentos e as possíveis referências feitas sejam as mesmas.

Quando iniciamos efetivamente a modificação da transcrição do áudio da entrevista (às vezes com anotações de detalhes visuais), uma das operações que disparamos é a de inserir notas de rodapé. Essas notas cumprem, em nossas textualizações uma dupla função: a) a de discutir algumas temáticas abordadas na fala e também, b) a de auxiliar nosso possível leitor na compreensão das falas de nosso entrevistado, do momento da entrevista. No que se refere ao primeiro item, tentamos discutir no texto, em suas notas, alguns pontos trazidos por outras fontes (outras entrevistas realizadas para esta pesquisa, documentos escritos etc.) seja por convergirem ou divergirem com as opiniões a respeito de determinada temática. Neste sentido, tanto trouxemos posicionamentos a acrescentar na discussão como tentamos potencializar a conexão entre as diversas fontes que apoiaram nosso trabalho. Já no que se refere ao segundo item, estas notas de rodapé tiveram como função propiciar ao leitor informações que não estavam diretamente disponíveis no texto mas que poderiam subsidiar sua compreensão como, por exemplo, referências a localidades, população, expressões de uso restrito etc. Algumas dessas informações poderiam ser, para o entrevistado, algo tido como *dado*, que não precisaria ser explicitado, mas se entendemos que nossos depoentes jogam determinados *jogos de linguagem*, queremos, ao inserir estas notas, auxiliar nosso possível leitor, que possivelmente joga **outros jogos de linguagem**, a jogar também os jogos dos nossos depoentes.

Tentamos também retirar do texto alguns vícios de linguagem e frases demasiadas incompletas que não nos permitiam algum tipo de interpretação que corroborasse com o tema estudado. Fazemos isso no intuito de transformar o texto da transcrição, pontuado de características tipicamente *orais*, em um texto com características que mais se aproximam de um texto *escrito*. Concordamos com Marcuschi (2010) ao propor não uma dicotomia entre oral e escrito, mas um contínuo entre estes tipos de texto. É neste contínuo que transitamos ao fazermos este tipo de modificação no texto²². Neste sentido, mais uma vez, concordamos com Garnica,

²² O mesmo autor (MARCUSCHI, 2010) discute os “suportes” do texto: sonoro e gráfico. Temos, em nosso caso, textos criados em suportes sonoros que posteriormente se apresentam em suportes gráficos, o que justificaria as alterações das características, ou de algumas delas, do oral para o escrito.

Fernandes e Silva (2011) quando atrelam esta ação sobre o texto à sensibilidade e estilo do redator, como pudemos ver também nos demais trabalhos, mantendo ou não os traços fonéticos.

Em nossas textualizações optamos por manter as questões feitas pelo pesquisador, retirando apenas alguns traços de oralidade contidos nelas e algumas expressões que visavam apenas a dar ao entrevistado a sensação de estar sendo ouvido e entendido, mas que não propunham, diretamente, novos rumos ao relato, tais como: “aham”, “sim”, “hum” etc.

Quanto à modificação da ordem no texto, usamos este expediente apenas em uma das textualizações, - naquela em que, ao final, a depoente traz um importante relato sobre um tema abordado logo no início da entrevista - julgando que assim propiciaríamos um melhor entendimento do texto. Também optamos, em algumas textualizações, por retirar alguns trechos que abordavam pontos demasiados pessoais que poderiam expor, de forma indesejada, o nosso depoente. Em uma das entrevistas a retirada de trechos foi solicitada pelo próprio depoente ao conferir a textualização: ele citava diversos nomes de pessoas com quem conviveu e emitia alguns juízos de valor sobre elas e, posteriormente, atentando para que aquilo seria publicado, pediu para que suprimíssemos os trechos. Assim como os demais trabalhos desenvolvidos no GHOEM, nos pautamos, sempre, pelos princípios éticos, resguardando o direito pleno dos depoentes às suas memórias e falas, mantendo com eles um diálogo aberto e franco sobre o que faríamos com suas narrativas e sobre os direitos inalienável que eles, colaboradores, tinham sobre elas. Cada textualização vem acompanhada da carta de cessão dada pelo depoente após ler, verificar, modificar (o quanto necessário), e autorizar a utilização deste texto.

Referências

CURY, F. G. **Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 290 f. Rio Claro, 2011.

FERNANDES, D. N. **Sobre a formação do professor de matemática no Maranhão: cartas para uma cartografia possível**. Tese (doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. 389 f. Rio Claro, 2011.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. **Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade...** Bolema, Rio Claro (SP), v. 25, n. 41, p. 213-250, dez. 2011.

LINS, R. C. **Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática.** In BICUDO, M.A.V. (1999). Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MACENA, M. M. M. **Sobre formação e prática de professores de Matemática: estudo a partir de relatos de professores, década de 1960, João Pessoa (PB).** Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 369 f. Rio Claro, 2013.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para escrita: atividades de retextualização.** 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, L. A. de. **Trilhas na construção de versões históricas sobre um Grupo Escolar.** Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 420 f. Rio Claro, 2011.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas.** Trad. BRUNI, J. C. São Paulo: Nova Cultural, 1999.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Antonio Vicente Marafioti Garnica (orientador)

Volume

Da revisão de literatura: uma terapia filosófica da expressão

**“Projeto Minerva” como possibilidade de vasculhar um
terreno**

Bauru

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências

Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

Tese de Doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação para a Ciência.

Bauru (SP)

2013

SUMÁRIO

Volume: Instruções de Uso

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica	9
Apêndice A: Sobre Jogos e Caleidoscópios	11
Apêndice B: Notas sobre o trabalho com entrevistas nesta pesquisa	22

Volume: O acervo da SOARMEC

O acervo da SOARMEC, a disponibilização pública de um Catálogo e a constituição de um Mapa para o acervo	4
Referências	13
Apêndice A: Catálogo de Etiquetas do Acervo da SOARMEC	15
Apêndice B: Mapa do Acervo	61

Volume: Da revisão de literatura: uma terapia filosófica da expressão “Projeto Minerva” como possibilidade de vasculhar um terreno

Introdução	4
Sobre as linguagens nos textos de Wittgenstein	6
Os trabalhos selecionados	9
Trabalhos Acadêmicos	10
Livros	16
Entrevistas	17
Demais documentos	28
Algumas Considerações	31
Referências	32

Volume: Produção de Radioaulas no Projeto Minerva

Da Matemática falada, do resgate de fontes, da potencialidade de compreender a partir de múltiplos focos: um ensaio sobre a produção de radioaulas no Projeto Minerva	4
1. Material para o Rádio	9
1.1. O “Material Bruto”	9
1.2. Comunicação Com o Aluno	12
1.3. Arquivo de áudio do programa	14
1.4. A transcrição do programa	15
2. Material para o Fascículo	18
2.1. Texto Bruto	18
2.2. Fascículo	22
3. Movimentos de Produção dos Materiais	26
3.1. Material Bruto, Comunicação Com o Aluno (CCA) e Arquivo de Áudio	26
3.2. Texto Bruto e Fascículo	31
3.3. Fascículo e Arquivo de Áudio	32
4. Alguns apontamentos sobre a produção das aulas	35
Referências	38

Volume: Entrevista com Marlene Montezi Blois

Entrevista com Marlene Montezi Blois nas dependências da SOARMEC - Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC (2º andar da Rádio MEC), Rio de Janeiro, 05/10/2011	4
Apêndice A: Carta de Cessão	36

Volume: Entrevista com Edvaldo Dias

Entrevista com Professor Edvaldo Dias, ex-monitor do Projeto Minerva, ocorrida na residência do depoente, em Coxim-MS, no dia 14/07/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Paulo Roberto Motejunas

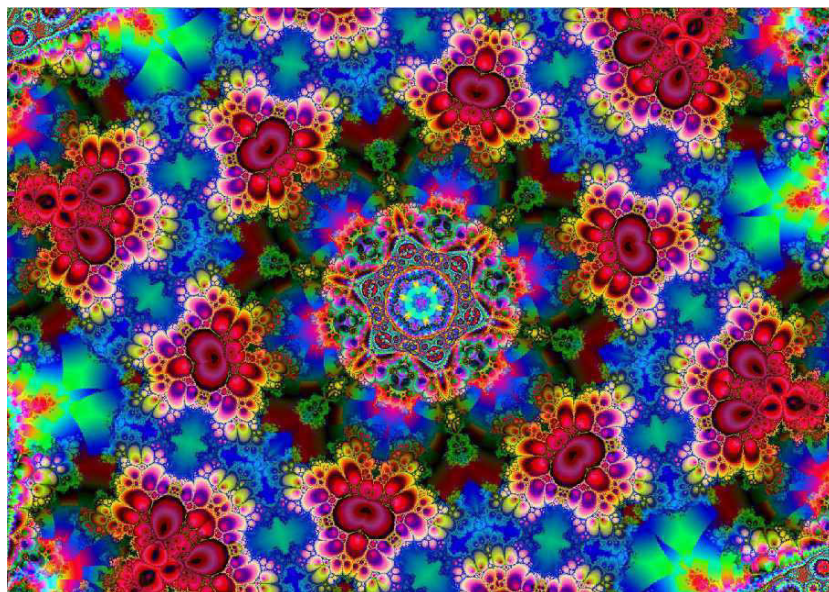
Entrevista com Professor Paulo Roberto Motejunas, ocorrida na residência do depoente, em Caçapava-SP, no dia 28/08/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e Maurílio Costa Filho

Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e seu marido, Maurílio Costa Filho, ex-alunos do Projeto Minerva, ocorrida na residência dos depoentes, em Paraíba do Sul - RJ, no dia 15/06/2013	4
Apêndice A: Cartas de Cessão	31

Volume: Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva

Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva	4
Fita 01 - A Voz do Povo - 19/03/90 - Projeto Minerva - P1	11
Fita 02 - A Voz do Povo - 20/03/90 - Projeto Minerva - P2	34
Considerações sobre o debate	57
Referências	59
Apêndice A: Fotografias Compósitas	61
Referências	67



**Da revisão de literatura¹: uma terapia filosófica da expressão “Projeto Minerva”
como possibilidade de vasculhar um terreno**

Por Thiago Pedro Pinto

Introdução

Ao iniciar uma pesquisa, em qualquer que seja o nível de formação, uma das primeiras ações comumente adotadas é buscar outros trabalhos relacionados ao tema. Longe de ser uma forma de tributo aos que, antes, se dedicaram a um objeto de estudo ao qual agora nos dedicamos, rastrear estudos já realizados nos auxilia a compreender os caminhos já trilhados, as informações já disponíveis, a avaliar a relevância e originalidade do que pretendemos investigar, minimizando a possibilidade de nos lançarmos a *reinventar a roda*. A quantidade ou mesmo a existência de trabalhos previamente realizados sobre um determinado tema não implicam, diretamente, a relevância de um estudo em determinado campo, mas, sem dúvida, serve de indício quanto aos interesses da área de pesquisa em questão.

¹ Um primeiro esboço deste texto foi apresentado no XVI EBRAPEM (2012). A imagem que acompanha o título foi gerada com o software Interactive Psychedelic Kaleidoscope, disponível em <http://img.izismile.com/img/img2/20090618//psychedelic_kaleidoscope.swf>

Em nosso caso, desejamos pesquisar Projetos Minerva, que podemos relacionar a um Curso Supletivo de Primeiro e Segundo Grau (hoje equivalente à segunda Fase do Ensino Fundamental e Ensino Médio, respectivamente) que funcionou nas décadas de 1970 e 1980, com abrangência nacional, veiculado pelo rádio, após a Hora do Brasil², que atendeu aproximadamente 200 mil alunos cadastrados, além dos não cadastrados, que acompanhavam livremente as aulas. Foi financiado pelo Governo Federal e produzido pelo Serviço de Rádio Educativo (SRE)³, nas dependências da Rádio MEC do Rio de Janeiro⁴.

Em princípio, uma “revisão de literatura”, como é muitas vezes chamado este esforço de buscar e estudar outros textos que se aproximam do tema que escolhemos, parece ter como característica um “início”, “meio” para a pesquisa, e não, na maioria das vezes, um objetivo “em si”. No entanto a partir dos textos do filósofo austríaco L. Wittgenstein⁵ pode-se depreender uma prática que, embora se aproxime muito desta revisão de literatura, tem como pressuposto uma outra intenção: desconstruir o que tem

² Programa jornalístico de rádio criado em 1935 pelo Governo Federal, foi por muito tempo um dos principais veículos de difusão de informações do Governo, em especial no período da Segunda Guerra Mundial. Na mesma época criou-se também uma série de ações governamentais de regulação dos meios de comunicação, como o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) que se encarregaria da censura e da promulgação do Código de Imprensa, que controlava as críticas ao Estado.

³ O SRE foi criado em 1937, com a Lei 378. Em 1967 (Lei 53.556) o órgão recebe novas funções e em 1970, encarrega-se de coordenar as atividades previstas na portaria interministerial n. 408/70, criando o Projeto Minerva para este fim. A portaria 408/70, estabelecida entre o Ministério da Educação e o Ministério de Comunicação, tratava, dentre outros assuntos, do horário das emissões e formas de utilização desse horário, indicava o MEC como órgão executor e proibia a veiculação de propaganda durante as transmissões obrigatórias, reservadas para a proposta de educação pelo rádio. Em seus primeiro e segundo itens pontua: “1. O tempo obrigatório e gratuito que as emissoras comerciais de radiodifusão deverão destinar à transmissão de programas educacionais, será de 5 (cinco) horas por semana, assim distribuídas: 30 (trinta) minutos diários, de 2ª a 6ª feira, e 75 (setenta e cinco) minutos aos sábados e domingos, dentro do período de 7 às 17 horas. 2. Esses programas educacionais poderão destinar-se à complementação do trabalho de sistemas educacionais regulares, à educação supletiva de adolescentes e adultos ou à educação continuada. Poderão, ainda, abranger, em qualquer nível de escolaridade, setores de divulgação e de orientação educacional, pedagógica e profissional, ou de informações sobre unidades ou sistemas escolares de interesse das audiências” (MEC, portaria 408/70 de 29 de julho de 1970).

⁴ A Rádio MEC do Rio de Janeiro é herdeira da primeira rádio do Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, criada no início da década de 1920 por Edgard Roquette-Pinto, Henrique Morize e mais uma série de cientistas e acadêmicos da época. Após alguns anos, frente à impossibilidade de concorrência com as rádios comerciais, já abertas à propaganda, Roquette-Pinto viu-se obrigado a passar a rádio para o Governo Federal (MEC) para não vê-la fechar as portas. Nascia, então, a Rádio Ministério da Educação, ou como se popularizou posteriormente, a Rádio MEC.

⁵ Comumente divide-se a filosofia de Wittgenstein em duas fases: uma primeira, marcada pelo *Tractatus Logico-philosophicus* (de 1968), e uma segunda, marcada pelo *Investigações Filosóficas* (de 1979). Fala-se de um primeiro e um segundo Wittgenstein, referindo-se a suas fases. Neste texto mobilizaremos o Wittgenstein da segunda fase.

sido chamado por alguns de seus estudiosos de “imagens exclusivistas”⁶. No que diz respeito ao nosso interesse de pesquisa, não parece haver, ainda, uma imagem clara ou cristalizada sobre o Projeto Minerva. No entanto, acreditamos que muitas teses e dissertações contribuem para construir uma imagem de algo que, intencionalmente ou não, passa-se a ter não como uma “versão” do pesquisador, mas como “A” apreensão do tema. Em outras palavras, esforços de pesquisa podem cristalizar uma única possibilidade de abordar determinado assunto, um modo de uso para dada expressão. O que tentaremos brevemente neste texto é realizar, sim, uma revisão de literatura disponível, mas que, ao mesmo tempo em que elenca ensaios anteriores sobre os Projetos Minerva, deve contribuir para a formação de “imagens múltiplas” de Projetos Minerva.

Sobre as linguagens nos textos de Wittgenstein

...deixou ele [Wittgenstein] de acreditar que seja possível deduzir a preexistente estrutura da realidade a partir da premissa segundo a qual todas as línguas tem certa estrutura comum. Essa alteração de ponto de vista aprofunda-se e dá lugar também à rejeição de muito mais do que apenas a particular teoria da realidade proposta no *Tractatus*. Solapa qualquer teoria que tente apoiar um padrão de pensamento ou uma prática linguística, tal como a inferência lógica, num alicerce independente, colocado no real. Se aquelas coisas (padrões de pensamento e práticas linguísticas) requererem qualquer justificação, deve ela estar no seu próprio interior porque não há, externamente a elas, pontos de apoio independentes. (PEARS, 1973, p. 15)

Ludwig Wittgenstein, filósofo austríaco, tratou, na segunda fase de sua produção, de combater as ideias que ele próprio defendia em suas produções iniciais, sobretudo as ideias de caráter essencialista e existencialista sobre a relação entre linguagem e realidade. Para Wittgenstein não há uma relação biunívoca entre a linguagem e o mundo. Não dá para “colar” uma coisa e outra de forma a chegarmos à essência da linguagem e, por conseguinte, do pensamento. O significado das palavras deixa de ser *um algo* atrelado a elas, passando a ser, *meramente*, seu uso nas práticas linguísticas, por ele denominadas *jogos de linguagem*. De acordo com seus textos, segundo entendemos, os jogos de linguagem *não devem* ser definidos, assim como quaisquer outros termos, mas tão somente usados, pois os significados das expressões e palavras são dadas no seu uso.

O significado de uma palavra é antes seu uso em conformidade com regras gramaticais. O significado das palavras e o sentido das frases só

⁶ C.f. Vilela (2007) ou Moreno (2000).

podem ser elucidados ao atentarmos para seu uso no fluxo da vida (GLOCK, 1998, p. 34)

Cada jogo de linguagem pode utilizar um termo, expressão ou palavra de uma forma, tendo assim uma diversidade de significados conforme a diversidade de usos. Este texto, portanto, pautado nessas observações, mobiliza a expressão “Projeto Minerva” de formas diferenciadas, constituindo usos diferenciados.

Algumas vezes se faz necessário mostrarmos outras formas de uso de determinados termos ou palavras para que possamos ver uma multiplicidade de significações destas e compreender que há uma diversidade de modos de uso, desfazendo o que tem sido chamado de “imagens exclusivistas”, ou seja, para desfazermos a ideia de que as palavras e expressões têm um modo único de serem usadas, independentemente do jogo de linguagem. Para isso, podemos elencar vários usos, colocá-los em contraste com outros, em um novo contexto, numa ação que entendemos ser próxima de uma “terapia filosófica”.

A prática da terapia filosófica na Educação Matemática e a própria filosofia de Wittgenstein são ainda pouco mobilizadas nesta Área. Nossa busca nesse sentido nos levou a três trabalhos que optaram por esta estratégia, digamos, metodológica⁷: Vilela⁸ (2010), Júlio (2007) e Miguel (2012).

Vilela (2010) em seu artigo *A terapia filosófica de Wittgenstein e a Educação Matemática* discute a possibilidade de utilização dessas ideias na Educação Matemática. A autora mostra diversos usos da palavra “matemática” na literatura em Educação Matemática, manifestadas na multiplicidade de adjetivações elencadas pela autora – “matemática acadêmica”, “matemática da rua”, “matemática profissional”, “matemática formal” etc. Ela indica, a partir disso, a existência não de *uma* matemática, mas de *diversas* matemáticas constituídas nos mais diversos jogos de linguagem. Já a terapia filosófica, segundo esta mesma autora, visa a

/.../ desfazer imagens exclusivistas através da descrição dos diversos usos que são feitos de um conceito ou palavra na prática linguística e com isso evidenciar que os usos não convergem para um significado único, para uma essência. (VILELA, 2010, p. 435)

⁷ Utilizamos aqui o termo “metodológica” com ressalvas pois este modo de fazer sugerido por Wittgenstein está diretamente ligado à sua visão epistemológica, na qual predomina o olhar para a linguagem, para os modos de uso das palavras. Método está imbricado com fundamentação, não se tratando de uma mera escolha de procedimentos.

⁸ Da tese de Vilela (2007) originou-se este artigo de 2010, que neste ensaio mobilizamos com mais frequência.

Esta nova prática filosófica calcada na linguagem rompe

/.../ com a idéia de verdade enquanto correspondência entre o fato e o conhecimento de tal fato. O problema do conhecimento e da verdade passa a ser estudado a partir da linguagem que expõe o mundo, entendida como um símbolo que depende de regras de uso e não de associação a fatos. (VILELA, 2010, p. 440)

Nesta visão teórica não faz sentido falar de algo *para além da linguagem*, pois o mundo se mostra por meio da linguagem e, portanto, é focando as práticas linguísticas, os jogos praticados em cada *forma de vida*⁹ que podemos explicitar os usos que constituem a prática de determinada atividade.

Júlio (2007) procura identificar diversos usos da palavra ‘dimensão’, elucidando os mais diversos contextos e modos de produção de significados para essa palavra, tomando como referência o Modelo dos Campos Semânticos (LINS, 1999) e os jogos de linguagem de Wittgenstein (1999). Esta autora não mobiliza, em seu trabalho, a expressão “terapia filosófica”, no entanto, em nossa leitura, entendemos sua intenção como análoga a de desenvolver uma “terapia filosófica” da palavra “dimensão”.

Miguel (2012) ao ser convidado a (re)analisar três depoimentos de ex-professores de matemática opta por uma produção que chama de “terapêutica”, querendo acentuar, com essa adjetivação, o caráter não dogmático de sua proposta:

Ficou-me claro, por um lado, que eu não gostaria de, a partir dessas narrativas, produzir uma meta-narrativa ou um discurso cientificista e generalizante, tomando os conteúdos das falas como “dados objetivos” acerca do exercício da docência... (MIGUEL, 2012, p.272)

O autor opta por produzir uma *terapia desconstrutiva* desses jogos narrativos que tinha à mão, valendo-se do modo wittgensteiniano de escrever e de descrever seus conceitos, afirmando que “/.../ essa prática terapêutica se autoesclarece na própria forma como ela opera sobre esses jogos” (MIGUEL, 2012, p.273). Em seu texto o autor cria um novo jogo de linguagem ao articular as falas dos depoimentos com as dele próprio, como autor, num estilo teatral, ou, como ele o denomina, num “*jogo de cenas*”. Seu ensaio, intitulado “Vidas de professores de matemática: o doce e o dócil do adoecimento”, aborda

⁹ Wittgenstein utiliza a expressão “forma de vida” no Investigações Filosóficas, sempre relacionando os jogos de linguagem às formas de vida. Segundo Conde (1998, p. 101), é nas formas de vida, no contexto da vida, que os jogos de linguagem encontram sustentação. Para Gottschalk (2008, p. 80), Wittgenstein se utiliza desta expressão para “designar nossos hábitos, costumes, ações e instituições que fundamentam nossas atividades em geral, envolvidas com a linguagem.”

um aspecto que ele percebe como marcante nas falas dos três professores, o adoecimento do corpo. Ele aproveita a temática para discutir, em conjunto, os aspectos da linguagem na perspectiva wittgensteiniana: a dor torna-se um “calcanhar de Aquiles” de uma possível linguagem privada que vai se desconstruindo ao longo do texto nos diálogos entre os três professores e uma quarta pessoa, um terapeuta que, assumindo a voz do autor, discute e problematiza linguagem, corpo e mente. A mobilização (indireta) de um dos aforismos de Wittgenstein nos ajuda a entender esta postura:

Digo-lhes que um terapeuta wittgensteiniano não costuma lidar com uma questão do mesmo modo como lida com uma doença. E daí, o modo como costuma lidar com a questão da doença não tem como propósito produzir consensos e, muito menos, uma nova teoria. (risos generalizados). Talvez, uma alternativa seja tentar ver os problemas de outra maneira. (MIGUEL, 2012, p.300)

Tendo esses trabalhos como pano-de-fundo, nos aventuramos, a trazer à tona diversos *jogos de linguagem* (ou jogos linguísticos) nos quais a expressão Projeto Minerva surge, vasculhando produções acadêmicas e outras fontes. E se mostramos alguns jogos, outros ficam escondidos: não há, nessa tentativa, a ilusão de esgotar possibilidades ou estabelecer compreensões definitivas.

O que é necessário para alcançar clareza acerca de questões conceituais não é a análise lógica, mas sim uma descrição de nossas práticas linguísticas, que constituem um conjunto variado de 'jogos de linguagem'. (GLOCK, 1998, p. 31-32)

Os trabalhos selecionados

Não há um uso mais adequado nem um jogo de linguagem superior; todos são igualmente adequados para os fins a que se propõem. (MORENO, 2000, p.74)

Para este ensaio selecionamos alguns registros que tratam, diretamente, do *Projeto Minerva*, ou seja, textos que utilizam, a expressão “Projeto Minerva”. Dentre os estudos acadêmicos encontramos três trabalhos: Correa (1977), Castro (2007) e Silva (2012); selecionamos também dois livros – *Rádio MEC: a herança de um sonho* (MILANEZ, 2007) e *O Rádio Educativo no Brasil: uma visão histórica* (PIMENTEL, 2009) – e entrevistas publicadas no *Amigo Ouvinte*, jornal digital da Sociedade dos Amigos Ouvintes

da Rádio MEC (SOARMEC)¹⁰, em cujo banco de dados estão disponíveis vinte e nove entrevistas, trezes das quais citam o projeto. Além destes materiais de base, encontramos em nossas buscas no acervo da SOARMEC cinco documentos que aqui mobilizamos: um projeto¹¹, uma carta de aluno¹², e a história de um aluno publicada em jornal¹³ e recortes do Diário Oficial da União e do Diário Oficial do Estado de São Paulo.

Trabalhos Acadêmicos

O trabalho de João de Deus Corrêa (1977) foi encontrado nos arquivos da SOARMEC quando de nosso primeiro contato com este acervo. Sob o título *Comunicação e Ensino de Massa no Brasil - Desempenho do Rádio como Veículo Educacional – o Projeto Minerva*, a dissertação de mestrado de Corrêa, defendida na UFRJ, no Programa de Mestrado em Comunicação, no ano de 1977, apresenta o rádio como veículo potencial para atingir a população mais distante dos grandes centros e como possibilidade de estudos para aqueles que abandonaram a escola, em especial devido ao baixo custo frente ao meio de comunicação que se instaurava no país: a televisão.

Neste trabalho de Corrêa percebemos um pouco do modo de produção dos programas, os vários órgãos articulados neste processo e como o Projeto se organizava de forma geral. Em suas conclusões, aponta para a amplitude do Projeto Minerva como uma de suas deficiências: suas intenções e natureza eram demasiadamente gerais. Vale ressaltar que essa dissertação foi desenvolvida quando o Projeto ainda vigia, mas num momento em que ainda não se podia dar conta, por exemplo, de seu encerramento e das possíveis mudanças que ocorreriam no desenvolvimento de uma proposta que ainda vigoraria por mais de uma década. Além disso, o foco no processo de comunicação é o que dá o tom do trabalho, deixando de lado, por exemplo, aspectos mais notadamente educativos

¹⁰ Entidade que cuida do patrimônio histórico da Rádio MEC, situada numa sala no mesmo prédio de funcionamento da rádio. Mantém um acervo com quase 400 caixas arquivo de material histórico e uma biblioteca com livros sobre comunicação.

¹¹ Refere-se a um texto que apresenta, ao nosso entender, a proposta para a implantação do Projeto Minerva no Estado de São Paulo. O documento, contendo 16 páginas, é assinado por Solange Leobons e Marlene Montezi Blois, e data de agosto de 1976.

¹² Enviada ao “Sr. Coordenador de Comunicação” pelo ex-aluno do Projeto Minerva, Francisco Lopes Azevedo.

¹³ Refere-se à história de José Pedro da Mota, publicada no Jornal *O Fluminense*, em 1º de agosto de 1975.

vinculados à proposta, como análises sobre o material veiculado (escrito e radiofônico) e a organização desse material.

O presente trabalho se propõe a identificar a força e o desempenho do veículo rádio, especialmente como instrumento a serviço da difusão da cultura oficialmente averbada no País, concentrando atenção no Projeto Minerva e nos Informativos Culturais que não podem ser separados do mesmo. Não desconhecendo a existência de outras formas de atuação onde o Estado se faz presente na própria radiodifusão, mas ciente de que o citado Projeto Minerva é o único que oferece “feedback” com relativo grau de confiabilidade, pois o elemento avaliação é indispensável à estrutura do PMi [Projeto Minerva]e de todo o ensino. (CORREA, 1977, p. 3)

Ciente das características do veículo rádio e da extensão de sua presença em quase todo o território nacional, o sistema educativo vislumbrou na radiodifusão um novo auxiliar na distribuição da cultura, incrementador de processos de informação e de formação, efeitos constantes do desempenho desse instrumento de comunicação e cultura de massa. O projeto Minerva e os Informativos Culturais corporificam o endosso que o Estado deu à conjugação dos sistemas de ensino e de radiofonia, numa tentativa de suplementar a tarefa do ensino e de acentuar o serviço cultural que o rádio deve prestar à população. (Ibid, p.50)

/.../ o presidente da Fundação Centro Brasileiro de TVE baixou a Portaria 32/70, de 29 de setembro de 1970, constituindo o SRE como executor da Portaria 408/70, ficando instituído o sub-grupo de Rádio para efeito de assumir as responsabilidades, sendo dirigido pelo diretor do Serviço de Rádio Educativo do MEC, serviço esse que criaria o Projeto Minerva, em 1º de setembro, cujo programa inaugural diário foi ao ar em 4 de outubro do mesmo ano. (Ibid, p.55)

O Projeto Minerva – PMi – tem como objetivo geral aperfeiçoar o homem no seu grupo social. Dispõe-se a utilizar o rádio com propósitos educativos e culturais, atingindo o homem onde ele estiver e ajudando-o a desenvolver suas potencialidades para que se afirme tanto como indivíduo quanto como elemento integrante e ativo da comunidade – segundo um Informativo da Coordenação de Atividades Educacionais do PMi. Os objetivos específicos decompõem o geral em cinco metas: a) contribuir para a renovação e o desenvolvimento do sistema educacional e para a difusão cultural, conjugando o rádio a outros meios de comunicação; b) planejar a utilização do tempo estipulado pelo sistema regular de ensino; c) complementar o trabalho desenvolvido pelo sistema regular de ensino; d) possibilitar a educação continuada; e) divulgar a programação cultural de interesse das audiências. (Ibid, p.57)

Se falha, não peca por mesquinhez, mas pela generosidade atabalhoada com que enfrenta o gigantesco objetivo perseguido: corrigir uma distorção e uma lacuna incrementadas em ritmo geométrico durante os quase cinco séculos de história do enclausuramento da cultura no país. (Ibid, p.76)

Márcia Prado Castro (2007), em sua dissertação de mestrado intitulada *O Projeto Minerva e o desafio de ensinar matemática via rádio*, defendido em 2007, na PUC de São Paulo, sob orientação do Professor Doutor Ubiratan D'Ambrosio, elenca ao longo de seus cinco capítulos, questões importantes sobre o Projeto Minerva, alguns de seus entornos e um pouco do que era tratado em relação à Matemática – “resgatando a disciplina matemática”, afirma a autora. Em seu texto há 88 entradas da expressão “Projeto Minerva”, dentre as quais assinalamos algumas, relevantes à luz da proposta de inventariar perspectivas:

O Projeto Minerva surgiu na década de 1970, era um programa educativo veiculado pelo rádio, que abrangia todo o País. Foi um projeto de grandes dimensões, uma experiência pioneira. No intuito de recuperar essas informações, algumas questões surgiram e instigaram-me a buscar respostas: qual a importância da recuperação histórica de um projeto pioneiro via rádio (Projeto Minerva) de dimensão nacional? Quais os limites e problemas encontrados no curso de matemática no Projeto Minerva? (CASTRO, 2007, p.16)

Em 1970, foi criado o Projeto Minerva, sendo uma iniciativa do Serviço de Radiodifusão Educativa MEC de abrangência nacional, com transmissão obrigatória a todas as emissoras do País. O projeto emitia programação oficial educativa e cultural, visando a atender as carências escolares daqueles que não conseguiram terminar a escolaridade, fornecendo-lhes ensino supletivo com apoio de material impresso. (Ibid, p. 22)

Os capítulos IV e V de sua dissertação têm foco especial no Projeto Minerva:

Segundo Pavan (2006), o Projeto Minerva tinha um cunho informativo-cultural com uma produção regionalizada, concentrada no eixo Sul-Sudeste e uma distribuição centralizada. O programa acabou não conquistando a população, que o chamava de “Projeto Me Enerva”, o que contribuiu para fortalecer a imagem, segundo Pavan, de que o rádio educativo é chato e cansativo. Na idealização do Projeto Minerva, o rádio foi escolhido em função de alguns aspectos: custo baixo para aquisição e manutenção dos aparelhos e familiaridade da população com o rádio. (Ibid, p. 50)

De acordo com Niskier (1999, p.217), podemos listar as principais características que norteavam o Projeto Minerva: a) Contribuição para a renovação e desenvolvimento do sistema educacional para difusão cultural, conjugando o rádio e outros meios; b) Complementação ao trabalho desenvolvido pelo sistema regular de ensino; c) Possibilidade de promoção da educação continuada; d) Divulgação de programação cultural, de acordo com o interesse da audiência; e) Elaboração de textos didáticos de apoio aos programas instrutivos; f) Avaliação dos resultados

de utilização dos horários da Portaria nº 408/70 pelas emissoras de rádios. (Ibid, p.55)

Com relação à verificação da aprendizagem, a Equipe Nacional do Projeto Minerva elaborava três testes de cada disciplina que seriam fornecidos às UF para aplicação e registro. Era dada total liberdade às Secretarias Estaduais de Educação para elaborarem outros instrumentais com o mesmo fim, em atendimento ao tipo de avaliação que desenvolviam no processo ou fora do processo. (CASTRO, 2007, p.55) De outubro de 1970 a outubro de 1971, o projeto atendeu a 174.246 alunos, sendo 61.866 de cursos já concluídos e 112.380 nos cursos em andamento. De outubro de 1971 a dezembro de 1971, 96.939 concluíram os cursos, sendo 2.130 em Recepção Isolada, 1.033 em Recepção controlada e 93.776 atendimentos em 1.948 radiopostos. (Ibid, p.56)

A partir de abril as emissoras de rádio e televisão inauguram uma nova programação educativa, criada por meio de convênio entre o Ministério da Educação, a Fundação Roquette Pinto e a Associação Brasileira de Rádio e Televisão (Abert). Com o objetivo de atualizar professores e estimular o envolvimento das comunidades com a educação, a programação enterra de vez o antigo Projeto Minerva, criado na década de 70 e suspenso há um ano, por iniciativa do governo Collor. (Ibid, p.57)

De certa forma, o Projeto Minerva foi um laboratório de experimentação que permitiu avaliar as possibilidades do uso do rádio educativo. (Ibid, p.57)

No Projeto Minerva Curso Supletivo de 1º grau, a disciplina de matemática compunha-se de 94 rádios-aula, sendo 90 aulas dedicadas ao desenvolvimento dos conteúdos e quatro aulas de revisão desses conteúdos. (Ibid, p.61)

O Projeto Minerva nasceu no início da década de 1970 (pelo menos, os seus cursos radiofônicos pela rádio MEC). Devemos analisar fatos ocorridos há mais de 30 anos. Hoje, a realidade é outra. Mas vou cumprir a tarefa. Respondendo à primeira questão, os objetivos do ensino da matemática concentravam-se na idéia de valorizar o aprendizado da ciência dos números, ligando os seus elementos ao cotidiano. Houve muita dificuldade quando os sistemas de ensino adotaram a teoria dos números (Matemática Moderna), pois os critérios foram, então, modificados com prejuízo para os conhecimentos universais, como a geometria euclidiana. A transição de uma forma para outra foi traumática. (Ibid, p. 75)

O Projeto Minerva utilizou um veículo de comunicação de massa de maior penetração para a época e praticou a EAD com modernidade. Como se pode observar, a EAD através do rádio não é uma experiência tão recente em nosso País. Portanto, é de suma importância recorrer ao acervo de informações existentes para dar passos concretos e conscientes na caminhada em direção à utilização da mídia na educação a distância. (Ibid, p.83)

Um dos problemas enfrentados pela matemática no Projeto Minerva foi a ausência de imagem, pois esta se caracteriza por ser simbólica. Mesmo acompanhando as aulas pelo jornal do telecurso e contando com a presença do orientador de aprendizagem, houve dificuldades na compreensão do conteúdo pelo rádio. /.../ Sem dúvida, a matemática no Projeto Minerva foi uma experiência grandiosa e desafiadora para a EAD. (Ibid, p. 84)

Simone da Silva (2012) estudou o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) na cidade de Araras, interior do Estado de São Paulo. Seu trabalho não trata especificamente do Projeto Minerva. Entretanto, dada a grande proximidade entre os temas, dado que muitos consideram ambos os projetos, de certo modo, vinculados, posto que um é visto como decorrência do outro¹⁴, há nesse estudo algumas menções ao Minerva. A autora disponibiliza, em anexo ao texto de sua dissertação, uma breve descrição do PMi.

Foi organizada toda uma rede de ensino supletivo usando o rádio – o Projeto Minerva – e a televisão, veículo que explorou até mesmo o gênero da novela com intuito educativo. “O treinamento dos alfabetizados também se faz com o apoio do rádio — convênio com o Projeto Minerva —, tendo alcançado, em 1972, 108.000 alfabetizadores em circuito nacional de radiodifusão com recepção organizada e radiopostos montados em todo o território nacional.” (SILVA, 2012, p. 60)

Ao descrever o caminho percorrido em busca de personagens que trabalharam no MOBRAL na cidade de Araras (SP), a autora comenta:

Sem sucesso na Escola Coronel Justiniano, me indicaram a Escola Estadual Ignácio Zurita. Ao chegar lá, duas secretárias me atenderam e me ajudaram, procurando livros ponto no arquivo morto, e pude identificar uma professora que atuou no Projeto Minerva, em 1976. Elas me indicaram a EMEI Lions Clube como local que o MOBRAL foi realizado. (Ibid, p.164)

Já no *Anexo B*, a autora desenvolve mais extensamente suas ideias a respeito do Projeto Minerva:

ANEXO B – Projeto Minerva

¹⁴ Em uma das entrevistas coletadas para nossa pesquisa (BLOIS, 2011), o MOBRAL aparece como sendo um sucessor do Projeto Minerva, permitindo a alfabetização de pessoas em regiões nas quais o nível de analfabetismo era enorme embora nelas já existisse o PMi em funcionamento. Segundo outro depoente, (DIAS, 2012), produtora do Projeto Minerva, ele nasce justamente para dar continuidade de estudos àqueles oriundos do MOBRAL.

Serviço de Radiodifusão Educativa

Segundo Brasil (1971a) este Projeto foi desenvolvido pelo Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura; iniciou-se em 1º de setembro de 1970 e foi finalmente lançado em quatro de outubro desse mesmo ano. Representou no Brasil uma ação pioneira e, por isso mesmo, enfrentou algumas dificuldades em sua implantação. Isto se explica por vários fatores, dentre os quais cumpre ressaltar a amplitude do projeto, que era de âmbito nacional. O projeto vinha superando as dificuldades, talvez pela própria qualidade de seu instrumento de comunicação – o rádio, este apresentava a vantagem de ser de grande alcance e de baixo custo operacional. Destinava-se o Projeto à complementação do trabalho de sistemas educacionais regulares, à educação de adolescentes e adultos ou à educação continuada. Podia, além disso, abranger qualquer nível de escolaridade, quaisquer setores de divulgação ou orientação educacional, pedagógica ou profissional ou, ainda, prestar informações sobre unidades ou sistemas escolares de interesses das audiências. Poderíamos caracterizá-lo sob dois aspectos: a prestação de informação de interesses educativo e a própria formação educacional. De modo específico cabia ao Projeto Minerva difundir e ministrar, em todo território nacional, os diversos cursos e programas elaborados para cada região e compreendidos nas várias categorias já mencionadas acima. Os diversos programas produzidos pelo Projeto Minerva eram difundidos através de uma cadeia nacional de emissoras comandada pela Rádio Ministério da Educação, cuja transmissão, por microondas, era fornecida pela EMBRATEL – Empresa Brasileira de Telecomunicações. Nas regiões do país em que a EMBRATEL não operava, a difusão era elevada (sic) a efeito através do tráfego de fitas magnéticas, escolhendo-se, em cada Estado, uma rádio monitora, a mais potente, que fornecesse o som às demais. A recepção tinha dois aspectos: organizada e isolada. A recepção organizada era realizada em grupos de vinte e cinco a trinta e cinco alunos que acompanhavam as aulas sob orientação de um líder (monitor), em recinto que dispunha de um aparelho receptor (radioposto), utilizando-se apostilas adequadas ao acompanhamento. Os dados mais recentes (sic) de 1971 demonstravam a existência de 180.000 alunos, organizados em 600 radiopostos. A recepção isolada coexistia no acompanhamento individual das aulas pelo aluno, em sua própria residência. O Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, órgão coordenador do Projeto Minerva, para prover do (sic) necessário apoio ao desempenho de suas atividades, estabeleceu convênios com as seguintes entidades: Agência Nacional, EMBRATEL e Fundação Anchieta. Dispunha o Projeto Minerva de:

- Equipe Central, com função normativa e de produção do Projeto;
- Supervisores Regionais, em 4 (quatro) regiões geográficas: Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul;
- Coordenadores Estaduais, um para cada um dos 25 Estados e Territórios Federais;
- Elencos de Rádio-Teatro, 2 (dois) elencos compostos por artistas profissionais que gravam os cursos; e
- Produção Pedagógica, uma equipe responsável pela adaptação e versão de cursos produzidos por terceiros e produção de cursos elaborados pelo Projeto. Entretanto, a concretização dessa experiência demonstrou elementos negativos como a flutuação de matrícula e evasões durante o

curso. Além disso, a Avaliação do rendimento dos alunos não foi concretizada, tendo os mesmos sido encaminhados e orientados a prestar exames supletivos (Madureza) que acontecia (sic) duas vezes ao ano sob a responsabilidade do Departamento de Ensino Supletivo- DSU/MEC. (Ibid, p. 236)

Livros

Um dos primeiros livros com que entramos em contato foi *Rádio MEC: Herança de um Sonho* (MILANEZ, 2007), uma edição comemorativa que traz diversos depoimentos e muitos registros fotográficos relacionados à Rádio MEC. No livro, algumas das referências ao Minerva são os recortes que seguem apresentados:

Projeto Minerva

O jornalista Idelfonso da Silveira Brum, um dos organizadores do *Projeto Minerva*, me possibilitou a maior experiência de minha vida: fazer educação a distância, provando que o sonho de Roquette-Pinto era um sonho possível /.../ Ser coordenadora nacional do *Projeto Minerva* permitiu-me levar os ideais da Rádio MEC a todos os recantos do país, disseminando assim a crença do poder da educação pelo rádio. (depoimento de Helena Teodoro em MILANES, 2007, p. 153)

Foi uma época áurea na Educação, com valorização do trabalho que se fazia, respeito às pessoas envolvidas, que se dedicavam cada vez mais porque acreditavam na educação a distância e porque os resultados obtidos provaram que não eram em vão os nossos esforços. /.../ Visitamos radiopostos situados em regiões onde nem luz elétrica havia, mas os alunos não esmoreciam, levavam velas, não faltavam. /.../ Havia, ainda, naquela época, reciclagem para a equipe central, ou melhor, para nós da Rádio MEC, para que pudéssemos estar sempre atualizadas /.../. O *Projeto Minerva* foi avaliado pela UnB e seu êxito reconhecido. (depoimento de Maricéia Drumond da Silveira em MILANES, 2007, p. 153)

1970 - Publicação da Portaria Interministerial MEC/Minicom nº 408, que estabelece o horário obrigatório e gratuito a todas as emissoras de radiodifusão para transmissão de programas educativos. Em 4 de outubro, surge o *Projeto Minerva* sob a coordenação do S.R.E. do MEC. Na primeira fase, o projeto beneficiou 175 mil alunos ouvintes, em 19 estados. Na segunda fase, foram produzidos 560 programas-aula e beneficiados 370.381 alunos, em 3.813 municípios. (MILANES, 2007, p. 217)

1976 - Heitor Salles é nomeado diretor. Permanece até 1982. Durante a sua gestão termina o *Projeto Minerva*. (Ibid, p. 218)

Em nossa última visita à SOARMEC, relativamente escondidos em meio a algumas caixas, havia alguns livros que a secretária nos informou serem obras publicadas pela Sociedade. Dentre os títulos, um, especialmente, nos chamou atenção: *O Rádio Educativo*

no Brasil: uma visão histórica, de Fábio Prado Pimentel (2009). Trata-se de uma monografia em que o autor, funcionário da Rádio MEC, reserva um tópico específico ao Projeto Minerva:

O objetivo geral do Projeto Minerva era transmitir, através do rádio, programas educativos e culturais, aperfeiçoando o homem dentro da sua própria comunidade, e permitindo o seu desenvolvimento individual e coletivo. Os objetivos específicos mostravam cinco pontos básicos a serem alcançados: (1) A renovação e o desenvolvimento do sistema oficial de ensino e a difusão cultural; (2) O planejamento e a utilização dos horários reservados pela Portaria 408/70 para a programação educativa; (3) A complementação das atividades regulares do sistema oficial de ensino brasileiro; (4) A possibilidade de uma educação continuada; (5) A divulgação de programação cultural do interesse das comunidades antigas. /.../ O Projeto Minerva se estruturava em quatro coordenações: Planejamento, Atividades Educacionais, Comunicação e Administração, e estas se dividiam em setores responsáveis por atividades específicas. (PIMENTEL, 2009, p.67)

O Projeto Minerva vai identificar seu público alvo entre aqueles que estavam impossibilitados de participar do sistema oficial de ensino, não pretendia interferir diretamente na área de atuação do MOBREAL, o que levou à criação do Curso Supletivo de 1º Grau – Segunda Fase – visando o aluno adulto, a partir dos 17 anos, que tivesse um nível de escolaridade relativo ao antigo Primário completo ou Ginásial incompleto. (Ibid, p.71)

Entrevistas

De todas as entrevistas disponíveis no *site* da SOARMEC – em sua maioria dadas a Renato Rocha¹⁵ –, selecionamos excertos daquelas em que havia referência explícita ao Projeto Minerva, estas se encontram em negrito na listagem abaixo. Há, no site, registros das entrevistas com Fernanda Montenegro, Cristiano Menezes, **Roberto Monteiro**, Allan Lima e Yeda Oliveira, **Marlene Blois**, **Luiz Carlos Saroldi**, Cláudio Bojunga, Beatriz Roquette-Pinto, **Lauro Gomes**, Sergio Viotti, Paulo Santos, Eduardo Fajardo, Artur da Távola, Nelson Tolipan, **Hamilton Reis**, **Marlos Nobre**, Luis de Castro Farias, Sergio Vasconcelos, Zito Batista Filho, Steve Spencer, Lilian Zaremba, Paulo Autran, **Renato Rocha**, Fernando Segismundo, Edino Krieger, **Solange Leobons**, Cleonice Berardinelli, **Pedro Paulo Colin Gill**. Posteriormente, encontramos no mesmo *site* uma entrevista com

¹⁵ Renato Rocha é ex-funcionário da Rádio MEC e atualmente auxilia a SOARMEC. Renato Rocha foi redator das aulas de Matemática do Curso Supletivo de Primeiro Grau do Projeto Minerva e participou da entrevista que realizamos com Marlene Montezi Blois, em 2011.

Domício de Proença Filho, que já sabíamos ter trabalhado na produção de material para o Minerva.

Roberto Monteiro, conhecido como “Betinho”, trabalhou por muito tempo na Rádio MEC como técnico de transmissão e gravação. Em sua entrevista ele descreve cada gestão da Rádio e como elas, segundo seu ponto de vista, contribuía para (ou retrocediam quanto a) ampliação e melhoria da Rádio em seus aspectos técnicos e tecnológicos:

Amigo Ouvinte [(AO)] - Nessa época tinha o Projeto Minerva, não é?
BETINHO - Tinha. Eu peguei o Minerva e depois virou Portaria 568. Era ótimo: a gente preparava as três máquinas porque eram três programas diferentes. Distribuía um programa para a Rádio Nacional, que distribuía para algumas emissoras; para a Rádio Globo ia um outro programa. Vamos dizer: um era aula de Matemática; outro, de Português; e o outro, de Estudos Sociais, e a Rádio MEC transmitia. Algumas rádios 'linkavam' com a gente. Então eu tinha que fechar os pets, e na caixa da fita vinha o número da LP (Linha Privada) que a gente ia usar, endereçando: esse programa vai para a Rádio Globo; esse, para a Rádio Nacional... Era muito organizado. Eu gostava porque rodava aquela manivelinha do magneto e lá, na Rádio Globo, atendiam. Foi quando eu conheci o Cafuringa: "Ah, é o Cafuringa? É o Betinho, da Rádio MEC. Está chegando o áudio direitinho?" Eu adorava. Isso aqui era bom demais.

AO - E você sentia alguma espécie de segregação entre o pessoal do Projeto Minerva e o pessoal da Rádio?

BETINHO - Existia sim, porque o Projeto Minerva tinha dinheiro. Tinha recursos para as professoras irem para os estados. O "Esporte para Todos" tinha, mas a programação da AM não tinha, entendeu? Eu recebia cachê através do "Esporte para Todos", porque a Rádio mesmo não tinha dinheiro para contratar. A verba do pessoal, dos atores, saía por um outro negócio qualquer. Se uma produção da casa quisesse montar um elenco e usar, não tinha recursos. A discriminação existia, mas não entre os colegas. E existia também o pessoal que era do SRE (Serviço de Rádio Educativo), e teve uma época que fizeram uma opção. Mas, nessa época, houve uma distribuição: um monte de gente saiu da Rádio. Foi em 82, na época do Luiz Brunini, que foi quando começou a estragar a Rádio. (MONTEIRO, s/d)

Marlene Blois é a ex-produtora do Projeto Minerva que também nos concedeu entrevista. Na entrevista dada ao *Amigo Ouvinte*, tem-se:

Amigo Ouvinte (AO) - E o que você fazia?

[Marlene Blois] (MB) – Nós trabalhávamos em grupo, planejando o curso que seria a grande novidade do Minerva. Atendendo à nova lei, a 5698, nós oferecemos o Curso Supletivo de 1º grau – que passaria a ter 8 anos, juntando o antigo primário com o ginásial. Teríamos que pensar num supletivo com grandes inovações. Os quatro primeiros anos ficavam a cargo do Mobral, mas os alunos saíam do Mobral e queriam continuar os estudos, então o governo tinha que oferecer alguma coisa que desse terminalidade de 1º Grau, e era essa a função do Minerva, que estava

inserido nessa proposta de Brasil Grande, onde era preciso dar educação à massa, melhorar as condições de escolaridade do trabalhador.

/.../

A.O. - Quantos alunos participaram do Minerva?

MB – Eu não tenho mais esse registro, mas nós tivemos bem mais de 200 mil alunos que fizeram os cursos. Há um tempo atrás fui a Campos, aqui no nosso Estado, e encontrei uma professora que tinha sido monitora do Minerva. E ela me contou experiências que aconteceram em Campos, com o pessoal das fazendas de cana-de-açúcar. Eu fiquei maravilhada. Falou de gente que teve oportunidade de ascender a partir das portas que se abriram com o curso pelo rádio. Foi emocionante!

/.../

Na verdade, como tudo que aconteceu naquele período, o Projeto Minerva ficou estigmatizado por ter sido uma iniciativa dos governos militares. O rádio educativo perdeu quando começou o desmonte da rede que havia sido formada. E havia outra pressão paralela: a dos donos das emissoras, via a poderosa ABERT. Por que? Porque as emissoras de rádio, que já tinham que ceder o horário da Hora do Brasil, ainda tinham que disponibilizar a meia-hora seguinte para oferecer educação ao Minerva.

/.../

A.O. - A Portaria [568] foi revogada?

MB - Foi sendo alterada. A cada nova discussão era baixada mais uma portaria: a bancada dos radialistas no Congresso crescia e era forte. O Ministério da Educação com o Ministério das Comunicações e mais a ABERT no meio dessa história, e a educação foi perdendo espaço, até ficar reduzida à produção de *spots*¹⁶ apenas – a televisão e a rádio produziam *spots*, e as rádios veiculavam na hora que quisessem – e aí o Minerva acabou.

A. O. - E havia censura, no Minerva?

MB - Sim. Havia os "censores", aqui dentro, lendo todos os roteiros. E eu acho que era até nessa sala onde nós estamos agora [a sala 201] que os infelizes liam, principalmente, os roteiros das aulas de história, de Educação Moral e Cívica... (BLOIS, s/d)

Luis Carlos Saroldi atuou profissionalmente no *Jornal do Brasil*. Após se afastar do rádio e trabalhar com publicidade é convidado a trabalhar na Rádio MEC, tendo como porta de entrada o Projeto Minerva:

Mas depois de abril de 64 pedi demissão da Standard. Passei a ser *free lancer* de publicidade em vários lugares e a dirigir teatro na então Universidade do Estado da Guanabara. Mas o clima político também não me permitiu seguir adiante. Sobrevivi algum tempo numa espécie de marginalidade, escrevendo teatro e redigindo publicidade. Até que, por volta de 72, o Célio Alzer me chamou para dividir uma quantidade de programas que ele produzia para o Projeto Minerva, e comecei com uma série para Mossoró - uma experiência de ação comunitária pelo rádio.

AO - Que lembranças você tem do clima da Rádio nesse momento?

¹⁶ São pequenos programas publicitários de curta duração, geralmente falados, ao contrário dos *jingles*, que são cantados - nota nossa.

LCS - Aquele início também me levou a radiofonizar a série Quem Conta um Conto. O Allan Lima era o diretor da Rádio. Eu escrevia, entregava os *scripts* e alguém produzia. Eu não gostava muito do resultado, nem o Allan. Aí ele pensou que eu poderia dirigir o radioteatro, e levou meu nome ao superintendente, que era o Avelino. No dia marcado para assinar o contrato, o Avelino voltou atrás, sem maiores explicações, deixando o Allan contrafeito. Comecei a somar com outras coisas e descobri que o meu nome não era bem visto nos meios oficiais, talvez pelo que eu havia escrito em matéria de teatro. Com isso, eu não entrei para a Rádio MEC naquele momento. (SAROLDI, s/d)

Lauro Gomes iniciou sua atividade na rádio em 1974, como supervisor de gravação e programador: coordenava as equipes de locutores e técnicos de gravação. Ao comentar dos locutores ressalta:

Ela, Guilherme de Souza, que está conosco até hoje, e o José Assis, que se aposentou. Tinha o Willian Mendonça, que faleceu, que também gravou muito aqui, o Sérgio Chapellin¹⁷ que começou na Rádio MEC, ele começou novinho aqui, a primeira experiência foi aqui, depois é que ele ficou famoso. E aí voltou pro Minerva. Mas ele começou aqui, como Fernanda Montenegro, que eu só fui conhecer no teatro. (GOMES, 2002)

Mais à frente, perguntado sobre Karabtchevsky¹⁸:

[Lauro Gomes] LG - O Karabtchevsky fazia muito programa, aqui, também. Eram sobre aspectos orquestrais - ele comentava a obra sinfônica que ia ser tocada. Naquele tempo, muita gente também trabalhava no Projeto Minerva, mas não participava muito dentro da Rádio. Era uma coisa um pouco estanque, o que era o caso do Karabtchevsky e dos locutores que só gravavam pro Minerva, como o Chapellin e o Cid Moreira¹⁹. (Ibid)

Hamilton Reis (HR) teve várias funções na Rádio: atuou de mensageiro a locutor, de técnico a electricista, um verdadeiro *factotum* da Rádio MEC:

HR - Realmente, na administração dele [Avelino Henrique], em termos de equipamentos, foi quando a Rádio MEC "se fez". Foi a época do Minerva. Poucas pessoas da Rádio MEC foram aproveitadas no Projeto Minerva – e tínhamos bons elementos, inclusive na parte técnica. Fizeram dentro da Rádio Ministério uma outra rádio, quer dizer, a Rádio cedeu só as instalações. Tudo era concentrado para o Projeto Minerva, eles tinham

¹⁷ Sérgio Vieira Chapellin iniciou sua carreira no rádio, migrando posteriormente para a televisão onde apresentou programas jornalísticos e de variedades, como o Jornal Hoje, o Jornal Nacional, o Fantástico e o Globo Repórter, todos veiculados pela Rede Globo de Televisão.

¹⁸ Maestro Isaac Karabtchevsky, esteve à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira por 26 anos. Hoje dirige a Orquestra Petrobras Sinfônica e a Orquestra Sinfônica de Heliópolis.

¹⁹ Cid Moreira, narrador e apresentador. Um de seus trabalhos de maior destaque foi o de âncora do Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão, que exerceu por quase 30 anos.

prioridade em tudo – o Mobral também, que ficou aqui depois. (REIS, s/d)

Marlos Nobre (MN), radialista e músico, atuou como compositor, pianista e regente. Iniciou na Rádio MEC em 1962, como baixo-barítono no Coro da Rádio.

AO – Ainda é possível trazer de volta a Orquestra para a Rádio?

MN - Eu não sei, acho que não. Acho que não interessa mais... Sabe por quê? Vou dizer: são caros. Não vejo estrutura que seja possível colocar aqui. Se você pensar que os ensaios eram feitos no 6º andar, sem ar condicionado. Quando entrou um novo diretor, que não me lembro agora, ele acabou com aquilo e decidiu fazer ali o Projeto Minerva. Pegou a Orquestra e chutou ela lá de cima – era sempre assim. Eu tinha medo das férias. Porque a Orquestra entrava de férias e quando voltava não tinha lugar para a Orquestra. Um esforço que a gente fazia pra poder ensaiar... (NOBRE, 2005)

Outra entrevista com referências ao Projeto Minerva é a de Renato Rocha (RR), que foi redator de Matemática do Projeto Minerva:

AO – Quando e como você veio trabalhar na Rádio?

RR – Comecei em 1973, como redator do Projeto Minerva, que funcionava no 6º andar. O Roberto Braga, que já era redator, foi quem indicou meu nome. A minha chefe era Maria Eugênia Stein, e o diretor de produção, o Guiaroni. A seleção dos candidatos era feita por meio de uma prova prática: escrever um programa de quarto-de-hora sobre tema apresentado, em duas laudas de material bruto. O Guiaroni aprovou e comecei a trabalhar. Na verdade, ele e o Floriano Faissal, que era o diretor de gravação do Minerva, foram meus professores de rádio.

AO - Quem eram os outros redatores?

RR - Além do Braga, o Célio Alzer, o Tyrone Feitosa e a Denise Faissal. Um para cada dia da semana. Radiofonizávamos o material bruto gerado por professores de matemática, português, história, etc. Mas havia produtores para a educação não-formal, como o Clóvis Paiva, o Arnaldo Niskier, o Aurélio Buarque de Holanda e o Ronaldo Mourão. (notinhas de rodapé breves para cada um desses nomes, indicando sempre, ao final “nota nossa”)

AO – O Guiaroni era o responsável pela parte radiofônica. E o responsável pela didática?

RR - Era a professora Solange Leobons, secundada por Marlene Blois e um núcleo de pedagogas que aprovavam nossos *scripts*. E elas também mastigavam o material bruto, gerado por professoras externas. O meu, por exemplo, vinha de Belo Horizonte.

AO – Como era o trabalho de um redator?

RR - Cada um de nós tinha que escrever 100 programas, ao todo. Vinte por mês. Eu, como fui o último a ser admitido, fiquei com o que restou, o curso de Matemática, ou seja, tive a sorte de começar pelo mais difícil: tornar radiofônico um assunto predominantemente visual, como a matemática – e é o caso também do ballet, da pintura, do xadrez, etc... É possível focalizar aspectos desses assuntos, mas eles não são assuntos radiofônicos, por excelência.

/.../

AO – E como era o formato dos programas?

RR - Os primeiros eram aulas mesmo, com locutores professorais mandando ver no conteúdo. Programas chatos, para quem não precisava daqueles conhecimentos, e muito úteis para o ouvinte interessado. Depois, comecei a lançar mão de personagens e experimentar esquetes de radioteatro, mas o assunto era muito árido. Eu estava trabalhando com as limitações e impossibilidades do veículo. Virou uma provação, e eu precisava daquele salário. Um dia, lá pelo programa 30, pendurei uma fita métrica na parede e, a cada programa, eu cortava um centímetro, para visualizar o quanto ainda restava. Quando faltava uns quarenta, aconteceu o que eu temia: embatuei – não conseguia fazer a coisa.

AO – Qual era o assunto da aula?

RR - Não lembro. Acho que geometria. Eu simplesmente não conseguia... A única coisa a fazer seria orientar o ouvinte a consultar o fascículo e pedir ajuda ao monitor, que ouvia os programas junto com o aluno. Quando fui entregar os *scripts*, abri o jogo para as pedagogas e examinamos juntos o material bruto. Elas concordaram comigo. Conferimos também o material da semana seguinte, e encontramos outro conteúdo de doer. Depois, fui embora, levando o material que dava para trabalhar – naquele tempo nós trabalhávamos em casa –, sem saber que havia criado um impasse.

AO – Quem eram as pedagogas?

RR - Era assim que chamávamos, carinhosamente, as professoras especialistas em educação, uma porção de moças e jovens senhoras, a Regina Salles, Mauricéa Drummond, Yedda Brandão, Lourdes Favilla e a Amelinha (Helena Amélia Silveira – NR). E tinha também a Virginia Palermo, que ficava mais na produção radiofônica.

AO – E como foi resolvida a coisa?

RR - Bem, ao que parece, nunca havia surgido um problema parecido com aquele. Uns dias depois, telefonaram pedindo que eu me apresentasse no gabinete do diretor da Rádio – que eu só conhecia de nome. Foi a primeira vez que fui ao gabinete. E aqui cabe outra explicação. O Projeto Minerva era um apêndice dentro da Rádio MEC. Funcionava no sexto andar e era tocado por recém-contratados. Havia um certo *apartheid*, e a força de trabalho do pessoal da rádio não era bem aproveitada. Meus textos, por exemplo, eram gravados pelo Cid Moreira, pelo Chapellin, ou pela Zezé Maravilha ou pelo Pereio²⁰ ou pelo Eliakim Araújo²¹, e não pelos locutores da casa. Os únicos profissionais da rádio que participavam dos programas eram os técnicos de som. Com isso, nós freqüentávamos só os estúdios do 4º andar e as salas do 6º, que abrigavam a direção e o corpo técnico do Projeto Minerva.

AO – E o que aconteceu no gabinete?

RR - Não cheguei a entrar: o diretor estava na ante-sala, já saindo, com alguns auxiliares. Era o Avelino, um paraense bem humorado. Ao saber que eu era o tal redator problema, ele juntou as mãos e fez um arremedo de genuflexão, implorando que eu continuasse a série. Era um gesto de

²⁰ Paulo César de Campos Velho ou Paulo César Pereio, é um ator brasileiro.

²¹ Eliakim Araújo apresentou diversos jornais em sua carreira, entre eles o Jornal da Globo (Rede de Globo de Televisão), Jornal da Manchete (da extinta TV Manchete), Aqui e Agora, e Jornal do SBT (os dois últimos do Sistema Brasileiro de Televisão). Atualmente reside nos Estados Unidos, e continua trabalhando com Jornalismo.

brincadeira, mas cheio de simbologia. Lembra aquela do soldadinho que se recusa a cumprir a ordem e acaba colocando o general em cheque? Resultado: enviaram-me a Belo Horizonte, para conversar com a autora do material bruto... Examinamos os assuntos do resto da série, conversamos sobre as limitações da linguagem radiofônica, e sugeri que ela escrevesse pensando no ouvinte cego. As coisas melhoraram um pouco, mas até hoje não sei como consegui completar os 100 programas. É possível que esses *scripts* ainda existam. Seria curioso ler alguns, hoje. (ROCHA, s/d)

Solange Leobons (SL) foi produtora do Projeto Minerva e alguns trechos desta mesma entrevista ao Amigo Ouvinte nós já utilizamos em outros ensaios desta tese:

AO – Você é uma das principais responsáveis pelo trabalho feito no Projeto Minerva na Rádio Ministério da Educação. Como você foi para lá?

SL - Eu trabalhava na Secretaria de Educação do Estado com as professoras Arlete Pacheco e Marlene Blois. Aí, em 1972, deu-se uma brecha e a Marlene me convidou. Eu tinha a mesma formação da Marlene, ou seja, fizemos a Faculdade juntas, de Letras. O trabalho era justamente verificar os *scripts*, acompanhar a evolução da produção, porque se estava pretendendo fazer um curso novo, curso supletivo: até então o Minerva usava as produções da Fundação Anchieta ou da FEPLAN do Rio Grande do Sul.

/.../

AO – Houve alguma discussão prévia sobre tempo das aulas, tempo de escuta?

SL - Houve. As aulas eram de quinze minutos, sete laudas e meia. E eram duas aulas de cada vez. Por exemplo, um dia tinha Português e História, outro dia Matemática e Ciências. Não passava de duas aulas, e depois teve Educação Artística e Informação Profissional, do José Cavaliéri. Então, tendo o texto feito pelo especialista, o conteudista, e tendo o programa de rádio, era preciso que tivesse material de apoio para o aluno. Fizemos uma concorrência e a Abril imprimiu os fascículos. Nós da equipe do Minerva, essa equipe de professores que nós tínhamos lá, acompanhávamos toda a produção. Cansamos de ir a São Paulo, eu, Marlene e outras, para examinar se o conteúdo, se a disposição estava de acordo com as expectativas. Isso posto, programa pronto, fascículo pronto, os fascículos eram dados gratuitamente. Só na última veiculação, que foi em 1979, é que já não havia mais dinheiro. Então esses fascículos eram enviados para os coordenadores locais, que redistribuíam.

/.../

AO – Como surgiu essa portaria 408 (com a obrigatoriedade de veiculação de programas educativos por todas as emissoras no Brasil)? Essa portaria já existia nessa época?

SL - Já existia. A portaria saiu e para isso o Minerva foi criado: sábados e domingos, programação cultural; e durante a semana, cursos. Como nós não tínhamos produção, já que a portaria é anterior ao curso, nós usamos primeiro a produção da Fundação Padre Anchieta e da FEPLAN.

/.../

AO – Essa avaliação de São Paulo, ela diz o quê? Ela diz que sim, as pessoas tiveram progressos?

SL - Tiveram progresso, conseguiram ser aprovados nos exames. Porque aí todos iam fazer os exames do Supletivo de São Paulo, com as mesmas dificuldades, em todo o Brasil, que aparecem até hoje. As grandes dificuldades que tem em matemática, porque eles têm muita dificuldade. Então foi a melhor em termos de análise.

Outra coisa que a gente descobriu é que as emissoras não cumpriam a portaria. Transmitiam hoje uma aula de português, amanhã não transmitiam a de matemática. Então, não tinha uma continuidade. É um curso, portanto, tem que ter uma continuidade. E não tinha essa continuidade.

AO – O fato de São Paulo ter monitores mais qualificados foi capital?

SL - Foi, porque se o aluno tem uma dificuldade e o monitor também, como fazer? Temos uma experiência: o Minerva produziu um curso para o Mobral, e quando nós chegamos num teleposto, a moça estava com o *script* e disse: “Olha, a senhora desculpe, mas eu não sei cantar essas musiquinhas.” Eram as vinhetas musicais. Então, tudo isso mostra que há uma série de variáveis intermitentes nisso, impossíveis de serem controladas por uma equipe situada no Rio de Janeiro. Por isso, eu falo que a melhor solução é delegar, descentralizar e diversificar. Delegar a portaria; descentralizar para os Estados terem a sua própria produção; e diversificar de acordo com a necessidade daquele Estado.

/.../

AO – Você acha que em termos de educação no rádio, as aulas feitas pelo Minerva acrescentaram alguma coisa? Inovou em alguma coisa?

SL - Inovou e deu oportunidade a pessoas que não tinham oportunidades, porque não tinham escolas, não tinham cursos supletivos. Nós temos uma experiência aqui com as Irmãs Clarissas: eram 11 irmãs Clarissas. Uma vez uma me entra dentro do Minerva e: “Professora nós só temos da 1ª a 4ª série, somos enclausuradas, não podemos sair do convento para frequentar a escola, a senhora não podia colocar o projeto Minerva?”. Então nós colocamos o Minerva lá e a equipe do Minerva ia para fazer as avaliações. Foi um sucesso, todas elas. O quê que havia? O empenho delas, o desejo. Tinha gente que estudava por fascículos nos territórios, e passava para universidade. Quer dizer, os conteúdos eram eficientes? Eram. Os programas radiofônicos eram eficientes? Eram. O programa de matemática é que, você sabe, sempre é discutido. Porque você dá uma equação de 2º grau – 2 que multiplica não sei o que ao quadrado — , quando acaba de dizer essa sequência, perdeu. Porque o aluno, quando está ouvindo o rádio, o fascículo está fechado – porque ele é discutido depois da aula, não é dentro da dinâmica. Então, 2 que multiplica não sei o que... já perdeu. Já se tentou fazer cortina de silêncio; já se chamou aquele violonista, acho que era o Manoel da Conceição, mas quando ele tocava o violão, qual era o efeito no aluno? Era o som que chegava a ele. Então, nós procuramos levar muito a sério, mas há problemas. O Sangiorgi conta uma experiência. Uma vez, dirigindo o carro, ouviu: “2 que multiplica não sei que lá.... Acabamos de ouvir uma aula produzida pelo professor Sangiorgi”. Ele disse que parou o carro e voltou para a Fundação Anchieta, porque, ele disse: “Ninguém é capaz de pegar uma equação dessa maneira”.

/.../

AO – Vocês usavam radioteatro ou outros recursos?

SL - Não usávamos; nós preferíamos o formato aula. Porque achávamos que a experiência da TVE com o Projeto Conquista, que era uma

novelinha, não tinha dado certo. Então o que acontecia? Era um casal de namorados, uma Malhação²², mais ou menos, só que, de vez em quando, no meio da Malhação entrava o conteúdo de Matemática. Ora, quem estava interessado no namoro não prestava atenção; e quem estava interessado no conteúdo de Matemática tinha que aguentar o namoro. Então nós fugimos desse formato. Conversamos com alguns ex-alunos e eles diziam que não se sentiam prestigiados com o Teatro do Projeto Conquista, porque eles achavam que era uma brincadeira, então eles queriam aula, mas aula radiofônica. Tanto que a gente não deixava abrir o fascículo, quer dizer, essa era a orientação. Dizíamos: “Hoje nós vamos ter aula de Português número 6, e História número tal, e aí — tá na hora do ‘Projeto Minerva’”, eles ligavam o rádio e fechavam o fascículo. Quando terminava, o monitor então verificava com eles as dúvidas — estou voltando para a mecânica — para fazer a avaliação que estava na própria proposta de aula. Então eles gostam desse formato, isso eu posso te garantir.

/.../

AO – Então o problema era menos da produção de conteúdo e mais da fiscalização do sistema?

SL - É. A produção formato aula era eficiente, o tempo era suficiente, a não ser em Matemática – Matemática é sempre uma dificuldade.

AO – Tinha problema também da recepção?

SL - Pois é isso que eu estou dizendo: baixavam a potência do rádio, não se entendia. Então, eu acho que o que precisava era fiscalizar melhor e descentralizar, no sentido de fazer uma programação mais adequada às características locais. Não que se tirasse o cunho nacional, mas também se botasse alguma coisa de regional. Em Educação Artística nós conseguimos isso com a Maria de Lurdes Mader. Ela conseguia dizer: “Vamos fazer com o barro local, com a mistura de terra local, aquelas garrafinhas de cor.” Então, ela fazia uma programação voltada para o artesanato local. Mas por quê? Porque o conteúdo de educação artística é um conteúdo mais livre. Então ela pode adaptar essa realidade. Por isso que eu acho que descentralizando e analisando pelo programa do IRDEB (Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia), as falhas do IRDEB são outras, mas você consegue uma programação mais adequada.

AO – Por que, apesar de toda sua dedicação, você resolveu sair? Como foi a sua saída?

SL - Eu resolvi sair porque, quando terminou o primeiro curso completo, as quatro etapas, eles ansiavam para fazer um supletivo de segundo grau. Bom, então vamos fazer um supletivo de 2º grau, já que nós estamos tendo sucesso com o de 1º grau, vamos fazer de 2º grau. Aí o Heitor – nessa época tinha o curso supletivo da Abril, Telecurso de 2º grau – disse: “Não vou produzir de novo, vamos usar o Telecurso de 2º grau.” E eu achei que isso era um retrocesso, porque a gente estava voltando à fase de usar programação dos outros. Fui voto vencido, ele não aceitou e eu sou cabeçuda, disse: “vou me embora.” Aí fiz minha carta de demissão e mandei para ele. E o Heitor, o que ele fez? Ele fez o convênio com a Fundação Roberto Marinho. (LEOBONS, 2009)

²² Novela voltada ao público adolescente, transmitida pela Rede Globo de Televisão.

Pedro Paulo Colin Gill, bastante conhecido por suas participações em programas humorísticos da TV Globo, foi produtor na Rádio MEC, estreou no rádio ainda criança, no ano de 1949, e em sua entrevista há uma menção ao Projeto Minerva:

PPCG - No final de 1969. Estava eu caminhando pela Avenida Rio Branco, e quem vem na minha frente? Allan Lima. “Pedro Paulo! Precisava falar com você. O destino botou você na minha frente! Precisamos convocar aquele pessoal do nosso tempo de rádio. Porque a Rádio vai iniciar um projeto de caráter nacional, de educação a distância. Vai se chamar Projeto Minerva, e eu estou na coordenação junto com a Helena Theodoro. Vamos para lá!”. Aí eu fui. Que sorte! Consegui a transferência de Ministérios, porque naquele ano isso foi permitido. Então fui transferido do Ministério da Fazenda para o Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação. Aí eu chorei. Choro até hoje. Foi uma maravilha. Vim para cá. Virei funcionário da Rádio MEC e foi uma realização pessoal. E começamos a fazer programas. Eu vim com o objetivo de fazer aulas, porque eu já estava formado, já era sociólogo: aulas de Estudos Sociais para o Projeto Minerva. Foi uma honra porque quem era o produtor das aulas de português? Domício Proença Filho. Matemática: Jairo Bezerra... Bom, aí começamos a fazer, e o Projeto Minerva explodiu. Foi um trabalho muito bonito, foi de princípio de 1970 até 1983. Depois acabou. Acredito que cerca de dois milhões de brasileiros tenham sido beneficiados. (GILL, 2009)

Domício Proença Filho (DP), que atuou na produção das aulas de Língua Portuguesa do Projeto Minerva, desde 2006 é membro da Academia Brasileira de Letras. Sua entrevista traz várias referências ao Projeto Minerva:

D.P. - Depois veio o Projeto Minerva e eu fiz, praticamente, o curso inteiro²³ do Minerva. Eu fazia as aulas. Foi muito engraçada essa experiência, porque eu pensava rádio, mas pensava localmente. Já no Projeto Minerva eu pensava num programa como um todo. E pensava o roteiro, a sonoplastia, a música, pensava tudo, de tal maneira que o Diretor, Avelino, e o responsável, Floriano Faissal, disseram: “Professor, por favor, o senhor vai obrigar a rádio a demitir quatro pessoas, porque o senhor está fazendo o papel de cinco pessoas: não precisa, basta o senhor fazer o seu roteiro e nós produzimos. O senhor está tirando o papel do sonoplasta, do músico, do diretor.” Mas é que eu só conseguia pensar o programa integrando todas as dimensões. Aí, aprendi que não era bem isso, e, então, passei a fazer o roteiro e botava algumas sugestões – às vezes eu não aguentava e escrevia: “entra música tal, aproveita tal música” – acabei fazendo 100 programas, o que era muito agradável de fazer.

A.O. - Como era o formato do programa?

D. P. - A minha escolha foi centrar o programa pensando no destinatário, que era o pessoal de supletivo de 1º grau, mais adulto. Então era uma linguagem adulta, mas num nível de acessibilidade. Entre as muitas

²³ Refere-se ao curso de Língua Portuguesa, sua especialidade.

experiências que o programa me trouxe, uma delas foi a excelente parceria com o Roberto Braga, filho do Rubem Braga, que se tornou meu amigo, que era exatamente o encarregado do *script*. Ele fez muito bem. A parceria era tão boa que ele não interferia no meu texto, porque eu já dava também o texto praticamente organizadinho, já dava a distribuição com os falantes. Então eu senti que na dinâmica do programa tinha que haver diálogo, e eu já previa os diálogos. E o dia em que eu acertei mesmo, tive um grande acerto, foi o dia em que eu usei metalinguagem, ou seja, um programa de rádio dentro do programa. Era uma situação em que alguém estava ouvindo o programa e fazia a crítica do próprio programa – era uma coisa meio doida. Eu me lembro de um programa que me deu uma satisfação muito grande, onde eu imaginei um motorista de táxi no ponto, na hora do almoço ouvindo a Rádio MEC, ouvindo o próprio programa de português do projeto Minerva. E um colega o interrompia e criticava:

–“O que você está fazendo?”

–“Estou ouvindo o programa Projeto Minerva”.

–“Como? Projeto Minerva?”

Porque o projeto não era muito bem recebido por alguns críticos: era conhecido mais como Projeto “Me Enerva”. Então eu fazia uma coisa muito interessante – fiz, uns dois ou três desses programas em que o interlocutor chegava e dizia pro colega: “Mas você perdendo tempo ouvindo isso.” E nesse programa incorporei a crítica, e o sujeito que estava ouvindo fazia a defesa do programa e convidava o amigo a ouvir e aí entrava o conteúdo do programa. Um dia eu estou no táxi e entra o programa, e eu disse para o chofer: “Aumenta que eu quero ouvir.”

– “O senhor conhece o programa?”

– “Conheço.”

– “O senhor por acaso é o autor desse programa?”

– “Sou.”

Aí, ele começou a elogiar o programa, e não me cobrou a corrida. –“Eu quero agradecer ao senhor. O senhor reconheceu a gente, o senhor fala pra gente, o senhor fala a língua da gente.” Eu fiquei emocionadíssimo com aquilo, valeu a pena. O motorista de táxi se sentiu emocionado porque a classe estava sendo reconhecida de uma maneira dignificante e dando a ele o direito de fazer a crítica do programa. Achei isso muito bom e aí passei a adotar com certa frequência esse exercício de metalinguagem dentro dos programas.

/.../

A.O. - Qual a sua percepção hoje do rádio como veículo educativo? Experiências como o Projeto Minerva e outras podem ter lugar hoje?

D.P. - Acho muito difícil... Diante da força da *internet*, parece que não, porque você tem a possibilidade de ter uma informação muito mais rápida pela rede. Você tendo um convívio com as redes sociais tão intenso, você tendo um programa muito mais rápido pela televisão – e a televisão utilizando uma dimensão que a linguagem do rádio não tem, porque, veja bem, a linguagem do rádio trabalha sobretudo com o som, com a palavra, com a música. O rádio pode simular uma sala de aula, muitas vezes a gente fazia, até usando recursos de humor etc. Mas uma coisa é você ouvir uma aula pelo rádio, outra coisa é você ver uma aula na televisão. E outra coisa, também: você vê que hoje em dia a educação a distância está utilizando a televisão e o reforço pela comunicação escrita. E o rádio não tem esse poder. Esse papel dos cursos de teleducação é o papel que o rádio fazia, o rádio antecipou isso. Agora, evidentemente, esse país é

muito grande, e em determinados lugares onde a televisão não chega o rádio ainda funciona. (PROENÇA FILHO, 2010)

Demais documentos

Das visitas ao Acervo Histórico da SOARMEC e de buscas aos Diários Oficiais da União disponíveis na internet, resultaram outros cinco documentos que mobilizamos, aqui, em nossa proposta de terapia.

A caixa de número 368 contém o texto intitulado *Orientação ao pessoal técnico-administrativo da área de Ensino Supletivo do Estado de São Paulo*, assinado por Solange Leobons e Marlene Montezi Blois, traz uma descrição minuciosa do Projeto Minerva, com 16 páginas, datado de agosto de 1976. O texto, todo datilografado, apresenta um Projeto Minerva detalhadamente quanto ao seu funcionamento e grade de programação do referido ano. Pelo detalhamento da apresentação acreditamos que este texto tenha subsidiado a implantação do Curso Supletivo de Primeiro Grau no Estado de São Paulo. Deste material selecionamos os recortes abaixo:

Podemos relacionar a criação do Projeto Minerva a dois fatores: primeiro, a uma série de medidas legais estabelecidas visando à utilização dos meios de comunicação para fins educativos e culturais e, em segundo lugar, a um melhor aproveitamento da estrutura do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura.

/.../

Já integrado no espírito da lei n 5.692/71, o Projeto Minerva pretende utilizar o rádio para propósitos educativos e culturais, atingindo o homem onde ele estiver e ajudando-o a desenvolver suas potencialidades para que se afirme, tanto como indivíduo quanto como elemento integrante da comunidade.

/.../

O Projeto Minerva, através de sua programação instrutiva e informativo-cultural, atinge a todo o imenso território nacional. O Projeto utiliza-se da EMBRATEL para a veiculação de programas e de emissoras geradoras, através do tráfego de fitas gravadas, onde a EMBRATEL ainda não alcança.

/.../

O Curso Supletivo de 1º Grau – II Fase do PMi pode ser acompanhado em recepção isolada, controlada ou organizada. (a) Recepção isolada: o aluno apenas ouve as aulas; não assume nenhum compromisso de freqüência a radioposto, nem adquire os direitos de ser orientado por um monitor ou supervisor. O ouvinte também não recebe gratuitamente os fascículos. (b) Recepção controlada: o aluno ouve as aulas em casa e se reúne periodicamente, em local e hora determinados pelo supervisor para trabalhos de grupo, explicações relacionadas às tarefas a desenvolver e para a aplicação de testes de verificação de aprendizagem. (c) Recepção

organizada: o aluno frequenta diariamente um radioposto, sob a orientação do monitor, para acompanhar as aulas pelo rádio e desenvolver os trabalhos necessários à fixação dos conceitos enfocados. (MEC, 1976)

Na Caixa 249 do arquivo da SOARMEC há uma carta não datada, de um aluno – Francisco Lopes Azevedo, então com 24 anos – do Projeto Minerva do radioposto “Jayme Canet”, em Curitiba (PR). Trata-se do único documento desta natureza que encontramos em todo acervo e, segundo seus termos, aparentemente, Azevedo é um estudante afetado de modo direto pelo Minerva, talvez formado por ele:

A você Jovem, Senhor, Senhora, enfim, essas tantas pessoas que ainda não consegue ver, nem ouvir, está na hora de você mostrar que é gente, de você provar o gosto da cultura, o valor da comunicação. O Projeto Minerva está aí, esperando por você, para juntos formarmos um elo. Há um futuro grande a sua espera, basta que você se comunique. Então você verá que este País, que hoje é tão jovem, será amanhã um Brasil Maior pelo poder da Comunicação. Por isso o Projeto Minerva não para, ele sabe que neste “GIGANTE QUE CRESCE”, ainda há milhões de Brasileiros que necessitam da Cultura, “MENOS UM”. (AZEVEDO, s/d)

Na mesma caixa de arquivo encontramos um excerto do jornal *O Fluminense*, de 1º de Agosto de 1975, cujo texto, com a manchete “Venceu enfarte e ginásio aos 79 anos. Quer ser professor”, registra a história de um senhor de 79 anos, José Pedro da Mota, concluinte do Projeto Minerva:

Com muito sacrifício e depois de diversas tentativas frustradas, conseguiu concluir o antigo ginásio, em 15 meses, pelo Projeto Minerva. Apesar de sua idade avançada e o coração não colaborar muito com suas aspirações – teve um enfarte recentemente – José Pedro pretende, a partir de março do ano que vem, iniciar a terceira fase do Projeto Minerva que corresponde ao curso técnico de 2º Grau.

/.../

José Pedro da Mota lembra que foi despertado para os cursos ministrados pelo Projeto Minerva, através do rádio e acompanhava, sozinho, as lições. Nesta época residia no bairro do Mutuá, em São Gonçalo e foi justamente quando soube que em Niterói havia sido instalado um radioposto, no Sindicato situado na Rua Visconde de Itaboraí. Para facilitar seu deslocamento, mudou-se para o Porto da Madama, em São Gonçalo e, desde 1974 e, todas às noites, após voltar de seu trabalho no Rio, frequenta o radioposto 43. (*O FLUMINENSE*, 1975)

Entre os diversos documentos publicados em Diários Oficiais, um nos chamou particularmente a atenção: o relato da 82ª Sessão Ordinária da Assembléia Legislativa de São Paulo, ocorrida em 3 de agosto de 1978:

Ocupando-me de assunto mais sério, quero neste momento participar à Casa que estou encaminhando ao Sr. Presidente da República uma moção

demonstrando que o “Projeto Minerva” neste Estado vai muito mal. O “Projeto Minerva” neste Estado teve os seus exames supletivos especiais, segunda fase, realizados há poucos meses. Na Baixada Santista não chegou o índice de aprovação de alunos a sequer 10%. E acredito que esse índice seja mantido em todo o Estado. Operários que durante dois anos cursaram o “Projeto Minerva” prestaram o supletivo, e 90% deles foram reprovados. Será que o erro é dos operários, dos alunos ou o erro é do mau ensino ministrado durante o curso do “Projeto Minerva”? Isto posto, estou enviando ao Sr. Presidente da República moção pedindo uma investigação que esclareça o baixo índice de aprovação do “Projeto Minerva” no Estado de São Paulo. Em algumas cidades, chegou ao máximo de, em 70 examinações, ter um índice de reprovação de 100%. E o índice da Baixada Santista em nenhum dos casos chegou a ultrapassar 15%. No resto do Estado a tragédia foi a mesma. Desta forma, não adianta reter, durante dois anos, as classes menos favorecidas que precisam do “Projeto Minerva” para esse ensino mau ministrado ou, então, que se faça com que os exames estejam de acordo com o ensino que foi ministrado nos cursos, para não se provocar uma reprovação em massa, como veio a ocorrer nessa segunda fase dos exames supletivos especiais, ligados ao Projeto Minerva. Parece que o Projeto Minerva foi feito para reprovar e não para aprovar. (Excertos do discurso do Deputado Del Bosco Amaral em D.O.E.S.P., 1978)

Outro documento que encontramos nos Diários Oficiais foi o termo de compromisso entre o SRE/Projeto Minerva e as Secretarias de Educação dos Estados, todos muito semelhantes, o que nos levou a selecionar, a título de exemplo, o assinado com o estado de Pernambuco, publicado no Diário Oficial da União, em 26 de novembro de 1976:

Pelo presente, o Serviço de Radiodifusão Educativa, através do Projeto Minerva, no ato representado pelo Dr. Heitor Herberto Sales e a Secretaria de Educação representada pelo seu titular Dr. José Jorge Vasconcelos Lima comprometem-se a empreender no Estado de Pernambuco, de forma integrada e em mútua colaboração, as medidas necessárias ao planejamento das atividades do Projeto Minerva para o biênio 1977-1978.

I – O Serviço de Radiodifusão Educativa, através do Projeto Minerva, assumirá as seguintes responsabilidades:

1 – Fornecer os subsídios necessários à elaboração do Projeto de Utilização dos Horários da Portaria nº 408-70.

2 – Fornecer, sem ônus para o Estado, todo o material de apoio necessário no desenvolvimento do Curso Supletivo de 1º Grau – II Fase, do Projeto Minerva, entendendo-se como material de apoio os Manuais para Supervisores e Monitores, os Fascículos de acompanhamento e os testes de verificação da aprendizagem.

3 – Promover o treinamento de Supervisores e Monitores necessários ao desenvolvimento do sistema de recepção organizada.

4 – Dar assistência técnica e pedagógica durante os cursos programados.

5 – Cobrir, com sinal de rádio ou através de distribuição de fitas, a área geográfica de interesse do Estado.

II – A Secretaria de Educação do estado de Pernambuco, caberá:

1 – Elaborar os Projetos a serem implementados, de acordo com as diretrizes fornecidas pelo Serviço de Radiodifusão Educativa/Projeto Minerva, submetendo-os no prazo de 60 dias à aprovação do SRE/Projeto Minerva.

2 – Integrar as atividades do Serviço de Radiodifusão Educativa/Projeto Minerva com as demais atividades do Sistema Estadual de Ensino.

3 – Instalar e operar uma rede de recepção organizada, baseada em radiopostos com Supervisão e Monitoria permanentes.

4 – Responsabilizar-se pelas providências necessárias junto ao Conselho Estadual de Educação para reconhecimento do Curso, bem como fixação dos critérios para a realização de exames e conseqüente fornecimento de certificado aos alunos.

5 – Realizar os exames referidos no item anterior, imediatamente após o término do Curso.

6 – Fornecer ao Serviço e Radiodifusão Educativo/Projeto Minerva, inclusive através de relatórios padronizados, todos os dados necessários ao acompanhamento e avaliação da efetividade do Curso, no Estado.

7 – Responsabilizar-se pela remuneração do Coordenador de Supervisores e Monitores, bem como pelas demais despesas decorrentes da implementação do Curso, podendo subconveniari, para este fim, com outros Órgãos.

8 – Responsabilizar-se pela redistribuição e controle do material de apoio, no âmbito do Estado.

9 – Proporcionar ao SRE/Projeto Minerva todas as condições necessárias aos contatos a serem estabelecidos periodicamente, com os elementos das diferentes equipes de trabalho. (BRASIL, D.O.U., 1976)

Algumas Considerações

A função de uma “conclusão” no final de um livro é fazer o arremate de tudo aquilo que foi tratado no seu decorrer: polir as arestas, articular os elementos esparsos, encerrar definitivamente uma etapa. Em nosso caso, trata-se de fazer exatamente o contrário de tudo isso: aguçar arestas, multiplicar os elementos já esparsos, abrir ainda mais o leque de vias possíveis a serem trilhadas. (MORENO, 2000, p. 84)

Essa multiplicidade de jogos apresentada, frisamos, não constitui uma unidade, um todo coeso e estável, e não deve ser vista como tentando constituir algo assim: o Projeto Minerva não é algo formado a partir da mera justaposição ou confronto entre os usos aqui apresentados, não é um todo constituído a partir da soma de partes. Aliás, não se deve perguntar “O que é o Projeto Minerva?”, mas “O que tem sido dito sobre o Projeto Minerva em tais e tais contextos e circunstâncias?”. É o próprio Wittgenstein, que em sua

segunda fase abandona esta pergunta²⁴ que visa fixar respostas exclusivistas e parte para a observação dos usos, dos modos de uso, dos significados atribuídos às palavras, quem nos sugere reformular a interrogação. Desta forma, buscamos mostrar, em cada um dos jogos de linguagem, os significados, modos de uso, da expressão “Projeto Minerva” em cada um dos textos mobilizados.

Com isso, tentamos motivar o leitor a constituir seus Projetos Minervas enquanto nós constituímos o nosso. Caberia explicitar cerzaduras, alinhavos, sínteses sobre o que foi mostrado? “Explicitar o que já está explícito é pleonismo”, afirma Hebeche (2003), o mesmo autor que nos apresenta Wittgenstein como alguém que /.../ convida o leitor das investigações filosóficas para que procure ver e não pensar, pois o pensamento filosófico tende a hipostasiar-se em entidades metafísicas, que surgem da nossa “ânsia de generalidade” (HEBECHE, 2003, p. 1).

Mona Lisa rindo zombeteira dos entendidos de arte que disparam assertivas sobre seu mistério ao desfilarem à sua frente no Louvre. Da Vinci gozador, divertindo-se com o fato de que o segredo de sua Gioconda é que não há segredo, há fabricações, criações, feitas por sua mão, cujo sentido definitivo nem ele mesmo conhece. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p.187)

Referências

- ALBUQUERQUE JR, D. M. de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru (SP): Edusc, 2007.
- ARAÚJO, I. L. **Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: parábola Editorial, 2004.
- ASSIS, M. M. A. de. **Ensino de Matemática pelo Rádio: uma história falada e um documentário didático**. Dissertação de Mestrado, Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Naturais e Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.
- AZEVEDO, F. L. Carta a Radio MEC (ACERVO SOARMEC). S/d.

²⁴ Ao focarmos preponderantemente a linguagem na constituição do “mundo”, entendemos que a natureza epistemológica das coisas passa a não ser mais uma questão fundamental, nem mesmo uma questão interessante, haja vista a diferença nas linguagens, que, por sua vez, constituem mutuamente as formas de vida. Criamos discursos ao sermos, cada um de nós, afetados pelo mundo e criamos o mundo, e é sobre este discurso que trabalhamos, produzimos e inquirimos, sendo cada um nós, segundo nossa própria linguagem e sensibilidade, afetados diferentemente por este mundo que criamos. Mundo, seres e linguagem formam um amalgama em que esses elementos se retroalimentam e se constituem. Assim, como não faz sentido falar em jogos de linguagem sem forma de vida, não faz sentido falar em forma de vida sem jogos de linguagem. O mundo, para além do dizível não interessa.

- BLOIS, M. **Entrevista ao Amigo Ouvinte**. Disponível em <<http://www.soarmec.com.br/marleneblois2.htm>>, último acesso em 23 de Setembro de 2012.
- BLOIS, M. Entrevista concedida a Thiago Pedro Pinto. Rio de Janeiro (RJ), 2011.
- BRASIL. Diário Oficial da União – Sessão I, parte II – 26 de novembro de 1976.
- CASTRO, M. P. **O Projeto Minerva e o desafio de ensinar matemática via rádio**. Dissertação de Mestrado Profissional. 105 p. PUC/SP. 2007.
- CONDÉ, M. L. L. **Wittgenstein: linguagem e mundo**. São Paulo: Annablume, 1998.
- CORREA, J. de D. **Comunicação e ensino de massa no Brasil – desempenho do rádio como veículo educacional – O projeto Minerva**. Dissertação de Mestrado em Comunicação- UFRJ, Rio de Janeiro (RJ), 1977.
- COSTA, C. F. **Filosofia da Linguagem**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2003.
- DIAS, E. Entrevista concedida a Thiago Pedro Pinto. Coxim (MS), 2012.
- GILL, P. P. C. **Entrevista ao Amigo Ouvinte**. 2009. Disponível em <<http://www.soarmec.com.br/pedropaulogill.htm>>, último acesso em 23 de Setembro de 2012.
- GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- GOMES, L. **Entrevista ao Amigo Ouvinte**. 2002. Disponível em <<http://www.soarmec.com.br/laurogomes.htm>>, último acesso em 23 de Setembro de 2012.
- GOTTSCHALK, C. M. C. **A Construção e Transmissão do Conhecimento Matemático sob uma Perspectiva Wittgensteiniana**. Cadernos Cedes, Campinas, vol. 28, n. 74, p. 75-96, jan./abr. 2008
- JULIO, R. S. Uma leitura da produção de significados matemáticos e não-matemáticos para "dimensão". 2007 (Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo)
- HEBECHE, L. A. **Não pense, veja! Sobre a noção de semelhanças de família em Wittgenstein**. Veritas, Porto Alegre, v. 48, p. 31-58, 2003.
- JULIO, R. S. **Uma leitura da produção de significados matemáticos e não-matemáticos para DIMENSÃO**. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática – UNESP: 2007.
- LEOBONS, S. **Entrevista ao Amigo Ouvinte**. Disponível em <<http://www.soarmec.com.br/solangeleobons.htm>>, último acesso em 23 de Setembro de 2012.
- LINS, R. C. **Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a educação matemática**. In: Maria Aparecida Viggiani Bicudo. (Org.). Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas. 1ed. São Paulo: Editora UNESP, 1999, v. 1, p. 75-94.
- MARQUES, E. **Wittgenstein & o Tractatus**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- MEC. **Orientação ao Pessoal Técnico-Administrativo da Área de Ensino Supletivo do Estado de São Paulo**. 1976.
- MEC. **Teleducação no Brasil: um documentário**. 2000.
- MIGUEL, A. **Vidas de professores de matemática: o doce e o dócil do adoecimento**. In: GOMES, Maria Laura Magalhães; TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; AUAREK, Wagner Ahmad; PAULA, Maria José. (Org.). Viver e Contar: experiências e práticas de professores de Matemática. 1ed. São Paulo (SP): Editora Livraria da Física, 2012, v. , p. 271-309.

- MINANEZ, L. **Rádio MEC: herança de um sonho**. Rio de Janeiro: ACERP, 2007.
- MONTEIRO, R. **Entrevista ao Amigo Ouvinte**. Disponível em <<http://www.soarmec.com.br/betinho2.htm>>, último acesso em 23 de Setembro de 2012.
- MORENO, A. R. **Wittgenstein: os labirintos da linguagem**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2000.
- NOBRE, M. **Entrevista ao Amigo Ouvinte**. 2005. Disponível em <<http://www.soarmec.com.br/marlosnobre.htm>>, último acesso em 23 de Setembro de 2012.
- O FLUMINENSE. **Venceu enfarte e ginásio aos 79 anos. Quer ser professor**. 1º de Agosto de 1975.
- PEARS, D. **As ideias de Wittgenstein**. São Paulo: USP, 1973.
- PIMENTEL, F. P. **O Rádio Educativo no Brasil: uma visão histórica**. Rio de Janeiro: SOARMEC, 2009.
- PINTO, T. P. **Linguagem e Educação Matemática: UM mapeamento de usos na sala de aula**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Campus de Rio Claro, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e seus Fundamentos Filosóficos e Científicos. Rio Claro, 2009.
- PROENÇA FILHO, D. **Entrevista ao Amigo Ouvinte**. 2010. Disponível em <<http://www.soarmec.com.br/domicio.htm>>, último acesso em 25 de Setembro de 2012.
- REIS, H. **Entrevista ao Amigo Ouvinte**. Disponível em <<http://www.soarmec.com.br/hamiltreis.html>>, último acesso em 23 de Setembro de 2012.
- ROCHA, R. **Entrevista ao Amigo Ouvinte**. Disponível em <<http://www.soarmec.com.br/renato.htm>>, último acesso em 23 de Setembro de 2012.
- SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado – Poder Executivo. 12 de agosto de 1978.
- SAROLDI, L. C. **Entrevista ao Amigo Ouvinte**. Disponível em <<http://www.soarmec.com.br/saroldi.htm>>, último acesso em 23 de Setembro de 2012.
- SILVA, S. da. **Panorama Histórico do Mobral: operacionalização no Município de Araras**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Campus de Rio Claro, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e seus Fundamentos Filosóficos e Científicos. Rio Claro, 2012.
- VILELA, D. S. **Matemáticas nos usos e jogos de linguagem: ampliando concepções na Educação Matemática**. 2007. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2007.
- VILELA, D. S. **A Terapia Filosófica de Wittgenstein e a Educação Matemática**. Educação e Filosofia (UFU. Impresso), v. 24, p. 435-456, 2010.
- WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Trad. BRUNI, J. C. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Trad. Brasileira GIANNOTTI, J. A. São Paulo: Cia Editora Nacional/Edusp, 1968.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Antonio Vicente Marafioti Garnica (orientador)

Volume

O acervo da SOARMEC

Bauru

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências

Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

Tese de Doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação para a Ciência.

Bauru (SP)

2013

SUMÁRIO

Volume: Instruções de Uso

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica	9
Apêndice A: Sobre Jogos e Caleidoscópios	11
Apêndice B: Notas sobre o trabalho com entrevistas nesta pesquisa	22

Volume: O acervo da SOARMEC

O acervo da SOARMEC, a disponibilização pública de um Catálogo e a constituição de um Mapa para o acervo	4
Referências	13
Apêndice A: Catálogo de Etiquetas do Acervo da SOARMEC	15
Apêndice B: Mapa do Acervo	61

Volume: Da revisão de literatura: uma terapia filosófica da expressão “Projeto Minerva” como possibilidade de vasculhar um terreno

Introdução	4
Sobre as linguagens nos textos de Wittgenstein	6
Os trabalhos selecionados	9
Trabalhos Acadêmicos	10
Livros	16
Entrevistas	17
Demais documentos	28
Algumas Considerações	31
Referências	32

Volume: Produção de Radioaulas no Projeto Minerva

Da Matemática falada, do resgate de fontes, da potencialidade de compreender a partir de múltiplos focos: um ensaio sobre a produção de radioaulas no Projeto Minerva	4
1. Material para o Rádio	9
1.1. O “Material Bruto”	9
1.2. Comunicação Com o Aluno	12
1.3. Arquivo de áudio do programa	14
1.4. A transcrição do programa	15
2. Material para o Fascículo	18
2.1. Texto Bruto	18
2.2. Fascículo	22
3. Movimentos de Produção dos Materiais	26
3.1. Material Bruto, Comunicação Com o Aluno (CCA) e Arquivo de Áudio	26
3.2. Texto Bruto e Fascículo	31
3.3. Fascículo e Arquivo de Áudio	32
4. Alguns apontamentos sobre a produção das aulas	35
Referências	38

Volume: Entrevista com Marlene Montezi Blois

Entrevista com Marlene Montezi Blois nas dependências da SOARMEC - Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC (2º andar da Rádio MEC), Rio de Janeiro, 05/10/2011	4
Apêndice A: Carta de Cessão	36

Volume: Entrevista com Edvaldo Dias

Entrevista com Professor Edvaldo Dias, ex-monitor do Projeto Minerva, ocorrida na residência do depoente, em Coxim-MS, no dia 14/07/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Paulo Roberto Motejunas

Entrevista com Professor Paulo Roberto Motejunas, ocorrida na residência do depoente, em Caçapava-SP, no dia 28/08/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e Maurílio Costa Filho

Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e seu marido, Maurílio Costa Filho, ex-alunos do Projeto Minerva, ocorrida na residência dos depoentes, em Paraíba do Sul - RJ, no dia 15/06/2013	4
Apêndice A: Cartas de Cessão	31

Volume: Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva

Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva	4
Fita 01 - A Voz do Povo - 19/03/90 - Projeto Minerva - P1	11
Fita 02 - A Voz do Povo - 20/03/90 - Projeto Minerva - P2	34
Considerações sobre o debate	57
Referências	59
Apêndice A: Fotografias Compósitas	61
Referências	67



O acervo da SOARMEC, a disponibilização pública de um Catálogo e a constituição de um Mapa para o acervo¹

Por Thiago Pedro Pinto²

Estudar o Projeto Minerva foi uma decisão conjunta. No final de 2010, frente a uma nova oportunidade de trabalho, como funcionário da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul atuando exclusivamente na Educação a Distância (EaD) o projeto inicialmente proposto para ser desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência da UNESP de Bauru (SP)³, tornava-se menos interessante do que estudar um curso de Educação a Distância. Algumas leituras sobre história e historiografia já estavam em andamento, e como o novo projeto também se inscrevia numa perspectiva historiográfica, o ritmo de estudos, neste sentido, apenas continuaria.

O primeiro passo mais específico nesta tomada de decisão quanto a assumir um projeto distinto foi verificar junto a bancos digitais de teses, dissertações e artigos a existência de trabalhos referentes a esta temática. Pouco material foi encontrado, o que ao mesmo tempo em que mostrava que o trabalho de obter fontes seria árduo, indicava a

¹ A imagem que acompanha o título foi gerada com o software Interactive Psychedelic Kaleidoscope, disponível em <http://img.izismile.com/img/img2/20090618/psychedelic_kaleidoscope.swf>

² Em colaboração com Ana Rúbia Ferreira de Souza (acadêmica da UFMS) no que se refere à organização de material e produção do Mapa do acervo.

³ Inicialmente, a proposta de doutorado tratava do estudo do Grupo Escolar da cidade de Piraju (SP), e faria parte de uma das frentes de pesquisa do Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática, a saber, o projeto “Escolas Reunidas, Escolas Isoladas”.

potencialidade do que propúnhamos como contribuição para a História da Educação e da Educação Matemática no Brasil.

Em meio a estas buscas nos deparamos com o nome de Leandro Maciel⁴, orientando do Professor Ubiratan D'Ambrósio na Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN) que havia sido funcionário da Fundação Roquette-Pinto e prontamente se dispôs a nos apresentar a Rádio MEC e a SOARMEC⁵. Após alguns ajustes de agenda conseguimos marcar uma visita conjunta à Rádio MEC, no Rio de Janeiro.

Em instalações bastante modestas, principalmente se comparadas às do Arquivo Nacional, que fica ao lado, a Rádio MEC passa quase que despercebida, um prédio antigo ao qual temos acesso por uma entrada de carros. No prédio de quatro andares funcionam a redação, a orquestra, o estúdio, a recepção, o arquivo e, propriamente, a SOARMEC, que ocupa três salas no terceiro andar, compartilhando o espaço com um belíssimo estúdio de gravação sinfônica guardados, ambos, pelo busto do fundador da rádio: Roquette-Pinto. Em três salas estão distribuídos dois escritórios e o acervo histórico da SOARMEC, junto com a Biblioteca Tude de Souza, que mantém livros ligados à comunicação. Desde de 1992 esta entidade tem cuidado da organização e guarda da documentação histórica da Rádio MEC e da divulgação destes materiais, além de responsabilizar-se pela publicação de livros e periódicos com entrevistas e pesquisas relacionadas à Rádio, e da distribuição e venda de CDs com gravações recuperadas em seu acervo.

O acervo da SOARMEC possui 370 caixas de arquivo etiquetadas e organizadas em estantes de aço. São caixas plásticas contendo blocos de documentos, algumas organizadas tematicamente, outras com materiais das mais diversas naturezas e temas, relacionados⁶ às várias atividades da Rádio.

⁴ Leandro Silvio Katzer Rezende Maciel, à época, desenvolvia o projeto de pesquisa de Doutorado *Fundação Roquette Pinto: uma historiografia do ensino da matemática pelo rádio e pela televisão ao longo do século XX*, iniciado em 2010.

⁵ Sociedade de Amigos e Ouvintes da Rádio MEC.

⁶ No acervo há materiais como cartas de ouvintes, legislações, *scripts* de programas, esboços de programas, projetos etc.



Figura 01 – Acervo da SOARMEC (acervo pessoal)

Identificando cada caixa há uma etiqueta com os títulos dos documentos nela contidos. No entanto, algumas caixas são de difícil acesso, já que há materiais obstruindo a passagem, e algumas têm etiquetas rasgadas. As indicações das etiquetas são irregulares: variam desde a listagem extensiva até registros breves que pouco dizem sobre o conteúdo, como “Revistas Diversas” ou “*Clippings*”.

Na primeira incursão pelo arquivo lançamos um olhar geral sobre todo ele e sobre a biblioteca. Começamos então a checar caixa por caixa, observando todo o conteúdo interno, a partir da primeira. Este método não se mostrou muito eficiente: em aproximadamente três dias no arquivo não chegamos à segunda dezena de caixas. Precisávamos então criar outra estratégia, dados os custos implicados nesse processo e a dificuldade de locomoção até o acervo. O período de acesso público ao acervo também não era nosso aliado: a visitação só poderia ser realizada das 14h às 17h, de segunda a sexta-feira. Era urgente, portanto, criar novas estratégias para tornar nossas visitas mais produtivas.

Em nosso grupo de pesquisa (GHOEM⁷) outros pesquisadores já haviam enfrentado dificuldades para trabalhar com arquivos – no caso, com arquivos escolares. Luzia Aparecida de Souza (SOUZA, 2011) trabalhou diretamente com o arquivo inativo do Grupo Escolar Eliazar Braga, da cidade de Pederneiras (SP). A situação desses

⁷ Grupo História Oral e Educação Matemática <www.ghoem.com>.

arquivos escolares – conhecidos e tratados, efetiva e infelizmente, como “arquivos mortos” – sempre explicitam a provisoriedade, a desorganização e o descaso. A falta de espaço adequado para os arquivos que não mais fazem parte da burocracia escolar cotidiana implica juntar esse acervo e guardá-lo em porões antigos e mal ventilados, não raramente úmidos e poeirentos. No caso relatado em Souza (2011), houve a tentativa de remover o arquivo para as dependências do GHOEM na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) na cidade de Bauru (SP), a 30 Km de distância de Pederneiras, o que foi concedido pelos responsáveis face à promessa de que os materiais seriam higienizados, organizados e devolvidos ao município, que se responsabilizava, atualmente, pela manutenção da documentação relativa àquele Grupo Escolar, uma instituição estadual. Não sem alguns enfrentamentos, Souza, juntamente com a equipe que a auxiliava neste processo, conseguiu a remoção temporária do arquivo e hoje ele está novamente na cidade de Pederneiras, tendo sido cumprido integralmente o acordo feito com a Secretaria da Educação daquela cidade.

Não tínhamos a mesma pretensão, pois o arquivo da SOARMEC é demasiado grande. Além disso, nem dispúnhamos de local adequado para receber este material na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, nem a sala do GHOEM em Bauru seria adequada para a execução deste trabalho, dada a distância entre essa cidade e aquela em que atua o pesquisador. No entanto, nos inspirávamos no trabalho de Souza quanto à possibilidade de catalogação e organização do material para disponibilizá-lo mais facilmente aos interessados, em especial a futuros pesquisadores da Educação e da História da Educação.

Toledo & Gimenez (2012) salientam a importância dessa recuperação e disponibilização de acervos para a pesquisa educacional. Ao falar das duas maiores dificuldades em pesquisas com fontes documentais no Brasil, comentam:

Os desafios [de organizar e selecionar arquivos ou corpos documentais compostos de vários materiais] são grandes, e pouco apoio há para a execução de tal procedimento. Esse aspecto é chamado aqui, propriamente, de ‘constituição de fontes’. A existência pura e simples de um documento (ou imagem) não o transforma numa fonte. A organização e disponibilização da memória coletiva, fatores importantes da construção de uma cultura como a nossa, não recebem dos governantes a atenção merecida. Cabe, então, ao pesquisador, individualmente, fazer o trabalho que deveria ser de uma política pública de construção e preservação da memória (documentada) nacional e da cultura (documentada) no Brasil. (TOLEDO & GIMENEZ, 2012, p. 119)

Cabe salientar que, em nosso caso, estão ali os arquivos da primeira rádio brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, da década de 1920, e de inúmeros programas educativos, culturais e musicais veiculados em seus 90 anos de existência.

Para realizar nosso trabalho e trazer para local mais conveniente parte do acervo, optamos pela digitalização do material. Desta forma, poderíamos observar os documentos com mais calma e, caso necessário, reorganizá-los virtualmente. No entanto, não seria viável a digitalização de todo o arquivo. Optamos, num primeiro momento, por digitalizar as etiquetas das caixas. Fotografamos todas elas em uma das visitas. No entanto, a leitura das imagens (fotografias) não era tão ágil quanto imaginávamos, dada a grande quantidade de etiquetas. Além do mais, essa recuperação ou registro não era, propriamente, ainda, o foco de estudo, mas uma estratégia que poderia servir para uma triagem do material que viríamos a digitalizar e estudar para a pesquisa.

A utilização de fotografia para a digitalização de documentos não é algo tão presente na literatura acadêmica em educação e educação matemática. No entanto, encontramos um documento do Conselho Nacional de Arquivos, de abril de 2010, que dá orientações de procedimentos para a digitalização. O equipamento destacado no documento é o *scanner* plano ou planetário. Há também a possibilidade de utilização de câmeras digitais, ressaltados sempre os cuidados necessários quanto ao manuseio e exposição dos documentos. Além disso, as diretrizes do documento sugerem a utilização de formato RAW para arquivos. Em nosso caso, devido ao tamanho dos arquivos gerados, optamos pelo formato JPG, que acarretava perdas de nitidez pouco perceptíveis nas imagens. Outro fator preponderante para a utilização de câmera fotográfica digital foi a mobilidade que ela permitia por exigir apenas a câmera digital, propriamente, e um tripé fotográfico.

Questões técnicas da fotografia, como enquadramento, velocidade, iluminação e abertura do obturador não constam neste guia de recomendações e não há sobre este assunto qualquer indicação na literatura em Educação Matemática. Quanto à iluminação, buscamos, sempre que possível, utilizar a luz natural, posicionando a mesa de apoio próxima a uma janela. Embora tentássemos evitar o paralelismo⁸, nem sempre

⁸ Referimos-nos aqui ao efeito causado pela inclinação na máquina fotográfica em relação ao documento (não perpendicular) causando na imagem uma distorção em que um retângulo, por exemplo, tem um de seus lados reduzidos, assemelhando-se a um trapézio com bases diferentes.

isso foi possível dada a falta de materiais profissionais e de auxílio de uma segunda pessoa que apoiasse tecnicamente essa operação de registro.

Após a digitalização das etiquetas, julgamos que seria interessante elaborarmos um catálogo deste material para que o conteúdo do acervo pudesse ser facilmente consultado e disponibilizado para toda a comunidade, preferencialmente via internet, potencializando o uso dos materiais e agilizando as visitas presenciais ao arquivo. Há registros de intenções semelhantes na literatura que consultamos: Silva et al (2012), por exemplo, destacam o trabalho realizado no Centro da Memória da Educação em Pernambuco, reforçando a necessidade de organização de acervos, reunião, limpeza e armazenamento de documentos e demais elementos visando a subsidiar pesquisas em história da educação, além de apontar para a falta de políticas relacionadas a isso. Os autores realizaram levantamento e catalogação de fontes para estudos em educação:

Como fruto deste trabalho, foram catalogadas mais de mil fichas, referentes a fontes localizadas nesses acervos. Atualmente, o Núcleo dispõe desse catálogo impresso que está, também, sendo digitalizado para ser disponibilizado ao público, via on-line, por meio do nosso site. (SILVA et al, 2012, p. 215)

Este catálogo possibilitaria, primeiramente, otimizar buscas, conforme o andamento da pesquisa e a definição de focos de interesse. Em nosso caso, iríamos até o acervo da SOARMEC e digitalizaríamos somente o material pré-selecionado a partir desse catálogo, já sabendo de antemão onde ele se encontrava. O grande volume de material fez com que, no processo, buscássemos auxílio técnico que veio de uma aluna do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Ana Rúbia Ferreira de Souza, que já havia trabalhado conosco em um projeto de extensão⁹ e demonstrado seriedade e interesse quanto à pesquisa em Educação Matemática. Propusemos a ela então, inspirados em Kakoi & Souza (2011), a elaboração do catálogo das caixas e um mapeamento do acervo, instrumentos que possibilitassem a busca dinâmica de materiais relacionados ao Projeto Minerva e aos cursos a ele vinculados.

⁹ Projeto de Extensão “Parcerias em torno da formação e atuação do professor de matemática”, realizado no final de 2011 e início de 2012. Neste projeto recebíamos professores e graduandos para a realização de oficinas e debates a respeito da formação docente. Neste projeto tivemos auxílio de alguns alunos da graduação na organização das atividades, entre eles a aluna referida acima.

<p>CAIXA 020</p> <p>CANÇÃO DE CÂMARA (01-10) (1977)</p> <p>MÚSICA PUXA CONVERSA (1975) (01-20)</p> <p>UM CONTO... UM AUTOR... UMA ÉPOCA (N^{OS} 12 E 13)</p> <p>VALE MAIS QUEM SABE MAIS (01-35) (1973) / (01-49) (1977)</p> <p>(PROJETO MINERVA)</p>
--

Figura 02 – Catálogo de Etiquetas

O catálogo elaborado encontra-se no Apêndice A deste ensaio. Com aproximadamente 80 páginas, traz a numeração das caixas e o seu conteúdo, conforme descrito nas etiquetas (conforme a Figura 02, por exemplo). Para complementar as buscas acrescentamos notas de rodapé para explicitar termos e expressões de que tomamos conhecimento durante a pesquisa, seja via a fala de depoentes, seja pelo manuseio destes documentos.

Já o mapeamento do acervo demandou maior trabalho. A primeira dificuldade enfrentada foi a de distinguir quais caixas se referiam a Projeto Minerva, já que, embora algumas delas registrassem na etiqueta, explicitamente, a expressão “Projeto Minerva”, muitas outras indicavam temáticas próximas ao Projeto mas não faziam referência explícita a ele. No decorrer da pesquisa, em especial após a entrevista com Marlene Blois (2011), ex-produtora do PMi, percebemos que o processo de extinção deste não ocorreu num determinado momento – foi um extinção paulatina – com o que corroboram informações do depoimento de Edvaldo Dias (2012), ex-monitor do projeto. Ambos afirmam que este terminou “em meados da década de 1980”. Edvaldo comenta que outras ações foram tomando seu lugar e que o envio de materiais aos postos foi se reduzindo. Já Marlene aponta a extinção da obrigatoriedade da transmissão dos programas em cadeia nacional como tendo grande influência na extinção do Minerva. De certo, temos que muitos dos materiais datados a partir do início da década de 1980 não fazem referência direta a Projeto Minerva, mas a Cursos Supletivos de Primeiro e Segundo Graus.

Essas imprecisões – que implicavam uma dificuldade de buscar materiais de modo mais objetivo – nos levaram a criar o que chamamos de “regiões de interesse”, algo como uma categorização que não pressupunha a disjunção temática dos materiais existentes no arquivo, mas apontavam focos de interesse que poderiam ser importantes para estudos sobre o ensino pelo rádio e a história das práticas educativas de um determinado período.

A primeira dessas regiões de interesse que criamos é a **Projeto Minerva**, e nela inscrevemos todas as caixas que, declaradamente, se referiam ao projeto. Esta região é composta de aproximadamente noventa caixas.

A segunda região foi composta ao nos voltarmos para o **tipo de material** encontrado em cada caixa. Basicamente são cinco os tipos de documentos: Legislação, Comunicação com o Aluno, Material Bruto, Texto Bruto e Fascículos. O primeiro engloba projetos, leis e pareceres, independente dos assuntos a que se referem. Já o segundo engloba *scripts* (roteiros) de aulas e textos prontos para a gravação em estúdio (normalmente com anotações para técnicos de som e locutores) e com eles é possível ter uma ideia bastante próxima do programa em áudio; ao material que dá origem a esses *scripts* denominamos Material Bruto, um texto muito próximo ao *script*, mas sem as especificidades de um texto radiofônico, muitas vezes preparado por um professor externo à Rádio MEC; ao material que resultaria nos fascículos denominamos Texto Bruto; e por fim os Fascículos, os materiais enviados aos alunos nos radiopostos ou comprados em bancas de jornais.

A terceira região distingue as **modalidades de curso**, já que foram vários os cursos produzidos na Rádio MEC. Dentre eles, destacamos para compor o nosso mapa, os cursos de suplência: Curso Supletivo de Primeiro Grau; Curso Supletivo de Segundo Grau e Telecurso.

A quarta e última região trata das **temáticas dos materiais**. Distinguímos 18 temáticas diferentes, algumas das quais constituem as atuais disciplinas escolares: Matemática, Ciências, Física, Química, Biologia, Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Geografia, História e Língua Estrangeira. Algumas, entretanto, já não mais fazem parte do currículo escolar, como Educação Moral e Cívica (EMC), Estudos Sociais e Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Há ainda temas referentes a programas de assistência à saúde pública e prevenção – que, juntas, compuseram um único tópico: “Saúde” –; programação esportiva e programação referente à disciplina de Educação Física, denominada “Esporte”; programação de orientação ao trabalhador; programas e materiais relativos à Música; e programação artística elencada como “Artes”.

O modo como essas informações seriam disponibilizadas foi analisado para que se pudesse criar um formato para o mapa. Uma primeira opção seria apresentar/descrever estes agrupamentos – as “regiões de interesse” – na forma de texto

escrito, a cada uma delas seguindo a numeração das respectivas caixas. Essa possibilidade foi descartada por percebermos que muitas vezes seria necessário cruzar informações de várias regiões – se, por exemplo, o usuário estivesse interessado em Fascículos de Matemática do Curso Supletivo de Primeiro Grau do Projeto Minerva, teria que buscar caixas em quatro distintas regiões de interesse, algumas delas com mais de oitenta caixas – o que tornaria o processo tão moroso quanto percorrer todas as etiquetas já disponíveis no catálogo.

Assim, optamos por construir uma tabela que permitisse uma busca visual bastante ágil: na primeira coluna à esquerda enumeramos todas as caixas do acervo e na primeira linha todos os itens das regiões de interesse (devidamente separadas), ficamos assim com uma tabela de 371 x 19, em cujas células intermediárias cruzam-se os dados.

Caixa	TIPO DE MATERIAL						TEMÁTICAS DOS PROGRAMAS																												
	MINE	Legis	Doc.	Mater	C.C.A	Texto	Fascic	C. S.	C. S. S	Telec	Mate	Ciênc	Física	Quim	Biolog	Lin. P	Litera	Geogr	Histó	Estud	EMC	OSPB	Saúde	Ed. Física e	Esport	Trabal	Inglês	Artes	Músics						
1	1				1			1															1	1	1	1									
2					1																			1	1	1	1								
3					1											1								1	1	1	1								
4																1																			
5																1																			
6					1																														
7					1																														
8	1																							1	1	1	1								
9	1																						1	1	1	1									
10	1																						1	1	1	1									
11																																			
12																																			
13																																			
14	1																																		
15	1																																		
16	1																																		
17	1																																		
18	1																																		
19	1																																		
20	1																																		
21	1																																		
22	1																																		
23	1																																		
24	1																																		
25																																			
26	1																																		
27	1																																		
28	1																																		
29	1																																		
30	1																																		
31	1																																		
32	1																																		
33	1																																		

Figura 03 – Recorte da Planilha com o Mapeamento do acervo da SOARMEC

Para a criação da tabela foi utilizado o *software Microsoft Excel*, por permitir que a exportação de dados como página de *internet* (html) ou em formato de texto digital (pdf). Acreditamos que tendo à mão Mapa¹⁰ e Catálogo, a organização prévia de visitas e pesquisas no acervo da SOARMEC será bastante facilitada, principalmente

¹⁰ O mapa está disponível no apêndice B deste ensaio, as cores utilizadas visam dar melhor visibilidade às colunas, facilitando a busca. O número “1” que preenche as células não indica quantidade de materiais, mas tão somente a existência do mesmo naquela caixa, utilizamos assim a legenda “0” para não possui (que foi ocultado da tabela) e “1” para possui (que permanece legível na tabela).

para pesquisadores que, como é nosso caso, se encontram geograficamente distantes do acervo e, conseqüentemente, com tempo restrito para visitá-lo. Pretendemos que, finalizada a elaboração deste trabalho de sistematização do acervo, seus resultados poderão ser disponibilizados no *site* da SOARMEC. Além disso, para o acervo, visando a guiar as visitas presenciais, disponibilizaremos uma cópia impressa do Mapa em tamanho grande.

Referências

- ALONSO, K.M. Educação a distância no Brasil: A busca de identidade. In: PRETI, O. (Org.). **Educação a distância: Inícios e indícios de um percurso.** Nead/IE – UFMT. Cuiabá: UFMT, 1996, p. 57-74.
- BLOIS, M. M. **Educação a distância vai rádio e TV educativas:** questionamentos e inquietações. Brasília, ano 16, n. 70, abr/jun. 1996.
- BLOIS, M. Entrevista concedida a Thiago Pedro Pinto. Rio de Janeiro (RJ), 2011.
- CASTRO, M. P. O Projeto Minerva e o desafio de ensinar matemática via rádio. Dissertação de Mestrado Profissional. 105 p. PUC/SP. 2007.
- CONARQ. **Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes.** Abril de 2010.
- CORREA, J. de D. **Comunicação e ensino de massa no Brasil – desempenho do rádio como veículo educacional – O projeto Minerva.** Dissertação de Mestrado em Comunicação- UFRJ, Rio de Janeiro (RJ), 1977.
- DIAS, E. Entrevista concedida a Thiago Pedro Pinto. Coxim (MS), 2012.
- GARNICA, A. V. M. **Analisando Imagens: um ensaio sobre a criação de fontes narrativas para compreender os Grupos Escolares.** Bolema, Rio Claro (SP), v. 23, nº 35A, p. 75 a 100, abril 2010.
- KAKOI, M. E. SOUZA, L. A. de. Um arquivo, uma instituição e suas práticas: contribuição para a construção de versões históricas de um Grupo Escolar. p. 95-109. In: SOUZA, L. A. de. **Trilhas na construção de versões históricas sobre um Grupo Escolar.** Tese de doutorado, 422 p. Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho - UNESP – Rio Claro, 2011.
- MATTOS, D. J. L. **Pioneiros do Rádio e da TV no Brasil.** São Paulo: Códex, 2004.
- MINANEZ, L. **Rádio MEC:** herança de um sonho. Rio de Janeiro: ACERP, 2007.
- PINTO, T. P. **Projeto Minerva: educação a distância na década de 1970.** anais do X Encontro Sul-mato-grossense de Educação Matemática, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Dourados/MS, 2011.
- ROCHA, A. **Nas ondas da Modernização:** o rádio e a TV no Brasil de 1950 a 1970. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

SARAIVA, T. Educação a Distância no Brasil: lições da história. **Em Aberto**, ano 16, n. 70, Brasília: abr/jun. 1996.

SAROLDI, L. C.; MOREIRA, S. V. **Rádio Nacional: O Brasil em Sintonia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SILVA, M. B. SILVA, S. P. GALVÃO, A. M. O. SELLARO, L. R. A. Centro da Memória da Educação em Pernambuco: uma experiência em ação. in: CASIMIRO et l. **A Pesquisa e a Preservação de Arquivos e Fontes para a Educação, Cultura e Memória**. Campinhas: Alínea, 2012.

SOUZA, L. A. de. **História Oral e Educação Matemática: uma intervenção metodológica**. Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2011.

TOLEDO, C. A. A. GIMENEZ, J. C. Educação e Pesquisa: fontes e documentos. in: CASIMIRO et l. **A Pesquisa e a Preservação de Arquivos e Fontes para a Educação, Cultura e Memória**. Campinhas: Alínea, 2012.

VAINFAS, R. História Cultural e Historiografia Brasileira. **História: Questões e Debates**, Curitiba, n.50, p. 217-235, Editora UFPR, 2009.

Apêndice A: Catálogo de Etiquetas do Acervo da SOARMEC

Por Thiago Pedro Pinto e Ana Rúbia Ferreira de Souza

A SOARMEC (Sociedade Amigos da Rádio MEC), instalada nas dependências da Rádio MEC, na Praça da República, 141-A, no Rio de Janeiro (RJ), tem entre suas atribuições a conservação e preservação de material histórico referente à Rádio MEC. Estes materiais se encontram em uma sala anexa à secretaria da entidade, distribuídos em 370 caixas arquivo.

O elevado número de caixas, gentilmente deixados à nossa disposição para a pesquisa, implicou certa dificuldade, posto que o trabalho no acervo deveria ser feito em horários restritos e presencialmente, o que nos levou a buscar alternativas de trabalho. Optamos, assim, por elaborar um catálogo com base nas etiquetas existentes em cada caixa arquivo. Para isso, fotografamos todas as etiquetas do acervo, a fim de organizar os dados registrados visualmente e compor uma listagem que pudesse servir não apenas às intenções dessa pesquisa, mas cuja divulgação permitiria a outros pesquisadores reduzir seu tempo de trabalho no acervo e as visitas ao prédio, facilitando o trabalho de busca a materiais relativos ao Projeto Minerva e/ou outros focos de interesse da pesquisa.



Figura 01 – Caixas do Acervo da SOARMEC (Acervo Pessoal)

O catálogo resultante desses esforços é o que apresentamos em seguida.

CAIXA 001

COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA)¹¹ – CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU¹² – PROJETO MINERVA (01-30) 2ª ETAPA – 1981

COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA) – CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU – (15-30) 3ª ETAPA – 1982

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 002

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU – PRIMEIRA ETAPA – COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (01-42) (1981)

COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA) - SCRIPTS DE AULA VEICULADOS EM 1986

COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA) - PRIMEIRA ETAPA – 16 - 30 (1981)

COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA)- PRIMEIRA ETAPA – PROGRAMAS 31 A 42 (1981)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 003

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU – LÍNGUA PORTUGUESA - PRIMEIRA ETAPA – COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA) (01-40) (1981)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 004

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU – LÍNGUA PORTUGUESA – PRIMEIRA ETAPA

LÍNGUA PORTUGUESA - 41-60

LÍNGUA PORTUGUESA – 61-80

AULAS DE REVISÃO – 1-7 (1981)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 005

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU – MATEMÁTICA

COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA) – MATEMÁTICA – SEGUNDA ETAPA - 01 – 20 (REVISÃO E REFORÇO) (1975/1976) – TODO DIGITALIZADO¹³

¹¹ “Comunicação com o aluno” é o título dado ao roteiro de gravação dos programas. Usualmente esses roteiros contêm, além das frases a serem faladas pelo locutor, indicação sobre efeitos de sonoplastia e músicas que devem ser inseridos para a criação efetiva do registro em áudio.

¹² Os cursos Supletivos de Primeiro Grau do Projeto Minerva se referem à segunda fase do primeiro grau, o que seria equivalente, atualmente, ao ensino de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental.

¹³ A indicação “Todo digitalizado” indica que o material foi digitalizado por Thiago Pedro Pinto para a realização dessa pesquisa de doutorado que, quando finalizada, será deixada (relatório de pesquisa e materiais digitalizados) disponível *online*.

COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA) – MATEMÁTICA – TERCEIRA ETAPA - 01 – 15 (1982) – TODO DIGITALIZADO

COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA) – MATEMÁTICA – TERCEIRA ETAPA – 16 - 30 (1982) – TODO DIGITALIZADO

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 006

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU – MATEMÁTICA - TERCEIRA ETAPA – AULAS 31 – 45 (1982) – TODO DIGITALIZADO

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU – MATEMÁTICA - TERCEIRA ETAPA – AULAS 46 – 60 (1982) – TODO DIGITALIZADO

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU – MATEMÁTICA - TERCEIRA ETAPA – AULAS 61 – 75 (1982) – TODO DIGITALIZADO

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU – MATEMÁTICA - TERCEIRA ETAPA – AULAS 76 – 90 (1982) – TODO DIGITALIZADO

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 007

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU (CCA) - AULAS DE 31 A 45 (1982)

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU (CCA) – AULAS DE 46 A 60 (1982)

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU (CCA) - AULAS DE 61 A 68 – TERCEIRA ETAPA (1982)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 008

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (EMC/OSPB¹⁴) (2º ETAPA) (1975) / (RETREINAMENTO DE MONITORES E SUPERVISORES¹⁵) (1º, 2º E 3º ETAPAS) (1982/1983) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 009

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (HISTÓRIA) (01-22) (1º ETAPA) (1981) / GEOGRAFIA (01-35) (2º ETAPA) (1981) (PROJETO MIERVA)

CAIXA 010

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (GEOGRAFIA) (36-50) (2º ETAPA) (1981/1982) / (GEOGRAFIA) (01-10) (2º ETAPA) (AULAS DE REVISÃO) (1981) / (PROGRAMAÇÃO LIVRE) (01-05) (1981) / (PROGRAMA INTRODUTÓRIO) (1982) (PROJETO MINERVA)

¹⁴ Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil.

¹⁵ Monitores e Supervisores participavam ativamente do processo formativo no Projeto Minerva. Eram, normalmente, pessoas com formação em nível posterior àquele que as radioaulas pretendiam facultar e que acompanham os alunos em momento presenciais nos quais eram ouvidas e estudadas as aulas (no caso dos monitores) ou faziam o elo entre o radioposto e a Secretaria de Educação dos municípios nos quais havia radiopostos (no caso dos supervisores)

CAIXA 011

AULAS DE ORIENTAÇÃO PARA EXAME (CIÊNCIAS, GEOGRAFIA, HISTÓRIA E LÍNGUA PORTUGUESA) 1ª E 2ª ETAPAS (1981-1982)

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU (TREINAMENTO DE ORIENTADORES DE APRENDIZAGEM) 01 – 05 – SEGUNDA FASE (1980) – TODO DIGITALIZADO

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU (TREINAMENTO DE ORIENTADORES DE APRENDIZAGEM E SUPERVISORES I E II) (1981/1982) – TODO DIGITALIZADO

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 012

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU (CIÊNCIAS) AULA DE REVISÃO Nº 04 – AULAS 9, 40 E 59 (1981) - (AULAS NÃO MAPEADAS)

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU (TREINAMENTO DE MONITORES E SUPERVISORES, 1ª, 2ª E 3ª ETAPA) TODO DIGITALIZADO

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU (TREINAMENTO DE MONITORES E SUPERVISORES) – PROGRAMAS INTRODUTÓRIOS, 2ª E 3ª ETAPA (1983/1984) TODO DIGITALIZADO

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU (TREINAMENTO DE RECURSOS HUMANOS) 01-05 (1981) E 02-03(1982) TODO DIGITALIZADO

CURSO SUPLETIVO DE PRIMEIRO GRAU (TREINAMENTO DE MONITORES E SUPERVISORES) – PROGRAMAS INTRODUTÓRIOS, 2ª E 3ª ETAPA (1983/1984) TODO DIGITALIZADO

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 013

CURSO SUPLETIVO DE SEGUNDO GRAU – MATEMÁTICA – AULAS 51 A 59 – SEGUNDA ETAPA (1979) TODO DIGITALIZADO

CURSO SUPLETIVO DE SEGUNDO GRAU (TREINAMENTO DE ORIENTADORES DE APRENDIZAGEM) TERCEIRA ETAPA – AULAS 01 A 03 (1980) TODO DIGITALIZADO

CURSO SUPLETIVO DE SEGUNDO GRAU (TREINAMENTO DE ORIENTADORES DE APRENDIZAGEM) - PRIMEIRA ETAPA – AULAS 01 A 05 (1981) – SEGUNDA ETAPA – AULAS 02 A 03 (1980) TODO DIGITALIZADO

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 014

DOMINGO MOBREAL – 12/05/1985 – 19/05/1985 E 27/05/1985 (PROJETO MINERVA)

O NOSSO DOMINGO MUSICAL – AULAS 81 A 110 (1974/1975) - PROJETO MINERVA

O NOSSO DOMINGO MUSICAL – PROGRAMAS 111 A 139 (1975) - PROJETO MINERVA

PROJETO HAPRONT¹⁶ – PROGRAMAS 18-35 (1978)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 015

MINERVA EM AÇÃO CULTURAL¹⁷ (257-268) (1979/1980)

PARA VOCÊ VIVER MELHOR (01-20) (1977-1982)

UM LIVRO PARA VOCÊ (01-18) (1980/1981)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 016

AGENDA MUSICAL BRASILEIRA (01-25) (1984/1985) (RÁDIO BANDEIRANTES, SP) (RÁDIO SÃO PAULO, SP)

DOMINGO MOBRAL (01-61) (1974/1980)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 017

PROJETO SERINGUEIRO¹⁸ (151-175) (1980)

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (INGLÊS) (2ª FASE) (30-39) (1979)

MATEMÁTICA (2ª FASE) (41-50) (1979)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 018

PROGRAMAS DIVERSOS TRANSMITIDOS PELA RÁDIO BANDEIRANTES DE SÃO PAULO (SEM DATA)

O NOSSO DOMINGO MUSICAL (140-215) (1976/1977)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 019

DOMINGO MOBRAL (01-52) (1974/1977)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 020

CANÇÃO DE CÂMARA (01-10) (1977)

¹⁶ Programa de Formação para Professores Leigos (Não titulados).

¹⁷ Aos finais de semana e durante o período de férias eram transmitidos programas culturais produzidos pelo Projeto Minerva.

¹⁸ Projeto que visava a alfabetizar seringueiros da Amazônia e ensiná-los a lidar com o látex.

MÚSICA PUXA CONVERSA (1975) (01-20)

UM CONTO... UM AUTOR... UMA ÉPOCA (NºS 12 E 13)

VALE MAIS QUEM SABE MAIS (01-35) (1973) / (01-49) (1977)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 021

CURSO SUPLETIVO DE 2 GRAU (TREINAMENTO DE MONITORES E SUPERVISORES) (1ª ETAPA) (NºS 01 E 03) (SEM DATA) / (2ª ETAPA) (NºS 01- MATEMÁTICA) (02- INGLÊS) (03 E 05 – EMC/OSPB) (1983)

(TREINAMENTO DE ORIENTADORES DE APRENDIZAGEM) (3ª ETAPA) (01-04) (1980) /

(TREINAMENTO DE MONITORES E SUPERVISORES) (LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA BRASILEIRA) (Nº 02) (1982)

PROGRAMAS INTRODUTÓRIOS À 1ª E 2ª ETAPAS (1982/1986)

(PROGRAMAÇÃO DE APOIO) (SEM DATA)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 022

O NOSSO DOMINGO MUSICAL (640-735) (1987/1990)

PROJETO HAPRONT (36-64) (1978)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 023

DOMINGO MOBRAL (62-183) (1980/1982)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 024

A MÚSICA EM VERBETES (41-63) (1981)

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (HISTÓRIA) (36-50) (1980)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 025

O NOSSO DOMINGO MUSICAL (381-510) (1981/1984) PROJETO MINERVA

CAIXA 026

LITERATURA BRASILEIRA PARA O 2º GRAU (01-06) (1977)

O NOSSO DOMINGO MUSICAL (36-80) (1974)

TEATRO, A ARTE DE REPRESENTAR (01-08) (SEM DATA)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 027

A DANÇA E A MÚSICA (38-74) (1978/1980)

MINERVA EM AÇÃO CULTURAL (105-116) (1976)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 028

MOSAICO¹⁹ (1977/1978) (1983)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 029

A CRIANÇA, O MAESTRO E A MÚSICA (01-11) (SEM DATA)

A NATUREZA PRECISA VIVER (01-20) (1978)

CAFÉ E SUAS HISTÓRIAS (01-10) (1981)

DOMINGO MOBREAL (1985)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 030

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (EMC/OSPB) (2ª FASE) (14-22) (1979)

(INGLÊS) (2ª ETAPA) (01-20) (1979)

EDUCAÇÃO É A QUESTÃO (2ª FASE) (Nº 47) (SEM DATA)

UM CONTO... UM AUTOR... UMA ÉPOCA (1977)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 031

PROJETO SERINGUEIRO (ÁREA TECNOLÓGICA) (01-71) (1979)

ÁREA INSTRUCIONAL (81-150) (1980)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 032

HOJE TEM ESPETÁCULO (11-20) (1975/1976)

MINERVA EM AÇÃO CULTURAL (117-131) (1976)

(PROJETO MINERVA)

¹⁹ Programa Cultural que buscava a interação de participantes dos diversos cantos do país.

CAIXA 033

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA) SOBRE ALISTAMENTO MILITAR) (1983)

PROGRAMA ESPECIAL SOBRE ERNESTO NAZARETH (NºS 01 E 04) (1976)

PROJETO SERINGUEIRO (108-134) (1980)

(ÁREA INSTRUCIONAL) (176-230) (1980)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 034

MINERVA EM AÇÃO CULTURAL (52-64) (1975)

PROGRAMAS ESPECIAIS DIVERSOS PRODUZIDOS ENTRE 1978 E 1984

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 035

MINERVA EM AÇÃO CULTURAL (20-44) (MENOS O Nº 33) (1974/1975)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 036

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (INGLÊS) (2ª FASE) (21-29) (1979)

MINERVA EM AÇÃO CULTURAL (65-77) (1975)

(PROJETO MINERVA)

CAIXA 037

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (MATEMÁTICA) (2ª FASE) (01-11) E (60-69) (1979) / (LITERATURA BRASILEIRA) (01-12) (1978) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 038

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (LÍNGUA PORTUGUESA) (08-25) (1981) / (MATEMÁTICA) (11-20) (1978) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 039

O NOSSO DOMINGO MUSICAL (216-280) (1977/1978) / PROGRAMAS ESPECIAIS (1975/1983) / PROJETO SERINGUEIRO (135-160) (1980) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 040

MINERVA EM AÇÃO CULTURAL (92-104) (1976) O CONTADOR DE HISTÓRIAS (31-60) (1980) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 041

MINERVA EM AÇÃO CULTURAL (01-12) (1973) / (78-91) (1975) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 042

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (2ª FASE) (INGLÊS) (01-11) (1979) / (MATEMÁTICA) (32-40) (1979) / DÚVIDAS DE PORTUGUÊS (01-73) (1976/1977) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 043

A DANÇA E A MÚSICA (102-126) (1980/1981) / CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (HISTÓRIA) (17-35) (1978) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 044

MINERVA EM AÇÃO CULTURAL (132-145) (1976/1977) / PROJETO SERINGUEIRO (161-205) (1980) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 045

ALÉM DO SUCESSO (01-48) (1974) / CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (21-32) (1978) / O CÉU DO BRASIL (01-15) (1976-1977) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 046

CAFÉ E SUAS HISTÓRIAS (21-30) (1981) / O NOSSO DOMINGO MUSICAL (511-620) (1984/1986) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 047

A MÚSICA EM VERBETES (01-40) (1980/ 1981) / CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (EMC/OSPB) (23-35) (1979) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 048

A HISTÓRIA DAS ESCOLAS DE SAMBA (01-30) (1975/1976) / A NATUREZA PRECISA VIVER (01-14) (1978) / BRASIL SÉCULO XX (01-11) (SEM DATA) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 049

ENCONTRO COM A CRIANÇA (01-81) (1979/1980) / CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (EMC/OSPB) (01-13) (1979) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 050

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (LITERATURA BRASILEIRA) (12-25) (1978) / (LÍNGUA PORTUGUESA) (01-07) (1978) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 051

MINERVA EM AÇÃO CULTURAL (NºS 40 E 41) (1974) / (NºS 175 À 191) (1977/1978) / (Nº 192) (1978) (EM ANEXO ROTEIROS EM INGLÊS E EM FRANCÊS) / (NºS 249 À 256) (1979) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 052

O CONTADOR DE HISTÓRIAS (61-103) (1981) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 053

PROGRAMAS ESPECIAIS (1974/1983) / O NOSSO DOMINGO MUSICAL (281-380) (1978/1981)
(PROJETO MINERVA)

CAIXA 054

A DANÇA E A MÚSICA (01-37) (1978/1979) / A HISTÓRIA DA MÚSICA (01-06) (SEM DATA) /
NOSSA HISTÓRIA, NOSSA MÚSICA (01-30) (1978) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 055

UM LIVRO PARA VOCÊ (19-25) (1981) / O NOSSO DOMINGO MUSICAL (01-35) (1973)
(PROJETO MINERVA)

CAIXA 056

COMO OUVIR E ENTENDER MÚSICA (01-20) (1975/1976) / CONCERTO BRASILEIRO (01-30)
(1975/1976) / PROJETO SERINGUEIRO (ÁREA INSTRUCCIONAL) (01-41) (1979) / (ÁREA
TECNOLÓGICA) (208-230) (1980) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 057

MINERVA EM AÇÃO CULTURAL (13-19) (1974) / NOVOS HORIZONTES (01-25) (1978/1979) /
PROJETO SERINGUEIRO (ÁREA INSTRUCCIONAL) (42-80) (1979) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 058

MINERVA EM AÇÃO CULTURAL (242-248) (1979) / PROGRAMAS ESPECIAIS DIVERSOS
(1977/1983) / PROJETO SERINGUEIRO (72-90) (1980) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 059

PROJETO SERINGUEIRO (91-107) (1990) / VIVA O ESPORTE (01-52) (1977/1978) / HOJE TEM
ESPETÁCULO (01-10) (1975) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 060

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (GEOGRAFIA) (13-50) (1978) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 061

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (INGLÊS) (2ª FASE) (40-46) (1979) / DESCOBRINDO A
GRANDE SÃO PAULO (EMPLASA) (31-60) (1976-1977) / MINERVA EM AÇÃO CULTURAL (146-
159) (1977) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 062

CÉU DO BRASIL (16-35) (1976-1977) / MPB 100 (01-22) (SEM DATA) / MINERVA EM AÇÃO
CULTURAL (206-221) (1978) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 063

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (HISTÓRIA) (01-16) (1978) / (GEOGRAFIA) (01-12) (1978)
(PROJETO MINERVA)

CAIXA 064

DOMINGO MOBIL (53-81) (1974/1977) / (S/NºS) (1984/1985) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 065

MINERVA EM AÇÃO CULTURAL (01-10) (1974) / (192-205) (1977/1978) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 066

ERA UMA VEZ (01-30) (1978/1979) / PROJETO HAPRONT (01-17) (1978) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 067

A HISTÓRIA DAS ESCOLAS DE SAMBA (SÉRIE INFORMATIVO-CULTURAL) (01-30) (1975) / O CONTADOR DE HISTÓRIAS (01-30) (1979/1980) / POR DENTRO DA TORRE DE BABEL (01-10) (1975) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 068

DOMINGO MOBREAL (83-131) (1976-1977) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 069

MINERVA EM AÇÃO CULTURAL (160-174) (1977) / (222-241) (1978/1979) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 070

CAFÉ E SUAS HISTÓRIAS (01-20) (1981) / EDUCAÇÃO É A QUESTÃO (01-42) (SEM DATA) / (01-49) (1977) (2º FASE) / PROJETO SERINGUEIRO (01-20) (1982) (SÉRIE “A FOLHA DEFUMADA”) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 071

DESCOBRINDO A GRANDE SÃO PAULO (EMPLASA) (01-30) (1976) / (61-135) (1977-1979) / ELES ESCOLHERAM A MÚSICA (01-13) (SEM DATA) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 072

DOMINGO MOBREAL (132-155) (1977) / (185-198) (1982) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 073

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (INFORMAÇÃO OCUPACIONAL) (01-25) (1974) / (COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA)) (01-14) (1982) (PROJETO MINERVA / CBRERP)

CAIXA 074

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA)) (2º ETAPA) (31-43) (1981) / CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (TREINAMENTO DE RECURSOS HUMANOS / TREINAMENTO DE ORIENTADORES DE APRENDIZAGEM) (03-05) (1981) / (NºS 01 E 02) (1980) / MINERVA EM AÇÃO CULTURAL (45-51) (1975) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 075

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (PROGRAMAÇÃO DE APOIO/AULA INTRODUTÓRIA) (S / NºS) / ERA UMA VEZ (31-40)(1980) / ERNESTO NAZARETH (01-10) (SEM DATA) / PROGRAMAS DIVERSOS APRESENTADOS PELA RÁDIO BANDEIRANTES DE SÃO PAULO (SEM DATA) (PROJETO MINERVA)

CAIXA 076

SPOTS E ROTEIROS DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA)), REFERENTES AO SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO (1981/1985) / CANTOS DO BRASIL, RECANTOS DE GOIÁS (NºS 148, 150, 180, 182, 244, 247, 258 E 260) (1990) (RÁDIO BRASIL CENTRAL DE GOIÂNIA, GO) / O NOSSO CARNAVAL MÚSICA (1 E 11) E A MARCHA-RANCHO (RÁDIO BANDEIRANTES, RJ) (1990) (PROJETO MIERVA)

CAIXA 077

ABRINDO CAMINHOS (01-18) (FASE 1) (1982-1983) / (21-40) (FASE 2) (1983/1984) / (01-20) (FASE 3) (1985/1986) / (01-20) (FASE 4) (1986/1987) / (01-15) (FASE 5) (1986/1987) (CBRERP/SENAC)

CAIXA 078

A MÚSICA DO CINEMA (1984/1985) / A MÚSICA NO ROMANTISMO (1983/1985) (FM) / ARRANJOS ORQUESTRAS (1985) (CBRERP) / A SINFONIA (02-18) (1983) (CBRERP) / ABERTURAS, SUÍTES E PRELÚDIOS (01-16) (1985) / VALSAS (1985/1986) / AVENTURAS NO REINO DO SOM (1985)

CAIXA 079

CAMINHOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA (01-90) (1986/1987) / EROS E POESIA (Nº S 05, 08, 09, 11 E 13) (1982) / JOÃO E MARIA (13-30) (1983/1984) (CBRERP) / ÓPERA COMPLETA (1998) (FM) / RÁDIO ATLAS (1998) (FM) / 80 – ANTOLOGIA DOS POETAS BRASILEIROS (21-30) (1978) / ATENDENDO AOS OUVINTES (1983/1985) (CBRERP) / ÁUREA MÚSICA (1998) (FM) / BEL CANTO (1998) (FM)

CAIXA 080

A LITERATURA BRASILEIRA, SUA HISTÓRIA, SEUS AUTORES (57-72) (1977) / HAENDEL (1985) (FM) / MELODIA FRANCESA (01-56) (1985/1986) / SÁBADO EM CONCERTO (1986) (FM) / SELEÇÃO MUSICAL (SEM DATA) (FM) / ARTE DO PIANO (1994/1996) (FM)

CAIXA 081

A LITERATURA BRASILEIRA, SUA HISTORIA, SEUS AUTORES (57-72) (1977) / HAENDEL (1985) (FM) / MELODIA FRANCESA (01-56) (1985/1986) / SÁBADO EM CONCERTO (1986) (FM) / SELEÇÃO MUSICAL (SEM DATA) (FM) / ARTE DO PIANO (1994/1996) (FM)

CAIXA 082

ESTAMPAS BRASILEIRAS (SEM DATA) (CBRERP) / MOSAICO (1983/1984) / LITERATURA ÁRABE (1984/1985) (CBRERP) / LITERATURA RUSSA E ESLAVA (1984/1985) (CBRERP)

CAIXA 083

ESSE RIO QUE EU AMO (20/12/1985 À 24/06/1986) / MPB MEC (1982/1983) (CBRERP) / MÚSICA BARROCA ESPECIAL (1998) / NAS ASAS DA CANÇÃO (1998) / NÓS NA ESCOLA (01-15) (1991) (FRP)

CAIXA 084

A HISTORIA DO JAZZ (1987/1988) / GENTE DA MÚSICA (87-134) (SEM DATA) / MATEMÁTICA SEM PROBLEMAS²⁰ (01-15) (1978) / O LIED (1983/1986) (CBRERP) / ONTEM E SEMPRE (01-70) (RÁDIO MEC/CBRERP)

²⁰ Série de Programas que salientava aplicações mais usuais da Matemática, em especial nas tecnologias.

CAIXA 085

AO CAIR DA TARDE (136-283) (1984/1985) / JAZZ (1986/1987) / MÚSICA DO SÉCULO XX (01-39) (1985/1986) / O BARROCO (1983) (FM) / O CLÁSSICO (01-22) (1984) (CBRERP) (FM)

CAIXA 086

FAIXA AUTORAL (1985/1986) / MATEMÁTICA SEM PROBLEMAS (16-30) (1978) / MOMENTOS INFORMACIONAIS (01-101) (CBRERP) (SEM DATA)

CAIXA 087

ALEGRIA É VIDA (1983/1984) / GENTE DA MÚSICA (01-65) (1975/1976)

CAIXA 088

ESPORTE PARA TODOS (1982/1983) (CBRERP) / MÚSICA SINFÔNICA (1995/1996) (FM) / PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (01-15) (1983/1984) (CBRERP) / GENTE DA MÚSICA (66-86) (1977)

CAIXA 089

PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL PARA O MAGISTÉRIO (01-05) (1986) / (01-20) (1987/1988) (CBRERP) / BEETHOVEN SUA VIDA E SUA OBRA (1986) (CBRERP)

CAIXA 090

ALEMÃO COM MÚSICA (01-33) (1984) / (01-32) (1985) (2º PARTE) / (01-33) (1985) (2º SEMESTRE) (CBRERP) / BRAHMS SUA VIDA E SUA OBRA (01-10) (1985) / TCHAIKOVSKY SUA VIDA E SUA OBRA (01-12) (1985)

CAIXA 091

O TEATRO CONTA A HISTÓRIA (1982/1983) / PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO) (01-06) (1984) / (EDUCAÇÃO ARTÍSTICA) (01-09) (1984) (CBRERP)

CAIXA 092

ÓPERA COMPLETA (1993-1997)

CAIXA 093

ESTAMPAS BRASILEIRAS (1983, 1984 E 1992) (FRP) / SEM COUVERT (01-59) (1990/1992) (FRP) / PARA GOSTAR DE LER (1982/1984) / A VOZ DOS INSTRUMENTOS (01-20) (1988) (CBRERP)

CAIXA 094

CAMINHOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA (1987/1988) (CBRERP) / COISAS DA PROVÍNCIA (1984, 1986 E 1987) (RÁDIO LIBERTAS FM DE BELO HORIZONTE, MG) E (RÁDIO COSMOS FM EDUCATIVA DE PELOTAS, RS) / CRÔNICAS (1993/1996) (FM) EDUCAÇÃO EM DEBATE (180-267) (1991/1993) (FRP / CBRERP)

CAIXA 095

RARIDADES MUSICAIS (1990/1991)/ SAÚDE (01- 06) (1987) (CBRERP) / SOM MAIOR (18-45) (1985) (CBRERP) / TEMPO DE ESPORTE (1987/1988) (CBRERP)/ AÍ VEM A BANDA (01-24) (1984) (CBRERP) / CRÔNICAS (1983) (CBRERP)

CAIXA 096

CLÁSSICOS DE SEMPRE (1985) (CBRERP) (AM) / JAZZ (01-07) (1985) / OS MESTRES DO PIANO (1980/1983) / PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL PARA O MAGISTÉRIO (EDUCAÇÃO FÍSICA) (01-09) (1988) (CBRERP)

CAIXA 097

AÍ VEM A BANDA (25-48) (1984/1985) (CBRERP) / ENCONTRO MUSICAL (1985) / ESSE RIO QUE EU AMO (06/10/1986 À 31/12/1986) / MÚSICA MELÓDICA (05-10) (64 E 65) (1983) (FM) / PROGRAMAS ESPECIAIS (1976) (1985) (CBRERP)

CAIXA 098

BONJOUR BRÉSIL (21-60) (1989) (CBRERP) / BOSSA NOVA (01-26) (1989) / CAMINHOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA (22 E 27) (1987) / (01-28) (1989) (CBRERP) / COMPOSITORES BRASILEIROS (1997/1998) (ACERP²¹) / DISCOS CLÁSSICOS (1995/1997)

CAIXA 099

CANTO CORAL (01-48) (1985) (CBRERP) / CALEIDOSCÓPIO (01-39) (1985) (CBRERP) / CONTOS E LENDAS DA NOSSA TERRA (1982/1983) / CONCERTO MEC (1984/1985) (CBRERP) / EDUCAÇÃO HOJE (01-05) (1987) / EDUCAÇÃO E CONSTITUINTE (01-34) (1986/1987) (CBRERP)

CAIXA 100

LITERATURA DAS AMÉRICAS (1984) (CBRERP) / DISCOS CLÁSSICOS (1992/1997) (FM)

CAIXA 101

REGENTES E ORQUESTRAS DE TODO O MUNDO (1982/1983) / ROBERT SCHUMANN, ROMANCE E TRAGÉDIA (01-39) (1984/1985) / SOLISTAS (1987/1989) (CBRERP)

CAIXA 102

BACH (1985) (CBRERP) (FM) / BEETHOVEM (NºS 07, 09, 10, 12, 14 E 18) (1985) (CBRERP) / CLASSE A (1985/1986) (CBRERP) / ALEGRIA É VIDA! (1983/1984) (CBRERP) / OS SOLISTAS (1998) (FM) / SÉRIE INTEGRAL (1998) (FM) / REVISTA DO LIVRO (29-59) (1984/1985) (CBRERP) / EM PAUTA (1998) (FM) / SOM INFINITO (1998) (FM)

CAIXA 103

DAQUI E DACOLÁ (1983) / MEU BRASIL BRASILEIRO (01-14) (1983) (CBRERP) / MÚSICA ANTIGA (1983/1984) (AM) / MÚSICA POPULAR (1984) (CBRERP) / DE UMA SALA DE CONCERTOS DA HOLANDA (1983) (CBRERP)

CAIXA 104

DOMINGO COM OS MESTRES DA MÚSICA (1974/1976) / CHORINHOS E CHORÕES (01-30) (1977/1978)

CAIXA 105

REVISTA SEMANAL DO LIVRO (1983/1985) (CBRERP)

²¹ Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto – ACERP. Sucessora da Fundação Roquette-Pinto na operação das TVs Educativas do Rio de Janeiro e de São Luís do Maranhão, além das rádios MEC AM e FM do Rio e AM de Brasília.

CAIXA 106

CONCERTO MEC (1985/1986) (FM) / EM CENA (1994/1995) / FIM DE TARDE (1983) (CBRERP) / FUTUROS MESTRES EM MÚSICA (1983/1984) (CBRERP) / HARMONIA (1994/1996)

CAIXA 107

GOIÁS, CANTO DA GENTE (99-117) (1987) (RÁDIO DIFUSORA DE GOIÂNIA, GO) / GUAÍBA CULTURA (RÁDIO GUAÍBA DE PORTO ALEGRE, RS) (SEM DATA) / NÓS NA ESCOLA (01-15) (1992) (FRP) / O CHORINHO E SEUS PARENTES (1987/1988) / (RÁDIO SOCIEDADE DA BAHIA)

CAIXA 108

CANTOS DO BRASIL, RECANTOS DE GOIÁS (01-06) (14-17) (1987) (RÁDIO BRASIL CENTRAL DE GOIÂNIA, GO) / UMA DATA PARA LEMBRAR (01-28) (1978) / A HISTORIA DO TEATRO NO BRASIL (01-29) (1978) / FALANDO DE LIVROS (01-22) (1985)

CAIXA 109

CONCERTO MEC (1988-1997)/ MÚSICA ATRAVÉS DO TEMPO (42-100) (1988-1989)

CAIXA 110

ESSE RIO QUE EU AMO (1985/1986) / MELHORES MOMENTOS (1986/1987) / VESTIBULAR 86 (01-41) (1985/1986)

CAIXA 111

GOIÁS, CANTO DA GENTE (01-08) (80-98) (1987) (RÁDIO DIFUSORA DE GOIÂNIA, GO) / GUAÍBA CULTURA (SEM DATA) (RÁDIO GUAÍBA DE PORTO ALEGRE, RS) / LITERATURA (SEM DATA) / LITERATURA BRASILEIRA (1985) (CBRERP) / SÉRIE INTEGRAL (01-115) (1995/1996) (FM)

CAIXA 112

BANDAS DE TODO O BRASIL (1987/1988) (CBRERP/RÁDIO EMISSORA DA BARRA DE BARRA BONITA, SP) / DISCOTECA ESPECIAL (1982/1983) (CBRERP) / DANÇA, UM ATO DE AMOR (1983) / ESTAMPAS BRASILEIRAS (SEM DATA) (CNRERP)

CAIXA 113

ANTOLOGIA DE POETAS BRASILEIROS (01-20) (1977/1978) / ARRANJOS ORQUESTRAIS (SEM DATA) / CONCERTO DE TODOS OS TEMPOS (1985)

CAIXA 114

CONCERTO AO MEIO-DIA (1983) (CBRERP) / CONCERTOS ESPECIAIS (1985) (CBRERP) / CRÔNICAS (1984/1985) / ENCONTRO MUSICAL (1983/1984) (CBRERP)

CAIXA 115

PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (DIDÁTICA) (01-29) (1984) / MATEMÁTICA (16-30) (1985) (CBRERP) / RÁDIO MEC RESPONDE (1984) / VESPERAL (1983/1984) (CBRERP)

CAIXA 116

CAIXA POSTAL 11060 (01-50) (1981) / (60-144) (1983/1985) (CBRERP)

CAIXA 117

NO MUNDO DOS DISCOS (SEM DATA) / NOSTALGIA (01-49) (1984/1985) (CBRERP) / NOTURNO (1985) (CBRERP) / NOVA DIMENSÃO (1982/1983) (CBRERP) / NUTRIÇÃO E VOCÊ (NºS 03, 07 E 09) (DEPARTAMENTO DE NUTRIÇÃO E NÚCLEO AUDIOVISUAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)) (1985) / PROGRAMA ESPECIAL (1986) (CBRERP) / PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO) (01-30) (1984) (CBRERP)

CAIXA 118

ALFABETIZANDO (SEM DATA) (CBRERP) / ARTE DO PIANO (SEM DATA) / ANTOLOGIA DO HUMOR (SEM DATA) / CLASSE A (1985/1986) / HAYDN, SCHUBERT E MENDELSSOHN – SUA VIDA E SUA OBRA (1986) (FM) / RECITAL – CONCERTO (1986) / PROSIVERSO (SEM DATA) / VARANDA (1986) (CBRERP) / O MUNDO DE MAURICE RAVEL (25-35) (SEM DATA) / HORA HORA (SEM DATA) / A LITERATURA BRASILEIRA, SUA HISTORIA E SEUS AUTORES (01-27) (1976)

CAIXA 119

CRÔNICAS (1986/1990) / TRAVESSIA LITERÁRIA (1982/1983) (CBRERP)

CAIXA 120

DOMINGO COM OS MESTRES DA MÚSICA (91-230) (1976/1979)

CAIXA 121

CAMINHOS DA INSPIRAÇÃO (1982) / CLASSE A (1983/1985) (CBRERP) / COISAS DA MÚSICA (1983) (CBRERP) / CONCERTO MEC (1987) / CONHEÇA O BRASIL (01-19) (1983) (CBRERP) / ÓPERA COMPLETA (1995/1997)

CAIXA 122

ALFABETIZANDO (01-31) (1986) (CBRERP) / ATUALIDADES (1985) / BOLETIM DO COMETA HALLEY (1985) / CAMINHOS DA MÚSICA (01-30) (1977) / CONCERTO DE TODOS OS TEMPOS (1985) (CBRERP) (FM)

CAIXA 123

BOM DIA COM MÚSICA (1983/1984) (CBRERP) / CIÊNCIA VIVA (Nº 01) (1987) (CBRERP) / CINOFILIA (Nº 28) (SEM DATA) (CBRERP) / CRÔNICA (1983) (CBRERP) / NATUREZA (Nº 01) (SEM DATA) (CBRERP) / SEMEAR (Nº 174) (1990) (CNRERP) / TRECHOS LÍRICOS (1983) (CBRERP) / MOZART, SUA VIDA E SUA OBRA (01-30) (1982/1986) (CBRERP) / MÚSICA E LETRA (Nº 05) (1983) / NOS CAMINHOS DA COMUNICAÇÃO (01-32) (1978/1979)

CAIXA 124

CIDADÃO EM FOCO (01-03) (1989) / O JAZZ HOJE (1988/1989) / VILLAGE (01-56) (SEM DATA) (AM) / VISITE O MUSEU (01-44) (1984/1985) (CBRERP)

CAIXA 125

MOSAICO (1984) (CBRERP) / POESIA BRASILEIRA ONTEM E HOJE (45-69) (1982/1983) / SOLISTAS INTERNACIONAIS (1984/1985) / SOM DE VANGUARDA (01-42) (1984/1985) (CBRERP) / SOM MAIOR (1984) (CBRERP)

CAIXA 126

CONCERTO MEC (1986) / CRIANÇAS DE TODO O MUNDO (1984/1985) / ERA UMA VEZ (1978) (DEUTSCHE WELLE) / MÚSICA ATRAVÉS DO TEMPO (101-148) (1990/1991) (1995)

CAIXA 127

BRASIL CIÊNCIA (01-54) (1987) (CBRERP) / CIÊNCIA VIVA (01-30) (1987) (CBRERP) / MOSAICO (CINOFILIA) (01-40) (1983) (CBRERP)

CAIXA 128

MADE IN BRAZIL (SEM DATA) / A MÚSICA NORTE-AMERICANA (1985) / O DESAFIO EDUCACIONAL (CRÔNICA DE ARNALDO NISKIER) (1983) / AS BIG BANDS (1986) / ALEGRIA É VIDA! (1983) (CBRERP) / ESTAMPAS BRASILEIRAS (SEM DATA) (CBRERP) / CONHEÇA SEU FILHO (01-19) (1982) / DESAFIO (1985) / ESPORTE PARA TODOS (01-22) (1986) (CBRERP) / GINÁSTICA (01-319) (1985/1986) (AM)

CAIXA 129

ARTES PLÁSTICAS (1982/1983) / BANDAS DE TODO O BRASIL (1984) (RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO, SP) / O CHORINHO E SEUS PARENTES (1985) (1987) (RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO, SP) / VERSO E REVERSO (PROJETO EDUCAR) (1989) (CBRERP)

CAIXA 130

ALEMÃO COM MÚSICA (2º ETAPA) (01-32) (1989) (CBRERP) / ATUALIDADES DO CURSO DE ALEMÃO COM MÚSICA (1984/1986) / CURSO DE ALEMÃO “ AUF DEUTSCH GESAGT” (AULAS DE REVISÃO 01 À 05) (2º ETAPA) (1989) (CBRERP) / DISCOS CLÁSSICOS (1998) / ÓPERA NA MADRUGADA (1998)

CAIXA 131

JOÃO E MARIA (01-20) (1983/1984) (CBRERP) / MÚSICA POPULAR BRASILEIRA (1985) (CBRERP) / SUPLEMENTO MUSICAL (1985) / SUPLEMENTO MUSICAL POPULAR (1985) / PROSIVERSO (01-21) (1987/1988) (CBRERP) / VARANDA (1986) (CBRERP)

CAIXA 132

CURSO DE ALEMÃO “AUF DEUTSCH GESAGT” (1984/1987) (CBRERP) / NATUREZA (1986/1987) (CBRERP) / PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (DIDÁTICA) (16-30) (1984) / (FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO) (01-30) (1983/1984) (CBRERP) / SOLISTAS (SEM DATA) (FM)

CAIXA 133

ENCONTRO MUSICAL (1984/1985) (CBRERP)

CAIXA 134

SELEÇÃO CLÁSSICA (1984) (CBRERP) / SARAU, CORETO E SERESTA (1985) / SELEÇÃO MUSICAL (1985) (CBRERP) / SALÃO DE MÚSICA (1983) (CBRERP) / SUPLEMENTO MUSICAL (1983/1984) (CBRERP) / SETOR CULTURAL (1984) (CBRERP)

CAIXA 135

BAZAR (1990/1991) / AS CANTATAS DE BACH (01-57) (1985,1986,1991 E 1992) / GENTE DO JAZZ (1990) / ESSE RIO QUE EU AMO (01/09/1987 À 31/12/1987)

CAIXA 136

CAIXA POSTAL 11060 (51-68) (1982) / CAIXA POSTAL 11060 (01-25) (1982/1983) ESSE RIO QUE EU AMO (24/09/1985 À 04/12/1985) / O RIO CONTA A SUA HISTORIA (02-22) (1985) (CBRERP)

CAIXA 137

HISTÓRIAS QUE O SERTÃO CANTA (1984/1985) (RADIO RECORD DE SÃO PAULO, SP)

CAIXA 138

MUSICA ATRAVÉS DO TEMPO (01 À 41 E Nº 100) (1989) (FM)

CAIXA 139

ESSE RIO QUE EU AMO (04/07 À 20/10/1986) / PRIMEIRAS LETRAS, MUITAS DÚVIDAS (01-37) (1992) / PROFESSOR ALFABETIZADOR (01-24) (1992)

CAIXA 140

ANTOLOGIA DO HUMOR (02-18) (1988) (CBRERP) / SALA DE CONCERTO (1984/1985) (CBRERP) / SOLISTAS INTERNACIONAIS (09/01/1985, 10/01/1985 E 11/01/1985) (01/07/1985 À 31/10/1985) / VOCÊ E A TERRA (01-08) (1993)

CAIXA 141

AS BIG BANDS (NºS 01 E 02) (1985) / FOLCLORE (SEM DATA) (OC) / MÚSCIA ANTIGA (1985) / O HUMOR NA HISTÓRIA DA MÚSICA (01-94) (1994/1997) / POESIA NO AR (1994/1996)

CAIXA 142

CAMINHOS DO JAZZ (01-32) (1990/1991) / ENCONTROS COM PAULO FREIRE (01-15) (1988) (CBRERP) / ESSE RIO QUE EU AMO (01/01/1988 À 28/04/1988) / MEU BRASIL BRASILEIRO (01-14) (1983) E (Nº 22) (1984) (CBRERP)

CAIXA 143

MUSICA POPULAR LATINO-AMERICANA (1985) (CBRERP) / PANORAMA CORAL (1985) / O TEATRO CONTA A HISTORIA (1983/1984) (CBRERP) / SOLISTAS INTERNACIONAIS (01/11/1985 À 31/07/1986)

CAIXA 144

CRÔNICAS (1977/1980) / MANIA DE MÚSICA (1992/1997) (FRP) / PROGRAMAS ESPECIAIS SEMANAIS (1997) (FM) / VAMOS AO TEATRO (1983) / VOZES DO SÉCULO (01-65) (1984/1985) (CBRERP)

CAIXA 145

NOTURNO (1996) (FM) / O DIA COMEÇA COM MÚSICA (1990/1996) (FM) / TERRA BRASIL I (01-08) (1988) / TERRA BRASIL II (01-27) (1988) (CBRERP)

CAIXA 146

CAIXA POSTAL 11060 (43-59) (1983) (CBRERP) / CONTOS E LENDAS DE NOSSA TERRA (01-18) (1983) (CBRERP) / POESIA NO BRASIL, SUA HISTORIA E SEU DESENVOLVIMENTO (1982/1983) (CBRERP)

CAIXA 147

A VALSA (1982/1983) (CBRERP) / COISAS DA MÚSICA (1983) / CONTRASTES E ESTILOS (SEM DATA) / DOCUMENTÁRIO SENTIMENTAL (1970) / EDUCANDO E SE DIVERTINDO (SEM DATA) / É PRECISO CANTAR (1980) / GOTAS DE CULTURA (SEM DATA) / IDÉIAS BEM BOLADAS (Nº 13) (1983) (CBRERP) / MUNDO DA CRIANÇA (1970) / MÚSICA ALEMÃO (1984) (CBRERP) / MÚSICA CLÁSSICA (SEM DATA) / MÚSICA POPULAR BRASILEIRA (1984) (CBRERP) / ORIGENS (Nº 154) (1984) / OS MÉDICOS (1983) / PIANO, O REI DOS INSTRUMENTOS (01-03) (1983) / PRESENÇA CLÁSSICA (NºS 72 E 80) (1984) (CBRERP)

CAIXA 148

PEDRO PEDREIRO (01-31) (1983/1984) (CBRERP) / POESIA NO AR (26-40) (1996)

CAIXA 149

A PESQUISA, O AUTOR E A MÚSICA (1983) / AS CANTADAS DE BACH (01-38) (1985) (FM) / ESPORTE LIVRE (1983) (RÁDIO FLUMINENSE AM DE NITERÓI, RJ) / GENTE DO JAZZ (1990) / JAZZ FESTIVAL (1989/1990)

CAIXA 150

PROGRAMA (SEM IDENTIFICAÇÃO) PRODUZIDO PELO INSTITUTO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF) (SEM DATA) / ÓPERA COMPLETA (1989/1996) / OPERETA (1983/1984) / OS BOÊMIOS (1979/1981) / ROTEIROS EM INGLÊS E EM FRANCÊS (SEM DATA) / VAMOS BRINCAR (01-30) (1984/1985) (CBRERP)

CAIXA 151

A MÚSICA NO ROMANTISMO (1985/1986) / ESPORTE PARA TODOS (NºS 06 E 22) (1983) (CBRERP) / MANIA DE MÚSICA (1992/1996) (FM) / MODINHAS E CANÇÕES BRASILEIRA (1983/1985) (CBRERP)

CAIXA 152

MOMENTO MUSICAL (1984) / MÚSICA DE BALLET (1983/1984) / MÚSICA DE CÂMARA (1986) / MÚSICA INTERNACIONAL (1984/1985) / MÚSICA ORQUESTRADA (1984/1985) (CBRERP) / MÚSICA REGIONAL DO BRASIL (1984)

CAIXA 153

O LIED (1985/1986) (CBRERP) / SARAU (1998) (FM) / TEMPOS MODERNOS (1998) (FM) / UM NOVO TEMPO (1991/1992) (CBRERP) / VISITE O MUSEU (01-44) (1984/1985) (CBRERP)

CAIXA 154

A HISTORIA DO RÁDIO-TEATRO BRASILEIRO (01-10) (1978) (FUNARTE/ RÁDIO MEC) / BRASIL EM AQUARELA (37-74) (1991) (CBRERP) / CRÔNICAS DE ARNALDO NISKIER (1986/1988)

CAIXA 155

ESPORTE PARA TODOS (1983) (CBRERP) / ESSE RIO QUE EU AMO (1985) (01/01/1987 À 31/08/1987)

CAIXA 156

MÚSICA DE CÂMARA (1993/1997) (FM) / MÚSICA MODERNA (01-35) (1992/1993) (FM) / ÓPERA COMPLETA (1984, 1986, 1988 E 1996)

CAIXA 157

POESIA NO BRASIL, SUA HISTORIA E SEU DESENVOLVIMENTO (1982) (CBRERP) / SOM INFINITO (01-128) (1993/1997) / TIRANDO DE LETRA (1983/1984)

CAIXA 158

TRECHOS LÍRICOS (1983/1985) (CBRERP) / VOCÊ E A TERRA (1994) (FRP/RÁDIO MEC/DIVPED)

CAIXA 159

COMENTÁRIOS DE VIRIATO GOMES (1983) / TEATRO BRASILEIRO (01-56) / TODAS AS CLAVES (01-44) (1984) / A LITERATURA BRASILEIRA, SUA HISTORIA E SEUS AUTORES (28-56) (1976/1977)

CAIXA 160

CONCERTO MEC (161-182) (1987/1988) / PARA GOSTAR DE LER (1982/1984) (RÁDIO MEC/CBRERP)

CAIXA 161

LABORATÓRIO (01-36) (CBRERP) / MEC CONTEMPORÂNEO (01-74) (1992/1995) / NOTURNO (1985) (AM) / TRECHOS LÍRICOS (1985/1986) (CBRERP)

CAIXA 162

PANORAMA CORAL (1986) (FM) / PEDRO PEDREIRO (01-30) (1983/1984) (CBRERP) / PRESENÇA CLÁSSICA (1984) / PRESENÇA DA ÓPERA (02-04) (1983) / SÁBADO EM CONCERTO (1986) / VERBETES DA MÚSICA (1987) / ALGUÉM CANTANDO (1983/1984)

CAIXA 163

EVOCAÇÕES DA MÚSICA FRANCESA (1983/1984) (CBRERP) / PALAVRAS AO AR (SEM DATA) (PROJETO RADIOTEATRO) / PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (MATEMÁTICA – PROGRAMA INTRODUTÓRIO) (01-30) (1985) (CBRERP) / UNIVERSIDADE NO AR (01-24) (1986/1987)

CAIXA 164

CAMINHOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA (1986/1987) (CBRERP) / CRÔNICAS (1987/1990) / EDUCAÇÃO EM DEBATE (166-174) (1990) (CNRERP) / ESSES MOÇOS (CBRERP/ RÁDIO UNIVERSITÁRIA FM DE FORTALEZA, CE) / FOLEVIOLA (01-04) (1983) / IDÉIAS BEM BOLADAS (01-18) (1982/1983) (CBRERP)

CAIXA 165

A ARTE DO CANTO (01-94) (1989/1990) / ACERVO MEC (01-110) (1992/1993) (FM) / A HISTORIA DO BALLET (1983) (CBRERP) / ARQUIVO MUSICAL (1983) (CBRERP) / BANDAS DE TODO O BRASIL (1987 E 1989) (CBRERP/RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO, SP/ RÁDIO EMISSORA DA BARRA, BARRA BONITA, SP) / BRASIL EM AQUARELA (01-36) (1989/1990) (CBRERP)

CAIXA 166

CLÁSSICOS POPULARES (1985) (CBRERP) / DOMINGO COM OS MESTRES DA MÚSICA (231-284) (1979/1981) / EDUCAÇÃO EM DEBATE (01-100) (1985/1987) (CBRERP) / EDUCADOR

LEIGO (01-08) (1991) (FRP) / ESSE RIO QUE EU AMO (20/12/1985 À 31/03/1986) / LASER JAZZ (1990)

CAIXA 167

LITERATURA EUROPÉIA (1984 E 1987) (CBRERP) / MEU BRASIL BRASILEIRO (1988) (CBRERP) / NÓS NA ESCOLA (01-15) (1991/1992) (FRP) / O CLÁSSICO (01-70) (1985/1986) – ÓPERA EM RESUMO (1985) (CBRERP) / OUTRA VOZ (SEM DATA) (PROGRAMA PILOTO) / PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (01-15) (1985) (CBRERP)

CAIXA 168

PROJETO SUPLÊNCIA (NºS 01 E 02) (ESTUDOS SOCIAIS E LÍNGUA PORTUGUESA) (SEM DATA) (FRP) (AM) / SELO – JANELA PARA O MUNDO (1982/1983) (ASSESSORIA FILATÉLICA/ECT/DR/RIO) / SIMPLEMENTE POESIA (1985) / VESPERAL (1985) / VIVA MÚSICA (01-22) (1996/1997) (FM) / A BELA ITÁLIA (01-08) (1990) (CBRERP)

CAIXA 169

A BELA ITÁLIA (09-16) (1990) (CBRERP) / ANTOLOGIA DO CHORO (01-35) (1987) / (01-23) (1988) (CBRERP) / CURSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOMÉSTICA “VIVENDO E APRENDENDO” (01-27) (SEM DATA) / ENCONTRO MUSICAL (1985) (CBRERP) / FALANDO DE CINEMA (1983/1985)

CAIXA 170

HISTORIAS DE ENGAMBELAR (02-27) (1982/1983) (CBRERP) / LET’S SPEAK ENGLISH 2 (01-21) (AULAS 51 À 98) (1986) (CBRERP) / NATUREZA (1986/1987) / NO MUNDO DA ÓPERA (01-30) (1975) / NO TEMPO DOS DEUSES E HERÓIS (01-09) (1985)

CAIXA 171

NO TEMPO DOS DEUSES E HERÓIS (10-18) (1985) / PRESENÇA JURÍDICA (1982/1983) / PROFESSOR ALFABETIZADOR (01-24) (1993) (FRP) / PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (LÍNGUA PORTUGUESA) (01-15) (1984) (CBRERP)

CAIXA 172

PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (LÍNGUA PORTUGUESA) (16-30) (1984) (CBRERP) / REVISTA SEMANAL DO LIVRO (01-78) (1982/1984) / UM BRASILEIRO EM PARIS (01-30) (1984) (CBRERP) / UM MAESTRO, UMA ORQUESTRA (SEM DATA)

CAIXA 173

ALEMÃO COM MÚSICA (01-33) (1986) (CBRERP) / ARTE DO CANTO (1983/1985) (CBRERP) / ATENDENDO AOS OUVINTES (Nos. 02, 04 E 11) (1996) (FM) / COLLEGIUM MUSICUM (26-73) (1995/1997) (FM) / CONCERTO MEC (01-84) (1986/1987)

CAIXA 174

DOMINGO NACIONAL (1990) / EDUCAÇÃO HOJE (01-04) (1985) (CBRERP) / ENCONTRO ENTRE AMIGOS (01-18) (1990/1991) (FRP) / ENSAIO GERAL (01-222) (1984/1985) (CBRERP) / ESSE RIO QUE EU AMO (04/03/1987 À 30/04/1987)

CAIXA 175

GENTE DO JEITO DA GENTE (01-28) (1984/1985) (CBRERP) / GENTE EM FOCO (NºS 01, 32, 33 E 34) (1982/1983) (CBRERP) / GRANDES CONCERTOS (01-07) (1983) (CBRERP) / HISTORIAS DA BÍBLICA (01-56) (1984/1985) / HISTORIA DOS INSTRUMENTOS (1983/1984) (CBRERP)

CAIXA 176

MODINHAS E CANÇÕES (01-34) (1985/1986) (CBRERP) / MOMENTO TEATRAL (1982/1983) / MÚSICA ATRAVÉS DO TEMPO (151-207) (1991/1996) / MÚSICAS E MÚSICOS DO BRASIL (01-07) (1983/1986) / MÚSICA INSTRUMENTAL BRASILEIRA (01-64) (1984) / (01-101) (1985) (CBRERP)

CAIXA 177

MÚSICA JOVEM (01-140) (SEM DATA) (CBRERP) / MUSICALIZANDO (01-20) (1986/1987) (CBRERP) / O CHORINHO E SEUS PARENTES (1987 E 1989) (CBRERP/RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO, SP/ RÁDIO EMISSORA DA BARRA, BARRA BONITA, SP) / O DIA COMEÇA COM MÚSICA (SEM DATA) (FM) / ÓPERA COMPLETA (1985/1986) (FM)

CAIXA 178

OS MAIS BELOS CLÁSSICOS (1983) (CBRERP) / OS MÚSICOS (01-50) (1983) / (01-07) (1984) / OS QUATRO ELEMENTOS (1988) (CBRERP) / POESIA NO AR (01-25) (1995/1996) / SÁBADO NACIONAL (1990) / UM INSTRUMENTO (1983/1984) (CBRERP) / VESPERAL (CBRERP/RÁDIOMEC) (1985) / VIAGEM ATRAVÉS DA MÚSICA (01-10) (1984/1985) / (01-03) (1986)

CAIXA 179

CONEXÃO DIRETA (69-201) (1998) (FM) / CONTISTAS BRASILEIROS (1981/1983) (CBRERP) / EM CENA (Nº 10) (1997) (FM) / A HISTORIA CONTA HISTORIAS (SEM DATA) / LITERATURA PORTUGUESA (1984/1986) (CBRERP)

CAIXA 180

O CRAVO E O PIANO (1985) (CBRERP) / TERRA VERDE (01-24) (1990) (FRP)

CAIXA 181

PROGRAMAS DIVERSOS PRODUZIDOS PELA RÁDIO MEC, EM CONSONÂNCIA COM A FUNARTE (SEM DATA, 1978 E 1979)

CAIXA 182

ATENDENDO AOS OUVINTES (1984/1985) (CBRERP) / BANDAS DE TODO O BRASIL (1985 E 1987) (RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO, SP) / CAMINHOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA (16-100) (1989/1990) (CBRERP) / CRÔNICAS (1984)

CAIXA 183

FLASHES EDUCACIONAIS (08-40) (SEM DATA) / GINÁSTICA (01-89) (1987/1988) / INGLÊS NA MÚSICA (1984) (CBRERP) / INTERLÚDIO (1982) / INTERMEZZO (1983) (CBRERP) / O SACO MISTERIOSO (01-11) (1985) (FUNTEVÊ/RÁDIO MEC)

CAIXA 184

MEMÓRIAS DO RÁDIO (1984/1985) / PEQUENO CONCERTO (1983/1984) (CBRERP) / POESIA NO AR (1996)

CAIXA 185

ALEMÃO COM MÚSICA (Nº 21) (1984) E (Nº 04) (1985) (CBRERP) / CAIXA POSTAL 11060 (26-42) (1983) (CBRERP) / EDUCADOR LEIGO (01-12) (1991) (FRP) / LITERATURA BRASILEIRA

(1984) / PROJETO SUPLÊNCIA (ESTUDOS SOCIAIS) (01-03) (SEM DATA) (FRP) (LÍNGUA PORTUGUESA) (01-04) (1991) (CBRERP/FRP/AM)

CAIXA 186

LITERATURA PORTUGUESA (1984/1985) (CBRERP) / MÚSICA BARROCA (1990/1991) / NOTURNO (01-08) (1998) / ÓPERA COMPLETA (SUPLEMENTO) (1983/1984) (AM) / VISITE O MUSEU (01-08) (1991) (CNRERP) / VOCÊ FAZ A PARADA (1984/1985) (CBRERP)

CAIXA 187

ESPORTE JOVEM (1988) (RÁDIO BANDEIRANTES DO RIO DE JANEIRO, RJ) / MÚSICA DE CÂMARA (23/08/1996 E 04/10/1996) / NOTURNO (03/04/1985 E 05/04/1985) / PROGRAMA ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO DO PROJETO MINERVA (SEM DATA) / SÉRIE INTEGRAL (NºS 88 E 89) (1996) / SPOTS DE DIVULGAÇÃO DOS CURSOS DE HISTÓRIA E DE LÍNGUA PORTUGUESA DA PROGRAMAÇÃO DE APOIO AO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (1989) / ROTEIROS EM INGLÊS E ESPANHOL / RÁDIO MEC RESPONDE (85-139) (1984/1985) / EDUCAÇÃO EM DEBATE (01-04) (1985) / CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (AULA INTRODUTÓRIA) (1989) / CURSO DE INGLÊS “LET’S SPEAK ENGLISH” (TESTE FINAL E AULAS DE REVISÃO NºS 18 À 21) (1985/1986) / FOLCLORE BRASILEIRO (01-10) (CONVÊNIO ITAMARATY) (1977) / ROTEIROS DAS TELEAULAS NºS 06, 07 E 08 DE HISTÓRIA E Nº 15 DE MATEMÁTICA PRODUZIDAS PELA SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (1983) / CALEIDOSCÓPIO (Nº 27) (SEM DATA) / CRÔNICAS (NºS 405, 416 E 417) (1996) / CURSO DE ALEMÃO “AUF DEUTSCH GESAGT” (AULA DE REVISÃO) (17/09/1984) / CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA)) (Nº 01) (1981) / DISCOS CLÁSSICOS (22/08/1996)

CAIXA 188

BONJOUR BRÉSIL (01-20) (1º FASE) (ANEXO TESTE Nº 01) (1988) / CHAMADAS VEICULADAS PELA RÁDIO MEC EM 1983 E EM 1996 / SPOTS VEICULADOS EM 1991, REFERENTES AO PROGRAMA “CIÊNCIA E ECOLOGIA” / SPOTS E CHAMADAS DIVERSAS VEICULADAS PELA RÁDIO MEC ENTRE 1982 E 1984

CAIXA 189

ALFABETIZANDO / ELES ESCOLHERAM A MÚSICA (ENTREVISTA) / SELEÇÃO MUSICAL H.STERN / CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU / RODA VIVA / GRITO DA TERRA / TERRA VIVA / RÁDIO MEC RESPONDE / CARMEM DE BIZERRA (NOVELA) / COMPOSITORES BRASILEIROS / CRÔNICA (Nº 130 DE 11/04/1990) / CURSO SOBRE PROTEÇÃO E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA / ENCONTRO ENTRE AMIGOS / CIRCUITO INSTRUMENTAL / SPOTS E COSTURAS DE COMERCIAIS DE PROGRAMAS VEICULADOS PELA RÁDIO MEC ENTRE 1989 E 1991, ETC.

CAIXA 190

PROJETO SERINGUEIRO (FASCÍCULOS 01 À 06) (EXETO O Nº 02) (SRE/PMI) / CONVÊNIOS COM A SUDHEVEA, SUDAM E EMBRAER

CAIXA 191

CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS E EXPEDIDAS PELA RÁDIO MEC EM 1984, REFERENTES AO PROGRAMA CAIXA POSTAL 11060 / PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO) (01-30) (TEXTOS BÁSICOS) (SEM DATA)

CAIXA 192

PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL PARA O MAGISTÉRIO DE 1º GRAU (PROFESSORES DE 1º À 4º SÉRIES) - FASCÍCULOS 01 À 07 (2ª EDIÇÃO) (1988)

CAIXA 193

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (EMC) (TEXTOS BRUTOS) (01-50) (1977) / BOLETINS INFORMATIVOS DE PROGRAMAÇÃO (BIP'S) (NºS 09, 17 À 31 E 35) (1984/1985) / CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS PELA RÁDIO MEC REFERENTES AO CURSO DE ALEMÃO VIA RÁDIO (1984/1987)

CAIXA 194

CURSOS SUPLETIVOS DE 2º GRAU (FASCÍCULOS 01 À 09) (1º ETAPA) (1980) (RELANÇAMENTO) / (FÍSICA) (SEM DATA) (3º ETAPA) (MATERIAL BRUTO)

CAIXA 195

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA)) (SAÚDE/ARTES) (3º ETAPA) (SEM DATA) (MATERIAL BRUTO) / (OSPB/EMC) (12-30) (3º ETAPA) (1981/1982) (TEXTOS DA FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO)

CAIXA 196

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (LÍNGUA PORTUGUESA) (1º ETAPA) (25-40) (1981) E (01-40) (1982) (MATERIAL BRUTO)

CAIXA 197

PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (DIDÁTICA) (01-30) (SEM DATA) (TEXTOS BÁSICOS) / (01-17) (ROTEIROS DE TV) (SEM DATA) / PROJETO SERINGUEIRO (ÁREA INSTRUCIONAL) (01-109) (MATERIAL BRUTO AVALIADO) (SEM DATA)

CAIXA 198

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (CIÊNCIAS) (2º ETAPA) (1981) (01-18) (MATERIAL BRUTO) / PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (INTEGRAÇÃO SOCIAL) (01-20) (1987) (PROJETOS)

CAIXA 199

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (CIÊNCIAS) (2º ETAPA) (19-36) (1981) / (LÍNGUA PORTUGUESA) (1º ETAPA) (60-80) (1981) (MATERIAL BRUTO)

CAIXA 200

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (TELECURSO) – FASCÍCULOS (JORNAIS NºS 23 À 33) (MATEMÁTICA, EMC E OSPB) (1982) / CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (FASCÍCULOS/JORNAIS NºS 17 À 24) (1º ETAPA) (1980)

CAIXA 201

CADERNOS DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO DO PROJETO SERINGUEIRO, MAIS TESTES (SEM DATA)

CAIXA 202

FASCÍCULOS DE EMC/OSPB (3º ETAPA), HISTORIA (1º ETAPA) E LÍNGUA PORTUGUESA (1º ETAPA) (1982) DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO / FASCÍCULOS DE FÍSICA, QUÍMICA E BIOLOGIA (3º ETAPA) (SEM DATA) DO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU

CAIXA 203

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (2º FASE) / FASCÍCULOS 01 À 13 (PERÍODO PREPARATÓRIO) (PROJETO MINERVA) (1973)

CAIXA 204

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (3º ETAPA) (FASCÍCULOS 01 À 23) (1979)

CAIXA 205

JORNAIS REFERENTES AO TELECURSO DE 1º GRAU (MATEMÁTICA E SUA RESPECTIVA REVISÃO) (1981), PARA O CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO

CAIXA 206

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (FÍSICA, QUÍMICA E BIOLOGIA) (3º ETAPA) (FASCÍCULOS/LAUDAS NºS 49 E 50) (1979) / TRANSCRIÇÕES DE FITAS COM ENTREVISTAS VEICULADAS NO PROGRAMA “ESPORTE PARA TODOS” E TRABALHOS APRESENTADOS NO CONCURSO NACIONAL DE PEÇAS RADIOFÔNICAS (PRÊMIO ROQUETTE-PINTO)

CAIXA 207

DOCUMENTOS DIVERSOS REFERENTE AO PROGRAMA VIDA RURAL / SPOTS REFERENTES AOS FLESHES EDUCACIONAIS DA RÁDIO MEC (1992) / PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (ESTÁGIO SUPERVISIONADO) (SEM DATA) (TEXTOS BÁSICOS) / FICHAS TÉCNICAS DO ELENCO DE RÁDIO-TEATRO DA RÁDIO MEC (1979) / CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (LÍNGUA PORTUGUESA) (1º ETAPA) (1981) (40-59) (MATERIAL BRUTO)

CAIXA 208

DOCUMENTOS DIVERSOS (FOLDER, GRADES DE PROGRAMAÇÃO, CORRESPONDÊNCIAS, CONVÊNIOS, SINOPSES, PROJETOS, PROPOSTAS, CIRCULARES, ANÁLISE CRÍTICA DE PEÇAS RÁDIOFÔNICAS, TEXTOS, CRONOGRAMAS DE PRODUÇÃO DE PROGRAMAS, RELATÓRIO) / CIRCULARES, MEMORANDO E COMUNICAÇÕES INTERNAS EXPEDIDAS EM 1989 / RECIBOS DE PAGAMENTOS DE DIREITOS AUTORAIS DATADOS EM 1989 / RELAÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA DOS PROGRAMAS “ESPORTE BRASIL” E “EDUCAÇÃO EM DEBATE” / NOTIFICAÇÕES AUTENTICADAS E EXPEDIDAS PELO ECAD EM 1991 / PROJETOS DOS PROGRAMAS (CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PARA PROFESSORES ALFABETIZADORES, EDUCADOR LEIGO, FLASHES EDUCACIONAIS, NÓS NA ESCOLA, ONDA VIVE E PROJETO SUPLÊNCIA)

CAIXA 209

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (LÍNGUA PORTUGUESA) (1º ETAPA) (01-24) (1980/1981) / (GEOGRAFIA) (2º ETAPA) (29-50) (1981) (MATERIAL BRUTO)

CAIXA 210

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (GEOGRAFIA) (2º ETAPA) (14-28) (1981) / (OSPB/EMC) (3º ETAPA) (01-26) (1981/1982) (MATERIAL BRUTO)

CAIXA 211

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (TREINAMENTO DE RECURSOS HUMANOS PARA MONITORES, SUPERVISORES E ORIENTADORES DE APRENDIZAGEM) (2º ETAPA) (01-04) (1981/1982) / NÓS NA ESCOLA (01-20) (1991) (MATERIAL BRUTO) / TERRA VERDE (1990) (MATERIAL BRUTO) / ABRINDO CAMINHOS (MATERIAL BRUTO) (1982/1983) / PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (MATEMÁTICA) (MATERIAL BRUTO) (01-30) (SEM DATA) / FICHAS TÉCNICAS DO ELENCO DAS PEÇAS RADIOFÔNICAS DA RÁDIO MEC (1978)

CAIXA 212

JORNAL DO TELECURSO 1º GRAU (12-22) / CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO (CIÊNCIAS) (GEOGRAFIA) (AULAS 01 À 22) (1981/1982) / CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (3º ETAPA) (BIOLOGIA) (01-46) (1981)

CAIXA 213

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (HISTORIA) (1º ETAPA) (17-40) (SEM DATA) (MATERIAL BRUTO) / (GEOGRAFIA) (2º ETAPA) (TEXTOS COMPLEMENTARES) (1981)

CAIXA 214

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (34-48) (1979) (FASCÍCULOS DE EMC/OSPB, MATEMÁTICA E INGLÊS)

CAIXA 215

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (MATEMÁTICA) (2º ETAPA) (JORNAIS 01 À 18) (1980)

CAIXA 216

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO: DOCUMENTO BÁSICO (1981/1982) / MANUAL DO SUPERVISOR (1980/1984) / MANUAL DO ORIENTADOR DE APRENDIZAGEM (1980) / MANUAL DO MONITOR (1984) / PLANOS CURRICULARES (1º E 2º GRAUS) (1980/1984)

CAIXA 217

MATERIAL BRUTO SOBRE O CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (MATEMÁTICA) (3º ETAPA) (61-90) (1982) E SOBRE O CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (3º ETAPA) (01-46) (SEM DATA)

CAIXA 218

TRABALHOS CONCORRENTES APRESENTADOS NO CONCURSO NACIONAL DE PEÇAS RADIOFÔNICAS (PRÊMIO ROQUETTE-PINTO) (1984)

CAIXA 219

LIVROS EDUCATIVOS, APOSTILAS E FIGURAS REFERENCIAIS DO PROJETO VITÓRIA-RÉGIA (GOVERNO AMAZONINO MENDES – MANAUS, AM) (SEM DATA)

CAIXA 220

FASCÍCULOS DO PROJETO MINERVA (01-05) REFERENTES AO PERÍODO PREPARATÓRIO 1º GRAU (2º FASE) (1973) / RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DOS PROGRAMAS “AUF DEUTSCH GESAGT” (VAMOS FALAR ALEMÃO) (1º PARTE), “ALEMÃO COM MÚSICA” E “ATUALIDADES” (1984)

CAIXA 221

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (3º ETAPA): FASCÍCULO Nº 63 (LAUDA) (FÍSICA, QUÍMICA E BIOLOGIA) (1979) / CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO (2º ETAPA) (MATERIAL BRUTO) (AULAS 35 À 37) / (CIÊNCIAS) (1981)

CAIXA 222

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (FASCÍCULOS 15 À 20) (HISTORIA, GEOGRAFIA, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA) (1980) / FASCÍCULOS REFERENTES AO

JORNAL DO TELECURSO 1º GRAU (AULAS 01 À 11) (HISTORIA E LÍNGUA PORTUGUESA) (1981)

CAIXA 223

MATERIAL BRUTO REFERENTE AS AULAS DE REVISÃO DE CIÊNCIAS E GEOGRAFIA DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (SEM DATA) / FASCÍCULOS REFERENTE AS AULAS DE HISTORIA, GEOGRAFIA, LITERATURA BRASILEIRA E LÍNGUA PORTUGUESA DA 1º ETAPA DO TELECURSO (2º GRAU) (01-14) (1979)

CAIXA 224

FASCÍCULOS 21 À 24 REFERENTES AS AULAS DE HISTORIA, GEOGRAFIA, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA DO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU / LIVROS DE LÍNGUA PORTUGUESA, HISTORIA E GEOGRAFIA REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (1981)

CAIXA 225

JORNAIS NºS 01 À 16 DA 1ª FASE DO TELECURSO 2º GRAU, REFERENTES AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, LITERATURA BRASILEIRA, HISTORIA E GEOGRAFIA (1980) / FASCÍCULOS Nº 07 DO PROJETO SERINGUEIRO (LIVRO DO JOÃO GABRIEL) (1981)

CAIXA 226

TEXTOS REFERENTES AS AULAS 01 À 30 DE CIÊNCIAS DO PROJETO SUPLENÇA (1991) / CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (2ª ETAPA) (FASCÍCULOS 26 À 33) (1979) / TEXTOS BRUTOS (NºS 40, 43, 45, 46, 47 E 48 REFERENTES AS AULAS DE EMC/OSPB DO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU)

CAIXA 227

TEXTOS BRUTOS DAS AULAS DE EDUCAÇÃO MUSICAL E ARTES PLÁSTICAS DO PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL / TEXTOS NºS 18 E 40 DAS AULAS DE MATEMÁTICA DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU / MATERIAL BRUTO REFERENTE A TRABALHO E ESPORTES DA 3ª ETAPA DO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (COMUNICAÇÃO COM O ALUNO (CCA))

CAIXA 228

TEXTOS BRUTOS E RELATÓRIOS REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (CCA – ESPORTE E TRABALHO) / TEXTOS REFERENTES ÀS AULAS DE MATEMÁTICA DOS CURSOS SUPLETIVOS DE 1º E 2º GRAUS (1991)

CAIXA 229

TELECURSO DO 2º GRAU – FASCÍCULOS E LAUDAS (41-44) (INGLÊS, MATEMÁTICA E EMC/OSPB) (1979) / CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (MATEMÁTICA) (3ª ETAPA) (MATERIAL BRUTO) (01-30) (SEM DATA)

CAIXA 230

MATERIAL BRUTO DAS AULAS REFERENTES AO TREINAMENTO DE RECURSOS HUMANOS (ORIENTADORES DE APRENDIZAGEM) / CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (1980/1981) / JORNAIS DO TELECURSO (CURSO SUPLETIVO) DE 1º GRAU (GEOGRAFIA) (01-45) (1982) / CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (3ª ETAPA) (MATEMÁTICA) (MATERIAL BRUTO) (60-90) (SEM DATA)

CAIXA 231

JORNAIS DO TELECURSO DE 1º GRAU REFERENTES ÀS AULAS 36 À 42 DE HISTÓRIA E LÍNGUA PORTUGUESA PARA O CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO (1982/1983)

CAIXA 232

CARTAS EMITIDAS POR OUVINTES DO PROGRAMA “TERRA VERDE” EM 1990 E POR OUVINTES DA RÁDIO MEC EM 1991

CAIXA 233

CARTAS RECEBIDAS E ENVIADAS POR OUVINTES ENTRE 1987 E 1990 PARA O PROGRAMA “EDUCAÇÃO EM DEBATE” / SPOTS TRANSMITIDOS PELA RÁDIO MEC SOBRE DIREITO, DATAS CÍVICAS E CIDADANIA (SEM DATA) / TRADUÇÃO DA OBRA LITERÁRIA DE J. MICHEL NECTOUX, FAURÉ, POR HELOÍSA MARANHÃO (SEM DATA) / SPOTS DO PROGRAMA “TERRA VERDE” VEICULADOS PELA RÁDIO MEC EM 1991

CAIXA 234

TEXTOS BRUTOS REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (LÍNGUA PORTUGUESA) (AULAS 17 À 24) (UNIDADE II) (1980) / CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (CCA – 2º ETAPA) (SAÚDE/ARTES) (TEXTOS BRUTOS) / RELATÓRIOS E PLANOS DE CURSOS DATADOS DE 1978, REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU / TEXTOS BRUTOS REFERENTES ÀS AULAS 01 E 30 DE LÍNGUA PORTUGUESA DO PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E JORNAIS DO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (3º ETAPA) (FÍSICA) (1981)

CAIXA 235

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (ESTUDOS SOCIAIS) (TEXTOS BRUTOS 01-60) (1973) (PROJETO MINERVA) / TEXTOS BRUTOS UTILIZADOS NA REALIZAÇÃO DO PROGRAMA SAÚDE (1987)

CAIXA 236

SPOTS DO PROJETO MINERVA VEICULADOS ENTRE 1975 E 1982 PELAS RÁDIOS AMÉRICA CONTINENTAL, GLOBO, GUÁIBA (RS), JORNAL DO BRASIL, MEC, METROPOLITANA ROQUETTE-PINTO E TUPI

CAIXA 237

DOCUMENTOS SOBRE GESTÃO ADMINISTRATIVA, GRADES DE PROGRAMAÇÃO E PROGRAMAS (TODOS OS ASSUNTOS PRODUZIDOS PELA RÁDIO MEC E DATADOS DE 1991)

CAIXA 238

PASTA CONTENDO DOCUMENTOS DIVERSOS SOBRE O SERVIÇO DE RÁDIO DIFUSÃO EDUCATIVA/SRE (ANTIGA PASTA 3.33)

CAIXA 239

ARTIGOS E PUBLICAÇÕES REFERENTES À EDGARD ROQUETTE - PINTO (ANTIGA PASTA 3.28)

CAIXA 240

ARTIGOS E PUBLICAÇÕES SOBRE RÁDIO DIFUSÃO (ANTIGA PASTA 3.25) / CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (1989) / CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA (1988) (ANTIGA PASTA 2.31)

CAIXA 241

LEGISLAÇÕES E NORMAS, ANTEPROJETO E DIÁRIOS OFICIAIS SOBRE DIREITOS AUTORAIS (ANTIGA PASTA 3.7) / FOTOCÓPIA DE JORNAL E TEXTO SOBRE A RÁDIO ROQUETTE-PINTO (ANTIGA PASTA 3.27P) / CARTA DATILOGRAFADA E DATADA DE 23/08/1986 E REVISTA DE TEATRO Nº 459, REFERENTE AOS MESES DE JULHO, AGOSTO E SETEMBRO DE 1986 (ANTIGA PASTA 3.16F) / ARTIGO SOBRE MUSICOTERAPIA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL (ANTIGA PASTA 3.13)

CAIXA 242

PUBLICAÇÕES SOBRE TELEDUCAÇÃO (ANTIGA PASTA 3.35) / 52 SLIDES REFERENTES A ASSUNTOS DIVERSOS (ANTIGA PASTA 3.37) / DOCUMENTOS DIVERSOS SOBRE O CURSO DE ALEMÃO VIA RÁDIO “AUF DEUTSCH GESAGT”, COMO PUBLICAÇÕES, FOTOS, RELATÓRIO, ETC (ANTIGA PASTA 3.6)

CAIXA 243

DOCUMENTOS DIVERSOS REFERENTES A FUNDAÇÃO ROQUETTE-PINTO COMO D.O.U, TELEX, RELATÓRIO, PROJETO E ESTRUTURA ORGANIZACIONAL (ANTIGA PASTA 3.9) / D.O.U DE 04/09/1995 REFERENTE À OUTORGA PARA CONCESSÃO OU PERMISSÃO PARA EXPLORAÇÃO DE SERVIÇOS DE TELECOMUNICAÇÕES EM BASE COMERCIAL (ANTIGA PASTA 2.31) / RECORTES DE JORNAL E DE REVISTAS REFERENTES ÀS OLIMPÍADAS DE LOS ANGELES (1984) E DE SEUL (1988) (ANTIGA PASTA 3.15) / DOCUMENTOS DIVERSOS SOBRE AS RÁDIOS EDUCADORA DE BRASÍLIA, MEC DE BRASÍLIA E SIRENA (ANTIGA PASTA 3.27E) / DOCUMENTOS DIVERSOS REFERENTES AO CENTENÁRIO DE ROQUETTE-PINTO EM 1984 (ANTIGA PASTA 3.29) / DISSERTAÇÃO DE MESTRADO “A GINÁSTICA PELO RÁDIO NO BRASIL” DE DENISE DO AMARAL GOMES (UFRJ,1989), MAIS FOTOS E MATÉRIAS DO JORNAL REFERENTES A OSWALDO DINIZ MAGALHÃES EM 1984 (ANTIGA PASTA 3.1)

CAIXA 244

“O QUE A HUMANIDADE DEVE ÀS PLANTAS” (PUBLICAÇÕES EXPEDIDAS PELA DEUTSCHE WELLE) / MATERIAIS BRUTOS DOS CURSOS SUPLETIVOS DE 1º GRAU (CCA – ESPORTE E TRABALHO) (2º ETAPA) (1981) E LÍNGUA PORTUGUESA (AULAS 41 À 80) (1º ETAPA) (RELANÇAMENTO) (1982) / PLANO CURRICULAR DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (2º FASE) (PROJETO MINERVA) (SEM DATA)

CAIXA 245

JORNAIS DO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (3º ETAPA) (QUÍMICA) (1981) / PLANO CURRICULAR E MANUAIS DO MONITOR E DO SUPERVISOR DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (SEM DATA) / JORNAIS DO TELECURSO DE 1º GRAU (CIÊNCIAS) (01-70) (SEM DATA) / CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (HISTORIA) (1º ETAPA) (01-40) (1982) (MATERIAL BRUTO – RELANÇAMENTO)

CAIXA 246

FOLDER, OFÍCIO, PUBLICAÇÃO E FOTOS DAS COMEMORAÇÕES DO TRICENTENÁRIO DE JOHANN SEBASTIAN BACH EM 1985 (ANTIGA PASTA 3) / PLANOS CURRICULARES E DIDÁTICOS DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO / FASCÍCULOS 46 À 48 DO TELECURSO 2º GRAU / TEXTOS BRUTOS DAS AULAS DO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (2º ETAPA) DE EMC/OSPB (30-35), INGLÊS (39-46) E MATEMÁTICA (58-69) / JORNAIS DO TELECURSO DE 2º GRAU (2º FASE) DE EMC/OSPB, MATEMÁTICA E INGLÊS (1980)

CAIXA 247

TEXTOS BRUTOS DO PROJETO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (AULAS 01 À 18) / LEGISLAÇÃO ELEITORAL E PARTIDÁRIA E JORNAIS REFERENTES ÀS ELEIÇÕES DE 1986 E 1989 (ANTIGA PASTA 3.8) / DOCUMENTOS DIVERSOS REFERENTES À PAULO TAPAJÓS (ANTIGA PASTA 3.16P) / MATERIAL BRUTO REFERENTE ÀS AULAS DE COMPLEMENTAÇÃO DO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (2º EDIÇÃO 1980) / MATERIAL BRUTO REFERENTE ÀS AULAS 26 À 30 DE EMC/OSPB DA 3º ETAPA DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU

CAIXA 248

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (CCA – ARTES/SAÚDE) (1º ETAPA) (MATERIAL BRUTO) (1981) / CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (3º ETAPA) (FASCÍCULOS 53 À 56) (AULAS 09 À 14 DE FÍSICA, QUÍMICA E BIOLOGIA) (1979)

CAIXA 249

FASCÍCULOS 51 E 52 DE FÍSICA, QUÍMICA E BIOLOGIA (3º ETAPA) DO TELECURSO DE 2º GRAU (AULAS 05 À 08) (1979) / CURSO SUPLETIVO DO 1º GRAU (ESTUDOS SOCIAIS) (2º FASE) (TEXTOS BRUTOS) (1991) / CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (MATEMÁTICA) (2º ETAPA) (41-68) (MATERIAL BRUTO) (1979)

CAIXA 250

TEXTOS BRUTOS DA 3º ETAPA DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (CCA – SAÚDE/ARTES) (SEM DATA) / FASCÍCULOS 57 À 59 DE FÍSICA, QUÍMICA E BIOLOGIA (AULAS 17 À 22)

CAIXA 251

MATERIAL BRUTO REFERENTE ÀS AULAS 31 À 59 DA 3º ETAPA DO CURSO DE MATEMÁTICA DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU / MATERIAL BRUTO REFERENTE A MATÉRIAS DE ESPORTE E TRABALHO PARA A ELABORAÇÃO DAS AULAS DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (CCA)

CAIXA 252

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (ESTUDOS SOCIAIS) (61-110) (1973/1975) (MATERIAL BRUTO) / (CIÊNCIAS) (58-70) (TEXTOS BRUTOS)

CAIXA 253

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (EMC) (01-50) (1973/1974) (MATERIAL BRUTO) (RELANÇAMENTO) / CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (QUÍMICA) (3º ETAPA) (AULAS 01 À 46.2) (MATERIAL BRUTO) (SEM DATA)

CAIXA 254

PORTARIAS INTERMINISTERIAIS 568/80 REFERENTES À REDES DE RADIODIFUSÃO SONORA / RELATÓRIOS DE AVALIAÇÃO DOS PROGRAMAS “AUF DEUTSCH GESAGT”, ALEMÃO COM MÚSICA E ATUALIDADES (1984) / PROJETOS DE PROGRAMAS PRODUZIDOS PELA RÁDIO MEC EM 1988

CAIXA 255

CORRESPONDÊNCIAS DOS OUVINTES PARA O PROGRAMA CAIXA POSTAL 11.060 (1985) / CORRESPONDÊNCIAS E FICHAS COM PERGUNTAS DE OUVINTES PARA O PROGRAMA “RÁDIO MEC RESPONDE” (1985) / PROJETO DO PROGRAMA UNIVERSIDADE VIVA (1986) / CHAMADAS VEICULADAS PELA RÁDIO MEC ENTRE 1992 E 1993

CAIXA 256

ROTEIROS DOS PROGRAMAS VIVENDO E APRENDENDO (Nº 03) (TV TUPI) (SEM DATA) / CURSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOMÉSTICA (NºS 01 E 02) / CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (LÍNGUA PORTUGUESA) (1978) E (LITERATURA BRASILEIRA) (1978) / PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (SÉRIE MULTIMEIOS DE APRENDIZAGEM) (01-05) (1986) E (SÉRIE CIÊNCIAS FÍSICAS E BIOLÓGICAS) (NºS 04 À 07, 09,14 E 20) (SEM DATA)

CAIXA 257

PEÇAS CONCORRENTES, ANÁLISE CRÍTICA DE CADA PEÇA SELECIONADA E PEQUENO HISTÓRICO DO CONCURSO NACIONAL DE PEÇAS RADIOFÔNICAS – PRÊMIO ROQUETTE-PINTO (1984) / MATERIAL DE APOIO DO PROGRAMA VAMOS BRINCAR (1984/1985) / RELATÓRIOS, CRONOGRAMAS DE VEICULAÇÃO, ROTEIROS PARA A IMPLANTAÇÃO DO PROJETO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU, PROJETO ACADÊMICO, FOLDER, ENTRE OUTROS MATERIAIS PERTENCENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU

CAIXA 258

PROJETOS, TEXTOS BRUTOS, ROTEIROS, INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O PROGRAMA “ONDA VIVA” (1990) / ROTEIROS DE TV DAS AULAS 01 À 20 DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO DO PROJETO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL / ROTEIROS DE TV DAS AULAS 01 À 30 DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO DO PROJETO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

CAIXA 259

DOCUMENTOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES AO SINRED (1982/1988) / DOCUMENTOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES A VEICULAÇÃO NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO (1987/1988) / DOCUMENTOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES AO CURSO DE FRANCÊS “BONJOUR BRÉSIL” (1990)

CAIXA 260

DOCUMENTOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES AOS DIREITOS TRABALHISTAS DOS FUNCIONÁRIOS DA RÁDIO MEC / LISTAS COM OS NOMES DOS DIRETORES E EX-DIRETORES DA RÁDIO MEC / PROJETO RÁDIO-TEATRO “O TEATRO DE ONTEM NO TEATRO DE HOJE” / RELATÓRIO ANUAL DE ATIVIDADES DESEMPENHADAS PELA RÁDIO MEC EM 1989 / RELATÓRIO DE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO SINRED EM 1987 / RELATÓRIO DE PROGRAMAÇÃO REFERENTE À PORTARIA 568/80 VEICULADA PELA RÁDIO MEC EM 1986 / LISTA DE EMISSORAS DE RÁDIO VEICULADAS AO SINRED / CARTAS, OFÍCIOS, RÁDIOS, TELEXES, PROCESSOS E CIRCULARES REFERENTES À VEICULAÇÃO DE PROGRAMAS DO PROJETO MINERVA EM DIVERSAS EMISSORAS DE RÁDIO NO BRASIL

CAIXA 261

FOTOCÓPIAS DE TEXTOS BRUTOS MANUSCRITOS E UTILIZADOS NA CONFECÇÃO DO PROGRAMA “RÁDIO MEC RESPONDE” / CORRESPONDÊNCIAS EXPEDIDAS POR OUVINTES DO PROGRAMA “RÁDIO MEC RESPONDE” / FICHAS E ROTEIROS DO PROGRAMA “RÁDIO MEC RESPONDE” COM DÚVIDAS E SOLICITAÇÕES DE OUVINTES / FICHAS DE INSCRIÇÃO PARA CURSISTAS DO CURSO DE INGLÊS “LET’S SPEAK ENGLISH” / TESTES EXPEDIDOS EM 1980 PELO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO / ROTEIROS DEMONSTRATIVOS DE PROGRAMAS DIVERSOS PRODUZIDOS PELA RÁDIO MEC, TABELAS DEMONSTRATIVAS, CRONOGRAMAS CIRCULARES, COMUNICAÇÕES INTERNAS, TERMOS DE RESPONSABILIDADE COM MATERIAL PATRIMONIAL, QUESTIONÁRIOS, ETC.

CAIXA 262

DOCUMENTOS ADMINISTRATIVOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES AOS DIREITOS TRABALHISTAS DOS FUNCIONÁRIOS DA RÁDIO MEC (1968) / DOCUMENTOS ADMINISTRATIVOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES À ORQUESTRA SINFÔNICA NACIONAL DA RÁDIO MEC (1982) / DOCUMENTOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES AO CURSO DE FRANCÊS “BONJOUR BRÉSIL” (1988)

CAIXA 263

PLANOS DE AVALIAÇÃO E DE SUPERVISÃO E RELATÓRIOS FINAIS DE VISITA AOS RADIOPOSTOS E GERAL DO COORDENADOR DO CURSO DE ALEMÃO “AUF DEUTSCH GESAGT” (1985/1986) / TESTE COMENTADO, QUADROS, RESUMO, PROVAS E AULAS DE ORIENTAÇÃO PARA EXAMES DE LÍNGUA PORTUGUESA E HISTÓRIA DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (1981) / CONTRATOS, TERMOS ADITIVOS, CONVÊNIOS, COMUNICAÇÕES INTERNAS E MOVIMENTOS DE PROCESSOS FEITOS E EXPEDIDOS ENTRE A FUNTEVÊ E ENTIDADES DIVERSAS ENTRE 1984 E 1985

CAIXA 264

EXAMES E PROVAS DIVERSOS DO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (SEM DATA) / CARTAS RECEBIDAS E EXPEDIDAS PELA RÁDIO MEC DE/A SEUS OUVINTES ENTRE 1986 E 1987 / QUADRO GERAL DE PRODUÇÃO E CO-PRODUÇÃO DO CBRERP PARA SÉRIES COM EMISSORAS DO SINRED, PROJETOS DOS PROGRAMAS COISAS DA PROVÍNCIA (SÉRIE 5), ESSES MOÇOS (SÉRIE 1), AGENDA, QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PROGRAMA COISAS DA PROVÍNCIA, FOTOCÓPIAS DE TRANSPARÊNCIA E DOCUMENTOS-SÍNTESE DA AVALIAÇÃO DA SÉRIE “COISAS DA PROVÍNCIA” (1986)

CAIXA 265

MANUAIS DO MONITOR, DO SUPERVISOR E PLANOS CURRICULARES DOS CURSOS SUPLETIVOS DE 1º E 2º GRAUS (1984) / TEXTOS BRUTOS UTILIZADOS NA CONFECÇÃO DOS PROGRAMAS DA SÉRIE “LITERATURA” (1987) / RELATÓRIOS FINAIS DE AVALIAÇÃO DOS TREINAMENTOS DE RECURSOS HUMANOS, SUPERVISORES E MONITORES NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO, REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO (1982/1985)

CAIXA 266

PROJETOS DOS PROGRAMAS CURSO DE ALEMÃO “AUF DEUTSCH GESAGT” (2º E 3º SÉRIES) EDUCAÇÃO E CONSTITUINTE, CURSO DE INGLÊS “LET’S SPEAK ENGLISH” (2º SÉRIE), ESPORTE BRASIL, ALFABETIZANDO, ABRINDO CAMINHOS (FASE IV E V), DIREITO DE TODOS, PARA TODOS E GINÁSTICA (1986) / CRONOGRAMAS DE VEICULAÇÃO E TABELA DE PROGRAMAÇÃO DAS AULAS VEICULADAS PELO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU MAIS TESTES DE CIÊNCIAS FÍSICAS E BIOLÓGICAS, HISTÓRIA, GEOGRAFIA E LÍNGUA PORTUGUESA (1989) / FASCÍCULOS 38 À 40 DO TELECURSO 2º GRAU / TEXTOS BRUTOS COM AS AULAS 20 À 23 DE OSPB, 25 À 30 DE INGLÊS E 37 À 40 DE MATEMÁTICA DA 2º DO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU

CAIXA 267

TEXTOS BRUTOS PARA A CONFECÇÃO DOS PROGRAMAS DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (INTEGRAÇÃO SOCIAL) / TEXTOS BRUTOS REFERENTES AS AULAS DE ORIENTAÇÃO PARA EXAMES E DE REVISÃO DE HISTÓRIA (01-07) E LÍNGUA PORTUGUESA (01-07) (1º ETAPA) DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (1981) / CADERNO E LISTAS COM ENDEREÇOS DE OUVINTES DO PROGRAMA “POESIA NO AR”, PROPOSTA DE PRODUÇÃO DO PROGRAMA “POESIA NA TVE”, EDITAL E OFÍCIO REFERENTES AO CONCURSO INTERNACIONAL DE TROVAS E POESIAS ROQUETTE-PINTO, CORRESPONDÊNCIAS, CURRÍCULO, CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO DE OUVINTES NO 1º CONCURSO INTERNACIONAL DE TROVAS E POESIAS ROQUETTE-PINTO, JORNAL CORREIO DO SUL (POÇOS DE CALDAS, MG) DE 17/01/1996

CAIXA 268

MATERIAL BRUTO CONTENDO INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O PROJETO SERINGUEIRO (1980) / APRESENTAÇÃO DE PROJETO DO PROGRAMA ESPORTE BRASIL (1986/1987) / TESTE I, II E III E CHAVES DE CORREÇÃO DE CIÊNCIAS FÍSICAS E BIOLÓGICAS E GEOGRAFIA DA 2º ETAPA DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (1987) / PROJETOS DE UTILIZAÇÃO DOS HORÁRIOS DE RÁDIO DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU E DO PROJETO MINERVA (1982/1983)

CAIXA 269

CORRESPONDÊNCIAS EXPEDIDAS E RECEBIDAS PELO CBRERP ENTRE 1994 E 1995 / PROJETOS DOS PROGRAMAS “VAMOS BRINCAR” E DE SPOTS PARA A DIVULGAÇÃO DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E MODELOS DE ROTEIROS PARA AS CONFECÇÕES DE PROGRAMAS (1983) / PROCESSOS COM PROJETOS DOS PROGRAMAS “ABRINDO CAMINHOS”, “ROBERT SCHUMANN – ROMANCE E TRAGÉDIA”, “ÁGORA” E “LEGISLAÇÃO TRABALHISTA” (1983/1984) / PROJETOS DE AVALIAÇÃO DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU, PLANO GLOBAL DO CBRERP, INSTRUÇÕES PARA MANIPULAÇÃO DAS INFORMAÇÕES DO PROJETO DE AVALIAÇÃO DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU, SÍNTESE INFORMATIVA DE PROJETOS, PROJETO PRÉ-ESCOLAR, RELATÓRIO FÍSICO (PLANEJAMENTO) E PROJETO DE FLASHES EDUCACIONAIS

CAIXA 270

PROJETOS DO PROGRAMA “ESPAÇO ABERTO” (1998) / RELATÓRIOS FINAIS DOS CURSOS SUPLETIVOS DE 1º E 2º GRAUS (1980/1985) / FICHAS DE AVALIAÇÃO, PROJETOS, PLANOS DE UTILIZAÇÃO, SINOPSES DE PROGRAMAS CULTURAIS, MATERIAL BRUTO CONTENDO INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O PROGRAMA “JOÃO E MARIA” (1983) / DOCUMENTO BÁSICO REFERENTE AO PROGRAMA DE TREINAMENTO PARA RECURSOS HUMANOS DO SISTEMA DE ENSINO PELO RÁDIO, PLANOS DE AULAS, DOCUMENTO BÁSICO REFERENTE A MATÉRIA DE MATEMÁTICA DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU, TESTES I À IV DE CIÊNCIAS FÍSICAS, QUÍMICAS E BIOLÓGICAS, TESTES III E IV E CHEVE DE CORREÇÃO E TESTES I À IV DE ESTUDOS SOCIAIS

CAIXA 271

PROPOSTAS E PROJETOS DE PROGRAMAS E SÉRIES REALIZADAS ENTRE 1982 E 1984 / FOTOCÓPIA DE PUBLICAÇÃO EXPEDIDA PELA FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO EM 1984, REFERENTE A DIRETRIZES OPERACIONAIS E EDUCACIONAIS DO NOVO TELECURSO 2º GRAU / PLANOS DE AVALIAÇÃO, UTILIZAÇÃO E SUPERVISÃO, RELATÓRIO FINAL, GRÁFICOS, CRONOGRAMAS DE VEICULAÇÃO DE PROGRAMAS, CORRESPONDÊNCIAS ENTRE OUTROS DOCUMENTOS REFERENTES AO CURSO DE ALEMÃO “AUF DEUTSCH GESAGT” (1984/1986) / CONTEÚDO PROGRAMÁTICO E TEXTOS BRUTOS REFERENTES A 2º FASE DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (PROJETO MINERVA, 1973)

CAIXA 272

PROJETO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA AOS SERINGAIS DA AMAZÔNIA, NORMAS PARA PREENCHIMENTO DOS INSTRUMENTOS DE CONTROLE, RECEBIMENTO E DISTRIBUIÇÃO DE MATERIAL, RADIOPOSTOS IMPLANTADOS ENTRE 1978 E 1979 E SUAS RESPECTIVAS ÁREAS DE ATUAÇÃO, FICHAS DE AVALIAÇÃO, QUESTIONÁRIOS DE IDENTIFICAÇÃO, CALENDÁRIO 1980/1981, PLANO DE TRABALHO, PARÂMETROS PARA AVALIAÇÃO, RELATÓRIO DO SUPERVISOR E ANTEPROJETO DA SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO (PROJETO SERINGUEIRO) / CONTROLES DE FREQUÊNCIA DE ALUNOS, APOSTILAS, CALENDÁRIO DO CURSO, CORRESPONDÊNCIA, OFERTAS DE CURSOS, PLANOS DE UTILIZAÇÃO, SPOTS PARA DIVULGAÇÃO E CRONOGRAMA DE VEICULAÇÃO; FORMULÁRIOS DE INSCRIÇÃO DE CURSISTAS E LISTAS DE ENDEREÇOS DE ALUNOS, INSTITUIÇÕES, EMPRESAS E PERSONALIDADES

CAIXA 273

APRESENTAÇÕES DE PROJETOS DE PROGRAMAS DIVERSOS VEICULADOS PELA RÁDIO MEC EM 1986 / FOTOCÓPIA DO LIVRO DE JOSÉ INÁCIO FILHO “TERMOS E TRADIÇÕES POPULARES DO ACRE”, LEVANTAMENTOS DOS CONTEÚDOS DAS AULAS TECNOLÓGICAS E INSTRUCCIONAIS E OBJETIVOS DAS AULAS REALIZADAS (PROJETO SERINGUEIRO) / PROPOSTAS E APRESENTAÇÕES DOS PROJETOS DOS PROGRAMAS “UNIVERSIDADE VIVA”, “ATENDIMENTO AO PROFESSOR LEIGO” E “ESCOLA VIVA” (1985/1986)

CAIXA 274

RELATÓRIOS DE AVALIAÇÃO, AUTORIZAÇÕES DE DESPESAS, PROJETO TELECURSO 1º GRAU, PLANO DE AVALIAÇÃO DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU, PARECER SOBRE OS RELATÓRIOS DE AVALIAÇÃO REFERENTES AO PROJETO PILOTO SOBRE EXPERIÊNCIAS EM FAVELAS (1981/1982) / LETRAS DE MÚSICAS, CORRESPONDÊNCIAS DE OUVINTES, FREQUÊNCIA DE ALUNOS, DISTRIBUIÇÃO DE ALUNOS POR BAIRRO, GRÁFICOS, INSCRIÇÕES PARA CURSISTAS, CIRCULARES E COMUNICAÇÕES INTERNAS DO CURSO DE INGLÊS “LET’S SPEAK ENGLISH” (1985)

CAIXA 275

APOSTILAS E PUBLICAÇÕES DIVERSAS SOBRE GEOGRAFIA PARA A CONFECÇÃO DE PROGRAMAS EDUCATIVOS, FOTOCÓPIA DO LIVRO “O ENSINO DE GEOGRAFIA”, DE ZOÉ A. THRALLS (1965) / PROPOSTA DE PROJETO DA OFICINA DE PRODUÇÃO RADIOFÔNICA (1986-1987) / PROJETO DO PROGRAMA “EDUCAÇÃO EM DEBATE” (1985) / RELATÓRIO DE VIAGEM, MEMORANDOS, DIRETRIZES PARA LIBERAÇÃO DE HORÁRIO, PROJETO DO III ENCONTRO NACIONAL DE COORDENADORES ESTADUAIS DO PROJETO MINERVA, PUBLICAÇÃO REFERENTE AO ACERVO DE PROGRAMAS DO PROJETO MINERVA

CAIXA 276

TEXTOS BRUTOS DE HISTORIA DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO (1980/1982) / EDITAIS, REGULAMENTO, SINOPSE, OFÍCIOS, CIRCULARES, CARTAZ, E PEÇA RADIOFÔNICA PARTICIPANTE DO CONCURSO NACIONAL DE PEÇAS RADIOFÔNICAS (PRÊMIO ROQUETTE-PINTO) (1983/1985)

CAIXA 277

APRESENTAÇÕES E PROCESSOS DE PROJETOS DE PROGRAMAS DIVERSOS APRESENTADOS PELA RÁDIO MEC ENTRE 1982 E 1989 / DOCUMENTOS BÁSICOS REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU VIA RÁDIO (1980/1982) / PROJETOS DO PROGRAMA “ABRINDO CAMINHOS”

CAIXA 278

PLANOS DE SUPERVISÃO EM EDUCAÇÃO (1975/1983) / TEXTOS BRUTOS DE HISTÓRIA, RELATÓRIOS DE UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS RADIOFÔNICOS DA PORTARIA 568/80, LISTAS DE EMISSORAS GERADORAS E DE ENLACE DO RIO GRANDE DO SUL, TABELAS DOS PROGRAMAS “MÚSICA NO RIO GRANDE DO SUL”, DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO ATUAL DA PORTARIA 568/80, RELATÓRIOS E PUBLICAÇÕES REFERENTES AO CURSO DE PREPARAÇÃO AOS EXAMES SUPLETIVOS DE 1º GRAU ATRAVÉS DO RÁDIO E AO RÁDIO EDUCATIVO NO SISTEMA EDUCACIONAL DO RIO GRANDE DO SUL (1979)

CAIXA 279

PROJETOS DE PROGRAMAS VEICULADOS PELA RÁDIO MEC ENTRE 1991 E 1992 / RELATÓRIOS REFERENTES A 3º VEICULAÇÃO DA 3º ETAPA DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO (1985) / RELATÓRIOS REFERENTES À 1º VEICULAÇÃO DA 3º ETAPA DO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU NAS UNIDADES DA

FEDERAÇÃO (1981) / RELATÓRIOS REFERENTES A 4º VEICULAÇÃO DA 1º E 3º ETAPAS DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO (1986/1987)

CAIXA 280

CONVÊNIOS DIVERSOS FEITOS ENTRE A FCBTVE, CBRERP E SINRED DO MEC E AS SECRETARIAS DE EDUCAÇÃO DAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO (1981/1982) / PROJETOS, SPOTS E ROTEIROS PILOTO-DEMONSTRATIVOS, COMUNICAÇÕES INTERNAS, FOTOCÓPIAS DE PUBLICAÇÕES, RECORTES DE REVISTAS, ENTRE OUTROS MATERIAIS DE APOIO À CONFEÇÃO DOS PROGRAMAS "OEA" E "ONDA VIVA" (1990/1991) / CORRESPONDÊNCIAS, FOTOCÓPIAS DE JORNAIS E PUBLICAÇÕES, QUADROS DE ENTREGA DE TESTES E AULAS DE REVISÃO, TEXTOS BRUTOS E CALENDÁRIOS DE ATIVIDADES REALIZADAS PELO CURSOS SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO (1982/1983)

CAIXA 281

CIRCULARES, RELATÓRIOS, QUADROS DEMONSTRATIVOS E DE VEICULAÇÃO, FICHAS DE INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE AS UNIDADES DAS FEDERAÇÕES REFERENTES AOS CURSOS SUPLETIVOS DE 1º E 2º GRAUS (1985/1987) / CIRCULARES, QUADROS DEMONSTRATIVOS E DE VEICULAÇÃO DE ATIVIDADES, FOLDERS DE TREINAMENTO E RETREINAMENTO DE MONITORES, SUPERVISORES E ORIENTADORES DE APRENDIZAGEM DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO (1982/1985) / MATERIAL BRUTO UTILIZADO NA CONFEÇÃO DO PROGRAMA "ALFABETIZANDO" / CONVÊNIOS FEITOS ENTRE A FCBTVE, CBRERP E SINRED DO MEC E AS SECRETARIAS DE EDUCAÇÃO DAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO ENTRE 1982 E 1985, REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO

CAIXA 282

MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES INDICATIVAS DO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES REALIZADAS NAS UNIDADES FEDERATIVAS, REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO (1981/1983) / MATERIAL BRUTO UTILIZADO NA PRODUÇÃO DO PROGRAMA "ESPORTE PARA TODOS" (1983/1986) / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES INDICATIVAS DO DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES REALIZADAS NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO, REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU VIA RÁDIO (1980/1985)

CAIXA 283

MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES INDICATIVAS DO DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES REALIZADAS NAS UNIDADES FEDERATIVAS, REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO (1982/1984) / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES INDICATIVAS DO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES REALIZADAS NO CURSO DE ALEMÃO "AUF DEUTSCH GESAGT" (1984/1985)

CAIXA 284

MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES INDICATIVAS DO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES REALIZADAS NAS UNIDADES FEDERATIVAS, REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO (1982/1988) / TEXTOS BRUTOS, TESTES, CHAVES DE CORREÇÃO, QUADROS DEMONSTRATIVOS DE DISTRIBUIÇÃO DE TESTES E DOS RESULTADOS DAS VERIFICAÇÕES DE APRENDIZAGEM REALIZADAS NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO PELO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO (1981/1982)

CAIXA 285

MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES INDICATIVAS DO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES REALIZADAS NAS UNIDADES FEDERATIVAS, REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU VIA RÁDIO (1981/1982) / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES

REFERENTES AO DESENVOLVIMENTO DE PROGRAMAS ESPECIAIS SOBRE AS DATAS SIGNIFICATIVAS DO CALENDÁRIO NACIONAL, TRANSMITIDOS PELA RÁDIO MEC ENTRE 1981 E 1982 / CONVÊNIOS FEITOS ENTRE O SINRED DO MEC E AS SECRETARIAS DE EDUCAÇÃO DAS UNIDADES FEDERATIVAS DO BRASIL, REFERENTES AOS CURSOS SUPLETIVOS DE 1º E 2º GRAUS ENTRE 1978 E 1981

CAIXA 286

CARTAS DA ABERT E TELEXES REFERENTES A VEICULAÇÃO E/OU A ALTERAÇÃO DE HORÁRIOS DE TRASMISÃO DE PROGRAMAS VIA RÁDIO DO PROJETO MINERVA (1990) / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES INDICATIVAS DO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES REALIZADAS NAS UNIDADES FEDERATIVAS DO BRASIL, REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO (1985/1986) E PROJETOS DE UTILIZAÇÃO DOS HORÁRIOS DO RÁDIO DO PROJETO MINERVA / OFÍCIOS, RELATÓRIOS E ATAS DE REUNIÃO REFERENTES AO PROJETO HAPRONT REALIZADO PELA RÁDIO MEC ENTRE 1977 E 1979, MAIS APOSTILA DO PROJETO HAPRONT “LE FRANÇAIS POUQUOI PAS?”, EXPEDIDA EM 1977 PELO GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

CAIXA 287

FOLDERS, RELETÓRIOS, QUADROS DEMONSTRATIVOS, FICHAS COM INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO E QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO REFERENTE AO TREINAMENTO VIA RÁDIO DE MONITORES E SUPERVISORES DO CURSO SUPLETIVO DO 1º GRAU (SEM DATA) / RELATÓRIOS E MATERIAIS DIVERSOS REFERENTES AO DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES REALIZADAS PELOS CURSOS SUPLETIVOS DE 1º E 2º GRAUS NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO ENTRE 1984 E 1985 / RELATÓRIOS DOS EXAMES SUPLETIVOS ESPECIAIS EXPEDIDOS ENTRE 1983 E 1984, REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU VIA RÁDIO TRANSMITIDOS NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO, MAIS MATERIAIS BRUTOS REFERENTES ÀS SUAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS / CONVÊNIOS FEITOS ENTRE O SINRED DO MEC E AS SECRETARIAS DE CULTURA DAS UNIDADES FEDERATIVAS BRASILEIRAS, REFERENTES AO PROJETO MINERVA EM 1980

CAIXA 288

RELATÓRIOS DOS EXAMES ESPECIAIS DO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU VIA RÁDIO, EXPEDIDOS ENTRE 1985 E 1987 PROJETOS E PLANOS DE AVALIAÇÃO DO CURSO SUPLETIVO 1º GRAU VIA RÁDIO (1980/1982) / RELATÓRIO DE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA RÁDIO MEC EM 1986, REFERENTES AS SUAS GRADES DE PROGRAMAÇÃO / PROJETOS, CONVÊNIO E DIRETRIZES GERAIS DO PROJETO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (1981/1982)

CAIXA 289

PORTARIA N. 426 DE 29/06/1983, QUE OUTORGA A CONCESSÃO DO SERVIÇO DE RADIODIFUSÃO DA RÁDIO MEC FM /

PORTARIA N. 588 DE 30/10/1975 (REGIMENTO INTERNO DO SINRED – SERVIÇO DE RADIODIFUSÃO EDUCATIVA) /

EDITAIS 26/83, REFERENTES AO 1º CONCURSO NACIONAL DE PEÇAS RADIOFÔNICAS - PRÊMIO ROQUETTE-PINTO (1983/1984)

LEGISLAÇÃO REFERENTE AO SEMINÁRIO “ANÁLISE DO POTENCIAL DE PRODUÇÃO” (1981) /

DOCUMENTOS ADMINISTRATIVOS DIVERSOS CONTENDO INFORMAÇÕES RELATIVAS AOS DIREITOS TRABALHISTAS DOS FUNCIONÁRIOS DA RÁDIO MEC, COM AUTORIZAÇÕES DE DESPESAS PAGAMENTOS DE CACHÊS, PAGAMENTOS DOS FUNCIONÁRIOS, RELATÓRIOS, PROGRAMAÇÕES, CORRESPONDÊNCIAS, ETC;

CAIXA 290

DOCUMENTOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES À ORQUESTRA SINFÔNICA NACIONAL / AUTORIZAÇÕES DE DESPESAS E RELAÇÕES DE PAGAMENTOS DE CACHÊS E SERVIÇOS PRESTADOS POR SERVIDORES DO SRE/MEC EM 1976 / DOCUMENTOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES A PROGRAMAS PRODUZIDOS E VEICULADOS PELA RÁDIO MEC E A PARTICIPAÇÃO DESTA EM EVENTOS INTERNACIONAIS SOBRE RADIODIFUSÃO EDUCATIVO (CONTÉM DOCUMENTOS EM ESPANHOL) / DOCUMENTOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES AOS SERVIDORES DA CLT/MEC E ESTATUTÁRIOS COM A SITUAÇÃO FUNCIONAL PENDENTE

CAIXA 291

MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES DIVERSAS SOBRE A ORQUESTRA SINFÔNICA DA RÁDIO MEC (1961/1986) / DOCUMENTOS DIVERSOS SOBRE O RÁDIO EDUCATIVO (ABRANGÊNCIA DAS EMISSORAS DO SINRED) / TESTES EXPEDIDOS PELO CURSO DE ALEMÃO “AUF DEUTSCH GESAGT”, PUBLICAÇÕES E FOTOCÓPIAS DE RECORTES DE JORNAIS DIVERSOS COM MATÉRIA SOBRE A CANTORA MARLENE E RECORTES E FOTOCÓPIAS DE RECORTES DE JORNAIS COM INFORMAÇÕES DIVERSAS SOBRE A RÁDIO MEC

CAIXA 292

MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES AO QUINTETO DE SOPRO DA RADIO MEC / PROPOSTAS DE PROJETO PARA REALIZAÇÕES DE PROGRAMAS DIVERSOS VEICULADOS PELA RADIO MEC/ GRADES DE PROGRAMAÇÃO DA RADIO MEC E RELATÓRIO DE UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS RADIOFÔNICOS DA PORTARIA INTERMINISTERIAL MEC/MINICOM 568/80, EM 1984

CAIXA 293

LISTAS DE REPERTÓRIO (POR AUTORES) DO CORO E DA ORQUESTRA SINFÔNICA DA RÁDIO MEC / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES À ORQUESTRA SINFÔNICA DA RÁDIO MEC / RECORTES DE JORNAIS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES A RÁDIO MEC (1975/1976) / REGULAMENTO DO CONCURSO ROQUETTE-PINTO DE MONOGRAFIAS, REALIZADO ENTRE 1985 E 1986

CAIXA 294

COMPOSIÇÕES MUSICAIS E POÉTICAS FEITAS POR EDGARD ROQUETTE-PINTO (ANTIGA PASTA 3.31) / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES À RÁDIO MEC FM (ANTIGA PASTA 3.25F) / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES À RÁDIO MEC / DOCUMENTOS DIVERSOS REFERENTES AO 2º CICLO DE DEBATES SOBRE A RÁDIO E TV EDUCATIVOS (1990) / GRADES DA PROGRAMAÇÃO FM DAS RÁDIOS MEC DO RIO DE JANEIRO E DE BRASÍLIA E FOLDERS COM A GRADE DE PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO MEC FM DO RIO DE JANEIRO / NOTICIÁRIOS DO SETOR JORNALÍSTICO DA RÁDIO MEC E DA SUA RESPECTIVA PROGRAMAÇÃO EM 1962

CAIXA 295

MATERIAIS BRUTOS COM INFORMAÇÕES REFERENTE AO CONJUNTO DE MÚSICA ANTIGA DA RÁDIO MEC E DA SOARMEC (ANTIGAS PASTAS 3.3C E 3.34R) / MATERIAIS BRUTOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES À RÁDIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO E AO MUSEU DA RÁDIO MEC (ANTIGAS PASTAS 3.27S E 3.12M) / RELAÇÕES DE OBRAS E ARTISTAS DA MÚSICA CLÁSSICA / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES A ORQUESTRA DE CÂMERA DA RÁDIO MEC (ANTIGA PASTA 3.12) / FOTOS DIVERSAS (ANTIGA PASTA 3.8F) / FOTOS DIVERSAS E DE EDGARD ROQUETTE-PINTO (ANTIGA PASTA 3.32)

CAIXA 296

MATERIAL BRUTO REFERENTE AO TELECURSO 2º GRAU PARA A CONFECÇÃO DOS PROGRAMAS DO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU VIA RÁDIO (1982) / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES À CIGLIONI PRODUÇÕES / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES ÀS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA RÁDIO MEC ENTRE 1986 E 1993 / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES À PROGRAMAÇÃO COM INFORMATIVO-CULTURAL DA RÁDIO MEC ENTRE 1976 E 1989 / DOCUMENTOS DIVERSOS REFERENTES A PROGRAMAÇÃO E ÀS EMISSORAS RADIOFÔNICAS PERTENCENTES AO SINRED

CAIXA 297

CERTIFICADO, DIPLOMA, PORTARIAS, RELATÓRIOS ANUAIS DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA RÁDIO MEC EM 1984 E EM 1987; MATERIAIS BRUTOS DIVERSOS RELATIVOS A RÁDIO MEC E AO CORAL DA RÁDIO MEC (ANTIGA PASTA 3.5) / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES DIVERSAS REFERENTES A PERSONALIDADES MUSICAIS ERUDITAS E A REALIZAÇÃO DE EVENTOS CULTURAIS DIVERSOS / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES DIVERSAS SOBRE A BANDEIRA E A CULTURA BRASILEIRAS (ANTIGA PASTA 3.2)

CAIXA 298

MATERIAIS BRUTOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES AOS PROGRAMAS CONSTITUINTES DA CADEIA CULTURAL DA RÁDIO MEC E DOS SEGUINTE PROGRAMAS “ESSES MOÇOS”, “MEU BRASIL. BRASILEIRO”. “CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU VIA RÁDIO” E “PROJETO HAPRONT”

CAIXA 299

PROJETO “RÁDIO MEC FALANDO DE LIVROS E ARTES”, CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS, QUADRO DEMONSTRATIVO MENSAL DE MATERIAL, RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DA SÉRIE “ONDA VIVA” E PROJETOS DE UTILIZAÇÃO DE HORÁRIOS DOS CURSOS SUPLETIVOS DE 2º GRAU (1983) / INSTRUMENTOS DE ACOMPANHAMENTO E CONTROLE DO CURSO DE ALEMÃO “AUF DEUTSCH GESAGT” (1985) / INSCRIÇÕES DE ALUNOS, DE RECEPÇÕES CONTROLADAS E ISOLADAS REFERENTES AO CURSO DE INGLÊS “LET’S SPEAK ENGLISH” / MATERIAIS BRUTOS COM INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O PROGRAMA “CAMINHOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA”

CAIXA 300

PROGRAMAÇÃO DIÁRIA DA RÁDIO MEC ENTRE 1985 E 1987 / PROJETO DE UTILIZAÇÃO DOS HORÁRIOS DE RÁDIO NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO DO PROJETO MINERVA, REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU (1980/1982) / RELAÇÃO DE TEMAS DO ACERVO DE PROGRAMAS EDUCATIVO-CULTURAIS PRODUZIDOS E TRANSMITIDOS PELA RÁDIO MEC EM 1983 E 1984

CAIXA 301

PROJETOS DE UTILIZAÇÃO DOS HORÁRIOS DE RÁDIO DO PROJETO MINERVA NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO (1981/1982) / LEGISLAÇÕES DO PROJETO MINERVA / LISTAS DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO PERTENCENTES AO SINRED

CAIXA 302

CRONOGRAMAS DE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELAS RÁDIOS MEC AM E FM EM 1986 / FOTOCÓPIAS DE PUBLICAÇÕES DIVERSAS, UTILIZADAS NA PREPARAÇÃO E CONFECÇÃO DE PROGRAMAS PRODUZIDOS E TRANSMITIDOS PELA RÁDIO MEC / FICHAS DE CONCLUSÃO E QUESTIONÁRIOS, MAIS TEXTOS BRUTOS UTILIZADOS NA CONFECÇÃO

E PREPARAÇÃO DO PROGRAMA “BRASIL EM AQUARELA” (1989-1991) / CRONOGRAMAS DE VEICULAÇÃO, PLANOS DE TRABALHO E FICHAS TÉCNICAS DE PRODUÇÕES DIDÁTICAS DE PROGRAMAS DIVERSOS PRODUZIDOS PELA RÁDIO MEC / FICHAS DE INSCRIÇÃO, CRONOGRAMAS DE VEICULAÇÃO, TESTES E CORRESPONDÊNCIAS EMITIDAS POR OUVINTES DO CURSO DE FRANCÊS “BONJOUR BRÉSIL” EM 1988

CAIXA 303

TABELAS COM A SÍNTESE DA PROGRAMAÇÃO SEMANAL TRANSMITIDA PELA RÁDIO MEC EM 1986 E EM 1987 / FICHAS DE INSCRIÇÃO PARA CURSISTAS REFERENTES AO CURSO DE INGLÊS “LET’S SPEAK ENGLISH” / REGISTROS DE ACERVO FONOGRAFICO DE DIVERSOS PROGRAMAS PRODUZIDOS PELA RÁDIO MEC / CIRCULARES, CONVÊNIOS, DESPACHOS, OFÍCIOS E RELATÓRIOS DE UTILIZAÇÃO DE ESPAÇOS RADIOFÔNICOS NO RIO GRANDE DO SUL

CAIXA 304

CONVÊNIO, REGIMENTO INTERNO DA DIRETORIA DE EDUCAÇÃO DA FUNTEVÊ, PROPOSTA GERAL DE AÇÃO PARA 1988, MINUTA, PORTARIA INTERMINISTERIAL 568/80 (REFERENTES A REDES DE RÁDIODIFUSÃO SONORA), OFÍCIO, CONTRATO, ETC. / CORRESPONDÊNCIAS EMITIDAS POR OUVINTES EM 1986 E EM 1987 AO PROGRAMA “ESPORTE PARA TODOS” / QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO CURSO DE INGLÊS “LET’S SPEAK ENGLISH” (1986) / RELATÓRIO DA IV REUNIÃO DE PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO DOS PROJETOS “COISAS DA PROVÍNCIA” E “MEU BRASIL BRASILEIRO”

CAIXA 305

JORNAIS DIVERSOS COM MATÉRIAS REFERENTES A VESTIBULAR (1985/1987) / ROTEIROS DO CANDIDATO E EDITAIS EXPEDIDOS PELA FUNDAÇÃO CESGRANRIO (1985/1986) / TABELAS COM A PROGRAMAÇÃO CULTURAL TRANSMITIDA PELA RÁDIO MEC ENTRE JUNHO E DEZEMBRO DE 1981 / CORRESPONDÊNCIAS EMITIDAS EM 1988 E EM 1989 AO PROGRAMA “ESPORTE PARA TODOS” PELOS OUVINTES / RECORTES DE JORNAIS DIVERSOS DATADOS ENTRE 1976 E 1977, REFERENTES A MATÉRIAS SOBRE A PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO MEC

CAIXA 306

PROJETOS, FICHAS DE AVALIAÇÃO, CRONOGRAMAS DE VEICULAÇÃO E PRODUÇÃO DE PROGRAMAS DIVERSOS PRODUZIDOS E TRANSMITIDOS PELA RÁDIO MEC E PUBLICAÇÃO REFERENTE À BOLSA DE PROGRAMAÇÃO / RELATÓRIOS DE AVALIAÇÃO DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO FEITOS PELA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / RELATÓRIOS FINAIS DA 1ª ETAPA DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO VEICULADOS EM 1984 NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

CAIXA 307

TEXTOS BRUTOS AVALIADOS A RESPEITO DA ÁREA TECNOLÓGICA DO PROJETO SERINGUEIRO (01-85) (1979) / SUGESTÕES METODOLÓGICAS MAIS OUTRAS PUBLICAÇÕES EMITIDAS PELA PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO

CAIXA 308

MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES DIVERSAS REFERENTES AO PROJETO SERINGUEIRO (1980/1981) / RELATÓRIOS DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO VEICULADO NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO (1981/1982)

CAIXA 309

INSTRUMENTOS DE ACOMPANHAMENTO E CONTROLE DO CURSO DE FRANCÊS “BONJOUR BRÉSIL” (1988/1989) / ROTEIRO DA PROGRAMAÇÃO FM DA RÁDIO MEC EM 1986 / RALATORIO MENSAL DO MONITOR, FICHA DE OBSERVAÇÃO DO MONITOR E TESTES EXPEDIDOS PELO CURSO DE ALEMÃO “AUF DEUTSCH GESAGT” / CONVÊNIOS, ATESTADOS, PROJETOS, CONTRATOS, PROPOSTAS DOS PROGRAMAS RADIOTECA E FOLCLORE, PLANO DE CURSO DE HORTICULTURA E CORTE E COSTURA EXPEDIDOS PELA DESUPI EM 1981, PROJETO EDUCAÇÃO ADOLESCENTES E ADULTOS NO MEIO RURAL, FOTOCÓPIAS DE TEXTO, FICHAS DE AVALIAÇÃO DE ALUNOS (MANUSCRITO) EXEMPLAR DE JORNAL (O GLOBO – 22/05/1986), ETC.

CAIXA 310

RELATÓRIOS REFERENTES AOS ALUNOS DO CURSO DE ALEMÃO “AUF DEUTSCH GESAGT” ENTRE 1984 E 1987 / RELATÓRIOS REFERENTES À VEICULAÇÃO DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO EM 1981

CAIXA 311

PROJETO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL PARA O MAGISTÉRIO, PLANO DE CURSO, PARECER TÉCNICO, QUADRO DE VEICULAÇÃO, ETC. / QUADRO GERAL, FICHA DE INSCRIÇÃO PARA CURSISTAS, PROJETOS, QUESTIONÁRIOS, TESTES REFERENTES AO CURSO DE INGLÊS “LET’S SPEAK ENGLISH” (1985/1986) / PLANILHA COM A PROGRAMAÇÃO MUSICAL DA RÁDIO MEC FM (SEM DATA)

CAIXA 312

RELATÓRIOS REFERENTES À VEICULAÇÃO DO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO ENTRE 1983 E 1984 / CONVÊNIOS FEITOS ENTRE A ABERT, O MEC E AS SECRETARIAS DE EDUCAÇÃO DAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO / PROJETOS DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL (1981)

CAIXA 313

MATERIAIS BRUTOS COM INFORMAÇÕES DIVERSAS REFERENTES AO PROJETO SERINGUEIRO (1981) E AO PROGRAMA “JOÃO E MARIA” (1984) / TESTES DIVERSOS EXPEDIDOS EM 1981 PELO CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO

CAIXA 314

MATERIAIS BRUTOS COM INFORMAÇÕES DIVERSAS REFERENTES AO CURSO DE INGLÊS “LET’S SPEAK ENGLISH” (1987) E À PROGRAMAÇÃO MUSICAL EDUCATIVA E CULTURAL DA RÁDIO MEC (SEM DATA) / DOCUMENTOS BÁSICOS REFERENTES AOS CURSOS DE 1º E 2º GRAUS VIA RÁDIO (1980/1982)

CAIXA 315

MATERIAIS BRUTOS COM INFORMAÇÕES DIVERSAS REFERENTES AO PROJETO SERINGUEIRO (1981/1983) E À VEICULAÇÃO DO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU VIA RÁDIO NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO (1980/1981) / PROJETOS DE UTILIZAÇÃO DE HORÁRIO DO PROJETO MINERVA NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO (1981/1982) / PLANO DE AVALIAÇÃO E RELATÓRIO FINAL DO CURSO DE INGLÊS “LET’S SPEAK ENGLISH” (1985/1986)

CAIXA 316

TEXTOS BRUTOS DIVERSOS E AUXILIARES NA CONFECÇÃO DE PROGRAMAS DIVERSOS VEICULADOS PELA RÁDIO MEC / CIRCULAR, CONTRATO, PARECERES TÉCNICOS, RELATÓRIOS, TEXTOS BRUTOS E PROJETOS DE PROGRAMAS VEICULADOS ENTRE 1982 E

1986 PELA RÁDIO MEC / TEXTOS BRUTOS AUXILIARES NA CONFECÇÃO DE PROGRAMAS VEICULADOS ENTRE 1979 E 1982 PELA RÁDIO MEC

CAIXA 317

RELATÓRIOS, FICHAS TÉCNICAS PARA A PRODUÇÃO E PROJETOS DE PROGRAMAS VEICULADOS ENTRE 1982 E 1989 PELA RÁDIO MEC / PROJETOS E TEXTOS BRUTOS AUXILIARES NA CONFECÇÃO DA PROGRAMAÇÃO DA SÉRIE “ESPORTE PARA TODOS” / FOLDERS, MAIS LISTAS DE ASSUNTOS VEICULADOS NOS PROGRAMAS TRANSMITIDOS PELA RÁDIO MEC ENTRE 1984 E 1987 / PROJETOS DE PROGRAMAS DIVERSOS VEICULADOS PELA RÁDIO MEC ENTRE 1983 E 1987

CAIXA 318

FICHA DE INSCRIÇÃO E TESTES EXPEDIDOS PELO CURO DE FRANCÊS “BONJOUR BRÉSIL” EM 1989 / SINOPSES DOS PROGRAMAS DA RÁDIO MEC FM E GRADES DAS PROGRAMAÇÕES DAS RÁDIOS MEC AM E FM / CRONOGRAMAS DE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO NÚCLEO DE PRODUÇÃO E PROGRAMAÇÃO EM ONDAS CURTAS DA RÁDIO MEC, MAIS CRONOGRAMAS DE VEICULAÇÃO DE PROGRAMAS COMO “AÍ VEM A BANDA”, “BONJOUR BRÉSIL”, ETC. / FICHAS DO PROGRAMA “RÁDIO MEC RESPONDE” (1984) / FICHAS, CORRESPONDÊNCIAS DE OUVINTES E TEXTOS BRUTOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES AO PROGRAMA “RÁDIO MEC RESPONDE” (1984) / CORRESPONDÊNCIAS EXPEDIDAS POR OUVINTES AO PROGRAMA “RÁDIO MEC RESPONDE” EM 1984 / CARTAS EXPEDIDAS POR OUVINTES EM 1984 AO PROGRAMA “ATENDENDO AOS OUVINTES” / CARTAS EXPEDIDAS PELOS OUVINTES ENTRE 1982 E 1990 PARA DIVERSOS PROGRAMAS VEICULADOS PARA A RÁDIO MEC / CRONOGRAMAS DE VEICULAÇÃO DO CURSO DE ALEMÃO “AUF DEUTSCH GESAGT” EM 1986 E CÓPIAS DAS ATIVIDADES DO CNRERP CATALOGADAS PELO ARQUIVO NACIONAL EM 1992

CAIXA 319

DOCUMENTOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES À PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA PRODUZIDA E VEICULADA POR EMISSORAS COMERCIAIS DIVERSAS, DE ACORDO COM A PORTARIA INTERMINISTERIAL 568/80 (1990) / AVALIAÇÕES E PARECERES DE PROGRAMAS VEICULADOS PELA RÁDIO MEC ENTRE 1982 E 1985 / DOCUMENTOS BRUTOS COM INFORMAÇÕES AUXILIARES NA CONFECÇÃO DOS PROGRAMAS “O RIO CONTA A SUA HISTÓRIA” (1985) / RELATÓRIOS, RELAÇÃO DE PESSOAL LOTADO, CORRESPONDÊNCIAS, AUTORIZAÇÃO DE PAGAMENTOS, LEVANTAMENTOS DA PRODUÇÃO DA SEÇÃO DE PREPARAÇÃO DE IRRADIAÇÃO DO SINRED (1974, 1975 E 1982) / DOCUMENTOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES À NOVA PROGRAMAÇÃO VEICULADA PELAS EMISSORAS RADIODIFUSORAS BRASILEIRAS DE ACORDO COM A PORTARIA INTERMINISTERIAL 568/80 (1991)

CAIXA 320

DOCUMENTOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES AO SINRED (1987/1989) / DOCUMENTOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES SOBRE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE NATUREZA EDUCATIVA

CAIXA 321

DOCUMENTOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES AOS FÓRUMS DE DEBATES “O PROFESSOR DA ESCOLA FUNDAMENTAL E A TELEDUCAÇÃO” E “A CRIANÇA E A TV EDUCATIVA” / DOCUMENTOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES AO SINRED / DOCUMENTOS DIVERSOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES AO CBRERP/FUNTEVÊ ENTRE 1987 E 1989

CAIXA 322

SANTINHOS, CADERNOS COM MANUSCRITOS, LIVRO E CADERNO COM PARTITURAS MUSICAIS, PASTA COM RECORTES DE JORNAIS E OUTROS DOCUMENTOS, ENVELOPES COM DOCUMENTOS DEIXADOS POR ALMA CUNHA DE MIRANDA À RÁDIO MEC

CAIXA 323

CADERNO DE OCORRÊNCIAS, CADERNO COM ANOTAÇÕES PESSOAIS, PUBLICAÇÃO DO TEATRO NACIONAL REFERENTE À TEMPORADA DE 1939 DA COMPANHIA LÍRICA DESTA E PUBLICAÇÕES (MAIS RESPECTIVAMENTE LIVROS COM PARTITURAS MUSICAIS – EM PÉSSIMO ESTADO DE CONSERVAÇÃO), DEIXADOS POR ALMA CUNHA DE MIRANDA À RÁDIO MEC

CAIXA 324

REVISTA “O BRASIL ROTÁRIO”, CADERNO DE RECADOS E ASSINATURAS, PUBLICAÇÕES COM PARTITURAS MUSICAIS MANUSCRITAS DE PRÓPRIO PUNHO E PARTITURAS MUSICAIS DEIXADAS POR ALMA CUNHA DE MIRANDA À RÁDIO MEC

CAIXA 325

CLIPPINGS COM MATERÍAS JORNALÍSTICAS SOBRE A RÁDIO MEC (1979) / CRONOGRAMAS DE VEICULAÇÃO DE PROGRAMAS, SÍNTESE DE PROGRAMAS, CONTROLES DE PROGRAMAÇÃO PARA A RÁDIO, PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO MEC EM 1987, APRESENTAÇÃO DE REPERTÓRIO DO PROGRAMA “BEL CANTO”, ETC. / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES SOBRE O CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU (1974/1982)

CAIXA 326

CORRESPONDÊNCIAS EXPEDIDAS E RECEBIDAS PELA RÁDIO MEC ENTRE 1978 E 1994 / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES AO CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES AO PROGRAMA “ESPORTE PARA TODOS” / AGENDA MENSAL DO ANO DE 1980

CAIXA 327

MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES AO PROGRAMA “MEU BRASIL BRASILEIRO” / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES AOS CURSOS SUPLETIVOS DE 1º E 2º GRAUS / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES AO NORDESTE BRASILEIRO, PARA O PROGRAMA “MEU BRASIL BRASILEIRO” / SPOTS Nº 01 À 163 DO PROGRAMA “SOS SAÚDE”, MAIS REFERÊNCIAS SOBRE ENTREVISTADOS

CAIXA 328

CARTAS RECEBIDAS PELA RÁDIO MEC EM 1984, REFERENTES AO PRÊMIO ROQUETTE-PINTO / CRONOGRAMA DE VEICULAÇÃO DOS PROGRAMAS “VOCÊ E A TERRA” E “CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU VIA RÁDIO” / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES AO PROGRAMA “AÍ VEM A BANDA” / ROTEIROS E SPOTS DE PROGRAMAS DIVERSOS PRODUZIDOS E TRANSMITIDOS PELA RÁDIO MEC / TEXTOS BRUTOS COM INFORMAÇÕES REFERENTES A PROGRAMAS DIVERSOS PRODUZIDOS E TRANSMITIDOS PELA RÁDIO MEC / PAUTAS DE ENTREVISTAS DO PROGRAMA “NÓS NA ESCOLA” E MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES REFERENTES À PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO MEC / FOTOCOPIAS DE PUBLICAÇÕES UTILIZADAS NA CONFECÇÃO DOS PROGRAMAS PRODUZIDOS E VEICULADOS PELA RÁDIO MEC / MATERIAL BRUTO COM INFORMAÇÕES DIVERSAS SOBRE O PROGRAMA “POESIA NO AR” / QUADROS DE VEICULAÇÃO E CONTROLE FONOGRAFICO DE PROGRAMAS DIVERSOS PRODUZIDOS E TRANSMITIDOS PELA RÁDIO MEC / LISTAS DE PROGRAMAS CONSTITUINTES DE SÉRIES DIVERSAS PRODUZIDAS PELA RÁDIO MEC / TEXTOS BRUTOS E PROJETOS DE PROGRAMAS DIVERSOS PRODUZIDOS E TRANSMITIDOS PELA RÁDIO MEC

CAIXA 329

MATERIAL BRUTO CONTENDO INFORMAÇÕES REFERENTES A PROGRAMAS E ATIVIDADES DIVERSAS DESENVOLVIDAS PELA RÁDIO MEC (1975/1991)

CAIXA 330

MATERIAL BRUTO CONTENDO INFORMAÇÕES DIVERSAS SOBRE PROGRAMAS E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA RÁDIO MEC (1990/1992)

CAIXA 331

PARTITURAS E DOCUMENTOS DIVERSOS DA ESCOLA NACIONAL DE MÚSICA (PARTITURAS PERTENCENTES AO ANTIGO ARQUIVO MUSICAL DO CORAL DA RÁDIO MEC)

CAIXA 332

MEMÓRIAS DO RÁDIO (01-34) (1984/1985)

CAIXA 333

FICHAS DE INSCRIÇÃO PARA CURSISTAS E CRONOGRAMAS DE VEICULAÇÃO DO CURSO DE ALEMÃO “AUF DEUTSCH GESAGT” (1985) (1988/1989) / FOTOCÓPIAS DE PUBLICAÇÕES CONTENDO INFORMAÇÕES DIVERSAS SOBRE A CANTORA MARLENE / ROTEIROS E MATERIAIS BRUTOS DOS PROGRAMAS “VAMOS BRINCAR” (1984/1985) E “RÁDIO ESCOLA” (1999/2000)

CAIXA 334

ARTIGOS DIVERSOS 1 – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 335

ARTIGOS DIVERSOS 2 – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 336

ARTIGOS DIVERSOS 3 – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 337

ARTIGOS DIVERSOS 4 – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 338

CLIPPINGS 1

CAIXA 339

CLIPPINGS 2

CAIXA 340

DOCUMENTAÇÃO PESSOAL DA PROFESSORA MARLENE BLOIS / ARTIGOS DIVERSOS SOBRE RÁDIOS COMUNITÁRIAS / JORNAIS DA AESP

CAIXA 341

FOLDERS – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 342

JORNAIS SINTONIA / JORNAIS RÁDIO X / JORNAIS DO RÁDIO / INFORMATIVOS

CAIXA 343

LEGISLAÇÕES 1 – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 344

LEGISLAÇÕES 2 – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 345

LIVROS DUPLICADOS 1

CAIXA 346

LIVROS DUPLICADOS 2

CAIXA 347

LIVROS DUPLICADOS 3

CAIXA 348

LIVROS DUPLICADOS 4

CAIXA 349

LIVROS DUPLICADOS 5

CAIXA 350

MISCELÂNIA DE REVISTAS – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 351

MONOGRAFIAS DISSERTAÇÕES, TESES E TRABALHOS ACADÊMICOS 1 – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 352

MONOGRAFIAS DISSERTAÇÕES, TESES E TRABALHOS ACADÊMICOS 2 – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 353

MONOGRAFIAS DISSERTAÇÕES, TESES E TRABALHOS ACADÊMICOS 3 – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 354

PROJETO 1 – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 355

PROJETOS 2 – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 356

PROJETOS 3 – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 357

PROJETOS 4 – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 358

REVISTAS ABERT 1

CAIXA 359

REVISTAS ABERT 2

CAIXA 360

REVISTAS ABERT 3

CAIXA 361

REVISTAS BLOCH COMUNICAÇÃO / REVISTAS DE COMUNICAÇÃO / REVISTAS (GUIAS)
TELA VIVA – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 362

REVISTAS DIALOGOS DE LA COMUNICACIÓN / REVISTA RÁDIO Y EDUCACIÓN DE
ADULTOS – DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 363

REVISTAS DIVERSAS 1

CAIXA 364

REVISTAS DIVERSAS 2

CAIXA 365

REVISTAS DIVERSAS 3

CAIXA 366

REVISTAS DIVERSAS 4

CAIXA 367

REVISTAS DUPLICADAS

CAIXA 368

CURSOS VIA RÁDIO / TELE-EDUCAÇÃO / PROJETO MINERVA / PROJETO SERINGUEIRO 1 –
DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 369

CURSOS VIA RÁDIO / TELE-EDUCAÇÃO / PROJETO MINERVA / PROJETO SERINGUEIRO 2 –
DOAÇÃO MARLENE BLOIS

CAIXA 370

CURSOS VIA RÁDIO / TELE-EDUCAÇÃO / PROJETO MINERVA / PROJETO SERINGUEIRO 3 –
DOAÇÃO MARLENE BLOIS

Apêndice B: Mapa do Acervo

Caixa	MINERVA	Legislação	Doc. Diversos	Material Bruto	C.C. Aluno	Texto Bruto	Fascículo	C. S. Primeiro G.	C. S. Segundo G.	Telecurso	Matemática	Ciências	Física	Química	Biologia	Lin. Portuguesa	Litera. Brasileira	Geografia	História	Estudos Sociais	E.M.C	OSP	Saúde	Ed. Fis. e Esporte	Trabalho	Inglês	Artes	Música	
1	1				1			1															1	1	1		1		
2	1				1			1															1	1	1		1	1	
3	1				1			1								1													
4	1							1								1													
5	1				1			1			1																		
6	1							1			1																		
7	1				1			1															1	1	1			1	
8	1		1					1														1	1						
9	1							1											1	1									
10	1							1											1										
11	1		1					1				1				1		1	1										
12	1		1					1				1																	
13	1		1						1		1																		
14	1		1																										1
15	1		1																										
16	1		1																										1
17	1							1			1															1			
18	1		1																										1
19	1																												
20	1		1																										1
21	1		1					1			1					1	1					1	1			1			
22	1		1																										1
23	1		1																										
24	1							1												1									1
25	1		1		1			1															1					1	
26	1							1								1												1	1
27	1																											1	1
28	1		1																										
29	1		1																										1
30	1		1					1														1	1			1			
31	1		1																										
32	1		1																									1	
33	1		1		1			1																					1
34	1		1																									1	
35	1		1																									1	
36	1		1					1																		1		1	
37	1							1			1						1												
38	1							1			1					1													

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Caixa	MINERVA	Legislação	Doc. Diversos	Material Bruto	C.C. Aluno	Texto Bruto	Fascículo	C. S. Primeiro G.	C. S. Segundo G.	Telecurso	Matemática	Ciências	Física	Química	Biologia	Lin. Portuguesa	Litera. Brasileira	Geografia	História	Estudos Sociais	E.M.C	OSP	Saúde	Ed. Fis. e Esporte	Trabalho	Inglês	Artes	Música	
39	1		1																									1	
40	1		1																									1	
41	1		1																									1	
42	1							1			1					1										1			
43	1							1										1									1	1	
44	1		1																								1		
45	1		1					1																					
46	1		1																										1
47	1							1													1	1							1
48	1		1																										1
49	1		1					1													1	1							
50	1							1								1	1												
51	1		1																							1	1		
52	1		1																										
53	1		1																										1
54	1																												1
55	1		1																										1
56	1		1																										1
57	1		1																										
58	1		1																										
59	1		1																					1					
60	1							1									1												
61	1		1					1																		1	1		
62	1		1																								1	1	
63	1							1								1	1												
64	1		1																										
65	1		1																								1		
66	1		1																										
67	1		1																									1	
68	1		1																										
69	1		1																								1		
70	1		1																										
71	1		1																										1
72	1		1																										
73	1		1		1				1																				
74	1		1		1			1	1																		1		
75	1		1					1																					1
76	1		1		1			1																					1
77			1																										
78																													1

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Caixa	MINERVA	Legislação	Doc. Diversos	Material Bruto	C.C. Aluno	Texto Bruto	Fascículo	C. S. Primeiro G.	C. S. Segundo G.	Telecurso	Matemática	Ciências	Física	Química	Biologia	Lin. Portuguesa	Litera. Brasileira	Geografia	História	Estudos Sociais	E.M.C	OSP	Saúde	Ed. Fis. e Esporte	Trabalho	Inglês	Artes	Música	
79			1																					1			1	1	
80																	1												1
81																	1												1
82			1																										
83			1																										1
84			1								1																		1
85			1																										1
86			1								1																		
87			1																										1
88																								1	1				1
89																									1				1
90			1																										1
91																									1		1		
92																													1
93			1																										1
94			1																					1					
95			1																				1	1					1
96																								1	1				1
97			1																										1
98			1																					1					1
99			1																										1
100			1																										1
101			1																										1
102			1																										1
103			1																										1
104																													1
105			1																										
106			1																										1
107			1																										1
108			1																								1		
109																													1
110			1																										
111			1														1												
112																													1
113																											1	1	1
114																													1
115			1								1														1				
116			1																										
117			1																				1	1					1
118			1														1												1

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Caixa	MINERVA	Legislação	Doc. Diversos	Material Bruto	C.C. Aluno	Texto Bruto	Fascículo	C. S. Primeiro G.	C. S. Segundo G.	Telecurso	Matemática	Ciências	Física	Química	Biologia	Lin. Portuguesa	Litera. Brasileira	Geografia	História	Estudos Sociais	E.M.C	OSP	Saúde	Ed. Fis. e Esporte	Trabalho	Inglês	Artes	Música
119			1																									
120																												1
121			1																									1
122			1																									1
123			1																							1		1
124			1																									1
125			1																									1
126			1																									1
127			1																									
128			1																					1			1	1
129			1																							1		1
130			1																									1
131			1																									1
132			1																					1				1
133																												1
134																												1
135			1																									1
136			1																									
137																												1
138																												1
139			1																									
140			1																									1
141			1																									1
142			1																									1
143																												1
144																										1		1
145			1																									1
146			1																									
147			1																								1	1
148			1																									
149																								1				1
150			1																						1			1
151			1																					1				1
152																												1
153			1																									
154			1																								1	
155			1																					1				
156																												1
157			1																								1	
158			1																									

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Caixa	MINERVA	Legislação	Doc. Diversos	Material Bruto	C.C. Aluno	Texto Bruto	Fascículo	C. S. Primeiro G.	C. S. Segundo G.	Telecurso	Matemática	Ciências	Física	Química	Biologia	Lin. Portuguesa	Litera. Brasileira	Geografia	História	Estudos Sociais	E.M.C	OSP	Saúde	Ed. Fis. e Esporte	Trabalho	Inglês	Artes	Música
159			1														1											
160			1																									1
161			1																									
162			1																									1
163			1								1														1			1
164			1																					1				1
165			1																									1
166			1																									1
167			1																						1			
168			1													1				1								1
169			1																						1			1
170			1																							1		1
171			1													1									1			
172			1													1									1			1
173			1																									1
174			1																									
175			1																									1
176																												1
177																												1
178			1																									1
179			1																								1	
180			1																									1
181			1																									
182			1																					1				1
183			1																					1				1
184			1																									1
185			1													1	1				1							1
186			1																									1
187	1		1		1			1			1					1				1				1		1		1
188			1																									
189			1					1																				1
190			1																									
191			1																									
192			1				1	1																	1			
193			1			1		1														1						
194				1		1			1				1															
195				1	1			1														1	1	1				1
196				1				1								1												
197			1	1																					1			
198			1	1				1				1													1			

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Caixa	MINERVA	Legislação	Doc. Diversos	Material Bruto	C.C. Aluno	Texto Bruto	Fascículo	C. S. Primeiro G.	C. S. Segundo G.	Telecurso	Matemática	Ciências	Física	Química	Biologia	Lin. Portuguesa	Litera. Brasileira	Geografia	História	Estudos Sociais	E.M.C	OSPB	Saúde	Ed. Fis. e Esporte	Trabalho	Inglês	Artes	Música
199			1					1				1				1												
200							1	1	1	1	1										1	1						
201			1																									
202							1	1	1				1	1	1	1			1		1	1						
203	1						1	1																				
204							1		1																			
205			1					1		1	1																	
206			1				1		1				1	1	1										1			
207			1	1				1								1										1		
208			1																					1				1
209				1				1								1						1	1					
210				1				1													1	1						
211			1	1				1			1															1		
212			1					1	1	1		1			1				1									
213			1	1				1											1	1								
214							1		1		1										1	1				1		
215			1						1		1																	
216			1					1	1																			
217				1				1	1		1																	
218			1																									
219			1																									
220	1		1				1	1																				
221				1			1	1	1			1	1	1	1		1											
222							1	1	1							1	1	1	1									
223				1			1	1		1		1				1	1	1	1									
224			1				1		1							1	1	1	1									
225			1				1		1	1						1	1	1	1									
226						1	1		1			1									1	1						
227			1	1	1	1		1	1		1													1	1			
228			1		1	1		1	1		1													1	1			
229				1			1	1		1	1										1	1				1		
230				1				1	1	1	1								1									
231			1					1		1						1				1								
232			1																									
233			1																									
234					1	1		1	1				1			1								1				1
235	1					1	1	1													1			1				
236	1																											
237			1																									
238			1																									

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Caixa	MINERVA	Legislação	Doc. Diversos	Material Bruto	C.C. Aluno	Texto Bruto	Fascículo	C. S. Primeiro G.	C. S. Segundo G.	Telecurso	Matemática	Ciências	Física	Química	Biologia	Lin. Portuguesa	Litera. Brasileira	Geografia	História	Estudos Sociais	E.M.C	OSPB	Saúde	Ed. Fis. e Esporte	Trabalho	Inglês	Artes	Música	
239		1																											
240		1																											
241		1																											
242		1																											
243		1																											
244	1	1	1	1				1								1								1	1				
245		1	1					1	1			1		1					1										
246		1				1		1	1	1	1										1	1				1			
247		1	1		1			1	1												1	1				1			
248				1		1		1	1				1	1	1									1				1	
249			1			1		1	1	1	1		1	1	1					1									
250			1	1	1	1		1					1	1	1									1				1	
251			1	1				1			1														1	1			
252					1			1				1									1								
253			1					1	1					1								1							
254		1																											
255		1																											
256		1		1					1				1		1	1	1									1			
257		1						1																					
258		1			1																					1			
259		1						1																					
260	1	1																											
261		1		1	1			1																			1		
262		1																											1
263		1						1								1				1									
264		1							1																				
265		1			1			1	1								1												
266		1			1			1	1		1		1		1	1	1		1	1		1		1		1			
267		1			1			1								1				1						1			
268	1	1	1					1					1		1				1										
269		1						1																					
270		1	1					1	1		1		1	1	1														
271	1	1			1			1		1																			
272		1																											
273		1																											
274		1						1		1																1		1	
275	1	1																	1										
276		1			1			1												1									
277		1							1																				
278		1			1			1												1									1

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Caixa	MINERVA	Legislação	Doc. Diversos	Material Bruto	C.C. Aluno	Texto Bruto	Fascículo	C. S. Primeiro G.	C. S. Segundo G.	Telecurso	Matemática	Ciências	Física	Química	Biologia	Lin. Portuguesa	Litera. Brasileira	Geografia	História	Estudos Sociais	E.M.C	OSP	Saúde	Ed. Fis. e Esporte	Trabalho	Inglês	Artes	Música
279			1					1	1																			
280			1		1	1		1																				
281			1	1				1	1																			
282				1				1	1															1				
283			1	1				1																				
284			1	1		1		1																				
285			1	1				1	1																			
286	1		1	1				1																				
287	1		1	1				1	1																			
288			1						1																	1		
289			1																						1			
290			1																						1			1
291			1	1																								1
292			1	1																								1
293			1	1																								1
294			1	1																								1
295			1	1																								1
296				1					1	1																		
297			1	1																								1
298			1	1					1																			
299			1	1					1															1	1			
300	1		1						1																			
301	1	1	1																									
302			1			1																						
303			1																							1		
304			1																					1	1			
305			1																					1				
306			1					1																				
307			1			1																						
308			1	1				1																				
309			1																									
310			1					1																				
311			1																						1	1		1
312			1					1																1				
313				1				1																				
314			1	1				1	1																	1		1
315	1		1	1					1																	1		
316			1			1																						
317			1			1																		1				
318			1			1																						1

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Caixa	MINERVA	Legislação	Doc. Diversos	Material Bruto	C.C. Aluno	Texto Bruto	Fascículo	C. S. Primeiro G.	C. S. Segundo G.	Telecurso	Matemática	Ciências	Física	Química	Biologia	Lin. Portuguesa	Litera. Brasileira	Geografia	História	Estudos Sociais	E.M.C	OSPB	Saúde	Ed. Fis. e Esporte	Trabalho	Inglês	Artes	Música
319			1	1																								
320			1																									
321			1																									
322			1																									1
323			1																									1
324			1																									1
325			1	1				1																				
326			1	1					1															1				
327			1	1				1	1																			
328			1	1		1		1																				
329			1	1																								
330			1	1																								
331			1																									1
332			1																									
333			1	1																								
334			1																									
335			1																									
336			1																									
337			1																									
338			1																									
339			1																									
340			1																									
341			1																									
342			1																									
343		1																										
344		1																										
345			1																									
346			1																									
347			1																									
348			1																									
349			1																									
350			1																									
351			1																									
352			1																									
353			1																									
354			1																									
355			1																									
356			1																									
357			1																									
358			1																									

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Caixa	MINERVA	Legislação	Doc. Diversos	Material Bruto	C.C. Aluno	Texto Bruto	Fascículo	C. S. Primeiro G.	C. S. Segundo G.	Telecurso	Matemática	Ciências	Física	Química	Biologia	Lin. Portuguesa	Litera. Brasileira	Geografia	História	Estudos Sociais	E.M.C	OSPB	Saúde	Ed. Fis. e Esporte	Trabalho	Inglês	Artes	Música
359			1																									
360			1																									
361			1																									
362			1																									
363			1																									
364			1																									
365			1																									
366			1																									
367			1																									
368	1		1																									
369	1		1																									
370	1		1																									

Total	94	3	290	53	22	25	21	89	65	13	28	10	12	9	11	28	17	17	19	5	16	15	11	31	33	22	36	125
-------	----	---	-----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	---	----	----	----	----	----	---	----	----	----	----	----	----	----	-----



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Antonio Vicente Marafioti Garnica (orientador)

Volume

Produção de Radioaulas no Projeto Minerva

Bauru

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências

Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

Tese de Doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação para a Ciência.

Bauru (SP)

2013

SUMÁRIO

Volume: Instruções de Uso

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica	9
Apêndice A: Sobre Jogos e Caleidoscópios	11
Apêndice B: Notas sobre o trabalho com entrevistas nesta pesquisa	22

Volume: O acervo da SOARMEC

O acervo da SOARMEC, a disponibilização pública de um Catálogo e a constituição de um Mapa para o acervo	4
Referências	13
Apêndice A: Catálogo de Etiquetas do Acervo da SOARMEC	15
Apêndice B: Mapa do Acervo	61

Volume: Da revisão de literatura: uma terapia filosófica da expressão “Projeto Minerva” como possibilidade de vasculhar um terreno

Introdução	4
Sobre as linguagens nos textos de Wittgenstein	6
Os trabalhos selecionados	9
Trabalhos Acadêmicos	10
Livros	16
Entrevistas	17
Demais documentos	28
Algumas Considerações	31
Referências	32

Volume: Produção de Radioaulas no Projeto Minerva

Da Matemática falada, do resgate de fontes, da potencialidade de compreender a partir de múltiplos focos: um ensaio sobre a produção de radioaulas no Projeto Minerva	4
1. Material para o Rádio	9
1.1. O “Material Bruto”	9
1.2. Comunicação Com o Aluno	12
1.3. Arquivo de áudio do programa	14
1.4. A transcrição do programa	15
2. Material para o Fascículo	18
2.1. Texto Bruto	18
2.2. Fascículo	22
3. Movimentos de Produção dos Materiais	26
3.1. Material Bruto, Comunicação Com o Aluno (CCA) e Arquivo de Áudio	26
3.2. Texto Bruto e Fascículo	31
3.3. Fascículo e Arquivo de Áudio	32
4. Alguns apontamentos sobre a produção das aulas	35
Referências	38

Volume: Entrevista com Marlene Montezi Blois

Entrevista com Marlene Montezi Blois nas dependências da SOARMEC - Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC (2º andar da Rádio MEC), Rio de Janeiro, 05/10/2011	4
Apêndice A: Carta de Cessão	36

Volume: Entrevista com Edvaldo Dias

Entrevista com Professor Edvaldo Dias, ex-monitor do Projeto Minerva, ocorrida na residência do depoente, em Coxim-MS, no dia 14/07/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Paulo Roberto Motejunas

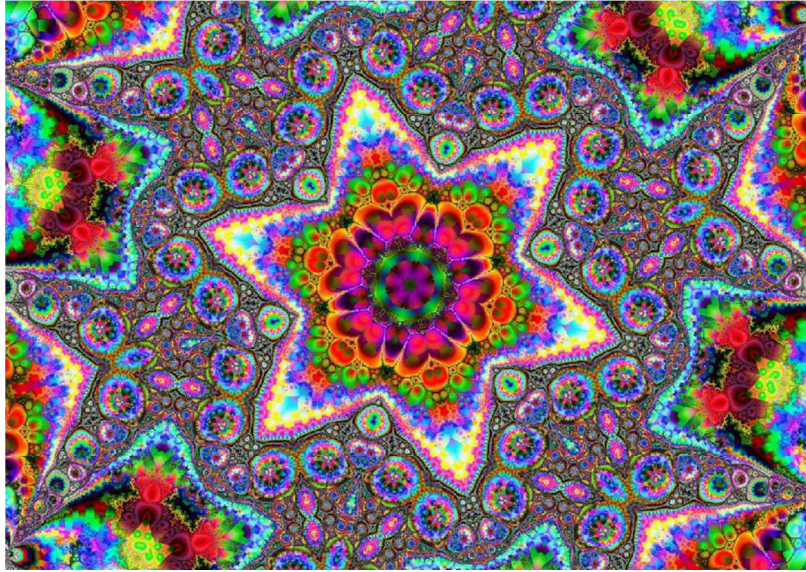
Entrevista com Professor Paulo Roberto Motejunas, ocorrida na residência do depoente, em Caçapava-SP, no dia 28/08/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e Maurílio Costa Filho

Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e seu marido, Maurílio Costa Filho, ex-alunos do Projeto Minerva, ocorrida na residência dos depoentes, em Paraíba do Sul - RJ, no dia 15/06/2013	4
Apêndice A: Cartas de Cessão	31

Volume: Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva

Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva	4
Fita 01 - A Voz do Povo - 19/03/90 - Projeto Minerva - P1	11
Fita 02 - A Voz do Povo - 20/03/90 - Projeto Minerva - P2	34
Considerações sobre o debate	57
Referências	59
Apêndice A: Fotografias Compósitas	61
Referências	67



Da Matemática falada, do resgate de fontes, da potencialidade de compreender a partir de múltiplos focos: um ensaio sobre a produção de radioaulas no Projeto Minerva¹

Por Thiago Pedro Pinto

Acerte o teorema e resolva o seu problema, encontre a solução, a expressão, a operação. Provar por A mais B é sempre a melhor tática, acerte na matemática! (Abertura do Curso Supletivo do Segundo Grau do Projeto Minerva, aula de matemática)

Ao pensarmos um curso a distância, realidade ainda estranha a muitas pessoas, algumas questões podem surgir, dentre tantas outras: como são os procedimentos de ensino? Como se dá o contato com o aluno? São feitas avaliações?

Cursos a distância pelo rádio existem desde o princípio deste veículo de comunicação no Brasil, no início da década de 1920, com a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro por Henrique Morize e Edgard Roquette-Pinto. Esta Rádio surge como possibilidade de levar educação e cultura aos diversos recantos do país e às populações que não tinham acesso a outros meios de formação. Na frase de Edgard Roquette-Pinto podemos perceber um movimento neste sentido:

O rádio é a escola dos que não têm escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças, o consolador dos enfermos e o guia dos sãos - desde que o realizem com espírito altruísta e elevado. (ROQUETTE-PINTO apud PIMENTEL, 2009, p.7)

¹ A imagem que acompanha o título foi gerada com o software Interactive Psychedelic Kaleidoscope, disponível em <http://img.izismile.com/img/img2/20090618/psychedelic_kaleidoscope.swf>

Muitos cursos foram ofertados de forma livre, sem preocupação com certificação ou continuidade, mas alguns se destacaram pelo caráter mais formalizado, com a expedição de diplomas que possibilitavam a continuidade dos estudos. Dentre eles, talvez o mais abrangente e duradouro tenha sido o Projeto Minerva, que operou do início da década de 1970 até meados da década de 1980.

O Projeto Minerva (PMi) fez parte do cotidiano da grande maioria dos estados da federação, tendo atendido a aproximadamente 200 mil alunos, com cursos de Primeiro e Segundo Grau (atuais Ensino Fundamental e Ensino Médio – guardadas as devidas especificidades), além de cursos de formação técnica e programas culturais.

Dos diversos aspectos, desde sua criação, até sua extinção, um nos chamou particularmente a atenção: a produção das aulas. Tínhamos interesse em entender como se elaborava uma aula de matemática a ser transmitida pelo rádio, quais recursos seriam necessários, como seria mobilizada a linguagem.

Uma das intenções desta pesquisa de doutorado é “*produzir minervas*”², elaborar diversos textos, múltiplos pontos de vista sobre o Projeto Minerva, uma diversidade de jogos³, visões, uma diversidade de **constituições** deste projeto de educação a distância pelo rádio. O presente ensaio caminha em direção a isso, não no intuito de dar às nossas questões uma resposta fixa e definitiva, mas produzir respostas possíveis e plausíveis a elas. Faremos isso com base nos materiais coletados no acervo histórico da SOARMEC⁴, nas entrevistas realizadas por nós e em outras disponíveis nos diversos meios, tecendo o presente texto como *um ensaio a respeito da produção de radioaulas no Projeto Minerva para o Curso Supletivo de Segundo Grau*.

O PMi teve uma diversidade de momentos. Podemos dizer que foram muitos os Projetos Minervas, que cada curso produzido por ele teve suas especificidades. Analisaremos, aqui, a produção de uma aula de um curso específico, visando a elucidar alguns dos diversos movimentos realizados na elaboração desta aula do Projeto. No início acreditávamos que teríamos em mãos certa diversidade de programas para,

² Utilizamos este termo para reforçar nossa postura “anti-essencialista” no que se refere à constituição das coisas. Em nossa visão, não existe algo que seja O Projeto Minerva, cada discurso sobre Projeto Minerva, o produz nesse discurso, neste sentido, cada um dos ensaios evidencia um *minerva* diferente, por isso a expressão “*produzir minervas*”.

³ Aqui nos referimos especificamente aos *jogos de linguagem* de Ludwig Wittgenstein (1999), acreditamos que cada um dos ensaios da tese produz/participa de um jogo de linguagem, que possui usos próprios de determinados termos, partilhados por uma *forma de vida*.

⁴ Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC, entidade que cuida do patrimônio histórico da Rádio MEC, situada numa sala no mesmo prédio de funcionamento da rádio. Mantém um acervo com quase 400 caixas arquivo de material histórico e uma biblioteca com livros sobre comunicação.

posteriormente, escolher um dentre eles para efetivarmos o movimento de pesquisa, que aqui propomos realizar. No entanto, não foi o que ocorreu.

Na busca por arquivos de áudio entramos em contato com a Rádio MEC, que nos informou que seu acervo passava por um processo de restauração e digitalização e que, devido a isso, o atendimento a pedidos externos como o nosso seria avaliado pela direção da rádio quanto a sua relevância. Fomos informados também que nosso pedido poderia, inclusive, ser negado ou que poderíamos ter que aguardar algum tempo caso houvesse grande demanda de pedidos.

O contato com a diretora da Rádio MEC, Liana Milanez, deu-se por correio eletrônico. Foi quando explicitamos nossos objetivos e procedimentos e obtivemos dela a seguinte resposta:

Prezado,

Vou encaminhar para autorização da Gerência de Executiva de Acervo e Conhecimento da EBC. Avaliaremos o que há no acervo. Adianto que nada do material de acervo pode ser usado comercialmente nem reproduzido por questões de direitos conexos. Caso seja localizado o material no acervo, como você pretende receber os áudios[?]. Não dispomos de recursos para fornecer CD nem para despesas de correio.

Atenciosamente,

Liana Milanez

Frente à nossa insistência – devido à grande preocupação que se instaurou devido aos prazos da pesquisa e às possibilidades de negação do pedido, enviamos mais alguns correios eletrônicos, obtendo como resposta, sempre, que deveríamos aguardar mais um pouco e que, caso aprovado, a rádio não disporia de recursos para envio do material ou mesmo para as cópias necessárias.

Decorridos quinze dias dessas trocas de mensagens eletrônicas, fui pessoalmente à Rádio MEC, onde a própria Liana recebeu-me, juntamente à técnica de áudio que, no momento, manipulava os arquivos. Na ocasião entreguei algumas mídias de CD, que me foram devolvidas no dia seguinte com os programas gravados.

Apenas um dos arquivos de áudio encontrados relacionados à matemática se referia ao Projeto Minerva. Os demais eram relativos a outros programas veiculados pela Rádio MEC, em geral, programas de formação de professores.

O programa encontrado era o da aula de número 59 do Curso Supletivo de Segundo Grau do Projeto Minerva. Este curso foi desenvolvido em parceria com a Fundação Roberto Marinho⁵, que paralelamente gerenciava um curso voltado ao mesmo nível e modalidade de escolarização, mas para a televisão.

Para analisar os diversos movimentos na elaboração de uma radioaula, julgamos ser necessário encontrar também os outros vários materiais que compunham esta aula, em especial o Fascículo⁶ e os Materiais Brutos⁷ que gerariam aquela aula.

O primeiro destes materiais que encontramos foi o chamado *Script* ou *CCA (Comunicação Com o Aluno)*, material que servia aos locutores e técnicos de som para a produção do programa em áudio. Detectado o *Script*, passamos a buscar então o Fascículo e o Material Bruto. Num primeiro bloco de Fascículos que conseguimos comprar em um sebo, não encontramos esta aula, pois o bloco todo se referia especificamente ao Curso Supletivo de Primeiro Grau. Esta busca nos causou certa angústia, pois o acervo da SOARMEC não possui todos os Fascículos dos cursos, cuja produção era terceirizada, já o Material Bruto, acreditávamos, deveria estar no acervo, haja vista que foi ali produzido e utilizado.

Após a realização do mapeamento do acervo, com o auxílio do trabalho de Iniciação Científica desenvolvido em parceria com uma aluna da graduação⁸, conseguimos localizar o Material Bruno que, para nossa surpresa, eram dois, separados em duas caixas distintas (246 e 249). Encontramos, referente a esta aula, um material chamado de *Texto Bruto* e um outro, chamado de *Material Bruto*. Mais à frente especificaremos do que se tratam essas fontes e no que elas se diferenciam.

⁵A Fundação Roberto Marinho surgiu em 1977 e tem atuado na área de educação e cultura. No que diz respeito às suas atividades educativas, seu carro chefe tem sido o Telecurso. Marlene Blois, uma das coordenadoras do P. Minerva, conta em sua entrevista que a Fundação Roberto Marinho teria procurado o Ministério da Educação e Cultura para estabelecer uma parceria na produção do Telecurso, pois tinha expertise para produzir material para a televisão, mas não para o rádio, ficando o PMi encarregado de fazer a produção neste veículo. Ela relata ainda que o material a ser impresso vinha praticamente pronto, mas que tinham abertura para discuti-lo e sugerir modificações.

⁶ Material impresso destinado ao aluno, entregue nos radiopostos ou comprados em bancas de revista.

⁷ Anotações que serviriam de base para a produção dos materiais finais (fascículo e radioaula), contendo, além dos primeiros esboços, algumas correções e revisões.

⁸ Nos últimos meses de 2011 e início de 2012 começamos a trabalhar informalmente na orientação de uma Iniciação Científica, neste primeiro trabalho a aluna, Ana Rúbia Ferreira de Souza, nos auxiliou na digitação das etiquetas do acervo e na constituição de um “mapa” do acervo da SOARMEC, nesta tese há um ensaio específico sobre este trabalho.

Buscando o Fascículo da aula de número 59, encontramos uma caixa que continha o Fascículo da aula de número 60 em diante, e outras caixas com numeração aleatória. Pudemos perceber que com o passar dos anos, algumas modificações ocorreram nos Fascículos: ora eles foram produzidos no formato de revista, ora no formato de jornal e, com isso, uma série de numerações diferentes foi atribuída a eles. Aquele que, em certo momento, era o Fascículo 45 – o que continha a aula 59 – num outro momento passou a ser o Fascículo 23, que conseguimos encontrar. Só descobrimos isso ao folhear este Fascículo 23, encontrando semelhanças entre as outras aulas e também entre o Fascículo e o Texto Bruto. Tivemos a oportunidade de comparar outras aulas impressas, tanto no formato de revista quanto no de jornal, e perceber que somente o formato e a numeração mudavam nas referidas aulas.

Neste momento já tínhamos em mãos cinco diferentes momentos da elaboração desta aula, sendo que os dois primeiros eram aqueles que efetivamente tinham o aluno como interlocutor direto:

- Arquivo de áudio do programa;
- Fascículo;
- Comunicação Com o Aluno (CCA);
- Texto Bruto;
- Material Bruto;

Em seguida, descrevemos brevemente cada um destes materiais e ordenamos essa apresentação em dois blocos, o primeiro relativo ao material para o Rádio, e o segundo relativo ao material para o Fascículo, que tinham finalidade e trâmites de elaboração distintos:

Esse material que os professores contratados, os especialistas em português, matemática, história, geografia, ciências etc, passavam pra nós, tinha dois destinos: **um destino era virar rádio, o outro destino era virar material impresso. Esses materiais não eram iguais**, não eram absolutamente iguais. Os assuntos eram os mesmos, claro que alguns exemplos eram os mesmos, mas no material impresso tinha foto, o material impresso supria a falta do visual, que o rádio não tem. (BLOIS, 2011, grifo nosso).

Em cada um desses dois blocos ordenamos os materiais na sequência em que, acreditamos, eles foram produzidos;

1. Material para o Rádio

1.1. O “Material Bruto”

Consiste de oito laudas manuscritas, compostas basicamente de diálogos e anotações com correções e comentários diversos. Este material foi encontrado na Caixa de número 249 do acervo histórico da SOARMEC.

A aula 59, primeira parte, refere-se ao estudo de “Retas e Circunferência”. Um dos comentários destacados neste manuscrito trata da extensão da aula (“aula enorme!”). No topo da página vemos também algumas rubricas, solicitação de arquivamento e o carimbo de “ARQUIVE-SE” datado de 18/07/1979.

Este texto é elaborado na forma de diálogo entre duas pessoas, que entendemos ser – ou representar o locutor-professor⁹ (frases do diálogo iniciados sem nenhuma marca além do travessão) e um aluno (identificado pela letra ‘A’ circulada):

⁹ Na entrevista concedida por Marlene Blois, ela cita que o aluno via ali no locutor a figura do professor. Cabe salientar que no Projeto Minerva não havia a figura do Professor-Locutor, ou seja, aquele que organizava a aula era o mesmo que a narrava frente aos microfones, o que acontecia em diversos outros projetos de educação pelo rádio, como as Escolas Radiofônicas do Rio Grande do Norte por exemplo (C.f. SCOCUGLIA, 2003). No PMi uma pessoa ficava responsável por elaborar a aula, outra equipe a transformava em material a ser radiofonizado e outra equipe efetivava a produção e gravação da aula.

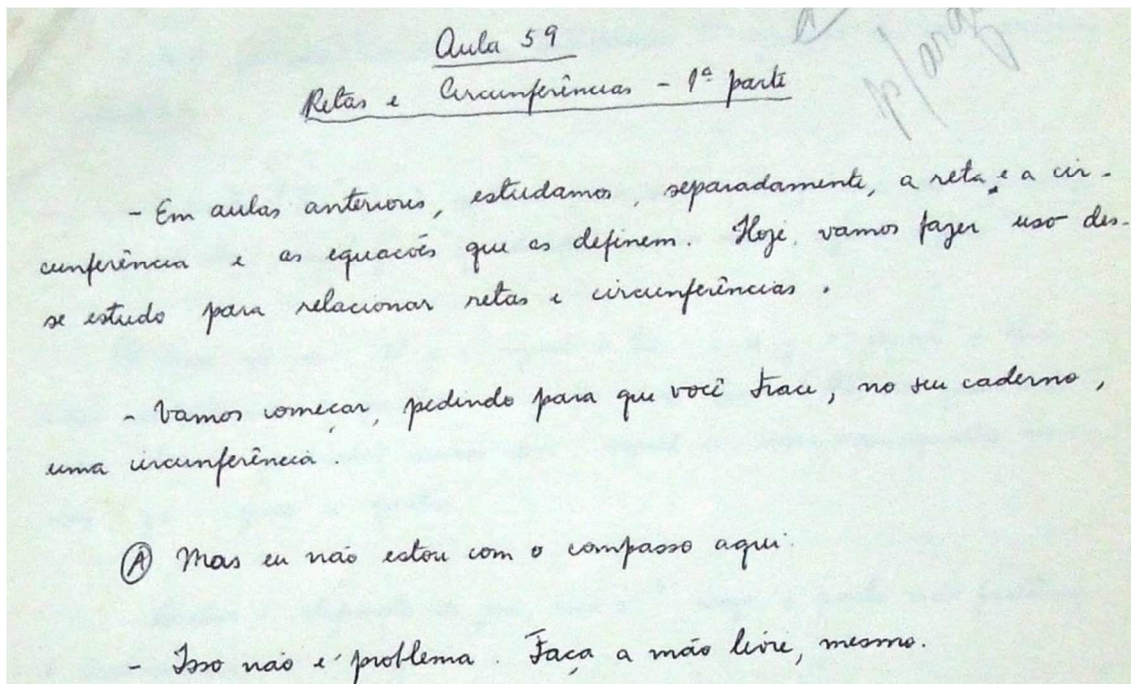


Figura 01 – Material Bruto – Aula 59 (p. 10)¹⁰

Neste manuscrito, a linguagem é simples e direta. Tem como interlocutor um aluno e sua comunicação textual é muito próxima da de um diálogo entre duas pessoas em sala de aula, sugerindo ações que devem ser feitas pelo aluno: “vamos começar, pedindo que você trace, no seu caderno, uma circunferência”. Durante as falas, o locutor fala de figuras que não constam deste material, mas devem constar de algum outro registro entregue ao aluno, possivelmente o Fascículo: “Neste caso o ponto pode ser interno ou externo, conforme as figuras da página 311, item 1”.

No início do texto há, basicamente, apenas as falas do locutor. A voz do aluno ocorre em um único momento (figura 01): “mas eu não estou com o compasso aqui”. Já na sequência, o aluno passa a enunciar algumas possíveis reflexões: “Deixe-me ver. O x é igual a três e o y é igual a dois. Então substituindo x por três e y por dois tenho (três ao quadrado) mais (dois ao quadrado) menos nove igual a nove, mais quatro, menos nove, que é igual a quatro.” Mais à frente, o aluno fará perguntas ao locutor “Ah, quer dizer que para o ponto pertencer à circunferência, esse resultado teria que ser igual a zero?”.

Algumas páginas à frente, após a discussão das posições relativas entre ponto e circunferência, surgem alguns comandos a serem executadas pelo aluno: “Continuemos

¹⁰ Aula 59 / Retas e Circunferência – 1ª parte / - Em aulas anteriores, estudamos, separadamente, a reta e a circunferência e as equações que as definem. Hoje vamos fazer uso desse estudo para relacionar retas e circunferências. / - Vamos começar, pedindo para que você trace, no seu caderno, uma circunferência. / (A) Mas eu não estou com o compasso aqui. / - Isso não é problema. Faça a mão livre, mesmo.

a aula. Trace agora, no seu caderno, três circunferências. Na primeira, marque uma reta que não passe pela circunferência. Dizemos que essa reta é externa à circunferência e nesse caso, a reta e a circunferência não têm ponto comum.” (p.13). Uma das anotações que aparece a seguir nos faz acreditar que o Fascículo foi elaborado previamente à elaboração desse Material Bruto, o que concorda com a afirmação da Prof. Marlene Blois sobre os Fascículos virem pré-elaborados da Fundação Roberto Marinho:

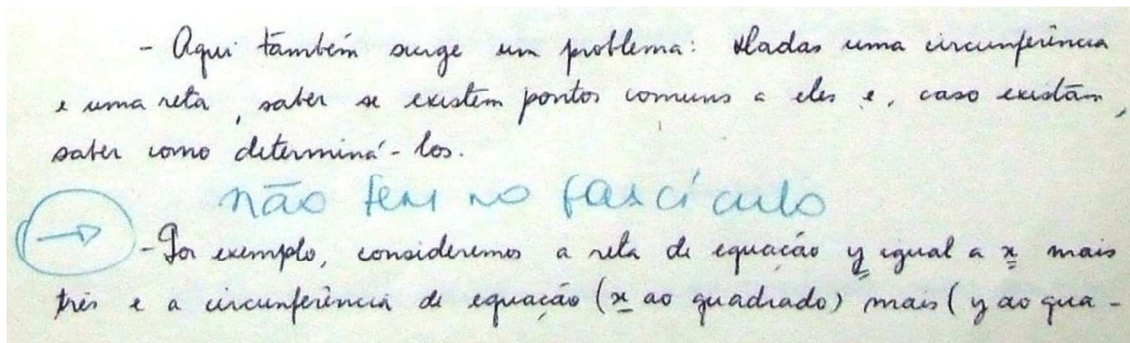


Figura 02 – Material Bruto – Aula 59 (p. 13)¹¹

Novamente, em alguns momentos, o locutor sugere que o aluno ouvinte acompanhe as explicações no Fascículo e pede para que “faça todos os cálculos no caderno” (p.16).

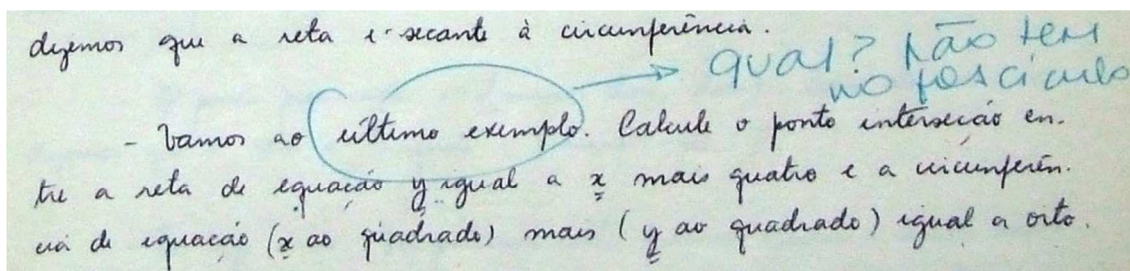


Figura 03 – Material Bruto – Aula 59 (p. 17)¹²

Em várias passagens do manuscrito o uso de colchetes e parênteses serve para guiar o locutor, principalmente quanto às pausas necessárias durante a leitura de uma expressão matemática:

¹¹ - Aqui também surge um problema: Dadas uma circunferência e uma reta, saber se existem pontos comuns a eles e, caso existam, saber como determiná-los. / → Não tem no fascículo/ - Por exemplo, consideremos a reta de equação y igual a x mais três e a circunferência de equação $(x$ ao quadrado) mais $(y$ ao qua-

¹² Dizemos que a reta é secante à circunferência. / → qual? Não tem no fascículo / - vamos ao último exemplo. Calcule o ponto interseção entre a reta de equação y igual a x mais quatro e a circunferência de equação $(x$ ao quadrado) mais $(y$ ao quadrado) igual a oito.

(A) x ao quadrado, mais $(x$ mais quatro) ao quadrado é igual a oito, ou seja, x ao quadrado, mais x ao quadrado, mais oito x , mais dezesseis é igual a oito. Então dois $(x$ ao quadrado) mais oito x , mais dezesseis, menos oito é igual a zero e, portanto, dois $(x$ ao quadrado) mais oito x , mais oito é igual a zero. Dividindo os termos por dois, temos que $(x$ ao quadrado) mais quatro x , mais quatro é igual a zero. Resolvendo essa equação, tenho que x é igual a menos quatro, mais ou menos raiz quadrada de $[($ quatro ao quadrado) menos $($ quatro vezes um vezes quatro) tudo sobre dois, isto é, x é igual a $-$ menos quatro mais ou menos raiz de zero, tudo sobre dois. Logo essa equação tem como raízes $($ menos quatro, mais zero) sobre dois e $($ menos quatro menos zero) sobre dois.

Figura 04 – Material Bruto – Aula 59 (p. 18)¹³

No manuscrito, o locutor se despede com “Por hoje é só. Na próxima aula faremos exercícios ainda envolvendo essas noções. Por isso, pedimos que você leia atentamente os exemplos que estão no seu Fascículo e tente guardar as fórmulas aprendidas. – Até lá.” (p.18). Infelizmente não há no manuscrito indicação de sua autoria. Possivelmente, pelas marcas encontradas, ele foi redigido por uma pessoa e brevemente comentado (como mostrado nas figuras acima) por uma segunda pessoa. Este Material Bruto, segundo acreditamos, serviu de base à construção do próximo item, o *Script* da aula, aqui chamado de CCA (Comunicação Com o Aluno).

1.2. Comunicação Com o Aluno

Este foi, na verdade, o primeiro material por nós encontrado. Logo nas primeiras caixas do arquivo encontramos uma diversidade de *Scripts*, das mais diversas matérias, dentre eles, muitos de matemática, de vários momentos e distintos cursos. Conseguimos, inclusive, formar um banco de dados virtual com *Scripts* de aproximadamente cem aulas de matemática do Projeto Minerva.

¹³ (A) x ao quadrado, mais $(x$ mais quatro) ao quadrado é igual a oito, ou seja, x ao quadrado, mais x ao quadrado, mais oito x , mais dezesseis é igual a oito. Então dois $(x$ ao quadrado) mais oito x mais dezesseis, menos oito é igual a zero e, portanto, dois $(x$ ao quadrado) mais oito x , mais oito é igual a zero. Dividindo os termos por dois, temos que $(x$ ao quadrado) mais quatro x , mais quatro é igual a zero. Resolvendo essa equação, tenho que x é igual a menos quatro, mais ou menos raiz quadrada de $[($ quatro ao quadrado) menos $($ quatro vezes um vezes quatro) tudo sobre dois, isto é, x é igual a $-$ menos quatro mais ou menos raiz de zero, tudo sobre dois. Logo essa equação tem como raízes $($ menos quatro, mais zero) sobre dois e $($ menos quatro menos zero) sobre dois.

O *Script* da aula que aqui é nosso foco, foi encontrado na caixa de número 13. Trata-se de um arquivo com uma folha de rosto manuscrita, seguida de seis páginas datilografadas. Os *Scripts* são, em geral, iniciados com uma folha de rosto onde, além das informações básicas da aula, há algumas rubricas, possivelmente de revisores. Neste caso, as informações básicas apresentadas na primeira página são: “Curso Supletivo de 2º Grau / Matemática (2ª etapa)/ Aula 59 (1ª parte)” seguido por alguns “ok” e assinaturas.

Este material, diferentemente do anterior é pontuado com indicativos dos diversos participantes que atuavam na produção de um programa de rádio, indicados por TÉCNICA, LOCO (locutor) e LOCA (locutora). Neste *Script* desaparece a figura do aluno, e surgem dois locutores, um masculino e outro feminino, o que a entrevista de Marlene Blois justifica como sendo uma estratégia de identificação do ouvinte, pois havia tanto alunos como alunas.

Os *Scripts* também são recheados de anotações manuscritas sobre o texto original datilografado: são mudanças de palavras, correções textuais, reforços ou supressão de alguns termos:

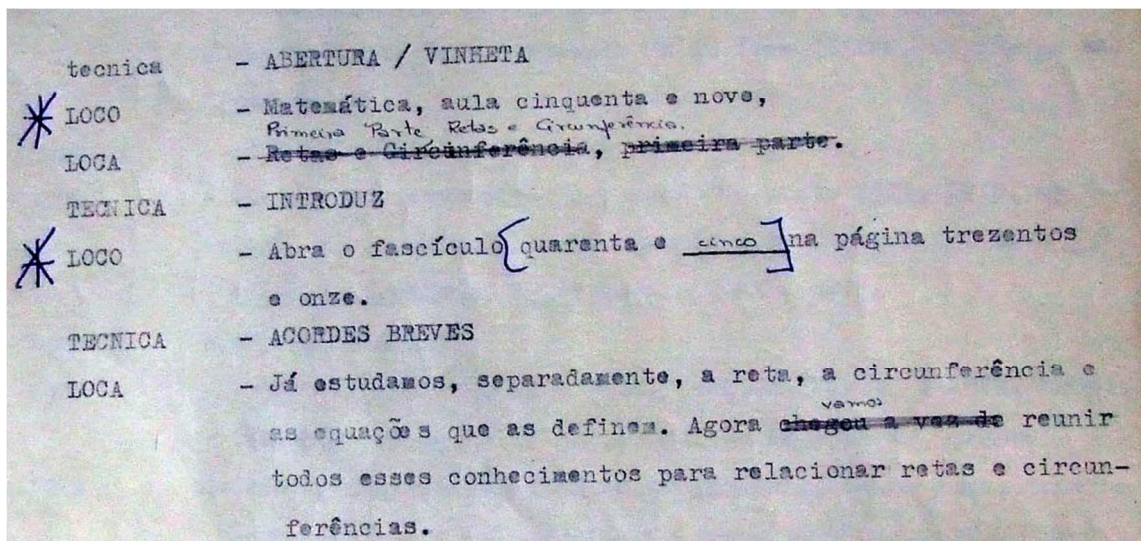


Figura 05 – CCA – Aula 59 (p. 1)¹⁴

Locutor e locutora dividem as falas tanto quando das orientações e ações que devem ser implementadas pelos alunos quanto às explicações do que foi feito

¹⁴ Técnica – ABERTURA /VINHETA / * LOCO – Matemática, aula cinquenta e nove, / LOCA – Primeira Parte, Retas e Circunferência. / TÉCNICA – INTRODUZ / * LOCO – Abra o fascículo [quarenta e cinco] na página trezentos e onze. / TÉCNICA – ACORDES BREVES / LOCA – já estudamos, separadamente, a reta, a circunferência e as equações que as definem. Agora vamos reunir todos esses conhecimentos para relacionar retas e circunferências.

(apresentação matemática dos conteúdos), possivelmente visando a dinamizar o programa com a alternância das vozes.

Aspecto interessante na leitura deste material é o modo de escrever ‘x’ e ‘y’, ou ‘r’ (raio da circunferência). Como os locutores não eram professores de matemática, o *Script* indicava: “esta distância é menor que ERRE” (p.1), “ípsilon igual a xis” (p. 4).

Em alguns momentos do *Script* aparecem alterações no modo de explicar o conteúdo:

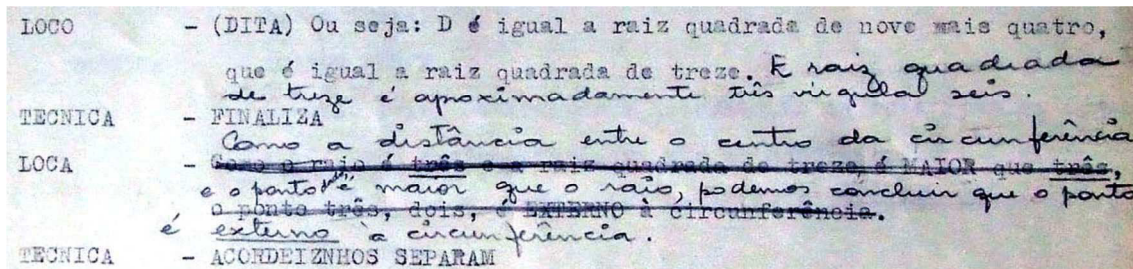


Figura 06 – CCA – Aula 59 (p. 3)¹⁵

Nestas últimas anotações surgem etapas intermediárias, deixando o texto um pouco mais longo, mas, a nosso ver, um pouco mais claro a um aluno distante do professor, de suas anotações e gestos.

Algumas diferenças entre o *Script* e os outros materiais serão evidenciadas mais à frente.

1.3. Arquivo de áudio do programa

Nosso intuito inicial era disponibilizar, junto ao relato de pesquisa, o arquivo de áudio desta aula¹⁶. No entanto, frente à impossibilidade disso, devido aos direitos autorais, tivemos que elaborar outras táticas. Neste ensaio faremos uma breve descrição do programa que complementaremos com a transcrição do áudio.

¹⁵ LOCO – (DITA) Ou seja: D é igual a raiz quadrada de nove mais quatro, que é igual a raiz quadrada de treze. E raiz quadrada de treze é aproximadamente três vírgula seis. / TÉCNICA – FINALIZA / LOCA – Como a distância entre o centro da circunferência e o ponto dado é maior que o raio, podemos concluir que o ponto é externo à circunferência. / TÉCNICA – ACORDEZINHOS SEPARAM.

¹⁶ Quanto aos programas de áudio, o Monitor do Projeto Minerva da cidade de Coxim(MS), que trabalhou com o Curso Supletivo de Primeiro Grau comenta: “Bom, a aula mesmo, a áudio aula, ela era como o ponto de partida para a aula em si. A gente ouvia aquela aula, e era bom porque era um ponto de partida, se começava ouvindo aquela aula e dali você puxava um monte de temas para a questão local. A gente voltava para aquelas discussões das necessidades locais. Então a gente usava muito a áudio aula como ponto de partida.”, Edvaldo Dias voltava seu trabalho especialmente para a alfabetização, tendo, em seguida, migrado para o trabalho com o MOBREAL. Mais a frente em sua entrevista ele comenta ainda que se em sua época já tivessem a distribuição das fitas K-7 com as áudio aulas ele acredita que o sucesso no projeto seria maior.

O arquivo de áudio encontrado possui 5 minutos e 15 segundos de gravação. Duas vozes se alternam na narrativa, uma masculina e outra feminina, sempre acompanhados de acordes ou dedilhados de violão nas transições, além da abertura do programa, feita a várias vozes, femininas, em coro. No momento de descrição de sentenças em linguagem formal, algumas pausas tentam separar, por exemplo, os termos de uma equação, buscando evitar confusões: “... menos (pausa) ϵ ao quadrado...”, que se distingue de “... menos ϵ (pausa) ao quadrado...”. Acreditamos que, com esses recursos, os locutores, instruídos ou não pelo *Script* tentam diferenciar, na entonação e nas pausas, expressões como $-y^2$ de $(-y)^2$.

1.4. A transcrição do programa

Vozes femininas, em coro:

___ *Acerte o teorema e resolva o seu problema, encontre a solução, a expressão, a operação. Provar por A mais B é sempre a melhor tática, acerte na matemática!*

Voz Masculina:

___ *Matemática aula número cinquenta e nove, primeira parte do vigésimo fascículo.*

Voz Feminina:

___ *Retas e circunferência*

Cadência lenta de acordes no violão;

Voz Masculina:

___ *Abra o fascículo na página trezentos e onze.*

Cadência acelerada de acordes;

Voz feminina:

___ *Já estudamos separadamente a reta, a circunferência e as equações que as definem. Agora vamos reunir todos estes conhecimentos para relacionar retas e circunferências.*

Voz masculina:

___ *Pegue um lápis e trace no caderno uma circunferência. Não há necessidade de compasso. (pausa) Trace sua circunferência à mão livre, e depois marque um ponto qualquer.*

Dedilhado lento de violão

Voz feminina:

__ Terminou? Então repare: ou você colocou o ponto na linha que é a circunferência, ou colocou o ponto fora dela.

Voz masculina:

__ Se o ponto está na linha dizemos que ele pertence à circunferência. Caso contrário, dizemos que ele não pertence à circunferência.

Voz feminina:

__ Neste último caso, o ponto pode ser interno ou externo. Conforme as figuras do item um da página trezentos e onze. Observe-as com atenção.

Dedilhado lento de violão;

Voz masculina:

__ Agora repare se o ponto p pertence à circunferência, a sua distância ao centro é igual a r . Se o ponto p é o ponto interno, esta distância é menor que r . E se o ponto p é um ponto externo a distância é maior que r .

Cadência acelerada de acordes;

Voz feminina:

__ Como podemos verificar se um ponto pertence ou não a uma circunferência?

Voz masculina:

__ Basta verificar se as coordenadas do ponto satisfazem a equação da circunferência. Se satisfazem, o ponto pertence à circunferência. Se não satisfazem, o ponto não pertence à circunferência. Veja o exemplo um do item quatro, na página trezentos e doze.

Cadência acelerada de acordes no violão;

Voz feminina:

__ Exemplo um: determinar a posição do ponto três dois em relação à circunferência de equação $x^2 + y^2 = 9$, mais ϵ ao quadrado menos nove igual a zero.

Dedilhado no violão;

Voz masculina:

__ Veja bem, $x^2 + y^2 = 9$, ϵ é igual a dois. Substituindo o valor de $x^2 + y^2$ e ϵ na equação temos...

Voz feminina:

__ Três ao quadrado mais dois ao quadrado menos nove, igual a nove mais quatro menos nove, que é igual a quatro.

Voz masculina:

__ *Ora, quatro é diferente de zero. Logo o ponto não pertence à circunferência. Suas coordenadas não satisfazem a equação.*

Dedilhado de violão;

Voz feminina:

__ *Agora que sabemos que o ponto não pertence à circunferência, vamos verificar se ele é interno ou externo.*

Voz masculina:

__ *Lembre-se: para que o ponto seja interno é preciso que a distância entre ele e o centro seja menor que o raio. Para que o ponto seja externo, esta distância necessariamente será maior que o raio.*

Voz feminina:

__ *Assim, o problema se resume em determinar a distância entre o ponto e o centro da circunferência.*

Dedilhado de violão;

Voz masculina:

__ *Repare, a equação $x^2 + y^2 + 3x - 4y - 4 = 0$ também pode ser escrita assim: $x^2 + y^2 + 3x - 4y + 2,25 - 4 - 2,25 = 0$ ou $x^2 + y^2 + 3x - 4y + 2,25 = 4 + 2,25$ ou $x^2 + y^2 + 3x - 4y + 2,25 = 6,25$.*

Voz feminina:

__ *Ora, na aula anterior, vimos que toda equação na forma $x^2 + y^2 + Dx + Ey + F = 0$ é a equação da circunferência de centro na origem, isto é, no ponto zero zero, e raio r . Logo a equação $x^2 + y^2 + 3x - 4y + 2,25 = 6,25$ é a equação da circunferência que tem como centro a origem zero zero e raio três.*

Breve dedilhado no violão;

Voz masculina:

__ *Assim podemos calcular a distância entre o centro zero zero e o ponto dado três dois. Veja no fascículo na página trezentos e doze.*

Finaliza com acordes de violão.

2. Material para o Fascículo

2.1. Texto Bruto

Na caixa de número 246 encontramos o chamado “Texto Bruto”, material cuja existência desconhecíamos até a manipulação das fontes disponíveis no arquivo. Na entrevista da Professora Marlene, ela comenta que o Curso Supletivo de Segundo Grau foi desenvolvido em parceria com a Fundação Roberto Marinho, e que o material impresso, portanto, era o mesmo para o rádio e a televisão. Temos indicativos de que os especialistas da rádio contribuíssem na elaboração deste material, mas não sabemos como essa parceria ocorria. Aparentemente eles tinham liberdade para questionar o material e enviar sugestões de alteração para a Fundação antes que os Fascículos fossem impressos. O que encontramos no acervo nomeado como “Texto Bruto” é justamente uma prévia do Fascículo, contendo algumas observações, rubrica e data.

A data junto à rubrica, “04/12/78”, indica possivelmente o momento de uma revisão ou do pedido de arquivamento. Anotado à mão no canto da página há a inscrição “Fasc 45”, remetendo ao Fascículo ao qual pertenceria esta aula. São 15 laudas datilografadas com comentários manuscritos, a última delas sendo um “resumo” da aula intitulado “FICHA DA MEMÓRIA MATEMÁTICA 59 RETAS E CIRCUNFERÊNCIAS”. As folhas têm margens milimetradas, um cabeçalho próprio com espaços para informações sobre o programa e a autoria (neste caso, atribuída a “Paulo”).

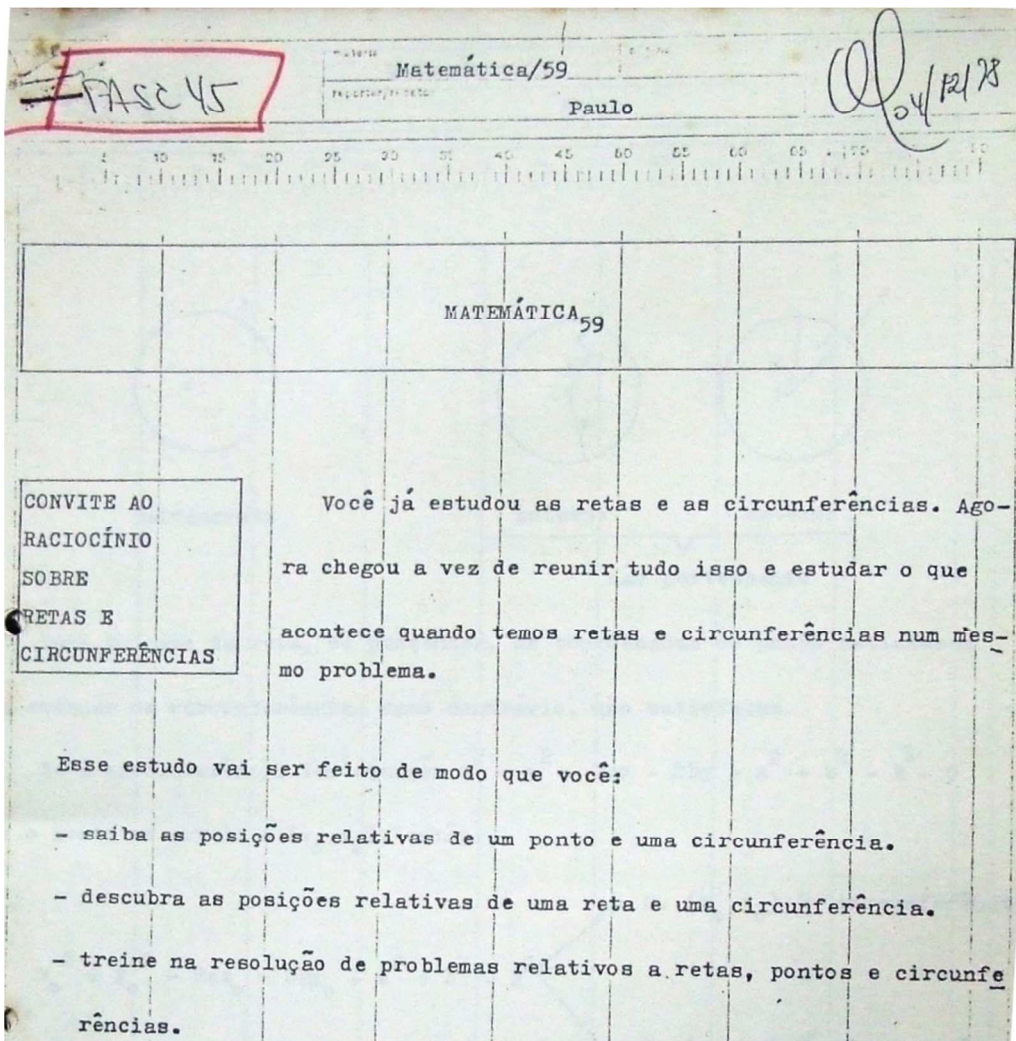


Figura 07 – Texto Bruto – Aula 59 (p. 1)

Ainda nesta primeira página, como podemos ver na figura 07, estão indicados os objetivos da aula: saber as posições relativas de um ponto e uma circunferência; descobrir as posições relativas de uma reta e uma circunferência; e treinar a resolução de problemas relativos a retas, pontos e circunferências. No canto inferior esquerdo há uma caixa de diálogo indicando: “PRIMEIRA TAREFA: DESCUBRA AS POSIÇÕES RELATIVAS DE RETAS E CIRCUNFERÊNCIAS”. Ambos os materiais iniciam com a discussão entre a relação entre ponto e circunferência; a explicação remete às figuras:

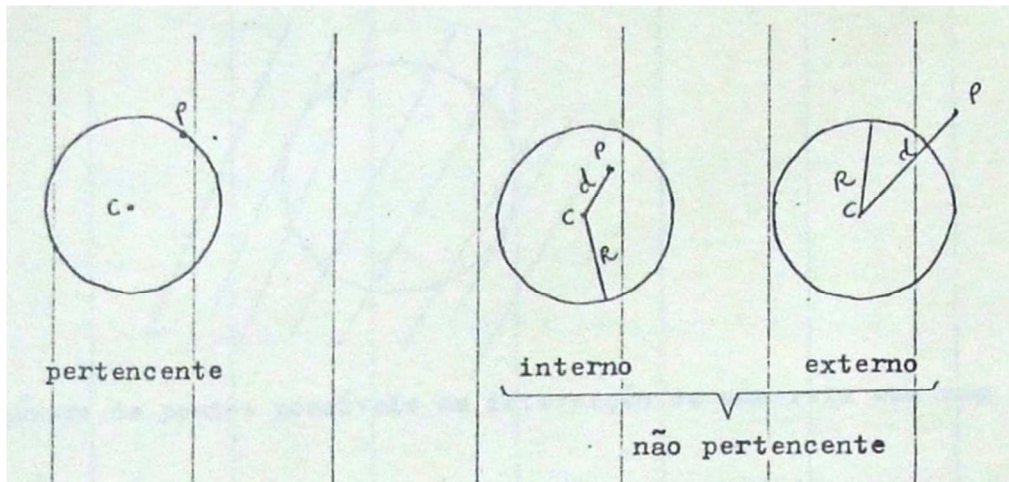


Figura 08 – Texto Bruto – Aula 59 (p. 2)

A partir da figura, o material trata da pertença (ou não) de um ponto a circunferência, referindo-se ao caso da reta: “se pertencer, as coordenadas do ponto satisfazem a equação da circunferência. Caso contrário, não satisfazem”, e segue apresentando a equação de uma circunferência, enunciando que, se para um certo par ordenado (x_0, y_0) a equação é igual ou diferente de zero, o ponto pertence à circunferência ou não (aqui há o que acreditamos ser um erro de digitação, pois os dois casos são apresentados com a igualdade

$$x_0^2 + y_0^2 - 2ax_0 - 2by_0 + a^2 + b^2 - R^2 = 0$$

No segundo item deste material pede-se que, com cuidado, sejam observados os diversos casos apresentados no desenho:

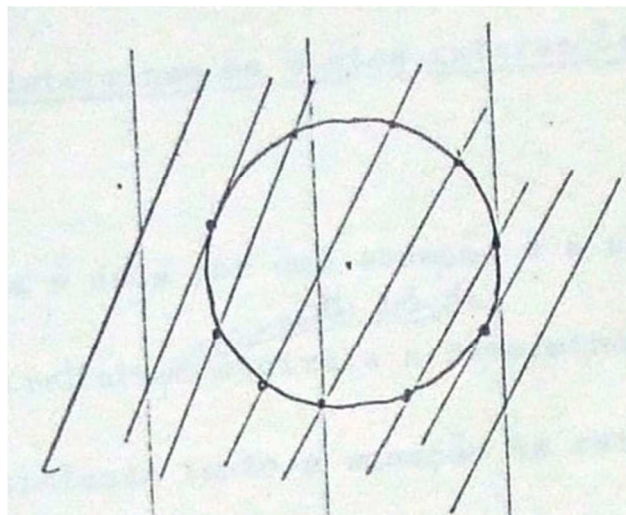


Figura 09 – Texto Bruto – Aula 59 (p.3)

O material continua as explicações pautando-se nas possibilidades de interseção entre uma reta e uma circunferência: 0, 1 ou 2 pontos, apresentando as respectivas nomenclaturas: externa, tangente ou secante. Além disso traz, pela primeira vez de

forma mais enfática, o uso de linguagem mais elaborada e formal: $r \cap c = \emptyset$, $r \cap c = \{P\}$ ou $r \cap c = \{P_1, P_2\}$.

O terceiro item trata de procedimentos para determinar pontos de interseção. Nesta página aparecem as primeiras anotações manuscritas, a primeira delas acrescentando a sentença “ou pontos solução” junto à expressão “pontos de interseção”; e, no quarto item uma breve explicação, com duas rubricas próximas a ela:

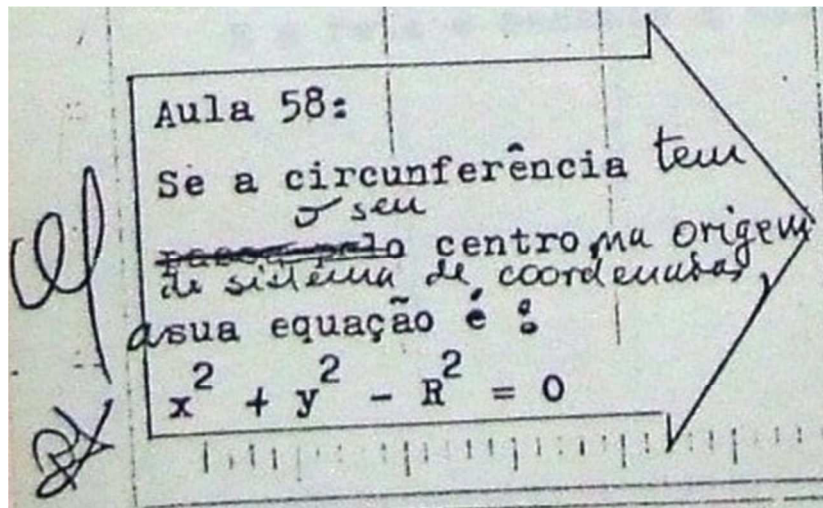


Figura 10 - Texto Bruto – Aula 59 (p.3)¹⁷

Neste quarto item o material apresenta alguns exemplos: um no qual se trata da posição relativa de um ponto com relação a uma circunferência, usando equações; e dois exemplos que se referem à posição entre reta e circunferência, o último deles, sob nossa ótica, **bastante elucidativo**, trazendo passo a passo os cálculos e diversas referências às aulas anteriores. Com isso, são apresentados dez exercícios, alguns com indicativos “para fazer no caderno”, outros com “assinale a alternativa correta”. Estes exercícios constituem o que o material chama de “segunda tarefa”, sendo a “terceira tarefa”, um exercício diferenciado no qual se dá a solução de uma determinada situação problema e pede-se que o aluno “descubra o erro” que há nela.

A última página deste material traz um resumo da aula intitulado “Ficha da Memória”, com as principais definições trabalhadas no transcorrer do texto. Nesta lauda vem explicitado o nome completo do redator: Paulo Roberto Motejunas. Posteriormente, conseguimos entrar em contato com o mesmo que nos concedeu uma entrevista, aspectos importantes foram acrescentados a este texto com base nesta entrevista, todas as citações estão devidamente indicadas por: Motejunas(2012).

¹⁷ Aula 58: / Se a circunferência tem o seu centro na origem do sistema de coordenadas, a sua equação é: / $x^2 + y^2 - R^2 = 0$

2.2. Fascículo

Como já antecipamos no início deste texto, a busca destas fontes nos gerou bastante preocupação, haja vista que este ensaio só seria possível se encontrássemos registros dos vários momentos de elaboração de uma rádioaula e, tendo iniciado a busca com apenas o áudio de uma única aula, ficamos condicionados à procura de registros de todos os demais “momentos de elaboração” desta mesma aula. Encontramos este material na caixa 246: trata-se do Fascículo de número 20, e não o 45 como constava em alguns registros. Tivemos a oportunidade de comparar algumas aulas dos Fascículos impressos nos dois formatos: revista e jornal¹⁸. O modelo em revista é o que apresentava a aula 59 no Fascículo 45, e em jornal, a mesma aula se encontrava no Fascículo 20. A comparação nos mostrou que não há diferenças nos dois materiais, exceto pelo tamanho e pela qualidade do papel utilizado e pelo fato de, na revista, a impressão ser em duas cores (azul e preto) ao contrário do jornal (monocromático). O trabalho com o jornal teve de ser mais cuidadoso, devido à fragilidade do material e ao modo como foi arquivado, com uma dobra ao meio, o que dificultava muito o folhear das páginas.

O primeiro aspecto que nos chamou atenção neste material foi a ausência de referências ao Projeto Minerva na capa do Fascículo¹⁹. Há uma logomarca bem nítida da Fundação Roberto Marinho e uma referência ao convênio firmado com a Fundação Padre Anchieta:

¹⁸ Segundo o autor dos fascículos de Matemática (MOTEJUNAS, 2012), inicialmente estes foram produzidos no formato de revista, em parceria entre a Fundação Padre Anchieta e Fundação Roberto Marinho, e editados pela Rio Gráfica Editora, do Rio de Janeiro.

¹⁹ A análise neste texto contempla um Fascículo do Curso Supletivo de Segundo Grau, no entanto há um interessante relato de Edvaldo, Monitor do Projeto Minerva, no que se refere ao uso dos Fascículos no Curso Supletivo de Primeiro Grau: “Era um material bom, pega um material desse hoje e você vê que é um material atualizado, as discussões que eles traziam na época são discussões atuais. Aliás, é até bom a gente pegar um material desse aqui e comparar com um livro texto de hoje. Você vai ver que são coisas atualizadas, né? /.../ a partir disso você pode promover uma grande discussão trazendo a realidade de hoje. É como as agendas antigas, você pode pegar uma agenda e... mas esse material aqui, na época, era um material bom...”.



Figura 11 –Fascículo – Aula 59 (Capa)

Além da indicação das disciplinas abordadas neste Fascículo, há também uma nota sobre os assuntos abordados em cada uma dessas disciplinas: “Matemática: A circunferência, retas e circunferências, outras figuras da geometria analítica”. Na capa indica-se, ainda, o preço do Fascículo, praticado em bancas de jornal: Cr\$50,00 (cinquenta cruzeiros²⁰).

Na contracapa do jornal há algumas informações interessantes sobre o Telecurso, descrevendo, em linhas gerais, sua estrutura, seu modo de funcionamento, a cadeia de emissoras de Rádio e Televisão²¹ que transmitiam seus programas e algumas formas de contato, com destaque para a possibilidade de aquisição dos Fascículos atrasados. No que diz respeito às rádios, as informações que constam na contra capa são as que seguem na figura 12.

²⁰ Para que se possa fazer uma comparação dos preços, como não há uma datação exata no Fascículo que indique sua circulação, fizemos duas comparações, no final da década de 1970 e início da década de 1980 o salário mínimo foi de Cr\$ 1.560,00 em 1978 para Cr\$ 8.464,00 no final do ano de 1981, se tomarmos como base o ano de 1978 o Fascículo custava o equivalente a aproximadamente 1/31 do salário, hoje, equivalente a R\$ 21,73, se tomarmos como base o ano de 1981 o valor seria o equivalente a R\$ 4,00.

²¹ Motejunas (2012) relata não saber que o mesmo material foi também utilizado para as aulas do rádio, diz não ter sido informado sobre este uso e que o material foi organizado, inicialmente, para ser veiculado em televisão. Comenta ainda ter vendido os direitos sobre o material, e que após ter finalizado o trabalho não teve mais informações sobre sua utilização e disseminação.

RÁDIO

O Projeto Minerva, do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, transmite o Telecurso 2.º Grau pelas seguintes emissoras, no horário de 20.00 a 20.30 h, de 2.ª a 6.ª-feira.

Manaus, AM Rádio Baré	Santarém, PA Rádio Clube	Salvador, BA Rádio Clube (**)	Cuiabá, MT Rádio Cultura
Macapá, AP Rádio Nacional	João Pessoa, PB Rádio Arapuá	Feira de Santana, BA Rádio Cultura (*)	Belo Horizonte, MG Rádio Itatiaia
Rio Branco, AC Rádio Novo Andará	Recife, PE Rádio Tamandaré (**)	Itabuna, BA Rádio Cultura (*)	Vitória, ES Rádio Espírito Santo
Porto Velho, RO Rádio Eldorado	Maceió, AL Rádio Progresso	Vitória da Conquista, BA Rádio Regional (*)	Rio de Janeiro, RJ Rádio Globo (**)
Belém, PA Rádio Marajoara			São Paulo, SP Rádio Cultura

(*) Transmitindo em cadeia com a Rádio Globo, do Rio, e Rádio Clube, de Salvador
 (**) Atende também os alunos de Fernando de Noronha.

Figura 12 – Fascículo – Aula 59 (Contracapa)²²

Quanto à estrutura, como apresentado nesta contracapa, cabe ressaltar a distinção das fases do curso: são três fases, cada uma durando em média seis meses e apoiada por uma média de 23 Fascículos cada²³. As fases são divididas por grupos de matérias. Assim, o aluno cursava, a cada seis meses, não mais que quatro matérias e, ao final da fase, ou do ano, podia requerer o exame em determinadas disciplinas, eliminando-as uma a uma, até que todas fossem concluídas. No que se refere à Fundação Padre Anchieta, há uma coluna descrevendo os diversos participantes neste processo, entre eles Osvaldo Sangiorgi, então diretor do Departamento de Ensino e consultor para Matemática, e Paulo Motejunas, redator de Matemática.

A aula de matemática de número 59 inicia-se à página 311. As páginas são enumeradas por matérias (e continuamente) desde o primeiro Fascículo. A aula da qual tratamos aqui, utiliza seis laudas do jornal, além de um terço de lauda no próximo jornal, na qual está a seção “Banco da Memória”.

Este material é muito semelhante ao Texto Bruto, tendo recebido apenas tratamento gráfico de diagramação e digitação, e sido excluídos os registros manuscritos.

²² Nas últimas linhas da imagem, lê-se: (*) Transmitido em cadeia com a Rádio Globo, do Rio e Rádio Clube de Salvador / (**) Atende também os alunos de Fernando de Noronha.

²³ O Programa de Matemática para o Segundo Grau era composto por 69 aulas, divididas em 23 fascículos.

MATEMÁTICA 59

**CONVITE
AO
RACIOCÍNIO...**

SOBRE
RETAS E
CIRCUNFERÊNCIAS

Você já estudou as retas e as circunferências. Agora chegou a vez de reunir tudo isso e estudar o que acontece quando temos retas e circunferências num mesmo problema.

Esse estudo vai ser feito de modo que você:

- saiba as posições relativas entre um ponto e uma circunferência;
- descubra as posições relativas entre uma reta e uma circunferência;
- treine na resolução de problemas relativos a retas, pontos e circunferências.

**PRIMEIRA
TAREFA**

DESCUBRA AS
POSIÇÕES
DA RETA
EM RELAÇÃO
À CIRCUNFERÊNCIA

1. VAMOS VER PRIMEIRO A RELAÇÃO ENTRE UM PONTO E UMA CIRCUNFERÊNCIA

Um ponto, em relação a uma circunferência, pode ser:

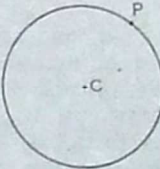
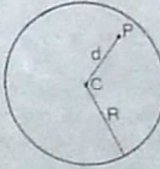
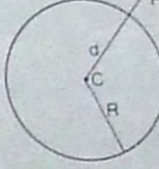




Figura 13 – Aula 59 – Fascículo (p.311)

As caixas do Texto Bruto em que havia informações laterais foram substituídas por molduras com cantos arredondados. Surgem também traços e negritos, demarcando nitidamente blocos de texto. Nesta primeira lauda o material cuida da relação entre ponto e circunferência e da relação entre reta e circunferência, incorporando uma figura muito próxima àquela da página 3 do Texto Bruto (Figura 09):

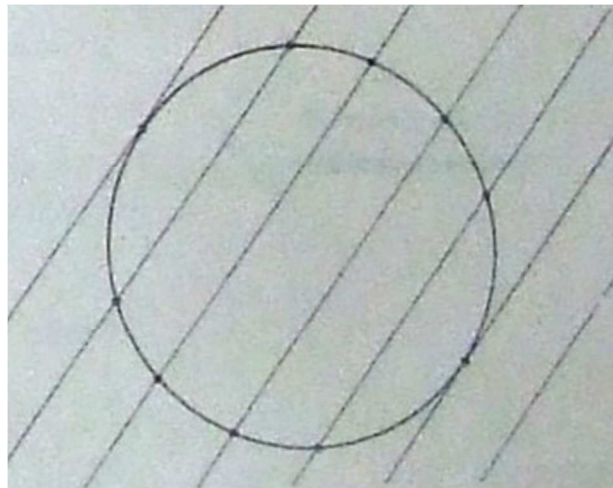


Figura 14 – Aula 59 – Fascículo (p.311)

O resumo do Fascículo é o mesmo do Texto Bruto.

3. Movimentos de Produção dos Materiais

Nesta seção tentaremos, mais sistematicamente, comparar os materiais, a fim de perceber as alterações e, desta forma, detectar aspectos do movimento de construção de uma radioaula que conte com apoio de um material impresso específico. Focaremos aqui, três elementos e instâncias bem determinadas: (a) os materiais produzidos pela Rádio MEC, (b) os materiais produzidos pelas fundações Padre Anchieta e Roberto Marinho e (c) a relação entre a áudio aula e o material impresso (Fascículo).

3.1. Material Bruto, Comunicação Com o Aluno (CCA) e Arquivo de Áudio

Neste tópico discutiremos o movimento de construção destes três materiais que têm como elemento comum, o fato de serem produzidos integral e exclusivamente pela Rádio MEC (Projeto Minerva), já que o Texto Bruto e os Fascículos vinham de outra instituição, para que fossem apenas revisados na Rádio MEC.

Desta forma, é possível nesta análise evidenciar alguns cuidados relativos à criação e elaboração do texto radiofônico que tem um objetivo específico: ensinar matemática. A elaboração textual para veiculação pelo rádio deve ser diferente daquela a ser divulgada em outros meios, haja vista pautar-se pela impossibilidade de se apoiar em recursos visuais. Parada (2000) aponta a importância de uma “cuidadosa” redação para o rádio, o que se torna ainda mais necessário quando, como na maioria das vezes ocorre, redator e locutor são pessoas diferentes:

.../ é um erro primário associar o profissional do rádio a um inimigo do texto ou alguém que teria menos trabalho com a palavra escrita. Talvez em nenhum outro meio o texto seja tão importante e precioso. Dinâmico, rápido e ágil, o rádio exige de quem escreve a objetividade, a economia de palavras e o encadeamento claro e simples das ideias, para que o ouvinte possa compreender facilmente a informação no momento exato em que a escuta. Se ele parar e pensar, já terá perdido outras notícias. Objetividade é ir direto ao assunto. Ser econômico nas palavras não significa ser simplório ou dar uma explicação pela metade, mas usar apenas as palavras certas, utilizando poucas linhas para informar determinado fato em toda a sua complexidade e dimensão, sem transformar o texto em algo excessivamente adjetivado ou tortuoso. (PARADA, 2000, p. 49 e 50)

Na tentativa de compreender este movimento de produção para o rádio buscamos um manual que nos desse alguns apontamentos sobre este tipo de prática. Optamos por ter como referência, aqui, o *Manual urgente para radialistas apaixonados*, de José Ignacio López Vigil (2004), no qual buscamos compreensões e justificações que

nos ajudassem a criar legitimidades para as ações que talvez de modo menos elaborado, percebemos²⁴. O terceiro capítulo do livro, “A linguagem do rádio”, nos despertou especial interesse. Nele há alguns indicativos que julgamos preciosos ao nosso projeto:

O que é comunicar? A raiz latina indica união, comunhão, ter algo em comum. O verbo, então, remete a que se estabeleça vínculo, que se compartilhe algo. (VIGIL, 2004, p. 45)

Alguns parágrafos atrás escrevi *solipsismo*. Por que usei essa palavra, mistura espanhol e latim? Simplesmente porque pensei mais em mim que no leitor. Se eu emprego termos que o outro não consegue entender, estou fazendo ruído. Pior ainda: estou humilhando. (VIGIL, 2004, p. 49)

/.../ comunicar, então, consiste em *comunicar-se*. O processo da comunicação pressupõe, sem dúvida, codificar e decodificar sinais. Contudo, vai muito além: busca entabular uma relação ativa, interativa, com o receptor. (VIGIL, 2004, p. 49)

Mais à frente, o autor dedica todo um tópico à importância de ouvir o expectador, o que nos aproxima de referenciais como do Modelo dos Campos Semânticos (Lins, 1999) segundo o qual importa, principalmente, o nosso interlocutor, a direção para qual falamos e, conseqüentemente, seu conhecimento:

A velha do Cibao era analfabeta em latim, o padre, porém, era analfabeto em velhas, o que é mais grave. Porque a condição primeira e básica para alcançar esse código comum é que o emissor se ponha em atitude de procurá-lo. /.../ Trata-se de pensar toda a comunicação a partir da outra margem, a partir da cultura e da linguagem, das preferências e da classe social dos radioescutas aos quais me dirijo. (VIGIL, 2004, p. 52 e 53)

Outra preocupação frente ao possível interlocutor, ao ouvinte do rádio é explicitada em vários momentos, sendo necessário ouvi-lo, primeiramente para que se possa fazer algo que o interesse, algo que o mova. Chamou-nos a atenção o autor destacar justamente os programas educativos:

De nada adiantará ir ao ar se não tivermos ouvintes, se os possíveis receptores não tiverem vontade de ouvir o que dizemos. Quantos programas chamados educativos foram feitos com a melhor boa vontade e os piores resultados? /.../ e esquece-se de perguntar ao público, ao qual supostamente o programa se dirige, se está interessado em escutá-lo, se gosta dele. (VIGIL, 2004, p. 52)

Podemos perceber, como indicativo deste manual, uma grande importância em “prestar atenção” no ouvinte, de, sempre que possível, ouvi-lo, invertendo, pois, a

²⁴ Gostaríamos de aqui ressaltar nossa postura metodológica frente à produção de dados. Propomo-nos a fazer uma leitura *positiva*, estabelecendo possíveis legitimidades para as ações do outro frente às nossas próprias ações e formas de perceber o mundo, desta forma, não estamos aqui identificando o que o outro quis fazer, mas tão somente indicando possibilidades de legitimação para, o que acreditamos, ele fez.

situação usual, na qual o interlocutor fala para um ouvinte que ouve. É essencial buscar produzir ações que visem à identificação do ouvinte com o programa.

Neste sentido, uma das ações implementadas que podemos perceber no movimento de criação do CCA, a partir do Material Bruto, é o aumento da participação de uma segunda voz, neste caso uma voz feminina, que não está explícita no Material Bruto, dado que é identificada apenas pela anotação “(a)”, que poderia referir-se a um aluno, já que suas “falas” são reduzidas a questionamentos próprios aos que “não sabem”, num modelo destacado por Allan Lima em entrevista ao Amigo Ouvinte²⁵:

É evidente que alguma coisa apresentada a várias vozes e dramatizada tem muito mais encanto que um programa feito a uma só voz ou a duas. Existe o que nós chamamos de "programa do sabido", onde o locutor sabe e todos os ouvintes não sabem. Estou me referindo a programas educativos, tipo depoimento ou palestra. O segundo formato primário de programa é "o burro e o sabido". São duas personagens: um entrevistador e um entrevistado - o entrevistador é o "burro" e o entrevistado, o "sabido"; o entrevistador é aquele que não sabe (posição que se acredita ser a do ouvinte), e o entrevistado é aquele que sabe, e vai transmitir seus conhecimentos ao entrevistador e a todos aqueles que ouvem. Existe uma forma muito mais suave de transformar aquilo que tem que ser passado aos ouvintes, aquilo que tem que ser mensagem positiva de ensinamento, de educação, no sentido amplo da palavra, e que é muito mais encantadora, muito mais suave e muito mais gostosa de se ouvir: quando há várias vozes e, principalmente, quando é dramatizado. (LIMA & OLIVEIRA, 2002)

Nos materiais já trabalhados pela equipe de rádio (redatores), é marcante a presença da voz feminina, fazendo questionamentos e também dando explicações, diluindo a diferenciação entre “aquele que sabe” e “aquele que não sabe”. Marlene Blois destaca em sua entrevista à nossa pesquisa, a busca desta identificação do ouvinte, tanto no que diz respeito ao gênero quanto à posição da figura do professor:

Eles queriam aprender. Eles “ouviam” no radio posto o professor falando, a gente usava em geral uma dupla, um locutor com uma locutora porque aí, se a gente põe só um homem ou só uma locutora, poderia haver qualquer problema de identificação do aluno, então como a gente tinha meninos e meninas na sala, então a gente tinha duas vozes, uma feminina e outra masculina, né?! A gente estudava muito as passagens, isso o Renato [Rocha] pode depois falar, as passagens, as vinhetas, tudo isso foi criado pro próprio Minerva, não foi aproveitado de nada, foi tudo, tudo, tudo criado! Tudo foi criado pro Projeto Minerva, foi isso. (BLOIS, 2011)

Além de todo cuidado radiofônico para qualquer que seja a disciplina ensinada, há a necessidade de um esforço ainda maior quando se fala em Matemática, pois esta possui linguagem própria e é extremante apoiada no recurso visual. Cabe citar aqui a

²⁵ Amigo Ouvinte é uma publicação da Sociedade Amigos Ouvintes da Rádio MEC (SOARMEC), disponível no endereço eletrônico: <http://www.soarmec.com.br/index2.htm>

fala de Solange Leoblons em entrevista ao jornal “Amigo Ouvinte”, quando perguntada sobre as aulas feitas pelo Projeto Minerva, suas inovações e contribuições:

Tinha gente que estudava por Fascículos nos territórios, e passava para universidade. Quer dizer, os conteúdos eram eficientes? Eram. Os programas radiofônicos eram eficientes? Eram. O programa de matemática é que, você sabe, sempre é discutido. Porque você dá uma equação de 2º grau – 2 que multiplica não sei o que ao quadrado -, quando acaba de dizer essa sequência, perdeu. Porque o aluno, quando está ouvindo o rádio, o Fascículo está fechado - porque ele é discutido depois da aula, não é dentro da dinâmica. Então, 2 que multiplica não sei o que... já perdeu. Já se tentou fazer cortina de silêncio; já se chamou aquele violonista, acho que era o Manoel da Conceição, mas quando ele tocava o violão, qual era o efeito no aluno? Era o som que chegava a ele. Então, nós procuramos levar muito a sério, mas há problemas. O Sangiorgi conta uma experiência. Uma vez, dirigindo o carro, ouviu: ‘2 que multiplica não sei que lá... Acabamos de ouvir uma aula produzida pelo professor Sangiorgi’. Ele disse que parou o carro e voltou para a Fundação Anchieta, porque, ele disse: “Ninguém é capaz de pegar uma equação dessa maneira”. (LEOBONS, 2009)

Mais à frente, nessa mesma entrevista, ao ser perguntada sobre os problemas enfrentados no PMi, ela comenta: “A produção formato aula era eficiente, o tempo era suficiente, a não ser em Matemática – Matemática é sempre uma dificuldade.” (LEOBONS, 2009). Temos aí um panorama de dificuldade frente a produzir aulas de Matemática para o rádio. O apelo visual e a dificuldade por não poder contar com ele no ambiente rádio, são também destacados na entrevista de Renato Rocha à SOARMEC, ao ser perguntado sobre como era o trabalho de Redator:

Cada um de nós tinha que escrever 100 programas, ao todo. Vinte por mês. Eu, como fui o último a ser admitido, fiquei com o que restou, o curso de matemática, ou seja, tive a sorte de começar pelo mais difícil: tornar radiofônico um assunto predominantemente visual, como a matemática /.../ É possível focalizar aspectos desses assuntos, mas eles não são assuntos radiofônicos, por excelência. (ROCHA, 2005)

Em seguida, nesta mesma entrevista, ele comenta sobre a dificuldade que teve em escrever os programas de Geometria, pouco podendo fazer além de indicar os estudos que deveriam ser feitos no fascículo, tendo que, após muita discussão, entrar em contato com o professor da disciplina que produzia o Material Bruto para que esse se desse conta da problemática e que tentasse fazer adequações em seu texto escrito:

A única coisa a fazer seria orientar o ouvinte a consultar o Fascículo e pedir ajuda ao monitor, que ouvia os programas junto com o aluno. Quando fui entregar os scripts, abri o jogo para as pedagogas e examinamos juntos o material bruto. Elas concordaram comigo. Conferimos também o material da semana seguinte, e encontramos outro conteúdo de doer. /.../ Resultado: enviaram-me a Belo Horizonte, para conversar com a autora do material bruto... Examinamos os assuntos do resto da série, conversamos sobre as limitações da linguagem radiofônica, e sugeri [sic] que ela escrevesse

pensando no ouvinte cego. As coisas melhoraram um pouco, mas até hoje não sei como consegui completar os 100 programas. É possível que esses scripts ainda existam. Seria curioso ler alguns, hoje. /.../ Lembro que, depois da série de aulas de matemática, aquele trabalho [série de programas: *Eles escolheram a música*] parecia pura diversão. (ROCHA, 2005)

Esses aspectos podem ser percebidos nitidamente em alguns registros em áudio nos quais, a todo momento, há referências aos fascículos. Na matemática, nos parece que a dinâmica dos programas era um pouco diferenciada, pautando-se mais fortemente na vinculação entre áudio aula e fascículo, o que não se mostra ser necessário a outras disciplinas do mesmo Projeto.

Do Material Bruto até o resultado final em áudio não podemos deixar de destacar a sonoplastia e a qualidade da locução. Vigil (2004) destaca em seu livro o papel fundamental da sonoplastia e da música nos programas de rádio, apostando no papel da imaginação e da sensibilidade do ouvinte respectivamente e acrescenta:

Todos os formatos podem redescobrir a cenografia sonora proporcionada pelos efeitos /.../ Esses efeitos simples criam a sensação de que os apresentadores não estão sozinhos na cabine. É importante a participação. E também a sensação de participação. (VIGIL, 2004, p. 61)

Edvaldo Dias, monitor do Projeto Minerva para o Curso Supletivo de Primeiro Grau faz um interessante relato sobre o programa em áudio ao ser questionado sobre a reação dos alunos:

Gostavam, até porque eram muito animadas as aulas, musiquinha muito boa, sabe? Aquele som que chamava a atenção que ia começar a aula, chamava mesmo a atenção, prendia mesmo a atenção... o pessoal gostava de ouvir, a audição da aula era o momento alto do encontro do grupo, era a audição da aula do Projeto Minerva. Você ligava o rádio uns cinco minutinhos antes, terminava a Voz do Brasil, e aí começava a aula do Projeto Minerva. Aquele som que chamava a atenção para a aula era o máximo da coisa... (DIAS, 2012)

A aula é lida numa fala pausada, com voz clara e limpa, intervalos entre cada frase e entre cada ação sugerida ao aluno, aspectos que vão se constituindo no movimento de produção da aula, não presentes, por exemplo, no Material Bruto.

Quantos às pausas e silêncios, Vigil (2004) comenta que a pausa intencional, diferente das não intencionais que ele chama de “buracos”, está carregada de sentido e é considerada por muitos como a quarta voz do rádio, ou um elemento importante das outras três²⁶: “Fazer pausas é ocupar o tempo necessário para salientar uma frase ou

²⁶ Nas páginas anteriores ele comenta sobre a “tríplice voz do rádio”, composta pela voz humana, expressa em palavras; a voz da natureza, os efeitos sonoros e a voz do coração, expressa por meio da música (VIGIL, 2004, p.54)

uma situação” (2004, p. 56). Em nosso caso, em programas educativos de matemática esta pausa se faz ainda mais necessária, dada a complexidade do raciocínio que acompanha o andamento de uma aula como a de Geometria Analítica. Vigil ainda complementa, que não é melhor animador aquele que “cospe mais palavras em menor tempo” (2004, p. 57) e que a super excitação também pode gerar desconforto e monotonia.

O modo de falar também é bastante criticado por este autor, que ressalta a importância quanto à sua entonação, dicção e escolha das palavras, indicando que se deve apostar na simplicidade, no uso de palavras de uso corrente, em parágrafos não muito grandes.

Todos estes itens, articulados no *Manual* que utilizamos como base, parecem ter sido contemplados na construção da áudio aula. Evidentemente o Material Bruto não contempla todos estes aspectos, mas nos permite uma aproximação, nos permite considerar essas preocupações neste cenário de pesquisa em que o enunciado pelo rádio tem papel central. O Material Bruto não se parece com um texto de livro didático, ou com uma lousa de sala de aula convencional: seu linguajar é voltado à comunicação, mesmo que ainda não explicita detalhes mais técnicos relacionados à sonoplastia, e a mudanças mais dinâmicas de vozes por exemplo. Outros elementos próprios ao rádio, ao domínio da oralidade, aparecem no CCA: há indicação sobre os sons e tons, há elementos registrados na forma como são lidos, como “ERRE”, “XIS” e “IPISILON”, há algumas explicações mais detalhadas acerca de alguns desses ingredientes. Finalmente, no arquivo em áudio, a sequência textual é pontuada de indicações manifestadas em sons. Desde a abertura até o encerramento da aula, todos os momentos intermediários ganham sons de violão, melódicos ou harmônicos, vozes de cantoras e cantores, em ritmos calmos ou acelerados, durando maior ou menor tempo, criando uma “dinâmica” sonora para o programa.

3.2. Texto Bruto e Fascículo

Para discutir esses dois materiais optamos por seguir a numeração das páginas do Texto Bruto. O primeiro apontamento fica por conta da qualidade material: o Texto Bruto é composto por folhas de sulfites margeadas e grampeadas, em uma só cor, com texto redigido à máquina, comentários e desenhos feitos à mão: tem uma natureza provisória. Já o fascículo, com acabamento gráfico mais requintado, impresso no

formato de jornal, em frente e verso, com aulas de diversas matérias e algumas páginas em cores: trata-se de um material definitivo, aquele que efetivamente vai à público.

Os textos são praticamente idênticos quanto ao conteúdo²⁷. Na primeira página, por exemplo, detecta-se apenas a mudança de: “descubra as posições relativas de retas e circunferências” para “descubra as posições da reta em relação à circunferência” e alguns pequenos acréscimos como: “se pertencer” para “se o ponto pertencer à circunferência”. Essas alterações, entretanto, tornam a explicação não apenas mais clara, mas mais adequada e próxima ao rigor que usualmente caracteriza a linguagem matemática.

Poucas páginas à frente (página 3 do Texto Bruto), há apenas um pequeno acréscimo: (“agora responda”) antecedendo um exercício. Ainda nesta página temos também o acréscimo da expressão “neste caso...” à frente de cada uma das possibilidades de intersecção da reta e da circunferência (externa, tangente ou secante). Já na quarta página há uma anotação (“ou pontos solução”), feita à mão no Texto Bruto, e acrescida ao Fascículo.

Na página 6 o original indica “calcular a menor distância entre...”. Já o fascículo prefere “Calcular a distancia entre...”. Na página seguinte há outro “menor”, desta vez riscado e rubricado por duas pessoas. Já no Texto Bruto, esta mesma palavra ocorre por diversas vezes nas páginas seguintes, sempre vinculada à distância. Na oitava página, primeiro exercício, o fascículo contém uma explicação adicional, colocada numa caixa ao lado do texto: “substitua (1,2) na equação da circunferência”. Na última página do Texto Bruto há uma anotação (“reais”) bem marcada, em caracteres grandes, na frente do termo raízes, indicando que as respostas obtidas não geram uma raiz Real.

3.3. Fascículo e Arquivo de Áudio

A elaboração dos fascículos e dos arquivos de áudio era feita, segundo Marlene Blois, por professores especialistas que inicialmente esboçavam um Material Bruto com duas finalidades: elaborar o programa de rádio e o fascículo que o aluno receberia. Ela destaca que estes materiais não eram iguais, mas complementares. No caso do Curso Supletivo de Segundo Grau os trâmites de construção do material parecem ser um

²⁷ Motejunas relata sobre a elaboração do Material Bruto: “Ah sim! Era só diagramação [a diferença entre Texto Bruto e Fascículo], porque isso aqui [Texto Bruto] eu faço, como eu disse, com aquela reguinha, tenho até hoje aquela reguinha verdinha assim, é o que eu tinha, não tinha computador...”. (MOTEJUNAS, 2012)

pouco diferentes do que aqueles relativos ao de Primeiro Grau, totalmente produzido pela equipe do PMi. Para o segundo grau foi estabelecida parceria entre as fundações Roberto Marinho e Padre Anchieta:

./.../ passamos a fazer um trabalho com a Fundação Roberto Marinho. A Fundação Roberto Marinho tinha procurado o Ministério [da Educação], pois tinha toda a expertise para produzir material para a televisão, mas não tinha nenhuma expertise para produzir pra rádio.

*Então o que é que nós começamos a fazer? Ao invés de atualizar as aulas todas do primeiro curso de supletivo de Primeiro Grau, nós começamos a trabalhar em conjunto com a Fundação Roberto Marinho. **Eles nos mandavam os conteúdos.** ./.../ A gente viajava pra São Paulo, e então discutíamos com os especialistas deles, os professores e **então eles mandavam o material, nós radiofonizávamos esse material.** ./.../ Então a gente ia, eles vinham, às vezes a gente mudava coisas aqui e comunicávamos a eles que iríamos mudar porque **não concordávamos com o que estava escrito, eles alteravam lá**, e por aí ia... Então eles ficaram incumbidos da produção dos telecurtos para a televisão pois eles tinham uma rede fantástica (a rede educativa não se igualava), embora os horários fossem péssimos... continuam péssimos, né?! E nós continuamos produzindo os nossos cursos a distância, de primeiro e segundo graus. (BLOIS, 2011, grifos nossos)*

Com base na entrevista realizada com Marlene Blois, acreditamos que o fascículo, ou ao menos o Texto Bruto, que gerava o Fascículo, tenha sido elaborado antes do Material Bruto e do *Script* da aula, já que os primeiros vinham da Fundação Roberto Marinho para que fossem radiofonizados²⁸. Supomos até que estes tenham sido feitos com base no material que iria para o Fascículo (Texto Bruto), pois algumas notas no Material Bruto evidenciam um possível descuido em não referenciar-se corretamente o fascículo: “não tem no Fascículo” (Figura 02). Esta nota, entretanto, pode tanto ser relativa a uma correção a ser feita pelo autor do Material Bruto, quanto ser uma observação de algo para ser corrigido no Fascículo.

No Material Bruto ocorre um exercício com a equação “y igual a x mais três”, enquanto no *Script* esta equação é substituída pela equação “y igual a x”, a mesma que aparece no fascículo. A indicação de numeração das páginas do fascículo no Material Bruto, todas manuscritas, nos permite considerar a possibilidade desse material bruto ter sido montado a partir do Texto Bruto e que, somente depois do Fascículo pronto a numeração das páginas e alguns comentários adicionais, como o descrito acima, foram acrescentados.

²⁸ Em entrevista, o Professor Paulo Motejunas relata que a produção destes independia da produção para a televisão, que era posterior. No entanto, os produtores do material para a televisão, como Roberto Barco e Ernesto Rosa, além de Oswaldo Sangiorgi (da Fundação Padre Anchieta) vistoriavam seu texto, inclusive dando sugestões. Ele relata ainda não saber que a partir de seu texto eram produzidas aulas para o rádio.

Para nos lançarmos à comparação dos dois materiais, considerem o que nos relata a professora Marlene Blois:

Meia hora antes, os alunos chegavam, o monitor chegava, **eles liam a aula, o texto no Fascículo** correspondente àquela aula que estava no mapa, que eles sabiam que iam ouvir, anotavam o que eles achavam que não tinham entendido bem, tiravam dúvidas de palavras que às vezes, dependendo do nível... a gente, por mais que usasse uma linguagem simples e tal, mas às vezes os alunos esbarravam em algumas palavras... Muito bem: o monitor tirava a dúvida, iam para o dicionário, cada radioposto desse tinha um dicionário, então aí, às oito horas da noite, entrava a primeira aula, depois entrava a segunda aula, depois eles ficavam mais meia hora para discutir, para fazer os exercícios, pra ter orientação do monitor, era mais ou menos isso, entendeu?! Essa era a dinâmica. E iam pra casa, faziam exercícios. (BLOIS, 2011)

Tentando seguir esta mesma dinâmica, inicialmente fizemos a leitura do fascículo. Aqui caberiam algumas das observações já apresentadas nos itens 2.1 e 2.2, visto que neles apresentamos o conteúdo e a dinâmica de uso deste material. Façamos mais algumas considerações: o texto é bastante sintético e direto²⁹, apresenta as posições relativas entre pontos e circunferência e, depois, entre retas e circunferência; diz como proceder com os cálculos para atestar as posições relativas em determinados dados; apresenta alguns exemplos e propõe exercícios. O texto não é de linguajar complexo, nem usa terminologia que, julgamos, seria muito distante de um aluno de Segundo Grau. A Aula 59, no fascículo, pressupõe alguns pré-requisitos (como noções básicas de Geometria Analítica - coordenadas de um ponto, distância entre dois pontos, equação de uma reta e equação de circunferência - além de exigir uma noção prévia de sistemas lineares de duas equações e duas variáveis e, muitas vezes, valer-se da resolução de equações de Segundo Grau). Este material propõe diversos exercícios que, seguindo a dinâmica da aula, como descrita por nossos depoentes (BLOIS, DIAS), deixaremos para observar em outro jogo. Consideremos agora, a audição da aula.

Ouvir a aula e ao mesmo tempo acompanhar o fascículo implica certa dificuldade, pois os textos não são os mesmos, e o áudio indica ações a serem efetivadas que não fazem parte do fascículo (como pedir para desenhar um círculo e um ponto qualquer)³⁰. No entanto, o áudio também faz referência direta às figuras do material

²⁹ O autor comenta em sua entrevista (MOTEJUNAS, 2012) o cuidado com a linguagem, com o formalismo das definições, e afirma ter tido, para a elaboração deste material, influência de sua formação e de suas experiências com “educação a distância” prévias, quando se valia do “ensino individualizado” e do método skineriano.

³⁰ Um de nossos depoentes, Seu Maurílio Costa Filho, relata ter encontrado dificuldades em acompanhar o áudio da aula, preferindo os comentários da monitora/professora no transcorrer do encontro (Costa & Costa Filho, 2013).

impresso. Às vezes o áudio sugere saltos na leitura, passando, por exemplo, da página 311 para uma situação registrada na página 312. Algumas falas tornam a leitura mais esclarecedora (por exemplo, quando “suas coordenadas não satisfazem a equação” como discussão do resultado “ $4 \neq 0$ ” obtido). O áudio também retoma conteúdos já estudados, neste caso trazendo à tona novamente a relação entre a distância de um ponto ao centro e o raio dessa circunferência para determinar se ele é interno, externo ou se pertencente à circunferência. O áudio que temos em mãos termina trabalhando o primeiro exemplo da página 312, aos 05 minutos e 15 segundos.

Quanto aos exercícios propostos, eles estão distribuídos em três blocos: primeira, segunda e terceira tarefa. O primeiro bloco já vem totalmente resolvido e é apenas comentado durante a áudio aula.

A segunda tarefa é constituída por 10 exercícios e, diferentemente da primeira totalmente resolvida, apresenta somente os enunciados (as respostas são dadas ao final da aula). Dois destes exercícios se referem à relação entre um ponto dado e uma circunferência dada, os demais tratam da relação entre reta e circunferência; ora pede-se para encontrar os pontos de intersecção, ora pergunta-se qual a relação entre elas. Na grande maioria das vezes a resposta deve ser dada a partir de alternativas previamente disponíveis (múltipla escolha).

A terceira tarefa é um pouco diferente das demais: apresenta um exercício resolvido sobre a intersecção entre uma reta e uma circunferência e pede que o aluno encontre o erro na resolução. No caso, durante a resolução, aparece a raiz quadrada de um número negativo, que o suposto aluno coloca como sendo positivo. Na resposta, dada no final da aula, comenta-se que não há ponto de intersecção, posto que não há raiz real para a dada equação.

4. Alguns apontamentos sobre a produção das aulas

Conforme as entrevistas de que dispomos (sejam as coletadas por nós ou as disponíveis no informativo *Amigo Ouvinte*), não existia, como ainda não existe, uma sistematização de produção de aulas para o rádio. Nas disciplinas escolares em que o apelo visual é maior, surgem dificuldades, e o material impresso é, naturalmente, mais requisitado. Ambos os materiais que mediavam o contato direto com os alunos são bastante sintéticos e objetivos, aspecto que para o rádio pode ser algo interessante, enquanto que, por outro lado, pode empobrecer o material impresso, que traz menos

explicações sobre os processos e etapas “secundárias” necessárias para a solução de exercícios, como algumas fatorações e cálculos mais simples. A presença de um monitor capacitado³¹ e o apoio de outros materiais poderia enriquecer as aulas e ajudar a ultrapassar essas limitações.

Ao cotejarmos os diversos materiais que compunham a aula do Projeto Minerva ou foram criados no processo de elaboração da aula, vemos várias formas de abordar a Matemática: pela oralidade (uma Matemática, portanto, “falada”), pela escrita, pela escrita a ser falada (uma Matemática registrada com a finalidade de ser comunicada como que “em voz alta”) etc. Estariam, nesses modos, embutidas distintas nuances de pensar, fazer, aprender, ensinar... Matemática? Estariam estes materiais “tateando” a Matemática de diferentes modos, permitindo atribuições de significado que, como tal, são sempre distintas? Seriam faces de uma popularização ou vulgarização científica, exemplos de uma transposição didática?

Um conteúdo de saber que tenha sido definido como saber a ensinar, sofre /.../ um conjunto de transformações adaptativas que irão torná-lo apto a ocupar um lugar entre os objetos de ensino. O ‘trabalho’ que faz de um objeto de saber a ensinar, um objeto de ensino, é chamado de transposição didática. (CHEVALLARD, apud LEITE, 2004)

Sob essa visão teríamos, neste ensaio, uma diversidade de exemplos de transposições, uma diversidade de aproximações à Matemática. No entanto, sob nosso entendimento, importa “o que foi dito”, o explícito, o efetivamente manifestado: “o que está oculto não nos interessa” (WITTGENSTEIN, IF, §126, 1999, p. 67). Wittgenstein, assim, defende uma visão anti-essencialista segundo a qual a linguagem deixa de ser meramente denotativa para ser parte constituinte e integrante do mundo. Segundo Silva Filho (apud VILELA, 2007), a linguagem, na perspectiva de Wittgenstein, cria o mundo,

/.../ nosso conhecimento não consiste num espelhamento imediato das coisas externas, mas na construção de ‘narrativas’ e ‘interpretações’ que são, por sua vez, sistemas de símbolos que ordenam e categorizam a experiência. Estas versões são plurais, prestam conta a formas diversas de construção e se esgotam com a mesma frequência com que se corrigem e renovam. (p. 12)

Ou ainda, conforme Pears (1973):

...deixou ele [Wittgenstein] de acreditar que seja possível deduzir a preexistente estrutura da realidade a partir da premissa segundo a qual todas a

³¹ Motejunas (2012) registra que, ao contrário do que ocorria no Projeto Minerva, no Telecurso não existia a figura do monitor.

línguas tem certa estrutura comum. Essa alteração de ponto de vista aprofunda-se e dá lugar também à rejeição de muito mais do que apenas a particular teoria da realidade proposta no *Tractatus*. Solapa qualquer teoria que tente apoiar um padrão de pensamento ou uma prática linguística, tal como a inferência lógica, num alicerce independente, colocado no real. Se aquelas coisas (padrões de pensamento e práticas linguísticas) requererem qualquer justificação, deve ela estar no seu próprio interior porque não há, externamente a elas, pontos de apoio independentes. (PEARS, 1973, p. 15)

Neste sentido, criamos discursos, e o discurso é aquilo em que trabalhamos, produzimos e inquirimos, sendo cada um de nós, segundo nossa própria linguagem (partilhada) e sensibilidade, afetados diferentemente por este discurso, **o criando, assim, o mundo por meio da linguagem**. Mundo, seres e linguagem são um amalgama retroalimentado por cada um destes elementos que, assim, em uníssono, constituem e constituem-se. Não há o antes e o depois do discurso, não há o antes sobre o qual o discurso fala, não há um depois que escape ao discurso.

Desta forma, acreditamos as “versões” que se mostram nesse cotejamento entre distintos momentos de elaboração da aula, não são versões, mas diferentes constituições de um algo a que nomeamos matemática. Cada jogo de linguagem que se manifesta nos diferentes materiais articula termos e expressões de formas diferentes, caracterizando assim distintos *jogos de linguagem*, distintos significados, distintas matemáticas. A matemática ouvida, sem recursos visuais, articula-se e permite articulações distintas daquela matemática elaborada pela escrita, cria pausas no fluxo discursivo para caracterizar multiplicações, parênteses, potências. Expressões matemáticas como $2x^2$ e $(2x)^2$, para serem compreendidas e distinguidas, implicam articulações na fala que nem o enunciado (escrito) “dois xis ao quadrado” nem o enunciado (falado) de modo contínuo conseguem abarcar.

Observações de mesma natureza podem ser feitas a partir das entrevistas de Marlene Blois e Paulo Motejunas. Ela – talvez desconhecendo³² o reaproveitamento dos materiais elaborados para a televisão, usados na educação pelo rádio – refere-se a um aprendizado que deveria ocorrer nas tramas do Projeto Minerva, sem que o recurso da visão fossem prioritariamente mobilizados nas radioaulas: ela, portanto, fala de uma matemática. Ele, por sua vez, tendo elaborado textos a serem veiculados pela televisão e desconhecendo o aproveitamento desses mesmos textos para os programas de rádio, sequer aventava a possibilidade de veiculá-los sem o auxílio fundamental da visão, já

³² Não podemos afirmar se a professora Marlene Blois sabia dessa situação: pode-se afirmar que ela não faz referência a isso em sua entrevista, embora comente sobre a produção coletiva de materiais, desenvolvida em parceria com a Fundação Roberto Marinho.

que a televisão é, prioritariamente, imagem: ele, portanto, fala de uma outra matemática. Alteram-se, portanto, intenções, contextos, materiais, suportes e públicos, o que implica a alteração dos objetos dos quais aqui se trata. Essa posição que defendemos, portanto, subverte a ideia de uma “mesma” matemática trabalhada de modo diferenciado no Projeto Minerva e no Telecurso, de uma “mesma” aula ser comunicada a partir de suportes distintos, de duas entrevistas distintas como o registro de uma “mesma” experiência relacionada ao ensino e à aprendizagem, ou de uma experiência distinta com uma “mesma” intenção: experiências distintas criam aulas distintas e distintas matemáticas – o “mesmo” implica, ao contrário, uma simplificação: equivocada, quimérica, ilusória.

Ao apresentar e discutir os diversos materiais relativos a uma aula do Projeto Minerva³³ e outras fontes que, aos poucos, agregamos a eles, optamos pela segmentação. Tentamos, com isso, ressaltar tanto as singularidades de cada momento quanto as possibilidades que surgem quando consideramos, ao mesmo tempo, uma variedade de fontes e a relação entre elas³⁴. Os materiais mobilizados – sejam textos escritos, gravações, entrevistas, livros etc – ficam disponíveis ao possível leitor que poderá criar narrativas diferenciadas que se transformam a cada olhar: são contas de um caleidoscópio que se constitui exatamente nas relações entre suas inúmeras contas e o movimento que as movimenta e as articula. Mobilizadas mais contas, variadas as cores, mais imagens (sempre fugidias) se formam num movimento em que se criam o olhar, as contas, as articulações e, no limite, o próprio caleidoscópio e aquele que dinamicamente movimenta essa série de criações.

Referências

BLOIS, M. Entrevista concedida a Thiago Pedro Pinto. Rio de Janeiro (RJ), 2011.

COSTA, C. I. P. COSTA FILHO, M. Entrevista concedida a Thiago Pedro Pinto. Paraíba do Sul (RJ), 2013.

DIAS, E. Entrevista concedida a Thiago Pedro Pinto. Coxim (MS), 2012.

³³ Melhor seria dizer: de uma aula que, até a entrevista com o professor Paulo Motejunas, pensávamos ser “do Projeto Minerva”, já que os materiais relativos a ela foram obtidos em arquivos vinculados à Rádio MEC.

³⁴ Talvez este nosso estudo também sirva – esta foi uma de nossas intenções – para exemplificar a pertinência de apostar na variedade e na multiplicidade de fontes e na riqueza decorrente dessa aposta para o movimento de atribuição de significado.

LEITE, M. S. **Contribuições de Basil Bernstein e Yves Chevallard para a discussão do conhecimento escolar**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2004.

LEOBONS, S. Entrevista à SOARMEC, realizada por Renato Rocha e Adriana Ribeiro, para o informativo “Amigo Ouvinte”, disponível em <<http://www.soarmec.com.br/solangeleobons.htm>>, último acesso em 30 de maio de 2012.

LIMA, A. OLIVEIRA, I. Entrevista à SOARMEC, realizada por Renato Rocha e Adriana Ribeiro para o informativo “Amigo Ouvinte”, em 26 de junho de 2002. Disponível em <<http://www.soarmec.com.br/allanyeda.htm>>, último acesso em 26 de junho de 2012.

MOTEJUNAS, P. Entrevista concedida a Thiago Pedro Pinto. Caçapava (SP), 2012

PARADA, M. **Rádio: 24 horas de jornalismo**. São Paulo: Panda, 2000.

PEARS, D. **As ideias de Wittgenstein**. São Paulo: USP, 1973.

PIMENTEL, F. P. **O Rádio Educativo no Brasil: uma visão histórica**. Rio de Janeiro: SOARMEC, 2009.

ROCHA, R. Entrevista à SOARMEC, para o informativo “Amigo Ouvinte”, 2005. Disponível em <<http://www.soarmec.com.br/allanyeda.htm>>, último acesso em 26 de junho de 2012.

VIGIL, J. I. L. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2004.

VILELA, D. S. **Matemáticas nos usos e jogos de linguagem: ampliando concepções na Educação Matemática**. 2007. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2007.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Trad. Brasileira GIANNOTTI, J. A. São Paulo: Cia Editora Nacional/Edusp, 1968.

_____. **Investigações filosóficas**. Trad. BRUNI, J. C. São Paulo: Nova Cultural, 1999.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Antonio Vicente Marafioti Garnica (orientador)

Volume

Entrevista com Marlene Montezi Blois

Bauru

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências

Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

Tese de Doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação para a Ciência.

Bauru (SP)

2013

SUMÁRIO

Volume: Instruções de Uso

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica	9
Apêndice A: Sobre Jogos e Caleidoscópios	11
Apêndice B: Notas sobre o trabalho com entrevistas nesta pesquisa	22

Volume: O acervo da SOARMEC

O acervo da SOARMEC, a disponibilização pública de um Catálogo e a constituição de um Mapa para o acervo	4
Referências	13
Apêndice A: Catálogo de Etiquetas do Acervo da SOARMEC	15
Apêndice B: Mapa do Acervo	61

Volume: Da revisão de literatura: uma terapia filosófica da expressão “Projeto Minerva” como possibilidade de vasculhar um terreno

Introdução	4
Sobre as linguagens nos textos de Wittgenstein	6
Os trabalhos selecionados	9
Trabalhos Acadêmicos	10
Livros	16
Entrevistas	17
Demais documentos	28
Algumas Considerações	31
Referências	32

Volume: Produção de Radioaulas no Projeto Minerva

Da Matemática falada, do resgate de fontes, da potencialidade de compreender a partir de múltiplos focos: um ensaio sobre a produção de radioaulas no Projeto Minerva	4
1. Material para o Rádio	9
1.1. O “Material Bruto”	9
1.2. Comunicação Com o Aluno	12
1.3. Arquivo de áudio do programa	14
1.4. A transcrição do programa	15
2. Material para o Fascículo	18
2.1. Texto Bruto	18
2.2. Fascículo	22
3. Movimentos de Produção dos Materiais	26
3.1. Material Bruto, Comunicação Com o Aluno (CCA) e Arquivo de Áudio	26
3.2. Texto Bruto e Fascículo	31
3.3. Fascículo e Arquivo de Áudio	32
4. Alguns apontamentos sobre a produção das aulas	35
Referências	38

Volume: Entrevista com Marlene Montezi Blois

Entrevista com Marlene Montezi Blois nas dependências da SOARMEC - Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC (2º andar da Rádio MEC), Rio de Janeiro, 05/10/2011	4
Apêndice A: Carta de Cessão	36

Volume: Entrevista com Edvaldo Dias

Entrevista com Professor Edvaldo Dias, ex-monitor do Projeto Minerva, ocorrida na residência do depoente, em Coxim-MS, no dia 14/07/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Paulo Roberto Motejunas

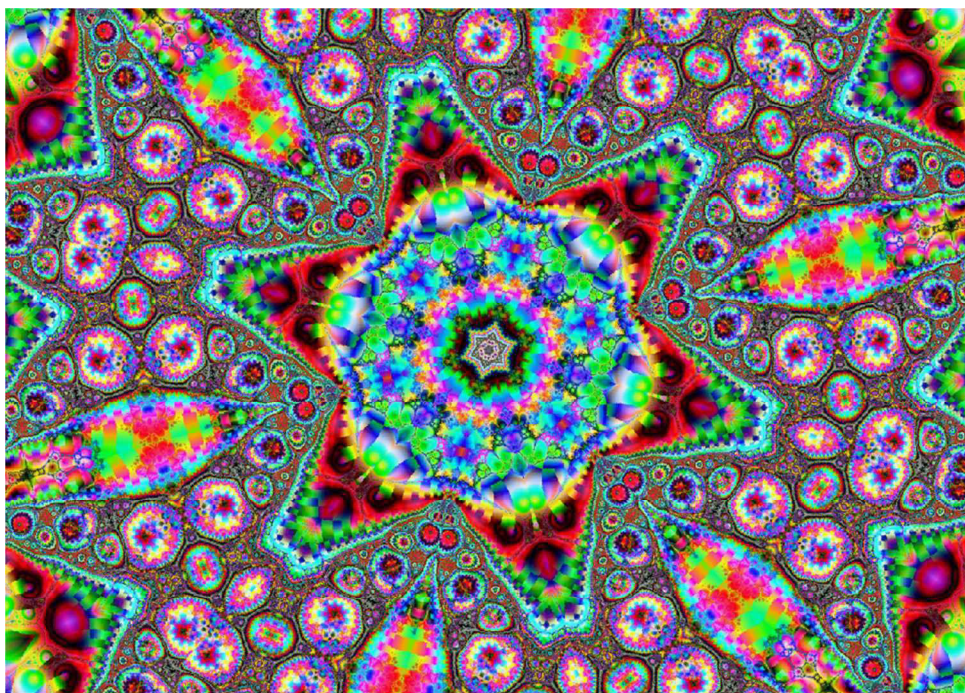
Entrevista com Professor Paulo Roberto Motejunas, ocorrida na residência do depoente, em Caçapava-SP, no dia 28/08/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e Maurílio Costa Filho

Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e seu marido, Maurílio Costa Filho, ex-alunos do Projeto Minerva, ocorrida na residência dos depoentes, em Paraíba do Sul - RJ, no dia 15/06/2013	4
Apêndice A: Cartas de Cessão	31

Volume: Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva

Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva	4
Fita 01 - A Voz do Povo - 19/03/90 - Projeto Minerva - P1	11
Fita 02 - A Voz do Povo - 20/03/90 - Projeto Minerva - P2	34
Considerações sobre o debate	57
Referências	59
Apêndice A: Fotografias Compósitas	61
Referências	67



**Entrevista com Marlene Montezi Blois nas dependências da SOARMEC¹ - Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC (2º andar da Rádio MEC), Rio de Janeiro, 05/10/2011 –
Duração: 02 h 37 min.**

Por Thiago Pedro Pinto

O nome de Marlene Blois nos surgiu logo nas primeiras incursões no acervo da SOARMEC: ele aparecia em diversas caixas arquivo, etiquetadas com “Doação Marlene Blois”, e na assinatura de diversos materiais do Projeto Minerva que pudemos consultar nessas primeiras visitas. Não bastasse isso, houve bastante insistência dos funcionários da SOARMEC e da Rádio MEC em citar seu nome como uma “figura importante” para se conhecer melhor o Projeto Minerva. Após alguns breves contatos nos encontramos na Rádio MEC para almoçarmos e, posteriormente, realizar a entrevista.

Simpática e muito elegante, Marlene mostrou-se sintonizada com as movimentações atuais do Rio de Janeiro. Conversamos sobre muitas coisas, do

¹ A imagem que acompanha o título foi gerada com o software Interactive Psychedelic Kaleidoscope, disponível em <http://img.izismile.com/img/img2/20090618//psychedelic_kaleidoscope.swf>

Rock in Rio, que acabava de ser realizado na cidade aos shows de Juntin Bieber que se realizariam por aqueles dias. Sua curiosidade sobre meu trabalho também deu o tom desse nosso almoço, num pequeno restaurante nas imediações da Rádio MEC.

Ao entrar na Rádio MEC e na SOARMEC pude perceber como a professora Marlene era uma pessoa querida e respeitada naquele meio. Após muitos cumprimentos, já na SOARMEC, iniciamos nossa entrevista.

Thiago: Primeiramente meu agradecimento por ter atendido nosso pedido e estarmos hoje aqui realizando esta entrevista. Fico muito feliz. As indicações vieram de muitas fontes, tanto do livro comemorativo da Rádio MEC², quanto nos materiais doados pela senhora e, posteriormente, pelo pessoal aqui da SOARMEC. Gostaria que a senhora nos contasse como conheceu a Rádio MEC e o que a fez vir trabalhar aqui.

Marlene: Eu sou professora de formação. Fiz a escola normal no chamado Instituto de Educação, que, na época, era uma escola de elite, embora pública, era uma escola de elite. Não tinha saída, e eu dava aula no antigo primário nesse tempo. Aí, as coisas foram passando e eu comecei a escrever livros didáticos para alunos. Escrevi cartilha, escrevi em parceria com outros colegas, livro de língua portuguesa, livro de estudos sociais. Nem sei quantos livros foram publicados, acho que foram uns trinta e tantos: tinha livro do aluno, livro do professor, livro de exercícios, tinha esses livros todos, fazendo uma coleção, um para cada série, eram muitos.

Então, eu trabalhei num projeto, que era um projeto internacional, chamado de Projeto da Fundação Ford³. Era direcionado à criança favelada, e eu me candidatei para ser uma das professoras da turma de controle, experimental. Eram cinco escolas, todas as escolas eram em favelas, cada escola tinha duas turmas dessas, e eu fui selecionada para ser professora dessas crianças do Morro da Mangueira, onde tem a escola de samba da Mangueira. Isso foi uma grande escola, a maior escola de pedagogia que eu tive foi essa. Daí eu resolvi: “*Tá na hora de faculdade*”. Eu não queria ir pra

² *Rádio MEC: herança de um sonho*, de Liana Milanez (org.) – Rio de Janeiro: ACERP, 2007.

³ A Fundação Ford foi criada em 1936 por Edsel Ford e sua mulher Eleanor Clay Ford, nos Estados Unidos da América, como uma organização filantrópica, sem fins lucrativos. Desde então tem atuado em diversas áreas e em diversos países, tendo expandido sua atuação na América do Sul a partir da década de 1960. No Brasil, inaugura seu escritório no Rio de Janeiro no ano de 1962 (FARIA & COSTA, 2006). Disponível em <<http://www.fordfoundation.org>>.

faculdade sem ter uma experiência grande na área pedagógica, então agora eu tinha uma experiência muito grande, porque trabalhar com essas crianças faveladas foi uma coisa de romper com tudo que você possa imaginar, porque eu vinha de uma classe média com seus padrões, e aquelas crianças [*movendo a mão no ar e a cabeça em sentido de negação*] estavam fora de qualquer padrão, e eu tinha que aprender isso aí, como lidar com essas crianças com todas as suas ausências, sequelas, rompimento de padrão e o que você quisesse dizer, tinha tudo por ali, porque essas crianças dessas duas turmas eram escolhidas a dedo, por esse grupo da Fundação FORD que estava fazendo uma pesquisa mundial, em vários países com crianças faveladas.

Eu aprendi muito, muito mesmo com as crianças! Aprendi com esse grupo de especialistas de fora que vinha nos orientar, e aprendi na experimentação das coisas que eu podia fazer. Eu podia experimentar o que eu quisesse por que eu tinha tudo, tinha material, tinha papel colorido, de todas as cores que você possa imaginar, que [nas escolas convencionais] nós não tínhamos, eu tinha! Eu podia fazer tudo com aquelas crianças e eu amava o trabalho, amava o que fazia. Então, a partir daí eu disse: *“Bom, eu agora vou fazer faculdade, mas não quero fazer pedagogia, porque eles vão me desensinar isso que eu aprendi fazendo. Eu quero fazer letras.”* E por que eu queria fazer letras? A palavra é uma coisa que sempre me encantou, a palavra, a forma de falar, a forma de se expressar, como os grupos falam, como eles interagem, como eles bloqueiam, o silêncio, a comunicação, o que é isso?

Então, essa questão da palavra, da oralidade, da palavra escrita, sempre me encantou! Disse: *“Então, vou fazer Letras, então vou estudar Letras.”* Bom, quando eu já estava estudando - não, foi um pouco antes - o pessoal aqui da rádio estava começando o Projeto Minerva [pausa]. Não, ia começar o Projeto Minerva e antes, lá na televisão, já tinha um grupo lá trabalhando, e a professora Judite Paiva e Souza, que tinha sido minha professora de língua portuguesa no Instituto de Educação, me disse: *“Marlene, quero você lá na tevê”*. E eu lhe respondi: *“Tá bom, eu vou pensar nisso.”* Então, antes de eu ir pra lá, eu fui fazer um curso de tevê educativa, que era o único curso que tinha na época. Não se tinha nada, nem nas universidades, aí criaram um curso de tevê e eu fui selecionada.

Aqui no Rio de Janeiro foram selecionadas algumas pessoas, eu fiquei na seleção, era um grupo bem pequeno. A gente trabalhava muito fazendo todas as coisas, eu fui muito bem classificada. Então, a professora Judite, que já trabalhava na tevê disse: *“Bom, agora você vem pra cá trabalhar comigo, tá certo?”* E eu continuava dando aula no Estado. Muito bem.

Mas aí meu marido foi transferido, e eu tive que ir com ele, e a proposta ficou em suspenso. Quando eu cheguei lá, em Alagoas, o pessoal daqui da rádio disse assim: “*Marlene ajuda a turma aí de Alagoas, eles estão começando a implantar os radiopostos*”⁴. Tudo era novo, novíssimo. “*Você que está aí e já tem noção das coisas, que já conversou tanto com a gente, já fez curso de tevê educativa, vai conversando com eles aí.*” Bom, então eu fui lá na secretaria de educação e me ofereci assim: “*Olhem, eu estou aqui, eu quero é trabalhar, vocês não precisam me pagar, porque o que eu não quero é ficar aqui à toa, eu posso colaborar com vocês nisso, nisso e nisso. Vocês aceitam?*” “*Aceitamos.*”

Foi outra escola, porque era outra realidade. Eu viajei com eles, com o pessoal do Mobral⁵, do antigo Mobral. O pessoal estava começando a implantar os radiopostos e eu conheci Alagoas mais que muito alagoano. Eu viajava com eles, para todo canto daqueles eu viajava. Muito bem. Quando voltei, o pessoal da tevê me chamou pra ir pra lá, e o pessoal da rádio estava implantando o Minerva aqui [pausa]. Aí eu pensei: “*Não, eu não vou para a tevê, eu quero ficar no rádio*”, porque era a questão da palavra, da oralidade, do que é isso, eu quero saber essa coisa, eu quero colaborar, eu quero mais ideias, eu quero dar minhas ideias aqui. E aí a professora Judite ficou meio estremeçada comigo, porque, segundo ela, eu tinha sido aluna brilhante, aquelas coisas todas que ela falava, que eu tinha que ir pra lá porque a televisão era muito mais importante. Sabe aquela história que a televisão é muito mais importante que o rádio? Então, era isso. E eu disse: “*Não!*” Aqui na rádio quem estava começando a implantar o Minerva era a professora Helena Teodoro.

⁴ Radioposto é o nome dado ao local onde alunos e monitores se reuniam, em média duas horas por dia, de segunda a sexta-feira, para ler os fascículos, fazer os trabalhos e ouvir os programas pelo rádio. O Radioposto poderia ser instalado em locais muito diversos, como escolas, igrejas, quartéis, galpões etc. “*Para instalar o radioposto, basta uma sala, cadeiras ou carteiras, quadro de giz e, naturalmente, o rádio. O rádio deve ser colocado na frente dos alunos e estes estarão dispostos de preferência em semicírculo*” (MEC, 1976). Muitas vezes o radioposto contava com um aparelho de rádio de frequência cativa, ou seja, sintonizava apenas a frequência da rádio que transmitia o programa do curso em questão. Segundo o termo de compromisso assinado entre o Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE) e as Secretarias de Educação de Estado, caberia a esta “*instalar e operar uma rede de recepção organizada, baseada em radiopostos com Supervisão e Monitoria permanentes*”. O mesmo acordo, publicado pelo Diário Oficial da União (p.e., à página 21, Seção 2 do DOU de 26 de Novembro de 1976, acordo entre o SRE e a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco) dizia, ainda, que caberia a esta Secretaria arcar com esses gastos.

⁵ Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBREAL – criada pela Lei 5.379, de 15 de dezembro de 1967. A mesma lei aprova o **Plano de Alfabetização Funcional e Educação Continuada de Adolescentes e Adultos**, visando a oferecer formação básica à população brasileira não alfabetizada, primordialmente no que diz respeito ao ensino de leitura e escrita para reduzir as taxas de analfabetismo do país. A criação do MOBREAL estava também relacionada aos Acordos MEC-USAID, firmados entre o Ministério da Educação brasileiro (MEC) e a *United States Agency for International Development* (USAID). Diversos acordos de cooperação foram traçados entre 1960 e 1976 (Cf. SILVA, 2012). Jarbas Passarinho, um dos criadores do MOBREAL, em entrevista, assume com muito ressentimento “[O MOBREAL] foi um fracasso e essa é uma das minhas tristezas mais dolorosas” (BUFFA & NOSELLA, 2001, p.33).

Helena Teodoro tinha trabalhado comigo na Secretaria de Educação, porque depois daquele projeto que eu falei de criança favelada, o pessoal da Secretaria estava criando um grupo para dar orientação pedagógica para os professores do município (que era o Rio de Janeiro). Me convidaram, pela experiência que eu tinha acumulado, pra fazer parte deste grupo. A Helena me conheceu neste meio, entendeu? Aí ela me chamou pra vir pra cá. Eu amei!

Eu amo o rádio, eu adoro o rádio até hoje, trabalhei com outras mídias, mas o rádio é o meu xodó, realmente é o meu xodó! Então, eu vim pra cá, começamos a pensar e montar o Projeto Minerva. O Projeto Minerva tinha dois segmentos: o segmento rádio e o segmento tevê.

O segmento tevê era o Projeto João da Silva, e aqui nós começaríamos a trabalhar de quinta a oitava série, o segundo segmento do que atualmente é a educação fundamental, tá certo?!

Muito bem, mas por que isso estava acontecendo? Essa é a pergunta que a turma não faz: por que surgiu tudo isso? O que estava por trás desse negócio que não está escrito em lugar nenhum, entendeu?! O que significava? Nada em educação se pode pensar fora da contextualização histórica, geográfica, contextualização histórico-geográfica. Eu tenho que pensar nessas duas coisas, na localização e na temporalidade do fato. Por que o Minerva surge nos anos setenta, mil novecentos e setenta? É isso: a ideia do Minerva surge porque a Revolução que vinha de sessenta e quatro já tinha feito um trabalho de base com o Mobral.

O que tinha no Mobral? Duas coisas (eu vou apanhar, mas vou dizer): uma era a questão da alfabetização do povo, era questão de honra dos “milicos” baixar os índices de analfabetismo neste país. Mas por trás dessa rede existia um controle.

Então, aí era possível desenhar o que acontecia em cada município. Em cada município, na hora que era criado um núcleo, uma sede, uma pequena célula do Mobral ali, a “*inteligência*” podia conhecer: quem é quem? Onde está? Onde mora? Filho de quem? O que o cara faz, se é subversivo, se não é subversivo... Tudo ficava facilitado pela questão educacional.

O mote era educação! Bom, acontece que isso começou muito bem e foi indo, a par desse lastro espião que, diziam, tinha por trás. O importante é que o povo estava saindo daquela ignorância total e horrível que nos denegria, que era uma outra escravidão: a escravidão da ignorância, entendeu? Então o Mobral veio, veio, veio, veio, e tome! Os prefeitos faziam festa. Eu participei. Vi várias dessas solenidades. Os prefeitos faziam festa, entregavam certificados, camisetas, não sei mais o quê. Tudo na festa de encerramento de turmas do Mobral.

Acontece que esse pessoal começou a terminar o correspondente às quatro primeiras séries do primeiro grau, faziam alfabetização e depois passavam por um compacto que era uma educação continuada dessa alfabetização, o que corresponderia às quatro primeiras séries do ensino primário antigo, tá certo? O povão que eu tô dizendo eram jovens e adultos, jovens e adultos que estavam fora da escola. Então arrebanha essa galera toda, põe nesses postos e tome alfabetização, tome educação continuada. Sim, mas e agora? O que fazer com essa galera toda? Essa galera começou a pressionar! *Quero mais, quero mais!* Os que se interessavam. Os que não se interessavam pararam por aí mesmo, voltaram pra roça, voltaram pra fazer o que faziam, mas estavam um pouco mais esclarecidos, tá certo?!

O que estava faltando era continuar, para os que queriam continuar, os que queriam terminalidade do então primeiro grau, tá certo?

E aí, paralelo a isso (e é isso que a gente tem que botar na mesa), tem que ver todos os ângulos, todos os lados da coisa. Isso é o lado político que está (como é que se diz?) que está... segurando a educação, segurando, melhorando isso aí. Mas tem também o lado econômico rolando aí atrás: o Brasil precisava ser grande. Os “milicos” diziam isso: “*a gente precisa do Brasil grande*”. Era um lema, Brasil Grande, “ame ou deixe-o”, não sei o quê. Tinha esses slogans. Criaram vários. O Brasil grande era um desses. O que era o Brasil Grande? Era tirar o Brasil da total ruralidade, melhorar as indústrias, não é? Como melhorar indústria com um povo ignorante e analfabeto? Impossível, mesmo naquela época. Impossível como ainda é agora, que a gente precisa melhorar a indústria e não tem pessoal qualificado. Então, agora, qual é o segundo Mobra? São as escolas técnicas que a [atual presidente] Dilma está aí maravilhosamente implantando. Começou com o Lula, entendeu?! Então, é a segunda grande alfabetização, que não é a alfabetização das letras, mas é a alfabetização da profissionalização. O cara acaba o segundo grau e não sabe o que faz, o cara não quer estudar o segundo grau porque não vê terminalidade. Quem terminou com a educação profissionalizante? Alguém chegou aí e acabou com isso!

Antes uma coisa caminhava paralela a outra, entendeu?! Agora não. Acaba um pra fazer o outro, aí o cara não faz! Não acaba porque não vê terminalidade com nada! O cara acaba o chamado segundo grau daquela época e é o quê? Nada! *O que que você é? Nada! Eu não sou nada! Eu não tenho profissão*, entendeu?!

Então, o que tá acontecendo agora com a escola técnica foi a mesma coisa que aconteceu lá atrás. O pessoal da área econômica, Delfim⁶, Simonsen⁷, essa galera, disse pro governo, governo totalitário: *“Cadê o pessoal pra trabalhar nas nossas indústrias? Cadê esse pessoal? Mas tem o Mobral! Mas é que o Mobral não chega, não serve, é preciso mais...”*

Se tem uma coisa que temos que agradecer de joelhos ao pessoal da revolução é o sistema de telecomunicação que foi implantado no Brasil.

O Brasil teve um sistema que nenhum outro país da América, tirando os Estados Unidos é claro, teve. Nenhum teve! Por quê? Porque nesta hora em que nós todos nos *ligávamos*, também tinha, é claro, o lado da inteligência que estava por trás disso. Nada foi gratuito. Entende? Nada foi gratuito, como não foi o Mobral, como o Minerva também não foi, entendeu?!

Então, havia uma outra proposta, como uma nuvem encoberta que ninguém via, mas que estava ali. Na hora em que se implantam as rádios na Amazônia... para que se implantam rádios na Amazônia? Para bloquear as transmissões das rádios que vinham de Cuba, de outros países de língua espanhola, dizendo onde os presos estavam, o que estava acontecendo aqui, dizendo as coisas que a gente não ouvia, não podia ouvir, não sabia - mas por elas ficava sabendo.

Era a catequese política que vinha de fora. Então, nessa hora se implanta um grande, enorme, um macro sistema de telecomunicação que bloqueia isso: se cria a RADIOBRAS⁸, se bota satélite no ar, e a gente está com o país maravilhoso coberto e sem nuvens, sem nuvens, sem interferências externas políticas, tá certo?

Então, a partir disso daí, desse pano de fundo que eu estou te dando, é possível começar a pensar num grande sistema de educação mediada. Antes não se podia, agora eu posso fazer isso, eu posso botar repetidores de televisão, de rádio, eu posso usar o satélite, e agora eu posso criar um sistema de educação que vai dar continuidade àquela galera que saiu do Mobral e que está fazendo pressão e

⁶ Antônio Delfim Netto, nascido em São Paulo em 1928. Formado em Economia pela Universidade de São Paulo foi Ministro da Fazenda de 1967 e 1974. No governo do presidente João Figueiredo (1979-1985) foi, sucessivamente, Ministro da Agricultura e Ministro do Planejamento.

⁷ Mário Henrique Simonsen, nascido no Rio de Janeiro em 1935, coordenou as atividades do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) de 1969 a 1974. Foi presidente do Banco Central na década de 1960, durante o governo Castelo Branco, tendo sido, depois, Ministro da Fazenda do Brasil de 1974 a 1979. Faleceu em 1997.

⁸ A Empresa Brasileira de Radiodifusão, criada pela lei nº 66.301, de 15 de dezembro de 1975, vinculada ao Ministério das Comunicações, encerra oficialmente sua atuação em 2008. Durante seu período de atividade teve como objetivo gerenciar, implantar e expandir os serviços de radiodifusão do Governo Federal, dando especial atenção às regiões de pouco interesse comercial. Teve importante atuação quanto ao bloqueio de ondas de rádio, na Amazônia, vindas do Leste Europeu e Caribe (SAROLDI & MOREIRA, 2005, p.179)

precisa ser atendida para que ela não seja insuflada contra o sistema, entendeu?! Pra ela prosseguir... Então, ela prossegue do meu lado porque eu é que estou dando as coisas para ela. Deu pra entender isso? Está claro isso?! Já ouviu falar isso tão claramente assim? Acredito que não.... [risos]

Muito bem! Por que o rádio aí teve um papel fundamental? Se a gente andar um pouquinho pra trás no tempo, vai ver a experiência de Paulo Freire.

As Radioescolas, todo este sistema que foi montado no Nordeste, do Rio Grande do Norte⁹, pra baixo, com a maravilhosa Igreja Católica abrindo os olhos e dizendo *“Eu estou presente, eu não estou com os coronéis nordestinos, eu não estou aqui só para as benesses dos coronéis da cana de açúcar, eu quero estar com o povo.”* Então, ali eles já tinham mostrado que isso dava certo. Não era uma tentativa em vão, como muita gente diz. Paulo Freire, eu falei isso pra ele: *“Paulo, você teve um papel fundamental, sabe porque? Você provou que é possível, não era uma coisa apenas idealizada por professores que ficavam no Rio de Janeiro e que queriam fazer isso na verdade. Não! Isso foi no Nordeste, com o Nordeste pobre, com umas rádios ferradas, para não dizer outra coisa, que não tinham grande poder de penetração. E as coisas aconteciam.”*

Então, isso é uma coisa latente como dizendo pros milicos: *“Isso dá certo!”* Fizeram educação pelo rádio, mas fizeram também educação ideológica pelo rádio. Fizeram essas coisas todas. Então, na verdade, tínhamos que fazer educação, porque a turma da economia estava nos pressionando, a gente precisava se preparar, como é que essas indústrias vão pra frente? Não vão pra frente! Esse povo todo aí só tem o curso do Mobral, sabe lá Deus como foi feito, porque o prefeito queria era fazer oba-oba, festa e não sei o quê e tal e coisa. Eu fui a várias, sei como é...

Muito bem. Então aí, vamos criar um sistema de rádio e vamos criar um sistema de televisão. Tá certo? Então, como é que nós vamos fazer? Aqui neste prédio funcionava o SER- Serviço de

⁹ As Radioescolas ou Escolas Radiofônicas no Rio Grande do Norte levavam às regiões rurais e ao interior do estado o ensino a distância para jovens e adultos. Apoiadas no *Método Global* e na pedagogia de Paulo Freire, as Escolas Radiofônicas ofertavam o curso primário visando à diminuição da enorme taxa de analfabetismo na região. Seu início deu-se em 1958 com transmissão feita pela Rádio Rural de Natal. As escolas radiofônicas eram diretamente ligadas à Igreja Católica que mantinha o SAR (Sistema de Assistência Rural), e a partir de 1961 expandiram sua atuação por diversos estados por intermédio do MEB (Movimento de Educação Básica) (ASSIS, 2011). Nas Escolas Radiofônicas, diferentemente do que ocorria no Projeto Minerva (PMi), havia a figura do Professor Locutor, que se responsabilizava pelo planejamento das aulas e por sua narração pelo rádio.

Rádiodifusão Educativa¹⁰, e lá na TV estava começando a tevê educativa, TVE-RJ, estava começando. Muito bem. Então, aqui a gente tinha uma estrutura, tinha essa rádio, a Rádio MEC, que foi doação do Roquete, do histórico Roquete-Pinto¹¹, não é isso?! Já se estava dentro dessa perspectiva de sistema de telecomunicação nacional com a criação da RADIOBRAS e tudo mais, tendo duas emissoras em Brasília, uma AM e depois uma FM, e já se tinha uma tevê educativa no Maranhão¹², que era estadual. Já estavam fazendo experimentos super interessantes por lá. Dinheiro do Canadá, dinheiro não sei de onde, que se jogava por lá. Mas, a gente aqui não tinha controle disso. A gente ficava sabendo que estava acontecendo. Então, aqui se cria no ministério, um grupo de trabalho. O SRE, na verdade não pertencia ao Ministério da Educação, e sim ao da Cultura. A gente era da Cultura. Então, as coisas aconteciam aqui. Como é que ia fazer a produção das radioaulas? Não tinha outro lugar, essa era a rádio educativa, né?! Então, o que se fez? Criou-se um grupo de trabalho aqui dentro, que era o Projeto Minerva. Então, o Projeto Minerva, na verdade, entre aspas, era um “corpo estranho” aqui dentro, porque aqui dentro era a cultura: uma orquestra sinfônica, quartetos de corda, quarteto de sopro, cameratas, coral essas coisas musicais. Um grande estúdio sinfônico que há aqui (não sei se você já viu). Então, ali é que a orquestra ensaiava. Gravavam ali, porque aquele estúdio é perfeito acusticamente, perfeito! Nunca se fez outro assim, perfeito acusticamente!

Quando o Minerva é criado, nós éramos aquele corpo estranho aqui dentro. E havia uma certa rivalidade por espaço de estúdio, de não sei o quê e tal que a gente precisava, porque a gente chegou aqui atropelando, atropelando porque havia um cronograma super apertado e tinha que produzir aquele monte de aulas, para botar no ar, sabe como é que era?

¹⁰ O SRE foi criado em 1937, com a Lei 378. Em 1967 (Lei 53.556), o órgão recebe novas funções e em 1970 é atribuída ao SRE, então vinculado ao Projeto Minerva, a função de coordenar as atividades previstas na portaria interministerial nº 408/70.

¹¹ Edgard Roquete-Pinto. Seu envolvimento com as Ciências, a Educação e a Arte, e com diversas expedições pelo território nacional e outras atividades, lhe renderam o apelido de “Homem-multidão”. Nascido em 1884, gradua-se pela escola de Medicina em 1905. Ocupou durante certo tempo a cadeira de antropologia e etnografia do Museu Histórico Nacional. Após este período, já com 27 anos, participou de uma expedição de quatro meses com o tenente-coronel Cândido Mariano da Silva Rondon pelo Mato Grosso e Amazônia. Suas anotações foram a base de seu livro *Rondônia*, de 1916. Em 1923 fazia experiências em sua casa produzindo, improvisadamente, um receptor de rádio. Pouco depois estava à frente da fundação da primeira emissora de rádio do Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (juntamente com Henrique Morize), doada ao Ministério da Educação em 1936 devido a abertura das rádios à propaganda (*Rádio Mec: herança de um sonho*) (BARBOSA, 1953).

¹² A Fundação Maranhense de Televisão Educativa, criada em 1969 sob *regime de urgência*, atuou durante seu primeiro ano em circuito fechado, mantendo um total de 35 salas de aula. A TVE Maranhão respondia pelo ensino regular oficial das séries ginasiais em São Luiz, capital do estado, e em algumas regiões do interior, atendendo a aproximadamente treze mil alunos. (FERNANDES, 2011, p. 155)

E o pessoal aqui tinha um ritmo, a Cultura que estava aqui dentro produzindo seus programas tinha um ritmo, que não era esse! Eles tinham tudo programado, programa de música clássica, ópera, concerto, tudo bonitinho, maravilhoso! Num ritmo próprio... e entra um grupo de educação, junto com produtores, redatores, diretor de programa, sonoplasta, não sei mais quem, entra aqui e vai ocupando os espaços e cria espaço lá em cima, e nós fomos chegando, entendeu? E havia um descompasso, inclusive com o salário, esse grupo ganhava um pouquinho mais que o outro, então era um negócio complicado aqui, entendeu?

Então, aqui começamos nós. Fomos chamar professores, porque aqui não havia professores. Tinha radialistas, redatores, rádioatores, esse povo do rádio! E nós fomos chegando. Então, como fazer? Vamos primeiro fazer um curso simples, pequeno, vamos começar assim. Mais adiante, o que é que a gente fez? A Cultura, a TV Cultura de São Paulo, tinha um material de televisão e nós produzimos rádio com base aquele material de televisão.

Depois, então, aí sim, entrou o chamado Curso Supletivo de Primeiro Grau, porque, enquanto a gente foi colocando no ar esses projetos pequenos, era tempo de produzir um curso supletivo inteiro, que correspondia às quatro últimas séries do então primeiro grau, entendeu? Então, a gente tinha que produzir isso num tempo recorde, num tempo recorde. Montar uma estrutura no Brasil inteiro, montar uma estrutura local [batendo as mãos no banco] que nós chamamos de radioposto, onde os alunos iriam se encontrar, onde eles iam estar presentes para ouvir as radioaulas, tá certo? E montar a estrutura de engenharia [movendo as mãos em grandes círculos ao alto], engenharia de telecomunicações, para transmissão, recepção, aparelhos de rádio, comprar aparelhos de rádio, mandar esses aparelhos de rádio para todos os radiopostos. Era uma logística fantástica. Não era uma coisa simples como as pessoas hoje chegam e pensam que o Minerva foi. Não foi, não foi nada simples! Era muita gente pensando, em mil novecentos e setenta... Isso quer dizer quantos anos? Trinta, quarenta? Quarenta anos atrás, a gente pensando nessas coisas, e qual deveria ser a pedagogia que iríamos usar no rádio? Usando material impresso, usando intermediários que seriam os monitores, os supervisores nos estados, pra montar isso tudo aí.

Esses projetos anteriores nos serviram de aprendizado, porque todos nós que viemos pra cá não tínhamos curso de rádio educativo, isso não existia, como não existe até hoje, não existe esse curso. Então a gente foi aprendendo fazendo. Os professores contratados para trabalhar na equipe básica eram professores especialistas de nome, para escreverem o material bruto das aulas, como nós chamávamos. Eles escreviam as aulas e depois nós discutíamos aquilo internamente,

pedagogicamente: como é que aquele assunto ia ser abordado pelo rádio para chegar ao aluno? Aí entrava o grupo de redatores, fazia o *script* de cada aula, para depois entrar para a produção. Aí entravam os atores, locutores, sonoplastas... Aprendendo fazendo, aprendendo fazendo. Entendeu?

Esse material que os professores contratados, os especialistas em português, matemática, história, geografia, ciências etc., passavam pra nós, tinha dois destinos: um destino era virar rádio, o outro destino era virar material impresso. Esses materiais não eram iguais, não eram absolutamente iguais. Os assuntos eram os mesmos, claro que alguns exemplos eram os mesmos, mas no material impresso tinha foto, o material impresso supria a falta do visual, que o rádio não tem.

Nós chegamos a estabelecer uma metodologia de uso no radioposto.

Como deveria ser isso? Primeiro: todos os alunos ganhavam o fascículo, né?! Havia um mapa de transmissão. A primeira aula era isso, a segunda era tal, terça, quarta, era assim, cada dia tinha duas aulas de quinze minutos, tá certo?! Então, cada dia tinha duas aulas, o aluno sabia o mês todo quais eram as aulas daquele mês, numeradas, e ele recebia com antecedência o fascículo. Então, qual era a orientação? Depois de dar treinamento para os supervisores, cada estado tinha um coordenador, o coordenador estadual, e tinham os supervisores. O que eram os supervisores? Em geral, atuavam por regiões ou por município... cada estado era de um jeito. Às vezes, nos municípios grandes ou nos mais importantes tinham vários supervisores. Ou porque tinha muito aluno. Cada radioposto tinha um monitor que não necessariamente era professor. Em geral, ele não era professor, porque no local não tinha nem professor, entendeu?! Tinha lugares que não tinha professor, que o Secretário de Educação não tinha nem curso de 1º grau, nem superior, muitos Secretários de Educação de municípios do interior eram alunos do Minerva, entendeu?

Você viu que coisa fantástica isso?! Então, a gente dava treinamento, treinamento pros coordenadores, treinamento pros supervisores, e esses supervisores passavam pros monitores. Nós visitávamos os radiopostos por esse Brasil a fora, íamos lá no interior. A Secretarias Municipais e a Secretaria Estadual cediam carro pra levar a gente lá naquele município, Ponta Grossa (PR), Cascavel (PR), Arapiraca (AL), por essas bandas todas eu já andei. Então, esses lugares a gente ia visitar e ia assistir como é que estava acontecendo no radioposto. Então, qual era a orientação? Meia hora antes, os alunos chegavam, o monitor chegava, eles liam a aula, o texto no fascículo correspondente àquela aula que estava no mapa, que eles sabiam que iam ouvir, anotavam o que eles achavam que não tinham entendido bem, tiravam dúvidas de palavras que, às vezes, dependendo do nível... a gente, por mais que usasse uma linguagem simples e tal, mas às vezes os

alunos esbarravam em algumas palavras... Muito bem: o monitor tirava a dúvida, iam para o dicionário, cada radioposto desse tinha um dicionário. Então, às oito horas da noite, entrava a primeira aula, depois entrava a segunda aula, depois eles ficavam mais meia hora para discutir, para fazer os exercícios, pra ter orientação do monitor, era mais ou menos isso, entendeu?! Essa era a dinâmica. E iam pra casa, faziam exercícios. Os amigos se reuniam em outros horários. Era assim. Então, isso foi o Minerva. Acontece que o Minerva foi botando gente pra fora também, em termos de terminalidade de ensino de primeiro grau, não é isso?! E aí continua a pressão, agora a pressão era pra que?! Pro segundo grau. Começou a pressão pro segundo grau: *“eu quero fazer o segundo grau, eu quero ir para a faculdade, eu quero fazer um profissionalizante...”* Os motivos eram vários, *“porque o meu filho esta terminando o primeiro grau, como é que eu vou ensinar ele? Eu tenho que fazer o segundo grau”*, e então produzimos o segundo grau dentro do Minerva.

Aí nós já passamos a fazer um trabalho com a Fundação Roberto Marinho¹³. A Fundação Roberto Marinho tinha procurado o Ministério, pois tinha toda a expertise para produzir material para a televisão, mas não tinha nenhuma expertise para produzir pra rádio.

Então o que é que nós começamos a fazer? Ao invés de atualizar as aulas todas do primeiro curso de supletivo de primeiro grau, nós começamos a trabalhar em conjunto com a Fundação Roberto Marinho. Eles nos mandavam os conteúdos. A gente tinha que ir pra São Paulo porque a produção deles era em São Paulo. A gente viajava pra São Paulo, e, então, discutíamos com os especialistas deles, os professores e então eles mandavam o material, nós radiofonizávamos esse material. Então... começaram os telecursos, de primeiro e segundo graus. Na segunda etapa já é uma produção que hoje chamam de público/privado, não tem isso agora? Projeto público/privado: a gente já fez isso em educação!

Olha que coisa bonita!

Então, a gente ia, eles vinham, às vezes a gente mudava coisas aqui e comunicávamos a eles que iríamos mudar porque não concordávamos com o que estava escrito, eles alteravam lá, e por aí ia...

Então, eles ficaram incumbidos da produção dos telecursos para a televisão, pois eles tinham uma rede fantástica (a rede educativa não se igualava), embora os horários fossem péssimos... continuam

¹³ A Fundação Roberto Marinho surgiu em 1977 e tem atuado na área de educação e cultura. No que diz respeito às suas atividades educativas, seu carro chefe tem sido o *Telecurso*. Criou o Canal Futura, destinado à programação cultural e educacional. <<http://www.frm.org.br>>

péssimos, né?! E nós continuamos produzindo os nossos cursos a distância, de primeiro e segundo grau.

Em todos os estados tinha rádioposto e teleposto, até porque se estava numa ditadura...

Eu não tenho nenhuma dúvida dessa pressão: éramos muito bem recebidos (nos estados e municípios). Quem ficou depois da Helena Teodoro (que seguiu fazendo outras coisas) foi Solange Leobons. Eu era uma segunda dela. A gente trabalhava meio assim, com muita autonomia, mas era ela a coordenadora. Nós viajavamos por esse Brasil inteiro, éramos recebidos nos Conselhos Estaduais (CE), porque tinha uns Conselhos Estaduais que ficavam brecando (como que ia ser isso, aquilo, como é que ia ser o exame pra dar o certificado pro aluno?). A gente ia pros conselhos, conversava com os secretários, com os coordenadores nos níveis de estado, tudo isso. Nunca tivemos problema, nós sempre fomos muito bem recebidos, não sei se eles achavam que a gente tinha, não sei, algum poder, por analogia, por osmose, sei lá por que, com a milicada. Não tínhamos! Nós também éramos vigiadas, tudo que saía daqui tinha censura, era vigiado, era lido, todas as aulas eram lidas, os textos eram lidos, mas como o censor era uma espécie meio burra, a gente passava milhões de coisas e eles nem viam, e às vezes empacavam com umas besteiras que não tinham tamanho. Mas tudo bem, não mudava em nada, entendeu?!

Então, era isso. Aí, os estados criavam núcleos, colocavam uma coordenadora, que era um cargo político local. Depois criavam uma equipe de supervisão no estado e essas supervisoras iam aos municípios ver se os radiopostos estavam funcionando. Funcionava radioposto em quartel, igreja, em espaços da própria escola em horários em que a maioria das escolas no interior não funcionavam... Funcionavam em locais incríveis: quartel de polícia, quartel de bombeiro, funcionava em qualquer lugar. Havia um consenso de que era pela educação que se ia melhorar este país. Isso era claro, sabe?! Era claro isso. O povo acreditava nisso. Então, como estavam vindo muito de baixo, vindos do Mobral, quando terminavam o primeiro grau... Nossa, aquilo era um orgulho, um orgulho! Entendeu? Era uma coisa muito bonita, muito bonita. Eu acho que o Minerva, no seu contexto macro, fez muito, e só não fez mais por falta de dinheiro, porque não se faz um projeto nacional dessa envergadura com pouco dinheiro. Repara; olha como era com o avanço em termos de militares: a gente abria, a gente descentralizava o poder, tá entendendo isso? Naquela época isso não existia, entendeu? Então, na hora que você cria as coordenações dos estados, os estados criam suas redes de supervisão, isso é um poder descentralizado, entendeu?

Brasília estava lá, mas nós estávamos aqui. A gente ia, sei lá... mais ou menos uma vez por semana a gente tinha que ir a Brasília, eles queriam números, números, números, estatísticas. Dizia-se que estados burlavam as estatísticas, alguns estados, e a gente ia lá conferir se era verdade, se não era. Viajávamos também para imprimir, produzir os fascículos, porque uma hora a [Editora] Bloch ganhava... só tinha duas grandes editoras capazes de produzir a quantidade de fascículos do Minerva: uma vez ganhava a Bloch, outra vez ganhava a Abril. Então, ficávamos eu e Solange, indo pra São Paulo, na Abril, ou aqui no Rio, na Bloch, para selecionar fotos, fazer a revisão final, selecionar tudo: “isso não tá bom”, “não, isso não! Essa (ilustração) tá grande”, “essa está pequena, troca!” Eles nunca criaram problema, eles trocavam: “não, essa foto pra capa não”, “não, isso não está dizendo o que é, troca essa capa.” A gente ia pros arquivos da Abril, da Bloch, foto, foto, foto [gesticulando com a mão como se virasse páginas de álbuns] selecionar aquelas fotos, entendeu?! Então, foi isso, foi um trabalho muito, muito grande... Foi um aprendizado, do que é o Brasil, do que o Brasil precisava naquela época, mas sem nenhum romantismo, pelo menos da minha parte. Eu creio que nem todas as colegas tinham essa visão que eu estou passando pra você, de que tinha a coisa política, ideológica por trás.

Aqui nessa sala, aqui onde nós estamos agora nesse momento, aqui ficava a censura. Aqui, trancada aqui, as portas eram todas de aço, de não sei de quê, eles ficavam trancados aqui, entendeu?! E quando eu viajava, eu ia para um lado e a Solange ia para um outro, nós éramos um grupo pequeno. A gente tinha prazos muito apertados, tínhamos que assistir às gravações, ver se o locutor pronunciava corretamente ... “*não, não, não, não é assim, a pronúncia não está correta*”, não sei o quê, sabe?! “*Não ficou bom, grava de novo!*” Os nossos diretores eram ótimos, mas tinha sempre uma professora responsável presente (no estúdio), entendeu?

Eu e Solange éramos as que viajávamos mais para fazer os contatos. No nível macro e pra acompanhar a produção dos fascículos, mas muitas vezes, quando havia reuniões nos estados, reunião do Minerva em São Paulo, reunião não sei do que, que os estados também faziam, e que a gente ia. Lá quase sempre o cara da censura ia atrás da gente, grudado na gente. Quer dizer, não ia junto, mas você ficava sabendo que o cara estava lá, metido no meio do povão, entendeu?

Às vezes eles vinham: “*quem era aquela pessoa de roupa tal que fez aquela pergunta pra você?*” “*Não sei, não sei quem é*”. “*Mas de que lugar é? De que lugar? Como é o nome dele, como era, de que município ele é?*” “*Não sei, não sei, vai lá e pergunta a ele, não sei!*” Imagina...

Estava lá de olho em todo mundo, entendeu? Eles estavam de olho... Eles estavam presentes. Mas isso é um detalhe de uma proposta que foi muito importante.

Houve uma época que nós diversificamos a cadeia de emissoras de rádio para oferecer programas culturais. Nós pensamos isso internamente: educação só não chega! Essa gente não vai crescer sem cultura, a gente tem que fazer programas culturais pra eles, programa de música popular, sabe? História disso, história daquilo, mas não história do currículo. Não era isso, sabe? Então, nós fizemos. O Allan Lima¹⁴, que já faleceu, infelizmente, cuidava dessa parte. Gravamos com o Paulinho Tapajós¹⁵, tanta gente tão legal que gravou aqui com a gente, fazendo séries culturais, falando da história do teatro, folclore, literatura, história do balé, sabe?! Pra ver se ampliava a visão dessas pessoas, porque o mundinho delas era tão pequeno, era o quintal da casa. Então, a gente não ia passar uma perspectiva de aumentar essa pessoa, enquanto visão de Brasil, visão de mundo só dando história, geografia, português, matemática, sabe?! Tinha que ampliar as perspectivas dessas pessoas. Era assim: a gente inventava festa, aí eles se reuniam e faziam festas. Os estados eram muito mais criativos que nós: criavam festas, festa junina, tinham os que convidavam a gente, às vezes a gente ia, quando dava a gente ia, então era assim...

[Renato¹⁶ entra na sala e junta-se a nós]

Thiago. Uma das minhas perguntas se referia justamente aos problemas enfrentados pra tocar a frente o projeto...

Marlene. Bom, primeiro, sempre era o dinheiro, né?! A gente querendo fazer coisas muito maravilhosas, com dinheiro que não dava, que era contado. Se a gente queria, por exemplo, nessa

¹⁴ Allan Lima atuou principalmente no radioteatro. No *website* da SOARMEC encontra-se interessante entrevista concedida por ele e Ieda Oliveira à SOARMEC, cujo foco é o radioteatro desenvolvido pela Rádio MEC (por alguns momentos ambos discutem os programas educacionais da emissora). Ao ser perguntado qual seria a contribuição do radioteatro aos programas educativos responde: *"É evidente que alguma coisa apresentada a várias vozes e dramatizada tem muito mais encanto que um programa feito a uma só voz ou a duas. Existe o que nós chamamos de "programa do sabido", onde o locutor sabe e todos os ouvintes não sabem. Estou me referindo a programas educativos, tipo depoimento ou palestra. O segundo formato primário de programa é "o burro e o sabido". São duas personagens: um entrevistador e um entrevistado - o entrevistador é o "burro" e o entrevistado, o "sabido"; o entrevistador é aquele que não sabe (posição que se acredita ser a do ouvinte), e o entrevistado é aquele que sabe, e vai transmitir seus conhecimentos ao entrevistador e a todos aqueles que ouvem. Existe uma forma muito mais suave de transformar aquilo que tem que ser passado aos ouvintes, aquilo que tem que ser mensagem positiva de ensinamento, de educação, no sentido amplo da palavra, e que é muito mais encantadora, muito mais suave e muito mais gostosa de se ouvir: quando há várias vozes e, principalmente, quando é dramatizado."* <<http://www.soarmec.com.br/allanyeda.htm>>

¹⁵ Paulo Tapajós Gomes Filho, nascido em 1945 no Rio de Janeiro, é compositor, cantor, produtor musical, escritor e arquiteto, foi vencedor de diversos Festivais da Canção, obtendo muito sucesso como compositor e intérprete musical.

¹⁶ Renato Rocha, ex-funcionário da Rádio MEC, compositor, radialista, atualmente atua como secretário da SOARMEC.

série cultural, contratar um bom artista, não tínhamos dinheiro, tudo era contadinho. O primeiro problema era esse. O segundo é o tamanho do Brasil, quando você descentraliza um projeto dessa natureza. Porque muitas vezes a gente chegava em um radioposto e o que é que acontecia? A fulana que estava lá de monitora se arvorava de professora, desligava o rádio e pegava o fascículo e ia dar aula... Isso era a...

Renato. Negação da coisa.

M. Era a negação da coisa. Você tinha que criar uma mentalidade de qual era o papel do rádio, qual o papel do fascículo, qual o papel do monitor e qual o papel do grupo. Porque para nós o grupo era muito importante, a gente não estava dando aula para um, pra dois, a gente estava dando aula pra duzentas mil pessoas, que era uma multidão naquela época, fora as pessoas que a gente nunca soube.

A gente tinha a recepção organizada: o aluno chegava lá, se matriculava no município, no estado, tudo arrumadinho como tinha que ser, frequentava radioposto, ganhava fascículo, ia prá lá, ouvia rádio. Tudo bem. Tinha esse. Tinha o que a gente chamava de recepção controlada, ele não ia todo dia, mas a gente sabia que ele existia.

Ele fazia uma matrícula, mas ele não ia, a gente sabia, o estado sabia que ele não ia, mas ele fazia os trabalhos, ele só podia frequentar no sábado, então no sábado o radioposto abria pra atender esse grupo. Por exemplo, os seringueiros. Os seringueiros que eram nossos alunos ficavam enfiados na floresta, sangrando a seringueira como eles chamam, e eles não vinham. Mas eles ouviam o programa. Eles não tinham nenhum apoio como os outros tinham, mas quando chegava na sexta-feira, eles voltavam para a vila, no sábado eles participavam da reunião, entendeu? Eles tinham a reunião com o grupo local, com o monitor lá, passavam as aulas, ouviam em cassete, tiravam dúvidas. Então, esse era o grupo controlado. E tinha a recepção livre. Dessa nunca soubemos nada, nem quantos, nem quem eram, onde estavam, nenhuma informação. Agora, às vezes, de repente, alguém dizia: *“sabe de uma coisa? Eu fui aluno do Minerva. Eu estudava lá no meu colégio, mas eu ouvia todo dia as aulas, e aquelas aulas eram como se fossem aulas de reforço”*. Então, a gente nunca teve esse número, a gente não sabe quantos foram, entendeu?

T. Tinha algum contato de aluno? Alunos escreviam?

M. Eles escreviam, eles telefonavam, porque havia uma forma de contato. O contato com as secretarias era por telefone, imagina há quarenta anos atrás telefones nesse Brasil, né Renato? Era dose... Até na casa da gente, você tinha que comprar uma linha, custava uma fortuna...

R. Era item de herança, colocavam no testamento, o telefone era pra fulano...

M. É, era uma coisa assim, quem tinha um telefone numa vila (havia muitas vilas, casas de vila), era o rei, porque todo mundo da vila telefonava pra deixar recado, era assim... Então, ou escreviam cartas, ou nessas reuniões, que a supervisão marcava, eles tinham os contatos, tiravam dúvidas, dúvidas nem sempre do conteúdo, mas da parte de estrutura: “*E agora, o que vai acontecer comigo? Como vai ser o meu futuro?*” Coisas desse tipo também aconteciam.

Havia também a rede de cultura, que o Alan coordenava aqui...

R. O SINRED¹⁷?

M. Não, antes do SINRED...

R. Ele coordenou também o SINRED...

M. Não... O Alan trabalhou muito com o Ghiarone¹⁸, que também fez parte disso, com aqueles programas que eram só culturais, só iam aos sábados, era uma hora e quinze aos sábados, hora e quinze só de cultura, só de programas culturais, entendeu?!

T. A senhora falou ali dos seringueiros, tem um material ali em que está escrito “projeto seringueiros”. Era parte do Projeto Minerva?

M. O Projeto Seringueiros era um outro projeto, um projeto muito interessante. Foi financiado pela SUDHEVEA¹⁹, Superintendência de não sei o quê da borracha, não sei dizer direitinho a tradução

¹⁷ Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa, criado em 09/08/1983 pela Portaria MEC nº 344. Segundo Pimentel (2009), o principal objetivo do SINRED era “possibilitar a produção e a transmissão em cadeia nacional de programas que divulgassem as manifestações culturais de cada região do Brasil, promovendo o intercâmbio de informações, mostrando as raízes culturais e as novas produções regionais.” (PIMENTEL, 2009, P.83) tratava-se de uma cadeia de rádios que transmitia programação educativo-cultural, substituída posteriormente pela MEC-SAT, no ano de 1998.

¹⁸ Giuseppe Artidoro Ghiarone, poeta, redator e jornalista, trabalhou também na Rádio Nacional, onde escreveu importantes radionovelas e posteriormente na Rede Globo de Televisão, onde trabalhou com Chico Anísio em programas como a Escolinha do Professor Raimundo. Nascido em Paraíba do Sul em 1919, faleceu no Rio de Janeiro em 2008.

¹⁹ SUDHEVEA – Superintendência da Borracha. Criada em 1967 e regulamentada pela lei nº 5.227 em 1976 pelo presidente Ernesto Geisel, extinta em 1989, tinha como metas consolidar a heveicultura no país, estabilizando preços, administrando estoques e seringais. (Souza, 2010, p.3)

dessa sigla. Era da Amazônia, pegava a área toda de plantação, de exploração das seringueiras. Nós fomos procurados pra fazer um projeto para seringueiros. Esse projeto foi muito interessante, porque, qual era a proposta desse projeto?! Era mudar a cultura de conservação da borracha, do látex. Os seringueiros ficavam a semana inteira na floresta, aí eles vinham pra vila, traziam aquelas bolas de látex, e como eles não defumavam aquilo direito, mofava, não sei qual era o processo que dava que se perdia muito daquela borracha, então porque que a SUDHEVEA nos procurou?! Era para levar educação, porque estávamos nessa fase política de valorização da educação. O que nós poderíamos ensinar a eles?! O foco era mudar a questão do processamento desse látex, e tentar mudar um pouco a cultura alimentar, porque eles não comiam mamão, não comiam isso, não comiam aquilo, e as crianças subnutridas, entendeu?! Então, o que a gente fez? Eu fui com a Maria Aparecida²⁰, para o Acre, e eu fiquei encarregada de saber o que que eles queriam realmente aprender. Aí nós reunimos os seringueiros: *“o que vocês querem aprender?”*, pra gente não ficar ensinando um negócio que não tinha nada a ver com eles. O que eles queriam? *“Nós queremos aprender a escrever uma carta!”* Querem aprender a escrever uma carta! *“Por que vocês querem aprender a escrever uma carta?”* *“Porque aqui eu mando recado para os meus parentes só pelo rádio!”* Não tem como mandar recado, um mora lá na margem do rio tal, outro na margem do rio tal, mora lá não sei na onde, então qual é o meio de comunicação? É o rádio, *“aí eu tenho que mandar uma carta pra rádio pra mandar um recado pra minha mãe, pra minha vó, pra minha tia, pra não sei quem, então eu quero aprender a escrever uma carta.”*

Era isso que eles queriam. Então, nós fizemos o levantamento e vimos que eles tinham passado pelo Mobral. Eles já eram alfabetizados, mas a gente não estava acreditando muito que aquele aprendizado tinha se estabelecido realmente, que tinha se internalizado neles, porque uma crítica que fizeram muito ao Mobral foi essa: eles aprendiam, depois não viam mais, e esqueciam, entendeu?! Então, eu fui para lá, e com a ajuda do pessoal do INCRA²¹, levantei qual era o vocabulário deles, fui aprender como eles falavam, que palavras usavam, como eles nomeavam os objetos, o lápis (por exemplo), para aquilo, qual eram as palavras que eles usavam e, em cima desse vocabulário, eu criei um método usando o rádio, usando cores. Então, o material impresso tinha cor: uma bolinha, duas bolinhas, uma amarela. Como é que eu ia falar, como é que eles iam identificar no fascículo, entendeu? Então, foi um negócio inventivo e eu saí por aí, porque não tinha outro jeito.

²⁰ Maria Aparecida de Oliveira.

²¹ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária <www.incra.gov.br>.

R. E o material era distribuído em *longplays*²² não era isso? As aulas?

M. Não, as aulas dos Seringueiros foram todas transmitidas pela RADIOBRAS.

R. E esse material era entregue em k7, não entregava em *longplay*?

M. Não, entregava naquele rolo...

R. E esses *longplays* do Seringueiros?

M. Teve um outro projeto que usou disco, que era o SIRENA²³. O projeto SIRENA é que usou ...

R. Projeto SIRENA...

M. O projeto SIRENA usou disco! Não, nós já estávamos nas fitas k7. Cada núcleo daquele recebia a coleção das fitas e o aluno podia, no dia que eles iam pra vila, ouvir de novo as aulas. Os nossos monitores eram funcionários do INCRA, porque não tinha ninguém lá.

T. E era uma outra proposta de educação também não é? O ensino formal ficava mais no Projeto Minerva, enquanto esses projetos...

M. É, exatamente! Aí nos fizemos uma revisão de alfabetização até chegarem a escrever uma carta, muito simples, mas eles chegaram até o final. Aí ensinamos a plantar abóbora, não sei o quê, como usar, quais eram os benefícios, trabalhamos com as mulheres, em relação a essa questão alimentar, pois essa questão de mudanças de padrão alimentar não era com os seringueiros, era com as mulheres.

T. A senhora já contou sobre o início: mas como foi a extinção do Minerva? Como foi isso? Encontrei aqui algumas atas com datas divergentes...

²² Os *Long Plays*, ou simplesmente LPs, eram discos de vinil muito utilizados para a reprodução musical. Surgem no final da década de 1940 e já na década de 1980, com o surgimento do CD (Compact Disk) inicia-se uma drástica redução nas vendas, o que implicou o abandono da produção. Recentemente percebe-se uma retomada nas vendas desses discos, em especial para colecionadores e devido à robustez do som analógico.

²³ Sistema Rádio-Educativo Nacional – Criado em 1957 e extinto em 1966. Suas principais atividades eram a produção, gravação e distribuição de cursos básicos, próximos à Educação Fundamental, à época, visando ao desenvolvimento do homem no seu meio. Esta experiência teria influenciado a criação de outro movimento: o Movimento de Educação de Base. O projeto de sua criação foi apresentado ao ministério por Heli Menegali, em 11 de abril de 1957 (C.f. Fóruns EJA < <http://forumeja.org.br/sirena>>).

M. Bom, não sei se precisar em que data foi o fim do Minerva, porque as coisas quando terminam elas vão se extinguindo... Não sei como. Acontece que nos tínhamos uma tal portaria²⁴, uma portaria interministerial, do Ministério da Educação e das Comunicações, que obrigava todas as rádios AM a cederem, depois da Hora do Brasil²⁵, trinta minutos de segunda a sexta, e sábado era à tarde, uma e pouco da tarde, não lembro mais. Liberavam uma hora e quinze minutos e era nessa hora que nós tínhamos a produção cultural.

Bom, é claro que a ABERT, não sei se você sabe o que é a ABERT, Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Tevê²⁶, os poderosos, donos das emissoras comerciais, de rádio, não estavam satisfeitos em liberar esse horário, diziam que como o empresário já dava trinta minutos para a Hora do Brasil e mais trinta para produção educativa, para o Projeto Minerva, que aquilo os onerava sobremodo, e que não estava certo. Nós contrapúnhamos de que maneira? *“A concessão do canal como o nome está dizendo é uma concessão, não é uma doação, vocês têm o dia inteiro para explorar o canal, para ganhar dinheiro, então, uma hora é nada! Perto de vinte e quatro que vocês podem estar no ar!”* Certo?! Então, isso era uma guerra que ia longe, mas é claro que a ABERT era poderosa, e aí a revolução já não tinha mais força. E o que aconteceu?! Não se precisava mais, porque a lei que implantou o primeiro grau e o segundo grau já estava na verdade implantada, não era mais nenhuma novidade, já existia isso, os estados e os municípios, teoricamente, já estavam se estruturando e não era mais necessário um projeto daquele tamanho.

Na hora que se tira os trinta minutos diários, não se tinha mais como operacionalizar um projeto daqueles, porque se você fosse comprar trinta minutos em todas emissoras de rádio (na época eram mil e tantas, eu tinha esses números, mas agora não me lembro mais) era inviável, era inviável. Na

²⁴ Refere-se à portaria 408/70, de 29 de julho de 1970, na qual os Ministérios da Comunicação e da Educação e Cultura fixam os horários de transmissão gratuita destinada a programas educativos, conforme previa o Decreto-Lei 236, de 28 de fevereiro de 1967.

²⁵ *Hora do Brasil*, programa de rádio criado em 1935 pelo Governo Federal. Na mesma época criou-se também uma série de ações governamentais de regulação dos meios de comunicação, como o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) que se encarregaria da censura e de promulgar o Código de Imprensa, que controlava as críticas ao Estado. Perosa (1995) assinala a forte vinculação entre o rádio e a política no mundo todo, em especial no pré-guerra da Alemanha, quando o rádio foi usado como instrumento de propaganda nazista dado sua grande popularidade junto à população, tornando a difusão de ideias *“mais imediata, mais vibrante, mais personalista”* (idem, p.28). Da mesma forma, do rádio também se apropriou o Fascismo italiano. No Brasil de 1937, com o Estado Novo, o rádio passa a ter funções semelhantes: os meios de comunicação são *“transformados em instrumentos dos governantes para atingir objetivos pré-determinados, (...) sua função é dirigida pelo poder”* (idem, p. 32). Em 1946, com Eurico Gaspar Dutra na presidência, devido a pressões de alguns setores da sociedade, são realizadas mudanças no *Hora do Brasil*, dentre as quais a alteração da nomenclatura – o programa passa a chamar-se *Voz do Brasil*. Em 1962, metade de sua duração total de uma hora passa a ser ocupada pelos Poderes Legislativo e Judiciário (PEROSA, 1995). Atualmente, a *Voz do Brasil* é produzida pela EBC (Empresa Brasil de Comunicação).

²⁶ Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão <<http://www.abert.org.br>>.

televisão foi a mesma coisa. Cada vez a televisão veiculava num horário mais cedo, mais cedo, mais cedo, e o que se esperava é que a rede de emissoras educativas e universitárias, as emissoras de rádio e as emissoras de televisão, ditas educativas, assumissem esse papel, quer dizer, tomassem pra si a incumbência de continuar esse trabalho, cada uma no seu raio de alcance mas isso não aconteceu, com raras exceções: Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco, Bahia, fizeram trabalhos interessantes. Porto Alegre andou fazendo um trabalho interessante também, mas essa não foi a diretriz final de todas. Pelo contrário, as emissoras achavam mais fácil se vestirem de cultura.

Então, na verdade, a maioria hoje são emissoras educativas culturais, mais culturais porque a produção e a programação delas não é educativa no sentido instrucional. São poucas as que dão algum curso sequenciado. Assim, as educativas não assumiram esse lado, porque o que se pretendia, o que se pensava, é que o caminho delas era esse: as secretarias de educação se associariam a uma educativa local do estado ou o estado criaria uma rede de emissoras educativas no seu estado e continuaria o trabalho, cada um assumindo o seu trabalho, atendendo a sua carência. Se é pra treinar professor, se é pra treinar qualquer tipo de profissional, poderíamos usar um canal suplementar²⁷ das FMs para fazer isso, sem usar o canal aberto. Essa foi uma proposta minha: usar o canal da FM para cultura de modo geral, músicas, campanhas, trabalho corporativo, comunitário, o que seja, e esse outro canal, suplementar, seria para programação educativa. Mas isso nunca aconteceu!

Na verdade faltou interesse do MEC em continuar um programa dessa natureza. Havia uma questão política: o Minerva nasceu na ditadura, e tudo da ditadura tinha que ser banido.

T. Essa pressão era popular ou era do governo que se instalava?

M. Não, não, era do governo. É claro que tem sempre os grupos que eram contra. Havia já este estigma: nasceu na ditadura? *“Abaixo! Não queremos!”* Podia ter sido revisto, ter feito uma leitura crítica realmente do que foi o Minerva, o que é que a gente teve de bom, o que é que se poderia aproveitar, adaptar, repaginar, o que é que se poderia fazer com isso. Porque as carências dos jovens e adultos fora da escola continuam. A gente tá vendo aí agora um projeto, ProJovem²⁸, sei lá como é

²⁷ Na FM é possível a transmissão de “sub-canais” junto à programação ordinária da emissora, canais com qualidade de telefone, adequado para textos falados, estes canais adicionais podem ser recebidos por aparelhos especiais que possibilitam ouvir uma programação ou outra. Informações concedidas pelo Engenheiro de telecomunicações Antonio Carlos Assis Brasil, por sugestão da entrevistada, via e-mail, em julho de 2012.

²⁸ O Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem) foi instituído pela Lei 11.129, de 30 de junho de 2005. Com foco em jovens de 18 a 24 anos visava a reinserção do jovem na escola, a identificação de oportunidades de trabalho e a capacitação da juventude para o mundo do trabalho; a identificação e a elaboração de planos e desenvolvimento de ações comunitárias; e a inclusão digital dos jovens para que desfrutassem desse instrumento de inserção produtiva e de

que se chama... acabaram de fazer uma pesquisa: um por cento (um por cento) completou o projeto que envolveu milhões... foram lastimáveis os resultados. O que é que se podia fazer em função disso agora com as novas tecnologias, não somente com o rádio? Mas não, *“abaixo! Abaixo, acaba!”* Muito bem, então vamos continuar usando as tecnologias, que foi o que essa casa continuou fazendo, e a televisão também faz, investindo na área de professores, na área de magistério, treinamento de professores. Foi isso.

T. Gostaria de fazer agora duas perguntas relacionadas ao que a senhora falou: como eram para vocês esses índices, esses resultados do Minerva, como vocês viam isso? E a segunda seria: Qual o “legado” que o Projeto Minerva deixou para a educação atual?

M. Olha, pelo que se investiu, para os ganhos que se teve, eu acho que o Minerva foi um projeto positivo. Primeiro, olha só, são essas coisas que não se falam, que passam batidas. Você imagina as secretarias de educação começarem a entender que educação podia ser mediada, que o meio podia suprir faltas que eles não tinham como suprir. Houve um grupo de coordenadores e supervisores que cresceram tanto como profissionais, que logo eles eram deslocados para outras funções. Isso para mim era uma coisa tão clara: *“cadê fulana?” “Sabe, a fulana estava fazendo um trabalho tão bom aqui, o secretário botou ela não sei onde. A ‘não sei a onde’ chamou ela foi.”* Então, tinha esse lado dos profissionais da educação que começaram a ter perspectivas maiores sobre o que seriam as práticas pedagógicas possíveis para jovens e adultos dentro do contexto em que eles estavam, onde os alunos estavam. Não é o contexto ideal que eu quero. O contexto ideal que eu quero é um, mas o contexto real é outro. E porque é outro, eu que sonho com o ideal não faço nada? Então, foi feito o que era possível, o que foi possível fazer num momento histórico complicado que o país vivia, que nós profissionais que lidávamos com projetos vivemos. A gente pisava em ovos, não era uma coisa fácil, entende? Não era uma coisa que você se bandeava pra lá pra se dar bem, não! Porque o grupo tinha suas convicções em termos educativos sobre o que era bom para aqueles alunos, não porque era politicamente bom ou adequado para uma situação. Não era acomodação de uma massa para “ficar bem” no momento político. Não era isso que acontecia, entende?

Então, o que o Minerva deixou foi, primeiro, mudança de visão de muitos professores, de muitos profissionais que trabalhavam nessas secretarias estaduais e municipais, que entenderam ser possível estudar, entre aspas, a distância, com momentos presenciais, que era o que se fazia. Eram

comunicação. O programa é posteriormente reestruturado pelo Decreto 6.629, de 4 de Novembro de 2008, subdividindo-se em Projovem Urbano; Projovem Campo – Saberes da Terra; e Projovem Trabalhador.

os tais momentos presenciais que o MEC hoje fala para a educação a distância, em qualquer nível, principalmente no nível superior. Tem que ter momentos presenciais. Isso nós tínhamos, os momentos presenciais estavam garantidos. As provas, tudo, eram aplicadas presencialmente, entendeu? Então hoje, quando o MEC cria um modelo, a gente tá vendo o rebatimento do modelo de 1970, quando tudo muda, quando as tecnologias mudam, e o MEC engessa as instituições querendo que elas repliquem esse modelo. Tá errado! Não é possível mais, sabe!?

Então, esse foi o legado que eu digo pra você. Ter passado pelo Minerva, pra mim, foi fantástico. Eu conheci um Brasil que eu não conhecia. Eu sou carioca, de pai e mãe cariocas. Eu sou carioca, eu conhecia o Rio, eu não estou falando em termos de turismo. Estou falando de educação, de realidade. Aí eu fui, me embrenhei na mata, no Acre, não sei onde. Lagoa Grande, não sei mais pra onde que eu ia. Ponta Grossa, não sei mais o quê. A gente ia, a gente não tinha medo, a gente enfrentava e nós íamos muito com o pessoal da tevê, porque tinham prefeitos que diziam *“Ah não, eu não quero rádio não, só quero televisão!”* *“Mas senhor, a televisão chega lá? Há repetidoras pra chegar lá? Garante que o sinal chega lá?”* *“Ah, isso eu não garanto não!”* *“Então, o senhor não vai pôr nem o rádio? Ahhhh... então o senhor usa o rádio, que o rádio vai chegar lá! E além disso o aluno tem intimidade com o veículo!”* O veículo é íntimo, ele vai pra todo lado, isso que a gente faz com o celular de hoje, era o rádio de pilha daquele tempo. Ia com a pessoa pra todo lado e não deixava ele isolado, não deixava ele *out* no mundo, não! Ele estava no mundo, o mundo chegava a ele, chegava futebol, chegava música, chegava noticiário, chegava campanha, ele sabia quando tinha que ser vacinado, todas essas coisas: era o rádio de pilha! Hoje você tem o celular que toca música, dá notícia, que usa teclado, que você faz todas essas coisas, então você também não está mais isolado do mundo. Era a mesma coisa. Quer dizer, guardados os distanciamentos tecnológicos claros e evidentes.

Eu acho que o Minerva nos ensinou e também ensinou o MEC que se podia fazer um projeto daquele tamanho, com alcance, com penetração, com uma capilaridade enorme, enorme, fazendo as pessoas acreditarem que com a educação eles podiam ter a ascensão social de que tanto se fala, que com educação se chega lá, que não precisa ser desonesto, não precisa ser traficante. É isso. Esse projeto ensinou com um veículo baratíssimo, com uma produção baratíssima (produzir pra rádio é muito barato, e a gente tem até hoje apaixonados pelo rádio. Quem trabalha em rádio é apaixonado por rádio, sabe?! Inventa, cria, são pessoas criativas, sabe? Que se doavam, que ficavam aqui fora de hora. Não tinha hora, a gente entrava e não tinha hora pra sair. Era assim um grupo muito unido).

Era assim, um grupo muito, muito unido.

T. Que a senhora saiba, teve alguma tentativa de retomada do Minerva, ou de algum projeto semelhante?

M. Não, nada semelhante voltou a acontecer nesse país. Nada!

T. Então, na verdade, a rádio MEC participava diretamente do Projeto Minerva porque a produção era aqui, mas a transmissão era feita por todas as outras rádios?

M. É, a transmissão era feita depois pelos satélites de rádio, a RADIOSAT²⁹ também transmitia, por que havia locais em que nada chegava. Então, quando não chegava porque havia sombras de comunicação, a gente mandava fita K7. Depois os radiopostos foram se equipando e então todos eles tinham toda a coleção de fitas. Se o aluno faltasse, ele ia lá e ouvia a aula, ele repunha a aula que ele tinha perdido, entendeu? Se o monitor (os monitores eram mais indicados, mais compromissados com a proposta) visse que os alunos estavam com mais dificuldades nessa ou naquela disciplina, ele botava a aula de novo, discutia com os alunos, trazia professores convidados, professores que às vezes eram da própria escola, convidado para tirar dúvida, era muito interessante. Tinha cada coisa maravilhosa. Eles faziam exposições, sabe?! A gente soltava algumas ideias para eles fazerem exposições. Eles faziam, mandavam fotos, eu não sei mais por onde isso tudo ficou, isso deve ter se perdido, porque é muita coisa, não tinha mais espaço aqui, mandaram para a Penha³⁰, e lá na Penha inundava muito quando chovia. Muita coisa se perdeu, muita coisa escrita se perdeu, eu lamento muito. Algumas coisas eu tinha em casa e doei tudo pra cá. Eu tenho muito livro de rádio e de televisão, eu vou acabar por doar todos os outros aqui pra biblioteca da SOARMEC. Eu não estou necessitando tanto mais desse material, né?!

T. Então todo esse material do radioposto era arquivado aqui com vocês?

M. Não, era arquivado na secretaria. A secretaria só mandava as planilhas de quantos alunos e tal. Isso tinha tudo aqui, agora não sei mais por onde anda, não sei quantos anos depois ... [risos] Nos anos oitenta e poucos é que o Minerva termina, e aí tem quantos? Vinte, trinta, quase trinta anos...

²⁹ RADIOSAT - Rede Nacional de Rádio. Atualmente vinculada à EBC – Empresa Brasil de Comunicação.

³⁰ Refere-se aos arquivos da ACERP – Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto.

T. Acredito que a maioria das questões do roteiro a senhora já respondeu, algumas até sem eu perguntar, o que mostrou uma certa sintonia... Bom, por fim, eu queria que a senhora indicasse alguns nomes, pessoas que senhora julgue interessante entrevistar, ou talvez algum contato com professores, produtores, até mesmo locutores, porque a gente já encontrou em alguns materiais registros sobre a dificuldade de transformar aulas em radioaulas...

M. Claro, era difícil, porque às vezes as pessoas pensaram em produzir algo *mais lúdico (menos formal, como falavam)*. Eu lembro que, não sei em que disciplina, certa vez a gente tentou fazer alguma coisa mais engraçada, menos formal, e alguns alunos se queixaram, nós recebemos aqui informações que os alunos não gostaram, porque eles queriam ir pro radioposto pra estudar não pra brincar.

Eles queriam uma reprodução de aula (presencial). Eles queriam aprender. Eles “ouviam” no radioposto o professor falando, a gente usava em geral uma dupla, um locutor com uma locutora por que aí, se a gente põe só um homem ou só uma locutora, poderia haver qualquer problema de identificação do aluno, então como a gente tinha meninos e meninas na sala, então a gente tinha duas vozes, uma feminina e outra masculina, né?! A gente estudava muito as passagens, isso o Renato pode depois falar, as passagens, as vinhetas, tudo isso foi criado pro próprio Minerva, não foi aproveitado de nada, foi tudo, tudo, tudo criado! Tudo foi criado pro Projeto Minerva, foi isso.

Os fascículos todos passavam por revisões porque a gente ia imprimir de novo, ia relançar. E a cada relançamento do curso a gente fazia treinamento com todo mundo no Brasil. Às vezes, a gente fazia centralizado, todo mundo vinha pra um lugar, pra aqui, ou pra algum outro estado, centralizava. Depois a gente regionalizou: pegava todo mundo do Nordeste (os problemas eram parecidos e a gente descentralizou essas reuniões) passava três, quatro dias com estes supervisores. Era uma coisa muito, muito cansativa.

T. Dessas reuniões tem alguma ata, algum registro?

M. Deve ter por aí sim. Não sei se tem. Deve ter, nós fizemos, têm fotos. Fotos eu sei que tem. Eu até cedi fotos pro livro da TVE³¹.

³¹ Refere-se aos livros: Rádio MEC – *Herança de Um Sonho* e TVE Brasil – *Cenas de Uma História*, organizados pela jornalista Liana MILANEZ (2007), atual diretora da Rádio MEC.

Aquelas fotos são minhas. Se eu procurar lá em casa, eu ainda acho fotos dessas reuniões do Minerva. Algumas eram no Hotel Glória³². Como o Hotel Glória era grande e fazia um preço razoável, a gente fazia as reuniões ali.

Até uns 15 anos atrás eu andava por esse interior, sempre encontrava gente que vinha falar que tinha estudado no Minerva, que não sei quem, que o primo tinha estudado no Minerva, que conseguiu fazer faculdade de Direito por que fez o Minerva, por que se não tivesse feito o Minerva... e aí falava aquele negócio todo. Isso é muito gratificante! Muito gratificante!

Muita gente seguiu os seus estudos porque teve a oportunidade de estudar e levar a sério. Quem não leva a sério, não adianta nem ir para a escola formal, vai aos trancos e barrancos ou até sai antes da hora, não é isso? Então, não é questão da telecomunicação, da educação a distância, ou da escola presencial: o que faz a diferença é o cara querer aprender, querer levar a coisa a sério, não é isso?! Acho que é isso, acho que depois você também pode ver na série do Paulo Freire que eu fiz com o Renato (aqui, eu vou deixar com você, depois me lembra que eu faço uma dedicatória) coisas que o Paulo falou, muito interessantes.

T. Mais algum nome que a senhora gostaria de indicar para conversarmos?

M. Eu acho que você podia... não sei como está a Solange. Ela andou com problemas de saúde, mas eu acho que ela já está bem, o pessoal aí tem o telefone dela. Não sei se ela poderia vir aqui ou você ir à casa dela na Tijuca. Ela foi coordenadora do Minerva e foi uma pessoa muito atuante. Ela tem uma memória fantástica. Eu não tenho memória fantástica, ela tem! Ela vai te dizer datas, essas coisas que eu não gravo. Gravo mais o geral.

T. A senhora tem contato com algum professor que tenha trabalhado na produção de aulas?

M. Sim, agora não sei se você vai conseguir falar com ele. Domício Proença Filho fez as aulas de português, o Domício é imortal da Academia Brasileira de Letras. Ele era professor até há pouco tempo, coordenador de pós-graduação de Literatura da UFF. Ele agora é imortal. Tem o Arnaldo Niskier que cuidava das aulas de Matemática, o Arno³³ (esqueci o sobrenome dele, ele tem um

³² O Gloria Palace Hotel, ou simplesmente Hotel Glória, de fachada imponente e situado defronte à Baía da Guanabara, foi inaugurado em 1922 e construído a pedido do Presidente da República Epitácio Pessoa para as comemorações do Primeiro Centenário da Independência do Brasil.

³³ Arno Wehling, graduado em História e Direito, doutorado em História pela Universidade de São Paulo (1972), livre docência em História Ibérica (USP, 1980) e pós doutorado em História nas Universidades do Porto e Portugalense. Professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal do Estado do Rio de

sobrenome estrangeiro) que é do Instituto Histórico Geográfico, que fazia aulas de História. Não lembro mais de todos. A Solange vai te dizer todos, nome, telefone, ela sabe tudo! Então, esses são professores que trabalharam conosco, foram muito importantes todos eles, foram pessoas muito importantes, trabalharam com muita dedicação, o que nos pagávamos era muito pouco, mas eles compraram a ideia, acharam que era muito, muito importante colaborar, ainda mais nesse contexto aí de Brasil grande. Nós também queríamos que o Brasil fosse grande, esquecidos os contextos políticos, econômicos. Eu acho que teve muita gente que melhorou sua condição, deu sua contribuição ao país, acho que sim, e os professores... os professores trabalharam todos, era uma rede, uma rede... Eu não sei quantas pessoas eram, não sei te dizer quantas pessoas trabalharam, nos municípios, no estado, vai botando gente aí...

T. Mesmo os daqui, parece que eles também tinham certa liberdade de mandar os materiais. Eles não ficavam aqui produzindo material, produzindo as aulas?

M. Não, não ficavam aí sentados, eles trabalhavam nas suas casas e traziam material, aqui nem tinha espaço, né?! Então eu penso que fizemos um trabalho interessante, como fizeram trabalhos interessantes outras rádios no Brasil, o IRDEB³⁴, que também acabou (era na Bahia, que era ligado ao Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia, que ficava em Salvador, ligado à Secretaria Estadual) fez um trabalho maravilhoso na Bahia, maravilhoso! Nada disso existe mais. A FEPLAM³⁵ no Rio Grande do Sul fez um trabalho maravilhoso, a Universidade Federal de Pernambuco, a Universidade Federal do Ceará, a Universidade Federal de Rio Grande do Norte, fizeram trabalhos maravilhosos nessa área, entendeu?! Eu estou destacando algumas, algumas emissoras que fizeram trabalhos muito bons.

T. O nome, “estrutura” Rádio MEC, nesse caso...

M. Rádio MEC era o nome fantasia do que ia no ar. Era esse nome. Mas a Rádio MEC era ligada ao SRE, fazia parte do SRE, entendeu? Rádio MEC, depois Rádio MEC Brasília também, fazia parte do SRE, numa hora em que começa a desestruturar esse negócio todo e aí resolvem criar uma fundação que englobasse as tecnologias que estavam a serviço da educação, tevê e rádio, e aí, o que

Janeiro (UNIRIO). Atualmente é professor titular da Universidade Gama Filho e professor visitante da Universidade de Lisboa, conselheiro do IPHAN/ Ministério da Cultura e presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

³⁴ IRDEB – Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia <<http://www.tve.ba.gov.br>>.

³⁵ FEPLAM – Fundação Educacional Padre Landell de Moura- Porto Alegre/RS

é que se faz? Nós viramos uma fundação junto com a tevê. Nós éramos uma fundação só. Como aquela fundação já existia, para criar a outra tinha uns problemas burocráticos. Então ficou aquela fundação, mudaram o estatuto lá, e nos incorporaram nesse balaio.

Nisso, quem tava dirigindo era um professor chamado Cláudio Figueiredo³⁶. Nesse tempo eu não estava aqui na rádio. O Cláudio me convidou pra ir trabalhar na tevê com ele e disse “*Eu quero fazer uma coisa nova eu quero marcar meu nome aqui não sei o quê*” aquele discurso horroroso. Eu disse: “*Cláudio, se você quer, você cria o SINRED. Já não tem o SINTED? Agora você cria o SINRED!*” “*Ah o que que é o SINRED?*” “*É o Sistema Nacional de Rádio Educativo, e você vai ter dois sistemas que podem trabalhar paralelos, juntos, trocando informações*”. Aí ele cria o SINRED, com nome de Rádiodifusão Educativa, Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa, SINRED, que fica sendo o grande guarda chuva, com dois subsistemas, o subsistema televisão e o subsistema rádio.

Aí começa aqui um trabalho maravilhoso. Eu adorava aquele trabalho. Porque nós trouxemos todas as rádios educativas para trabalhar junto e cria-se o primeiro trabalho em parceria com as rádios, que foi a série *Coisas da Província* (quem deu esse nome foi um professor, não lembro o nome dele, que era da Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Federal de Porto Alegre).

R. Que é um primeiro mosaico que abrange toda a cultura do país. Todas as manifestações culturais, não só as do pessoal que era do sudeste, começam a aparecer...

M. A gente ainda tinha um programa no domingo, sábado, aí eu digo assim: “*Tenho que fazer um programa aqui*”. Como o Cláudio disse que eu podia mexer alguma coisa que eu bolasse, que eu inventasse, aí eu disse assim: “*Eu quero mudar a linguagem, Eu tenho que procurar um negócio que abra, que o Brasil inteiro possa falar e não ser só a locução do Rio de Janeiro*”, entendeu? Aí eu fui lá no instituto de folclore. Você não tem ideia do que é que era aquilo. Um falava pau, o outro falava pedra, quase se matavam, falei: “*Com esse grupo aqui eu não vou pra lugar nenhum. Eles vão se matar aqui e eu vou morrer junto*”, ninguém chegava a um acordo. Um dizia “*isso não é*

³⁶ Claudio José da Silva Figueiredo, foi professor do Colégio Dom Pedro II, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Nomeado Presidente do Centro Brasileiro de TV Educativa (FUNTEVE) em 15 de outubro de 1981. A Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa é o órgão responsável por executar e coordenar atividades de aplicação de recursos tecnológicos à educação, cultura e desportos, em âmbito nacional. Em 1981 a FUNTEVE incorporou a Secretaria de Aplicações Tecnológicas (SEAT), o Centro Brasileiro de Televisão Educativa e o Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE/MEC), passando a abrigar o Centro Brasileiro de TV Educativa Gilson Amado, o Centro Brasileiro de Rádio Educativo Roquette-Pinto e os Centros de Cinema Educativo e de Informática.

folclore, que não sei o quê, que na Bahia não sei o quê...” e eu fiquei tontinha ali no meio daquela gente. Eu disse: “Gente, não entendo nada disso, não vamos conseguir botar um programa no ar, não vão chegar a um acordo, só estão brigando”. Brigavam: “não, porque tem que ser teatro, tem que ser não sei o quê, tem que ter artes plásticas”. Meu deus, eu disse: “péra, péra, péra: eu vou pensar. E disse pra mim: esquece (a temática folclore)”.

Aí eu soube que tinha um pessoal que estava trabalhando a questão do Esporte para Todos. O que era isso? Democratizar o acesso ao esporte recriando regras, entende?

Então todo mundo pode jogar basquete, você não precisa ter um metro e noventa. “Ah você só tem um metro e cinquenta? Baixa a rede, baixa a cesta”. “Ah você é deficiente? Faz assim, assado”. Cria as regras, entendeu? Isso era o esporte para todos. Na praça, na praia, em todo buraco aí tinha. Aí eu digo: “Puts, isso aí deve ser um negócio interessante, o que é isso?! Eu preciso saber o que é isso”. Eu ouvi o galo cantando. Aí me disseram assim: “Tem um cara aí que sabe tudo isso, mas ele está embarcando hoje, ta indo pra Alemanha” (sei lá prá onde ia). Eu fui até o aeroporto para ele me explicar o que era esse esporte para todos. Quando ele me falou, eu fiquei tão encantada com esse negócio... isso vai mudar! Eu disse: “E você garante que venham depoimentos do Brasil inteiro? Você consegue trazer esses depoimentos pra gente limpar e botar no rádio? Você consegue isso?” Era o Lamartine³⁷, um cobra da educação física.

Todo mundo conhece ele, tem livro publicado em todo lado, e ele me disse: “garanto!” Então tudo bem. Aí ele viajou. Quando ele voltou, eu fui para Brasília, sentei lá na Secretaria de Esportes (não sei o que é que tinha lá no MEC), traçamos o projeto, arranjaram o dinheiro, e a gente começou a fazer. Aí, sim, mudou a linguagem, quebrou tudo. Locutora falava de forma simples, vinha material do Brasil inteiro, depoimentos do que eles faziam, criança falando, uma bagunça geral. É isso que o rádio faz hoje. A gente estava fazendo isso no horário oficial, entendeu? Então, eu achei isso fantástico. Tem várias coisas escritas sobre isso, Esporte pra Todos, aí na rádio.

Muita história, né, Renato?

R. Muita história, e você é a contadora ideal. Eu acho que atualmente ninguém tem essa memória do ...

M. É que eu falo com entusiasmo...

³⁷ Lamartine Pereira da Costa. Professor da Universidade Gama Filho, membro do Conselho Federal de Educação Física e do Conselho de Pesquisas do Centro de Estudos Olímpicos.

Porque eu acho que acredito naquilo tudo que aconteceu, acho que foi o momento certo pra acontecer, apesar da Revolução. Foi porque a Revolução aconteceu, que aconteceu.

R. Acho que todos estes movimentos educativos, Mobral, toda coisa de adocicar, de desrevolucionarizar o método Paulo Freire³⁸ e tal... Acho que todos esses movimentos são um só movimento...

M. Prá frente!

R. Prá frente! Sempre tem alguma coisa, alguma indagação que vocês fizeram, com resposta à proposta do ministério. Isso já é caminho, entendeu?! Acho que a pena é que não foi reeditado por causa de ser obra dos militares...

M. É, eu tenho certeza que foi isso. Tudo que foi daquele tempo...

Thiago é com h ou não? [e pega o livro para fazer a dedicatória].

³⁸ Paulo Reglus Neves Freire (1921 – 1997), educador brasileiro. Nas décadas de 1950 e 1960 surgem no Brasil diversos movimentos sócio-educacionais, ligados a igrejas, partidos políticos, escolas etc. Muitos desses movimentos visavam à **conscientização política**, tentando aumentar a participação popular na vida política do país. Neste sentido crescem os movimentos que visam à alfabetização de adultos, em especial no Nordeste do Brasil. Em 1962, Paulo Freire, que já vinha realizando atividades de alfabetização, realiza uma experiência metodológica bastante impactante e inovadora: em 45 dias alfabetiza 300 adultos sem o auxílio de cartilha. Seu método ganha destaque, sendo ele, que já desenvolvia importantes trabalhos em Recife, chamado por Paulo de Tarso para presidir a Comissão de Cultura Popular do MEC e, no ano seguinte, a coordenar o Programa Nacional de Alfabetização (BUFFA & NOSELLA, 2001, p.118). Paulo Freire, ao falar do seu método de alfabetização no programa *Encontros com Paulo Freire* (BLOIS, 2005), remete-se a sua própria alfabetização, feita por seus pais no quintal de casa, utilizando as palavras do seu meio, o que teria, mesmo que inconscientemente, influenciado a criação do seu método. A alfabetização dava-se em *Círculos de Cultura*: pesquisadores e estudantes primeiramente sondavam as pessoas e a cultura local tentando compreender anseios, problemas, dúvidas, palavras mais comumente utilizadas etc. que eram então estudadas para, posteriormente, serem criadas problematizações norteadas por *palavras geradoras*. Maria Adozinda comenta como funcionavam as discussões das *palavras geradoras* e a importância de trabalhar todo o contexto da palavra, "tijolo, por exemplo, depois se discutia o trabalhador e tijolo não somente ficava no pedreiro, mas, também, em todo trabalhador. Havia um desdobramento, uma explosão, um desdobramento. Então há uma identificação de todas as profissões através daquele código..." (BLOIS, 2005, p.73). A aproximação de Paulo Freire com o ideário de esquerda implicou, a partir do golpe de 1964, sua prisão e seu posterior exílio, do qual retornou apenas em 1980. Em seu retorno, filiado ao Partido dos Trabalhadores na cidade de São Paulo, foi supervisor do programa do partido para alfabetização de adultos de 1980 até 1986. Em 1989, na gestão de Luiza Erundina (1989-1993) na Prefeitura paulista, atuou como secretário de Educação da cidade de São Paulo, cargo que exerceu até 1991. Entre seus livros mais conhecidos estão *Educação como prática da liberdade* (1967) e *Pedagogia do oprimido* (1970).



Figura 01 – Foto do acervo pessoal da entrevistada

Referências

ASSIS, M. M. A de. **Ensino de Matemática pelo rádio: uma história falada e um documentário didático**. dissertação de mestrado profissional, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: 2011.

BARBOSA, F. DE A. **Encontro com Roquete-Pinto**. Ministério da Educação e Cultura: 1957

BLOIS, M. **Re-encontro com Paulo Freire**. Niterói: Fundação Euclides da Cunha, 2005.

BRASIL. **Decreto Lei N.º 236 , de 28 de Fevereiro de 1967**. Disponível em <<http://radiodifusaoenegocios.com.br/legislacao/decreto-lei-n-o-236-de-28-02-67/71>>.

BRASIL. **Diário Oficial da União** – Sessão I, parte II – 26 de novembro de 1976.

BRASIL. **Lei n. 378, De 13 de Janeiro de 1937**. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/10378.htm>.

BRASIL. **Lei n. 4024, de 20 de Dezembro de 1961**. Disponível em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102346>>, último acesso em 31 de Julho de 2012.

BRASIL. **Lei N. 5.692, de 11 de Agosto de 1971**. Disponível em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102368>>, último acesso em 31 de Julho de 2012.

BRASIL. **Lei nº 11.129, de 30 de Junho de 2005**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11129.htm>.

BRASIL. **Lei nº 12.527, de 18 de Novembro de 2011**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm>.

BRASIL. **Lei nº 5.379, de 15 de Dezembro de 1967**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/1950-1969/L5379.htm>.

BUFFA, E. NOSELLA, P. **A educação negada: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea.** São Paulo: Cortez, 2001.

FARIA, Lina; COSTA, Maria Conceição da. Cooperação científica internacional: estilos de atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 1, 2006. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582006000100007>>. Acesso em 16 Mar. 2012.

FERNANDES, D. N. **Sobre a formação do professor de matemática no Maranhão: cartas para uma cartografia possível.** Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (UNESP), 388 f. Rio Claro : 2011.

MINANEZ, L. **Rádio MEC: herança de um sonho.** Rio de Janeiro: ACERP, 2007.

Ministério da Educação e Cultura. **Orientação ao pessoal técnico-administrativo da área de Ensino Supletivo do Estado de São Paulo.** São Paulo: agosto de 1976.

PEROSA, L. M. F. de L. **A hora do clique: análise do programa de rádio "Voz do Brasil" da Velha à Nova República.** São Paulo: Annablume: ECA-USP, 1995.

PIMENTEL, F. P. **O Rádio educativo no Brasil: uma visão histórica.** Rio de Janeiro: SOARMEC Editora, 2009.

SAROLDI, L. C. MOREIRA, S. V. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SILVA, S. da. **Panorama Histórico do Mobral: operacionalização no Município de Araras.** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Campus de Rio Claro, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e seus Fundamentos Filosóficos e Científicos. Rio Claro, 2012.

SOUZA, M. A. de. **Superintendência da borracha: um estudo institucional.** Monografia. Instituto de Florestas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2010.

Apêndice A: Carta de Cessão

CARTA DE CESSÃO

Rio de Janeiro, 10 de outubro de 2012

THIAGO PEDRO PINTO

Eu, MARLENE MONTEZI BLOIS, portadora do documento de identidade número 015335670-4 / Ministério da Defesa, brasileira, residente à Rua Visconde de Pirajá, número 128, apartamento 1501, cidade do Rio de Janeiro (RJ), declaro para os devidos fins que cedo o direito das filmagens de minha imagem e som, captados em entrevista concedida a THIAGO PEDRO PINTO, juntamente com sua transcrição, textualização e de mais procedimentos advindos delas, ficando THIAGO PEDRO PINTO autorizado a utilizar a entrevista e as produções a partir delas, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos, para fins acadêmicos, sendo a mim comunicadas essas novas utilizações.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, desde que essas utilizações não tenham fins lucrativos, subscrevo a presente,



Marlene Montezi Blois



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Antonio Vicente Marafioti Garnica (orientador)

Volume

Entrevista com Edvaldo Dias

Bauru

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências

Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

Tese de Doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação para a Ciência.

Bauru (SP)

2013

SUMÁRIO

Volume: Instruções de Uso

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica	9
Apêndice A: Sobre Jogos e Caleidoscópios	11
Apêndice B: Notas sobre o trabalho com entrevistas nesta pesquisa	22

Volume: O acervo da SOARMEC

O acervo da SOARMEC, a disponibilização pública de um Catálogo e a constituição de um Mapa para o acervo	4
Referências	13
Apêndice A: Catálogo de Etiquetas do Acervo da SOARMEC	15
Apêndice B: Mapa do Acervo	61

Volume: Da revisão de literatura: uma terapia filosófica da expressão “Projeto Minerva” como possibilidade de vasculhar um terreno

Introdução	4
Sobre as linguagens nos textos de Wittgenstein	6
Os trabalhos selecionados	9
Trabalhos Acadêmicos	10
Livros	16
Entrevistas	17
Demais documentos	28
Algumas Considerações	31
Referências	32

Volume: Produção de Radioaulas no Projeto Minerva

Da Matemática falada, do resgate de fontes, da potencialidade de compreender a partir de múltiplos focos: um ensaio sobre a produção de radioaulas no Projeto Minerva	4
1. Material para o Rádio	9
1.1. O “Material Bruto”	9
1.2. Comunicação Com o Aluno	12
1.3. Arquivo de áudio do programa	14
1.4. A transcrição do programa	15
2. Material para o Fascículo	18
2.1. Texto Bruto	18
2.2. Fascículo	22
3. Movimentos de Produção dos Materiais	26
3.1. Material Bruto, Comunicação Com o Aluno (CCA) e Arquivo de Áudio	26
3.2. Texto Bruto e Fascículo	31
3.3. Fascículo e Arquivo de Áudio	32
4. Alguns apontamentos sobre a produção das aulas	35
Referências	38

Volume: Entrevista com Marlene Montezi Blois

Entrevista com Marlene Montezi Blois nas dependências da SOARMEC - Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC (2º andar da Rádio MEC), Rio de Janeiro, 05/10/2011	4
Apêndice A: Carta de Cessão	36

Volume: Entrevista com Edvaldo Dias

Entrevista com Professor Edvaldo Dias, ex-monitor do Projeto Minerva, ocorrida na residência do depoente, em Coxim-MS, no dia 14/07/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Paulo Roberto Motejunas

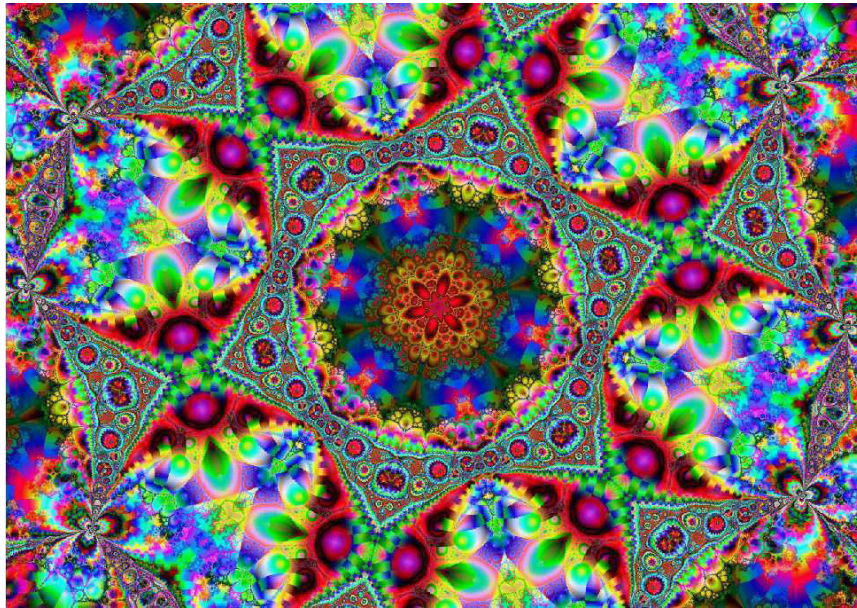
Entrevista com Professor Paulo Roberto Motejunas, ocorrida na residência do depoente, em Caçapava-SP, no dia 28/08/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e Maurílio Costa Filho

Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e seu marido, Maurílio Costa Filho, ex-alunos do Projeto Minerva, ocorrida na residência dos depoentes, em Paraíba do Sul - RJ, no dia 15/06/2013	4
Apêndice A: Cartas de Cessão	31

Volume: Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva

Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva	4
Fita 01 - A Voz do Povo - 19/03/90 - Projeto Minerva - P1	11
Fita 02 - A Voz do Povo - 20/03/90 - Projeto Minerva - P2	34
Considerações sobre o debate	57
Referências	59
Apêndice A: Fotografias Compósitas	61
Referências	67



Entrevista¹ com Professor Edvaldo Dias, ex-monitor do Projeto Minerva, ocorrida na residência do depoente, em Coxim-MS, no dia 14/07/2012.

Duração: 01 h 30 min.

Por Thiago Pedro Pinto

Em abril de 2012, quando elaborando um projeto de iniciação científica com uma aluna da Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, solicitei a ela que tentasse identificar em sua região (Coxim-MS) a existência de radiopostos do Projeto Minerva (PMi). Após poucos dias recebi um e-mail dela com a grata notícia: seus pais, também professores, encontraram em Coxim (MS) o Professor Edvaldo, ex-monitor do PMi. Em meu primeiro contato com o Prof. Edvaldo ele se mostrou bastante disponível, relatou brevemente alguns dados e, passados alguns dias, agendamos a entrevista. Nosso encontro ocorreria em sua casa, onde fomos muito bem recebidos por um senhor bastante ativo e interessado nas questões educacionais e políticas de sua região.

Thiago: Professor Edvaldo, comecemos com uma breve apresentação do senhor.

Edvaldo: Eu sou o Professor Edvaldo. Tenho cinquenta e cinco anos, casado, cinco filhos, nove netos, professor há trinta e três anos, só não me aposentei por que sou muito jovem, eu não tenho idade para aposentadoria, tenho tempo, mas não tenho idade, na

¹Ana Rúbia Ferreira de Souza, estudante do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), esteve presente na ocasião da entrevista, além do depoente, Professor Edvaldo Dias e do pesquisador, Thiago Pedro Pinto. A imagem que acompanha o título foi gerada com o software Interactive Psychedelic Kaleidoscope, disponível em <http://img.izismile.com/img/img2/20090618//psychedelic_kaleidoscope.swf>

verdade... É brincadeira... Faltavam dois anos para aposentar aí veio a emenda constitucional quarenta e sete, aí alterou tudo: antes era só trinta anos (de contribuição) ou cinquenta e cinco (de idade), ficou trinta e ... aí me enrolei todo e não deu para aposentar ainda.

Comecei a trabalhar mesmo, efetivamente, em 1978, mas trabalhei no Projeto Minerva de 1976 a 1978, numa comunidade na zona rural – Cerradinho, São Ramão (MS). A comunidade existe até hoje, só que está assim um patrimônio fantasma, não mora mais ninguém lá. Tem a igreja, a escola, o prédio da escola ainda está lá. A igreja tem uma missa por mês e na escola não tem mais criança. Era uma região produtora de milho, arroz, feijão, mamona e algodão, hoje virou só pasto. Chegou um fazendeiro e começou a comprar as pequenas propriedades e o pessoal vinha aqui, na época a gente chamava essa região de “Grilo²”, hoje Vila Bela, Senhor Divino, Marechal Rondon, e foi comprando as chácaras pequenas e formou uma fazenda. Hoje é um fazendeiro só e não tem mais gente lá. Até tinha um rapaz que, moço, pai de família, um senhor já, meu aluno na época do Projeto Minerva, que vendeu a chácara, sumiu, desapareceu, foi pra fazenda... ele vem para a cidade, mas ele vem esporadicamente, uma vez por ano, duas, só para visitar os familiares.

E era assim, eu tinha um grupo, na época eram 16 pessoas, e a aula do Projeto Minerva era em três etapas. Então, a gente sentava numa sala de aula, uma sala de aula comum, se estudava o conteúdo que tinha sido apresentado na aula anterior, depois sentava em círculo, ligava o radinho e ouvia a aula, ali uns 40 minutos, a gente ouvia aquela aula e, terminada a aula, a gente preparava o grupo para a aula seguinte. Então, a gente ficava ali umas três horas aproximadamente, cumprindo estas três etapas.

O que é interessante é que o pessoal aprendia, sabe? Hoje eu fico pensando que era tão pouco recurso, era só um rádio mesmo que a gente tinha ali (na época a prefeitura dava um radinho pra gente), e conseguia ensinar, o pessoal conseguia aprender, era interessante, não tinha esse monte de dificuldade que a gente tem hoje, você trabalhava

² O termo Grilo está comumente associado à ação de grilagem, que é uma ação ilegal visando a tomar posse de terra pública para bens de terceiros. Segundo relato do Greenpeace “O termo “grilagem” tem origem em uma prática antiga de “envelhecer” documentos forjados para conseguir a posse de determinada área de terra. Os papéis eram colocados em uma caixa com grilos. Com o passar do tempo, a ação dos insetos dava aos documentos uma aparência antiga e com uso”. Disponível em <<http://www.greenpeace.org.br/amazonia/pdf/grilagem.pdf>>. Em Coxim, as terras a que o Prof. Edvaldo se refere foram tomadas por indivíduos que, posteriormente, ganharam a posse da propriedade pela prefeitura.

o conteúdo... Hoje a gente tem um monte de recurso e o conteúdo não desenvolve tão bem quanto naquela época. Não sei, talvez até seja saudosismo, né? Mas analisando a situação que a gente tinha na época e o que a gente tem hoje, sabe? Primeira vez que eu tive um encontro com um mimeógrafo, pra mim foi a primeira maravilha do mundo aquele mimeógrafo. Então, parece que a gente tem muito recurso mas não desenvolve muito bem.

T.: Como foi que o senhor teve contato com esse projeto?

E.: Na época era assim: eu tinha chegado aqui (eu sou de Bataguassu³), na minha região, lá em Bataguassu, a gente fazia da primeira a quarta série, aí pra fazer o exame de admissão⁴, você tinha que ir na cidade, que ficava a 20 km da região em que eu morava, e não tinha um ônibus, não tinha meio de transporte, era em cavalo, bicicleta mesmo que a gente ia. Se fosse hoje, eu, minha família, seria Sem Terra, minha família vivia arrendando terra naquela região, meu pai arrendava terra, fazia roça, trabalhava um ano, e quando venciam aquele contrato ele ia para outro lugar, mas sempre ali naquele município de Bataguassu. Então, quando eu terminei a quarta série, eu não tinha recursos para fazer o exame de admissão e ir pro quinto ano na época. Nesse entremeio minha mãe morreu e meu pai ficou muito desgostoso e tal, e resolveu mudar de lá, e aí viemos aqui para Coxim. Isso em 1976. Eu nasci em 1957. Então, se você for calcular, você vai ver que eu casei muito novo. E na época em que eu vim pra cá, em 1976, eu já era casado, e aí começamos, minha primeira filha. Nós chegamos em primeiro de outubro de 1976 e minha primeira filha nasceu em 17 de outubro de 1976, e a gente, acho que acontece isso com a maioria das pessoas, nós queríamos um menino, e aí veio uma menina, “*e vamos tentar um menino? Vamos!*” aí tentamos, e sempre menina, vieram três meninas seguidas, e a gente tentando um menino, e nessa brincadeira tivemos seis filhos. E aí, eu comecei. A roça era pouca, e aqui é assim: o tempo muda

³ Cidade localizada no atual estado do Mato Grosso do Sul, próxima à divisa com São Paulo, distante aproximadamente 650 km de Coxim.

⁴ Antes da Lei 5692/71, para se matricular em outro nível de ensino era necessário, dentre outras coisas, ser aprovado em exames de admissão. Os exames de admissão ao Ginásio tiveram início em 1931, com a Reforma Francisco Campos (decreto n. 19.890/31): “Art. 22 – O exame de admissão constará de provas escritas, uma de Português (redação e ditado) e outra de aritmética (cálculo elementar), e de provas orais sobre elementos dessas disciplinas e mais sobre rudimentos de Geografia, História do Brasil e Ciências Naturais. Art. 23 – O Departamento Nacional de Ensino expedirá instruções que regulem o processo de julgamento dessas provas” (BRASIL, 1931). Apesar de várias modificações na forma e no conteúdo das provas (por exemplo, com a Lei 4.024/61) os exames perduraram até 1971, com a reforma da Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Ver outros detalhes na nota de rodapé referente à Lei 5692.

muito. A nossa intenção, quando viemos para cá, era produzir algodão, e aí o tempo não batia muito com o sistema de produção e vendas do algodão, e aí começamos a ter prejuízo com a nossa safra, e aí tinha que encontrar outra forma de ganhar dinheiro, e foi aí que veio o Projeto Minerva.

A prefeitura começou – era Judite de Castro e Silva⁵, Secretária de Educação da época do governo Franklin Rodrigues⁶, figurinha conhecida de todo mundo, não é? – aí a prefeitura começou a implantar o Projeto Minerva aqui, e aí chamou algumas pessoas que já eram lideranças naquela região. Eu já participava das reuniões do Sindicato dos Trabalhadores Rurais⁷ na época da EMPAER⁸, então a gente já tava no meio, já conversando com o pessoal, já com certa liderança, aí eles me chamaram, fizeram a proposta da gente formar um grupo e trabalhar com o Projeto Minerva e eles pagariam, na época, se fosse hoje, uns dez reais por aluno, então quem tivesse mais alunos ganhava mais. Só que o povo não tinha muito interesse, começava a falar para eles que você ia dar aula pelo rádio o pessoal não tinha muito interesse não. Então, formei um grupo com 18 pessoas e trabalhei com esse grupo. É claro que não eram as mesmas pessoas: eu comecei com 18 pessoas. Depois, no ano seguinte, um grupo de mais algumas pessoas... foi assim, eu trabalhei durante três anos com isso. Então, eu entrei para o Projeto Minerva porque a gente precisava ter uma outra fonte de renda porque a lavoura da produção de algodão estava gerando prejuízo e, como eu tinha muito filho, eu tinha [risos] que ter uma forma de ter um pouquinho mais de dinheiro para poder sustentar a família. Foi assim que aconteceu.

Aí o problema da formação também: eu não tinha formação. Eu tinha o quarto ano e tinha acabado naquele ano, tinha mudado a 5692, a Lei de Diretrizes e Bases de 1971 tinha entrado em vigor, aí eu não precisei fazer o exame de admissão⁹, mas eu tive que

⁵ Dona Judite de Castro e Silva foi Secretária Municipal de Educação durante a gestão do prefeito Dr. Franklin Rodrigues Masruha. Durante sua gestão foi implantado o transporte escolar e a compra de itens da merenda escolar diretamente dos pequenos produtores rurais da região.

⁶ Prefeito Franklin Rodrigues Masruha.

⁷ Fundado em 1974 por Antonio Gonçalves, presta assistência aos trabalhadores rurais da região, em especial na formalização de suas atividades via expedição de comprovantes. Informações obtidas diretamente com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, via telefone.

⁸ EMPAER - Empresa de Pesquisa e Assistência Técnica e Extensão Rural.

⁹ Promulgada em 11 de agosto de 1971, trouxe mudanças na educação nacional ao propor uma nova divisão para a seriação escolar. Os ensinos primário e secundário, antes de 4 e 8 anos respectivamente, tinha a segunda parte dividida em duas etapas: ginásio e colegial. A passagem do primário ao ginásio

sair de lá do Cerradinho e vim fazer quinta e sexta série aqui, no Semiramis¹⁰, uma escola aqui na zona urbana. Chovia muito, então não tinha transporte também, então esbarrei novamente na questão do transporte, só que aí eu já tinha decidido que eu ia ser professor. Então, catava uma bicicleta e vinha, vinha de bicicleta, vinha a pé, vinha de cavalo, vinha estudar, trabalhava durante o dia, e a tarde saía de lá do Cerradinho e vinha estudar aqui... muito complicado mas, assim, acho que foi uma fase boa...

T.: Então, o senhor já era da comunidade em que o senhor trabalhava?

E.: Já

T.: E o senhor falou das turmas, essa turma ficava quanto tempo ali com o senhor?

E.: Eu acho que nessa turma, a primeira turma que a gente fez com dezoito alunos, eu devo ter terminado com uns seis, sete alunos só. O restante desanimava ou – também tinha a questão, eu trabalhava com jovens, né? – casava, ia para outra região, ou desistiam mesmo. Terminava um grupo muito pequeno, mas aí começava outro, sabe? Então, a gente atendia por ciclos, por módulos, e aí apostilas e tal. Então, era assim. Normalmente eu tinha vinte, vinte e cinco pessoas ali trabalhando naqueles grupos, né? Mas para finalizar o ciclo completo, a gente terminava com pouca gente. Se fosse hoje eu diria que o índice de evasão era grande.

T.: Antes de começar a trabalhar no Projeto Minerva o senhor já tinha ouvido falar desse projeto?

E.: Eu, se contar a história da minha formação é... é um drama, né? Como eu estava te falando, se fosse hoje eu seria filho de Sem Terra, e a gente terminava naquela região e você não tinha escola pra continuar e, na época, tinha que fazer um exame de admissão que era uma barreira, como se fosse o vestibular hoje, e você precisava ter uma locomoção da minha região para a escola mais próxima que ficava a uns sete ou oito quilômetros (não tão longe, mas era, assim, muita dificuldade pra gente fazer). Então, eu

exigia a aprovação num processo de seleção chamado “exame de admissão”, criado pela LDB de 1961 art. 36 (lei n. 4.024/61) e extinto com a lei 5692, de 1971. Além da extinção do exame, a mesma lei criava o Primeiro Grau, com 8 anos, e o Segundo Grau, com 3 anos, este último de formação geral, próximo ao que hoje é o Ensino Médio (BARALDI, 2003, p. 186). Para o ingresso no Segundo Grau a lei trazia como única exigência “... a conclusão do ensino de 1º grau ou de estudos equivalentes” (BRASIL, 1971). Além disso, fixava como obrigatórias algumas disciplinas como Educação Moral e Cívica (EMC), Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos programas dos cursos de Primeiro e Segundo Graus. Fixava ainda a obrigatoriedade do ensino de Primeiro Grau a crianças de 7 a 14 anos. A lei pode ser consultada na íntegra no endereço: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102368>>.

¹⁰ Escola Estadual Semiramis Carlota Benevides da Rocha, Coxim(MS).

comecei a estudar no Instituto Universal Brasileiro¹¹, por correspondência. A gente fazia uma vez (acho que eu devo ter a carteirinha até hoje), a gente fazia a matrícula e recebia o material por correspondência, Madureza Ginásial¹², era o equivalente à oitava série. Nesse curso eu tive contato com o Projeto Minerva. O outro empurrão também é que, na época, o pessoal fazia muito financiamento pra lavoura pelo Banco do Brasil e aí o Banco do Brasil começou a exigir que eles pelo menos soubessem escrever o nome. Então, só fazia a carteira, como se chamava na época, o empréstimo, quem soubesse assinar o nome, e aí eles recorriam a tudo que dava, alguém que já sabia ler um pouquinho ia lá ensinar aqueles senhores a escrever o nome, muitos deles iam com o nome escrito num papelzinho, chegava lá na frente do gerente, colocava o papelzinho aqui e copiava na ficha, na folha. Então, meus primeiros contatos, as informações sobre a existência do Projeto Minerva foi lá por volta de setenta e quatro, setenta e seis por aí (1976 eu já comecei trabalhar, setenta e quatro, setenta e cinco que eu tive a informação), que comecei a ouvir alguns programas do Projeto Minerva...

T.: Mesmo sem ser aluno o senhor já ouvia?

E.: Sim, porque nos módulos do Madureza Ginásial do Instituto Universal falava-se muito, em algumas lições, ele empurrava muito a gente para ouvir as aulas do Projeto Minerva, né? Então, eu tive assim um primeiro contato, mas não muito profundo. Ouvia umas aulas. Também não era grandes coisas não...

T.: Como era o contexto social dessa época aqui, em Coxim?

E.: Bom, lá no Cerradinho a gente tinha uma faixa de 180 famílias produzindo feijão milho, mandioca e algodão. Produção de mamona era pouca e algodão também era pouca. Se for falar em nível financeiro, era um pessoal que vivia exclusivamente daquela produção. A gente brincava muito que o pessoal nativo aqui de Coxim era muito preguiçoso, eles plantavam mandioca, milho, feijão e arroz, e tinha muito peixe. Então, eles trabalhavam muito no mês de agosto, setembro, outubro, novembro e

¹¹ O Instituto Universal Brasileiro atua a mais de 60 anos no ensino a distância por correspondência, com cursos supletivos, profissionalizantes e técnicos. <<http://www.institutouniversal.com.br/>>

¹² A Lei 4.024/61, que dispunha sobre as diretrizes gerais da educação até 1971, quando foi reestruturada pela lei 5692, em seu artigo 99 concede aos maiores de dezesseis anos a possibilidade de obtenção de certificados de conclusão do curso ginásial através da realização de provas, sendo a preparação para estas independente de regime escolar, e acrescenta: “Nas mesmas condições permitir-se-á a obtenção do certificado de conclusão de curso colegial aos maiores de dezenove anos” (BRASIL, 1961). Este processo, e os cursos que se vinculavam a ele, às vezes eram designados pelo número do artigo que possibilitava sua existência, o “Artigo 99”.

dezembro, e ficavam janeiro, fevereiro, março, abril e maio pescando. Eles iam lá, pegavam o peixe, voltavam pra casa e comiam peixe com mandioca, peixe com arroz, peixe com feijão, peixe com... [risos]. Então, era assim...

A cidade era uma cidade muito feia, pequenininha. Na época devia ter uns 25, 26 mil habitantes. Não tinha nenhuma rua asfaltada, essa Virginia Ferreira, principal ali... Eram praticamente duas ruas, a Virginia Ferreira e Filinto Müller, lá no centro, tudo sem asfalto... estavam terminando de construir aquele hospital que agora vai ser da CASSEMS¹³, Santa Casa, e um médico, era... um médico, e um outro que era do quartel, que era militar e que estava trabalhando aqui no quartel. A saúde precaríssima mesmo, tinha sérios problemas, inclusive nessa brincadeira eu perdi um filho... Ah, estava falando né, a gente ficava tentando, e o quinto filho foi um menino, e aí quando ele tinha nove meses ele pegou uma infecção renal e faleceu com nove meses de idade, faleceu por falta de atenção médica, de assistência mesmo, né? Foi na Santa Casa aqui, mas o médico era um médico militar e até hoje eu tenho impressão que ele cometeu algum erro, mas até provar que o médico cometeu um erro... se hoje ainda é difícil, imagina em 1976. Então, era um nível social muito baixo apesar de que a gente tinha o Sindicato dos Trabalhadores Rurais muito atuante e tinha a EMPAER, que era um órgão do governo (hoje está misturado com o IAGRO¹⁴) que dava assistência ao pequeno produtor. Era um trabalho muito bonito que a EMPAER e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais fazia, naquela época, já na tentativa de fixar o homem no campo, sabe? Investia muito pra que a gente tivesse uma horta boa lá no fundo do quintal, para que você pudesse pelo menos trabalhar com essa coisa comunitariamente e que você pudesse vender esse produto transformando em algum recurso alternativo, e orientava também na questão da pesca. Nessa época nasceu a Associação de Pescadores¹⁵ daqui. Ia já orientando o pessoal. Tinha muito peixe mas do jeito que eles faziam ia acabar. O turismo, na verdade... Fala que Coxim é uma cidade turística, não é uma cidade turística, o rio era turístico! O pessoal não olhava assim, era o peixe pelo peixe e

¹³ Caixa de Assistência dos Servidores do Estado de Mato Grosso do Sul – criada em 2001, é um plano de saúde exclusivo dos servidores do Estado de Mato Grosso do Sul. <<http://www.cassems.com.br/>>

¹⁴ Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal. <<http://www.iagro.ms.gov.br>>

¹⁵ A Associação de Pescadores de Coxim foi criada em 30 de Setembro de 1967, por Brás Rodrigues Dias. Atualmente, atua principalmente no auxílio aos pescadores quanto à documentação profissional e na área de preservação ambiental na região.

acabou. O pessoal ia lá, pescava quatrocentos, quinhentos quilos de peixe, aproveitava o que dava para aproveitar, o restante jogava fora. Pescava indiscriminadamente. A EMPAER e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, e aí, já em 1979 com a criação da Associação de Pescadores, eles começaram a orientar neste sentido de cuidar do que se tem porque vai acabar, né? E começaram a orientar os fazendeiros da região, que aí estava sendo introduzida a soja. Esse fazendeiro que eu te falei, começou a comprar os terrenos, começou a plantar soja e aí gaúcho começou a chegar também na região, e aí começou a plantação de soja, e aí a degradação do solo, e aí o assoreamento do rio, então a orientação da IAGRO, na época EMPAER, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e da Associação de Pescadores, era voltada para esta questão da preservação. Tanto é que a gente vê hoje. Hoje, se você quiser ir a qualquer região aqui no fundo da cidade e cruzar o rio a pé, você consegue, com duas ou três braçadas, cruzar ali o canal. O restante você não vai molhar o joelho. Peixe não existe mais, as colônias acabaram. Esta, lá do Cerradinho, que tinha cento e oitenta famílias, hoje tem umas quatro ou cinco famílias. Acabaram de fazer uma festa junina lá e aí você vê uma festa com quinhentas, seiscentas pessoas, movimento grande, mas todo mundo aqui de Coxim. E são pessoas que, como eu, saíram de lá, vieram para a cidade e voltam lá só pra passear, na festa junina, quando tem alguma coisa importante lá. O patrimônio virou fantasma mesmo, não tem nem uma família lá. Tem a igreja, a escola, umas duas ou três casas, mas tudo fechado, e era, na época, um centro comercial digamos assim, né, eles tinham máquina de compra e venda de toda a produção do pessoal, um campo de futebol, a igreja e a escola e aí, começando na sexta à tarde até domingo, tinha muita gente circulando, muita brincadeira, muita briga também... tiroteio, facada, pancada [risos] ... mas tinha muita gente, e hoje você chega lá e virou fantasma mesmo...

T.: Aproveitando sua fala, o senhor lembra se havia programas voltados a essas questões ambientais, organização de trabalho, e como as pessoas viam quando você falava que trabalhava com educação pelo rádio?

E.: A princípio o pessoal não acreditava que conseguisse aprender alguma coisa ouvindo, mas a gente tinha outra vantagem, a maioria do pessoal não tinha televisão, sabe? Então, todo mundo tinha o radinho, todo mundo ouvia a Voz do Brasil¹⁶, então a

¹⁶ No ar desde 1935, em 1946 recebe esta nomenclatura “Voz do Brasil”, substituindo a antiga “Hora do Brasil”. Tem sido, desde sua criação, um dos principais veículos de informação oficial, como foi, em especial, durante a Segunda Guerra Mundial. Sua audiência nunca foi sistematicamente medida, dada a

gente tinha essa vantagem, toda casa tinha um rádio, o pessoal tinha uma mania de esticar um arame por cima da casa que era a antena do rádio, e todo mundo tinha um rádio, todo mundo ouvia a Voz do Brasil, que era um meio fácil de informação. De saber o que estava acontecendo até politicamente. Só que não acreditavam que a gente conseguisse aprender, que conseguisse ensinar via rádio, então a gente tinha essa barreira da falta de... acho que de fé mesmo, de que ia aprender alguma coisa pelo rádio. Mas quando você começava a trabalhar, eles começavam a entender que dava para aprender e até era uma forma de se encontrar, de bater papo, de trocar alguma experiência. A gente findava não fechando a aula só naquele tema – porque, como eu te falei, a gente primeiro estudava a aula anterior, preparava o grupo para a audição da aula daquele dia e depois para a aula seguinte, e nesses três tempos da aula que a gente fazia, sempre sobrava uma conversa fora do contexto –, discutia-se as questões locais ali também, e essa era uma orientação do próprio projeto, quer dizer, a gente não... o tema central era a aula daquele dia, mas você podia expandir para a realidade local, naquele contexto.

T.: Quando o senhor iniciou no Projeto Minerva, o senhor recebeu alguma orientação, alguma capacitação, algum material diferente, como é que foi esse início?

E.: A gente teve um treinamento. Foi o primeiro curso que eu fiz fora, nós fomos fazer, foi minha primeira viagem intermunicipal na questão de educação. Nós fizemos um treinamento em Fátima do Sul¹⁷. Saía daqui eu e mais seis pessoas, seis professores, a secretária de educação, a professora Judite, que é viva até hoje, é velhinha já mas está viva, e aí fomos para Fátima do Sul e ficamos a semana inteira lá, recebendo treinamento. Chegamos aqui de volta, recebemos o radinho e aí eles abriam uma conta pra gente no armazém na vila, pra gente poder comprar pilha pro rádio, e uma outra conta no técnico de rádio pra se a gente tivesse algum problema a gente ir lá e o cara

inexistência de verbas específicas para isso, mas sempre manteve o discurso de “falar a todos os brasileiros”. Em 1986, quando da primeira pesquisa a esse respeito pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), os resultados não foram animadores: apenas 5% dos entrevistados ouvia a Voz do Brasil. Um dos presidentes da EBN (Empresa Brasileira de Notícias), em data anterior à pesquisa (1986), alertava que uma pesquisa seria incapaz de analisar toda a gama de brasileiros que ouviam o programa, e destacava dentre eles a comunidade rural, que congregava uma parcela significativa da população que, sem acesso à televisão, valiam-se maciçamente do rádio para obter informações (PEROSA, 1995, p. 184 e 185). No final da década de 1980, por pressão da ABERT (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão), cogitou-se extinguir o programa, que, entretanto, se mantém no ar até os dias de hoje.

¹⁷ Cidade do atual estado de Mato Grosso do Sul, distante aproximadamente 600 km de Coxim.

consertar. Aí era outro problema, porque a gente tinha aquele radinho, o meu era o Motorádio¹⁸. Quando esse rádio estragava a gente não tinha outro pra substituir, então você ficava um tempo sem ouvir as aulas porque o rádio estava quebrado, você tinha que trazer aqui pra cidade pro técnico consertar, e aí a gente ficava uma semana, quinze dias, sem esse rádio. Aí, quando consertava, você pegava tudo de volta e você tinha que recuperar o tempo perdido. E tinha umas apostilas, só que eu não... ainda tentei recuperar alguns, mas eu peguei meus livros daqui e levei pra chácara, devolvi lá na chácara porque aqui estava faltando espaço, mas eu acho que ainda devo ter alguma coisa, qualquer coisa eu te mando depois...

T.: A gente trouxe também aqui uma coletânea de fascículos.

E.: Nossa! [risos] Legal, legal...

T.: Se o senhor quiser lembrar... eram desses os que o senhor trabalhava?

E.: Exatamente!

T.: Esse a gente conseguiu num sebo, o aluno encadernou, um aluno do Paraná...

E.: Então, eu devo ter algum material deste aqui na chácara... [folheando o material]. Essa ficha daqui ó¹⁹, a gente costumava preencher, eu trabalhava voltado para a alfabetização, que era o objetivo aqui de Coxim, era alfabetizar, então o meu trabalho era voltado para alfabetização. A gente ouvia a aula e voltava para a alfabetização, para ensinar a ler e escrever, só preenchia esta ficha aqui depois que o aluno já sabia, ele preenchia com a letra dele. Então, isso aqui é como se fosse um exame, um exame final, o aluno que sabia preencher isso aqui estava preparado, ele já podia até sair da escola sabe? [risos] Era interessante isso aqui... era um exame final... [folheando] normalmente estas atividades²⁰ a gente fazia num segundo, essa atividade aqui, a gente fazia num segundo momento....

¹⁸ A Motorádio foi a primeira empresa brasileira, fundada em 1942, em São Paulo, de aparelhos de rádio para automóveis. Falida, foi adquirida, no início da década de 1990, pela empresa Audiomótor Comercial e Industrial Ltda – MOTOBRAS.

¹⁹ Refere-se a uma ficha, encontrada na contracapa do fascículo, em que o aluno preenchia seu nome, endereço, cidade, estado e radioposto do qual participava.

²⁰ O professor refere-se, aqui, ao item do fascículo “Atividade para depois da aula”. Na ocasião da entrevista ele tinha à mão o fascículo de número 07, da aula de número 50, de língua portuguesa, do Curso Supletivo de Primeiro Grau, segunda fase, do ano de 1973, entregue a ele por nós. Esta aula especificamente tinha como tema “pronomes”, e o primeiro exercício pedia para que o aluno identificasse, numa frase, qual tipo de pronome estava sendo usado: pessoal, substantivo, adjetivo, etc. Já o segundo exercício pedia para que o aluno preenchesse frases de acordo com o pronome apresentado. (pg.8 – figura ao final da entrevista).

T.: Depois de ouvir?

E.: Depois da audição da aula, aí a gente completava essas atividades, aqui ó... todas elas... como minhas turmas eram de alfabetização, normalmente meu material está sem completar isso aqui [apontando para a ficha].

T.: Entendi.

E.: Porque eu destacava – aí o método já era voltado para o Paulo Freire²¹, né? – sempre destacava a palavra principal e aí você ia tirando as palavras daqui pra poder formar uma lista de palavras que o aluno ia treinar a leitura e a escrita, nestes textos aqui, nestes textos.

T.: O senhor comentou um pouquinho dessa capacitação que senhor teve em Fátima do Sul. O senhor lembra como foi isso, o que eles falavam?

E.: Da capacitação em si eu não me recordo muito, mas era assim: um pessoal vinha de Brasília com a Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul e as Secretarias Municipais, entre elas a de Coxim, que estava lá com a delegação, incluindo eu que fazia parte da delegação aqui de Coxim, e era, foi um treinamento bom, mas o nível do pessoal, daqueles que seriam monitores, era um nível muito baixo. Eu, na época, tinha

²¹ Paulo Freire, e por consequência o seu método de alfabetização, estava voltado a “trabalhar no sentido de intensificar a presença dos analfabetos, agora sabendo ler e escrever, no processo político nacional. (...) o que me interessava fundamentalmente não era exercitar o chamado analfabeto na memorização mecânica dos ba, be, bi, bo, bu, dos la, lê, li, lo, lu, mas era, pelo contrário, possibilitando ao alfabetizando avançar o domínio técnico da combinação das sílabas para escrever a palavra e para ler a palavra, estimular nele e nela a possibilidade de reler a realidade de que faziam e de fazer parte, ganhando uma compreensão mais crítica do mundo mesmo em que estão” (FREIRE apud BLOIS, 2005, p.72). O método era baseado na interação dos participantes, com foco na fala. Com base em palavras do cotidiano dos participantes se iniciava um estudo fonético dessas palavras de uso corrente e, a partir daí, ocorria a identificação de palavras semelhantes. “Esta é uma das razões pelas quais este é um método que se constrói a cada vez que ele é coletivamente usado dentro de um círculo de cultura de educadores-e-educandos. E o trabalho de construir o repertório dos símbolos da alfabetização já é o começo do trabalho de aprender. Por isso ele deve envolver um máximo de pessoas da comunidade, do lugar onde serão formadas uma ou mais turmas de alfabetizandos. A idéia de uma ação dialógica entre educadores-e-educandos deve começar com uma prática de ação comum entre as pessoas do programa de alfabetização e as da comunidade” (BRANDÃO, s/data, p.11). Este método de alfabetização teria tido sua primeira experiência com a alfabetização de 300 pessoas em 45 dias na comunidade Angicos, próxima a Mossoró (RN). O “Sistema Paulo Freire”, que havia sido adotado pelo Estado antes do golpe de 1964, foi, após este golpe, duramente perseguido, devido a seu caráter “progressista”. A Cruzada ABC, ligada à Igreja Protestante norteamericana, foi um dos movimentos que ganhou força após o golpe e “contestava” política e pedagogicamente o Sistema Paulo Freire (SCOCUGLIA, 2003,p.83). A Cruzada ABC seria um dos embriões do MOBREAL. Paulo Freire, ao comentar o golpe de 1964, diz que havia um exagero por parte do Governo quanto à sua periculosidade, no entanto acrescenta: “Agora, evidentemente que minha proposta era, e continua sendo, um proposta não de uma Educação para acomodação das pessoas e das classes sociais, mas, pelo contrário, uma proposta de Educação para a transformação da realidade brasileira. Então, isso aí não devia ser bem visto pelos grupos dominantes” (FREIRE apud BLOIS, 2005, p.89).

terminado o quarto ano, estava começando a me preparar para ir pro quinto ano na época, e assim, na minha situação, eram quase todos os monitores. O nível muito baixo, quase todo mundo com quarto ano se preparando pra ir pro quinto, mas... e de certa forma também não era uma opção: a gente tava lá encontrando uma outra fonte de renda, sabe? Coxim estava se tornando um grande produtor de soja (que nunca foi na verdade porque, depois, os plantadores de soja viraram criadores de gado, e voltou mesmo para a pecuária), com gaúcho chegando também na região para plantar soja. Por conta disso, o que a gente plantava, com base no arroz, no feijão, no milho, no algodão, na mamona, estava diminuindo, não tinha mais pra quem vender, sabe? Nós tínhamos outro patrimônio, aqui no Cearense, que é uma outra região que tinha também um comércio onde o pessoal vendia toda a produção, e os proprietários desses comércios (na época eram comércios grandes, grandes armazéns) estavam empobrecendo porque o fazendeiro estava chegando, comprando as terras e produzindo soja, e essa produção de soja não era vendida praquele cara que antes comprava tudo. Ele já não podia comprar quatrocentas, quinhentas toneladas de soja, então aquilo estava diminuindo, e aí, quem tinha um “pouquinho” de instrução, na época não era “pouquinho”. Tô falando pouquinho instrução porque hoje, você, com quarto ano, não vai a lugar nenhum, praticamente tá alfabetizado, agora que está sendo alfabetizado, né? Mas, na época, era importante você ter isso, e a prefeitura começou a utilizar este pessoal, eu falo desse grupo que foi pra Fátima do Sul. Esses se tornaram orientadores para um outro grupo que não podia viajar porque a prefeitura não tinha recursos para mandar todo pessoal, então foi algumas lideranças, e aí acho que é importante porque eles escolheram assim, do São Ramão, Cerradinho, do Cearense, Alves Planalto, e aí foram pegando lideranças e esse pessoal formava outros. Eu, por exemplo, meu grupo: eu era um líder dos monitores, e aí eu trabalhava no Cerradinho como líder dos monitores e a gente tinha mais seis escolas que tinham também outros monitores, e aí fim de semana a gente reunia os seis monitores pra discutir, pra gente, sabe? Era assim: eu liderava o grupo e chegava as informações da secretaria pra mim. Eu repassava pro grupo de monitores, pros outros monitores ali (de certa forma, como se fosse um diretor hoje). Então, era assim que a gente trabalhava.

T.: Você tinha então notícias desses outros radiopostos? Como eles eram? Eram parecidos com o do senhor?

E.: Eram muito parecidos, mas eu acho que eles tinham mais sucesso que eu. Eu era líder mas eles tinham mais sucesso do que eu. Eles faziam mais sucesso que eu até porque, acho, eram mais dinâmicos, sabe? Eles conseguiam começar e terminar o ciclo de três anos com a mesma turma. Nós temos pólo também no São Ramão, que é a escola no São Ramão (ainda funciona hoje como escola). Até conversei faz uns quinze dias, com a Nirce²², a monitora lá do São Ramão (só que hoje ela mora em Sonora²³), e aí a gente lembrando daquela época, né? Ela era uma das monitoras que conseguia fazer ciclos de três anos com a mesma turma e eu nunca conseguia. Eu terminava, começava um ciclo – se bem que eu trabalhei em um ciclo só, né? Que eu comecei em 1976 e fui até 1979 –, mas eu não conseguia terminar. Eu terminava um ano na marra, começava com dezoito, vinte pessoas, terminava com seis, aí já começava a pegar outras pessoas porque senão meu grupo ia acabar, né? Então, eu não conseguia e eles conseguiam. Essa Nirce, por exemplo, ela conseguia pegar lá de três anos, ela ficou até 1986... (mudei para a cidade em 1985 e ela concluiu um grupo em 1985... foi o último grupo dela).

T.: A própria produtora do Projeto Minerva comentou que esse final do Minerva foi um pouco... foi acabando, né? Não se tem uma data precisa...

E.: É... tanto é que a última turma lá no São Ramão foi em 1986... Mas não se pode dizer que o Projeto Minerva terminou em 1986 porque ainda ficaram alguns radiopostos²⁴, ficaram funcionando ali até noventa, noventa e um... ainda tinham alguns radiopostos... Eu não sei, eu ainda tenho a impressão que ainda exista algum, porque o pessoal ressuscitou agora o Projeto Rondon²⁵, né? Eu acredito que ainda haja algum radioposto, não sei se de repente vale a pena pesquisar, viu?

²² Eunice Pereira de Albuquerque.

²³ Cidade situada ao norte do estado de Mato Grosso do Sul, próxima à divisa com Mato Grosso, distante aproximadamente 120 km de Coxim(MS)

²⁴ Durante a entrevista o depoente usa os termos (sinônimos) radioposto e radiopolo. Optamos por manter “radioposto” ao longo desta textualização.

²⁵ O Projeto Rondon atua na integração nacional, promovendo visitas de universitários, para trabalhos voluntários, a comunidades pobres do Norte, Nordeste e Centro Oeste. O Projeto foi criado durante a ditadura militar, em 1967, e depois extinto às vésperas da década de 1990. A primeira investida do projeto levou 30 estudantes e professores para trabalhar em cidades carentes de Rondônia. Até 1989, ano de sua extinção, mais de 350 mil universitários e professores tinham participado do projeto. No ano de 2005, o projeto foi retomado, coordenado pelo Ministério da Defesa em parceria com diversos outros Ministérios, dentre eles o MEC. Segundo o site oficial do projeto, de 2005 até hoje já foram levados mais de 12.000 estudantes a 800 municípios. No site há, ainda, uma pequena biografia do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, que inspirou o nome do projeto. (<<http://projektorondon.pagina-oficial.com/portal/>>). Um interessante detalhe é que o Marechal Rondon – que também dá nome ao estado de Rondônia –, em uma

T.: Como é que o material chegava até vocês?

E.: Ele vinha para a Secretaria de Educação e aí a Secretaria mandava pra gente. Vinha pelo correio pra Secretaria de Educação e aí a Secretaria distribuía nos radiopostos.

T.: Eles sempre chegavam? Chegavam a tempo?

E.: A gente trabalhava assim, sempre com esse material atualizado. Às vezes, acontecia de atrasar, mas a gente mantinha as aulas no rádio. Mas não era comum atrasar não, normalmente eles chegavam rigorosamente, o correio tinha essa preocupação de entregar em dia ali. Você estava se preparando para terminar um módulo e o outro já chegava, com pouquinhos dias de antecedência e já começava a distribuir este material. Eles tinham esse cuidado de estar com o material atualizado.

T.: Esses materiais contribuía em que sentido no aprendizado?

E.: Essas aulas... Bom, a aula mesmo, a áudio aula, ela era como o ponto de partida para a aula em si. A gente ouvia aquela aula, e era bom porque era um ponto de partida, se começava ouvindo aquela aula e dali você puxava um monte de temas para a questão local. A gente voltava para aquelas discussões das necessidades locais. Então, a gente usava muito a áudio aula como ponto de partida. No meu caso, que era turma de alfabetização, a gente pegava palavra chave (tô falando palavra chave, você está pesquisando nesta área, você sabe que palavra chave era um tema das aulas do Paulo Freire, o embrião já do Mobral²⁶, que veio logo depois). A gente começou, porque aí, paralelo a esse trabalho do Projeto Minerva, veio o Mobral, Movimento Brasileiro de Alfabetização, e aí eu já estava com a mão na massa mesmo, organizei o grupo e já parti pro Mobral, trabalhando com esse mesmo grupo, aliás. Do Projeto Minerva já puxando pro Mobral. E a gente pegava a palavra chave daquele material e trazia isso para a

de suas expedições levou Edgard Roquette-Pinto, que registrou toda a viagem, publicando posteriormente o livro *Rondônia* (1917). Edgard Roquette-Pinto foi o fundador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que daria origem à atual Rádio MEC do Rio de Janeiro, produtora do Projeto Minerva.

²⁶ Movimento Brasileiro de Alfabetização, criado pela Lei 5.379, de 15 de Dezembro de 1967. Após uma série de planos e programas criados (muitos deles criados e extintos da noite para o dia) antes da 1964, alguns deles ligados a setores da sociedade que não o governo (igreja católica, igrejas protestantes, União Nacional dos Estudantes, entidades Norte Americanas), o governo cria o MOBREAL, em princípio, para coordenar as atividades que visavam à extinção do analfabetismo no país, haja vista as pressões internacionais para isso. Mesmo com a criação do Movimento em 1967, suas ações só se iniciaram, de fato, no ano de 1970. O MOBREAL centralizava nas mãos do governo as ações de alfabetização (a chamada “alfabetização limpa das ideologias de esquerda”), visando a dar à população o que chamaram de “Alfabetização Funcional”, alfabetizar para a educação, diferente de outros movimentos que visavam a maior participação da população na vida política (Cf. Da Silva, 2012). Marlene Blois (2011) comenta em sua entrevista que havia, no MOBREAL, um duplo interesse: baixar o analfabetismo e traçar no país uma rede de controle.

discussão com o grupo. Como era um pessoal já acostumado a participar das reuniões da EMPAER, das reuniões do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, da reunião dos pescadores, era fácil você implementar a discussão, e vira um grande bate papo a partir da áudio aula.

T.: O senhor comentou sobre o Paulo Freire. Havia alguma resistência, ou alguma pressão, por se estar no governo militar?

E.: A gente não falava muito na questão política, a gente não era ... outro dia veio um pesquisador querendo saber como era dar aula no regime militar, eu não tive problema com o regime militar. Meu pai teve. Então, assim, em 1964 – a gente ainda estava em Bataguassu – e o meu pai teve problema com o regime militar. Ele foi perseguido, né? Mas ele também arrumava confusão, sabe? Ele sabia que não podia falar sobre determinados temas e ele ficava conversando. A gente vivia numa Comunidade Eclesial de Base²⁷, e estas comunidades eclesiais de base eram muito políticas...

T.: As CEBs, né?

E.: Exatamente, e meu pai era líder nessa comunidade e aí ele teve problemas. Tanto é que eu me lembro uma época que ele ficava o tempo inteiro dentro de casa, sabe? Ele não saía para absolutamente lugar nenhum, e algumas pessoas vinham visitar. Só que eu era muito pequeno, eu não sabia o que estava acontecendo, por que vinham aquelas pessoas visitar o meu pai e eles se fechavam num quarto lá, iam conversar sobre determinadas coisas e eu não sabia muito o que estavam conversando, né? Hoje a gente sabe que era política, que eram grupos de representantes políticos. Eu me lembro muito de um cara que usava uma farda amarela, sabe? Com um quepezinho. Ele vivia muito naquela região, mas nunca chegava na casa de ninguém, e o pessoal começava a dizer assim: “*o governo tá na vila, o governo tá na vila!*”, e eu não sabia quem era esse

²⁷ Comunidades locais da população ligadas à Igreja Católica. O movimento das Comunidades Eclesiais de Base teve seu início na década de 1960, com grande expansão nas décadas de 1970 e 1980. No Brasil representaram uma importante organização social, que originou diversas associações, cooperativas e organizações sociais das mais diversas naturezas. Comumente ligadas a capelas, comunidades rurais, novos bairros periféricos, e lideradas por bispos, padres, irmãs e leigos formados pela Ação Católica, às vezes tinham como assessores teólogos e sociólogos (COUTINHO, 2009, p.189). As CEBs constituíram o setor, ligado à igreja, que mais levou a sério a opção pelos pobres (*idem*, p.190), e eram diretamente ligadas à Teologia da Libertação, que teve como líder o padre Leonardo Boff. Segundo Boff, os pobres têm “força de utopia, de reflexão e de prática; eles são sujeitos históricos; eles podem, junto com os outros, transformar a sociedade perversa sob a qual sofremos” e as CEBs são “comunidades onde as pessoas conhecem e reconhecem umas às outras”, caracterizadas por “relações diretas, reciprocidade, fraternidade profunda, ajuda mútua, comunhão em idéias evangélicas e igualdade entre seus membros” (BOFF apud COUTINHO, 2009, p. 192).

governo. Via aquele cara da farda amarela, um jipão preto que ele usava muito, e aquilo era o governo. Então, por muito tempo, a minha ideia de governo era um cara vestido de amarelo com um jipe preto. [risos]

E aí, por volta de 1964, começaram a desaparecer algumas lideranças. E aí meu pai, como liderança, acabou também... deixou de conversar com pessoal. Ele falava assim: “*não converso porque o governo não deixa!*” E o governo pra mim era o cara da roupa amarela. Mas já em 1976, 1975, na verdade, eu comecei a mexer com gente ainda muito jovem, né? Até por influência do meu pai. E tinha um rapaz que desapareceu no regime militar e eles falavam muito, era o José Firmino²⁸. E eles falavam muito nesse José Firmino, que o José Firmino tinha desaparecido, que o governo tinha desaparecido com o José Firmino. Como era o homem da roupa amarela eu achava que o homem da roupa amarela tinha jogado ele no Jipe e tinha levado pra algum lugar, né? José Firmino sumiu. E aí por conta desse desaparecimento do José Firmino acabou muitas lideranças. São recordações de criança que a gente não discutia, mas quando chegamos a... quando o regime foi ficando mais maleável, né? Aí não tinha problema. Mas mesmo assim a Secretaria de Educação orientava que a gente não tocasse em questões políticas. Quando você trabalhava, tinha uma liçãozinha que falava sobre os três poderes. Então, quando você ia falar sobre os três poderes, orientavam para que a gente tivesse muito cuidado no que ia falar, no como ia falar, sabe? Pra não tocar em questões militares, em questões políticas, ou seja, não bater contra o governo militar. Mas eu mesmo não tive problema não, graças a deus!

T.: Qual era o perfil dos seus alunos no radioposto?

E.: Era um... perfil social você está falando?

T.: O que o senhor se recorda dos seus alunos do radioposto?

E.: Eu trabalhava com pessoas entre doze e sessenta anos. A gente não tinha assim uma faixa etária. A dificuldade para continuar o estudo além da quarta série não era só minha lá em Bataguassu. Quando eu cheguei aqui também o pessoal tinha esse mesmo

²⁸ Buscamos informações sobre José Firmino na cidade de Bataguassu, com alguns moradores atuais da cidade. No entanto, não foi possível obter informações. Consultamos novamente o entrevistado que nos destacou uma triste realidade: a dificuldade em obter informações sobre o período da ditadura militar, em especial sobre os desaparecidos. Neste sentido, vale destacar a tímida abertura dos arquivos da ditadura com a Lei de Acesso à Informação, que entrou em vigor em Maio de 2012 (Lei nº 12.527/2011).

problema. Depois, nós tínhamos aqui ó: eu, Edvaldo, José Faria²⁹, Irene³⁰, Marcos e Geni Trentini, eram cinco estudantes que faziam... além do quinto ano, a gente saía do São Ramão, a 17 quilômetros daqui e vinha estudar no Semiramis. Cinco pessoas e, a princípio, cada um com recurso próprio. Esse Zé Farias tinha um poder financeiro maior e tinha uma Brasília. Aí catava essa Brasília e passava na minha região, pegando eu e mais... era ele e o irmão, José Farias e José Otávio. Aí passava na região do Cerradinho buscava a mim, Irene, Marcos e a Geni Trentini – tudo isso na Brasília dele – e a gente vinha pro Semiramis. Normalmente essa Brasília, um carro velho já, né? Quebrava, e a gente largava ele na estrada, vinha embora... Depois a prefeitura pagava uma van e logo depois vieram os ônibus, o transporte escolar. A gente tinha essa dificuldade. Então, a gente pegava esse aluno que tinha terminado o quarto ano e que não tinha condições de vir aqui para a cidade e trabalhava com o Projeto Minerva e aí já era uma outra turma, com um conhecimento maior. Nessas turmas o Projeto Minerva fluía bem, porque era aluno já alfabetizado, já lendo e escrevendo, e aí você já podia trabalhar com esse material, utilizando os textos, as discussões e as atividades propostas no módulo.

T.: E como era, para o senhor, auxiliá-los neste processo de aprendizagem, de alfabetização?

E.: Eu gostava muito de alfabetizar. Minha família era voltada para a educação mesmo, sabe? A minha mãe tinha umas turminhas de alfabetização em casa. Ela alfabetizava os filhos da vizinhança ali em casa mesmo. E tem uma história interessante que, quando meus pais casaram, o pai era analfabeto e aí minha mãe dizia: *“só vou casar com você quando você aprender a escrever o nome!”*. E aí ele teve que aprender, senão não casava. [risos] Então, ela alfabetizou ele, e aí formava o grupo de crianças para alfabetizar também, e aí, por conta disso, eu fui aprendendo. Eu gostava muito de alfabetizar, aliás, gosto de alfabetizar até hoje. Saí da área de alfabetização, mas gosto de alfabetizar, por conta disso eu voltava mais pra alfabetização. Pegava essas turmas de jovens e adolescentes que tinham terminado o quarto ano, continuava com atividades da áudio aula, mas voltado a um grupo maior, que era um grupo de alfabetização em que a

²⁹ José Arruda de Faria, irmão de José Otávio Arruda de Faria, que aparece mais à frente citado como “José Otávio”.

³⁰ Irene Trentini, irmã de Marcos Trentini e Geni Trenti, também citados no texto.

gente investia muito mais, mas no grupo que já tinha terminado a quarta série a áudio aula funcionava muito bem e o material também.

Era um material bom, pega um material desse hoje e você vê que é um material atualizado, as discussões que eles traziam na época são discussões atuais. Aliás, é até bom a gente pegar um material desse aqui e comparar com um livro texto de hoje. Você vai ver que são coisas atualizadas, né? Você, lógico, não vai... atualizadas porque a partir disso você pode promover uma grande discussão trazendo a realidade de hoje. É como as agendas antigas, você pode pegar uma agenda e .. mas esse material aqui, na época, era um material bom, eu acho que eu que não trabalhava bem essa questão porque eu queria alfabetizar. Então, eu assistia, ouvia a aula com aquele grupo que já era alfabetizado, soltava pra eles trabalharem com o texto e voltava pro grupo de alfabetização, mas o material era muito bom. Eu é que não sabia trabalhar direito eu acho, porque os outros tinham sucesso, sabe? Os outros monitores tinham sucesso. Eu tinha sucesso na alfabetização e não tinha muita vantagem no Projeto Minerva em si, porque eu não investia. A avaliação que eu faço disso é que eu não investia no Projeto Minerva, eu investia na alfabetização, que não era o objetivo do programa.

T.: Nesses três anos de trabalho, quais foram as dificuldades enfrentadas?

E.: A principal dificuldade era manter o grupo de alunos. Nisso a gente tinha que rebolar mesmo, tinha que encontrar um milhão de formas de manter esse grupo, sabe? E mesmo assim eu perdia muito aluno, eu começava com grupo grande e terminava com grupo pequeno, era a principal dificuldade. A outra dificuldade era o radinho que a gente usava. Não sei se a prefeitura não comprava material que prestasse, rádio que prestasse ou se, na época, os rádios não eram bons mesmo, né? Não sei por que, mas era muito comum quebrar aquele rádio e a gente ficar quinze, vinte dias sem ouvir a aula. Então, você ficava só com o módulo e só lendo e explicando, e conversando e puxando discussão enquanto esperava o radinho consertar. Então, eram esses os dois tropeços que a gente tinha: manter o grupo, ou seja, combater a evasão; e esse período que a gente ficava sem o rádio pra trabalhar.

T.: Como que era essa rádio aula que o senhor falou?

E.: Eram programas que hoje não têm nada com a qualidade que tinham os programas do Projeto Minerva, absolutamente nada a gente tem hoje! O pessoal era muito bem preparado, falava muito bem, explicava muito bem, eram detalhadas essas aulas. Eu

tenho saudade daquelas aulas porque eram questões que ele pegava lá um tema e ele descascava mesmo, esmiuçava mesmo aquele conteúdo, trabalhava muito, era coisa que hoje não tem recurso que a gente tinha naquela época, aulas mesmo, muito boas, o pessoal trabalhava em trinta minutos (se fosse hoje seria aula de cinquenta minutos). Tranquilamente, a qualidade era muito melhor do que a gente tem hoje. Você pegava uma aula de História e Geografia, você pegava de português e matemática, você aprendia realmente com aquilo, sabe? Então, era uma qualidade excelente... pra época era coisa muito avançada, para época era.

T.: Eles gostavam de ouvir o programa?

E.: Gostavam, até porque eram muito animadas as aulas, musiquinha muito boa, sabe? Aquele som que chamava a atenção que ia começar a aula, chamava mesmo a atenção, prendia mesmo a atenção... o pessoal gostava de ouvir, a audição da aula era o momento alto do encontro do grupo, era a audição da aula do Projeto Minerva. Você ligava o rádio uns cinco minutinhos antes, terminava a Voz do Brasil, e aí começava a aula do Projeto Minerva. Aquele som que chamava a atenção para a aula era o máximo da coisa...

T.: Vocês chegaram à fase em que eles tiveram que enviar fitas?

E.: Sempre pelo rádio. As fitas K-7³¹ já era uma outra fase. Na nossa região aqui a gente não trabalhou com as fitas. Eu ainda conheci, mas a gente não trabalhava.

T.: Comente um pouco mais sobre os resultados que vocês obtiveram naqueles três anos.

E.: O meu grupo, eu já falei né, era eu, Edvaldo, o Zé Farias, Zé Otavio, Irene, Geni e Marcos Trentini, esses eram monitores, e a Nirce, que tinha um nível escolar maior que a gente (ela tinha terminado a oitava série, a gente estava tentando fazer o quinto ano ainda, na época era, já era série mesmo né? Já era na 5692, já era série). Ela tinha terminado a oitava, a gente batalhando na quinta série, e ela tinha um nível superior ao nosso, e ela tinha muito sucesso, ela começava com o grupo e terminava, chegava no final dos três anos, ela terminava com muito sucesso. Os outros também, muito sucesso no Projeto Minerva em si, e eu na alfabetização, como eu já te falei, porque eu voltava

³¹ Caixa plástica com dois carretéis de fitas magnéticas em que eram gravados os sons, nos dois sentidos, o que dava um total de até 90 minutos de gravação. Existe desde 1963 e tornou-se bastante popular graças à fácil manipulação, por ser bastante pequena (aproximadamente 10 cm no maior lado) e barata se comparada a outros meios de gravação. Outro atrativo era a possibilidade de regravação. <<http://www.tapedeck.org/>>

pra alfabetização e eu começava a procurar na comunidade pessoas que não sabiam ler nem escrever e esse era o meu trabalho. Eu voltava muito pra isso, e pegava os que já tinham quarta série e trabalhava com os módulos e com a aula. Mas tinha sucesso. De certa forma, o que a gente alcançava naquela época era muito! Era satisfatório, o resultado final era, e o pessoal gostava disso, né? Na conclusão a gente fazia festas e tinha a entrega do certificado, o político já aproveitava pra fazer um discursinho³², né... [risos]

T.: Ao que o senhor acha que se deve esse êxito “maior” de alguns que o senhor fala?

E.: Eu acho que é a força de cada um, o interesse de cada um. A gente, como eu te falei... eu focava na alfabetização, os outros no Projeto Minerva em si, nos conteúdos que o projeto trabalhava, porque cada um investia naquilo que era objetivo deles, né? Então, era um esforço do monitor e o interesse da turma, porque a prefeitura, a Secretaria de Educação investia muito nisso, eles faziam um trabalho muito sério. Na época, o prefeito que eu trabalhei, o prefeito era o Franklin, a Secretária de Educação era a Judite Castro e Silva, e eles investiam muito nisso e incentivavam pra que a gente continuasse estudando, pra que a gente orientasse esse pessoal, terminassem o Projeto Minerva, que vá pra escola, que venha pra Coxim.

O primeiro ônibus transportando alunos circulou nesta época, porque a gente conseguia aluno no São Ramão, que era como se fosse um centro, sabe? Tinham outras comunidades no entorno do patrimônio de São Ramão, distrito de São Ramão, então começamos a organizar as crianças que terminavam o quarto ano, começamos a orientar para que a família se organizasse e pedisse à prefeitura que colocasse o ônibus. Nosso sonho era ter um ônibus ali para transportar essas crianças. A gente veio conseguir isso em 1977, o primeiro ônibus transportando aluno. Era um ônibus que saía do Jauru, que está a 45 quilômetros daqui. Ele saía do Jauru às três da manhã (não tem asfalto até hoje, só vai pegar asfalto nos últimos cinco aqui, da Silviolândia pra cá)... Saía do Jauru,

³² Em entrevista, Marlene Blois comenta as festas nas comunidades em que havia radipostos e as caracteriza como momentos de divulgação e ação cultural incentivadas pelo projeto: “Era assim: a gente inventava festa, aí eles se reuniam e faziam festas. Os estados eram muito mais criativos que nós: criavam festas, festa junina, tinham os que convidavam a gente, às vezes a gente ia, quando dava a gente ia, então era assim...” (BLOIS, 2011). Além disso, expõe como os políticos locais se utilizavam destas ações educacionais para fazer campanha. No caso, cita o MOBREAL: “Os prefeitos faziam festa. Eu participei. Vi várias dessas solenidades. Os prefeitos faziam festa, entregavam certificados, camisetas, não sei mais o quê. Tudo na festa de encerramento de turmas do Mobral /.../ porque o prefeito queria era fazer oba-oba, festa e não sei o quê e tal e coisa. Eu fui a várias, sei como é...” (BLOIS, 2011).

passava naquela região toda, São Ramão, Cerradinho, e aí já chegava aqui em Coxim, super lotado com aquela molecadinha. Um ônibus só. Em 1977 começou a fazer isso. E isso graças ao Projeto Minerva, aos monitores do Projeto Minerva, porque a gente começava a falar pro pessoal: *“você têm que se organizar, você têm que exigir que a prefeitura coloque um ônibus, que a prefeitura ofereça recurso pra você, para que as crianças de você continuem os estudos!”* E a gente conseguiu em 1977 o primeiro ônibus circulando, trazendo e levando aluno pra estudar em Coxim. E aí, na época, nós tínhamos o Semiramis que era recém inaugurado, e o Sílvio Ferreira³³ (na época não era Sílvio Ferreira... Coronel Ponce? Não, acho que em 1977 já era Sílvio Ferreira), no prédio que é hoje. Ele trazia para estas duas escolas. Depois vieram as outras e aí começou a subdividir, mas também já vieram mais ônibus, mais pessoas, e o ônibus, na época, em péssimas condições, a estrada em péssimas condições também... Então era assim, gente que conseguia começar no quinto ano e terminar no oitavo, na oitava série, eram heróis, né? Na verdade, era um índice de evasão muito grande, a qualidade do transporte era péssima, então eram heróis mesmo... as estradas, um desastre, e naquela época chovia muito aqui.

Pegava de outubro a maio, chovia direto, praticamente o dia inteiro chovendo nesta época do ano, e aí acabavam todas as estradas, por conta disso só ia recuperar lá no mês de agosto que a prefeitura recuperava as estradas e aí retomava o transporte normal de estudantes. Neste período o índice de evasão era grande porque o aluno faltava muito, o aluno perdia conteúdo, o aluno perdia prova, sabe? E aí, por conta disso, evadia muito também.

T.: O senhor falou do certificado. Como funcionava isso, eles se inscreviam, faziam provas?

E.: O aluno se inscrevia, e ele recebia esse material, e ia trabalhando. Olha [mostrando o fascículo], esse aqui começa no fascículo sete, e ele ia até doze. Então, quando o aluno concluía o ciclo de três anos (é que eu não olhei o material, se tivesse dado uma olhadinha antes...), quando ele terminava os três anos, ele recebia o certificado, ele era inscrito, ele era cadastrado pela prefeitura e no final dos três anos ele recebia o certificado. Mas era um certificado da Secretaria Municipal de Educação daqui, apesar

³³ Escola Estadual Sílvio Ferreira, Coxim (MS).

de ter o timbre do Ministério da Educação ele era de responsabilidade da Secretaria Municipal de Coxim.

T.: Então, a secretaria que cuidava desse processo todo?

E.: Sim, tinha controle de frequência mínima exigida, tinha aprendizagem mínima, havia uma prova no final do módulo, eles faziam prova, e essas provas ficavam arquivadas na Secretaria de Educação, que era a responsável pelo processo em si, pelo registro.

T.: Como era a procura pelo projeto?

E.: A gente criava uma expectativa nas turmas de quarto ano, sabe? A gente criava essa expectativa: *“você vai terminar o quarto ano e você vai fazer o Projeto Minerva”*, eu falava muito isso, né? *“A gente está esperando você lá no Projeto Minerva, vai terminar o quarto ano e a gente está esperando você, você vai fazer...”*. Aí já aproveitava e levava o radinho pra mostrar a aula nesse rádio, *“e vai ouvir essa aula”* e, sabe, criava essa expectativa. Então, quando o aluno terminava, isso até 1976, final de 1976, pode-se dizer até 1977, por aí, quando começou a circular o ônibus... e como eu estava falando pra você, era apenas um ônibus, então ele não trazia todo mundo. Trazia quem cabia, os primeiros. A prefeitura utilizava um processo de seleção também, porque só tinha um ônibus, então os primeiros inscritos, os primeiros matriculados, quem se saía bem, quem não tinha desistido, quem... sabe? Tinha uma série de *“quems”* lá que eles respeitavam rigorosamente. O restante, então, vinha pro Projeto Minerva, com a expectativa criada lá no quarto ano. Se ele não conseguisse vaga no ônibus, se ele não conseguisse se matricular aqui na escola, na cidade, ele iria pro Projeto Minerva e ele ia conseguir o certificado, também lá no Projeto Minerva.

T.: Como vocês interagiam com essa organização do Projeto Minerva?

E.: Essa capacitação que eu falei foi a primeira e a única vez que a gente teve contato como Ministério da Educação, o restante era tudo via Secretaria. Todas as orientações vinham para a Secretaria Municipal e a Secretaria repassava pra gente. O treinamento de seis em seis meses, de ano em ano, sabe? Faziam este treinamento pra gente... repassavam as informações vindas de Brasília. A Secretaria mesmo organizava.

T.: Vocês chegaram a mandar alguma carta, alguma sugestão, reclamação, alguma tentativa de interação com eles?

E.: Nós mandamos muita carta no final de 1976, início de 1977. A gente mandava muita carta falando da questão da necessidade do transporte escolar pra prefeitura aqui, e essa prefeitura conversava com o MEC, fazendo esse intercâmbio, porque eles precisavam da verba para comprar o ônibus e porque a comunidade estava querendo, necessitando desse ônibus. Então, a gente escrevia muito, o pessoal fazia carta, todo mundo assinava, mandava pra prefeitura, esperava o resultado, como não vinha, ou a gente começava a ouvir que a prefeitura não tinha recurso, que o MEC não tinha atendido, que o Governo Federal, que..., então escrevia outra, mandava outra e assim ia fazendo... o sindicato, acho que eu já falei umas vinte vezes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, mas é porque na época era peça importante no processo, era uma força pra comunidade, então a maioria dessas reivindicações, a maioria dessas exigências vinham via Sindicato dos Trabalhadores Rurais, e a EMPAER, hoje IAGRO, também fazia esse papel. Eles orientavam e falavam: *“olha, quem vai fazer isso é a prefeitura, prefeitura via Secretaria da Educação”*. Hoje tem promoção social, não época eu não sei se também tinha, mas tudo que acontecia, acontecia via Secretaria da Educação, mesmo porque a Secretária de Educação da época era uma pessoa muito dinâmica. Ela tinha um Passat, ela pegava esse Passat e ia para toda essa região e todo mundo conhecia Dona Judite (era Dona Judite). Tudo o pessoal conversava com ela, desde pré-natal da mulherada da região. Tudo era com Dona Judite. Ela era aquele tipo de pessoa que fazia o elo de ligação com todas as representações sociais, era ela que fazia desde a questão educacional, a social, a saúde... sabe? Ela que fazia tudo aqui, e ela tinha um discurso bastante interessante, falava muito da necessidade do pessoal de não vender a terra, tá? *“Vocês precisam ficar aqui, vocês precisam produzir, a vida lá na cidade não é isso que vocês estão pensando!”* Eu me lembro de uma briga que ela teve com o fazendeiro quando ele começou a comprar as terras lá. Nossa região, ela pega uma estradinha de oito quilômetros e na época era tudo com chácaras de 17 hectares, então quando ele comprou a primeira lá em cima, comprou a segunda, comprou a terceira no meio, ela foi: *“O que que o senhor está fazendo?”*. O cara disse *“Vou plantar soja”*. *“Seu objetivo é tirar esse povo daqui?”*. *“Não, meu objetivo é plantar soja!”*. *“Então o senhor vai plantar soja lá na... [risos] porque o senhor não vai plantar soja aqui!”* e ele disse *“Vou! Vou plantar soja!”*. Menino, foi um quebra pau tão feio, mas o cara tinha dinheiro e ela só tinha[risos]... Findou plantando soja. Aliás, não plantou soja

por muito tempo porque acho que a região não era muito boa. Ele acabou transformando em criação de gado, mas está lá até hoje, e a gente brincava muito com ela que ela queria bater no cara de todo jeito, e este peitava ela *“Vou plantar soja”, “Não vai!”*, *“Vou”*. Essa é a Dona Judite... ela está velhinha, já não conversa tanto, não é tão brava como era antes, mora aqui em Coxim, era uma figura! Muito brava e muito assim... social. Só que era um tipo de pessoa que orientava mas exigia muito. Então a categoria, o trabalhador da educação, o professor em si não gostava muito dela, porque ela era muito exigente. Mas eu dava razão pra ela porque ela oferecia recurso. Ela exigia mas ela proporcionava. Então, se você não fazia o que ela pedia, ela ia lá e cobrava, e cobrava mesmo, energicamente, sabe? Essa briga com o plantador de soja foi só uma das façanhas dela. Ela era muito valente, o que ela queria ela ia lá e fazia!

Quando foi em 1978 esse fazendeiro já tinha comprado mais da metade das terras dele e todo esse pessoal vinha aqui pro Marechal Rondon na época, Grilo... eles falavam Grilo... O pessoal vinha de lá, era uma fazenda abandonada, então vinha lá, cada um pegava um pedaço de terra e construía um barraquinho ali. Em 1977, 1978 e até 1979, você chegava aqui nessa região só tinha barraco de lona, e ela brigava muito com isso: *“Pessoal vocês vão vender a sua terra aqui e vocês vão pra lá morar em barraco de lona?”*, *“Acha que você vai viver lá? Viver do quê? Você não tem estudo, lá não tem emprego, você não vai poder plantar, não vai poder colher. Aqui você tem a sua mandioca, o peixe, o porco, o arroz, o feijão e o milho, lá você não vai ter nada, você não pode, tem que ficar aqui! Tem que plantar, tem que produzir!”*. Ela levava o pessoal da EMPAER falando nesse discurso, neste sentido, e quando não teve jeito mesmo – tudo barraco, uma cidade de lona – ela vinha pra essa região buscar essa criança que tava aqui, que tava sem escola, o jovem que estava sem escola, levando pra se matricular nas escolas, oferecendo vaga, construindo escola, creche, sabe? Levando assistência saúde. Então, era assim, uma pessoa muito dinâmica e muito conhecida, com uma força política muito grande, e a Secretaria de Educação fluía muito bem porque ela era exigente neste sentido.

T.: O senhor comentou que trabalhou com o Projeto Minerva no Curso Supletivo de Primeiro Grau. O senhor lembra se aqui em Coxim teve também o Curso Supletivo de Segundo Grau?

E.: Não, naquela região que eu conheço era só o primeiro grau, a gente trabalhava até o que hoje é a oitava série. Os cinco radiopostos eram de primeiro grau.

T.: O senhor trabalhou por três anos com o Projeto Minerva. E depois? Como foi essa saída?

E.: Eu trabalhei de 1976 a 1979. E aí, quando foi 1980 – eu comecei uma turma em 1976 fui até 1979 – já era mais Mobral do que Projeto Minerva. Quando eu terminei esse grupo já estava muito mais voltado para o Movimento Brasileiro de Alfabetização do que para o Projeto Minerva mesmo. A gente ainda ouvia muitas aulas e ainda recebia todo esse material, mas já voltado para o Mobral em si, já não era tanto Projeto Minerva. Tanto é que a gente diz que o Projeto Minerva não foi assim, chegou a um grau determinado e acabou: o Projeto Minerva foi morrendo aos poucos, só que no lugar do Projeto Minerva foi surgindo o Mobral, Movimento Brasileiro de Alfabetização e, em 1979 até 1984, a gente já não trabalhava mais voltado para o Projeto Minerva, já pouco se ouvia falar, poucas aulas vinham, poucos módulos. E aí o material também já não chegava direito... O projeto foi morrendo e surgindo o Mobral. Aí eu fui trabalhar no Mobral.

Em 1984 terminei o magistério, passei num concurso na Rede Estadual e aí vim pra Coxim, mudei pra cidade, contra todas as brigas da Judite, *“que eu tinha que ficar lá porque agora eu tinha terminado o magistério, agora eu era professor habilitado e eu tinha que ficar lá na minha região...”*. Não sei, acho que se eu tivesse ficado lá talvez tivesse conseguido mais algumas famílias junto, né? Mas eu tava praticamente sozinho, o pessoal já tinha ido embora, mais de 70% do pessoal já tinha mudado aqui pra cidade, e o meu objetivo era ser professor mesmo. Eu não, o Cerradinho é que já estava pequeno pra mim, e então eu tinha que procurar novos rumos e mesmo com os investimentos – porque aí eu já era diretor na zona rural, eu já tinha um fusca –, mesmo com investimento que a Dona Judite, que o Franklin, que o José Raimundo, que os prefeitos faziam para que eu ficasse lá, eu queria novos rumos, eu queria vir pra cidade, porque eu queria fazer um curso superior e aí hoje eu brinco muito com os meninos da Universidade Federal³⁴ (a gente chega lá e vê uma turma que começa com trinta, trinta e

³⁴ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul possui, desde 2001, um campus na cidade de Coxim(MS), que funcionou inicialmente no prédio da Escola Estadual Silvío Ferreira até ter inaugurado seu prédio próprio, no ano de 2007. Possui os cursos de licenciatura em História e em Letras e o curso de Sistemas de Informação. < <http://cpcx.sites.ufms.br/>>

cinco e aí você vê uma turma terminar com seis, sete alunos na universidade, e volta e meia eles me chamam lá, vamos lá falar sobre a história da educação aqui, lá vou eu falar da história da educação aqui de Coxim)... aí eu falo pra eles assim: *“a minha vida, minha formação, eu terminei quarto ano numa região que era de difícil acesso, e eu tinha um cavalo e uma bicicleta, quando a bicicleta quebrava eu pegava o meu cavalo, quando meu cavalo não estava muito bom eu vinha com a minha bicicleta, mas eu tinha que fazer, eu queria ser professor!”*. Eu tinha dois grandes objetivos na vida, eu queria ter filhos e eu queria ser professor, sabe? Essa era minha cabeça, eu investia tudo, eu passava por cima de muitos obstáculos e aí quando eu fiz, quando eu terminei o quarto ano, comecei a quinta série, vim pra Coxim, encontrei a mesma dificuldade, porque minha dificuldade lá era o transporte, aqui também era o transporte, aí me matriculei no quinto ano aqui, fiz o quinto e o sexto, aí veio um projeto que era o Projeto Logos II³⁵, do Ministério de Educação (desse material eu tenho todas as apostilas encadernadas, só que estão lá na minha biblioteca, lá na chácara) e nesse Projeto Logos II a gente fazia da oitava ao Magistério. A gente terminava o magistério com esse Projeto Logos II, e aí era assim: a gente recebia os módulos e o governo pagava pra gente estudar, tinha uma verbinha lá, se fosse hoje seria em torno de R\$1.500,00 por mês pra gente estudar, né? E aí eu terminei, saí da escola regular, fui pro Projeto Logos II, terminei o magistério, quando eu terminei esse magistério – e aí eu brinco com eles neste sentido: eu vivia de esperança, né? *“Eu terminei a quarta série, ó meu Deus, mas eu preciso fazer até a oitava, terminei até a oitava, puxa, eu preciso terminar o magistério, quando terminei o magistério, ah, mas agora eu preciso fazer um curso superior... e assim a gente vivia de esperança. Terminei o curso superior, não, mas agora eu quero fazer o mestrado, quero fazer a pós-graduação, fiz pós graduação, não, agora eu quero fazer um mestrado, e aí assim...”*. Hoje estou batalhando para fazer um doutorado, mas hoje já estou muito velho pra fazer doutorado e eles brincam assim: *“Que velho que nada, você está aí...”*.

³⁵ O Projeto Logos II, implantado em 1976 após a experiência realizada com o Projeto Logos I, pretendia facultar formação de Segundo Grau, por meio da Educação a Distância, a professores leigos em atuação. Era organizado em módulos de ensino e suas atividades pedagógicas, como estágio e aplicação de atividades de ensino, geralmente eram realizadas aos finais de semana (Cf. André & Candau, 1983). Antes do Logos I e II, outras tentativas de viabilizar formação para professores leigos haviam figurado no cenário nacional, sempre em regimes “acelerados”, sem, no entanto, obter resultados satisfatórios. Oliveira (2010, p.22) credita este insucesso à falta de continuidade nos cursos e aos altos custos relativos à mobilidade docente (retirar o professor de seu local de atuação para os centros onde era dada a formação). Com rigorosa centralização e controle do Ministério da Educação, este Projeto durou até o início da década de 1980.

Eu acho que a gente tem que ter objetivo. Eu me lembro que eu estava numa turma de quarto ano contra todas as possibilidades. Pobre, mas pobre mesmo! Se fosse hoje seria filho de Sem Terra. E aí a secretária, um pessoal lá da Secretaria de Educação de Bataguassu, foi aplicar um exame, o exame final no quarto ano, chegou na sala de aula e perguntou “*Quem quer ser médico?*”. Um levantava a mão. “*Quem quer ser advogado? Quem quer ser agricultor?*”. Aí perguntou “*Quer quer ser boiadeiro?*” (na época era muito boiadeiro, né?), “*Quem quer ser pescador? Quem quer ser não sei o quê...*”, “*Quem quer ser professor?*”. E eu sozinho levantei a mão, sabe? Ela olhou assim pra mim, um cabeção, nordestino, pobre que só... ela olhou assim pra mim e não falou nada, acho que ela pensou assim “*Esse aí não vai ser professor nunca!*”. E naquela realidade eu não seria mesmo, né? Então, eu digo assim: Eu consegui um diploma, mas foi um diploma suado, sabe? Eu sofri muito pra isso, mas eu tinha um objetivo, eu queria ser professor. Então, se eles da universidade querem ser alguém, têm que estabelecer objetivos, “*Eu quero ser isso!*”, senão você não vai ser mesmo, não tem condições se você não tem objetivo principal. E aí eles começam a se divertir com as minhas histórias, né? [risos]

T.: Só mais uma perguntinha, a gente trabalha com Matemática, Educação Matemática, o senhor tem alguma recordação das aulas de Matemática do Projeto Minerva?

E.: [risos] Matemática... Matemática sempre foi meu ponto fraco, sabe? Então, eu procurava muito me livrar das aulas de matemática [risos]. Eu não tenho muitas recordações de Matemática não, até porque eu acho que eu trabalhava pouco com Matemática e até hoje eu sou muito ruim de Matemática. Até hoje eu falo para as minhas turmas que eu fico um mês tendo aula de Matemática pra ensinar Matemática. Então, eu desviava muito de Matemática, eu gostava muito mais de conversar, de falar, então eu voltava para História e Geografia, pra Ciências e pras questões locais, ou seja, eu gostava mesmo era de falar, de conversar, sabe? Então as aulas de Matemática eu trabalhava sim, e como eu já te falei, o material era muito bom, tinha aluno que aprendia sozinho, né? Essa Nirce de quem eu falo muito, era uma pessoa que tinha um nível de formação maior que a gente, então as dificuldades que eu tinha eu tirava com ela. Então eu pegava as aulas de Matemática, normalmente ela dava essas aulas pra mim e aí eu trabalha essas aulas com o pessoal. Eu era ruim de Matemática. Era não, sou ruim de Matemática mesmo, mas o material era muito bom e a gente conseguia aprender através

das aulas. Eu, até depois, quando vieram as fitas, os K-7s, eu pensava que na época que eu comecei, se já tivesse o K-7, eu teria muito mais sucesso do que só com a áudio aula e com os módulos, porque você podia fazer o *feedback*, você podia estar indo e voltando, adiantando, avançando, então você teria muito mais condições. Eu acredito até que o pessoal que trabalhou de 1979 pra frente tenha tido muito mais sucesso, porque essas fitas ajudaram muito. [Na minha época] você ouvia aquela aula, se perdeu, perdeu, não tinha como voltar. Com a K-7 você podia fazer esse retorno, retomar o conteúdo, rever, aprender. Então, era assim: eu não trabalhava muito com Matemática porque eu não gostava, eu não consigo, até hoje eu não consigo guardar Matemática. Aprendo ali, no momento, ensino aquilo, e já deixo pra lá porque Matemática não é meu forte...

T.: O senhor se lembra dos programas culturais que passavam em horários alternativos? Chegou a ouvir alguns desses?

E.: A gente ouvia, mas aí era no sábado de manhã, e eu tinha problema porque o pessoal trabalhava, todo mundo trabalhava na lavoura, e a gente conseguia duas ou três pessoas que marcavam ao sábado (“*Sábado oito horas vai pra escola pra gente ouvir o cultural*”³⁶), mas não era muito, não tinha muito sucesso não, era coisa pouca, mas era assim: o trabalho social a gente fazia, e era mesmo a partir das aulas o Projeto Minerva... só que o êxodo rural naquela época se tornou assim uma coisa, sabe? Era necessário que a gente investisse muito naquilo, porque o pessoal estava vindo pra cidade e aqui não tinha serviço pra todo mundo. A gente sabia que a situação aqui na cidade ia se complicar muito porque o pequeno produtor tava saindo de lá vindo pra cá, e aqui não tinha o que fazer... e na época a inflação também, os juros eram muito altos, e esse fazendeiro, principalmente, o cara lá que comprou todas as terras, colocava muito na cabeça do povo que eles iam viver com juros daquele dinheiro da venda do terreno, e que eles iam viver eternamente com aquele dinheiro, porque depositava mil reais ia ganhar cento e cinquenta por mês de juros... esse era o discurso, e ele mostrava que dava pra viver, ele até levava lá algumas pessoas que tinham vendido as chácaras, os sítios,

³⁶ Aos sábados e durante o período de recesso, o Projeto Minerva irradiava programas com diversas temáticas culturais, sobre artes, trabalho, saúde, esportes etc. A produtora Marlene Blois comenta, em entrevista, que havia, por parte dos produtores, grande preocupação quanto a “ampliação da visão de Brasil, da visão de mundo” (BLOIS, 2011) que deveria ser facultada às pessoas que ouviam o Projeto Minerva. Apenas a educação formal não bastava para que fossem ampliadas as perspectivas dessas pessoas. Comenta ainda que Allan Lima foi o grande responsável pela produção destes programas chamados de *Minerva em Ação Cultural*.

levava como exemplo de pessoas bem sucedidas a partir da venda... e isso era um desastre, porque o cara pensava “*Se eu vou viver bem e vou viver sem ter que trabalhar e vou ter dinheiro, o que que eu vou ficar fazendo aqui, plantando essa rocinha de arroz?*”, e aí a gente começava a bater “*Não é assim, a realidade não é essa, seu dinheiro vai acabar e você não vai conseguir viver com isso!*”, mas não tinha discurso que convencesse o cara contra a roça que ele tinha lá e o dinheirão que ele ia ganhar ...

T.: Professor Edvaldo, trouxemos uma aula em áudio, o senhor quer ouvir?

E.: Ah, eu quero! [muitos risos]

T.: Mas é uma aula de Matemática... [risos]

E.: Só ouvir o sonzinho da radioaula já....



Figura 01 – Professor Edvaldo (Foto realizada na ocasião da entrevista)

ATIVIDADES PARA DEPOIS DA AULA

AULA 50

1 — Identifique os pronomes, como no modelo: Nós estamos dobrando. **Nós: pronome pessoal**

a) Eu não me irrito com as obras da minha rua, a não ser quando muito demoradas.
 Eu: _____
 Minha: _____

b) Aqueles são os operários da turma da noite.
 Aqueles: _____

c) Nossa casa vai ser pintada.
 Nossa: _____

d) Quem já visitou uma galeria subterrânea?
 Quem: _____

e) Quanto tempo duraria aquela obra?
 Quanto: _____
 Aquela: _____

f) A casa de que lhe falei fica em Copacabana.
 Que: _____
 Lhe: _____

2 — Observe o pronome inicial e preencha os espaços com as necessárias mudanças, em termos de correlação de pessoas do discurso:

a) Eu gosto da minha rua.

b) Nós _____ da _____ rua.

c) Tu _____ da _____ rua?

d) Vós _____ da _____ rua?

e) Ele _____ da _____ rua.

f) Eles _____ da _____ rua.

g) Elas _____ da _____ rua.

h) Você _____ da _____ rua?

i) Vocês _____ da _____ rua?

Figura 02 – Fascículo (Foto realizada pelo pesquisador)

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. CANDAU, V. M. **O Projeto LOGOS II e sua atuação junto aos professores leigos do Piauí: um estudo avaliativo.** Comunicação apresentada no II Seminário Regional de Pesquisa em Educação. Belo Horizonte, outubro de 1983.
- BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção.** Tese. Doutorado em Educação Matemática. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2003. 240 páginas.
- BLOIS, M. M. **Re-encontro com Paulo Freire.** Niterói: Fundação Euclides da Cunha, 2005.
- BLOIS, M. M. Entrevista concedida a Thiago Pedro Pinto. Rio de Janeiro (RJ), 2011.
- BRANDAO, C. R. **O que é o método Paulo Freire.** Disponível em <http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oque_metodo_paulo_ffrei.pdf>, último acesso em 06 de agosto de 2012.
- BRASIL. **Decreto n. 19.890, de 1931.** Disponível em <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-norma-pe.html>>, último acesso em 31 de Julho de 2012.

BRASIL. **Lei n. 4024, de 20 de Dezembro de 1961**. Disponível em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102346>>, último acesso em 31 de Julho de 2012.

BRASIL. **Lei N. 5.692, de 11 de Agosto de 1971**. Disponível em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102368>>, último acesso em 31 de Julho de 2012.

BRASIL. **Lei nº 5.379, de 15 de Dezembro de 1967**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/1950-1969/L5379.htm>.

BRASIL. **Lei nº 12.527, de 18 de Novembro de 2011**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm>.

COUTINHO, S. R. **Comunidades Eclesiais de Base: presente, passado e futuro**. Interações - Cultura e Comunidade, v. 5 n. 6, p. 183 – 196, 2009.

Da SILVA, S. **Panorama histórico do MOBREAL: operacionalização no município de Araras**. Dissertação de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2012, 261 páginas.

De OLIVEIRA, S. C. B. **A formação dos professores em Guaraniãçu: a capacitação em serviço, o LOGOS I, LOGOS II E HAPRONT**. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da Educação Brasileira, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel (PR), 2010, 166 páginas.

Lula participa nesta quarta do relançamento do Projeto Rondon. **Folha de São Paulo**, São Paulo: 2005. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u16905.shtml>>, último acesso em 07 de agosto de 2012.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Madureza (verbetes)**. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2002, <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=293>, último acesso em 31 de Julho de 2012.

OLIVEIRA, S. C. B. de. **A formação dos professores em Guaraniãçu: a capacitação em serviço, o Logos I, Logos II e Harpront**. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da Educação Brasileira, do Colegiado de Pedagogia, da UNIOESTE. 2010.

PEROSA, L. M. F. de L. **A hora do clique: análise do programa de rádio "Voz do Brasil" da Velha à Nova República**. São Paulo: Annablume: ECA-USP, 1995.

PESSANHA, E. C. DANIEL, M. E. B. **História da Cultura Escolar Através dos Exames de admissão ao Ginásio (1931-1971)**. **Intermeio: Revista do Mestrado em Educação**, Campo Grande, MS, v. 8, n. 16, p. 4-15, 2002.

SCOCUGLIA, A. C. **A Educação de Jovens e Adultos: Histórias e memórias da década de 60**. Brasília: Plano, 2003.

Apêndice A: Carta de Cessão;

CARTA DE CESSÃO

COXIM, 21 DE SETEMBRO DE 2012

THIAGO PEDRO PINTO

Eu, EDVALDO DIAS, portador do documento de identidade número 090346 SSP/MS, brasileiro, residente à Rua Brasiliano A. de Souza, número 260, cidade de COXIM, estado de MATO GROSSO DO SUL, declaro para os devidos fins que cedo o direito das filmagens de minha imagem e som, captados em entrevista concedida à THIAGO PEDRO PINTO, juntamente com sua transcrição, textualização e de mais procedimentos advindos delas – ficando THIAGO PEDRO PINTO autorizado a utilizar a entrevista e as produções a partir delas integralmente ou em partes sem restrições de prazos.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente,



EDVALDO DIAS



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Antonio Vicente Marafioti Garnica (orientador)

Volume

Entrevista com Paulo Roberto Motejunas

Bauru

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências

Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

Tese de Doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação para a Ciência.

Bauru (SP)

2013

SUMÁRIO

Volume: Instruções de Uso

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica	9
Apêndice A: Sobre Jogos e Caleidoscópios	11
Apêndice B: Notas sobre o trabalho com entrevistas nesta pesquisa	22

Volume: O acervo da SOARMEC

O acervo da SOARMEC, a disponibilização pública de um Catálogo e a constituição de um Mapa para o acervo	4
Referências	13
Apêndice A: Catálogo de Etiquetas do Acervo da SOARMEC	15
Apêndice B: Mapa do Acervo	61

Volume: Da revisão de literatura: uma terapia filosófica da expressão “Projeto Minerva” como possibilidade de vasculhar um terreno

Introdução	4
Sobre as linguagens nos textos de Wittgenstein	6
Os trabalhos selecionados	9
Trabalhos Acadêmicos	10
Livros	16
Entrevistas	17
Demais documentos	28
Algumas Considerações	31
Referências	32

Volume: Produção de Radioaulas no Projeto Minerva

Da Matemática falada, do resgate de fontes, da potencialidade de compreender a partir de múltiplos focos: um ensaio sobre a produção de radioaulas no Projeto Minerva	4
1. Material para o Rádio	9
1.1. O “Material Bruto”	9
1.2. Comunicação Com o Aluno	12
1.3. Arquivo de áudio do programa	14
1.4. A transcrição do programa	15
2. Material para o Fascículo	18
2.1. Texto Bruto	18
2.2. Fascículo	22
3. Movimentos de Produção dos Materiais	26
3.1. Material Bruto, Comunicação Com o Aluno (CCA) e Arquivo de Áudio	26
3.2. Texto Bruto e Fascículo	31
3.3. Fascículo e Arquivo de Áudio	32
4. Alguns apontamentos sobre a produção das aulas	35
Referências	38

Volume: Entrevista com Marlene Montezi Blois

Entrevista com Marlene Montezi Blois nas dependências da SOARMEC - Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC (2º andar da Rádio MEC), Rio de Janeiro, 05/10/2011	4
Apêndice A: Carta de Cessão	36

Volume: Entrevista com Edvaldo Dias

Entrevista com Professor Edvaldo Dias, ex-monitor do Projeto Minerva, ocorrida na residência do depoente, em Coxim-MS, no dia 14/07/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Paulo Roberto Motejunas

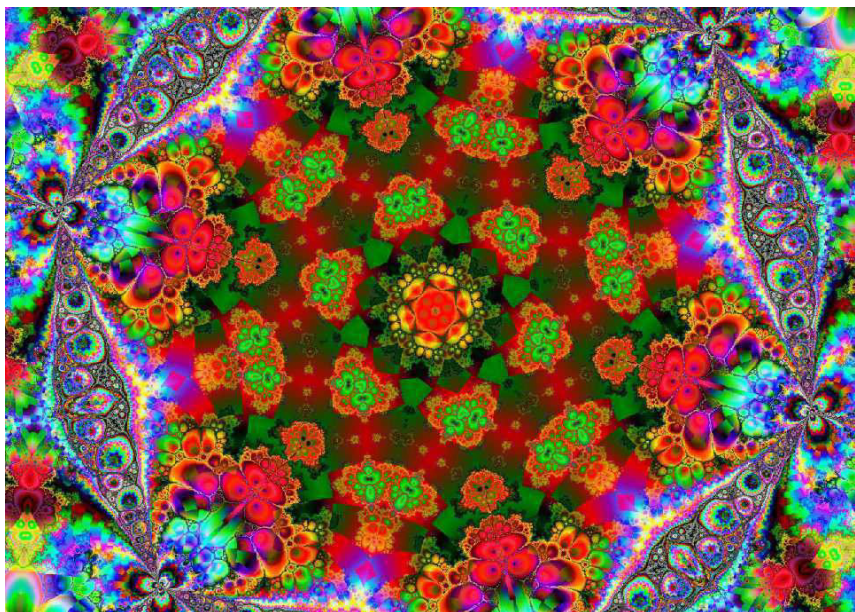
Entrevista com Professor Paulo Roberto Motejunas, ocorrida na residência do depoente, em Caçapava-SP, no dia 28/08/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e Maurílio Costa Filho

Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e seu marido, Maurílio Costa Filho, ex-alunos do Projeto Minerva, ocorrida na residência dos depoentes, em Paraíba do Sul - RJ, no dia 15/06/2013	4
Apêndice A: Cartas de Cessão	31

Volume: Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva

Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva	4
Fita 01 - A Voz do Povo - 19/03/90 - Projeto Minerva - P1	11
Fita 02 - A Voz do Povo - 20/03/90 - Projeto Minerva - P2	34
Considerações sobre o debate	57
Referências	59
Apêndice A: Fotografias Compósitas	61
Referências	67



**Entrevista com Professor Paulo Roberto Motejunas, ocorrida na residência do depoente, em Caçapava-SP, no dia 28/08/2012
Duração: 01 h 24 min¹.**

Por Thiago Pedro Pinto

Durante a análise de produção de uma rádio aula do Projeto Minerva, relativa ao Curso Supletivo de Segundo Grau, entramos em contato com diversos materiais. Eram scripts, manuscritos, fascículos e um texto bruto. No “texto bruto” havia uma discreta indicação da autoria: Paulo Motejunas. Algumas buscas na internet resultaram num primeiro contato com o professor Paulo que cordialmente se dispôs a contribuir com nossa pesquisa. Passados alguns meses desse primeiro contato, fomos até sua casa, numa bela chácara nas proximidades de Caçapava(SP), onde conversamos sobre educação, política, cultivo de plantas e flores e, é claro, sobre o material elaborado para a Fundação Roberto Marinho e sua participação no Projeto Minerva.

Paulo: Eu fui aluno do Sangiorgi². O Sangiorgi teve um papel importante na História, né? Um cara polêmico, muito polêmico.

Thiago: Sim, inclusive uma das perguntas que eu trouxe aqui é sobre ele.

¹ A imagem que acompanha o título foi gerada com o software Interactive Psychedelic Kaleidoscope, disponível em <http://img.izismile.com/img/img2/20090618/psychedelic_kaleidoscope.swf>

² Osvaldo Sangiorgi, um dos expoentes do Movimento Matemática Moderna no Brasil, coordenador do GEEM – Grupo de Estudos e Ensino de Matemática – foi autor de inúmeros livros didáticos.

Paulo: Bom, deixa só eu te passar isso aqui. Eu fiz o seguinte: eu coloquei aqui³ quem estava envolvido. A coordenadora era a Maria Amélia Goldberg, que agora é Maria Amélia Azevedo. Só que ela largou essa área. Hoje ela está trabalhando com psicologia, estudo de comportamento de casal, violência contra a mulher, mas ela trabalhava e tem muito texto sobre avaliação dela. Se você entrar na *internet* e procurar o nome dela você vai encontrar muita coisa.

Eu fui autor dos textos, mas tive ajuda do Paulo Cesar⁴, que é um colega lá de Mogi [das Cruzes]. Da equipe da Fundação Padre Anchieta⁵ era o Sangiorgi o Diretor do Departamento Cultural, mas ele não lia o material. Ele sempre foi o chefe, né? Ele era muito comunicativo, um líder. Tanto que ele saiu da área de matemática e foi para a área de comunicação... O Ernesto Rosa⁶ foi o primeiro responsável. Depois foi o Luiz Barco⁷. O Ernesto Rosa não deu certo, houve uma encrenca no caminho porque ele começou a colocar dança do ventre, outras coisas e a Globo falou: “*Peraí!*” – já estava na décima aula mais ou menos – “*Se é para fazer show nós fazemos melhor, nós queremos que vocês façam aula. Teleaula!*” Aí o Ernesto caiu fora, entrou o Barco, você deve conhecer, já viu talvez. Um sujeito de barba branca. Ele apresentava as aulas. Era muito bom.

Começou assim: eu fui convidado porque eu já tinha experiência em escrever, apesar de nesta época eu estar trabalhando mais com Física. Mas, por conta da experiência passada, a Goldberg me convidou, e ela me passou cópias dos supletivos de Brasília, Pernambuco, Paraná, São Paulo, Minas, Rio, e eu fiz um levantamento para ver o que era mais cobrado. Infelizmente, é assim que funciona, que o ensino funciona: você vai

³ Nesse momento o Prof. Paulo me apresenta algumas anotações feitas por ele antes de iniciarmos a gravação. Nestas folhas havia trechos do fascículo, um artigo de sua autoria intitulado “A evolução do Ensino de Matemática no Brasil” e a indicação de alguns dos tópicos sobre os quais ele comenta no início da entrevista.

⁴ Paulo Cesar dos Santos é professor da Universidade de Mogi das Cruzes, com formação em Matemática e Engenharia Elétrica.

⁵ A Fundação Padre Anchieta – Centro Paulista de Rádio e TV Educativas, foi criada pelo Governo do Estado de São Paulo no ano de 1967. A Fundação mantém uma emissora de televisão de sinal aberto, a TV Cultura; uma emissora de TV a cabo por assinatura, a TV Rá-Tim-Bum; e duas emissoras de rádio: a Cultura AM e a Cultura FM.

⁶ Ernesto Rosa Neto, autor de livros didáticos de Matemática e de didática da Matemática

⁷ Luiz Barco, nascido em 1939, é conhecido por suas iniciativas de divulgação e popularização da Matemática.

ver o que é mais cobrado pra ver o que vai ter mais ênfase, apesar de a gente não abrir mão do conteúdo todo, né?! Eu tinha já dado curso no Mackenzie⁸, no colégio, para exatas. Eram cursos... só para ter uma ideia: aquelas apostilas do Cid Guelli⁹, e outros autores que se usava na época... eu dei um curso de Geometria do Luiz Mauro Rocha¹⁰ todinho, aquela Geometria que hoje não se faz mais, estudar os teoremas, começar a construir...

Thiago: Axiomática.

Paulo: Aliás, eu acho uma pena, né?! Porque hoje os professores não sabem. Não aprendem e não sabem depois fazer. Aí ela [Goldberg] fez uma proposta de um modelo pedagógico, você provavelmente deve ter visto: todas as aulas têm o mesmo modelo, como o da primeira aula... Tem *Convite ao Raciocínio*, o *Descubra*, onde você apresenta uma série de propostas e manda praticar e depois cria um exercício. Essa era a única interação que havia, mas não serviu pra nada. A Rio Gráfica Editora¹¹ e a Globo¹² não deram retorno a isso. Havia, de vez em quando, aquilo que a gente chamava de *Caderno Suplementar*. A gente tentava fazer um jornalzinho diferente, né?! Números cruzados, coisas reais... inventar isso aqui não era fácil não. O contexto era, às vezes, algo como “o tio que jogou o mesmo número na loteria a vida inteira e nunca ganhou”, mostrando que probabilidade é assunto do dia a dia, né?! Então a gente fazia isso aí.

⁸ O Instituto Presbiteriano Mackenzie foi criado em 1870, na cidade de São Paulo. Atualmente mantém duas unidades de ensino superior no Estado de São Paulo (a Universidade Presbiteriana Mackenzie campus de São Paulo (em Higienópolis) e o campus Baurer (em Alphaville), além de unidades em Campinas (SP), Brasília (DF), Recife (PE) e Rio de Janeiro (RJ).

⁹ Cid Augusto Guelli foi um conhecido professor de Matemática e autor de livros didáticos. Docente do Sistema de Ensino Anglo Vestibulares, teve influência marcante no ensino de Matemática e, particularmente, na formação de professores de Matemática na região de Botucatu (SP) – (BARALDI, 2003).

¹⁰ Luiz Mauro Rocha, autor de livros didáticos. Dentre suas produções está uma parceria com Ruy Madsen Barbosa e Scipione de Pierro Neto (a coleção *Matemática: curso colegial moderno*) e o livro de autoria individual *Geometria no Espaço*, publicado pela Editora Nobel, na década de 1960.

¹¹ Criada em 1952, como braço das Organizações Globo no âmbito de editoração, publicou uma diversidade de Quadrinhos (Gibis), com destaque para as traduções norte-americanas, em especial os da Marvel Comics (uma das mais importantes editoras do gênero no mundo). Em 1986 adquiriu a Editora Globo, do Rio Grande do Sul, com o que foi possível utilizar o nome caracterizaria a organização. Publica ainda hoje uma diversidade de revistas de grande circulação nacional. <<http://corp.editoraglobo.globo.com/historia/>>

¹² Organizações Globo, formada pela Rede Globo de Televisão, Globosat, Sistema Globo de Rádio, Infoglobo, Fundação Roberto Marinho, Globo.com, Som Livre e Geo Eventos. Coordenada pela família Marinho, tem exercido atividades de comunicação e mídia desde a fundação do jornal “A Noite”, em 1925, por Irineu Marinho.

Havia também *Recordar e Aprender*. De vez em quando a gente colocava aquele algo a mais quando a gente achava que tinha espaço. *Convite à Revisão*: havia a cada bloco de aulas uma revisão, a cada três aulas havia um caderno suplementar. Escrevi 69 aulas... as aulas eu escrevi, o texto de televisão eu assistia mas não elaborei... como era formato de revista, tinha três aulas em cada fascículo, em cada semana. Olha a briga, né?! Toda semana tinha, e a gente nunca estava com tudo pronto quando começou. Sempre correndo atrás. Só que com um detalhe: uma das aulas tinha que ter quatro páginas, as outras duas, seis páginas, e para caber o conteúdo exatamente em seis páginas, ou quatro, não é fácil. E com o fascículo tinha o jornal do estudante e havia eventualmente casos especiais como uma cartela de símbolos e caderno suplementar, caderno de revisão...

Fluxo de produção: eu escrevia, não tinha computador, era máquina de escrever, lauda. Escrevia, escrevia, escrevia... aí eu mandava para a Maria Amélia que é Psicóloga e Doutora em educação pela USP. Ela lia e dizia assim: “*Paulo, eu não entendo nada de Matemática. Se eu conseguir resolver os exercícios é porque a aula está boa!*”. O material ficava dois dias com ela, que me devolvia e, se não tivesse erro, já ia para a Fundação Padre Anchieta. Se não, voltava para a revisão, daí ia para o Sangiorgi. Do Sangiorgi pro Ernesto, depois o Barco e eles, além de fazer a parte de televisão, davam uma lida, e às vezes, de vez em quando, diziam “*Não, isso aqui não está bom*”... nós tivemos alguns entraves ali... depois, se não voltasse, ia para a Rio Gráfica Editora, lá na Avenida Angélica, em São Paulo, lá no centro, onde me chamavam para dúvidas de desenhos... por exemplo, eu faço uma senóide. Hoje você joga no computador, é fácil. Naquela época eu tinha de levar alguns livros que tinham desenhos bons – “*ó, igual esse aqui*”. Era tudo desenhado... Quando eu fazia alguma brincadeirinha – colocava, por exemplo, o *Recruta Zero*¹³ –, eu tinha que explicar. Então, às vezes eu tinha que ir lá também...

Problemas encontrados: tempo, já que o autor lecionava... eu dava mais de 40 horas por semana em Guarulhos e em Mogi [das Cruzes]. Nessa época, morava em São Paulo e viajava para até duas cidades o tempo todo, e a necessidade de fazer caber cada aula em

¹³ O *Recruta Zero* (Beetle Bailey, em inglês) é um personagem de histórias em quadrinhos e de animação cujas histórias originais, escritas por Mort Walker, eram traduzidas para o português. A trama das histórias sempre realçava sua preguiça. Seu bom humor usualmente era uma arma para escapar do Sargento Tainha, que o perseguia por suas insubordinações.

4 ou 6 páginas... A aula de logaritmo, por exemplo, teve que ser refeita e eu estava em férias. A Maria Amélia me mandou o seguinte recado: “*Professor, faça tudo de novo, é uma impossibilidade logarítmica*” (ainda brincou, né?). Eu fiquei chateado porque não é fácil você introduzir logaritmo, mas... Eu tive uma discussão séria com eles sobre funções circulares inversas... Isso eu cito aqui: no livro do Courant, o Courant de Cálculo, aquele antigo¹⁴ – o Courant foi o professor que escreveu material que o pessoal usou para criar a mecânica quântica lá em Göttingen, na Alemanha, quer dizer, é prêmio Nobel, fantástico né? – o livro dele fala em Funções Unívocas e Plurívocas, era assim que funcionava antes. Quando inventaram a Matemática Moderna¹⁵, para ser consistente com o formalismo moderno... Então, você tem funções e não funções. A inversa tem um problema, porque quando você aplica em Engenharia, Física, em todo lugar, você tem um monte de soluções do problema, e todas elas são importantes. Quando você vê em acústica, você tem o fundamental e os harmônicos. E aí você precisa, simplesmente, tirar uma definição que “vale de $-\frac{\pi}{2}$ a $\frac{\pi}{2}$ ” e eu acho muito arbitrário¹⁶... Então, eu coloquei no texto uma explicação, “*Gente, para poder atender ao formalismo que nós temos agora...*” e ele disse: “*Isso é prostituição da matemática, você está avacalhando com a matemática*”, foi uma briga, foi uma briga feia... Eu falei “*Não, desculpa, mas eu tenho que dizer para o aluno que certas coisas que o homem tem que inventar são*

¹⁴ Richard Courant (1888-1972) foi aluno e assistente de Hilbert. Seu livro *Cálculo Diferencial e Integral*, publicado em 1934, teve inúmeras edições e traduções, e até hoje é um dos textos clássicos para esta disciplina.

¹⁵ Plurívocas são as funções em que a um elemento do domínio corresponde duas ou mais imagens distintas. Nas funções unívocas, a um elemento do domínio corresponde uma – e apenas uma – imagem. Mais usuais quando tratando de funções de variável complexa – área em que até hoje essa terminologia é usual – o prof. Paulo refere-se a uma alteração no tratamento da matemática escolar proposta pelo Movimento Matemática Moderna, que imprimiu novas formas de tratar determinados conteúdos, tendo sido responsável, inclusive, pela inclusão de alguns conteúdos específicos no ensino – como o das matrizes, hoje comum nos livros didáticos, mas inexistente antes desse Movimento cujo auge ocorreu nos anos de 1960 e 1970. Segundo o depoente, o tratamento das funções segundo o critério da univocidade ou plurivocidade deu lugar, no ensino secundário, ao tratamento das funções via relações (conjuntos de pares ordenados) do que resultam as propriedades de injeção e sobrejeção, por exemplo, e segundo o qual algumas relações são funções, outras não (as unívocas seriam funções, as plurívocas não).

¹⁶ Para que uma função tenha inversa, ela deve ser bijetora e, portanto, definir a inversa exige, por vezes, algumas restrições no domínio. No caso das inversas das trigonométricas isso é bastante usual. Para definir a função $f(x) = \arcsen x$, a inversa de $g(x) = \sen x$, por exemplo, deve-se restringir o domínio do seno – que é o conjunto dos reais – a um intervalo (conjunto) em que a função seja estritamente crescente ou estritamente decrescente. O intervalo $\left[-\frac{\pi}{2}, \frac{\pi}{2}\right]$ é classicamente usado como domínio da função seno para que sua inversa seja obtida. O professor Paulo possivelmente faz menção a restrições dessa natureza, que são arbitrárias posto que outros intervalos poderiam ser considerados.

arbitrárias: tem que inventar porque tem, para ser consistente, mas eu tenho que dizer senão ele vai dizer: e as outras, como é que ficam?” E pra mim isso é importante. Então eu tive essa briga. Outro problema, mais sério, foi com o diretor da Rio Gráfica Editora. Discutimos porque eu dizia: *“Eu tenho um monte de gente que está lendo o meu material, se alguém tiver uma dúvida, para quem que eles perguntam?”*, *“Pra ninguém, professor!”*, *“Mas isso é um absurdo!”*, *“Eu não tenho nenhum retorno...”*. Tanto que no Telecurso 2000¹⁷, com a [Fundação] Bradesco¹⁸, eles criaram os monitores, os tutores, os postos (a Federação das Indústrias¹⁹ colaborou também), e aí resolveram o problema. Eu encontrei aluno, depois, na faculdade, que usou este material. Eu tive retorno de 3, 4, mas... é bom? Funcionou? Eu discutia muito isso com ele, *“Não, nós não temos dinheiro para isso!”*. Há coisas não apenas no Telecurso, mas que são princípios em que acredito e que valem para a redação de um texto. Eu aprendi com a professora Carolina Bori²⁰, que me ensinou o método individualizado²¹ usando toda psicologia de Skinner²²: se a propaganda usa controle de comportamento, se os governos fazem guerras psicológicas no mundo, então por que no ensino não posso usar? Os pedagogos que me desculpem – geralmente pedagogos não gostam da psicologia experimental (muitos me diziam que estariam tratando seus alunos como se fossem

¹⁷ Em 1995 foi criado o Telecurso 2000, substituindo os anteriores (Telecurso de 2º Grau e Telecurso de 1º Grau). O Telecurso 2000 permaneceu no ar até 2008, quando foi lançado o Novo Telecurso, com atualização das aulas. Uma das inovações do Telecurso 2000 foi a criação de telesalas, espaços onde alunos e professor monitor (figura também nova no processo) reuniam-se para assistir e estudar a aula. As telesalas funcionavam em escolas, associações de moradores, igrejas etc., adotando uma postura que, julgamos, é muito próxima à do Projeto Minerva. <<http://www.telecurso.org.br/historico/>>

¹⁸ Fundação Bradesco, criada em 1956 pelo mesmo criador do banco homônimo. Destaca-se no panorama educacional pelo gerenciamento de 40 escolas espalhadas pelo Brasil. <<http://www.fb.org.br/Institucional/FundacaoBradesco/NossaHistoria/>>

¹⁹ Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp): criada em 1931, é braço da Confederação Nacional da Indústria no estado.

²⁰ Carolina Martuscelli Bori (1924-2004). Foi presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e criadora, junto com Fred S Keller, Rodolpho Azzi e G. Shermann do método individualizado de ensino. Pesquisadora brasileira da área da Psicologia, com inúmeros trabalhos em Psicologia da Educação.

²¹ Também conhecido como método Keller, pressupõe basicamente três etapas: programação, aplicação e avaliação e reprogramação, todas com inúmeras subdivisões. O método prevê a criação de fichas de instrução para que os alunos, individualmente, possam prosseguir nos estudos, contando com a tutoria do professor. No método, frisa-se a necessidade de avaliação contínua e com requisito de aproveitamento total (Cf. BULHÕES, s/d).

²² Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), um dos pioneiros da Psicologia Experimental e um dos criadores do Behaviorismo Radical.

ratinhos), mas eu acho o seguinte: se você pode fazer o bem, melhorar, vamos fazer. Eu acredito nisso.

Então é assim, partir sempre do mais simples para o mais complexo, detalhar de forma exhaustiva no começo e gradualmente retirar as informações, você vai detalhar no começo, mas, depois, você vai fazendo o cara pensar... Essa é uma coisa que a gente fazia.

Escolher conteúdos pertinentes e contingenciados: se o curso vai preparar para exames, infelizmente há de se enfatizar o mais cobrado, sem deixar de todo a informação. Aqui tem a ver com uma discussão que nós tivemos com o Sangiorgi. Foi exatamente sobre isso. *“Professor, por que no antigo ginásio vai se ensinar injetora, bijetora e sobrejetora? Professor, você vai me desculpar, mas pra quê?”* Sabe qual foi a resposta que ele me deu? *“Se um dia esse aluno vier a fazer matemática ele vai estar melhor preparado”*. E aí eu perguntei: *“Quantos alunos vão fazer matemática? A maioria vai ser médico, engenheiro, advogado, administrador... depois você prepara”*. Mais tarde ele deu uma entrevista no jornal dizendo que exagerou na dose, que reconhecia o erro dele. Mas isso foi vinte anos depois... E o pior é que, como ele lançou primeiro, o Scipione²³ seguiu a receita, o Castrucci²⁴... todo mundo, né? Isso eu escrevi aqui... não deixar de lado tópicos que são mais difíceis mas ajudam a formar uma capacidade em você. É o caso de geometria. Eu vejo que os colégios hoje não estão dando mais geometria, que, no máximo, se transformou num conjunto de fórmulas e mais fórmulas... É triste isso, virou decoreba, né? Sempre que possível dar exemplo de aplicação da vida real. Uma confusão que as faculdades de ciências, de formação de professores de Matemática andam cometendo, quando o governo disse que tem que ter matemática aplicada... Bom, Cálculo Numérico se aplica, então eu vou pro Cálculo Numérico: é matemática aplicada. Então, eu vou explicar Estatística: é matemática aplicada. Não! É você estudar e se preparar e pegar problemas reais e usar matemática pra resolver problemas do dia a dia. Isso é matemática aplicada... E são outras brigas feias, né?!

²³ Scipione de Pierro Neto (1926-2005), professor e conhecido autor de livros didáticos de Matemática.

²⁴ Benedito Castrucci (1909-1995), conhecido autor de livros didáticos de Matemática para os ensinos médio e superior, foi, junto com Cândido Lima da Silva Dias, Fernando Furquim de Almeida, Edson Farah e Omar Catunda, o grupo dos primeiros cinco catedráticos em Matemática do Brasil, na Universidade de São Paulo (USP).

Sempre mostrar a definição, de onde veio, a intuição, é muito importante, né? Dar tarefa e propor desafios, usar uma linguagem que atenda à lógica da ciência e da matemática. Eu acho que a gente tem que ensinar o rigor, é como a história de direção e sentido. Direção: propriedade comum de retas paralelas. Sentido: uma direção tem um sentido e outro sentido. Os caras chamam de direção o que é sentido, na verdade. É uma confusão! Evitar o uso de expressões fora da norma culta, salvo casos excepcionais, facilitar a leitura e não corromper a língua. Essas, pra mim, são algumas dicas que eu sempre usei para escrever qualquer material, inclusive quando foi feito o Telecurso.

Esse aqui é o texto²⁵ que saiu nesse livrinho aqui, que fala sobre uma visão, de 1980, de como era o ensino da matemática no Brasil, algumas considerações. Não era todo o curso... a Maria Amélia que foi convidada e me convidou. Na montagem do curso a gente discutia muito, questões de ensino, questões de matemática. Então, ela falou: *“Professor, escreve um artigo.” “Tá bom, pode deixar”*. Uma contribuição...

Thiago: Professor, faça uma breve apresentação do senhor, para que fique registrado.

Paulo: Por escolha do meu pai fui fazer Química, escola técnica, e por ter sido um bom aluno fui convidado a ser professor. Eu já tinha emprego na indústria, larguei. Então, a convite do professor, virei professor sem nunca ter pensado em ser professor, e comecei na escola técnica no Mackenzie e, de repente, tinha que fazer faculdade. Meus professores de matemática eram todos ótimos: Oswaldo Nobre²⁶, Francisco Hoffman²⁷ e Carlos Carvalho²⁸ e me incentivaram a fazer matemática. Então, eu fui fazer matemática e como a escola técnica começou a cair de moda, em 1972 saiu uma LDB²⁹ que

²⁵ Refere-se ao texto “Evolução do Ensino da Matemática no Brasil”, de sua autoria.

²⁶ Formado em Matemática pela Universidade de São Paulo, atuou como professor no Mackenzie.

²⁷ Francisco Brandt Hoffman foi professor e diretor do Mackenzie, da UNISA (Universidade de Santo Amaro) e do Colégio Visconde de Porto Seguro de São Paulo.

²⁸ Carlos Eduardo Carvalho, matemático, atuou na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

²⁹ Trata-se da Lei 5692/71, promulgada em 11 de agosto de 1971, que trouxe mudanças na educação nacional ao propor, dentre outras alterações, uma nova divisão para a seriação escolar. O Segundo Grau passou a ter, obrigatoriamente, um núcleo comum de formação geral, podendo conter disciplinas específicas para aprofundamento em determinadas áreas, segundo seu Artigo 4º: “Os currículos do ensino de 1º e 2º graus terão um núcleo comum obrigatório em âmbito nacional, e uma parte diversificada para atender, conforme as necessidades e possibilidades concretas, às peculiaridades locais aos planos dos estabelecimentos e às diferenças individuais dos alunos.” Abrindo espaço para habilitações profissionais, cursadas além do Segundo Grau regular, a respectiva Lei pouco fala sobre estas habilitações profissionais. <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/128525/lei-de-diretrizes-e-base-de-1971-lei-5692-71>>

transformou todo o Ensino Médio, o Segundo Grau, em Profissionalizante, então escola técnica não existia mais porque tinha que ser colégio e escola técnica junto, fecharam as escolas técnicas... agora abriram de novo... Sobrou o SENAI³⁰ e a federal, o resto, particular, acabou, e aí eu acabei entrando pro Ensino Médio e comecei a trabalhar com Matemática, mas já comecei também a trabalhar com Física... Hoje, se eu voltasse atrás, eu faria Física e não Matemática, porque eu descobri depois que os físicos sabiam muito mais matemática do que eu, como matemático, porque muita coisa que os físicos usam, coisas que se usa na Física Moderna, os matemáticos não aprendem, não que não seja bonito o que eu aprendi, mas eu senti um pouquinho de limitação, no curso que eu fiz pelo menos... Quando estava no Mackenzie ainda, trabalhei com Matemática, Física e Química, e aí, de repente, surgiu uma chance de fazer um curso aqui em São José [dos Campos], no ITA³¹, de treinamento de professores de laboratório de Física e acabei ganhando uma bolsa para ir fazer um curso no estrangeiro, de Física Experimental. Então, aí já estava indo pra Física, né?! Isso foi em 1971, e a partir daí eu fui convidado a trabalhar no Ministério da Educação numa Fundação chamada CENAFOR³², que dava aperfeiçoamento de pessoal e assistência técnica para Escolas Técnicas do Brasil inteiro. Só que o nosso chefe lá, Wulf³³, que é físico também, percebeu que a gente saía daqui em uma equipe enorme, ia para uma cidade do Norte, do Nordeste, Sul, qualquer lugar, dava um curso de um mês, vinte dias, de repente continuava tudo igual. Os cursos formais, muitas vezes, não tinham avaliação, e curso de capacitação sem avaliação não funciona! O pessoal vai lá para fazer turismo, passar o tempo, então nós conhecemos, ele conheceu e eu conheci também a Carolina Bori, que era uma psicóloga que lançou um método, foi presidente da SBPC³⁴, uma pessoa respeitada no mundo, e desenvolveu

³⁰ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

³¹ Instituto Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos (SP), uma das instituições de ensino superior mais prestigiadas do país, integra o CTA – Centro Tecnológico da Aeronáutica.

³² Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional – CENAFOR, criado pelo Decreto-lei nº 616, de 9 de Junho de 1969, sob a forma de fundação, vinculada ao Ministério da Educação e Cultura. Seu principal objetivo, segundo o Artigo 3º. do seu estatuto, é “... a preparação e o aperfeiçoamento de docentes técnicos e especialistas em formação profissional, bem como a prestação de assistência técnica para a melhoria e a expansão dos órgãos de formação e aperfeiçoamento de pessoal” (BRASIL, 1978).

³³ Wulf Wolkoff Netto (1937-2011), filho de imigrantes russos, formou-se em Física pelo Mackenzie, foi professor e diretor na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) e professor do Colégio Dante Alighieri em São Paulo, da Escola Técnica Oswaldo Cruz e do CENAFOR. <<http://folha.com/no1009136>>

³⁴ Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

junto com um americano chamado Keller³⁵, aqui em Brasília, nos anos 1960, um método chamado Método Individualizado, todo baseado em Psicologia Experimental, Método Skinneriano. Então, ela nos deu um curso onde o objetivo era programar um curso de física que a gente ia dar no Nordeste, mas este curso foi dado de forma individualizada, e nós preparamos um material individualizado para aplicar com os professores da rede, com avaliação.

Eu achava que nunca mais ia usar método convencional... Só que esse método tem suas limitações. Tem problema de monitor – que é necessário –, tem horário, tem muito problema... Mas nós começamos a trabalhar com educação. Aí, nós trabalhamos com instrução programada, preparação para o ensino a distância. Naquela época, nos anos 1970, a gente treinou gente de Pernambuco no uso de equipamento de laboratório sem eles virem aqui, só com especificação de material e instrução via carta, não tinha *e-mail*, às vezes o telefone. Um formato interessante. A gente aprendeu bastante. De lá, então, a gente foi convidado para a universidade onde nós tivemos a chance, a possibilidade, de usar o método individualizado na Arquitetura, ensinando uma Física diferente, uma Física que era toda baseada em projetos, projetos de aplicação em Arquitetura. Uma beleza. E aí começamos... só que nesse meio tempo a gente começou a ser convidado para ser gestor também. Então, nós começamos a intercalar nosso tempo entre ser professor e ser gestor. Eu dirigi, de 1969 até 1998, o processo de vestibular, cheguei a fazer vestibular com 50 mil candidatos... cuidando de segurança... vestibular para medicina, que tem muitos rolos..., cuidando da qualidade das questões, fazer inovações, questão de criatividade, abolindo a questão de nota de criatividade em redação, que é muito subjetivo (e então passou a ter uma correção objetiva de maneira que se três corrigissem a mesma prova não daria diferença de resultado, conseguimos instituir objetividade naquilo que é parcialmente subjetivo). Foi muita experiência assim. Aí, trabalhando, viramos coordenador, depois diretor, e terminei a carreira sendo professor de Física Aplicada e, ao mesmo tempo, diretor de graduação numa universidade com um projeto novo, no mundo real, numa experiência assim gratificante. Lá pra trás que a gente trabalhou no Telecurso, escrevendo materiais e, depois disso, eu parei. Na

³⁵ Fred Simmons Keller doutorou-se em Psicologia em Harvard em 1931, onde foi colega de Burrhus Frederic Skinner, a quem dedicou sua autobiografia. Nos anos de 1960 e 1970 esteve por diversas vezes no Brasil, trazendo influências do seu método de ensino, o “Personalized System of Instruction”, ou Sistema Personalizado de Instrução que, segundo Simões e Cunha, é “um método pedagógico de estudo individual orientado por professor experiente e que teve um impacto significativo no ensino da ciência a nível universitário”. (SIMÕES e CUNHA, apud SABADINI, 2011)

verdade, parei em termos, porque de vez em quando o pessoal me convidava para dar cursos, principalmente de gestão e avaliação. Nós demos muito curso de avaliação, avaliação institucional e avaliação em sala de aula, foi o nosso gancho mais forte, e fizemos trabalho de campo de levantar a situação de uma universidade que quer mudar. Infelizmente este serviço está acabando, mudou a exigência. Eu tenho muita saudade do tempo do ministro Paulo Renato³⁶, da Maria Helena³⁷ no INEP³⁸. Eles tinham um objetivo, a gente sente muita regra, muita coisa nova, mas ... as escolas não estão mais preocupadas prioritariamente com qualidade, principalmente as privadas, face aos grandes problemas com inadimplência, demanda e evasão. As escolas particulares querem os clientes. Onde eu fui trabalhar, uma empresa, a Lobo & Associados, do Dr. Roberto Leal Lobo e Silva e da profa. Maria Beatriz Lobo, tem o seguinte raciocínio: ele não é despachante, ele não é quebra galho, ele ensina a fazer da maneira correta. Então, quando a gente vai na escola, a gente avalia a situação, detecta e propõe uma forma nova de agir para que a escola possa ser melhor. Mas as escolas não estão mais preocupadas com isso, isso é triste, mostrando que o ensino no Brasil, quase como regra, virou comércio, é um negócio chato e, com isso, a gente está aí, de vez em quando tem um convitezinho para alguma coisa, a gente faz...

Thiago: Como que foi o início desse trabalho para a Fundação Padre Anchieta?

Paulo: Bom, o início foi basicamente o seguinte: nós recebemos um convite para trabalhar, escrever material. Já sabia de antemão que eram 69 aulas que tinha que abranger todo o ensino de Segundo Grau, Ensino Médio, e nós recebemos como primeira tarefa levantar aquilo que era mais cobrado nos supletivos que eram sérios, os de São Paulo, principalmente, São Paulo, Minas, Rio, Rio Grande do Sul... Naquela época, por incrível que pareça, o Distrito Federal era o pior, era o menos abrangente, o mais fraco de todos. Então, a gente teve que levantar uma lista de conteúdos para escolher 69 temas para 69 aulas, ordenando. E aí nós começamos a escrever o material. Esse foi o início, né?

³⁶ Paulo Renato Costa Souza (1945-2011), economista, foi reitor da UNICAMP, secretário da Educação do Estado de São Paulo no Governo Montoro, no período de 1984 a 1986, e Ministro da Educação do Governo Fernando Henrique Cardoso no período de 1995 a 2002 e Secretário da Educação do Estado de São Paulo no governo José Serra de Alberto Goldman, 2007 a 2010.

³⁷ Maria Helena Guimarães de Castro, formada em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas (Unicamp), presidiu o INEP quando este passou a ser uma autarquia.

³⁸ Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira”.

Thiago: No caso, o senhor era funcionário da Fundação ou era contratado por serviço?

Paulo: Não, não: eu era contratado de uma empresa que prestava serviço para a Fundação Padre Anchieta. A Maria Helena Goldberg tinha uma empresa chamada Critério Assessoria Educacional, se não me engano. Ela me contratou como *freelancer*, só que eu tinha que prestar contas para ela. Maria Amélia, que era coordenadora, tinha que prestar contas para a Fundação Padre Anchieta, que tinha que responder ao Sangiorgi, e prestar contas à Rio Gráfica Editora, que imprimia o material. Eu só não participava das discussões da aula, da aula da televisão: isso quem fazia era o Ernesto Rosa primeiro, e depois o Luiz Barco.

Thiago: Como era, para o senhor, escrever para a educação a distância?

Paulo: Olha, na verdade não era novidade porque eu fazia treinamento de professores com instrução programadas (para treinar no uso de equipamentos como régua de cálculo, paquímetro, um monte de testes, medidor de corrente...). Nós fizemos instrução programada para esse material. A gente já tinha o hábito de trabalhar com gente que não estava presente o tempo todo, e sem contar que isso é minha formação: eu acreditava muito. Primeiro, eu não acredito que possa ser considerado um bom professor um sujeito que tem um livro escrito, uma apostila, vai lá e escreve a lousa bonitinha, perfeita, você vai lá e olha a lousa e aí alguém chega e diz assim, se fotografar essa aula e olhar o livro é igualzinho. Opa! Não pode! Cada turma é uma turma, cada momento é um momento, a interação com a sala tem que existir, isso faz com que você não consiga, dando dois cursos ao mesmo tempo, duas turmas, você não consiga dar tudo igualzinho, não dá! Isso era considerado, na matemática, bom professor, né? Tem alguns exemplos por aí. Um deles, autor de livros, um cara famoso, apenas reproduzia na aula o que estava escrito em sua apostila. Então, eu pergunto: o que acontecia na aula? Escrevia na lousa, o aluno copiava e tava lá. Eu achava que não era assim, que você tem que explicar, como as aulas magnas em algumas boas universidades. O professor vai lá e dá os conceitos gerais, depois põe questões de estudos, proposições, aí alguém vai propor exercícios e, com a ajuda de monitores, com turmas pequenas, vai ajudar a resolver exercício, tirar dúvida, ter interação de fato, fazer o aluno trabalhar, e pra isso você precisa ter um material bom. Além disso, trabalhei muito com laboratório, também no laboratório. Eu tive aula com um professor que era terrível, ele chegava, explicava o que ele ia fazer, e aí ele escrevia na lousa o texto da experiência, explicava detalhes, e

quando faltavam 15 minutos para acabar a aula ele dizia: *“Aí, ó gente, eu vou fazer a experiência, vocês anotam os dados e façam as contas em casa”*. Isso não é laboratório! Então nós começamos, lá no CENAFOR, a trabalhar na construção de materiais usando os ensinamentos da Carolina: você detalha de maneira que quando eu entrar na sala os alunos já estão trabalhando e não precisa dizer *“ó, vai começar”*. Professor de laboratório não tem que falar, ele tem que supervisionar, controlar, acompanhar, como aula de exercício, né? Então, a gente aprendeu a escrever para que o aluno pudesse fazer sem precisar que o professor repetisse aquilo, isso é, o diálogo, é o texto. Então, a gente tinha experiência. Eu acho que muito disso apareceu no Telecurso, quer dizer, no Telecurso a gente trabalhou com pensamento, pois eu não estou com o aluno na minha frente. Então, eu tinha que procurar. Nem sempre a gente consegue, é claro, às vezes a gente comete alguns erros. Mas a ideia sempre foi essa, escrever de maneira que o aluno possa trabalhar sozinho...

Thiago: O senhor comentou que utilizavam a instrução programada como norteadora deste trabalho?

Paulo: Sim, embora não fosse instrução programada no sentido estrito da palavra – resposta adiante, vai pra frente, vai pra trás, aqueles encadeamentos. Isso nós fizemos também, mas não era o caso do Telecurso. O Telecurso era meio tradicional, aparentemente, mas por trás existe a ideia que você está querendo conversar com alguém que não está ouvindo você. Então, é muito conversa com escrita, de forma coloquial.

Thiago: O senhor comentou que já havia escrito outros cursos que se aproximavam desse modelo de EaD?

Paulo: Sim, mas também escrevi cursos, material tradicional, de cursos tradicionais, um supletivo de primeiro grau, materiais para Física Aplicada para várias áreas...

Thiago: Específico deste material, o senhor se espelhou em algum outro, do senhor ou de alguém, em algum material didático?

Paulo: Não, um pouco do que está aí é fruto da minha experiência em ter dado um curso de matemática com sete aulas semanais no Colégio Mackenzie. O Colégio Mackenzie era, não sei como é hoje, mas era um colégio de excelência, qualidade, tinha seleção, tinha bons alunos, alunos que queriam realmente aprender... O programa feito tem que

ser cumprido integralmente, não tem esse negócio de deixar o mais difícil pro fim e, no fim... Eu acho o seguinte: a gente já tinha a Matemática Moderna em pleno uso, toda aquela simbologia, e a gente focava muito assim: estudo de trigonometria, logaritmo, exponenciais, tudo procurando sempre trabalhar com domínios, imagens, e a partir daí construir gráficos, e daí pra equações, aprender equações. A gente tinha uma bagagem. A gente trabalhou num curso sério. Eu cheguei a dar aula para cinco turmas diferentes ao mesmo tempo, de matemática. Então, aquilo estava ainda na cabeça, quer dizer, muito do que está escrito, o modelo não é baseado... embora, é claro, a gente tenha tido influências dos livros que a gente usou, é lógico, por exemplo, eu não usei praticamente nada do livrão que eu usei na Escola Técnica, o Bezerrão, famoso, Jairo Bezerra³⁹ um livro completo, mas pesado, eu gostava muito do estilo da turma do Anglo, o Cid Guelli, do Gelson⁴⁰, toda aquela turma, escreveu materiais fantásticos. O Scipione também, o Scipione tinha estilo, o próprio Sangiorgi, né? A Renate Watanabe⁴¹ também influenciou muito. Naquela época, o próprio estilo do Jacy Monteiro⁴² escrever... o texto dele era bom. Os textos modernos do Castrucci eram bons. Existe um Grupo de Ensino de Matemática que andou publicando alguns textos interessantes. Tem um sobre Elementos e Teoria dos Conjuntos, feito pelo Castrucci é sensacional. O GEEM foi importante. O Grupo de Estudos e Ensino de Matemática, que era o Sangiorgi, Watanabe, essa turma toda lá, no Mackenzie, eles conseguiram, emplacaram, e eu acho que foi bom porque você saiu daquela matemática onde você tinha que escrever argumentação e passou a usar uma lógica simbólica. O maior ganho da Matemática Moderna foi esse, você aprender a simbolizar suas ideias, de forma inequívoca, quer dizer, quem olha aquele símbolo, aquele símbolo tem um só significado, e isso ajudou bastante. Eu tive formação com esse pessoal. Então, eu me inspirei num conjunto de

³⁹ Manoel Jairo Bezerra, professor nascido no Rio Grande do Norte em 1920 e falecido no Rio de Janeiro em 2010. Autor de mais de 50 textos didáticos, publicou o *Curso de Matemática* (conhecido como tijolão pelos cariocas e como Bezerrão pelos paulistas) pela Companhia Editora Nacional. Foi um dos criadores do projeto João da Silva, primeiro Curso Supletivo de teleeducação do Brasil, produzido entre os anos de 1972 e 1973 e trabalhou também na TVE, participando, por mais de vinte anos, na elaboração, coordenação e consultoria de programas de rádio e televisão educativos.

⁴⁰ Gelson Iezzi, engenheiro, é um conhecido autor brasileiro de livros didáticos.

⁴¹ Renate Gompertz Watanabe. Professora Catedrática da Universidade Mackenzie, formada em Bacharelado pela PUC em 1952, e Mestrado pela Universidade de Illinois em 1964.

⁴² Luiz Henrique Jacy Monteiro, autor de textos clássicos para o ensino universitário e também para o ensino médio, colaborando como o GEEM de Sangiorgi, teve seu doutorado orientado por Oscar Ascher Zariski, na USP, em 1950.

coisas: alguns autores que eu lia, que eu usei, essa formação com essas pessoas, tive sorte, né? Fui aluno do Castrucci, fui aluno do Sangiorgi, fui aluno da Renate Watanabe, que era ótima, fui aluno do Jacy, fui aluno do Carlos Lyra⁴³. No meu curso de Cálculo I ele pegou o livro do Morrey⁴⁴, “*University Calculus...*” deu *tudinho* num ano... impressionante. Até topologia a gente aprendia naquele curso. Então, eu acho que, assim, meus professores foram muito bons, mesmo os professores mais tradicionais. O Hoffman, eu nunca esqueço como ele mostrava como era importante fazer o aluno descobrir. Foi com ele que descobrimos o número *e*. Ele entrou na sala e falou: “*Façam limite de $1+1/n$ quando n tende ao infinito*”⁴⁵. *Quanto é que dá isso aqui?*”, todo mundo: “*É um professor*”, “*Ah é? Tá bom, então vamos fazer um trabalhinho...*”. Mandou a gente fazer n igual a 1, n igual a 2, n igual a 3, com régua de cálculo e tábua de logaritmo... era o que a gente tinha na época... mandou a gente fazer até 20, aí mostrou a sequência e mostrou a tendência ... genial! Quer dizer, quantas pessoas fazem isso hoje? Hoje você vê apresentação, ele gastava tempo com explicar, eu acho que isso é importante, isso me ajudou muito. Eu tive bons exemplos de bons professores. Me ajudou, assim, a criar um estilo próprio... eu não posso deixar de enaltecer todo esse pessoal que foi muito importante na minha vida, muito importante mesmo.

Thiago: A escolha dos conteúdos era com base nessa triagem de exames?

Paulo: Para ver o grau de profundidade que eu vou escolher, onde eu detalho mais, onde detalho menos, vamos detalhar com certeza aquilo que todo mundo cobra, porque se eu vou preparar alguém, e alguém está comprando na banca um fascículo, ele vai esperar que lá tenha aquilo que vai encontrar nos exames. Eu não posso “*Ah eu gosto disso aqui*”... se eu achar que aquilo que eu gosto é importante eu vou por, mas se eu achar que é só por prazer pessoal, esquece. Como eu disse, você não pode às vezes deixar de dar um assunto sem ter passado antes por um assunto que é pré-requisito, mesmo que aquele assunto não seja cobrado... a gente tinha que olhar o conjunto. A escolha dos conteúdos foi um negócio pensado, um negócio muito trabalhado, não foi um negócio

⁴³ Carlos Benjamin de Lyra foi professor da Universidade de São Paulo (USP).

⁴⁴ Refere-se ao livro *University Calculus with Analytic Geometry* de MORREY, Charles B., Jr. edição de 1962.

⁴⁵ $\lim_{n \rightarrow \infty} \left(1 + \frac{1}{n}\right)^n = e$.

assim, de improviso, tanto que quando a gente começou a escrever a primeira aula, já sabia como é que ia ser a sexagésima nona aula... a estrutura já estava toda na cabeça

Thiago: Esse material do senhor, ele também virou programas de rádio... Não sei se o senhor acompanhou isso...

Paulo: Não, eu nem acompanhei.

Thiago: No caso, todo o levantamento que eu trago aqui vem lá da Rádio MEC do Rio de Janeiro. Eles produziram programas de rádio para as pessoas acompanharem as aulas, no caso de matemática, as do senhor. Com o Projeto Minerva vocês não tinham contato?

Paulo: Não, nenhum, nenhum, nenhum! Eu sabia que existia. Nós chegamos a conhecer o pessoal do Projeto Minerva num seminário que nós fizemos em São Paulo. Nós chegamos a fazer um texto do seminário de Teleducação. Veio gente do Ministério do Trabalho, do Ministério da Educação, PRONTEL⁴⁶, pra mostrar a questão da Teleducação – naquele tempo a Teleducação era ensino por correspondência, escrever material programado, tanto que gente ligada ao Samuel Pfromm Netto⁴⁷, Zaki Dib⁴⁸ (o Dib ainda está por aí, o Pfromm foi diretor do Canal 2⁴⁹ da TV Cultura na época, são os papas, os que começaram a instrução programada por aqui)... O pessoal de banco veio também porque os bancos tinham problema de como ensinar os caixas lá no Acre, lá no Amapá... A distância... Usarem um formulário novo, um procedimento novo. Então, a gente acompanhou bastante essas coisas... Então a gente sabia do Projeto Minerva,

⁴⁶ Programa Nacional de Teleducação (PRONTEL), criado pelo Decreto nº 70.185, de 23 de fevereiro de 1972, com objetivo de coordenar as atividades de Teleducação no País. Segundo o Decreto, o PRONTEL é um “organismo de natureza transitória, visando a integração, em âmbito nacional, das atividades didáticas e educativas através do Rádio, da Televisão e outros meios, de forma articulada com a Política Nacional de Educação.”(BRASIL, 1972). Em 1979 foi extinto e substituído pela Secretaria de Aplicações Tecnológicas.

⁴⁷ Nascido em 1932, professor aposentado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

⁴⁸ Claudio Zaki Dib, doutor em Física pela Universidade de São Paulo (1973), atualmente é titular da Techne Sistemas Educacionais e de Treinamento Ltda e professor doutor aposentado da Universidade de São Paulo. Atua na área de educação, com ênfase em tecnologia da educação aplicada ao processo ensino aprendizagem.

⁴⁹ “Canal 2” é a expressão comumente utilizada pelos moradores da cidade de São Paulo e região metropolitana para designar o Canal da TV Cultura, da Fundação Padre Anchieta.

porque fazia parte de um contexto do nosso trabalho. Eu não acompanhei, não sabia nem do uso, que o uso era disseminado... a gente vende e perde o controle, né?

Thiago: E com a Fundação Roberto Marinho vocês tinham algum contato?

Paulo: Eu tive mais contato com o pessoal da Rio Gráfica Editora, que é o braço editor, que hoje é a Editora Globo. Eles compraram o nome da Globo do Rio Grande do Sul, que era Globo Editora. Naquele tempo era RGE, Rio Gráfica Editora, e eu conheci os diretores, o pessoal, tive várias reuniões com eles, tanto que teve uma mudança no meio do caminho: eles achavam que como a aula era muito curta – de espaço e tempo na televisão –, em Matemática, a gente resolveu dar todo o conteúdo. Não economizamos, não fizemos um negócio assim “perfumaria”, então eles achavam que precisava algo a mais. Criaram um *cadernão* de exercícios de revisão que o Paulo Cesar me ajudou a fazer pra poder ter mais chance do aluno trabalhar. Aquilo surgiu no meio do caminho, atendendo à reclamação de... apesar de não haver interação, de vez em quando tinha gente que escrevia pra lá, né? Ou ligava, sei lá... e reclamava que queria mais exercício, que queria trabalhar mais...

Thiago: Eles mandavam essas cartas pra onde?

Paulo: Para a Rio Gráfica Editora. Quando você está num projeto, levando a sério, você tem que colocar a boca no trombone, né?

Thiago: O senhor chegou a conhecer o Projeto Minerva?

Paulo: Sim, conheci, mas não tinha detalhes, nunca foi objeto de estudo da nossa parte, mas a gente conhecia.

Thiago: Bom, uma das perguntas era justamente se o senhor tinha algum contato com os alunos do curso ou com os monitores?

Paulo: Não havia monitores. Essa era uma das queixas que eu fazia frequentemente, “*vocês precisam mudar a cara desse Telecurso!*”. Mudaram. Isso foi em 1978. Em 2000 fizeram aquela parceria com a Fundação das Indústrias, fizeram o Telecurso 2000, e aí sim, foi fantástica a estrutura. Mas não tinha monitor, não tinha! E os alunos podiam escrever para mandar um exercício proposto, eventualmente alguém conseguia fazer, conseguia chegar a por a boca no trombone, né? Mas não havia interação. Eu tive alguns retornos depois, por coincidência, porque eu trabalhei numa universidade que

tinha uma demanda grande de todo o Brasil, a Universidade de Mogi⁵⁰, foi uma das primeiras particulares. Ela chegou a ter 50, 40 mil candidatos no vestibular. Ela chegou a ter, por exemplo, no curso de Direito, 500 candidatos vindos da Bahia; do Mato Grosso vinha gente de monte, tive aluno vindo do Mato Grosso na Arquitetura, do Brasil inteiro, e muitos deles estudaram no Telecurso. Então, quando viam o meu nome “*Pô, professor, conheço o senhor!*”. Aí a gente sentava, trocava ideia, mas não era um negócio formal, planejado, foi casualidade, foi uma convergência de pessoas, foi só isso que aconteceu.

Thiago: O senhor teve algum contato com os vídeos que eram feitos desses programas que acompanhavam?

Paulo: Eu só assistia na televisão. A minha participação terminava quando a aula era aprovada, ia para a gráfica para sair na banca, antes do programa, e depois servir de base pro... Aí tem um comentário interessante: eu sabia, porque eu assistia as primeiras aulas, que enquanto teve o primeiro professor trabalhando, nem sempre aquilo que estava lá na televisão tinha a ver com o texto. Havia um descompasso, por isso que a Globo interrompeu no meio do caminho. Já tinha dezenas de aulas feitas, começou tudo de novo. Foi quando chamou o Professor Barco que veio e recomeçou, pra ter uma ligação entre o que está no papel e o que vai se mostrar na televisão. Aí mudou. Mas eu não via, eu não era chamado para... eles opinavam sobre a aula que eu escrevia, mas eu não opinava sobre o material. Eu assistia aquilo na televisão, da minha casa. O meu contato foi só assim, como ouvinte, um telespectador.

Thiago: Os vídeos que o senhor assistiu, como eles eram?

Paulo: Olha, eu diria o seguinte: já comentei sobre os problemas das primeiras versões das aulas na TV. Com o Barco, tudo mudou. O Barco é um cara que tinha experiência, é um cara que já tinha trabalhado com Teleducação. Ele é um sujeito de fala calma, parece até monótono às vezes, mas ele tinha uma didática, uma forma de apresentação muito boa. Eu gostava das aulas dele, como eu sempre gostei. Quer dizer, o Barco é um cara de quem eu era fã. Ele trabalhava lá no Mackenzie, na época. Mas é... eu diria que eram aulas boas. E outra, respeitava o texto: isso é fundamental. Se o texto dá destaque para uma coisa, chama atenção, na televisão você precisa chamar a atenção para isso

⁵⁰ UMC – Universidade de Mogi das Cruzes, instituição privada de ensino superior.

também, e isso ele fazia direitinho. Esse vínculo havia, embora a gente não conversasse, eu conhecia ele lá do Mackenzie – eu já trabalhava no Mackenzie, conhecia o pessoal –, mas em nenhum momento eu sentei com ele para conversar. Eu era um telespectador.

Thiago: Essa aula era posterior ao material escrito pelo senhor?

Paulo: Sim, o material já estava na banca, o aluno já tinha, depois é que chegava na televisão. Na televisão só passava quando já estava saindo a outra revista, depois. Sempre o texto era anterior, até porque, até onde eu sei (isso não é, não tenho dados quantitativos, mas eu tinha essa informação assim “grosseira”), nem todos alunos que liam o material assistiam a televisão. Não era sistemático assistir na televisão.

Thiago: Como era a equipe que trabalhava efetivamente para montar esse material?

Paulo: A equipe era a seguinte: eu tinha um colaborador que era o Paulo César dos Santos, que me ajudou a escrever a parte “Vamos Rever”, revisões... Ele não trabalhava comigo, ele trabalhava em paralelo, ele sabia do meu material e então ele fazia uma proposição de exercícios de reforço que não cabiam na aula, mas que o pessoal queria a mais. Basicamente, depois que começou, já a partir da primeira aula, eu escrevia a aula, passava para a Maria Amélia Azevedo, que era doutora em Educação e Psicóloga que lia o material e fazia alguma observação de estilo. Revisão não tem jeito, nunca ninguém que lê concorda inteiramente, tem sempre sugestão, “*Muda aqui, muda ali*”, isso é normal. Dela voltava pra mim ou ela mandava direto, se não tivesse nenhuma revisão minha, ou então só dizia “*Olha, mudei tal coisa lá*”, só me informava, porque o problema era tempo.

Havia até umas coisas curiosas: a gente tinha problema de horário, ela trabalhava na PUC⁵¹ e na empresa dela, eu trabalhava em Mogi das Cruzes e Guarulhos. Às vezes, a gente se encontrava às cinco e meia da manhã na porta da Fundação Padre Anchieta, lá perto da Marginal, para entregar material, pegar material de volta, trocando figurinhas, não sei o quê, seis e meia saindo de lá correndo pra viajar e trabalhar, ela era uma pessoa que entendia o ritmo de todo mundo. De lá, ela mandava pra Padre Anchieta. Na Fundação Padre Anchieta quem recebia era o Sangiorgi, que nem sempre lia tudo. Ele na verdade fazia uma primeira leitura, passava pro Ernesto primeiro e depois pro Luiz

⁵¹ Pontifícia Universidade Católica, instituição de ensino superior existente em várias cidades brasileiras, no caso, o prof. Motejunas refere-se à PUC São Paulo.

Barco, se eles concordassem com a aula, ela já ia para a produção da televisão... levava um tempo na televisão... já entrava o departamento artístico lá, quer dizer, é demorado por causa dos detalhes, e o material escrito, liberado pelo Sangiorgi, ia para a Rio Gráfica Editora, e na Rio Gráfica Editora os diretores, técnicos, arte... O editor fazia a editoração, e me chamavam quando tinham dúvidas de desenho, dúvidas de destaque, formatação... Então, basicamente, era Maria Amélia, Oswaldo Sangiorgi, Luiz Barco, Edson Ernesto, o colaborador Paulo Cesar e o pessoal técnico da televisão e o pessoal técnico da Rio Gráfica. O conteúdo mesmo passava na mão de cinco pessoas.

Thiago: Foram 69 aulas, quanto tempo isso levou para ser feito?

Paulo: Eu não lembro exatamente, mas foi coisa de quase um ano.

Thiago: Vocês iam fazendo conforme a demanda ia saindo ou ...

Paulo: Não, não, a gente tinha planejado o bloco inteiro, mas a distribuição era assim: a cada três aulas era uma revista, a revista semanal tinha três aulas, foram 23 semanas, o que dá coisa aí de cinco meses, aproximadamente, né? Mas nós começamos antes, começamos com antecedência, começamos uns dois meses antes de sair na banca. Mas como tinha uma folga (até porque a aula da televisão parou e depois começou de novo), na banca também pararam um pouquinho e acabamos tendo mais uma folga...

Thiago: O Sangiorgi participava, então, mais na parte de revisão, é isso?

Paulo: Não, não era bem aí, ele era diretor do Departamento Cultural da Fundação Padre Anchieta. Então, toda vez que saía qualquer proposta de projeto, de programa que envolvesse educação... não sei se você sabe, mas ele foi autor de livro, ele começou como professor no Colégio Padre Anchieta, ali na Rangel Pestana, professor no curso normal, depois ele começou a escrever livro, aí ele entrou pro Mackenzie, foi professor no Mackenzie, dava Geometria Analítica e dava Lógica Matemática lá no Mackenzie e lá ele fundou o GEEM, ele era líder. Eu posso dizer que ele foi um dos grandes responsáveis pela revolução, pela implantação da Matemática Moderna. Com todas as críticas que podem ser feitas a ele, que os materiais lançados por ele eram cópia do Grupo Bourbaki⁵², lá na França... podem dizer muita coisa... mas ele teve a coragem, ele

⁵² Pseudônimo coletivo sob o qual ficou conhecido um grupo de matemáticos, em sua maioria franceses, responsáveis pela modernização da Matemática, no início do século XX (os primeiros livros do Grupo começaram a ser publicados em 1935). Representantes do Bourbaki como Delsarte, Dieudonné e Weil

vestiu a camisa saiu a campo, defendeu! Ele brigava. Ele deu um curso de Geometria Analítica, que eu me lembro, basicamente Cálculo Vetorial, todo ele trabalhando com estruturas... mudando o enfoque daquela linha italiana que o Castrucci seguia. Ele ousou, vestiu a camisa mesmo, na sala de aula, no GEEM e na televisão, no jornal, um cara famoso, né?! Só que chegou uma hora que se esgotou. Todo mundo aceitou a Matemática Moderna, todo mundo implantou e ele, foi passando o tempo... tem até uma curiosidade. Em 1970 eu estava terminando a faculdade e ele trouxe um francês chamado Pierre, especializado em Teoria da Informação, é um negócio mais ou menos assim: você calcula o número de decibéis que tem de informação, por exemplo, num quadro. Você pega um quadro e divide pontos e vê qual a predominância de cor em cada ponto. Pela frequência de ocorrência de cada cor você define a quantidade de informação daquela cor em relação ao total, é um logaritmo... e aí, no fim, você calcula a quantidade de informação, e eu lembro que eu fiz um trabalho sobre as músicas de Chico Buarque, de um LP dele, dez músicas, e eu fiz uma correlação entre a quantidade de informação das letras e o sucesso... a que tinha mais sucesso é a que informava menos... o *Pedro Pedreiro*⁵³, que é uma música rica, não foi um dos maiores sucessos dele, mas quando a música tinha mais refrão, ela ganhava. Ele convidou o Pierre para vir aqui dar o curso, e ele virou especialista em Teoria da Informação, e como tem a ver com Artes, ele foi para a Escola de Comunicação e Artes⁵⁴ e foi trabalhar lá, e depois foi trabalhar no Canal 2. Ele era professor da Escola de Comunicação e Artes, se doutorou lá, não se doutorou em Matemática, doutorou-se nesta área, mas ele saiu... mas como ele sempre foi um sujeito, chefe, muito ocupado, então ele não lia tudo, ele mandava o Barco, o Ernesto... Tanto o Barco quanto o Ernesto e eu fomos alunos dele, então ele tinha confiança e tinha liberdade... ele era um líder, então o papel dele era mais de aglutinar, de juntar...

Thiago: E nessa produção do material o senhor comenta que às vezes tinham algumas questões, alguns pedidos de esclarecimento, normalmente estas questões eram vinculadas a que? Questões de conteúdo, linguagem?

atuaram na Universidade de São Paulo como professores visitantes, ajudando a formar uma elite matemática brasileira.

⁵³ Canção de Chico Buarque de Hollanda, fez parte do disco que o autor lançou no ano de 1966.

⁵⁴ A ECA, como é conhecida, é um dos institutos que compõem a Universidade de São Paulo.

Paulo: Não, a questão de implantação de conceitos. Por exemplo, para você mostrar um logaritmo... logaritmo foi a aula que mais deu trabalho. Não é fácil. Eu já dei logaritmo para curso de Fonoaudiologia, e não gostavam de matemática, e tinha que ensinar decibel... Então, o que é que eu faço? Potência, potência, potência, começo a mostrar que tem uma certa coincidência ali, esse número de cima aqui, esse número que você põe em cima é o logaritmo... mas para apresentar isso para quem não está na sua frente, colocar no papel, isso é um caminho que, no fundo, a Maria Amélia não entendeu, ela não conseguiu entender o que é logaritmo. Aí eu tive que repensar. Essa maneira que eu acabei de falar é a maneira que eu fiz no fim (trabalhar primeiro com potências, começando com potências de 10, e aí começamos a mostrar que existia alguma coisa interessante ali que podia ser chamado de logaritmo). E depois, quando você começa a fazer os primeiros exercícios, pra quem nunca viu... pra gente isso é banal, mas pra quem nunca viu era uma dificuldade muito grande... Então esse foi o grande problema que nós tivemos. O segundo foi a questão das Funções Circulares Inversas... eu continuo achando que exageraram, exageraram não, eu escrevi no texto, não lembro que número que era a aula... [manipulando um bloco de fascículos encadernados] Aqui: aula 38. Isso vale a pena discutir... eu resolvi colocar uma observação que acabou dando uma grande polêmica: *“Quando uma função é bijetora, sua função inversa é obtida simplesmente trocando o domínio pela imagem e vice e versa, quando não, torna-se necessário fazer restrições”* [lendo no fascículo] quer dizer, quando não existe... *“se não fizermos restrições aos valores usados obteremos, para as funções trigonométricas inversas, gráficos como o que vêem ao lado”*... e aí não é mais função, e *“para os mesmos valores de x que temos, encontramos vários valores correspondentes em y, assim não será função, por isso costuma-se limitar a imagem de uma função como essa, a fim de que ela seja realmente função, essa limitação, porém, é feita de maneira arbitrária, assim escolheu-se, um dia, qual seria a imagem, e todos usam a que foi escolhida”*, quer dizer, eu escolho aqui um pedaço ... ele disse que eu não podia dizer isso, simplesmente tinha que dizer *“É esse o intervalo”*, e eu: *“Não posso falar isso”*... no fim o Sangiorgi falou *“O Paulo tá certo”*, ele concordou, ele era o juiz, então ele: *“Pode fazer isso sim, pode deixar”*.

Basicamente eu diria: logaritmo foi um problema e a questão da conceituação, de mostrar de onde vem a ideia, e a questão de Função Inversa Trigonométrica, essas foram as duas principais... o resto nada deu qualquer discussão, até porque eu acho que,

embora a gente tivesse estilos diferentes, nós tínhamos a mesma formação, a mesma origem, a equipe tinha algo em comum, os professores que eles tiveram foram os mesmos que eu tive, então acho que isso ajuda um pouco, né?

Thiago: Hoje olhando o senhor percebe influência do GEEM e da Matemática Moderna nesta produção?

Paulo: No texto sim. Eu acho o seguinte: eu estudei no Bezerrão, o Manuel Jairo Bezerra, famoso. Resolvi todos os exercícios daquele livro, todos! Tive o professor Oswaldo Nobre que me deu sete aulas semanais de Matemática na Escola Técnica. Todos os exercícios eram resolvidos, todos! O que eu aprendi a resolver exercício era fantástico, mas na época não tínhamos simbologia. Não tínhamos. Essa história de você conceituar Estruturas Algébricas, isso é mais para a faculdade, pro colégio, Estrutura Algébrica não é tão importante assim, eu acho. Mas o uso de simbologia... Eu peguei a apostila de geometria do Luiz Mauro Rocha pra dar um curso de Geometria usando simbologia... Não dá para comparar! Eu pego um livro do Sangiorgi mesmo antes, clássico: *“Se fizermos não sei o quê, teremos um e apenas um...”*, quer dizer, escrever tudo isso, os livros ficavam enormes e as demonstrações ficavam longas, mas eu acho que nós ganhamos muito e não teve volta. E não foi só no Brasil. Em 1961, foi na USP, ainda, 1964, a gente comprava livro em inglês, eu vi sua preocupação em indicar fontes para os alunos, muito bom!

Thiago: Como que o senhor via, naquela época, a importância desses cursos de suplência?

Paulo: Bom, aí é um pouquinho da educação no país. Eu fiz Ginásio Estadual⁵⁵ em São Paulo. Nós éramos duzentos e tantos candidatos pra quarenta vagas, só quarenta entraram, e quem não conseguiu vaga, não tinha onde estudar, não tinha porque não tinha... Tanto que o Ginásio não funcionava num prédio de Ginásio, era um Grupo Escolar⁵⁶ que de noite foi aberto sem estrutura para funcionar como Ginásio. Havia coisas boas: como não havia aluno ruim, problema didático não existia, funcionava

⁵⁵ Ginásio Estadual M. M. D. C., atual Escola Estadual M. M. D. C., localizado no bairro da Mooca, em São Paulo (SP).

⁵⁶ Instituições para o ensino das primeiras letras criados no final do século XIX no Estado de São Paulo, de onde rapidamente se espalharam por todo país. A estrutura dos Grupos Escolares foi extinta em meados da década de 1970. É uma instituição emblemática na História da Educação brasileira.

porque só tinha bom aluno. Podia ser o pior professor. Como só tinha bom aluno, não havia essa preocupação, mas o resto é que esses outros duzentos candidatos que não conseguiram... E não tinha escola particular também. Eu estou falando dos anos 1950 e início dos anos 1960. O Brasil estava crescendo, estava começando a popularizar o rádio, logo mais tarde um pouco viria a TV, a televisão começou a mostrar um outro mundo, as pessoas começaram a enxergar e querer estudar, e outra, aquele pai que foi agricultor, aquele pai que foi operário, ele queria ver o filho... meu pai não tinha formação e eu me formei em Química, “*Porque o filho do fulano lá fez Itajubá, não sei o quê...*” quer dizer, os pais começaram a criar pros filhos a necessidade de estudar, só que estudar onde? Não havia rede particular, então, de repente, surgiu a história do supletivo, e houve ação forte do *Estado Forte*. O Estado começou a abrir e aí começaram a surgir os programas, os cursinhos, eu acho que foi uma necessidade, da mesma maneira como foi com as universidades. Começou a vir a massificação. A massificação estraga o processo, é um momento que começa a tirar dali a turma melhor, começa a vir uma turma já não tão bem formada, mas ela foi importante. Eu acho que ela não pode durar a vida inteira, mas eu acho que num primeiro momento ela foi importante.

Thiago: Professor, eu trouxe aqui esse material para o senhor dar uma olhadinha. O senhor reconhece esse material [apresento a ele o texto bruto da aula de número 59]?

Paulo: Ah, sim!

Thiago: Esse era o senhor que fazia [apontando para o Texto Bruto]?

Paulo: Sim, era o que eu fazia, era a aula, é o que saía aqui [apontando para o fascículo]. Esse material que está aqui, esse aqui é o que a gente fazia... como é que você conseguiu isso? [risos]

Thiago: Lá na rádio MEC do Rio de Janeiro.

Paulo: Ah é? Puxa vida!

Thiago: Eles têm todos os textos que eles chamam de Textos Brutos.

Paulo: Eu tinha uma reguinha com figuras geométricas pra fazer isso aqui, nossa, eu... [emocionado]

Thiago: Pode ficar à vontade, tem aqui os Textos Brutos e depois o Fascículo.

Paulo: Sim, eu lembro disso, ah, olha o uso de simbologia.

Thiago: Inclusive uma das coisas que a gente notou é que daqui para o impresso final tem muito pouca diferença.

Paulo: Ah sim! Era só diagramação, porque isso aqui eu faço, como eu disse, com aquela reguinha, tenho até hoje aquela reguinha verdinha assim, é o que eu tinha, não tinha computador, mas é legal... Isso aqui é letra minha, ó, essa letra é minha, nossa! [lendo] “*Os pontos de intersecções ou pontos soluções*”, que depois de pronta a gente descobria às vezes, que a gente lia antes de mandar, isso aqui não é letra minha não, isso é coisa ... [vira folhas] conseguiram esse material?! Olha letra minha aqui... Fui eu que fiz esse material, sim. Agora você está vendo isso aqui, saber se vai caber em seis páginas, quatro... você sabe que esta questão de espaço, de tempo, a gente só adquire mesmo fazendo... olha minha assinatura aqui, a minha e a da Maria Amélia... A gente só adquire com o tempo, quer dizer, quando eu comecei a dar aula, para se dimensionar o que cabia, o que não cabia, depois com o tempo você vai aprendendo, hoje a gente vai dar uma palestra para acabar às três, quando é dois para as três a gente está acabando... não é fácil... isso aqui...

Thiago: Essa era uma dificuldade, então?

Paulo: Dificuldade assim... Isso aí... Olha só. Olha, chamar atenção pras coisas...

Thiago: Uma dificuldade foi encontrar o Fascículo, que depois a gente conseguiu também na Rádio... no formato de revista e de jornal.

Paulo: O caderno [complementar] saiu como jornal.

Thiago: Esta aula também foi depois publicada em formato de jornal.

Paulo: Então, foi outra versão, porque eu lembro o seguinte: direitos autorais a gente cede, para a Fundação Rio Gráfica Editora, Fundação Roberto Marinho, não era para a Padre Anchieta não. E eu ganhei bem. Eu trabalhava adoidado e escrevia esse material, às vezes, no fim de semana... É, eu posso dizer que foi bom, mas é... é assim, o cara falou assim “*Isso aqui vai durar cinco anos*”. Só que eu tive que assinar um documento dizendo que eu cedia os direitos autorais, então eles me pagaram, no primeiro ano eles

não devem ter tido lucro nenhum porque pagaram um monte de gente, mas depois é só reimprimir, e aí pode ser que tenham feito, eu lembro que isso aqui saiu parte como jornal, mas isso aqui não, isso aqui era do jeito que está aqui, assim [folheando um grande bloco de fascículos em formato de revista, encadernados], tinha a capinha que não está aqui... eram três aulas assim. A cada três saía uma revista, só que, na verdade, na mesma revista saía aula de inglês e aula de Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política. Esse era o formato.

Thiago: Se o senhor quiser dar uma olhada, neste encarte, tem a cópia do fascículo impresso no formato de jornal. [neste momento indico, na encadernação que eu levei, a capa do jornal que continha a aula 59⁵⁷].

Paulo: Legal, isso aqui foi uma coisa que mudou e que eu achei interessante quando eu era aluno e quando eu comecei a trabalhar. Isso a gente só estudava no segundo ou terceiro ano do colegial. Quando reformularam toda a Matemática do Ensino Médio, o estudo de Funções, ficou... a Geometria Analítica ficou sem sentido, lá no fim. Só para algumas coisas especiais, quase toda ela foi para o estudo de funções, e deu certo, eu trabalhei com um primeiro ano, sem problema nenhum: era função linear, função trigonométrica, logarítmica, exponencial. Num ano a gente fazia todas essas funções... era bom, um negócio bom.

Thiago: Aqui na frente nós temos o *script* do rádio vinculado a esta aula. Na verdade, essa é uma primeira versão [Material Bruto], o *script* está na frente...

Paulo: Nossa, olha só, tem coisa manuscrita, olha só! Aula enorme! [risos, ao ler estas mesmas palavras no material bruto]. O pessoal que não é da área, “*Tem muita coisa*”... Houve um momento no Brasil em que o pessoal começou a querer simplificar as coisas, eu acho não é por aí, quer dizer, o mundo está evoluindo, o que você precisa fazer é tirar fora aquilo que não é pertinente, tirar aquilo que é supérfluo, mas não dá para trabalhar com pouca informação, você vê, hoje você tem ensino com poucas horas, pulverizado com um monte de informação. Tem lugar aqui em São Paulo em que a Física está com duas aulas por semana. O que você faz? Não dá tempo, o negócio está complicado! Mas olha só...

⁵⁷ A aula de número 59 aborda alguns temas de Geometria Analítica, especificamente a relação entre ponto e circunferência e entre reta e circunferência.

Thiago: Esse é o Material Bruto e na frente está o *script*. Se o senhor quiser eu posso disponibilizar para o senhor o áudio dessa aula.

Paulo: Não me passaram a informação de que seria feito rádio! Eu sabia da televisão porque eu acompanhava aquilo... Legal ... é bom saber... [olhando para o material bruto] Olha só! Isso para explicar no rádio devia ser terrível. Eu vi uma vez, não sei de qual projeto foi que eu ouvi uma rádioaula, é terrível... Eu pergunto: ninguém fazia avaliação pra saber qual era o rendimento, né?! Que hoje você tem avaliações nos postos, no sistema atual tem acompanhamento, tem monitor, tudo bem, você pode saber o que está acontecendo, mas naquela época... o cara ligava o rádio lá, e... olha só, bom...

Thiago: Aqui começa o que seria o *script* mesmo.

Paulo: É... legal...

Thiago: Todo um trabalho artístico até.

Paulo: Legal, mas isso eu não fiquei sabendo não, e deve ter sido em anos depois, porque para a Fundação Roberto Marinho liberar isso aqui...

Thiago: Bom, foi feito em parceria com eles, ao menos está aqui na contracapa...

Paulo: Mas não ao mesmo tempo que a televisão?

Thiago: Não sei se logo na primeira, mas esse aqui ele já traz informações sobre a transmissão tanto na televisão quanto no rádio.

Paulo: A primeira edição do Telecurso foi em 1978, publicação da Rio Gráfica Editora... Uma dúvida, nada contra, só o seguinte: pelo que eu sabia, naquela época tinha a televisão...

Thiago: Sim

Paulo: Em 1978 ninguém nunca comentou com a gente que seria feito rádio também, quer dizer... por isso eu estou achando que tenha sido alguns anos depois, porque na televisão ficou por cinco anos, quer dizer, não foi um ano só, de repente isso passou para o rádio também.

Thiago: A produtora da Rádio...

Paulo: Olha, tem aqui um 1982, quer dizer, foi feito em 1978, na televisão... quando eles passaram pro... [risos] isso é fofoca... [risos] em 1983 terminava o prazo que eles teriam para usar na televisão, cinco anos... tá bom... aqui é o roteiro, né?!

Thiago: Bom professor, as questões que eu tinha eram essas, tem alguma coisa que o senhor gostaria de acrescentar?

Paulo: Olha... não sei... Como eu te falei, vou te passar um resumo do formato. Olhando pro passado a gente percebe claramente que houve uma evolução, quer dizer, primeira evolução: apesar de na época não ter, não estarem dispostos a fazer, a presença do monitor, de ter atendimento é... Existe um princípio muito elementar: *“Qualquer consequência de uma tentativa de aprendizagem ou de um ato de um comportamento deve ser imediato”*... Aquilo que minha vó sempre dizia: a mãe chega pro filho e dizer *“Quando seu pai chegar você vai ver”*... esquece! Na sala de aula não é diferente, e isso leva inclusive a um princípio que a gente sempre adotou. Na verdade eu comecei a adotar o princípio por outra razão, quando eu comecei a dar aula eu disse: *“Nunca vou deixar um aluno meu passar pelas situações desagradáveis que eu passei enquanto aluno, não quero”*. Eu ficava horrorizado quando o professor dava uma prova e levava um mês para corrigir, para devolver, eu ficava horrorizado! Então, eu criei o hábito de dar a nota na aula seguinte, às vezes até, se a aula seguinte era num feriado, eu fazia uma impressão das notas e já entregava para alguém... E mostrava a prova, discutia a correção. E a Carolina dizia *“Se você está tentando aprender alguma coisa, um comportamento de resolver, explicitar, definir, fazer alguma coisa, você precisa ser avaliado”*. Pra que? Pra você saber se está apto ou não, se você conseguiu aprender ou não. Só que isso exige que, primeiro, haja alguém para fazer a avaliação, alguém para acompanhar você, e outra, o resultado tem que ser imediato, não pode demorar, porque senão a pessoa está assistindo outras aulas e se não entendeu a primeira acabou, quer dizer, uma das coisas fundamentais é que só se pode entrar para aprender um assunto quando você domina completamente o assunto anterior. E aí vem uma vantagem do pré-requisito, que abandonaram. O pré-requisito o que que é? *“Eu não posso fazer Cálculo II se eu não aprendi Cálculo I”*. Não dá. *“Eu não posso aprender funções trigonométricas se eu não passei pelo capítulo de funções”*, não é? Então, outra coisa que havia de ruim é que não havia... não é que ia resolver todos os problemas, mas a presença do monitor no posto, ele ajuda a tirar dúvida, ajuda a evitar que a pessoa acumule muitas dúvidas, mas o ideal é que houvesse aplicação de avaliações, houvesse

uma bateria de avaliações, que fosse aplicada para que se orientasse cada aluno e então fazer o que a escola hoje não faz também, mas deveria fazer, algumas fazem: a recuperação imediata. Não é fazer o reforço lá no fim do ano, quando ele não aprendeu nada e aí vai tentar rever. Isso é brincadeira! Então, eu acho que a presença do monitor... quando eles entenderam que precisava ter monitor eles deram um passo de qualidade do processo, mas ainda não era o ideal, ideal ainda é como eu disse. Ainda tem um defeito: em alguns desses Telepostos tem um cara formado em alguma área que atende a todas as áreas, isso está errado! Eu acho que você tem que atender com gente especializada. Colocar um cara que é matemático para ensinar Geografia, por melhor que ele seja, não dá! É um problema de pertinência. Então, eu acho que houve uma evolução. Você fez uma pergunta: se os cursos de suplência são importantes. Claro que são! Sem dúvida alguma. Mas eles foram uma fase que eu acho que hoje não faz sentido. Ela faz sentido ainda em situações emergenciais. Por exemplo, nós fizemos um curso supletivo, uma vez, numa empresa, uma fábrica de automóveis. Havia um grupo de projetistas estrangeiros, europeus, que não tinham o CREA⁵⁸, o registro do CREA no Brasil, e o CREA estava implicando. Então, nós fomos lá na fábrica, em horário de serviço, aplicar um curso de capacitação supletivo, para fazer o exame supletivo do estado, e como existe ainda um saldo passado, supletivo é para atender essa necessidade. Mas eu acho que a tendência com o tempo é dizer “*Chega*”. Você tem que ter ensino formal. Aliás, essa história de capacitação me faz lembrar uma outra história: o grande problema que a gente vive hoje é a falta de avaliação nos cursos de capacitação. Você junta numa semana um monte de gente, fala, fala, fala, termina, e ninguém faz uma avaliação, não acontece nada e, nesse ponto, um elogio ao pessoal da Secretaria da Educação: introduziram no Concurso Público para professor um curso que tem que ser feito a distância, não sei se você tomou conhecimento?

Thiago: Sim.

Paulo: O meu filho fez, fez mais por que estava na Prefeitura e queria ir para o Estado. Genial! Até discussão em grupo via *internet* eles promoveram, com avaliações. Quer dizer, mostrando que é possível, a distância, fazer coisa boa também. Esse é outro preconceito que precisa acabar: nós temos um preconceito contra o ensino a distância

⁵⁸ O Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, CREA, é responsável por emitir a certificação que permite a inserção dos profissionais por ele representados no mercado de trabalho. Esse registro é conhecido pelo nome do Conselho que o emite.

aqui no Brasil... tem muita coisa ruim, mas também tem muita coisa presencial que é ruim. É isso aí...



Figura 01- Paulo (esquerda) e Thiago (acervo pessoal do pesquisador)

Referências

BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP):** uma história em construção. Tese. Doutorado em Educação Matemática. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2003. 240 páginas.

BRASIL. **Lei N. 5.692, de 11 de Agosto de 1971.** Disponível em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102368>>, último acesso em 31 de Julho de 2012.

BRASIL. **Decreto nº 70.185, de 23 de fevereiro de 1972.** Disponível em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=200032>>, último acesso em 21 de Setembro de 2012.

BRASIL. **Decreto nº 82.351, de 02 de setembro de 1978.** Disponível em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=210973>>, último acesso em 22 de Setembro de 2012.

BRASIL. **Decreto-lei nº 616, de 9 de Junho de 1969.** Disponível em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=195366>>, último acesso em 22 de Setembro de 2012.

BULHÕES, P. N. S. **O Estudo Individualizado: uma Experiência com o Método Keller em Cursos de Graduação na UFRN.** Disponível em <http://www.angrad.org.br/area_cientifica/artigos_de_divulgacao/o_estudo_individualizado_um>

a_experiencia_com_o_metodo_keller_em_cursos_de_graduacao_na_ufrn/449/> último acesso em 21 de Setembro de 2012.

SABADINI, A. A. Z. P. **Biografia de Fred S. Keller**. Centro de Memória do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, CM-IPUSP, 2011. Disponível em <<http://citrus.uspnet.usp.br/cmip/?q=node/570>>

Apêndice A: Carta de Cessão;

CARTA DE CESSÃO

Caçapava, 01 de Outubro de 2012

THIAGO PEDRO PINTO

Eu, **PAULO ROBERTO MOTEJUNAS**, portador do documento de identidade número 3310180 SSP - SP, brasileiro, residente à Estrada Municipal Roberto Januzzi número 2050 , cidade de Caçapava, estado de São Paulo, declaro para os devidos fins que cedo o direito de uso e distribuição de minhas falas, concedidas em entrevista à THIAGO PEDRO PINTO, devidamente transcritas e textualizadas, com minha revisão, ficando **THIAGO PEDRO PINTO, RG 41.417.985-7 (SSP-SP)**, autorizado a utilizá-las integralmente ou em partes sem restrições de prazos ou meios de divulgação.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente,



Paulo Roberto Motejunas



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Antonio Vicente Marafioti Garnica (orientador)

Volume

Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa

e Maurílio Costa Filho

Bauru

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências

Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

Tese de Doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação para a Ciência.

Bauru (SP)

2013

SUMÁRIO

Volume: Instruções de Uso

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica	9
Apêndice A: Sobre Jogos e Caleidoscópios	11
Apêndice B: Notas sobre o trabalho com entrevistas nesta pesquisa	22

Volume: O acervo da SOARMEC

O acervo da SOARMEC, a disponibilização pública de um Catálogo e a constituição de um Mapa para o acervo	4
Referências	13
Apêndice A: Catálogo de Etiquetas do Acervo da SOARMEC	15
Apêndice B: Mapa do Acervo	61

Volume: Da revisão de literatura: uma terapia filosófica da expressão “Projeto Minerva” como possibilidade de vasculhar um terreno

Introdução	4
Sobre as linguagens nos textos de Wittgenstein	6
Os trabalhos selecionados	9
Trabalhos Acadêmicos	10
Livros	16
Entrevistas	17
Demais documentos	28
Algumas Considerações	31
Referências	32

Volume: Produção de Radioaulas no Projeto Minerva

Da Matemática falada, do resgate de fontes, da potencialidade de compreender a partir de múltiplos focos: um ensaio sobre a produção de radioaulas no Projeto Minerva	4
1. Material para o Rádio	9
1.1. O “Material Bruto”	9
1.2. Comunicação Com o Aluno	12
1.3. Arquivo de áudio do programa	14
1.4. A transcrição do programa	15
2. Material para o Fascículo	18
2.1. Texto Bruto	18
2.2. Fascículo	22
3. Movimentos de Produção dos Materiais	26
3.1. Material Bruto, Comunicação Com o Aluno (CCA) e Arquivo de Áudio	26
3.2. Texto Bruto e Fascículo	31
3.3. Fascículo e Arquivo de Áudio	32
4. Alguns apontamentos sobre a produção das aulas	35
Referências	38

Volume: Entrevista com Marlene Montezi Blois

Entrevista com Marlene Montezi Blois nas dependências da SOARMEC - Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC (2º andar da Rádio MEC), Rio de Janeiro, 05/10/2011	4
Apêndice A: Carta de Cessão	36

Volume: Entrevista com Edvaldo Dias

Entrevista com Professor Edvaldo Dias, ex-monitor do Projeto Minerva, ocorrida na residência do depoente, em Coxim-MS, no dia 14/07/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Paulo Roberto Motejunas

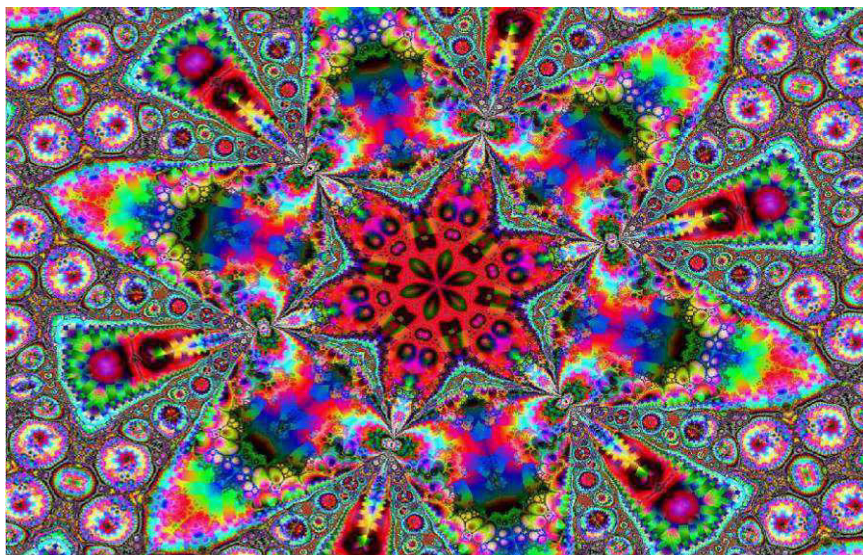
Entrevista com Professor Paulo Roberto Motejunas, ocorrida na residência do depoente, em Caçapava-SP, no dia 28/08/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e Maurílio Costa Filho

Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e seu marido, Maurílio Costa Filho, ex-alunos do Projeto Minerva, ocorrida na residência dos depoentes, em Paraíba do Sul - RJ, no dia 15/06/2013	4
Apêndice A: Cartas de Cessão	31

Volume: Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva

Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva	4
Fita 01 - A Voz do Povo - 19/03/90 - Projeto Minerva - P1	11
Fita 02 - A Voz do Povo - 20/03/90 - Projeto Minerva - P2	34
Considerações sobre o debate	57
Referências	59
Apêndice A: Fotografias Compósitas	61
Referências	67



**Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e seu marido, Maurílio Costa Filho, ex-alunos do Projeto Minerva, ocorrida na residência dos depoentes, em Paraíba do Sul - RJ, no dia 15/06/2013
Duração: 45 min / 17 min¹.**

Por Thiago Pedro Pinto

A busca por ex-alunos do Projeto Minerva se deu desde o início da pesquisa, no entanto, só obtivemos resultados positivos às vésperas da finalização do trabalho. Após nova investida nas mais diversas listas de e-mail, decorrido algum tempo, entre tantos outros e-mails em apoio e divulgação da nossa busca, uma resposta nos chamou a atenção: um professor de Matemática do estado do Rio de Janeiro, Luciano Pecoraro Costa nos disse que seus pais haviam cursado o Projeto Minerva, em nível de Primeiro Grau. Trocamos algumas outras mensagens buscando a confirmação das informações e o contato com seus pais, que residem na Zona Rural da cidade de Paraíba do Sul – RJ. Após alguns meses, fomos a Miguel Pereira – RJ, cidade onde reside Luciano, que nos acolheu e nos levou ao encontro dos dois, em um belo sítio entre os vales da região. Havíamos planejado uma entrevista conjunta, mas alguns desencontros nos fizeram dividi-la em duas partes, apresentadas aqui na ordem em que ocorreram. Pela manhã, entrevistamos Dona Cleuza, uma senhora bastante simpática que se mostrou muito interessada nos estudos e que acompanha de perto a carreira docente do filho, Luciano. Quando chegamos, ela já nos aguardava com um café e nos preparou um delicioso almoço com as iguarias da região. Seu Maurílio chegou durante o almoço. Calmo, sorridente e bastante quieto, ele também nos concedeu uma entrevista.

¹A imagem que acompanha o título foi gerada com o software Interactive Psychedelic Kaleidoscope, disponível em <http://img.izismile.com/img/img2/20090618/psychedelic_kaleidoscope.swf>

Thiago. Hoje é dia quinze de Junho de dois mil e treze, Paraíba do Sul – RJ. Gostaria de começar pedindo que a senhora se apresente.

Cleuza. Meu nome é Cleuza Inêz Pecoraro Costa, com quarenta e sete, quase cinquenta anos de casada que moro aqui. Gosto da Zona Rural, nunca morei em cidade. Às vezes, as pessoas perguntam “ *você gosta de morar aqui?*”, respondo “ *não sei, nunca morei na cidade para saber*” [risos]. Eu gosto!

Thiago. Como que a senhora ingressou no Projeto Minerva?

Cleuza. Por que me interessou fazer?

Thiago. Isso!

Cleuza. Ah, porque na época em que eu estudei aqui quase não havia colégio, né?! Mais tarde foi que os fazendeiros começaram a abrir escola para ensinar os filhos dos colonos. Mas eu não tive acesso, porque aqui tudo é muito longe, naquela época a gente não tinha condução.

Então, eu fui, eu e a minha irmã mais velha, ela foi para Avelar² e eu fui para Werneck³, estudar em Werneck. Então, lá eu estudei até a quarta série. Aí, depois, nós éramos seis filhos, meu pai tinha mais quatro pequenos, minha mãe... Aí, ele falou: “*Vocês já estudaram um pouco, mais velhas, os irmãos de vocês vão ter que começar. Minha irmã abriu um colégio na fazenda, na Fazenda Santana, e eu vou querer que eles também aprendam alguma coisa, nem que seja um pouco*”. Ela ia ensinar o que ela sabia, como se fosse uma alfabetização mesmo, né?! Aí eu vim de Werneck, minha irmã veio de Avelar para, depois, os nossos quatro irmãos poderem estudar com essa tia. Aí, depois, o tempo passou, eu terminei lá com 13 anos, lá em Werneck. Aí vim. Quando foi com 17 anos mais ou menos eu voltei a morar em Werneck, casei com 19 anos, estava morando lá, e depois surgiu esse negócio aqui no Sertão⁴, de trazer esse telecurso, e nós nos interessamos, porque eu sempre gostei de estudar, eu sempre gostei, mas não tive

² Distrito de Paty dos Alfeires – RJ, distante aproximadamente 10 km do centro da cidade.

³ Distrito de Paraíba do Sul – RJ, distante aproximadamente 10 km do centro da cidade e 22 km de Avelar.

⁴ Sertão do Calixto, bairro onde residem e onde se situa a escola que abrigou o Projeto, pertencente à Paraíba do Sul – RJ.

oportunidade, né?! Porque tudo aqui na Zona Rural é... ainda é difícil, mas era muito mais difícil, né?! Eu fui para Werneck, eu tinha nove anos, antes eu já estudava em Sucupira⁵, andava seis quilômetros a pé. Seis quilômetros para ir e seis quilômetros para voltar, eu e essa minha irmã mais velha.

Depois, meu pai arrumou um lugar para a gente ficar e estudar, casa de família. Eu fiquei na casa do meu tio e minha irmã em Avelar, na casa de um senhor lá, que até trabalhava no Correio⁶, era conhecido da gente, pessoa de compromisso, de responsabilidade, não ia deixar também as filhas de qualquer maneira. Aí, quando veio o Telecurso⁷ eu me interessei, meu marido também se interessou em fazer, porque ter o conhecimento, melhorar o conhecimento, é sempre bom. Até hoje eu, às vezes, ainda penso em estudar, mas eu penso *“Ah, agora eu acho que já não dá mais não!”* e, depois, aqui é difícil, né?

Aqui em Sardoal⁸ eles abriram também o Telecurso à noite, para fazer o Segundo Grau, mas acontece que... Eles fizeram o fundamental, o básico, depois o fundamental, mas eles não acharam, assim, muita vantagem não. Aí já era televisão, mas, comparando com o que a filha estudou, né?! Assim, ano a ano, e o que ela fez em dois anos, a mãe achou que tem muita diferença...

Thiago. Entendi. A Senhora lembra como que vocês ficaram sabendo que ia ter esse curso?

Cleuza. Olha, quem falou para nós sobre esse curso foi justamente a professora que deu o curso pra gente.

Thiago. Que foi a Monitora?

⁵ Distrito de Paty do Alferes – RJ.

⁶ Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT). Criado em 1663 está presente em praticamente todos os municípios brasileiros. <<http://www.correios.com.br/>>

⁷ Comumente se associa o nome Telecurso a qualquer projeto educativo mediado pelos veículos de comunicação, à época televisão e rádio. Também é possível se associar “Telecurso” ao Projeto Minerva pela parceria estabelecida posteriormente, quando o material impresso utilizado no Projeto passou a ser o mesmo do “Telecurso de Segundo Grau”, curso ofertado em parceria com a Fundação Roberto Marinho e a Fundação Padre Anchieta, transmitido pela televisão.

⁸ Distrito de Paraíba do Sul – RJ.

Cleuza. É, a Monitora. Foi a Wanda, a Wanda Maria da Costa⁹, que falou sobre esse curso, e que eles estavam interessados que trouxessem para a Zona Rural, e que ela seria... que ela seria a monitora, e ela saiu de casa em casa convidando as pessoas. Então, tinha o que? Na faixa de uns 26 alunos, por aí.

Thiago. Quando foi começar o projeto, como vocês imaginavam que ia ser isso? Tinha alguma perspectiva de como ia ser esse curso?

Cleuza. O que a gente imaginava mesmo é que a gente ia ampliar o conhecimento, o que pra mim foi muito válido. E as pessoas fizeram. Algumas continuaram os estudos e se saíram até muito bem nas provas. A pessoa, às vezes, ia fazer concurso, se saía muito bem. O estudo foi muito bom nesse telecurso. Eu até achei, na época, que ele foi bem puxado, entendeu? Mas... foi muito bom! Tiramos bastante proveito disso.

Thiago. Como era o local, a região em que vocês moravam na época?

Cleuza. Isso que eu estou te falando, tem trinta e sete anos, e de trinta e sete anos pra cá isso melhorou muito! Era uma região mesmo de pessoas muito carentes. Eu morava aqui, tinha os dois meninos: Luciano, com três anos, e Leonardo¹⁰ com oito. Então, eu tinha que pagar uma menina para ficar com eles à noite, até eu voltar do colégio. A luz era de lampião, esses lampiões de querosene ainda, e televisão era à bateria, né?! Então, era tudo muito difícil. Carro, a maioria não tinha, né?! Acesso à moto, carro, não era que nem hoje. Hoje qualquer um aí tem moto, tem carro, então, a região na época era bem pobre mesmo, de tudo, né?!

Thiago. E o local onde vocês ouviam, onde ocorria a aula, como era?

Cleuza. O colégio¹¹, eu não sei se o Luciano falou para você, você passou lá no Sertão, você viu o colégio?

Thiago. Sim, nós tiramos algumas fotos¹².

⁹ Wanda Maria Costa. Professora, atuou como Monitora do Projeto Minerva. Atualmente reside em Paraíba do Sul – RJ.

¹⁰ Leonardo Pecoraro Costa. Psicólogo, reside na cidade do Rio de Janeiro – RJ.

¹¹ Atual Escola Municipalizada Francisco Pereira Paredes, distrito de Paraíba do Sul – RJ.

Cleuza. Tiraram fotos! Então, foi ali, naquele colégio, uma sala própria, bem confortável, com quadro, direitinho, porque nesse lugar já havia aula, né?! Já estava na época... O colégio era estadual. Então, essa nossa monitora dava aula à noite, e o colégio funcionava na parte da manhã. Merenda a gente não tinha, porque a gente já ia jantado. Jantava em casa e não precisava merendar, mas as crianças da manhã, que estudavam no colégio, tinham. Então, tinha refeitório, tinha banheiro, tinha cozinha, é... Igual eu estou falando, a sala era bem confortável, a professora era excelente, porque isso tudo conta, né?! Porque a professora, se ela estiver empenhada, bem interessada naquilo que ela está fazendo, ou no que ela quer fazer, o que ela gosta de fazer... Então, ela foi muito esforçada. Uma pessoa que não deixava a gente vir para casa com dúvida não. Por isso também, vai muito do professor. E nós aprendemos, e o que nós valorizamos bem nesse curso, também, eu acredito que seja por conta do professor. Porque ela era muito esforçada, e não deixava a gente vir para casa com dúvida. Tem professor que nem gosta que o aluno fique fazendo pergunta, né?! *“Íh, esse aluno aí fica fazendo pergunta, esse aluno parece que não entende nada! É burro!”*, qualquer coisa assim. Ela não! Não deixava a gente vir para casa com dúvida.

Thiago. Só para eu entender um pouquinho mais: em cada local era um pouco diferente. Aqui já era uma sala de aula que era usada de manhã. Então ali tinha lousa, carteiras, era uma sala completa, digamos assim?

Cleuza. Completa! Uma sala completa, porque já funcionava o colégio ali na parte da manhã. Colégio estadual que hoje municipalizou, uma escola municipalizada, mas na época era uma escola estadual. A sala ainda é a mesma que está lá hoje. É que hoje é sábado...

Thiago. Nós passamos lá, pode ser aquela sala que a gente viu...

Luciano. [que durante a entrevista ficou posicionado no canto da sala] É, a Escola está aberta hoje...

Thiago. Tinham uns professores hoje lá, fazendo reunião...

Cleuza. Ainda é a mesma sala, a primeira ali, chegando na varanda.

¹² As fotos se encontram no final deste texto.

Thiago. E vocês traziam o radinho para a sala de aula?

Cleuza. É, um rádio na sala de aula. Já tinha um rádio lá, né? Não sei (isso eu não me lembro), se foi a professora mesmo que trouxe. Eu me lembro que era um radinho de uma alça, uma alcinha assim, meio cinza. Então botava ele lá, a gente ouvia, e depois... Ela praticamente que dava a mesma aula, o rádio era só mesmo porque a gente tinha que ouvir, né?! Mas ... De repente, alguma coisa até que a gente ouvia pelo rádio mesmo. Mas ela sempre estava ali para qualquer dúvida que a gente tivesse, ouvido no rádio, ela estava ali para esclarecer, né?!

Thiago. Como era o grupo de alunos?

Cleuza. Ah, o grupo? Tinha uns que estavam bem a fim, mas tinha uns que... Ah, é minoria, né?! Sempre tem, assim, uns três ou quatro que... Às vezes, perturbavam até bem a gente lá, porque tem uns que querem estudar e uns que não querem e, às vezes, atrapalham aqueles que querem estudar. Mas era um grupo bem... assim... como se diz? Ajudavam uns aos outros, quando tinha dúvida. A gente fazia trabalho em grupo também, às vezes, ela passava também trabalhos para a gente fazer em casa, trabalho em grupo, fazer resumo, estudar determinados temas, e nós nos reuníamos. Aqui [apontando uma direção para fora da casa] morava meu concunhado, a minha cunhada, a Neuza¹³, que é tia dele [Luciano], e a gente fazia trabalho.

Thiago. Esse grupo era composto basicamente de jovens, pais de família, como era?

Cleuza. Era tudo misturado. Agora, tinha mais jovens do que, assim, casais, né?! Eu e o meu marido éramos casal, o meu concunhado com a minha cunhada eram casal. Acho que casal mesmo foi só nós dois. Os outros tinham assim, homem casado, mas a mulher não participava, às vezes por causa de filho, né?! Não tinham com quem deixar. Então, às vezes o marido ia, mas a mulher não ia. Outras eram o contrário: a mulher ia, mas o marido não ia. E a maioria era jovem, assim, tudo solteiro.

Thiago. Uma faixa etária de mais ou menos quantos anos?

¹³ Maria Neuza de Mello Costa. Professora aposentada, atualmente reside em Paty do Alferes – RJ.

Cleuza. Faixa etária? Eu acredito que de dezoito para cima, porque até os trinta e... Isso tem trinta e sete anos, eu deveria ter uns trinta e dois, por aí, né?!

Thiago. Eram quantos alunos?

Cleuza. Deveria ter uns vinte e seis, porque praticamente todas as carteiras estavam cheias. É, uns vinte e seis alunos. Uns começaram e pararam, mas foram poucos, foram poucos, acho que uns três, porque dependia também de condução, porque tinha pessoas que moravam lá no município de Petrópolis - RJ, e para vir aqui em Sertão, se não tinha carro, não tinha moto, dependia de juntar um grupo. Igual as filhas do Vicente: ele tinha duas filhas e quatro sobrinhas, então essas duas filhas dele e essas quatro sobrinhas vinham com ele, porque ele tinha uma caminhonete, uma Rural, e ele trazia as filhas e as sobrinhas, e ficava lá esperando. Muitas vezes o pai da Wanda, a monitora, que é primo de Maurílio, o Nininho (Antônio Alfredo Costa, ele tem o apelido de Nininho), ele, às vezes, tinha que levar a filha e ficar lá esperando ela dar aula... E a maioria era assim, tudo com muita dificuldade. Outros vinham a pé aqui do Rio Manso¹⁴. Tem um primo de Maurílio que, Manuel Augusto Costa, que tem o apelido de Duca, ele vinha a pé do Rio Manso. Ele era casado, aí a esposa já não vinha, né?! Porque terminava às dez horas. Eu só não tenho certeza, assim, do horário em que começava. Não sei se era às seis ou era às sete. Mas era cedo, não era tarde não. E terminava às dez horas. Então, para quem vai a pé, até chegar em casa... Era longe. Porque daqui no Rio Manso tem o que? Deve ter uns seis quilômetros, e só subindo morro ainda. Na época do frio era difícil.

Thiago. Só uns três desistiram?

Cleuza. Isso foi logo no início, por causa de dificuldade de condução. Mas aqueles que tinham como chegar, aqueles vinham, continuaram.

Thiago. A Monitora era Wanda?

Cleuza. Isso, Wanda Maria da Costa.

Thiago. E qual era o papel dela naquele momento?

¹⁴ Distrito de Paraíba do Sul – RJ.

Cleuza. É, o papel dela é igual ao que eu estou te falando: ela dava aula na parte da manhã, e à noite ela era a monitora, muito empenhada, igual eu falei pra você, nesse Projeto, muito esforçada, nunca faltava, e era muito boa professora, muito boa professora, não gostava que a gente saísse com dúvida do colégio, não.

Thiago. Quais eram as ações dela? Ela explicava coisas no quadro?

Cleuza. Explicava, principalmente Matemática, né?! Principalmente Matemática. Mandava, às vezes também, a gente no quadro fazer equações, corrigir, né? Às vezes, ela passava um dever e depois mandava a gente ir no quadro, tinha ditado também. Ela mandava, escolhia um aluno para ir lá. Aí você copiava do caderno como foi que você escreveu, aí ela corrigia, se estava certo, se estava errado, em Matemática, Português, principalmente verbo, ela gostava que a gente fosse lá no quadro também, tinha aqueles negócios de gerúndio, participio, que as pessoas às vezes se enrolam, né?! Então, ela sempre mandava, várias vezes: *“vai lá e escreve uma palavra no gerúndio, no participio”*, negócio assim, a gente ia no quadro, ela escolhia um aluno. De repente ela até escolhia aqueles que não estavam prestando muito a atenção, né?! Para poder se ligar, como quem diz *“De repente ela pode me chamar e eu estou aqui, né?!”*, fica desenhando, fica rabiscando, fica cutucando o outro da frente. Geralmente ela gostava mais de chamar esses.

Thiago. Como funcionavam essas aulas? O que vocês faziam lá, como era a dinâmica desse encontro?

Cleuza. É, aqui era assim, na Zona Rural, como se diz, todo mundo conhece todo mundo, né?! Já começa por aí. Então, chegava e já começava a discutir o negócio lá na varanda, antes da sala abrir: *“O que você fez? Esse negócio fez assim, aquele problema, você entendeu direito? Qual foi o seu resultado?”* Porque tem esse negócio que é de mais, que é de menos, aquelas equações, se o resultado deu positivo, se deu negativo, e aquele negócio. Então a nossa relação de aluno era muito boa. E ela sempre já chegava, se tivesse passado alguma coisa para casa, ela já ia corrigindo, e depois quando começava a aula, a nova aula, ela já colocava o rádio, e a gente ouvia o rádio, e ali, em cima daquilo que foi ouvido, ela já ia tirando as nossas dúvidas, a gente perguntava, ou

ela mesmo perguntava: “*vocês entenderam bem, isso assim, assim?*”. Aí uns entenderam, outros não entenderam, ela dava explicação.

Thiago. A senhora lembra como era a sequência da aula, se primeiro vocês ouviam o rádio e depois ela explicava, ou ela explicava primeiro e depois ouvia o rádio, como era isso?

Cleuza. Ela primeiro passava assim: se tivesse alguma coisa para casa, que sempre tinha, primeiro ela ia corrigir aquilo que ela passou de ontem, aí, depois ela começava a colocar o rádio para iniciar a aula nova, do dia, no caso.

Thiago. Vocês ouviam o rádio e depois ela continuava trabalhando?

Cleuza. É, continuava trabalhando em cima da aula daquele dia, porque ela deu a explicação da aula de ontem, estudamos a aula de ontem, passou dever em cima de tudo que foi ouvido, tudo que foi falado, aí já corrigia aquilo para ver se estava certo, ou se ainda tinha alguma dúvida de ontem, que é igual ao que eu estou falando: ela não gostava que ficasse dúvida. Aí, depois que tirasse a dúvida, já corrigia, aí ela ligava o rádio, a gente ouvia o rádio, e daí pra frente já começava a aula daquele dia.

Thiago. Sobre o que tratavam essas aulas que vocês faziam? As matérias, os assuntos?

Cleuza. O assunto é assim, esses Fascículos¹⁵ eles vinham por etapa, né?! Não era a gente que escolhia e nem era a professora que escolhia. Então, vinha o Fascículo e nós tínhamos que estudar este Fascículo. Depois que estudava, aí vinha depois o outro Fascículo, estudava Fascículo por Fascículo. Então não era ela que escolhia e nem era a gente que escolhia.

Thiago. Das mais variadas disciplinas?

¹⁵ Material impresso entregue aos alunos. No início do Projeto era no formato de revista. Posteriormente passou a ser feito em formato de jornal, já em parceria com a Fundação Roberto Marinho e Fundação Padre Anchieta. Mais informações sobre esses Fascículos podem ser encontradas na entrevista de Marlene Blois e no texto “*Da Matemática falada, do resgate de fontes, da potencialidade de compreender a partir de múltiplos focos: um ensaio sobre a produção de radioaulas no Projeto Minerva*”, ambas partes desta Tese.

Cleuza. É, depois se você quiser, você pode olhar¹⁶, porque tem vários assuntos, né? Dentro de um fascículo tem vários assuntos, mas tem uns que são mais específicos, só para Matemática, outro só mais para área social, outro mais Português.

Thiago. E quais eram as principais dificuldades durante o curso?

Cleuza. A maioria das pessoas tinha dificuldades mesmo com a Matemática e com o negócio de redação. Como sempre, até hoje, o pessoal que vai fazer concurso, né?! Redação! Eu mesmo nunca gostei de redação, não. Mas sempre me saí bem também, mas aquele negócio de vírgula, de ponto e vírgula, né?! Esse negócio. A gente estudava muita gramática também, porque, além do Fascículo, ela adotou uma Gramática, porque Português é difícil mesmo, né?! Então, às vezes, o Fascículo não tem tudo aquilo que a gente precisa, né?! É tudo muito resumido, porque o negócio é rápido, né?! Você tem que fazer este curso dentro de dois anos, então ele vem assim, bem resumido. Então ela adotou uma gramática e nós compramos a Gramática, e a gente estudava muito a Gramática.

Thiago. Foi um livro auxiliar? Além dos Fascículos tinha essa Gramática?

Cleuza. É, tinha essa Gramática.

Thiago. Algum outro livro também, ou foi só o de Gramática?

Cleuza. Não, só Gramática mesmo. Que nós compramos foi só a Gramática.

Thiago. A senhora falou do material, o que vocês achavam desse material?

Cleuza. Sempre era uma coisa nova, uma coisa interessante, porque além dele ensinar, ele é todo ilustrado, tem as figuras mostrando, mapas, relevo, falando de história, ele é todo ilustrado, então... A gente entendia bem.

Thiago. A linguagem era acessível?

Cleuza. Também. E qualquer coisa ela [a Monitora] estava ali, né?! Nosso apoio mesmo era ela. E nos próprios Fascículos já vem, ele já era um caderno de respostas, já

¹⁶ Dona Cleuza nos doou alguns Fascículos usados por ela e seu marido. Durante a entrevista os deixamos na mesa de centro próxima ao sofá em que estávamos sentados. Dona Cleuza acrescentou ainda tê-los pego de volta com uma colega, que estava estudando por eles para prestar um concurso.

vai ensinando ali e já vai escrevendo nele mesmo. Mas ela adotava caderno também, para casa, porque conta, normalmente, a gente tem que fazer mesmo rascunho, tem que ter um caderno. Então, ela adotava muito esse negócio de caderno. Fazia trabalho também. Ela passava trabalho sobre mapa, escrever os nomes no mapa, onde ficam as bacias, o rio São Francisco, aquela coisa toda. Então a gente fazia sempre no caderno. Depois nós fizemos também um trabalho em grupo, fazendo um mapa, escrevendo todos os mapas, onde ficava o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas [Gerais], aquele negócio. Ela adotava também, fazia esses tipos de trabalho, depois também, sobre animais, vertebrado, invertebrado, a gente também tinha uma apostila, que a gente fazia em casa, assim, com todos os animais, e a gente ia colando, ela trabalhava assim também. Porque, igual eu estou falando, o Fascículo não... Porque tem aluno que às vezes tem facilidade, sabe até o que é vertebrado, invertebrado, esse negócio, mas tem uns que já tinham mais dificuldade, então, ela já botava para fazer trabalho pra casa, fazia trabalho em grupo. Aí, de repente, você não achou um lá, um molusco, por exemplo, você procurou em tudo e não achou, aí o outro lá do seu grupo tem, né?! Então a gente fazia o trabalho.

Thiago. Onde vocês pesquisavam esse material?

Cleuza. A gente pesquisava muito era em revista mesmo, né? Revista. A tia do Luciano que era professora, a Neuza, ela sempre ajudou muito a gente, porque ela já usava isso no colégio, com as crianças, então ela sempre tinha esses tipos de coisa, né? Sobre o corpo humano também, ela fazia, para saber nome de osso, essa coisa, onde fica o fêmur, qual o maior osso que a gente tem? Do pé, das mãos, as *falangezinhas*, essas coisas tudo, ela mandava pra gente fazer trabalho. Não ficava só no rádio ou no Fascículo, não. Por isso que eu estou falando que ela era uma professora muito boa, para dar esse curso eu acho que não tinha melhor, não.

Thiago. E como era a radioaula, o que vocês ouviam ali no rádio?

Cleuza. Geralmente, ele dava a explicação da aula do dia. Falava sobre a aula do dia, por exemplo, vamos supor assim, a colonização do Brasil, como começou, aquele negócio, né? Vinham as pessoas de fora, aí começaram a fazer aquelas colônias, o que eles faziam, e aí, começavam a dividir os grupos, esse tipo de explicação. E o Português

também, mesma coisa, ia explicando o que era substantivo, o que era verbo, o que era um pronome, isso o rádio sempre falava. Falava sobre aquela aula daquele dia. Toda aula a gente ouvia o rádio.

Thiago. Vocês gostavam de ouvir o rádio?

Cleuza. Não gostava muito, não. A gente gostava mais era da aula mesmo. Muitos, às vezes, não prestavam atenção no rádio, não. A maioria quase não prestava muita atenção no rádio, não. Porque ela era uma professora, uma monitora, muito boa. Porque, eu acredito que se ela deixasse a gente mais por conta do rádio “*óh, o professor de vocês é o rádio!*”, aí a gente ia ter mais compromisso com o rádio. Mas a gente já sabia que ela era sempre muito eficiente, ela já levava um Fascículo desses pra casa e já trazia ele todo debulhado, como se diz, todo pronto. Então, chegava ali, as perguntas começavam a chover e ela já estava com as respostas todas ali. Ela estudava junto com a gente, ela ia para casa e trazia o dela, e ela já chegava lá com tudo pronto.

Thiago. Quanto tempo durou o curso?

Cleuza. O curso durou dois anos. De vez em quando ela dava assim uma... Fazia uma avaliação para a turma, para ver como é que a turma estava, se estava tendo um bom desempenho, e dava reforço, às vezes ela dava umas provinhas, aí via onde é que a gente estava mais... com mais dificuldade. Às vezes ela até voltava no fascículo anterior, para poder dar um reforço naquilo que ela notava que a gente tinha mais dificuldade. Não me lembro bem se era de três em três meses, ou se era de seis em seis, ou a princípio foi de três em três e depois passou para de seis em seis, mas vinha uma professora de fora para aplicar a prova pra gente, não era ela que aplicava, não. Ela dava assim a provinha dela, fazia a avaliação dela para ver onde a gente estava tendo dificuldade, naquilo que já tinha sido dado, nos fascículos anteriores. Aí onde ela notava que a gente estava com mais dificuldade ela voltava, dava um reforço, ela já voltava lá atrás, já tinha passado até, e vinha uma professora de Paraíba [do Sul – RJ] para aplicar a prova e, no final do curso, no final dos dois anos, quando terminamos o curso, nós fomos fazer a prova em Três Rios¹⁷, aí já era uma prova que a gente nunca nem tinha

¹⁷ Município do estado do Rio de Janeiro, distante aproximadamente 10 km de Paraíba do Sul – RJ.

visto, nem ouvido falar. Ela também deu essa explicação para a gente: que a gente ia ter que fazer a prova e que depois a gente ia ter que passar as respostas pro cartão e que era para ter muito cuidado para não errar, *“porque de repente você marca a questão lá e na hora de botar no cartão você marca “b”, e na matemática você deu um resultado positivo, você botou lá o negativo, isso tudo vocês têm que prestar muita atenção!”* então isso ela explicou, também, muito bem, pra gente, para quando fosse fazer a prova em Três Rios a gente não... Porque isso era uma novidade, né? Então nós fomos fazer essa prova em Três Rios, não sei se foi uma professora do Rio [de Janeiro], gente estranha, né? Que veio aplicar essa prova no último ano, assim quando foi...

Thiago. Uma prova final?

Cleuza. Uma prova final!

Thiago. E a partir dali que ia ser feito certificado para quem passou?

Cleuza. Isso, aí veio entregue depois o certificado.

Thiago. No Projeto Minerva tinha também aos finais de semana um programa cultural, o Minerva Cultural, vocês chegaram a ouvi-lo?

Cleuza. Não!

Thiago. A senhora lembra quantos terminaram o curso junto com a senhora?

Cleuza. Um número exato eu não tenho. Mas eu acredito que seja mais que vinte, porque... De repente, fazendo a conta, a gente... Porque eu me lembro direitinho quem é que foi que fez... o Renato Costa¹⁸, Wanda¹⁹, Neuza, eu, Maurílio, Floriano²⁰, Duca, o rapaz lá do Rio a Baixo²¹ (que eu não lembro o nome), uma outra também lá do Rio Pequeno²², aquela de... Dulce²³, do Vicente Mineiro²⁴ eram duas, do Seu Zezé²⁵ eram

¹⁸ Renato Costa. Agricultor já falecido, residia no bairro de Sertão do Calixto, era esposo de Maria Wanda da Costa.

¹⁹ Maria Wanda da Costa. Viúva de Renato Costa. Atualmente reside em Paty do Alferes.

²⁰ Agricultor e reside no bairro de Sertão do Calixto. Não foi possível recuperar o nome completo.

²¹ Distrito de Paraíba do Sul – RJ.

²² Distrito de Petrópolis – RJ.

²³ Professora já falecida, residia em Rio Pequeno, distrito de Petrópolis – RJ. Não foi possível recuperar o nome completo.

quatro, o Vado²⁶, a Fátima²⁷, a Maria das Graças²⁸, tinha um irmão da Erlange também que fez²⁹... É... Deixa eu ver se tinha mais alguém... É... Mais ou menos isso.

Thiago. Depois dessa prova vocês chegaram a pegar o diploma, receberam isso tudo direitinho?

Cleuza. Isso! Eu tenho o meu aí, eu mandei plastificar porque eles sempre perguntam o grau de escolaridade, né? Então tinha que levar.

Thiago. Para a senhora, qual foi a importância de ter feito este curso?

Cleuza. Foi importante, né? Porque o saber é importante. Abre o horizonte da pessoa, a gente, sei lá, a gente vê as coisas diferentes, né? Aprendemos muito o Português, a Matemática, que a gente sabia o básico, né? Negócio de somar, diminuir, dividir, multiplicar, mas esse negócio de equação, de raiz quadrada, sistema, esse negócio a gente nunca tinha ouvido falar. Então foi muito bom pra tudo, né?

Thiago. Depois do Projeto Minerva a senhora chegou a fazer algum outro curso, seja via rádio, televisão ou mesmo presencial?

Cleuza. Não, nunca mais eu fiz, nunca mais estudei. Mas gosto. Gosto. Se fosse mais nova, se não morasse num lugar de tão difícil acesso... Eu gosto de estudar, Maurílio, meu marido, já não gosta, não. Já fez mesmo emburrado. Ele nunca gostou muito de estudar, nem quando era criança, diz a mãe dele que ele dava topada lá, qualquer coisa, vinha embora pra casa e nem estudava mais. [risos]

Thiago. A senhora sabe se foi só essa turma de vocês ou se teve outras turmas do Projeto Minerva?

²⁴ Vicente Esteves dos Reis. Agricultor já falecido, residia no bairro de Sertão do Calixto.

²⁵ José Vicente Esteves dos Reis. Agricultor já falecido, residia em Membeca, distrito de Paraíba do Sul – RJ.

²⁶ Reside em Petrópolis – RJ. Não foi possível recuperar o nome completo.

²⁷ Maria de Fátima Borsato de Paula. Comerciante, reside no bairro de Avelar, município de Paty do Alferes – RJ.

²⁸ Maria das Graças Veiga Paredes. Dona de casa, reside em Petrópolis – RJ.

²⁹ Sebastião Carlos Silva Reis. Funcionário público, reside Petrópolis – RJ.

Cleuza. Não, foi só essa e não teve mais, não. Agora, eu me lembro que Bebete³⁰, irmã dessa Wanda que deu esse telecurso pra nós, ela andou dando, aí no Sertão, algumas aulas. Maria Angélica³¹ até estudou com ela, eu não me lembro o que foi aquilo. Mas ela andou, a prima de Luciano, ela andou estudando, até ficava aqui em casa, eu me lembro dela estudar com Bebete. Agora eu não me lembro o que era, mas era um negócio assim, não era alfabetização, não.

Thiago. Dentre as aulas, as várias disciplinas, quais foram as mais proveitosas, quais a senhora gostava, as mais curiosas, mais interessantes?

Cleuza. Pra mim, cada um gosta de uma determinada matéria, mas eu gostava de Matemática e Ciências... Português também eu tinha nota, mas História, para mim, não, sempre foi a pior, por causa dessa dificuldade que eu tenho de guardar nomes e datas. Até hoje eu tenho dificuldade em guardar nomes e datas.

Thiago. A senhora falou em Matemática e Ciências, o que vocês viam em Matemática?

Cleuza. Matemática eu não sei, é uma coisa que parece que já é da gente mesmo, né? A gente gosta de número e é uma coisa que você pode... que você sabe se está certo, se está errado, se você tiver tempo... Igual nos dias das provas: às vezes a gente tem tempo, porque quando vinha essa senhora dar prova no Sertão, no colégio, ou então quando nós fomos fazer a prova final, você tem assim, vamos dizer, uma hora para você fazer a prova, então não dá para você “tirar prova”, para ver se aquilo ali está certo ou está errado. Já outras coisas, você não tem como tirar a prova, e eu não sei, parece que o número é uma coisa que a gente gosta mesmo! E Ciências também, eu sou assim, curiosa, queria saber o porquê das coisas, sobre o negócio da fotossíntese, que a planta é verde e depois ela libera o oxigênio; sobre os animais, determinados animais, que eles são uma mosca, depois ela vai lá e coloca... Igual gado: o Maurílio mexe muito com gado, coloca lá o bicho, as larvas, depois aquilo vira aquela bicheira, depois aquele bicho vira mosca de novo, então isso era uma coisa curiosa. Uma lagarta, a lagarta vira borboleta, como que um bicho tão feio pode virar uma borboleta tão bonita? Então era assim, uma coisa que me chamava a atenção. E eu não sei por que, mas até hoje eu

³⁰ Maria Elizabeth da Costa. Funcionária Pública, atualmente trabalha na Cedae (Companhia Estadual de Águas e Esgotos).

³¹ Maria Angélica da Costa. Estudante já falecida. Filha de Renato Costa e Maria Wanda da Costa.

gosto, trabalhei até em Posto de Saúde durante sete anos, trabalhei em colégio também, mas eu me identifiquei sempre mais com a área da saúde do que com a área da educação.

Thiago. Na época do projeto a senhora já trabalhava?

Cleuza. Não, não. Tinha os meninos pequenos, não trabalhava, não. Eu comecei a trabalhar com uns trinta e seis anos, por aí.

Thiago. As perguntas que eu tinha para a senhora basicamente eram essas, tem alguma outra coisa que a senhora gostaria de acrescentar, de nos contar?

Cleuza. Ela [a Monitora] falou que no final do curso a gente ia fazer um passeio, lá para aquela ilha de Paquetá, com os alunos. A maioria foi, não foram todos, pode até ter faltado ali uns dois ou três, mas a maioria foi. Aí, ela promoveu lá um trabalho, que cada um fizesse um trabalho artesanal, que a gente fosse lá para Paraíba [do Sul], lá para um jardim vender aquele trabalho que cada um fez, né?! Para agente poder ganhar um dinheiro para custear a viagem. Aí nós fizemos. Eu me lembro que eu bordei à mão um lençolzinho de criança, uma fronha de berço, bordei à mão, meu marido fez um cinzeiro de madeira e outros fizeram lá outros tipos de trabalho, outros fizeram arranjo de flores... Eu me lembro, achei interessante: de um pneu pequeno, ele abriu o pneu, virou, em baixo ficou fechado, depois ele fez uma alça, e ele encheu aquilo de flores, e ficou bonito. Um arranjo, um trabalho feito pelos alunos, e fomos para Paraíba [do Sul], lá no jardim, e vendemos muita coisa. Fazia rifa também, para a gente poder arrumar dinheiro para, no final do curso, a gente fazer um passeio, e todo mundo queria passear, né? Andar de barca que saía do Rio [de Janeiro] e ia para Paquetá, né? Foi bom! Todo mundo tomou banho em Paquetá na praia, foi legal. E tudo isso estimula a pessoa, o aluno. Porque isso tudo, aqui pra gente, era muita novidade, né? Muita novidade. Hoje não, as pessoas têm carro, as pessoas saem, já têm facilidade de ir na cidade, têm televisão. Hoje a gente aprende muita coisa na televisão. Rádio, hoje em dia, quase que a gente nem ouve rádio mais. Mas já está aí o computador também. Então, o progresso já está chegando até aqui na Zona Rural, né?

Thiago. Naquela época vocês tinham o rádio em casa também?

Cleuza. É, na época nós tínhamos um radinho pequeno, tinha até uma capinha, ele ficava em pezinho ali, era até um rádio muito bom, mas o rádio dela era um rádio mais ou menos deste tamanho [posicionando as mãos a um pouco mais de um palmo uma da outra], quadrado, com uma alça, era nesse feitio de rádio que a gente ouvia as aulas.

Thiago. Nessa época vocês não tinham televisão?

Cleuza. Televisão, a gente tinha uma televisão... Da menor que existe, nem sei de quantas polegadas, era carregada na bateria do carro. Aí, de repente, você estava lá vendo o Jornal Nacional³² ou vendo a novela, a bateria acabava, pronto! Aí, até você carregar aquela bateria, já tinha acabado o jornal, já tinha acabado a novela, não tinha como. Porque luz era coisa de luxo, quem tinha eram pessoas de posses, né?! Tinha luz de usina. De tarde ia lá, abria a água, e aquilo tocava a usina. Tinha aquela luz fraquinha mas era melhor que lampião de querosene, lamparina ou vela, né?!

Thiago. Na escola, como era essa iluminação?

Cleuza. Lá já tinha luz elétrica, aqui é que a gente não tinha. A luz elétrica chegou aqui na minha casa tem vinte e cinco anos, eu moro aqui a quarenta e sete anos. Olha, quantos anos nós ficamos aqui sem luz. Lá já tinha luz.

Thiago. Tem mais alguma coisa daquela época que a senhora gostaria de contar?

Cleuza. Não, uma única coisa: eu tinha que, no princípio, deixar os meninos na casa dos meus sogros, mas aí a minha cunhada tinha quatro que também deixava lá, aí começaram a se desentender as crianças e eles já eram de idade, aí eu tive que pagar uma menina para ficar com eles aqui em casa para eu poder continuar o curso, porque senão não ia poder continuar, mas aí a menina vinha, ficava com eles até a hora de eu chegar, tinha dia que ela dormia aqui, tinha dia que ela ia, ela morava por aqui mesmo. Tinha dia que a lua estava clara, aí ela cismava de ir embora, mas tinha dia que ela ficava. Então tivemos essas dificuldades, né?! Porque a gente era casado, com filho, sempre tem dificuldade, mas graças a Deus passaram os dois anos e deu tudo certo. Mas a gente tinha preocupação também por causa desse negócio de ser lamparina, querosene,

³² Programa jornalístico da Rede Globo de Televisão, transmitido ao vivo até hoje, de segunda-feira a sábado.

criança... Eu tive um primo que morreu por conta disso... Então, quando eu saía, eu sempre recomendava, colocava o lampião em cima de uma cristaleira e falava pra ela *“Não tire isso daqui! Deixa isso aqui!”*, porque Luciano tinha três anos, Leonardo tinha oito, então eu ia estudar mas ficava preocupada. Quando ficava na casa do meu sogro, da minha sogra, eu ficava menos preocupada. Mas aí, como era muita criança e eles já eram de idade... tive essa dificuldade, mas valeu a pena.

Thiago. Então, Dona Cleuza, muito obrigado, agradeço a senhora ter conversado com a gente, a senhora autoriza usarmos essa entrevista em nossa pesquisa?

Cleuza. Sim, pode usar sim.

Thiago. Muito obrigado.



Figura 01 – Cleusa Inês Pecoraro Costa com seu certificado de conclusão (Foto realizada na ocasião da entrevista)

Enquanto almoçávamos, o Seu Maurílio chega à casa. Almoçamos juntos e, posteriormente, ele nos deu a seguinte entrevista que durou aproximadamente 20 minutos.

Thiago. Hoje é dia quinze de Junho de dois mil e treze, Paraíba do Sul – RJ.

Para começarmos, eu gostaria de pedir para o senhor se apresentar.

Maurílio. Maurílio Costa Filho, agricultor. Sempre vivi na Zona Rural, meus filhos também ficaram aqui até o primeiro ano para estudar, aqui na escolinha, e depois saíram, né?! Mas eu continuei aqui e estou até hoje.

Thiago. Seu Maurílio, como que vocês começaram a participar do Projeto Minerva?

Maurílio. O Projeto Minerva foi o seguinte. Eu nem estava interessado, entendeu? Eu fui mais por causa da minha esposa, e também para evitar de ficar tomando conta das crianças... [risos] porque senão eu que tinha que ficar tomando conta. Aí comecei a cursar e acabei gostando, participei tempo e aprendemos muita coisa.

Eu parei de estudar com doze anos, naquela época, precisava trabalhar mesmo. O pai não tinha, assim, muita condição financeira. Então eu saí da escola e já fui me virar por minha conta. Então, a criança com doze anos aprende só ali mesmo... o básico só, mais nada. Então o Projeto Minerva foi uma ajuda boa.

Thiago. Como era a região nesta época?

Maurílio. Ah, era tudo bem difícil, né? A gente não tinha luz elétrica, não tinha televisão. Depois, mais tarde, nós arrumamos uma *televisãozinha* à bateria, tinha que assistir só o programa principal, que se não a bateria acabava... E muito trabalho também, né?! Uma dificuldade em estudar à noite é que tinha que trabalhar muito de dia e aí à noite já estava cansado, com sono, então não dava para aproveitar muito.

Thiago. Conte para a gente como era esse local onde funcionavam as aulas.

Maurílio. Lá era o Colégio Estadual [Atual Escola Estadual Francisco Pereira Paredes], só para crianças, né?! E foi cedido para dar aula à noite para a gente, Projeto Minerva. Então, lá tinha a professora e o rádio, a gente ouvia um pouco da aula pelo rádio e

depois a professora dava mais uma orientação, para a gente ir melhorando o conhecimento.

Thiago. Fale um pouco dos alunos, do pessoal que estava lá com vocês.

Maurílio. Ah, era uma turminha boa, né?! Era todo mundo conhecido, todo mundo querendo aprender, unzinho ou outro bagunceiro sempre tem, né?! [risos] Até teve um dia que foi um dos alunos no banheiro e achou uma *pererecazinha* na parede e levou lá para a sala de aula e soltou ela lá, foi um “*deus nos acuda*”, a perereca pulando lá... todo lugar sempre tem um *bagunceirozinho*... Mas era uma turma boa, a maioria interessada em aprender mesmo, esforçados.

Thiago. A maioria era mais ou menos na mesma faixa etária?

Maurílio. É, isso aí, era tudo aí, vinte e dois, vinte e cinco, vinte oito anos.

Thiago. Fale um pouco sobre a professora, a monitora.

Maurílio. Era excelente, né?! Muito interessada mesmo, esforçada mesmo, passava tarefa pra casa pra gente, não dava colher de chá mesmo, não! Era baixinha, mas não falhava, na aula estava sempre em cima.

Thiago. Como funcionavam essas aulas?

Maurílio. Ela passava dever no quadro pra gente, passava lá e a gente tinha que passar para o caderno, para depois responder...

Thiago. Vocês ouviam o rádio também?

Maurílio. Aí, ouvia também o rádio, e ela também explicava, ensinava também.

Thiago. Sobre as aulas, que temas vocês trabalhavam, discutiam, eram aulas do quê?

Maurílio. Ah, ela ensinava de tudo, né? Matemática então, que eu não sou grande coisa, ela ensinava muito. História também, ensinava de tudo lá, ela era muito boa mesmo, gostava do que fazia.

Thiago. Quais eram as dificuldades que vocês enfrentavam?

Maurílio. A dificuldade maior era a gente ir pra lá, né?! Tinha que ser de carro, porque era distante, né?! Tinha gente que morava a dez quilômetros do colégio, um ia de bicicleta, não tinha carro, um tinha que pedir carona, então, era muito difícil, não tinha Kombi³³ igual tem hoje, que põe aluno na porta de casa. Então era bem difícil. Mas por um lado, por ser difícil, a gente valoriza mais, né?! Quando a coisa é muito fácil, a pessoa não dá muito valor.

Thiago. Durante o curso, além da distância, tinha alguma outra dificuldade?

Maurílio. Bom, o pior mesmo era para ir.

Thiago. Queria que o senhor falasse pra gente sobre o material que vocês recebiam.

Maurílio. Ah é, recebia. Isso aqui [referindo-se à pilha de Fascículos à nossa frente] eu nem lembro mais, porque já faz tantos anos, eu nem sei se era a professora que trazia pra gente, se vinha pelo Correio, não lembro mais [risos]. Mas eu acho que era a professora que recebia e passava pra gente, os Fascículos.

Thiago. Vocês gostavam desses Fascículos, eles ajudavam?

Maurílio. Ajudava, ajudava! Era só ter tempo para ler aquilo com atenção, estudar.

Thiago. E o programa de rádio que vocês ouviam?

Maurílio. O programa de rádio era muito rapidinho, passava assim, muito rápido, aí era difícil de aquilo gravar bem. O que a professora ensinava eu gostava mais, ficava mais fácil de ver ela falando, parece que captava melhor. O rádio era assim, uma coisa muito corrida, muito rapidinho, aí pegava uma matéria, logo passava pra outra, então deixava a gente meio confuso, então, eu preferia a professora, a explicação da professora do que o rádio.

Thiago. O curso durou aproximadamente dois anos?

Maurílio. É.

³³ Veículo de pequeno porte e baixo custo, muito utilizado para fazer transporte de escolares, em especial, pela facilidade de locomoção mesmo em estradas acidentadas ou de terra, como é comum na Zona Rural. Usualmente também se fala em “Kombi” referindo-se genericamente a qualquer veículo utilitário de pequeno porte utilizado no transporte de pessoas, também conhecido como “Van”.

Thiago. O senhor chegou a ouvir alguma vez o programa que passava aos sábados, o Minerva Cultural?

Maurílio. Não me lembro.

Thiago. O pessoal que ingressou, continuou até o final?

Maurílio. Continuou, acho que ninguém desistiu não.

Thiago. Como eram as avaliações?

Maurílio. Ah, a professora dava aquelas provinhas, entendeu? E aquele que estava lá em baixo, ela arrochava ele mesmo, não dava colher de chá, não! E a gente também ia lá, no município, na sede lá, fazer prova também, porque a professora sempre bota uma mãozinha quente em cima, né?! [risos] Então levava para outras, para a gente passar por outros professores, fazer prova.

Thiago. A sua esposa me mostrou o seu diploma, o senhor fez até o final, tudo certinho?

Maurílio. É, peguei.

Thiago. Olhando hoje, qual foi, para o senhor, a importância de ter feito esse curso?

Maurílio. Ah, serviu para tudo, né? Pra vida toda, principalmente pra mim que mexia com agricultura. A gente aprende a fazer cálculo, a gente precisa fazer cálculo até para medir um terreno para fazer uma lavoura, calcular antes, né?! Então, ajudou, porque eu não sabia fazer...

Thiago. Entendi, o que o senhor aprendia lá já conseguia utilizar?

Maurílio. É, consegui utilizar, não é?

Thiago. Depois do Projeto Minerva, o senhor fez algum outro curso?

Maurílio. Não.

Thiago. Dentre as várias disciplinas, qual o senhor achava mais proveitosa, ou curiosa, qual o senhor gostava, qual não gostava?

Maurílio. Mais curiosa mesmo eu acho que é a Matemática, acho que é a mais difícil, mas... Não vou dizer que aprendi tudo, mas o pouco que eu aprendi ajudou muito, por isso que eu gostava mais da Matemática mesmo.

Thiago. O senhor se lembra de alguma aula, de algum conteúdo, que te chamou a atenção?

Maurílio. Não me recordo.

Thiago. Das aulas, tem alguma coisa que o senhor lembra, algum fato, alguma coisa que queira contar?

Maurílio. Coisa assim que eu gravei? ... Não, acho que não tem nada extraordinário.

Thiago. Algum momento que foi bacana?

Maurílio. Só no dia de fazer a prova, de saber que valeu aquele sacrifício que nós fizemos, valeu a pena, pra mim já foi uma grande coisa. Pra mim, por exemplo, que tinha que trabalhar muito, estudar de noite e ir dormir tarde e no outro dia levantar cedo... Então, acho que valeu a pena, chegar na última hora e não passar, seria muito chato, né?! [risos]

Thiago. Como eu te disse, eu trouxe algumas questões, a sua esposa já comentou bastante de algumas...

Maurílio. A minha esposa gosta de falar [risos] eu já não sou muito de falar. [risos]

Thiago. O senhor tem mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?

Maurílio. Ah... Não, acho que é só isso mesmo!

Thiago. Então, muito obrigado! O senhor autoriza utilizar essa entrevista na nossa pesquisa?

Maurílio. Pode, pode utilizar.

Thiago. Muito obrigado.


Maurílio. Que seja de bom proveito para vocês.



Figura 02 – Maurílio e Thiago na ocasião da entrevista



Foto 03 – Fachada atual da Escola Municipal Francisco Pereira Paredes, onde funcionou o radioposto


REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
 SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 Departamento de Educação Centro de Tecnologias Educacionais
 Coordenação de Ensino Supletivo
CERTIFICADO

Número 1194

Nos termos da Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971 e do Parecer nº 283/77 do Conselho Estadual de Educação, certifico que Cleuza Inês Pecoraro Costa (nome completo) filha de Basilio Pecoraro e de Brigida Oliveira Pecoraro natural de Rio de Janeiro (Unidade Federada), nascido(a) em 24 de maio de 1947, concluiu, em 1978, o Curso Supletivo de 1º Grau - Projeto Minerva, Fase II, com direito a prosseguir os estudos. Este Certificado tem validade nacional.

Coordenação de Ensino Supletivo
(órgão expedidor)

Rio de Janeiro 28 de novembro de 1978

Cleuza Inês Pecoraro Costa
Assinatura do concluinte

[Assinatura]
Responsável pelo Órgão expedidor

Figura 04 – Certificado de Conclusão - Frente (Cleuza Inês Pecoraro Costa)

HISTÓRICO ESCOLAR

DISCIPLINAS	GRAUS OBTIDOS	REGISTROS E OBSERVAÇÕES
Língua Portuguesa	88 (oitenta e oito)	
História	83 (oitenta e três)	
Geografia	95 (noventa e cinco)	
Matemática	88 (oitenta e oito)	
Ciências	93 (noventa e três)	
Organização Social e Política do Brasil	78 (setenta e oito)	
Educação Moral e Cívica	93 (noventa e três)	

[Assinatura]
 Responsável pela pesquisa
 mat. 112181

[Assinatura]
 Responsável pela conferência
 DAFNY FIGUEIRA RODRIGUES
 Prof. Primária - Matr. 107.070

Figura 05 – Certificado de Conclusão – verso (Cleuza Inês Pecoraro Costa)

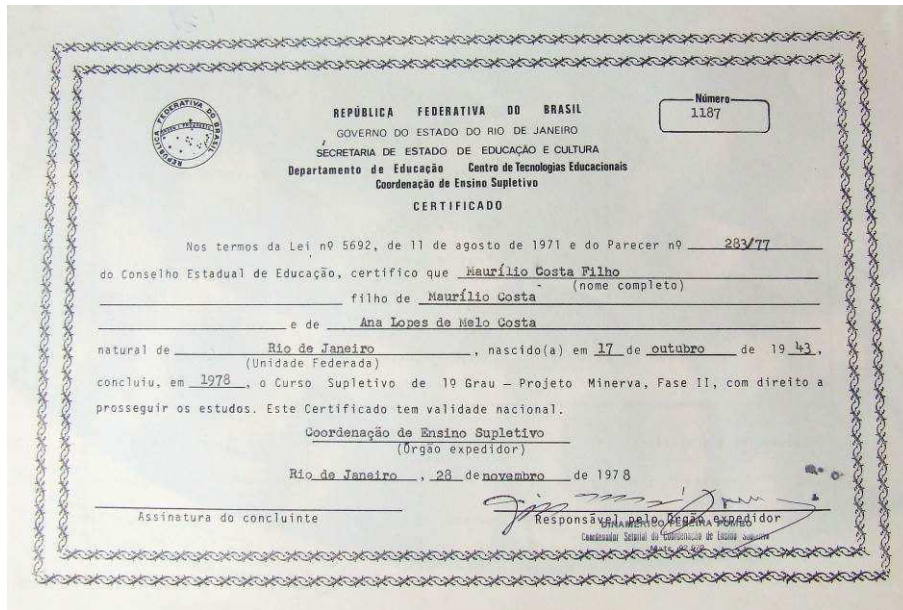


Figura 06 – Certificado de Conclusão - Frente (Maurílio Costa)

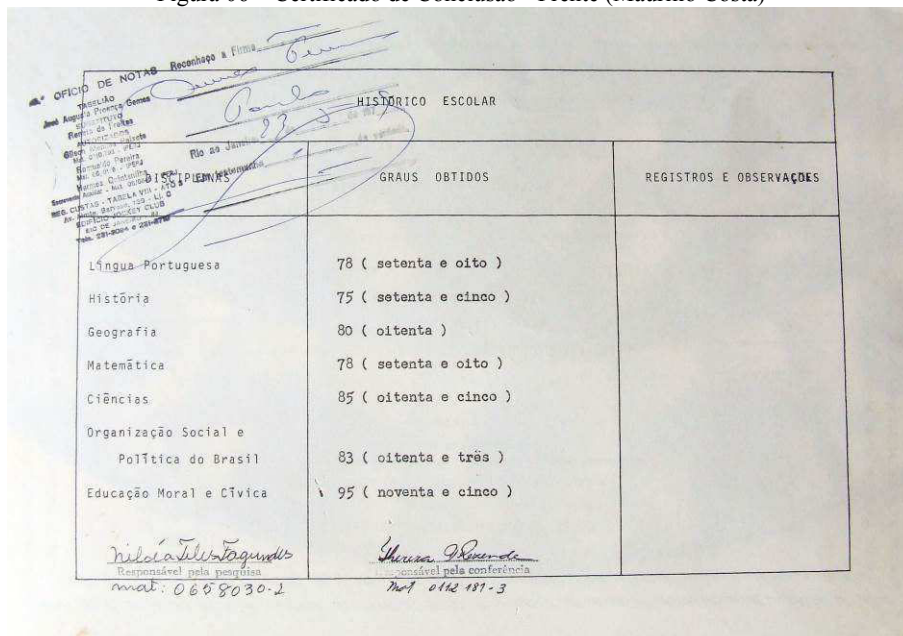


Figura 07 – Certificado de Conclusão - Verso (Maurílio Costa)

Referências

Rede Globo de Televisão. **A História do Jornal Nacional**. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/04/confira-historia-do-jn.html>>.

Paraíba do Sul. **Dados Gerais**. Disponível em <http://www.paraibadosul.rj.gov.br/cidade/dados_gerais>.

Apêndice A: Cartas de Cessão;

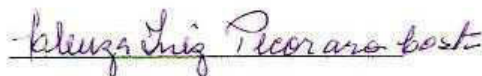
CARTA DE CESSÃO

Paty dos Alferes, 11 de Setembro de 2013.

THIAGO PEDRO PINTO

Eu, **Cleuza Inêz Pecoraro Costa**, portadora do documento de identidade número 04435591-5 IFP/RJ, brasileira, residente na Estrada Eurico Costa, 900 – Sertão do Calixto, distrito de Paraíba do Sul, estado do Rio de Janeiro, declaro para os devidos fins que cedo o direito de uso e distribuição de minhas falas, concedidas em entrevista à THIAGO PEDRO PINTO, devidamente transcritas e textualizadas, com minha revisão, ficando **THIAGO PEDRO PINTO, RG 41.417.985-7 (SSP-SP)**, autorizado a utilizá-las integralmente ou em partes sem restrições de prazos ou meios de divulgação.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente,



Cleuza Inêz Pecoraro Costa

CARTA DE CESSÃO

Paty dos Alferes, 11 de Setembro de 2013.

THIAGO PEDRO PINTO

Eu, **Maurílio Costa Filho**, portador do documento de identidade número 578065 IPF/RJ, brasileiro, residente na Estrada Eurico Costa, 900 – Sertão do Calixto, distrito de Paraíba do Sul, estado do Rio de Janeiro, declaro para os devidos fins que cedo o direito de uso e distribuição de minhas falas, concedidas em entrevista à THIAGO PEDRO PINTO, devidamente transcritas e textualizadas, com minha revisão, ficando **THIAGO PEDRO PINTO, RG 41.417.985-7 (SSP-SP)**, autorizado a utilizá-las integralmente ou em partes sem restrições de prazos ou meios de divulgação.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente,



Maurílio Costa Filho



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Antonio Vicente Marafioti Garnica (orientador)

Volume

Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva

Bauru

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências

Campus de Bauru

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica

Thiago Pedro Pinto

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

Tese de Doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação para a Ciência.

Bauru (SP)

2013

SUMÁRIO

Volume: Instruções de Uso

Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica	9
Apêndice A: Sobre Jogos e Caleidoscópios	11
Apêndice B: Notas sobre o trabalho com entrevistas nesta pesquisa	22

Volume: O acervo da SOARMEC

O acervo da SOARMEC, a disponibilização pública de um Catálogo e a constituição de um Mapa para o acervo	4
Referências	13
Apêndice A: Catálogo de Etiquetas do Acervo da SOARMEC	15
Apêndice B: Mapa do Acervo	61

Volume: Da revisão de literatura: uma terapia filosófica da expressão “Projeto Minerva” como possibilidade de vasculhar um terreno

Introdução	4
Sobre as linguagens nos textos de Wittgenstein	6
Os trabalhos selecionados	9
Trabalhos Acadêmicos	10
Livros	16
Entrevistas	17
Demais documentos	28
Algumas Considerações	31
Referências	32

Volume: Produção de Radioaulas no Projeto Minerva

Da Matemática falada, do resgate de fontes, da potencialidade de compreender a partir de múltiplos focos: um ensaio sobre a produção de radioaulas no Projeto Minerva	4
1. Material para o Rádio	9
1.1. O “Material Bruto”	9
1.2. Comunicação Com o Aluno	12
1.3. Arquivo de áudio do programa	14
1.4. A transcrição do programa	15
2. Material para o Fascículo	18
2.1. Texto Bruto	18
2.2. Fascículo	22
3. Movimentos de Produção dos Materiais	26
3.1. Material Bruto, Comunicação Com o Aluno (CCA) e Arquivo de Áudio	26
3.2. Texto Bruto e Fascículo	31
3.3. Fascículo e Arquivo de Áudio	32
4. Alguns apontamentos sobre a produção das aulas	35
Referências	38

Volume: Entrevista com Marlene Montezi Blois

Entrevista com Marlene Montezi Blois nas dependências da SOARMEC - Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC (2º andar da Rádio MEC), Rio de Janeiro, 05/10/2011	4
Apêndice A: Carta de Cessão	36

Volume: Entrevista com Edvaldo Dias

Entrevista com Professor Edvaldo Dias, ex-monitor do Projeto Minerva, ocorrida na residência do depoente, em Coxim-MS, no dia 14/07/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Paulo Roberto Motejunas

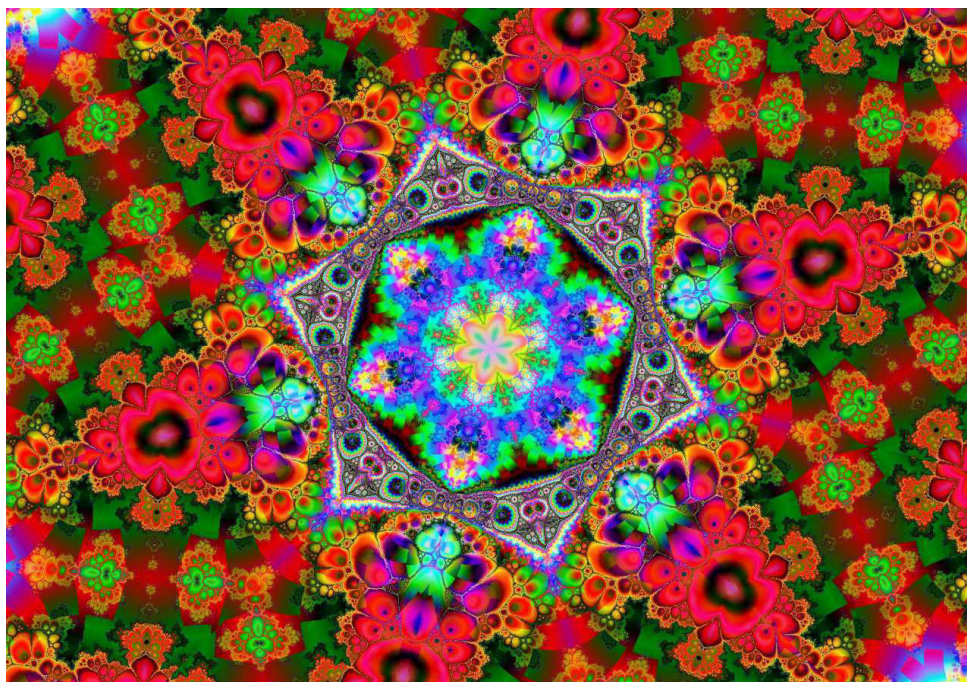
Entrevista com Professor Paulo Roberto Motejunas, ocorrida na residência do depoente, em Caçapava-SP, no dia 28/08/2012	4
Apêndice A: Carta de Cessão	35

Volume: Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e Maurílio Costa Filho

Entrevista com Cleuza Inêz Pecoraro Costa e seu marido, Maurílio Costa Filho, ex-alunos do Projeto Minerva, ocorrida na residência dos depoentes, em Paraíba do Sul - RJ, no dia 15/06/2013	4
Apêndice A: Cartas de Cessão	31

Volume: Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva

Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva	4
Fita 01 - A Voz do Povo - 19/03/90 - Projeto Minerva - P1	11
Fita 02 - A Voz do Povo - 20/03/90 - Projeto Minerva - P2	34
Considerações sobre o debate	57
Referências	59
Apêndice A: Fotografias Compósitas	61
Referências	67



Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva¹

Por Thiago Pedro Pinto

Em 2010, na busca de informações sobre o Projeto Minerva, fui novamente à Rádio MEC. Quem me atendeu foi a atual diretora da Rádio que, entretanto, me disse não poder me ajudar muito, já que pouca coisa do acervo fonográfico foi mantida e que o que sobrou estava sendo digitalizado num projeto em parceria com uma empresa petrolífera nacional, sendo impossível, neste momento, retirar ou ter acesso a qualquer registro.

No entanto, durante um café com esta diretora, ainda nos corredores da rádio, ela me apresentou Paulo, que casualmente passou por nós. Paulo trabalha no arquivo da rádio. Ao apresentar-me a ele, ela já acrescentou o que eu fazia ali. Ele, então, comentou que tinha alguns fascículos com ele e nada mais. No entanto, lembrou-se de um programa de debates, da década de 1990, que, na rádio em que ele trabalhava na época, discutiu a extinção do Projeto Minerva. Tratava-se de um programa que debatia temas populares, chamado “A VOZ DO POVO”. Paulo comentou que a população enviava cartas com sugestões de temas a

¹ A imagem que acompanha o título foi gerada com o software Interactive Psychedelic Kaleidoscope, disponível em <http://img.izismile.com/img/img2/20090618//psychedelic_kaleidoscope.swf>

serem debatidos e que, a partir deles, organizavam os programas, convidavam pessoas para discutir e tudo ia “ao ar”, ao vivo. Essa estratégia já havia, algumas vezes, gerado debates calorosos que, de certa forma, informavam a uma parcela da audiência, divertiam outros e na maioria dos casos, satisfaziam aquele desejo de “meter a boca no trombone”. Infelizmente Paulo só tinha essas informações para me dar, mas ao nos deixar, comentou: “Por que você não fala com o Eduardo Nogueira? Eduardo Nogueira: ele, é quem produzia este programa. Por que você não fala com ele?”. Pedi então um contato e, para minha sorte, Paulo fez mais que isso: ele mesmo pegou o telefone e discou (literalmente discou): “Dudu, aqui é o Paulo, da Rádio MEC, tudo bem?” Trocaram mais algumas frases do tipo “como vai a família” e “você viu o fiasco do seu time” e, então, acrescentou: “Dudu, estou com um rapaz aqui, ele está procurando coisas sobre o Minerva. Lembra do Minerva? Aqueles cursos que eram produzidos aqui na Rádio MEC?”, “Sei, não era do seu tempo, nós viemos depois, é verdade! Mas você lembra de um programa que você produziu lá na Guanabara [refere-se à Rádio Guanabara AM], a “Voz do Povo”? Naquela época ainda era você, não é? Acho que foi em 90!”. “Posso mandar o... [abafando o velho telefone me pergunta baixinho “Thiago?” - aceno que sim com a cabeça] ... o Thiago aí para falar com você?”, “Ah, ok, vou passar para ele”, “Aqui, Thiago, fale com ele.”

Troco algumas palavras e combino um encontro com Eduardo para o dia seguinte (já estava um pouco tarde e eu ainda não me locomovia bem no Rio de Janeiro).

No dia seguinte chego ao local combinado, a famosa Confeitaria Colombo, no coração do centro histórico do Rio. O senhor Eduardo Nogueira despontava como uma figura bastante peculiar naquele cenário da confeitaria, muito próximo ao que Paulo havia me descrito, (as suas sandálias e a bermuda afirmavam muito claramente que, ao contrário de mim, do interior de São Paulo, ele não se intimidava com o requinte antigo do local. Vou até a mesa e o abordo. Ele tomava um café. Na dúvida, pergunto: “Sr. Eduardo Nogueira?”

Eduardo Nogueira. “Sim, e você deve ser o moço do Minerva?”

Thiago. Isso, o Thiago.

Ele me convida para sentar, também peço um café e começamos a conversa. Em princípio ele está curioso sobre mim, de onde venho e por que. Depois que digo ter vindo de Campo

Grande, Mato Grosso do Sul, é impossível não notar sua expressão de surpresa. Ele ressalta não saber muito sobre o Minerva, pois quando entrou para a Rádio MEC os programas já não eram mais produzidos.

Comento que já sabia disso, mas que estava interessado particularmente no programa de debates que ele produziu na Rádio Guanabara, na década de 1990. Ele me disse ser muito organizado e guardar praticamente tudo que tinha feito e produzido (“É mania de velho! Guardo tudo mesmo!”) dizia que, para a rádio, aquele era só mais um programa, que ninguém se preocupava em arquivar as coisas, para além de um curto período de tempo, que quando queriam gravar um outro programa e estavam sem material (um material que custava caro) gravavam “por cima” de programas antigos mesmo, usando as fitas uma, duas, três, quatro vezes... Tantas quantas o material aguentasse.

Eduardo comenta ainda que logo após ter falado comigo ao telefone, no dia anterior, havia procurado em suas coisas algo sobre o programa. Nesse momento ele coloca sobre a mesa duas Fitas k-7ⁱ, guardadas em suas caixas acrílicas marcadas com anotações feitas à caneta "A Voz do Povo - 19/03/90 - Projeto Minerva - P1" e "A voz do Povo - 20/03/90 - Projeto Minerva - P2".

Não deixo de manifestar minha satisfação e emoção ao ver as fitas (eu não havia conseguido algo parecido nem mesmo na Rádio MEC). "É a gravação do programa?" pergunto ainda descrente. Sim, os dois programas. Seu Eduardo (que prefere ser chamado de Dudu, ou Seu Dudu, como eu prefiro) tem realmente tudo arquivado e me fez uma cópia de cada fita.

Pergunto se ele se recorda desse programa, como foi feito, quem eram os participantes. Ele diz não se lembrar muito bem, pois já fazia tempo e haviam sido muitos os programas, mas por ter ouvido um pouco a gravação enquanto copiava as fitas...

Seu Dudu. Me lembro bem da Professora Maria Amélia², uma pessoa respeitável, elegante! A vida toda se dedicou à Educação pelo rádio, tevê. Convivi um pouco com ela na minha passagem pela

² Maria Amélia Garcia. Aposentada, nascida em 1935 na cidade de Barbacena (MG), foi para o Rio de Janeiro (RJ) ainda jovem para concluir seus estudos. Formada em Pedagogia, atuou por muito tempo como Diretora de Assuntos Educacionais da Rádio MEC.

Rádio MEC, lembro de encontrá-la nas reuniões mais gerais que tínhamos lá, com o grupo todo. Acho que ela entrou por conta do Minerva... não sei!

Ele comenta ainda que a Maria Amélia era professora de formação e sempre se interessou pelo rádio, pelas tecnologias. Ele se lembra que ela tinha uma fala clara, “parecia que dava palestra quando falava”, “me lembro que ela contra argumentava o deputado com uma clareza... que este ficava até meio perdido”. Pergunto a ele se se lembrava das outras pessoas.

Seu Dudu. No primeiro programa havia a Maria Amélia de um lado e um deputado de outro³, cada um defendendo um lado da coisa. Nesse tempo todo de programa de debates me ficou muito claro: tudo tem dois lados, ou três, ou quatro... [risos]. O deputado era um sujeito gordo, de terno e gravata. Não sei como não passava mal nesse calor do Rio com aquela pompa toda... Eu nunca fui muito fã de gravatas [risos].

Ele diz que foi fácil convencê-lo a participar do programa, “político adora mídia!”, “bastou falar com um de seus assessores e no outro dia me ligaram confirmando. Muito fácil”. Seu Dudu acha que essa facilidade talvez se devesse ao fato de discutir uma proposta “nova”, que, se fosse para tratar de uma reclamação ou de algum descontentamento do público, “a coisa era outra”. Eduardo comenta ainda que à época não havia entendido muito bem qual era a real proposta do governo, e que a todo intervalo pedia para o locutor, Elias⁴, ser mais incisivo. Ainda assim, pouco conseguiram. Ele recorda também que ambos os debatedores mantiveram suas posições até o fim, sustentando os “dois lados da coisa”.

Seu Dudu. “Foi muito bacana, tivemos dois ouvintes interagindo com a gente. Naquela época nem todo mundo tinha telefone, às

³ Trata-se do Ex-Deputado José Carlos Bulhões, atualmente Senador da República. Nascido em 1955, no Rio de Janeiro (RJ), formou-se em direito e seguiu carreira política por influência da família.

⁴ Elias Carlos do Nascimento Júnior. Locutor, nascido em 1971 em Niterói (RJ), atua como radialista desde os 20 anos de idade. Atualmente é diretor de uma Rádio Comercial em sua comunidade.

vezes as pessoas ligavam de orelhões, imagine só! Ligavam para dar sua opinião, fazer valer sua voz... duas pessoas, foi algo muito bacana!”

Thiago. Foram dois programas?

Seu Dudu. Sim, quando eram temas mais importantes fazíamos isso, para dar tempo de ouvir os convidados. Nosso programa era de uma hora, mas tem muito intervalo (rádio comercial já viu, né?). Eram 4 ou 5 blocos. Se você coloca mais de três pessoas para conversar, alguém vai ficar se sentindo excluído da conversa, porque não deu tempo e tal... Aí fazíamos dois, uns convidados num dia, outros no outro, e sempre convidávamos os participantes de um dia para ouvir o programa no outro e deixávamos o nosso canal via telefone aberto a eles, para que pudessem, caso necessário, interagir.

No segundo programa convidamos outras duas pessoas... era... uma professora⁵... como se chamava? Maria... Arlete? Maria Arlete, Arlete Maria, isso. Arlete Maria, isso mesmo. Era uma professora que tinha trabalhado no polo, lá, junto com os alunos. Ela era de São Paulo, mas estava morando no Rio na Época. Foi difícil encontrar esse pessoal, viu, porque nessa época já não tinha mais... O pessoal já estava disperso. Por isso achei o máximo alguns alunos ligarem! Nesse dia teve mais um ainda que ligou.

Thiago. E quem foi que debateu com ela?

⁵ Arlete Maria do Nascimento. Atualmente está aposentada, nascida em 1960, na cidade de Araras (SP), possui Curso Normal e posteriormente concluiu o curso de Pedagogia.

Seu Dudu. Foi o Joca⁶, o Joaquim Leandro, companheiro de guerra! Ele trabalhou no Minerva, foi redator. Acho que de mais de uma matéria, acho que até de Matemática. Não é fácil não, mas o Joca é ótimo. Sou fã do Joca. Com ele o contato foi fácil porque ele é uma pessoa próxima, e nessa época ele ainda estava na MEC. Pedi para ligarem lá e, de cara, o Joca aceitou o convite.

Lembro que esse programa foi mais uma conversa, quase uma entrevista conjunta, porque eles não se opunham muito, tinham visões diferentes, pois atuaram em áreas diferentes do projeto. Acho que suas falas mais se complementavam do que se opunham. Estava tudo bem tranquilo até as intervenções do público...

Thiago. Houve ligações no segundo programa também?

Seu Dudu. Ah sim, [risos] e que ligações, viu? [risos]

Thiago. Como foi?

Seu Dudu. Bom, não vou estragar a surpresa, só te digo que o deputado Bulhões, hoje senador, ligou novamente para a rádio e falou poucas e boas, e depois um ouvinte, muito de direita, neoliberal mesmo, também ligou. Aí a coisa esquentou um pouco, Foi uma série de programas bastante interessantes. Acho mesmo que deu para todos os ouvintes terem uma noção bacana do que foi o Minerva, de vários ângulos.

Thiago. Entendi.

⁶ Joaquim Vieira Antunes Leandro. Atualmente aposentado, nascido em 1952 em Nova Friburgo (RJ), veio ainda jovem para o Rio de Janeiro (RJ) trabalhar, seu primeiro emprego foi como “boy” em uma rádio comercial, desde então nunca mais “largou o rádio”.

Nos despedimos. Agradei a conversa e a cópia das fitas. Fui para o hotel, a algumas quadras dali, ansioso por ouvir as fitas, mas sabendo que só conseguiria ouvi-las na minha cidade natal, no interior de São Paulo, onde ainda possuo um "DUPLO DECⁱⁱⁱ" para ouvi-las.

Passei mais alguns dias no Rio, trabalhando no acervo da SOARMEC, até poder, finalmente, ouvir as fitas:

Transcrição do Programa A VOZ DO POVO da Rádio Guanabara AM, de 19 e 20 de Março de 1990.

Fita 01 - A Voz do Povo - 19/03/90 - Projeto Minerva - P1

Bloco Um

VINHETA DE ABERTURA:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

VOZ MASCULINA: Quer saber de política, dinheiro / Educação, saúde e emprego! Quer saber de política, dinheiro / Educação, saúde e emprego!

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

VOZ MASCULINA: Quer saber de política, dinheiro / Educação, saúde e emprego! Quer saber de política, dinheiro / Educação, saúde e emprego!

LOCUTOR: A Rádio Guanabara AM apresenta agora o seu espaço, o espaço de todo Brasileiro, está no ar a partir de agora "A VOZ DO POVO".

***Elias Júnior (apresentador):** Olá, está no ar o Programa "A VOZ DO POVO", comigo, Elias Júnior, aqui na Rádio Guanabara AM.*

Em uma série de dois programas vamos falar do Projeto Minerva, uma iniciativa que ofertou muitos cursos via rádio Brasil afora, incluindo o famoso curso Supletivo de Primeiro e Segundo Graus! Mas, em vista do projeto de lei que altera o funcionamento do Ensino a Distância no país, o projeto pode ser extinto. Por isso, traremos para os lares brasileiros a opinião de importantes personagens neste processo:

Está conosco aqui no estúdio a professora Maria Amélia Martins. A professora Maria Amélia coordenou o projeto no período de 1975 a 1983. Bom dia, professora Maria Amélia.

Maria Amélia (professora). Bom dia Elias Júnior, bom dia ouvintes da Rádio Guanabara AM.

Elias Júnior. Conosco também o deputado José Carlos Bulhões, da base parlamentar que propõe alterações no Ensino Supletivo e a Distância. Bom dia, Sr. Bulhões.

José Carlos Bulhões (deputado). Bom dia ouvintes do "A VOZ DO POVO", bom dia Elias, bom dia professora Maria Amélia. É um prazer estar aqui hoje com vocês.

Elias Júnior. Esse debate continua amanhã, quando teremos um ex-monitor do Projeto Minerva, que trabalhou diretamente com os alunos do Projeto e um redator, que trabalhou na produção das aulas. E, é claro, você, que nos ouve agora, mais uma vez conosco.

E pode ligar para a nossa rádio para participar do debate. Não perca. Vamos para um breve intervalo e voltamos em 30 segundos.

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo "A VOZ DO POVO".

Pipoca na panela / Começa a arrebentar / Pipoca com sal / Que sede que dá / Pipoca e guaraná / Que programa legal / Só eu e você / E sem piruá! Que tal? Quero ver pipoca pular (pipoca com guaraná) / Eu quero ver pipoca pular (pipoca com guaraná) / Quero ver pipoca pular, pular / Soy loca por pipoca e guaraná / Ah, ah, Guaraná!ⁱⁱⁱ

Não perca hoje, após o almoço, o “NOTÍCIAS PELO MUNDO”. Ecologistas denunciam: Japão e Itália são os países que mais agridem o meio ambiente. Dor, desespero e medo em Tirana, a capital da Albânia. Milhares de pessoas querem sair do país de qualquer maneira. E no Estádio Olímpico de Roma o duelo entre os dois maiores craques da copa da Itália. Hoje, logo após o “NOTÍCIAS DO MEIO DIA”^{iv}.

As agências do Itaú têm uma novidade para quem tem pressa: balcão eletrônico Itaú. Saques, consultas, transferências. Mais rápido que a pressa. Balcão Eletrônico Itaú, só o cliente Itaú tem.

Não perca hoje no programa “ANÁLISE ECONÔMICA”: o terremoto na economia brasileira causado pelas medidas adotadas pelo Presidente Collor. Bloqueios de Contas Correntes, Cadernetas de Poupanças, *Overnights* e demais fundos de investimento, além do tabelamento de preços dos principais produtos do mercado. Entenda essas e outras medidas e como isso irá influenciar na sua vida. Hoje após “A VOZ DO BRASIL”^v no “ANÁLISE ECONÔMICA”^{vi}.

Você está ouvindo “A VOZ DO POVO”, um oferecimento do Banco Itaú. O Itaú está onde você precisa. Vitasay: onde tem força, energia e saúde tem Vitasay. Spaghetti: Spaghetti é o novo extrato de tomate da Arisco. Brahma e seus revendedores. Brahma Chopp a cerveja número um. E Sadia: nós acreditamos no esporte, hoje e sempre^{vii}. Seguro empresarial Bamerindus, o seguro da livre iniciativa^{viii}.

Bloco Dois

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo “A VOZ DO POVO”.

Elias Júnior. Estamos aqui hoje com a professora Maria Amélia e o Deputado José Carlos Bulhões para falar sobre o Projeto Minerva, ou a extinção dele, não é isso Deputado José Carlos Bulhões?

José Carlos Bulhões. Bom dia, ouvintes de "A VOZ DO POVO", bom dia Professora Maria Amélia. Na verdade, o que temos é uma nova proposta, uma reestruturação mais adequada à sociedade atual. Não podemos mais teimar em velhas formas de ensinar. Veja, o Projeto Minerva foi criado em 1970, há vinte anos atrás, VINTE ANOS! E pelo Governo Militar. Quanta coisa já não mudou em nosso país? Eu diria que hoje temos um novo país! Insistir nesses velhos formatos é não permitir a evolução.

Novas tecnologias estão dominando o mercado, hoje temos dispositivos magnéticos que podem armazenar pilhas de arquivos. Grandes discos de vinil estão sendo substituídos por discos muito menores, que cabem na palma da mão e com qualidade muito melhor. A economia agora é outra. Nossos jovens e adultos precisam estar preparados para enfrentar este novo mundo. Estamos caminhando para um novo século. Queremos nossos jovens NO BRASIL, não lá fora. É incrível o número de jovens que saem do país em busca de emprego! Além disso, o Brasil tem uma nova constituição, é um novo país, também precisa de uma nova educação. O Minerva foi uma iniciativa do Governo Militar, carregado dessa ideologia política, mas o Brasil agora é outro! E a educação precisa ser outra também.

Elias Júnior. Dona Maria Amélia, a senhora concorda com isso, temos uma nova sociedade, precisamos de uma nova educação?

Maria Amélia. Olá, Elias Júnior, olá, Sr. Bulhões. Que nós temos um novo Brasil e uma nova sociedade não há que se negar. No entanto, temos ainda problemas estruturais desde muito antes daquela época, problemas que ainda não foram resolvidos! Iniciativas como o Projeto Minerva tentaram caminhar no sentido de, senão extingui-los, ao menos minimizá-los. E eu diria mais, diria que um bom trabalho foi feito neste sentido. Milhares de pessoas puderam concluir seus estudos de primeiro e segundo graus através do Projeto Minerva. Muitos desses, em regiões ainda pouco acessíveis a outros meios de comunicação. Veio a televisão, o CD, o computador, mas em alguns locais somente o rádio é capaz de chegar! Esse Brasil é muito grande, o que se vive em algumas capitais não pode servir de exemplo para o restante do país, eu e minha equipe, por muito tempo, andamos em lugares que muitos dos nossos políticos nem sonham existir.

José Carlos Bulhões. Tudo bem professora, mas mesmo em estados mais centrais, como é o caso de São Paulo, só para citar um exemplo, um estado cujos monitores são sempre elogiados, geralmente têm até formação específica, temos relatos de que os índices de aprovação eram baixíssimos, chegando algumas vezes a serem próximos de zero, num estado com essa gigantesca população. Se em São Paulo, onde o número de escolas já é grande, onde temos diversas universidades onde, supostamente, professores e monitores podem se formar... Se em São Paulo os índices são tão ruins, o que dirá nos lugares mais remotos, onde não temos professores bem formados ou sequer formados para instruir estes monitores e, por consequência, estes alunos? Que tipo de aprendizado estão tendo estas pessoas? Como podem estar aprendendo algo e não simplesmente perdendo seu tempo? Precisamos garantir a qualidade desse aprendizado. Um aluno que se esforça, que passa cinco dias por semana, deixando sua casa para ir ao radioposto estudar precisa ter resultados. Não é admissível que após tanto estudo nada se consiga aproveitar.

Maria Amélia. Não acho que o senhor esteja sugerindo diminuirmos os níveis dos exames. São Paulo é considerado um estado com os exames mais difíceis de toda Federação. Além disso, monitores bem capacitados (e os do Estado de São Paulo com certeza estão entre os melhores), por si só, não garantem o progresso dos alunos. Aqueles que estavam interessados, aqueles que cumpriam o programa de atividades, que se reuniam cinco vezes por semana, que ficavam ali no radioposto por várias horas, faziam a preparação para a aula com o monitor, revisavam a aula anterior, ouviam a áudio aula, sentavam para discuti-la com o material escrito em mãos, faziam os exercícios propostos, estes eu tenho certeza que passariam em qualquer exame de madureza^{ix}. Esses materiais do Minerva são muito ricos. Temos notícia de que muita gente estuda com eles até para vestibulares, tão ricos eles são. Os professores contratados para elaborar estas aulas são do mais alto gabarito, muitos lecionam em universidades, fazem parte de institutos de suas áreas de trabalho. Poderia citar aqui vários que têm reconhecimento nacional e internacional em suas respectivas áreas de atuação. É evidente que muitos dos alunos não concluem o curso por uma diversidade de fatores, mas quantos conseguiram a conclusão, quantos mudaram suas vidas substancialmente graças ao Projeto Minerva? Pode-se condenar esses tantos resultados positivos pelos números de não concluintes? A não conclusão por parte de alguns pode anular essas mudanças de outros tantos?

Elias Júnior. Professora Maria Amélia, comente um pouco mais sobre esta produção de materiais que a senhora citou, que materiais são esses?

Maria Amélia. Bom, antes de falarmos dos materiais, acho que é preciso pontuar algumas coisas para o nosso ouvinte. O que é o Projeto Minerva? Note, prezado Elias e prezados ouvintes, que eu me refiro ao Projeto sempre no presente, embora ele já se encontre em fase de extinção, que é o que vamos discutir neste programa. O Projeto Minerva é um estratégia de educação pelo rádio, criada no ano de 1971. E como ele funciona? As cidades e regiões interessadas criam, em parceria com o SRE, o Serviço de Radiodifusão Educativa, do MEC, radiopostos, que são lugares onde as pessoas estudam, discutem e ouvem a aula transmitida pelo rádio em cadeia nacional. Essas pessoas são acompanhadas por um monitor, muitas vezes esse monitor é um professor que os ajuda nos estudos, ou alguém que já concluiu este nível de ensino, e essas pessoas recebem, gratuitamente, o material para estudar, os Fascículos, que são como uma apostila bastante completa. Então, temos aqui, basicamente, dois materiais para uma radioaula. O material em áudio (a áudio aula) e o material impresso (o Fascículo). A produção desses materiais é muito complexa e envolve várias etapas.

A áudio aula era lida por locutores profissionais especialmente contratados para isso. Tivemos grandes nomes fazendo as narrações, só para citar um, Sérgio Chapellin, por exemplo, foi locutor do Minerva. Esse material era editado por técnicos de som da Rádio MEC, com vinhetas e sonoplastia própria. A áudio aula era gravada com base em textos trabalhados por nossos redatores, a partir do material que os professores especialistas enviavam para a rádio. Todo esse processo era acompanhado pelos produtores, normalmente com formação em áreas educacionais, e tudo o que era produzido passava por um rígido controle de qualidade, tanto técnico, quanto didático.

Elias Júnior. E o fascículo, como era feito?

Maria Amélia. Quanto ao fascículo, foram dois momentos diferentes. O de primeiro Grau era produzido pelos mesmos professores especialistas e editado por nós e publicado por grandes editoras do país, já que a tiragem era muito alta e tínhamos que enviar esse material para todo o Brasil... e não se podia atrasar, porque o programa do rádio tinha data certa de veiculação. Então os alunos recebiam uma série de fascículos de uma vez. Já para o segundo Grau, nós fizemos parceria com a Fundação Roberto Marinho e com a Fundação Padre

Anchieta. O fascículo era uma produção conjunta, ele servia tanto para acompanhar a aula no rádio, produzida por nós, quanto a aula veiculada pela tevê, pela fundação Roberto Marinho.

Elias Júnior. Senhor deputado, e todo esse material, não é interessante? Não era suficiente para o aprendizado?

José Carlos Bulhões. Bom, que a qualidade desse material deve ser levada em conta, tudo bem. Os autores são do maior gabarito. No entanto, pergunto: como criar um material que atenda às diferentes regionalidades de um país tão grande e diverso? Como se aproximar de problemas tão divergentes sem se tornar, para uns e outros, temas totalmente inócuos, do ponto de vista do interesse pessoal? Não dá! Além disso, precisamos fazer também alguns cálculos. Veja bem, esses professores, redatores e técnicos que trabalhavam na produção das aulas eram contratados exclusivamente para isso, não eram funcionários emprestados da Rádio MEC, que faziam ali um algo a mais. Não! Muito pelo contrário! Funcionários exclusivos e que ganhavam mais, MAIS, do que os redatores e locutores ordinários da rádio. Veja o gasto que isso gerava para trazer resultados tão ínfimos. Sem falar da editora: produzir um livro no Brasil é algo extremamente caro, e o fluxo de material era gigantesco, fora toda a logística que se utilizava para tentar fazer com que este material chegasse a tempo a todos os rincões do país. Quem nunca teve uma carta ou encomenda que chegou atrasada? Agora, multiplique isso por mil, milhares! Quantas vezes estes alunos não ficaram no radioposto esperando por esse material para acompanhar o rádio e o material não chegou!

Maria Amélia. No início isso poderia, sim, ter sido um problema. Hoje em dia, entretanto, temos o tráfego de fitas k-7, com as quais os alunos podem ouvir novamente a aula, acompanhando o material, quantas vezes for necessário. O aluno é o grande condutor do processo, o material se inspira no método intuitivo, feito de forma que o aluno, praticamente sozinho, consiga obter progresso, necessitando o mínimo possível do monitor.

[TEC – o barulho nos alerta: é preciso virar a fita]

Elias Júnior. Bom, estamos aqui com a professora Maria Amélia e com o deputado Bulhões, falando sobre o Projeto Minerva, você conhece o Projeto Minerva? Após o intervalo muito mais discussões sobre ele, não saia daí e não deixe de participar, ligue para a rádio, deixe seu recado, sua opinião, "A VOZ DO POVO" volta já.

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo "A VOZ DO POVO".

"AS MAIS PEDIDAS". O "Top Dez" de hoje tem novidades! Novas músicas chegando ao topo da lista! Ligue e peça sua música. Hoje teremos Mara Maravilha com "Não faz mal"; Gian e Giovane com "Caçador de corações"; Yahoo com "Sonho encantado"; Roupa nova com "Rep And Roll"; Júlio Cesar com "Não aprendi a dizer adeus"; Fafá de Belém e Chitãozinho e Chororó com "Nuvem de lágrimas"; Leandro e Leonardo com "Entre tapas e beijos"; Legião Urbana com "Quando o sol bater na janela do seu quarto"; José Augusto com "Aguenta coração"; Nenhum de Nós com "Sobre o Tempo". Curta essas e outras no seu "AS MAIS PEDIDAS". Ligue, peça sua música, ajude a compor o nosso top 10! Hoje, às 17:30h.

A Nestlé tem o maior prazer de entrar na casa de milhões de consumidores, que confiam no melhor e buscam uma qualidade de vida sem igual: Leites Nestlé, amor por você!^x

[voz do jogador de futebol Zico] A gente logo conhece um craque de futebol, ele tem jogo de cintura e muita garra e quem começa no futebol com um craque assim tem tudo para ser um campeão! [outra voz masculina] Kichute calce esta força!^{xi}

Sadia, o hambúrguer do barulho pede silêncio! [silêncio seguido do barulho de mordida em lanche] Sadia: o hambúrguer do barulho! [barulho de chapa quente fritando]^{xii}.

Você está ouvindo "A VOZ DO POVO", um oferecimento do Banco Itaú. O Itaú está onde você precisa. Vitasay: onde tem força, energia e saúde tem Vitasay. Spagheto, Spagheto é o novo extrato de tomate da Arisco. Brahma e seus revendedores, Brahma Chopp a

cerveja número um. E Sadia: nós acreditamos no esporte, hoje e sempre. Seguro empresarial Bamerindus, o seguro da livre iniciativa.

Bloco Três

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo "A VOZ DO POVO".

Elias Júnior. "A VOZ DO POVO" está de volta, hoje tratando sobre o Projeto Minerva, que pode, a partir de um projeto de lei, deixar de existir. Estamos aqui com a professora Maria Amélia, que coordenou o projeto por muitos anos e o senhor José Carlos Bulhões, deputado da base que elaborou o projeto de lei que traz alterações para o ensino supletivo e o ensino a distância.

Professora Maria Amélia, será uma perda para o país não termos mais o Projeto Minerva?

Maria Amélia. Na verdade, precisamos de uma política que reverta o quadro atual. Manobras políticas como a extinção da portaria número 408 de 1970, estabelecida entre o Ministério da Educação e o Ministério de Comunicações, enfraqueceram de tal forma o Projeto que ele praticamente deixou de existir no início da década de 1980. Sem espaço nas rádios privadas como é possível veicular os programas? As poucas rádios universitárias e comunitárias que existem por ai se dedicam, quase que exclusivamente, à músicas e pequenas campanhas educativas pontuais, relativas à saúde, campanhas comunitárias, mas já não há programas que tentem garantir educação no sentido formal da palavra. Qual programa de rádio ou projeto ataca diretamente o problema da educação formal em nosso país? Aqueles que foram "expulsos" da escola, seja pelo serviço ou pela ausência de condições de transporte, já que muitas vezes as escolas se encontram a longos quilômetros de distância de suas casas, vão estudar como? Como vão concluir os estudos? Temos o caso dos seringueiros da Amazônia, que passam quase toda semana embrenhados na mata extraindo o látex e

voltavam para o vilarejo nos finais de semana. É nestes dias que eles se reuniam com os monitores, e ouvem as aulas pelas fitas k-7 ouviam as aulas, faziam as lições do fascículo. Qual outra opção eles teriam para se aperfeiçoar? A Escola formal não está preparada para atender este tipo de brasileiro, o brasileiro que trabalha todo o dia e tem um pouco espaço de tempo nas suas noites ou no final de semana. O que precisamos é inverter esta reforma. O Minerva ainda tem muito a contribuir, e não só com as pessoas que já participavam dele, mas também com o Ensino Formal. O Minerva poderia ser remodelado, ampliado, ao invés de extinto.

Elias Júnior. Dona Maria Amélia, temos um ouvinte na linha, vamos ouvi-lo:

— Alô, quem fala?

Ouvinte. Alô seu Elias, aqui é o João, João Mourão.

Elias Júnior. Seu João Mourão, está falando de onde?

João Mourão. Aqui do Rio mesmo.

Elias Júnior. Seu João, o senhor conheceu o Projeto Minerva?

João Mourão. Ah sim, eu fiz o primeiro Grau nele, foi muito bom!

Elias Júnior. Conte-nos como foi essa experiência.

João Mourão. Ah, foi muito bom! Eu adorava aquela musiquinha da abertura, era muito legal! E os colegas também, era muito bom, nossa... era um horário que a gente encontrava com uns vizinhos não tão próximos, fiz amizades ali que tenho até hoje, o Nestor até batizou meu filho, compadre Nestor.

Elias Júnior. O Minerva foi importante na sua vida?

João Mourão. Foi sim, eu trabalho desde pequeno, perdi meus pais muito cedo, fiquei com a minha avó, mas sempre tive que trabalhar, não dava para ir pra escola como as outras crianças. Depois de um tempo, já maiorzinho, eu fiz a quarta-série pelo Mobral, numa escolinha lá perto de casa, aí eu terminei o Mobral, mas em 75 a quarta-série ajudava, mas para arrumar um emprego melhor eu precisava de mais estudo, e aí veio o Projeto Minerva. Tinha um movimento pastoral no meu bairro, no salão da paróquia eles montaram um radioposto. Tinha um radinho, uns livros e uma mesa grande de madeira. A gente sentava ali pra fazer as lições, pra ouvir o rádio. E a Dona Marlene era muito boa, uma pessoa muito boa. Ela ficava em cima da gente, não deixava a gente desanimar, ela falava pra gente "tem que estudar, seus filhos estão estudando, como vocês vão ajudá-los no estudo, vocês não querem ficar para trás, não é?". Mas muita gente acabava desistindo.

Elias Júnior. Marlene era a monitora?

João Mourão. Isso, isso, Professora Marlene, uma pessoa muito boa, muito boa mesmo.

Elias Júnior. E esse pessoal que desistia, por que eles saiam?

João Mourão. Ah, apesar da Dona Marlene pegar no pé da gente, um e outro não conseguia, né? A vida é muito difícil. Às vezes tem doença na família, às vezes precisa pegar um extra pra pagar as contas. E na minha época não tinha essas fitas k-7 que a professora está aí falando. Então, se você perdia a aula um dia, dois, por conta de algum problema em casa, pronto, complicava

tudo! Ela ralava pra ensinar a gente, mas era difícil, viu, porque às vezes a gente não tinha outro horário para ir lá, e nem ela, pois ela dava aula em escola durante o dia, prá s crianças.

Elias Júnior. E para terminar, seu João, o que você acha de não termos mais o Minerva?

João Mourão. Ah, eu acho uma pena. Tinha que voltar, viu? Era muito bom e ajudava muita gente. O que que a gente vai fazer sem estudo? Eu fiz todos os meus filhos estudarem, mas quanta gente não estudou? Tem gente no meu serviço, moço novo, eu falo prá eles "tem que estudar pra ser alguém na vida!", mas já viu, né?

Elias Júnior. Está certo seu João. Muito obrigado pela participação, e continue na sintonia.

João Mourão. Obrigado, seu Elias.

Elias Júnior. Esse foi o seu João Mourão, ex-aluno do Projeto Minerva.

Faremos agora um brevíssimo intervalo e já voltamos para ouvir o Deputado José Carlos Bulhões nos contar um pouco mais sobre esta proposta do governo de extinção do Projeto Minerva.

Não saia daí, "A VOZ DO POVO" volta já!

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo "A VOZ DO POVO".

Não perca hoje no programa “ANÁLISE ECONÔMICA”, “O Terremoto na Economia Brasileira” causado pelas medidas adotadas pelo Presidente Collor. Bloqueios de Contas Correntes, Cadernetas de Poupanças, *Overnights* e demais fundos de investimento. Além do tabelamento de preços dos principais produtos do mercado. Entenda essas e outras medidas e como isso irá influenciar na sua vida. Hoje após “A Voz do Brasil” no “ANÁLISE ECONÔMICA”.

[voz do jogador de vôlei Tande] Pra subir na rede, você faz assim ó, joga todo o corpo para cima... pra subir na vida você faz assim com sua caderneta de poupança Banespa: joga todo seu dinheiro lá pra dentro... [outra voz masculina] Caderneta de Poupança Banespa: seu dinheiro rende sempre uma bolada forte e completa! [Tande] Vamos subir?^{xiii}

“Um novo tempo apesar dos perigos, estamos em cena, estamos nas ruas, quebrando as algemas, pra sobreviver, pra sobreviver... pra sobreviver...” Guaraná Brahma, a marca de um novo tempo!^{xiv}

Você está ouvindo “A VOZ DO POVO”, um oferecimento do Banco Itaú, o Itaú está onde você precisa. Vitasay: onde tem força, energia e saúde tem Vitasay. Spaghetto, Spaghetto é o novo extrato de tomate da Arisco. Brahma e seus revendedores. Brahma Chopp, a cerveja número um. E Sadia: nós acreditamos no esporte, hoje e sempre. Seguro empresarial Bamerindus, o seguro da livre iniciativa.

Bloco Quatro

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo “A VOZ DO POVO”.

Elias Júnior. Olá, eu sou Elias Júnior e estamos de volta com o “A VOZ DO POVO”, diretamente da sua Rádio Guanabara AM. Hoje estamos aqui com a professora Maria Amélia, que foi coordenadora do Projeto Minerva, e com o Deputado José Carlos Bulhões, discutindo o Projeto Minerva. Você conhece o

Projeto Minerva, estudou por ele? Conhece alguém que se formou graças ao Projeto? Então ligue para a Rádio, fale com a gente, dê sua contribuição ao nosso debate.

Deputado José Carlos Bulhões, explique melhor essa proposta, vão acabar com o Minerva e colocar o quê no lugar?

José Carlos Bulhões. Elias, é necessário que se esclareça para o nosso público ouvinte: na prática, o Projeto Minerva já não existe há muito tempo. Esta "lacuna" já foi aberta. O que precisamos agora é preenchê-la com outra coisa, colocar algo no lugar, condizente com a realidade de hoje e que possa atingir esses milhares de Brasileiros, como o senhor João Mourão e tantos outros, que precisam de condições diferenciadas para concluir seus estudos.

Elias Júnior. O senhor falou que esta lacuna já está aberta, desde quando?

José Carlos Bulhões. Bom, temos aí vários fatores. O projeto foi morrendo aos poucos. Um primeiro ponto a destacar seria quando da abertura do Segundo Grau. Neste momento se estabelece uma parceria com outros grupos, um deles ligado ao setor privado, e se "terceirizou" a produção dos fascículos, criando uma dependência em relação a estes grupos e mostrando, mesmo que indiretamente, a dificuldade e o quanto oneroso era produzir este material. Não fosse por isso, por que não continuariam com uma produção totalmente independente?

Maria Amélia. Bom, essa é uma questão lógica: eles já estavam produzindo materiais de qualidade para a televisão, então seria muito mais barato utilizar este material conjunto. Além do mais, é preciso que se ressalte, nós tínhamos também a liberdade de interferir na produção deste material, quando víamos algo com que não concordávamos, nos comunicávamos com São Paulo e pedíamos as alterações.

Elias Júnior. Professora Maria Amélia, então esse Material era produzido lá em São Paulo e vocês produziam o áudio aqui no Rio? Como Funcionava isso?

Maria Amélia. Elias, antes dessa parceria cuidávamos de tudo isso, o que era muito trabalhoso, a cada nova editora que ganhava o processo de produção do material impresso, tínhamos que acompanhar toda a diagramação, escolha das imagens, das fotos que acompanhavam as aulas. Eram basicamente duas editoras que tinham porte suficiente para uma produção tão grande quanto essa. Com a parceria do pessoal do Telecurso, ficou um pouco mais fácil, pois nós já recebíamos o Texto Bruto, que já era um bom esboço do que seria impresso, e trabalhávamos em cima dele, podendo, inclusive, enviar de volta a São Paulo as nossas sugestões de alteração, de acréscimos e, nessa época, sempre estávamos lá em São Paulo também, em contato direto com a Fundação Padre Anchieta e a Fundação Roberto Marinho. E eles já tinham uma editora própria, e todo um sistema de distribuição em bancas também, o que facilitava muito todo o processo.

José Carlos Bulhões. Quanto a esse “contato direto” entre as fundações há controvérsias professora. Alguns autores destes materiais para a televisão nem sabiam da sua utilização para o rádio. Veja que complicador: produzir um material achando que este serviria de apoio para a televisão, onde pode-se mostrar uma infinidade de imagens, cores, texturas, e utilizar este MESMO material como suporte para uma aula no rádio. Isso me parece, no mínimo, um grande equívoco.

Maria Amélia. Mas nós construíamos a áudio aula com toda a liberdade e a fazíamos de forma a suprir a ausência de imagens. Para quem pensa televisão, a fala é só mais um elemento; mas para quem pensa o rádio, a palavra ganha outra dimensão. O som, a sonoplastia, criam profundidade, criam mundos ricos na imaginação dos ouvintes. Até mesmo em Matemática, um tema essencialmente visual, nós conseguíamos radiofonizar. Fizemos o que para alguns parecia impossível: rádioaulas de matemática, rádioaulas de Geometria, até, imagine! Tivemos muita dificuldade sim, mas isso só exalta a competência e qualidade de nosso time de professores e redatores que, juntos, encontravam meios de fazer uma "matemática falada". As pausas entre uma fala e outra, entre um número e outro conseguem indicar diferentes operações, parênteses, colchetes e com o auxílio do material escrito essas diferenças podiam facilmente ser identificadas. A própria matemática de sala de aula nos dá essas dicas. No entanto, pela facilidade do apoio visual, essas pausas acabam passando despercebidas. Até mesmo Geometria fizemos pelo rádio!

José Carlos Bulhões. Bom, mas nem todos pensavam assim! Alguns elementos chave do processo de produção do Minerva se retiraram nesta ocasião por não concordarem com esta "reutilização" de materiais. Mas este era apenas o primeiro ponto que eu queria destacar.

O segundo ponto que precisamos observar, refere-se à extinção da portaria 408/70, fundamentada na Lei 5.692/71. Com a portaria 568/80^{xv} extingue-se a portaria anterior, a 408/70, e flexibiliza-se o horário de transmissão obrigatória de programas educativos.

Veja: tínhamos uma lei que OBRIGAVA TODAS, veja bem, OBRIGAVA TODAS as rádios do país a transmitirem o Projeto Minerva após "A VOZ DO BRASIL". Que tipo de democracia nós temos aí? Que democracia é essa se nossas rádios, todos os dias, no mesmo horário, têm que passar determinado tipo de programa, independente de, naquela região, se ter ou não alunos do projeto? Não é à toa que muitos dos que não eram alunos chamavam o projeto de PROJETO ME-ENERVA. Afinal de contas, os que tinham no rádio seu meio de entretenimento e que, por um motivo ou outro, não queriam ouvir notícias ou projetos, tinham que desligá-lo, não podiam nem ao menos mudar de estação. Que tipo de liberdade é essa? E o que isso interferia na programação das rádios?

Elias Júnior. Professora Maria Amélia, esta portaria era uma afronta à democracia?

Maria Amélia. De forma alguma Elias. Os canais de rádio são uma concessão do Governo Federal, ou seja, o governo "permite" que um determinado grupo ou empresa se utilize daquela frequência de rádio com sua programação, permite que o grupo explore esse canal. Nada mais justo do que o governo, que já deixa a empresa explorar todo esse tempo de veiculação, pegue para si, com justificativas muito plausíveis (já que estamos falando em um país com milhares de analfabetos) meia hora de programação obrigatória destinada à educação. Veja: o que é meia hora frente às vinte e tantas que a empresa pode explorar em benefício próprio? O que a ABERT, a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, queria era explorar, além das vinte e tantas, era essa meia hora também. São interesses meramente comerciais e que não levam em consideração a necessidade do povo.

Aliás, permita-me o deputado Bulhões. Precisamos deixar claro quão injustas e descomprometidas são também as pessoas que denigrem o Projeto Minerva chamando-o de “Projeto Me-enerva”. Isso me parece tão incorreto quanto chamar uma pessoa tão comprometida e tão séria, como o deputado Bulhões, de deputado “Embrulhões”...

Elias Júnior (às pressas)• *Estamos falando hoje sobre o Projeto Minerva, com o apoio de Vitasay: onde tem força e energia tem Vitasay. Bamerindus: o seguro da nova iniciativa. E não perca hoje o nosso “Top 10”.*

Professor... é... deputado Bulhões, conte um pouco mais sobre esta portaria, quando ela foi revogada?

José Carlos Bulhões. É... [som de respiração forte] Elias, bom... Esta portaria foi revogada em 1980, já no processo de redemocratização do País. As rádios passaram a ter autonomia de veicular os programas conforme as características da região e do público que atendiam. Isso, ao meu ver, indica que este horário, após a Voz do Brasil, era o melhor horário para essa transmissão. A experiência do telecurso, no período da manhã, tem se mostrado muito eficaz.

Maria Amélia. O senhor quer dizer que, aos poucos, a programação educativa foi sendo alocada em horários cada vez piores, substituindo o que restava de programação educativa por programas de cunho comercial.

José Carlos Bulhões. A verdade, Dona Maria Amélia, é que nem a programação e nem a produção se sustentou, e em 1982, já sob a coordenação de Heitor Salles, a Rádio MEC deixou de produzir programas para o Projeto Minerva. Não se sustentou JÁ QUE NÃO HAVIA MAIS PÚBLICO! E o Brasil já não estava mais interessado numa educação nesses moldes.

Maria Amélia. Claro que o Projeto deixou de ser produzido, deixaram de investir no Projeto, não havia rádio para retransmitir o sinal! Tenho a impressão de que o fato de ter nascido durante a Ditadura militar inviabilizou um curso todo, tão importante para milhares de pessoas. UM ESTIGMA! Nem deram oportunidade para que ele fosse avaliado, repensado. Assim como a Ditadura militar "limpou" os movimentos que havia antes, como o MEB

(Movimento de Educação de Base, ligado à Igreja Católica), o Método Paulo Freire (alfabetizando pessoas em pouquíssimo tempo e dentro dos seus contextos, do dia-a-dia), as Escolas Radiofônicas no Nordeste, todas essas iniciativas foram expurgadas, bem cortadas em sua vitalidade, pela Ditadura. A Ditadura, no máximo, se apropriou de alguns chavões dessas iniciativas em proveito próprio, tirando-lhes a alma. Agora é o que se faz, tal e qual, com o Projeto Minerva: uma Ditadura às avessas. Só por ter sido o Minerva uma estratégia implantada pela Ditadura? Ora, deveríamos ao menos avaliar seus sucessos e fracassos, dar ao Minerva a chance de mostrar suas conquistas, e não simplesmente extingui-lo como um filho indesejado só por ter sido gerado numa época infeliz.

Elias Júnior. Deputado, em linhas gerais, em que consiste a atual proposta de alteração nas iniciativas de Ensino Supletivo e a Distância?

José Carlos Bulhões. Bem, primeiramente, faremos uma reforma na FUNTEVÊ, a Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa, que desde 1982 incorporou o SRE, o Serviço de Radiodifusão Educativa e, com isso, o Projeto Minerva. Criaremos uma nova instituição, a Fundação Roquette-Pinto (FRP), extinguindo de vez essas outras instituições que se “agruparam” sobre o nome de FUNTEVÊ, mas que não dialogam. Manteremos funções e finalidades educacionais e culturais^{xvi}, mas de forma integrada, conjunta. Teremos, a partir de agora, uma nova programação educativa, um convênio entre o Ministério da Educação (MEC) e a Associação Brasileira de Rádio e Televisão (ABERT). Esta programação visa atualizar os PROFESSORES e estimular o envolvimento destes em suas respectivas localidades. Pretendemos investir na formação destes professores, para que estes sim, bem formados, eduquem as crianças e os adultos em suas regiões. A proposta é investir no PROFESSOR para formarmos bons alunos!

Elias Júnior. Ok, faremos um breve intervalo e voltaremos para o nosso último bloco e as considerações finais de nossos convidados. Não saia daí. São só alguns segundinhos e “A VOZ DO POVO” está de volta!

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo "A VOZ DO POVO".

"AS MAIS PEDIDAS". O Top 10 de hoje tem novidades! Novas músicas chegando ao topo da lista! Ligue e peça sua música. Hoje teremos Mara Maravilha com "Não faz mal"; Gian e Giovane com "Caçador de corações"; Yahoo com "Sonho encantado"; Roupa nova com "Rep And Roll"; Júlio Cesar com "Não aprendi a dizer adeus"; Fafá de Belém e Chitãozinho e Chororó com "Nuvem de lágrimas"; Leandro e Leonardo com "Entre tapas e beijos"; Legião Urbana com "Quando o sol bater na janela do seu quarto"; José Augusto com "Aguenta coração"; Nenhum de Nós com "Sobre o Tempo"; curta essas e muito mais no seu "AS MAIS PEDIDAS". Ligue, peça sua música, coloque-a no nosso top 10! Hoje, às 17:30h.

Ajude a preservar o Pau-brasil e outras árvores em extinção. Pegue o cupom onde você compra os produtos Santa Marina, envie e receba grátis sementes e um folheto ecológico. Você e a Santa Marina presenteando o Brasil.^{xvii}

O "ESPAÇO CULTURAL" desta semana homenageia o humorista Mauro Faccio Gonçalves, o Zacarias dos Trabapalhões, que faleceu no último dia 18 no Rio de Janeiro. Não perca essa homenagem e as notícias culturais do Rio, do Brasil e do mundo. É neste sábado, às 9 da manhã, no "ESPAÇO CULTURAL".

Olha que lindo! / Mas você não ia comprar o outro? / É, sim, mas... quando eu vi esse, olha o interior / Nossa! Que painel lindo! / Teto pré-moldado e o maior porta-malas do país! / É, aquele outro não é assim! / É, e esse aqui anda, tem o novo motor 1.6... Ah, quando eu dirigir! / Então deixa eu dar uma voltinha. / Não! Porque não tem seguro, meu amor. / Está querendo dizer que eu não sei dirigir? / Não, não é nada disso, é porque já está escurecendo... Dê uma voltinha no Prêmio CSL90. Você não vai querer comprar outro carro^{xviii}.

Economize! Vacine-se conta a inflação. A saúde do Brasil agradece!^{xix}

Você está ouvindo "A VOZ DO POVO", um oferecimento do Banco Itaú, o Itaú está onde você precisa. Vitasay: onde tem força, energia e saúde tem Vitasay. Spagheto. Spagheto é o novo extrato de tomate da Arisco. Brahma e seus revendedores. Brahma Chopp, a

cerveja número um. E Sadia: Nós acreditamos no esporte, hoje e sempre. Seguro empresarial Bamerindus, o seguro da livre iniciativa.

Bloco Cinco

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo "A VOZ DO POVO".

Elias Júnior. Você está ouvindo "A Voz do Povo", e estamos de volta com nossa discussão sobre o projeto Minerva. Agora no nosso último bloco! Você, ouvinte, quer participar? Ligue agora para nossa rádio e fale conosco. Faça seu comentário, sua pergunta! Estamos aqui com o deputado José Carlos Bulhões e com a professora Maria Amélia.

Nós terminamos o último bloco falando sobre a nova proposta, colocada pela base governista da qual faz parte o Sr. Bulhões. A ideia é alterar a estrutura da FUNTEVE, então?

José Carlos Bulhões. Sim, a FUNTEVE (Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa) vem desde 81, 82 cuidando da área de comunicação do MEC. À FUNTEVE foram incorporados a Secretaria de Aplicações Tecnológicas (SEAT), o Centro Brasileiro de Televisão Educativa e o Serviço de Radiodifusão Educativa (que é onde está o Minerva), e alguns outros centros de rádio, tevê e cinema educativos. Nela, a prioridade fundamental era a Educação Básica e o desenvolvimento cultural. Já na Fundação Roquette-Pinto vamos focar a formação do professor. Precisamos caminhar para o futuro, afinal, o Brasil é o país do futuro! Precisamos saltar para este futuro! Um salto para o futuro^{xx} através da educação, apostando na formação e na especialização dos professores.

Elias Júnior. Professora Maria Amélia, em linhas gerais, um balanço do Projeto Minerva.

Maria Amélia. O Projeto Minerva já atendeu a, no mínimo 300.000 pessoas, fora aquelas que ouviam livremente e aprimoravam seus estudos sem que soubéssemos. Destes, em torno de 60.000 solicitaram os Exames de Madureza. No geral, o índice de aprovação ficou em torno de 33%^{xxi}, ou seja, ao menos 20.000 brasileiros mudaram de vida, puderam dar continuidade a seus estudos. Muitos desses eram chefes de família que, por consequência, alteraram também a vida de seus familiares, esposas, filhos. Investir no professor é importante, certamente, mas não podemos esquecer daqueles que já estão aí, que por injustiça de nossa distribuição social ficaram à margem do processo de ensino e que, em tempo, precisam dessa oportunidade. Estas propostas governamentais surgem e se vão como quem troca de roupa. Temos a nítida impressão que a mudança é feita apenas pela mudança, apenas para não corroborar com propostas que venham de governos anteriores, tenham elas dado certo ou não. Vejo a mudança proposta como apenas mais uma deste tipo.

Elias Júnior. Em nossa última rodada de perguntas, o rádio ainda tem contribuições para dar, Dona Maria Amélia?

Maria Amélia. Já deu e ainda pode dar! O Projeto Minerva, que é via rádio, reestruturou o panorama das Secretarias de Educação dos Municípios, deu novas perspectivas para os que trabalham com educação nesse país todo, chegando a pontos em que nem a televisão ainda chegou. Além do mais, não basta chegar o sinal de televisão, precisa haver o televisor, energia elétrica. Já com o rádio é diferente: o rádio funciona até mesmo com pilhas. Ainda temos aldeias e vilarejos isolados no meio da mata, ainda temos povoados caiçaras vivendo em ilhas. Estas pessoas não têm direito à Educação Formal? O rádio é um veículo barato e rápido, não tenho dúvidas que ele ainda tem muito a contribuir com a educação em nosso país!

Elias Júnior. Deputado Bulhões, precisamos, então, renovar?

José Carlos Bulhões. Não há dúvida, Elias! Devemos enterrar este passado obscuro em nosso país de uma vez por todas. Houve contribuições? Pessoas se

alfabetizaram? Sim, mas agora estamos num outro momento, precisamos de outras coisas! E é isso que a Fundação Roquette-Pinto, que faz uma homenagem ao patrono do Rádio e da Tevê no Brasil, vai fazer. Vamos capacitar um dos personagens mais importantes num processo de ensino, o Professor!

Elias Júnior. Estamos Finalizando, mas parece que tem um ouvinte na linha. Vamos falar rapidamente com ele.

__ Bom dia, quem fala e de onde?

Ouvinte 2. Olá, aqui é o Antônio Guedes da Silva, de São Paulo.

Elias Júnior. O senhor estudou pelo Projeto Minerva?

Antônio Guedes da Silva. Estudar eu não estudei, mas eu acompanhava os programas pelo Rádio do carro. Eu sou taxista há trinta anos, quase sempre cobria o turno da noite. Eu nunca tive como estudar direito e achava um barato ouvir as aulas, principalmente as de história. Gosto muito de ouvir e contar histórias. Gostava muito das de português também, porque sempre ajudava a gente a consertar uns errinhos que a gente comete quando fala, né?!

Elias Júnior. E tinha alguma que você não gostava?

Antônio Guedes da Silva. Olha, para falar a verdade eu nunca gostei muito de Matemática não. Eu até sei fazer o troco certinho, as continhas lá de casa eu me viro bem, mas passou disso a coisa complica. Me lembro que no rádio falava umas coisas que eu não fazia menor ideia do que estavam falando. Não sei, talvez se eu tivesse os livrinhos ou as fitas que falaram aí, até desse conta, mas só ouvindo não dava não.

Elias Júnior. Sr. Antônio, muito obrigado pela participação do senhor, infelizmente nosso tempo está esgotado. Gostaria de agradecer a você, ouvinte do "A Voz do Povo", que sempre nos acompanha, à Professora Maria Amélia que esclareceu pontos importantes a respeito do funcionamento do Projeto Minerva.

Maria Amélia. Muito obrigado pela oportunidade Elias, e muito obrigado, ouvinte.

Elias Júnior. E também ao Deputado José Carlos Bulhões que apresentou seus argumentos em favor da proposta do seu partido que modifica o funcionamento dos meios de comunicação voltados à educação em nosso país.

José Carlos Bulhões. Obrigado Elias Júnior, obrigado aos ouvintes do "A VOZ DO POVO". É muito bom poder esclarecer nossas propostas.

Elias Júnior. Gostaria também de convidar a todos a ouvirem nosso programa de amanhã, que estará com Joaquim Leandro, redator do projeto por alguns anos, e com a senhora professora Arlete Maria, monitora do projeto no interior do Estado de São Paulo. Um muito bom dia a todos. Aguardamos vocês amanhã!

VINHETA DE ENCERRAMENTO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

VOZ MASCULINA: Quer saber de política, dinheiro / Educação, saúde e emprego! Quer saber de política, dinheiro / Educação, saúde e emprego!

LOCUTOR: A Rádio Guanabara AM apresentou "A VOZ DO POVO", o espaço de todo brasileiro.

Fita 02 - A Voz do Povo - 20/03/90 - Projeto Minerva - P2

Bloco Um

VINHETA DE ABERTURA:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

VOZ MASCULINA: Quer saber de política, dinheiro / Educação, saúde e emprego! Quer saber de política, dinheiro / Educação, saúde e emprego!

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

VOZ MASCULINA: Quer saber de política, dinheiro / Educação, saúde e emprego! Quer saber de política, dinheiro / Educação, saúde e emprego!

LOCUTOR: A Rádio Guanabara AM apresenta agora o seu espaço, o espaço de todo brasileiro. Está no ar, a partir de agora, "A VOZ DO POVO".

Elias Júnior (apresentador): Olá, está no ar o Programa "A VOZ DO POVO", comigo, Elias Júnior, aqui na sua Rádio Guanabara AM.

Hoje apresentamos o segundo programa sobre o Projeto Minerva, um curso que ofertou educação via rádio a muitos locais do Brasil, das grandes cidades ao mais longínquo rincão. Essa série de dois programas foi elaborada em vista do projeto de lei que altera o funcionamento do Ensino Supletivo no país e que pode extinguir de vez o Projeto Minerva.

Está conosco hoje, aqui no estúdio, a professora Arlete Maria do Nascimento, que foi monitora no Projeto lá no interior de São Paulo, na cidade de Araras. Bom dia, professora Arlete Maria.

Arlete Maria (Monitora). Bom dia Elias, bom dia ouvintes da Rádio Guanabara AM, tudo bem com vocês?

Elias Júnior. Seja bem-vinda professora! Está conosco também um redator de peso da Rádio MEC, com muita estrada no Rádio, o Sr. Joaquim Leandro, mais conhecido no interior das Rádios como Joca. Joca foi um dos redatores desse famoso projeto. Não é isso Joca, aliás, Joca ou Joaquim Leandro?

Joaquim Leandro. Olá, Elias, olá, professora, olá, amigos ouvintes! Muito bom dia a todos! É isso mesmo, Elias. Fui redator do Minerva por muito tempo, redigi muitas aulas, das mais diversas matérias. E pode me chamar de Joca mesmo, é um apelido carinhoso de infância.

Elias Júnior. Estamos aqui hoje para falar novamente do Projeto Minerva. Ontem o nosso programa contou com a presença do Deputado José Carlos Bulhões, que defende a implementação de uma nova legislação para a Educação a Distância, e com a Professora Maria Amélia, que por muitos anos esteve à frente do Projeto Minerva. A Professora Maria Amélia defendeu a importância e as potencialidades do Projeto Minerva e do Ensino radiofônico nos dias de hoje. Pudemos contar também com dois ouvintes, ex-alunos do Projeto que se manifestaram e deram suas opiniões.

A posição do Deputado Bulhões ficou marcada pela necessidade de mudança, de modernização do ensino, acompanhando as novas tecnologias, e por ter apontado os baixos índices de aprovação em alguns estados, o que, segundo ele, reforça a necessidade de alterar a legislação que regulamenta o ensino pelos diversos meios de comunicação de massa.

Já a Professora Maria Amélia destacou que o rádio, por ser barato, pode chegar a lugares onde, ainda hoje, outras tecnologias não chegam, além de destacar o fato dos materiais do Minerva serem muito bons. Maria Amélia argumenta em favor da releitura e da modernização do Projeto, sendo contrária à sua extinção.

Hoje ouviremos a posição de outras duas pessoas muito importantes nesse processo, uma monitora e um redator. Não saia daí, voltamos rapidinho, após o intervalo! Trinta segundinhos e “A VOZ DO POVO” está de volta!

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo “A VOZ DO POVO”.

Muitas lojas anunciam os menores preços, a Mesbla faz mais do que isso, lança um desafio: se você encontrar em qualquer seção da Mesbla, qualquer produto igual, da mesma marca, com o preço a vista maior que o anunciado em jornais pela concorrência local, a Mesbla dá o produto de graça pra você. Você só precisa trazer o anúncio ou o encarte até o dia seguinte ao que foi publicado. Mesbla, menores preços todo dia, toda hora, em toda loja^{xxii}.

Não perca hoje, após o almoço, o “NOTÍCIAS PELO MUNDO”. União Soviética corta subvenções e muda preços. O Presidente Mikhail Gorbachev aprova medidas econômicas para abrir a União Soviética para o mercado estrangeiro. Ladrões fazem o maior roubo de arte da história dos Estados Unidos. Problemas de câmbio atrapalham a Fórmula-1. Com a caça ao cruzeiro, equipes não conseguem trocar dinheiro. Hoje, logo após o “NOTÍCIAS DO MEIO DIA”^{xxiii}.

O que é o que é? Não é campeão do mundo mas supera qualquer adversário? Elefante, o extrato de tomate mais vendido do Brasil!^{xxiv}

“AS MAIS PEDIDAS”. Não perca nosso programa de hoje, só com as melhores! Todo dia com novas músicas no topo da lista! Ligue e peça sua música. Hoje teremos Kiko Zambianchi com “Hey, Jude”; Almir Sater com “Chalana”; Yahoo com “Sonho encantado”; Beto Barbosa com “Preta”; Júlio Cesar com “Não aprendi a dizer adeus”; Fafá de Belém e Chitãozinho e Chororó com “Nuvem de lágrimas”; Leandro e Leonardo com “Entre tapas e beijos”; Legião Urbana com “Quando o sol bater na janela do seu quarto”; Colin Hay Band com “Into My Life”; Nenhum de Nós com “Sobre o Tempo”; curta essas e muito mais no seu “AS MAIS PEDIDAS”. Ligue e peça sua música, coloque-a entre as melhores! Hoje, às 17:30h.

Você está ouvindo “A VOZ DO POVO”, um oferecimento do Banco Itaú. O Itaú está onde você precisa. Vitasay: onde tem força, energia e saúde tem Vitasay. Spaghetto. Spaghetto é o novo extrato de tomate da Arisco. Brahma e seus revendedores. Brahma Chopp, a cerveja número um. E Sadia: nós acreditamos no esporte, hoje e sempre. Seguro empresarial Bamerindus: o seguro da livre iniciativa.

Bloco Dois

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo “A VOZ DO POVO”.

Elias Júnior: Estamos de volta com “A voz do povo” para debater o Projeto Minerva, que já qualificou muita gente pelo Brasil afora. É isso, Professora Arlete Maria?

Arlete Maria. Oi, Elias, é isso mesmo! Muita gente foi atendida pelo Projeto Minerva. Na minha cidade mesmo, que era pequena, tinha muita gente, pai de família, senhores, senhoras de mais idade, tinham alguns moços novos também, mas que já tinham saído da escola a muito tempo. Muitos deles tinham se alfabetizado pelo Mobral, mas tínhamos que trabalhar tudo de novo, tinha que “pegar na mão de cada um” para ir fazendo, sabe? De vez em quando eu

encontrava ainda um ou outro pela rua: era uma alegria! Eles vinham me cumprimentar, agradeciam... “se não fosse a senhora eu ainda não saberia ler nem escrever”, “minha vida mudou depois do Minerva”, eles falavam coisas maravilhosas, nossa! Muito bom! Tenho saudades daquela época.

Elias Júnior. A senhora comentou que ajudava alfabetizar, mas eles já eram alfabetizados pelo Mobral. O Mobral não dava conta dessa etapa?

Arlete Maria. Olha Elias, às vezes não! Porque é muito difícil alfabetizar depois de adulto. Aí o Mobral vinha, passava um monte de coisas, mas aquilo não ficava, eles não conseguiam absorver tudo aquilo. Então tinha que vir e trabalhar tudo de novo, alfabetizar mesmo. Às vezes escreviam o nome, uma frase simples, mas não passava disso.

Elias Júnior. Joca, vocês produziam esse material de alfabetização?

Joca. Bom, na verdade esse não era o foco do Projeto Minerva, porque essa parte quem fazia era o Mobral. O Projeto Minerva trabalhava na segunda fase do Primeiro Grau, as últimas séries e o Segundo Grau. O material não contemplava a alfabetização. Obviamente que o pessoal usava este material de diversas formas, mas havia uma sistemática de uso dele.

Arlete Maria. Sim, mas nós tínhamos que adaptar para a realidade local o professor. Nós tínhamos que fazer o que era possível naquela época. O pessoal chegava sem saber ler nem escrever direito, como fazia? Como ensinar as outras coisas? Não ensinava, tinha que reaprender a ler primeiro. É lógico que tinha gente mais avançada, que conseguia ir sozinho, mas nem todos.

Elias Júnior. E como era a aula da senhora?

Arlete Maria. Bom, o pessoal vinha, se inscrevia, a gente fazia campanha, no rádio mesmo, dizendo que ia abrir turma e tal, aí o pessoal vinha... se inscrevia e começava a fazer. Todo dia de segunda a sexta a gente se reunia, nossa! Era um

grupo muito bom, pessoas muito boas! Aí a gente estudava o caderninho com a lição do dia, eu ia explicando pra eles as coisas que estavam ali, íamos lendo juntos o caderninho, porque tinha gente que não conseguia ler sozinho. Aí a gente lia, eu explicava as palavras que eles não conheciam, não sabiam... ia falando... ah, era muito bom! Depois a gente ouvia o rádio, ligava o radinho para ouvir, nossa era muito bom! Aquela musiquinha na hora que ia começar, lembro até o hoje. E o pessoal gostava, porque naquela época, televisão não era assim... sabe? Era o rádio, era o rádio que dava notícia, que informava, que tocava as músicas pro pessoal distrair...

Elias Júnior. Joca, esse material que a professora está falando era todo produzido lá na Rádio?

Joca. Bom, uma parte dele sim, saia tudo daqui, mas a impressão do material escrito era feita fora, numa grande editora, às vezes do Rio, às vezes de São Paulo. Eu trabalhava numa parte desse material. A sistemática de produção era muito bem organizada, e muito rígida. O pessoal queria fazer um material de excelência. Tinha uma equipe central que gerenciava tudo. Eles entravam em contato com os professores de cada matéria, que vinham à Rádio para trazer o material, era uma aula, algumas vezes como se fosse um livro, às vezes com alguns diálogos, professor e aluno. Quando vinha como se fosse um livro dava muito trabalho para criar um contexto de lugar, de pessoas, de falas para esses conteúdos. Mas a maioria já trazia alguns diálogos. Eles sabiam que era para o rádio, e isso já ajudava bastante. Obviamente que tinha uma série de cuidados para o texto radiofônico que esses professores não tinham (e não tinham como ter). Coisas muito específicas. Me lembro de um professor de língua portuguesa que montava uma verdadeira peça teatral, sugeria até a música de entrada e tudo mais [risos].

Elias Júnior. Professora, a senhora lembra desses programas de rádio?

Arlete Maria. Ah, lembro sim, lembro muito bem. Eram muito bons, as músicas eram boas, os locutores tinham uma voz linda, eles falavam bem devagar pro pessoal entender, aí eles falavam pra gente olhar uma figura, uma foto no caderninho, davam um tempo pra gente ir olhar. Lembro que tinha os sons do ambiente, parecia que a gente estava lá, sabe? Ia falar da cidade, aí tinha barulho de carro, de gente passando. Ia falar da fazenda tinha o barulho dos bichinhos. Nossa, era muito bom!

Elias Júnior. *Vocês estudavam o material e depois terminavam a aula ouvindo o rádio?*

Arlete Maria. Não, não! O rádio era o ponto forte, mas não terminava aí. Depois a gente pegava o caderninho de novo, e ia fazer a lição, ia discutir com o grupo, o que eles entenderam, o que não entenderam. A gente ficava ali mais um tempinho. E aí conversava, né? Isso era muito bom! Daquele tema da aula a gente já puxava pra nossa realidade, pras coisas que estavam acontecendo. E assim ia.

Elias Júnior. *Joca, qual era sua participação nessa produção?*

Joca. Bom, como eu disse, esse material que os professores entregavam tinha dois destinos: um era virar rádio, e aí vinha para minha mão, e o outro era virar fascículo, esse caderninho que a professora falou.

Elias Júnior. *Sim.*

Joca. Esse material vinha pra mim e eu tinha que redigir um roteiro, o *Script* do programa. Ali eu tinha que acrescentar todas as notas de sonoplastia, entrada de som, vinhetas, indicação do locutor, da locutora, algum outro personagem que tivesse naquele programa. Nós tínhamos a preocupação de o aluno gostar daquilo que ouvia, que pudesse se identificar ali, que fosse algo educativo, mas também prazeroso. Sabíamos que nosso público era um público muito

especial, de pessoas de mais idade, trabalhadores, que estavam ali à noite já tendo trabalhado o dia todo e cheios de compromissos em casa, família...

Eu redigia este material, a equipe central revisava tudo, às vezes consultava o professor. Lembro do caso de matemática. Foi algo bastante complicado. Tive que sentar com o professor, para que ele me desse alguma orientação de como fazer aquilo. Olha, não era fácil, não, Elias!

[TEC – o barulho indica que devemos virar a fita]

Elias Júnior. Bom, estamos aqui hoje com a professora Arlete Maria e com o redator Joaquim Leandro, o Joca, falando sobre o Projeto Minerva. Você conhece o Projeto Minerva? Após o intervalo fique sabendo mais sobre ele. Não saia daí e não deixe de participar. Ligue para a rádio, deixe seu recado, sua opinião, "A VOZ DO POVO" volta já.

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo "A VOZ DO POVO".

"ANÁLISE ECONÔMICA" de hoje traz para você "Atrasos e Desinformação marcam a reabertura dos bancos". Após anúncio do novo plano econômico, os bancos viraram verdadeiros confessionários, com clientes desesperados buscando alternativas com seus gerentes. Um verdadeiro esquema de guerra teve que ser adotado pelos bancos em todo o Brasil. Não perca essas e outras notícias. Hoje, após "A Voz do Brasil", no "ANÁLISE ECONÔMICA"^{xxxv}.

A Nestlé tem o maior prazer de entrar na casa de milhões de consumidores que confiam no melhor e buscam uma qualidade de vida sem igual. Leites Nestlé, amor por você!

[voz do jogador de futebol Zico] A gente logo conhece um craque de futebol, ele tem jogo de cintura e muita garra, e quem começa no futebol com um craque assim tem tudo para ser um campeão! [outra voz masculina] Kichute: calce esta força!

Sadia, o hambúrguer do barulho pede silêncio! [silêncio seguido do barulho de mordida em lanche] Sadia, o hambúrguer do barulho. [barulho de chapa quente fritando].

Você está ouvindo "A VOZ DO POVO", um oferecimento do Banco Itaú. O Itaú está onde você precisa. Vitasay: onde tem força, energia e saúde tem Vitasay. Spagheto. Spagheto é o novo extrato de tomate da Arisco. Brahma e seus revendedores. Brahma Chopp, a cerveja número um. E Sadia: nós acreditamos no esporte, hoje e sempre. Seguro empresarial Bamerindus: o seguro da livre iniciativa.

Bloco Três

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo "A VOZ DO POVO".

Elias Júnior. "A VOZ DO POVO" está de volta, hoje tratando novamente sobre o Projeto Minerva, que pode, a partir de um projeto de lei, deixar de existir. Hoje estão compartilhando suas experiências conosco a professora Arlete Maria do Nascimento, que atuou como monitora no Estado de São Paulo e Joaquim Leandro, que foi redator desse projeto e que estava nos contando um pouco sobre como foi escrever as aulas radiofônicas.

Elias Júnior. Joca, vocês fizeram até matemática pelo rádio então?

Joca. Elias, fizemos sim, viu! Foi muito sofrido, mas eu acho que o resultado ficou muito bom! Às vezes só conseguíamos indicar as figuras no fascículo, guiar o aluno no estudo, mas algumas vezes conseguíamos fazer algo diferente. Acho que reinventamos a matemática, viu!? [risos]

Eu ficava imaginando como um aluno cego aprendia matemática, como que ele pensava os números, a geometria, porque ele tem um senso geométrico muito melhor que o nosso!

Depois, o material que eu elaborava seguia para o pessoal da gravação, que estudava tudo isso, preparava estúdio e tal... e gravavam. Pessoas extraordinárias trabalharam com a gente nesse processo. Tinha até uma certa bronca, sabe? Tinha bronca porque todo esse pessoal que trabalhava no Minerva não era da rádio, era de fora, e convivia ali, no mesmo espaço. Até no salário parece que tinha diferença. Aí já viu, né? Não sei por que não aproveitavam o pessoal da Rádio, sinceramente não sei.

Bom, então esse material virava áudio, virava som, estava pronto para ser transmitido e retransmitido pelo Brasil todo, via estações retransmissoras e satélite. Até hoje às vezes fico pensando se essa expansão toda não tinha mais a ver com inserir uma “célula” do governo nesses locais do que com a questão da educação em si. Bom, mas aí é uma outra conversa.

Elias Júnior. Professora Arlete, então vocês aprendiam até Matemática pelo rádio?

Arlete Maria. Sim, Elias, tudo pelo rádio, pelo rádio e pelo caderninho, né? O pessoal tinha muita dificuldade. Às vezes eles não entendiam o que estavam falando ali, eu tinha que “pegar na mão deles”. Matemática era difícil, viu? E eu nunca gostei de matemática... [risos] eu sempre fugia um pouco sabe! [risos]. Mas tinha de tudo, o material era muito bom! Nossa, muito bom!

Elias Júnior. Joca, você disse que essa era uma parte do processo de produção, que era o áudio, e a outra, como era?

Joca. Bom, a outra eu não vou saber te dizer com muita riqueza de detalhes, mas sei que o material que o professor entregava era editado para virar os fascículos. Tínhamos algum contato com isso porque o áudio tinha que se

relacionar com o fascículo. Não eram iguais, mas complementares: o fascículo “ilustrava”, dava imagens ao som. Esses fascículos eram feitos por editoras grandes, distribuía para o Brasil todo. Os alunos recebiam de graça esse material, era um investimento muito grande do Governo Federal.

Elias Júnior. *Então os alunos recebiam isso de graça?*

Joca. Bom, na verdade o Primeiro Grau me lembro que foi assim, já o Segundo Grau... Bom, aí mudou um pouco a coisa: tinha uma parceria com uma empresa e uma fundação, era um material feito para a televisão e o rádio aproveitava isso... esse fato gerou um certo desconforto em alguns lá da rádio, pessoas importantes foram embora... nessa época eu acho que o aluno comprava em bancas de revista. Não era caro, mas a gente percebia que o Minerva estava mudando, Uma coisa aqui, outra ali... tínhamos até uma certa liberdade na produção do áudio dessas aulas, mas nesse momento nosso contato com quem escrevia o fascículo era mais restrito. Nunca cheguei a conhecer o pessoal que escrevia para o Segundo Grau.

Elias Júnior. *Professora Arlete Maria, a senhora lembra desses fascículos?*

Arlete Maria. Os Caderninhos? Sim, claro que lembro, eram muito bons! Tinha sempre muitas fotos, desenhos, as lições que eram para ser feitas. Lembro que tinha uma ficha na parte de trás da capa, que todo aluno tinha que preencher. Por ali que a gente começava a descobrir se o aluno sabia ou não escrever, por que tinha que colocar o nome completo, o endereço. Funcionava como se fosse uma provinha [risos].

Até pouco tempo atrás eu ainda tinha vários deles guardados. A gente recebia pela secretaria da educação. Assim que chegavam eles já levavam lá para a gente ou avisavam pra gente ir buscar, por que fazer a aula sem o caderninho era nossa, muito difícil, muito difícil... e às vezes acontecia né, por que às vezes atrasava. Era difícil, mas acontecia... e os dois eram juntos... O caderninho e a

aula no rádio... eram... complementares, né? Um sem o outro era bem difícil, viu?!

Elias Júnior. *E acontecia o contrário, de vocês ficarem com os fascículos mas sem o áudio?*

Arlete Maria. Ah sim! Acontecia sim. O rádio estragava, né?! Não sei se não era um rádio muito bom ou o que era, né? Mas às vezes, estragava. Aí a gente levava para consertar. Mas às vezes, dependendo da peça... demorava um pouco, né?! Interior, você já viu: tinha que mandar vir a peça de São Paulo... Nossa, era complicado! Mas quando demorava assim, a gente... é... arrumava o radinho de alguém. Alguém trazia de casa, emprestava do serviço, por que era muito ruim sem o radinho, sabe?

Elias Júnior. *Joca, essa transmissão era feita diretamente da Rádio MEC?*

Joca. Bom, havia todo um sistema de transmissão. A Rádio MEC não tem sinal para enviar para todo o Brasil, aí se monta o que chamamos de cadeia, assim como ainda hoje é feito com a Voz do Brasil. A Rádio MEC enviava fitas para as emissoras onde não era possível mandar o *link*, para que elas possam transmitir, e enviam o *link* para outras estações, que retransmitem o sinal para sua região, cobrindo grande parte do território brasileiro.

Elias Júnior. *Havia então regiões onde mesmo essas ondas de Rádio não chegam?*

Joca. Sim, havia e ainda há! Não chegam com qualidade e aí é importante destacar que, se o rádio, que tem uma grande amplitude não chega, imagine os outros sistemas de comunicação. Tem lugares em que nem mesmo a tevê, com toda sua popularidade, pode chegar.

Arlete Maria. Sr. Joca, não sei por quê, mas lembro que uma época ficamos sem sinal, nunca entendi por que isso acontecia.

Joca. Bom, Dona Arlete. Aí tem umas coisas complicadas de se dizer, mas hoje acho que já podemos tocar em alguns desses pontos! Uma delas é a precariedade de alguns equipamentos que estão por aí rodando e em funcionamento. Muitas retransmissoras tem equipamentos péssimos, em especial algumas públicas. Aí é simples: os equipamentos não transmitem um sinal de qualidade e qualquer interferência tira a rádio do ar por algum tempo. Outro fator relacionado a isso é que esses equipamentos estragam, e poucas rádios têm condições de ter um equipamento reserva, para não ficar sem sinal. Mesmo as particulares têm essa dificuldade.

Agora, o que era realmente complicado, e isso ficávamos sabendo depois, é que muita estação, descontente com a obrigatoriedade daquela programação, simplesmente desligava seus transmissores na hora do programa! Isso é muito grave! Eles davam um jeito de burlar a lei. Um ato criminoso! Imagine nesse brasilzão afora aí, em regiões onde não há muita fiscalização. Alguns fazem o que querem e o que bem entendem! Algo criminoso! É criminoso!

Elias Júnior. É verdade. Faremos agora um brevíssimo intervalo e já já voltamos para ouvir um pouco mais das histórias do Projeto Minerva, com a professora Arlete Maria e o redator Joaquim Leandro.

Não saia daí, "A VOZ DO POVO" volta já!

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo "A VOZ DO POVO".

"AS MAIS PEDIDAS". Não perca nosso programa de hoje, só com as melhores! Todo dia com novas músicas no topo da lista! Ligue e peça sua música, hoje teremos Kiko Zambianchi com "Hey Jude"; Almir Sater com "Chalana"; Yahoo com "sonho encantado"; Beto Barbosa com "Preta"; Júlio Cesar com "Não aprendi a dizer adeus"; Fafá de Belém e

Chitãozinho e Chororó com “Nuvem de lágrimas”; Leandro e Leonardo com “Entre tapas e beijos”; Legião Urbana com “Quando o sol bater na janela do seu quarto”; Colin Hay Band “Into My Life”; Nenhum de Nós com “Sobre o Tempo”. Curta essas e outras no seu “AS MAIS PEDIDAS” Ligue, peça sua música. Coloque-a entre as melhores! Hoje, às 17:30h.

[voz do jogador de vôlei Tande] Pra subir na rede, você faz assim ó: joga todo o corpo para cima... pra subir na vida você faz assim com sua caderneta de poupança Banespa: joga todo seu dinheiro, lá pra dentro... [outra voz masculina] caderneta de poupança Banespa, seu dinheiro rende sempre uma bolada forte e completa! [Tande] Vamos subir?

“Um novo tempo / apesar dos perigos, / estamos em cena, / estamos nas ruas, / quebrando as algemas, / pra sobreviver, / pra sobreviver... / pra sobreviver...” Guaraná Brahma: a marca de um novo tempo!

Você está ouvindo “A VOZ DO POVO”, um oferecimento do Banco Itaú. O Itaú está onde você precisa. Vitasay. Onde tem força, energia e saúde tem Vitasay. Spaghetto. Spaghetto é o novo extrato de tomate da Arisco. Brahma e seus revendedores. Brahma Chopp, a cerveja número um. E Sadia: nós acreditamos no esporte, hoje e sempre. Seguro empresarial Bamerindus: o seguro da livre iniciativa.

Bloco Quatro

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo “A VOZ DO POVO”.

Elias Júnior. Olá, eu sou Elias Júnior. Estamos de volta com “A VOZ DO POVO”, diretamente da sua Rádio Guanabara AM. Hoje estamos aqui com a professora Arlete Maria, monitora do Projeto Minerva, e com o redator Joaquim Leandro, o Joca, conversando sobre o Projeto Minerva que pode

acabar. Se você conhece o Projeto Minerva, e quiser contar sua história, ligue para a Rádio. Fale conosco. Dê sua opinião.

Professora Arlete, como era o local onde vocês trabalhavam?

Arlete. O radioposto?

Elias Júnior. *Isso! Onde ele funcionava?*

Arlete Maria. Ah, era numa escola, uma escola de primeira a quarta, municipal. Não tinha aula à noite, aí utilizávamos uma sala de aula mesmo. A diretora era uma pessoa muito boa, aí toda noite ela recebia a gente lá na escola. Dona Estela. Uma senhora muito firme, sabe? Gostava das coisas certas. Ela fez uma grande diferença lá na comunidade. Brigava com o pessoal que não andava na linha [risos], orientava coisas de saúde, até pré-natal ela fazia, sabe? E aí funcionávamos nessa escola. No final de semana cada um ouvia da sua casa o Cultural... Programa Cultura... Cultural Minerva?

Joca. O Minerva Cultural?

Arlete Maria. Isso!! Esse aí!

Joca. Fiz alguns desses programas. Tinha mais músicas, informações de saúde, de cultura geral. Era o que eu mais gostava de fazer...

Elias Júnior. *Joca, desculpe interromper, mas temos um ouvinte na linha.*

Alô quem fala?

José Carlos Bulhões. Olá Elias Júnior, olá amigos da Rádio Guanabara, senhora Arlete, senhor Joaquim, muito bom dia a todos! Aqui quem fala é José Carlos Bulhões.

Elias Júnior. *Olá Deputado Bulhões. Tudo bem com o senhor? Está acompanhando nossa conversa? É bom tê-lo conosco novamente! Deputado*

Bulhões foi um dos debatedores do programa de ontem. É muito bom tê-lo conosco também hoje.

José Carlos Bulhões. Elias, sou seu ouvinte, sempre ligado. Acredito que as falas feitas até agora só reforçam a necessidade de mudança que estamos defendendo! Gostaria de pontuar algumas falas que pude ouvir aqui.

A professora fala sobre o desvio nas atividades do Minerva, um curso que era para séries finais de Primeiro Grau atendendo à alfabetização. Não duvido das boas intenções da professora e nem mesmo acho errado ela ter feito o que fez, auxiliando os alunos a aprender a ler e escrever. A professora dava sua aula, o ensino presencial, ali, junto deles! A educação via rádio nem aparecia neste cenário. Estas pessoas necessitavam de uma outra coisa, que não era o Projeto Minerva! Elas precisavam de um atendimento especializado em alfabetização! Fico imaginando como elas se sentiam perdidas dentro do projeto e quantas não desistiram por conta disso! Isso que estamos falando das boas ações... Mas quantos não se utilizavam do Projeto Minerva para fazer o que bem quisessem! A fiscalização não era efetiva! Cada um fazia o que queria!

Fica marcada nessa fala também o quanto a monitora ou o monitor dava o tom do funcionamento do radioposto. A Dona Arlete é uma senhora instruída, capacitada, que conseguia contornar todas essas adversidades. E, mesmo assim, muitos desistiam. Agora imaginem uma pessoa sem a devida capacitação. Gostaria até de perguntar depois sobre como eram esses momentos de capacitação que os monitores recebiam.

Arlete Maria. Recebemos uma capacitação antes de começar. Depois a Secretaria de Educação repassava as informações. Recebíamos também alguns materiais de estudo e programas específicos antes de recomeçar os períodos de estudo, dizendo como devíamos fazer.

José Carlos Bulhões. Gostaria de citar também essa produção de fascículos, algo extremamente caro! Dispendioso! E apenas este material não basta para educar pessoas. É necessário um acompanhamento direto de professores devidamente

capacitados para estas funções. Não podemos subverter esta ordem. Atualmente temos diversas instituições ofertando cursos superiores, não dá para pegarmos um leigo com um pouco mais de experiência, pagá-lo mal, e colocá-lo na posição de um professor.

Joca. Bom, senhor deputado, desculpe minha intervenção mas é preciso pontuar algumas coisas NA **SUA FALA!** Veja, o senhor argumenta contra a produção de material por esta ser dispendiosa mas fala dos baixos salários dos monitores, alegando que há profissionais disponíveis no mercado que são mais bem pagos. A função do Estado é prover educação a toda população seja qual for o custo, priorizando primeiramente o acesso e, juntamente, a qualidade, não é? Nem mesmo todas as escolas formais possuem professores com formação superior, quem dirá os lugares remotos que, às vezes, nem escolas têm. Me desculpe falar, mas seu discurso se parece mais com a história da carochinha.

José Carlos Bulhões. Senhor Joaquim, não entendo por que o decoro! Não estou dizendo que o gasto era indevido, mas, sim, que temos que priorizar ações mais efetivas. Não podemos, para alfabetizar uma pessoa, retirar o dinheiro de dez outras crianças. A verdade é que o estado e as instituições públicas têm sido verdadeiras mães para muitos.

Elias Júnior. Senhor José Carlos, mais algum ponto o senhor gostaria de destacar?

José Carlos Bulhões. Sim, gostaria ainda de evidenciar a falta de sinal e os problemas no aparelho de rádio. Veja: quantos problemas destacamos aqui? Para mim é mais que evidente que o tempo do Projeto Minerva já passou. Agradecemos sua contribuição mas precisamos ir adiante, precisamos de uma Nova Educação, para formarmos um Novo Brasil!

Elias Júnior. Entendo, senhor José Carlos, muito obrigado pela sua participação, acho que o senhor trouxe pontos importantes para a discussão. Faremos agora um brevíssimo intervalo e já voltamos para o último bloco do "A voz do povo" de hoje, que discute o Projeto Minerva. Não saia daí! São só alguns segundinhos!

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo "A VOZ DO POVO".

"ANÁLISE ECONÔMICA" de hoje traz para você "Atrasos de Desinformação marcam a reabertura dos bancos". Após anúncio do novo plano econômico os bancos viraram verdadeiros confessionários, com clientes desesperados buscando alternativas com seus gerentes. Um verdadeiro esquema de guerra teve que ser adotado pelos Bancos em todo o Brasil. Não perca essas e outras notícias. Hoje após "A Voz do Brasil", no "ANÁLISE ECONÔMICA".

Ajude a preservar o Pau-brasil e outras árvores em extinção: pegue o cupom onde você compra os produtos Santa Marina, envie e receba grátis sementes e um folheto ecológico. Você e a Santa Marina presenteando o Brasil.

"ESPAÇO CULTURAL": Dalton Trevisan ganhará peça de Teatro. O diretor teatral Ademar Guerra conseguiu autorização do escritor paranaense Dalton Trevisan para a montagem teatral de alguns de seus textos. Não perca o "ESPAÇO CULTURAL", este sábado, às 9 da manhã^{xxvi}.

"Olha que lindo! / Mas você não ia comprar o outro? / É, sim, mas... quando eu vi esse... olha o interior / Nossa! Que painel lindo! / Teto pré-moldado e o maior porta-malas do país! / É, aquele outro não é assim! / É, e esse aqui anda... tem o novo motor 1.6. Ah, quando eu dirigir! / Então deixa eu dar uma vultinha. / Não! Porque não tem seguro, meu amor. / Está querendo dizer que eu não sei dirigir? / Não, não é nada disso: é

porque já está escurecendo..." Dê uma voltinha no Prêmio CSL90. Você não vai querer comprar outro carro.

Economize! Vacine-se conta a inflação. A saúde do Brasil agradece!

Você está ouvindo "A VOZ DO POVO", um oferecimento do Banco Itaú. O Itaú está onde você precisa. Vitasay. Onde tem força, energia e saúde tem Vitasay. Spagheto. Spagheto é o novo extrato de tomate da Arisco. Brahma e seus revendedores. Brahma Chopp: a cerveja número um. E Sadia: nós acreditamos no esporte, hoje e sempre. Seguro empresarial Bamerindus, o seguro da livre iniciativa.

Bloco Cinco

VINHETA DE INTERVALO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

LOCUTOR: Você está ouvindo "A VOZ DO POVO".

Elias Júnior. Olá, amigo ouvinte, estamos de volta com o último bloco do "A VOZ DO POVO" desta manhã, discutindo o Projeto Minerva, um projeto gigantesco de educação pelo rádio iniciado na década de 1970 que está para ser extinto. Hoje contamos com a presença de Joaquim Leandro, redator do Projeto, e da Professora Arlete Maria, que foi monitora na cidade de Araras, interior de São Paulo. Pudemos contar hoje também com a participação via telefone do Deputado José Carlos Bulhões, que participou do debate de ontem.

Professora, com esses pontos que o deputado colocou, a senhora acredita que ainda valha a pena os gastos nesse projeto?

Arlete Maria. Elias, não tenho dúvidas quanto a isso! Acho que o deputado está olhando mais amplo... está focado no gasto do dinheiro, essas coisas... Mas Elias,

só quem estava lá, quem viu a modificação na vida dessas pessoas... nossa! É incrível, incrível, sabe? Não dá pra medir! E como o seu Joca falou, sabe? O governo tem mais é que investir nisso mesmo: educação! Essas pessoas não saíram da escola à toa. A grande maioria saiu para trabalhar, para construir esse brasilzão aí que ele tanto falou, nossa... sabe? Esse serviço não tem preço!

Joca. Olha, esse discursinho aí da falta de verba, da economia de dinheiro! Aff... Ouvimos isso desde quando? É dívida externa e tudo mais... e os políticos continuam enriquecendo! Obras públicas faraônicas continuam surgindo por todo lado que olhamos e continua o sucateamento das escolas, hospitais, transportes, de diversas instituições públicas que atendem diretamente a população!

Elias Júnior. Joca, parece que temos um ouvinte na linha. Alô quem fala?

Ouvinte 3. Oi, sou o Evandro Daniel, aqui do Rio mesmo.

Elias. Senhor Evandro, o senhor está acompanhando nossa discussão sobre o Projeto Minerva?

Evandro. Elias, estou sim, viu?! Não sei se entendi muito bem a posição do deputado, mas acho que temos que investir esse dinheiro nas escolas mesmo, preparar melhor as crianças. Veja, meus pais eram pobres, sempre tive que trabalhar para ajudar em casa, estudei à noite, sempre com muito sacrifício, muito sacrifício mesmo! E, mesmo assim, nunca desisti, me empenhei muito. Quantas madrugadas eu não passei estudando, finais de semana, para conseguir me formar, sabe? Eu acho que quem quer consegue, vai atrás, luta pelos seus sonhos. Não acho que a gente tem que ficar pagando impostos pro governo ficar indo atrás de quem não tem interesse, de quem não se esforça. Todos tiveram oportunidades, por que não aproveitaram? Quem quer corre atrás!

Elias Júnior. Você acha então que não é necessário termos programas de suplência, nem mesmo para as regiões mais distantes do país?

Evandro. Olha, para as outras regiões eu não vou dizer, porque eu não conheço, mas dentro da cidade, com este monte de escolas que existem aqui, o sujeito ir querer aprender matemática, física, pelo rádio? Não dá para entender! Isso acho que todo mundo concorda. Aprender com um professor é bem melhor que ficar ouvindo rádio, não? Essa é minha opinião...

Elias Júnior. Seu Evandro, muito obrigado pelas suas contribuições vamos discutir aqui estes pontos.

Evandro. Obrigado Elias.

Elias Júnior. Então, o que vocês acharam dos pontos levantados pelo Evandro? Professora?

Arlete Maria. Elias, também acho que as crianças são essenciais, elas que vão mudar nosso país. Mas acho que os adultos também têm direito de mudar suas vidas. Muitos se arrependem das escolhas que fazem, muitos não tiveram pai e mãe em cima para mandar ir para a escola, muito pelo contrário... sabe? Eu lembro de pais de amigas minhas que numa certa época tiravam as filhas da escola, que era para não estudar demais, senão não ia arrumar marido e tudo mais... eu tive sorte, que consegui fazer os dois... mas nem sempre é assim. Coitado desse pessoal, sabe? Não acho justo, acho que eles também têm que ter vez!

Elias Júnior. Joca?

Joca. Bom, Elias, me desculpe, mas este ser está equivocado! Esse discurso de que se eu consegui os outros também podem, isso é para inglês ver... Sabemos que as coisas não são bem assim! Se de milhões tiramos um ou

outro que conseguiu a conclusão dos estudos, algo deve estar errado, ou teria que acreditar que esses milhões todos simplesmente não se esforçaram o suficiente, não quiseram estudar, fizeram uma “escolha errada”?! Acho que esse discurso só contribui para dar uma falsa impressão de ascensão, de mobilidade social. Uma miragem, algo irreal, dar oportunidade mas não dar condições não resolve o problema social brasileiro.

Elias Júnior. Amigos ouvintes, vamos chegando ao final de mais um “A VOZ DO POVO”, que discutiu hoje o Projeto Minerva, um projeto gigantesco que visava propiciar educação básica à grande parte da população brasileira que estava fora da escola. Nesses dois dias ouvimos diversas opiniões sobre o Projeto: a produtora Maria Amélia, o deputado José Carlos Bulhões, a professora monitora Arlete Maria e o redator Joaquim Leandro e, é claro, a participação mais que especial de vocês, nossos ouvintes! Nesses dois dias pudemos ouvir opiniões bastante divergentes sobre o projeto, destacando seu aspecto social, sua função de educação em massa, em contraste com seu alto custo e sua origem na Ditadura militar. Neste último programa marcaram também a discussão as questões sobre o papel do Estado na educação de jovens e adultos, e novamente houve mais opiniões divergentes. Seria papel do Estado oferecer “Ensino Supletivo” mesmo para aqueles que já tiveram sua oportunidade anteriormente, em idade adequada? Seria melhor que investíssemos diretamente nas escolas de Educação Básica? Já temos hoje escolas suficientes em todas as localidades para atender a população brasileira, que hoje é de mais de 143 milhões de pessoas? A luta pela liberdade tem que enterrar tudo o que foi feito pelo regime opressivo da Ditadura militar?

Formar professores é prioridade em detrimento de oferecer educação continuada?

Agora é com você Leitor! O que você pensa sobre o Projeto Minerva?

Esse foi mais um “A VOZ DO POVO”. Nosso muito obrigado ao professor Antônio Vicente Marafioti Garnica, orientador desse trabalho, aos personagens “reais” que inspiraram esta construção: Marlene Blois, Edvaldo Dias, Paulo Motejunas, Cleuza e Maurílio Costa, aos funcionários da Rádio MEC e da SOARMEC, aos membros da banca de qualificação deste trabalho que trouxeram enormes contribuições a esta produção e, é claro, a você, nosso ouvinte/leitor, que nos acompanharam até aqui. “A VOZ DO POVO” vai ficando por aqui e até a próxima! Tchau! [fade out]

VINHETA DE ENCERRAMENTO:

[Sons de violão, zabumba e triângulo em ritmo de baião];

CORO DE VOZES: A voz do povo / o povo quer saber! A voz do povo / o povo quer saber!

VOZ MASCULINA: Quer saber de política, dinheiro / Educação, saúde e emprego! Quer saber de política, dinheiro / Educação, saúde e emprego!

LOCUTOR: A Rádio Guanabara AM apresentou “A VOZ DO POVO”, o espaço de todo brasileiro.

Considerações sobre o debate



Figura 02 – Fotografias Compósitas: Políticos, produtoras, professoras e redatores⁷.

O texto aqui apresentado, intitulado “Um debate Radiofônico sobre o Projeto Minerva” surge como que uma “Fotografia Compósita” (C.f. Apêndice A deste texto), várias fotos sobrepostas que geram uma nova imagem, um novo rosto. Do mesmo modo, vários discursos/textos se sobrepuseram na criação de José Carlos Bulhões, Maria Amélia, Elias Júnior, e os demais personagens do debate aqui apresentado, um debate existente apenas aqui,

⁷ Essas imagens foram criadas pelo pesquisador com o auxílio de um software de edição de imagens. O aspecto “fantasmagórico” causado pelas imagens se deve, dentre outras coisas, à seleção das imagens que, ao contrário do que fazia Galton (ver apêndice A) que as selecionava partir de critérios estéticos, a fizemos exclusivamente pelas profissões específicas. A primeira imagem (da esquerda para a direita e de cima para baixo) é a sobreposição de imagens de 3 “políticos”, a segunda de “produtoras”, a terceira de “professoras” e a quarta de “redatores”.

neste texto, e agora, em seus pensamentos e nos discursos que se farão sobre ele. Cada um dos personagens apresentados é resultado das diversas interações ocorridas ao longo do desenvolvimento da tese, numa multiplicidade de relações impossíveis de se delimitar. Parte das falas de Marlene Blois produziram, quase que diretamente, algumas falas de Maria Amélia, mas também produziram falas para o Debutado Bulhões, para um dos ouvintes etc, assim como as falas de Maria Amélia também são diretamente influenciadas por diversos documentos encontrados no acervo e no site da SOARMEC⁸, somente para citar algumas relações mais diretas.

Como as fotografias compósitas são fotos “de todos” e ao mesmo tempo “de ninguém”, também são compósitos nossos personagens, pois contemplam uma diversidade de discursos “remodelados”, trazidos para um contexto, até então, inexistente: o debate radiofônico ocorrido nesta determinada data, com estes determinados participantes. Este aspecto nos possibilitou colocar “frente a frente” algumas falas ocorridas em contextos demasiados distantes, seja pelo espaço físico que os distanciavam, seja pelo espaço temporal. O produtor do Rio de Janeiro pode, mesmo que ficcionalmente, ouvir as queixas e apontamentos do Monitor de Mato Grosso do Sul, assim como as do político paulista que reclamava sobre os baixos índices de aprovação em seu estado.

Esta criação nos possibilitou colocar em confronto *alguns* dos Projetos Minerva constituídos por nós ao longo desta pesquisa. Adotar uma postura ou outra para em seguida defender uma diferente, com personagens “fictícios”, foi o modo que encontramos para não adotarmos *apenas* UMA dentre tantas possibilidades levantadas nestes mais de três anos de trabalho. Um projeto tão amplo e duradouro como o Minerva possui inúmeras facetas, tão diferentes e diversas que se torna praticamente impossível encontrar algo que “essencial” a estes *Projetos Minerva* que pudesse ser mobilizado na construção de UM Projeto Minerva, abarcando todos os demais. Abandonamos esta busca de generalização assumindo o fragmentário, a multiplicidade, fornecendo ao nosso leitor não um texto, mas uma multiplicidade de textos soltos, colocados à disposição que se queira, propiciando que o leitor crie os mais diversos caminhos na sua leitura desse trabalho que, se por um lado se constitui num todo, numa unidade (a tese); por outro pretende evitar o dogmatismo de estabelecer “o que é/foi o Projeto Minerva”, mas certos que, cada leitor, o constituirá, segundo suas

⁸ Sociedade de Amigos e Ouvintes da Rádio MEC.

vivências, repertórios e, porque não, segundo a sequência que adotar na leitura destes textos soltos.

O texto aqui apresentado é uma narrativa ficcional inspirada nas minhas vivências durante o processo de desenvolvimento da tese e nos relatos feitos por nossos colaboradores ao longo do doutorado. Essa opção radica na crença de que este estilo de elaboração textual pode atender a algumas de nossas concepções sobre pesquisa, realidade, ficção e história, além de atender a sugestão dos membros da banca do exame de qualificação deste trabalho, pautadas na possibilidade de criar novos contextos que problematizassem os relatos *coletados*.

Ficcionalizamos, aqui, personagens, relatos, acontecimentos, numa criação que muito se aproxima daquilo que, acreditamos, lemos nas falas e demais registros criados/encontrados no transcorrer da pesquisa. Decidimos citar, em notas de fim, apenas o que julgamos extremamente necessário no que diz respeito ao entendimento do texto e explicitar algumas referências cuja necessidade é imposta pelos trâmites acadêmicos.

Foi nossa intenção criar este texto como quem cria uma “fotografia compósita”, utilizando elementos distintos, num arranjado que não é mais nem um e nem outro, uma fotografia de ninguém e ao mesmo tempo de muitos, (in)devidamente tratada e manipulada por aquele que se dispõe a compô-las.

Referências

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. "Madureza" (verbetes). Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=293>>. Último acesso em 05/08/2013.

PEROSA, L. M. F. de L. **A hora do clique: análise do programa de rádio "Voz do Brasil" da Velha à Nova República**. São Paulo: Annablume: ECA-USP, 1995.

ⁱ As fitas k-7 são dispositivos plásticos com duas bobinas de fitas magnéticas utilizadas para armazenamento de áudio. Possibilitavam a gravação nos dois sentidos da bobina, propiciando até 90 minutos de gravação.

ⁱⁱ Aparelho que possibilitava a entrada de duas fitas k-7, podendo tanto reproduzi-las quanto copiá-las.

ⁱⁱⁱ Jingle do Guaraná Antártica, veiculado no ano de 1990.

^{iv} Pauta do Programa Fantástico da Rede Globo de 08 de Julho de 1990. Neste programa foi abordado também a Perestroika e as críticas ao governo Mikhail Gorbachev na hoje extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS); a redução de Bases militares americanas na Grécia; e a disputa entre, o então presidente da Argentina, Carlos Menen e sua ex-esposa. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=YaiaCbKIYhw>>.

^v “A Voz do Brasil”, programa de rádio veiculado desde 1935 até os dias atuais. Inicialmente chamava-se “Hora do Brasil”, passando à nomenclatura atual em 1946 como parte das mudanças realizadas sob a presidência de Eurico Gaspar Dutra. Tem sido, desde sua origem, um dos principais veículos de informações oficiais. Atualmente, produzido pela EBC (Empresa Brasileira de Comunicação), é dividido entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário (PEROSA, 1995).

^{vi} Inspirado na Manchete do Jornal do Brasil de 17 de Março de 1990, “Reforma de Collor faz terremoto na economia”.

^{vii} Propagandas comerciais veiculadas nos intervalos da programação da Rede Globo de Televisão, em 1990, durante o jogo que eliminou a equipe brasileira da Copa do Mundo. Vídeo disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=pcE0hwdjsu4>>.

^{viii} Propagandas comerciais veiculadas nos intervalos do Programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, no ano de 1990. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=YaiaCbKIYhw>>.

^{ix} Exame de Madureza. Nome dado ao exame final dos cursos homônimos voltados para jovens e adultos, estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961 (MENEZES, 2002).

^x Propaganda do vídeo “Comerciais dos anos 90”, disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=NGaMs3tZ1ZQ>>.

^{xi} Textualização do vídeo veiculado nos intervalos comerciais da Rede Globo de Televisão no ano de 1990. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=6cm2Cc1-wf8>>.

^{xii} Texto inspirado na propaganda da Sadia veiculada no intervalo comercial da Rede Globo de Televisão, no ano de 1990. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=Gk5QiZtl1_g>.

^{xiii} Propaganda veiculada nos intervalos comerciais da Rede Manchete de Televisão, no ano de 1990. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=jgz5xstNKEk>>.

^{xiv} Propaganda comercial textualizada do vídeo “Intervalo Comercial - Rede Globo – 1990”. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=7I8m-Hez7Hs>>.

^{xv} Portaria Interministerial MEC/MINICOM nº 568, de 21 de outubro de 1980.

^{xvi} Lei nº 8.029, de 12 de Abril de 1990.

^{xvii} A propaganda original, que terminava com a frase “Você e a Santa Marina presenteando o Brasil neste Natal”, foi veiculada em intervalos comerciais da Rede Manchete de Televisão, no final do ano de 1990. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=jgz5xstNKEk>>.

^{xviii} Propaganda comercial textualizada do vídeo “Intervalo Comercial - Rede Globo – 1990”. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=7I8m-Hez7Hs>>.

^{xix} Adaptado da propaganda do intervalo comercial da Rede Manchete de Televisão, do ano de 1990. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=jgz5xstNKEk>>.

^{xx} Referência ao programa *Salto para o Futuro* que, a partir de 1992, seria produzido pela Fundação Roquette-Pinto.

^{xxi} Dados extraídos de Costa (2004).

^{xxii} A propaganda original fazia referência ao natal de 1990. Propaganda veiculada no intervalo comercial da Rede Manchete de Televisão, no ano de 1990. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=jgz5xstNKEk>>.

^{xxiii} Notícias inspiradas nas manchetes do jornal Folha de São Paulo de 20 de Março de 1990. Disponível on-line em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1990/03/20/2/>>.

^{xxiv} Vídeo do intervalo comercial da Rede Globo de Televisão, do ano de 1990. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=6cm2Cc1-wf8>>.

^{xxv} Inspirado em matéria jornalística publicada no Caderno de Economia (B-7) da Folha de São Paulo de 20 de março de 1990. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1990/03/20/340/>>

^{xxvi} Inspirado em matéria jornalística publicada na Folha de São Paulo, Caderno Ilustrada (E-3) de em 21 de março de 1990. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1990/03/21/21/>>

Apêndice A: Fotografias Compósitas⁹

Por Thiago Pedro Pinto

A edição de fotos é fato corriqueiro nos dias atuais entre profissionais da fotografia e entre jovens que facilmente manipulam os softwares de edição de imagens. É necessário alertar que, mesmo sem esse tipo de edição, a fotografia em todo seu processo é algo autoral, inclui a subjetividade daquele que fotografa mesclada à tecnologia escolhida/disponível. São inúmeras as variáveis envolvidas no processo que influem diretamente naquilo que é visto após todo o processo: o tipo de filme ou qualidade do sensor, a velocidade do disparo, a abertura do obturador, o plano de focagem etc. Estes elementos podem produzir uma infinidade de combinações que influenciam diretamente a produção da imagem. A fotografia é, em sua natureza, edição.

Essa ressalva é importante para, já de início, nos permitir escapar da discussão sobre as edições de imagem, por exemplo, via computador, e as questões éticas e estéticas usualmente vinculadas a estas edições “bruscas” da computação gráfica.

Pretendemos tratar aqui de um modo de edição bastante caro à Filosofia e, por que não dizer, a todo o Século XX: a Fotografia Compósita.

A foto abaixo retrata *um* alguém que nunca existiu. Trata-se de uma “Fotografia Compósita”, uma composição de várias imagens, no caso, de quatro diferentes fotos: a do filósofo Ludwig Wittgenstein (1889-1951) e suas três irmãs. A composição teria sido feita com a ajuda do seu amigo e fotógrafo Moritz Nähr (1859-1945), em meados da década de 1920.

⁹ Este texto foi inspirado da fala do Prof. Dr. Antônio Miguel na mesa redonda “O GHOEM e suas pesquisas: outros olhares”, no evento “GHOEM 10 anos: produções e perspectivas”, 2012.



Figura 01 – Fotografia Compósita: a Família Wittgenstein¹⁰

Esta foto pode ter inspirado o filósofo a desenvolver um dos conceitos-chave de sua filosofia: o de “semelhança de família”.

No entanto, a ideia de Wittgenstein não foi inovadora. Acredita-se que ele tenha se inspirado nos trabalhos de Francis Galton (1822-1911), que desenvolveu uma série de estudos a partir da composição de imagens, mais especificamente de retratos, chamados por ele de “*Composite Portraits*”.

Galton, que era próximo de Charles Darwin e também antropólogo e explorador, buscava, na composição de imagens, elementos físicos característicos de determinados grupos de pessoas. Galton teria, assim, produzido imagens “típicas” de determinados grupos, como o “Sifilítico típico”, o “Assassino típico”, dentre tantos outros. Buscava-se, então, nas fotos, as características “típicas” de cada grupo, a possibilidade de evidenciar estes “traços comuns”. Na fotografia a baixo podemos ver algumas “*Composite Portraits*” de estelionatários:

¹⁰ Disponível em <<http://www.cam.ac.uk/research/news/wittgenstein%E2%80%99s-camera>>.

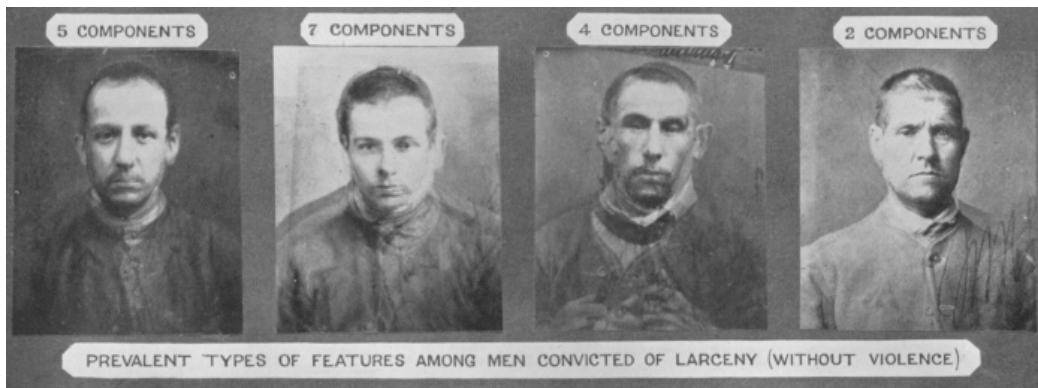


Figura 02 – Retratos compósitos¹¹

Nas palavras de Galton,

Eles representam não o criminoso, mas o homem que está sujeito a cometer um crime. As imagens compósitas são melhores que cada imagem que a compõem, posto que o retrato combinado de muitas pessoas não tem as irregularidades que, como defeitos, cada um dos retratos têm. (GALTON, 1879, p. 135, tradução nossa)

Da mesma forma que fez com os criminosos, Galton fez também com cientistas, e com grupos culturais e comunidades específicas, como podemos ver a seguir, na “imagem típica” de um grupo de mulheres alemãs:

¹¹Galton, F. Disponível em <<http://galton.org/composite.htm>>.



Figura 03 - Composite Portraits of American Scientific Men¹²



Figura 04 – German Group¹³

¹²Galton, F. Disponível em <<http://www.dnalc.org/view/12120--Composite-Portraits-of-Scientific-Men-by-Francis-Galton-Science-5-8-1885-.html>>.

Galton é considerado o pai da “eugenia”, termo que ele próprio criou para significar o estudo dos fatores que podem alterar – melhorando ou empobrecendo – as qualidades raciais de gerações futuras. Acreditava na transmissão e aprimoramento genético dos grupos, seja por seleção natural, como sugeria Darwin, seja por ação intencional do homem. Defendia, inclusive, a inteligência como um dos fatores transmitidos geneticamente:

as forças cegas da seleção natural, como agente propulsor do progresso, devem ser substituídas por uma seleção consciente e os homens devem usar todos os conhecimentos adquiridos pelo estudo e o processo da evolução nos tempos passados, a fim de promover o progresso físico e moral no futuro. (GALTON *apud* GOLDIM, 1998)

Estas ideias contribuíram para o estudo da genética, mas também para campanhas ideológicas de segregação racial.

No entanto, para Wittgenstein, a discussão era outra. O filósofo austríaco estava preocupado principalmente com o entendimento da linguagem, com seu funcionamento nos usos ordinários.

Logo abaixo vemos as quatro fotografias usadas na elaboração da imagem compósita da Família Wittgenstein:

¹³Galton, F. Disponível em <<http://www.dnalc.org/view/11010--German-group-composite-portrait-in-the-style-of-Francis-Galton.html>>.



Figura 05 - Retratos da família Wittgenstein utilizados da fotografia compósita apresentada no início do texto¹⁴.

Ao olharmos as quatro fotos, poderíamos identificar um traço em comum que pudéssemos chamar talvez de “a essência dos Wittgenstein”? Algo que caracterizasse a todos esses parentes fotografados e, possivelmente, também os demais membros da família? Se enumerarmos as fotos da esquerda para a direita e de cima para baixo, podemos citar aqui alguns traços semelhantes: 1, 3 e 4 possuem o contorno dos olhos bastante arredondados, apesar de 4 já ter o canto das pálpebras superiores mais caídas nos cantos, se aproximando de 2; Se olhássemos para os cantos da boca, novamente teríamos uma aproximação entre 4 e 2, mas se observássemos a ponta no nariz (um pouco mais fina e baixa) veríamos a semelhança entre 3 e 4, e entre 1 e 2. Certamente, se ampliássemos o espectro de familiares muitas outras relações específicas surgiriam, no entanto, muito mais dificuldade teríamos em determinar um “traço comum dos Wittgenstein”. O mesmo exercício poderia ser feito se buscássemos a essência de, por exemplo, os jogos: que traço característico comum, ou unidade, poderíamos perceber em todos os jogos? Há um traço que perpassa os jogos de cartas, tabuleiros, solitários, quebra-cabeças, individuais, em grupos, jogos de bola e tantos outros existentes? Para nós, concordando com Wittgenstein, a resposta é não! (Cf. I.F. p. 28 e p. 30) No entanto, poderíamos, sim, traçar muitas semelhanças entre uns e outros e entre estes outros e *outros*

¹⁴Nähr, M. Disponível em <http://www.salon.com/2011/07/08/wittgenstein_photographs/slide_show/2>.

outros: diferentes semelhanças, como as semelhanças de família. O filósofo austríaco utiliza esta noção para dizer das semelhanças dos jogos de linguagem. Estes possuem semelhanças entre si como as que há entre membros de uma mesma de família.

No conjunto de textos desta tese optamos por construir uma cena fictícia, um debate nunca ocorrido entre personagens que são invenções. Tentamos criar o texto a partir da ideia de uma foto compósita, como as fotos dos que participaram do debate, que nós próprios criamos. Estes personagens, por mais que nunca tenham existido para além das fotos editadas e dos pensamentos e lembranças que agora temos das narrativas que atribuímos a eles, no calor do debate radiofônico, são um amalgamado de pessoas e ideias. Constituímos personagens que guardam entre si diversas semelhanças com as pessoas efetivamente encontradas no transcorrer desta pesquisa. Muitos foram, neste processo, os discursos encontrados sobre o Projeto Minerva: entrevistas realizadas por nós, entrevistas realizadas por outros, jornais, relatórios oficiais, livros, fascículos, *scripts*, material bruto, texto bruto etc. Todos esses elementos nos serviram de subsídio para a construção de nossos personagens e diálogos. Um determinado personagem de nossa cena traz o que foi falado por uma ou outra fonte e, às vezes, explicitamente, por nenhuma delas: fala o que nos ficou do discurso entre uns e outros. Compor, neste sentido aqui adotado, é diferente de “alinhar” uma colcha de retalhos, em que, ao final, todos os pedaços se encaixam, havendo uma linha que une os trapos. Na fotografia compósita, não! Pedaços somem, detalhes são encobertos por outras marcas, traços suaves repetidos em mais de uma imagem se tornam fortes e o resultado final não compõe “um todo”, ou algo que tenha a “pretensão” de uma totalidade, mas que é, assumidamente, uma construção artificial que tenta produzir um “retrato”, que combina uma série de fotos/falas, convenientemente selecionadas pelo pesquisador/compositor. E aqui valeria, talvez, reiterar o alerta inicial: “toda fotografia é edição”. Em nosso caso, todo depoimento, documento, relato, é produzido sob certas intencionalidades e sob determinadas circunstâncias, determinados interlocutores. Esses parâmetros, todos, determinam a imagem produzida, que será, ela própria, desconstruída e reinventada quando lida.

Referências

GALTON, F. **Composite Portraits**. In *Journal of the Anthropological Institute*. v. 8. 132-144. 1879. Disponível em <<http://galton.org/essays/1870-1879/galton-1879-jaigi-composite-portraits.pdf>>

GOLDIM, J. R. **Eugenia**. Disponível em <<http://www.bioetica.ufrgs.br/eugenia.htm> >

MIGUEL, A. **O GHOEM e suas pesquisas: outros olhares**. Mesa Redonda no evento “GHOEM 10 anos: produções e perspectivas”. 2012.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Nova Cultural: São Paulo, 1999.